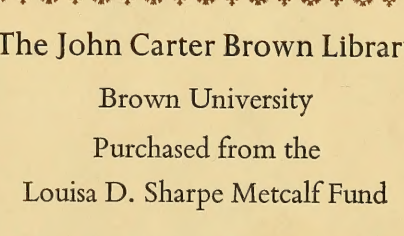




John Carter Brown  
Library  
Brown University



The John Carter Brown Library  
Brown University  
Purchased from the  
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

10225-



HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO,  
PARTE PRIMEIRA  
TOMO I

Richardson, George

1840-1841

1842-1843

1844-1845

1846-1847

1848-1849

Richardson, George

1840

Richardson, George

1840-1841

1842-1843

1844-1845

1846-1847

1848-1849



HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO,  
PARTE PRIMEIRA,  
TOMO I.

*Antonio - José de Pinho Junior.*  
xii. 906.



O Cerco de Monção

de 58-59

consoante a versão  
do Port. Rest.

Crôlogos 4, 6, 7

HISTORIA  
DE  
PORTUGAL  
RESTARADO  
PARTE PRIMEIRA  
TOMO I



# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO,

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS  
acções assim politicas, como militares, que obráão os Portu-  
guezes na restauração de Portugal, desde o primeiro de De-  
zembro de 1640, até ao principio do anno de 1643.

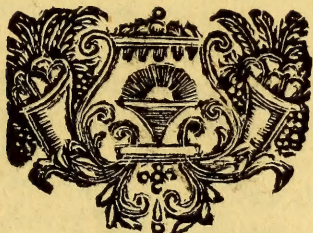
ESCRITA POR  
D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO  
de Sua Magestade, seu Vedor da Fazenda, e Go-  
vernador das Armas da Provincia de Traz  
os Montes, &c.

PARTE PRIMEIRA,

*Terceira vez impressa, e emendada.*

TOMO I.



LISBOA:

Nã Offic. de DOMINGOS RODRIGUES.

Anno de M.DCC.LI.

---

*Com todas as licenças necessarias.*



# HISTORIA DE PORTUGAL REESTABELECIDA

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIAS  
E VICTORIAS POLITICAS, COMO MILITARES, MARITIMAS, E  
GUERRAS NATURAIS DE PORTUGAL, DESDE O PRINCIPIO DE 1415  
ATE AO PRINCIPIO DO ANNO DE 1642.

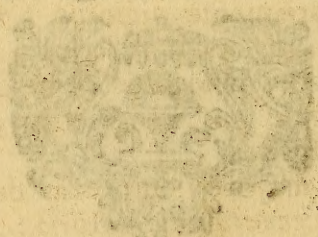
ESCRITA POR  
D. LUIZ DE MENESSES

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSILHO DE ESTADO  
DE S. M. I. e R. e V. e do Conselho da Fazenda, e do  
Conselho das Armas da Provincia de Trazos  
os Honrosos, &c.

PARTI PRIMEIRA

Tratado da origem, e fundação

TOMO I



LISBOA:

Na Off. de DOMINGOS RODRIGUES  
ANNO DE MDCLII.

Com todas as licenças necessarias.





## PROLOGO.

**E**STA cerimonia, Leitor, de escrever Prologo, mais por escusar a censura de que salto á ley de dar principio com elle a huma historia tão grave, que por me parecer a ley precisa, me resolvo a observála: por. que discursado o fim com que se estabelecco, avalio por inutil este trabalho, entendendo que na escolha da historia, e no acerto de escreve-la consiste toda a fortuna dos Authores. Porque nem a amizade dos Leitores póde encobrir os defeitos do Escriitor, nem escurecer-lhe os acertos o odio; e entre estes dous extremos ( ordinariamente viciosos ) se levanta o Tribunal da justiça dos desinteressados, por independentes, ou por não conhecidos, que costumão dar o louvor por premio aos benemeritos, e a censura por castigo aos culpados.

Huma das mayores emprezas do mundo he a resolução de escrever huma historia: porque além de innumeravel multidão de inconvenientes, que he necessario que se venção, e de hum trabalho excessivo, que he preciso, que se supere: no mesmo tempo, em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se vencido formar o intento, vencer a li-



a lição; affentar o estylo; colher as noticias, lançar os borradores, tirá-los em limpo, conferí-los, e apurá-los, quando quem escreve se anima na empreza do livro que escreveo ao pomposo titulo de Author, então começa a ser reo, e réo julgado com tão excessiva tyrannia, que tendo lingua para fallar de tantas pelloas, como são as que comprehende qualquer volume, a não póde ter para deixar de ser condemnado sem ser ouvido. Julgo por muito errada a opiniaõ commua, que affenta, que a historia he paralelo da pintura: porque he tanto mais privilegiado o Pintor, que o Escriitor, que teve lugar Apelles, pondo em publico huma figura que havia pintado, de lhe emendar a roupa, que hum artifice dellas lhe condemnou por imperfeita, e de castigar a ousadia de outro, que, não sendo Pintor, se atreveo a arguir, lhe o perfil da figura. Não he concedida aos Escriitores tanta liberdade: porque no mesmo ponto que os finetes do prelo acabáraõ de sellar a historia que escreveraõ, logo perderaõ toda a acção de emendá-la, e na difficuldade de satisfazer a hum mundo de juizos diversos, fica provado o defengano, de que não póde haver historia bem avaliada de todos. O Sol porque costuma tão repetidamente offerecer-se do berço do Oriente ao tumulto do Occato aos olhos do universo, se expõem á censura dos que sem penetrar a magestade do seu resplendor, e a utilidade dos seus rayos, sujeitando a razãõ ao appetite, huns o condemnãõ de claro quando a calma os aperta, outros de escuro quando o frio os afflige, sem reparar que os latidos do caõ Celeste, que amedrentaõ na Cunicula os vapores, de que as nuvens no Inverno se formaõ, são, e não o Sol, culpados no rigor da calma, como as nuvens na aspereza do frio.

Que importa, que a verdade da historia, e pureza



reza do estylo a formem como o Sol perfeita , se os Leitores pertendem avaliá-la como *querem* , e não como *merece*.

A estas , e outras muitas difficuldades se sujeita quem se resolve a escrever humna historia que pela opiniaõ commãa dos historiadores costuma ser de seculos passados , em que mais desafogados os animos entraõ a descobrir a verdade dos successos. Porém quaes serãõ os inconvenientes , quaes os perigos quasi invenciveis , a que se arroja quem tomou a temeraria resoluçaõ de imprimir em sua vida a historia do seu tempo. Em verdade que até imaginado faz horror este intento : porque oppostas , e incompativeis as obrigaçoens forçosas aos riscos manifestos , não parece possivel , apurados , destilarem hum composto perfeito ; pois faltar á verdade , fica sendo infamia do Author , descobrilla nas acçoens desacertadas , cahe em descredito dos comprehendidos. Encarecer os benemeritos , será inveja dos indignos : louvar os viciosos , opprobrio dos benemeritos : contar todos os successos , he empenho invencivel : callar alguns , póde ser queixa dos interessados. Nos casos grandes , e ainda nos inferiores ajustarem-se todos em que são verdadeiramente contados , difficulosamente se poderá conseguir : porque eu experimentey , achando-me em quatro batalhas , e em outros encontros , com muitos mil homens , não se descobrirem dous que concordassem no mesmo facto ; e tenho alcançado que a razão desta variedade vem a ser , que como hum só homem não he possivel assistir a todos os successos de hum conflicto , entendendo erradamente que cahe no descredito de não ter parte em tantas acçoens diversas , todas as que não póde alcançar com a vista desacredita por fabulosas. Se pois me não toy possivel contar sem contradiçaõ em varias

con-



denaraõ a hum Author Francez , que imprimindo hum livro , em que affirmava , que Francisco I. Rey de França não fora prezo na batalha de Pavia. E perguntandolhe a razãõ , porque calumniava a sua verdade , lançando ao mundo aquella mentira , respondeo , que nos seculos futuros quem leße a sua historia , e a dos Castelhanos , daria credito á opiniaõ a que se affeçoasse. Estes foraõ os motivos que me persuadirãõ a taõ difficuloso empenho , animandome juntamente a tomallo por minha conta as muitas circunstancias , que me habilitaraõ : porque além de herdar de antigos , e valerosos Avõs ser a verdade alma da vida , como he da historia , tive a fortuna de me criar no Paço com o soberano , e esclarecido Principe D. Theodosio , assistindolhe continuamente de idade de sete até quinze annos , e igualmente aprendendo com elle a primeira gramatica , e a liçaõ das historias. Neste tempo fiz memoria das primeiras politicas com que ElRey D. Joãõ deo principio ao governo deste Reyno.

De quinze annos comecey a servir na guerra , em que passey por todos os Postos taõ vagarosamente como qualquer soldado da fortuna , e cheguey ao mayor emprego de Governador das Armas. Achei-me em todas as occasioens grandes da Provincia de Alentejo do anno de 1650. até a batalha de Montes Claros , e fuy voto em todos os negocios de mayor consideraçãõ. A guerra das Provincias aonde não assisti , e a das Conquistas conferi com os Cabos , e Officiaes que se acharãõ em todas as emprezas , depois de examinar os papeis mais intimos em que a curiosidade de varias pessoas se havia exercitado.

As negoceaçoens fóra do Reyno , que tocareãõ a differentes sujeitos , escrevo por informaçãõ de cada hum delles , e pelos livros em que os Embaxadores



dores lançarão as Embaixadas. Os mais negocios pelos documentos das Secretarias de Estado, e Guerra, buscando em todos, além destas noticias, a legurança de testemunhas desinteressadas, que tiverão sem dependencia parte em todos os successos politicos, e militares.

Dez annos de trabalho me levou este primeiro volume: no discurso deste tempo não houve pessoa douta ou intelligente que se animasse a examinallo, a quem o não entregasse, sujeitando-me a qualquer censura que se me apontava, e emendando o que se me advertia, ainda que fosse contra o proprio entendimento, entendendo, que como esta Historia não ha de ser só satisfação do meu juizo, se não dos alheios, fico melhor livrado em ter por defensores os que a emendarem. He documento, que felicemente devo ao sobre todos prudentissimo discurso do Principe nosso senhor. Antes que começasse a escrevella passey por espaço de dous annos as historias mais selectas antigas, e modernas, conhecendo, que era necessario assentar o estylo: porque não tendo seguido mais escolas, que as militares, que não costumão deixar á lição dos livros muitas horas de exercicio, haviaõ levado a inclinação a equívocos, e termos poeticos, frase de que os primeiros annos mais continuamente se alimentaraõ, e de que me fez apartar o mais que me foy possivel a doutrina dos mestres da historia, e a dos preceitos historicos de Mascarde Italiano, e do Padre Mene Francez, que nesta idade com grande elegancia se empregaraõ neste assumpto. Nos ultimos dous annos padeci mayor trabalho: porque tocandome nelles a occupação de Vedor da Fazenda da Repartição da India, que costuma deixar poucas horas livres, as que me ficavaõ de descanso, empregava neste exercicio, conhecendo, que passar



dia sem lançar linha, he perder do tempo a melhor joya, qué atégora não tem havido milagre que fosse poderoso para restauralla.

Huma das mayores satisfaçoens que tenho alcançado neste meu emprego, he imprimirse quasi juntamente com este livro os que com tanto louvor proprio, e com tanta honra da Nação Portugueza escreveo o moderno Livio Manoel de Faria, e Sousa; e como em todos chegaõ os successos, que refere nas quatro partes do mundo, da fundação de Portugal até o anno de 1640 fica com a minha historia enfiada a de Portugal até a paz celebrada entre esta Coroa, e a de Castella, que he o assumpto que comprehendem estes dous volumes.

Agora, leytor, ou pio, ou malevolo, ou desinteressado, he necessario affiar o discurso, e eu seguro que muito menos ha de custar aos leitores arguir, do que a mim me tem custado o escrever. E se alguma satisfacção se entender que mereço pelo meu trabalho, não quero mayor recompensa que o conhecimento, de que atégora não sahio ao mundo historia mais verdadeira: pois sem affeição, odio, esperanza, ou temor, não perdoey a requisito algum necessario para a historia, que me ficasse por escrever, parecendome só escuzado relatar defeitos particulares, tendo por opiniaõ, que os que se arrojarão a descobrillos merecem mais o titulo de satyricos que de historiadores, exceptuando aquelles que referirão vicios de que depende a narraçãõ da sua historia, como he necessario que me aconteça, quando chegar a referir os successos da vida delRey D. Affonso VI.

Não podia Tito Livio eximirse de contar os excessos de Tarquino, originando-se da sua laciwia a mudança de Reys á Republica no Imperio Romano: mas pudéra Quinto Curcio encobrir os vicios de Alexandre

xandre Magno, que não lhe embaraçará as victorias da Asia. Preciso foy a João de Mariana relatar a cegueira de Henrique VIII. de Inglaterra na indigna afeição de Anna Bolena, sendo este de fatino a primeira causa de passar de defensor da Igreja Catholica á cabeça da perfidia heretica: mas pudera Henrique Caterino de Avila dissimular os divertimentos de Henrique III. de França, que não pertencerao ao governo da sua Monarchia, Faminiano Estrada os desconcertos de Chapim Vitelio, e o Cardeal Bentivoglio nas suas memorias historicas os vicios de alguns Cardeaes do Sacro Collegio, e outros muitos que usarao desta indigna liberdade. Descobrirem-se os defeitos que não prejudicárao a interesses publicos, muitas vezes servem os Leitores mais de estimulo, que de emenda, usando dos exemplares para desculpa dos vicios que pertendem seguir, e he Deos verdadeira testemunha de que o meu principal intento, he atalhar todos os que podem offender a sua Divina Magestade, e ser prejudiciaes á gloria desta Monarchia.



THE HISTORY OF THE  
CITY OF LONDON  
FROM THE FOUNDATION  
TO THE PRESENT  
BY JOHN STOW  
1618





## L I C E N Ç A S. DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de reimprimir-se a Obra de que se tra'a , e depois voltará conferida para se dar licença , que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 6. de Fevereiro de 1750.

*Fr. R. de Alencastre Abreu. Amaral. Almeida.  
Trigofo.*

## DO ORDINARIO.

**P**O'dem-se reimprimir os Livros de que trata a Petição , e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 6 de Fevereiro de 1750.

*D. Joseph Arcebispo de Laced.*

## DO PACO.

**Q**ue se possaõ reimprimir , vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impressos tornará á Mesa para se conferir , taxar , e dar licença , para que corra , e tem isso não correrá. Lisboa 7 de Fevereiro de 1750.

*Marquez P. Attaide. Castro. Almeida.*

DO



## DO SANTO OFFICIO.

**P** O'de correr. Lisboa 8. de Junho de 1751.

*Sylva. Abreu. Almeida.*

## DO ORDINARIO.

**P** O'de correr. Lisboa 11. de Junho de 1751.

*D. J. A. L.*

## DO P.ACO.

**T** Axaõ para correr , em seiscentos reis cada hum  
Lisboa 12 de Junho de 1751.

*Marquez P. Almeida. Castro. Doutor Quintella*





# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO I.

## SUMMARIO.



*INTRODUCC,AM da Historia; e fundamentos para se escrever. Noticia das antiguidades do Reyno. Elogio dos Reys, e Varoens insignes de Portugal. Motivos da sua infelicidade. Pretendentes da Coroa, e fundamentos da justiça, com que esperavaõ*

*alcançalla. Diligencias de Filippe II. para a conseguir. Irresoluçoens d'ElRey o Cardial D. Henrique, e receio das Armas de Castella, causa total de acabar a vida sem nomear Successor ao Reino. Deixa eleitos cinco Governadores, tres delles dão sentença por ElRey D. Filippe. Para confirmalla entra poderoso em Portugal. Coroa-se o Prior do Crato em San-*

Tom. I.

A

*tarém;*

## 2 PORTUGAL RESTAURADO,

*tarém : determina defender Lisboa: fica vencido, e o Reino entregue. Passa ElRey de Badajoz a Thomar, onde se celebraraõ Cortes, e foy jurado. Aca-  
badas as Cortes, entra em Lisboa. Intenta o casamento da Duqueza D. Catharina, que não consegue. Volta a Madrid, deixando o Cardial Alberto governando o Reino. Começão a quebrar-se os Capitulos jurados em Thomar. Morte de Filippe II. Successão de Filippe III. Jornada, que faz a Portugal com pouca utilidade: volta a Madrid, onde morre.*

*Introducção á  
Historia.*

**A** PROVIDENCIA Divina, que distribue toda a humana grandeza, e costuma igualar a pena á culpa, e o premio ao mericimento, havendo permittido, que os animos valerosos dos Varoens Portuguezes padecessem sessenta annos o infelice dominio de Castella, ou por castigo da vaidade de haverem superado com acçoens singulares as Naçoens mais remotas, ou por desconto da gloria, que na liberdade lhes destinava, suspendendo os golpes da espada da Justiça, e mostrando os fructos do ramo da Misericordia lhes influio alentado espirito, para que sacudindo tão pezado jugo, libertassem a esclarecida Patria, melhor fabrica da Natureza, da injusta sujeição que padezia. O maravilhoso effeito, que produzio esta resolução, determino escrever, se não com a eloquencia, e erudição, que pede assumpto tão levantado ( que nenhum dos Historiadores antigos logrou melhor emprego ) com tão solida, e independente verdade, que não achem os especulativos que contradizer; porque encontrar em qualquer parte esta alma da Historia, he tirar o credito a tudo o que nella se refere; e como a verdade he diamante de tanto fundo, e de valor tão intrinseco, que em nenhum tempo achou maior preço, que o de seos mesmos quilates, queixem-se embora os que dependerem da falsidade do Escriptor; para que a posteridade não abomine os seos erros. A abelha, e aspid nascem no mesmo campo; aquella transforma as flores em mel, este em peçonha.



## PARTE I. LIVRO I.

3

nha. Espero que no campo desta Historia sejaõ os Leitores abelhas, para não haver flor nociva. Ver-se-ha no discurso della contender com dilatada Monarquia pequeno Dominio, e vinte e oito annos huma só Nação, parto de tão pouca terra, pelejar, ajudada de poucos soccorros, contra todas as de Europa, vencendo quasi sempre soldado a soldado, partida a partida, tropa a tropa, troço a troço, e exercito a exercito, sendo em qualquer das contenddas maiores o numero dos Castelhanos superior ao dos Portuguezes. Ver-se-hão mortes, incendios; destruiçãoens, e calamidades; e os Portuguezes, novos Antéos, tirarem todos os annos maiores forças da propria terra. Ver-se-hão sitios, intrepresas, traças, e disposições admiraveis, contenddas politicas, intrinsecas, e externas, que quando ameaçavaõ a ruina, celebravaõ os Portuguezes o triumpho, e quando os successos eraõ mais embaraçados, e os empenhos mais vigorosos na Europa, sustentar-se a guerra em Africa, continuar-se na Asia, superar-se na América; não havendo Mar, que não partissem as nossas quilhas, Terra, que não pizassem as nossas plantas, Elemento, com que não contendessem os nossos braços, Nação, que não confessasse as nossas victorias.

*Compendio do  
que se escreve.*

Os cabedaes com que me achei para tanto em-  
prego, me animaraõ a tomar por minha conta esta obra;  
quando não saiba levantar-lhe mais, que as columnas,  
não faltará outro Architecto, que com estes materiaes  
aperfeiçoe este edificio, remunerando-se-me o trabalho,  
a que me exponho, na consiliação do zelo com que resgatei  
da prização do esquecimento tantas acções heroicas,  
podendo herdar da natureza deixallas sepultadas; por-  
que os Antigos, e valerosos Portuguezes souberaõ me-  
lhor empunhar a espada, que apparar a penna; pois de  
todas as virtudes podéraõ ser o melhor exemplar com ma-  
iores vantagens das que lograõ, se não deixaraõ esque-  
cer muitas das grandes maravilhas, que fizeraõ. Porém  
para formar perfeitamente o corpo desta obra, he neces-  
sario fazello luminoso, mostrando os principios da Mo-  
narquia Portugueza, assim para ficarem mais claros os

*Fundamentos  
para se escrever  
a Historia.*

#### 4 PORTUGAL RESTAURADO;

successos modernos, que dependem de noticias antigas; como para que se conheçaõ os muitos espiritos bellicosos, que em todos os seculos brotou taõ pequeno districto, que naõ parecerá improprio tomar taõ alto principio em Historia, que naõ he geral do Reino, porque esta pequena luz naõ poderá offender ao Leitor por breve, como por achar muitos Authores, que seguiraõ esta ordem em Historias semelhantes.

*Noticia do Reino de Portugal, e suas antiguidades.*

O Reino de Portugal teve principio com o nome de Lusitania, como assentaõ as mais certas opiniões, no anno 1800 da Creaçaõ do Mundo, 150 depois que Deos (castigados os insultos dos homens) suspendeo a inundação das aguas, 2170 antes que Christo, para Redempçaõ Universal, se revestisse da natureza humana. Foy Tubál neto de Noé segundo Adaõ do Mundo, primeiro pay dos Portuguezes; porque pertencendo a Japheth, de que foy quinto filho, a propagaçaõ de Europa, e sahindo Tubál de Italia navegou o Mar Mediterraneo, tocou o Estreito de Gibraltar, e o Promontorio Sacro, e surgio na parte mais occidental de Europa, onde desembarcou, afeiçoado de hum sitio sobre o Mar Oceano, que banhavaõ as aguas do Rio Sális por hum lado, ficando por outro pouco distantes as do Tejo. Neste lugar fundou Tubál o primeiro de Hespanha, que com a duraçaõ do nome de Setubal, que quer dizer ajuntamento de Tubal, conserva o agradecimento do beneficio; e com esta Coroa deo principio ao Imperio de Hespanha. Os annos dilatáraõ as Povoações, e dividiraõ os Reinos. A fortuna, hora nesta, hora naquella idade entregou a varias Naçoens o dominio do Mundo; porém por particular providencia, esteve em todos os Seculos sempre o Reino de Portugal, ou separado de alheio Dominio, ou pelejando pela liberdade; porque fora sem-razaõ, que vivesse sujeito quem nasceo dominando. De idade em idade, e de contenda em contenda tiveraõ os Portuguezes Reys, formaraõ República, e elegeraõ Capitaens, vencendo varias Naçoens, até que os vícios de alguns Reys Godos entregaraõ toda Hespanha ao infelice dominio dos Mouros. Sujeita sem remedio lastimosamente a  
esta



## PARTE I. LIVRO I.

esta desgraça á Nação Portugueza, brevemente se animou a arrojá-la dos hombros tão custoso pezo, tomando (Peniz de todas as idades) das cinzas, a que estava reduzida, materia o ardor com que conseguiu a sua liberdade.

O Infante D. Peláio foy o primeiro restaurador de Hespanha, e ElRey D. Afonso o Catholico o primeiro, que empredeu a Conquista de Portugal. Entrou por Galliza na Provincia de Entre Douro e Minho, ganhou aos Mouros as Cidades de Braga, e Porto: na Beira a de Viseu: em Traz os Montes a Villa de Chaves, e outros Lugares nas tres Provincias. Recuperaraõ esta perda outra vez os Mouros: restaurou-a ElRey D. Fernando o Magno, e dilatou com algumas victorias por esta parte mais a Conquista. Os Portuguezes poucos, e sem Capitão, padeciaõ varias fortunas, e superaraõ com muito trabalho grandes difficuldades, até que Deos lhes dispensou para remedio o que permittio a outras Naçoens para castigo. Deo-lhes Reys, e tão ornados de virtudes, que foubraõ grangear, não só de presente, mas de futuro, a segurança de sua misericordia. Conquistavaõ os Reys de Leão os Lugares de Portugal, e encorporavaõ-nos á sua Coroa, como premio de teu trabalho. Toleravaõ os Portuguezes esta oppressão, pela inferioridade do poder, e porque prudentemente sacrificavaõ a grandeza dos animos aos revezes da fortuna, accommodando se á sujeição dos Leonezes por cobrarem forças, para se livrarem do Captiveiro dos Mouros. Durou esta desgraça até que, reinando em Leão D. Afonso VI, passou de França a servir na guerra, que fazia aos Mouros, o Conde D. Henrique, filho legitimo de Henrique (neto de Roberto, primeiro Duque de Borgonha) e de Sibila tambem da Casa de Borgonha: por seu Pay, bisneto de Roberto o Devoto, Rey de França: por sua Mãe, quasi com o mesmo lustre na ascendencia: e por si, esclarecido tronco dos Reys de Portugal, tão prudentes, e valerosos Principes, que tendo a espada por Sceptro, e a Ley Evangelica por Coroa, ao mesmo passo, que vencião o Mundo, grangeavaõ a gloria, e as mesmas acçoens, que os fizeraõ celebres, e os habilitaraõ para ser Santos: tratavaõ aos vir-

## 6 PORTUGAL RESTAURADO,

tuozos como pays, e aos vassallos como filhos, e com huma, e outra assistencia sempre venceraõ, nunca com traição: sempre triunfaraõ, nunca com váagloria; porque era a Fé o objecto das Conquistas, e a misericordia o triunfo que tiravaõ dos Conquistados. O Conde D. Henrique depois de conseguir gloriosas empresas contra os Mouros em serviço d'El Rey D. Affonso VI, mereceo pela sua grande qualidade, e valor casar com sua filha D. Thereta, dar-lhe em dote a Cidade do Porto, e conceder-lhe tudo o que conquistasse, com que vinha só a interessar hum cuidado certo, e huma esperança em duvida. Logo que foy Senhor do Porto ganhou Coimbra, e Vileu, e todas as mais Povoações de que então se compunhaõ as tres Provincias de Entre Douro e Minho, Traz os Montes, e Beira. Desbaratou os Mouros em dezafete Batalhas, interprendeo Lisboa, e ganhou-a, ( ainda que os Barbaros a recuperaraõ ) e unindo ás virtudes as victorias, passou a Jerusalem, nomeado pelo Pontifice Urbano II. por hum dos doze Capitaens, que foraõ com Goffredo aquella Conquista. Ganhada a Santa Cidade, voltou a Portugal trazendo preciosas reliquias, que ficaraõ por testimunho da gloria, que adquirio nesta jornada, e da sua Fé. Depois de chegar levantou muitos Templos, e não houve acção heroica, que não exercitasse, nem demonstração de Christandade, que não fizesse. D. Affonso Henriques filho do Conde D. Henrique, e primeiro Rey de Portugal, foy nascido, felice objecto de milagres, criando-se raro exemplo de virtudes, vivendo prodigioso triunfador de inimigos; enxugou as lagrymas de teu Pay morto com o sangue de D. Affonso VII Rey de Castella, e de Leaõ, que desbaratou, deixando-o ferido em huma batalha, ganhada nos Campos de Valdevez. Foy depois D. Affonso Henriques sitiado dos Mouros na Cidade de Coimbra, para onde logo passou: o aperto foy grande, porém de forte a constancia, que livrou a Cidade: escalou Leiria, Praça fortissima naquelle tempo: juntou treze mil homens, passou a Alemtejo, Provincia sujeita a Hmar Rey poderoso a que obedeciaõ cinco Reys, e a estes quinze Regulos; unio-se o poder de todos, e formaraõ hum

*Elogio do Conde  
D. Henrique.*

*Elogio d'El Rey  
D. Affonso  
Henriques.*



# PARTE I. LIVRO I. 7

hum Exercito, em que se contavaõ mais de duzentos mil homens destros, e bem armados. Avillaraõ-se desigualmente hum, e outro Campo em o de Ourique, e reconhecendo D. Affonso, que os Portuguezes receavaõ a multidão dos Mouros, recorreo a Deos afflicto confiado, e achou tão propicia aquella inígnita misericordia, que se abriu o Ceo, e lhe appareceo Christo pregado na Cruz: prometteo-lhe a victoria, deo-lhe as Chagas por Armas, e seguiu-lhe na descendencia o Reino, ainda que com suspensão, sem limite. Amanheceo: e acclamaraõ-o os soldados por seu Rey, coroando-o as esperanças de vencer, como a outros a fortuna de conquistar; pelejou, e satisfez-lhe Deos a promessa, vencendo a maior batalha, de que em Hespanha havia triunfado a Ley Evangelica. Interprendeo Santarém, e fazendo voto de levantar hum Templo em Alcobaga da Ordem de Cister, ganhada a Praça satisfez magnifico a promessa: atacou valerosamente a opulenta Cidade de Lisboa, e conseguiu a empreza com acçoens heroicas, ajudado de huma Armada de Inglaterra. Destruio facilmente ao Miramolim Rey de Marrocos, que sitiava Santarém com hum grande Exercito, defendendo esta Villa o Infante D. Sancho, de cujo gallardo braço recebeo ElRey de Marrocos muitas feridas. Foraõ tantas as virtudes d'ElRey D. Affonso, que he este o refumo dellas, deixando de escrever muitas, de que se puderaõ compôr grandes Heróes. As horas em que este excellento Principe deixava de pelear, e de acudir ás obrigaçoens de Rey, gastava orando: foi muito favorecido de S. Bernardo, que floreceo em seu tempo: instituiu as Ordens Militares de Aviz, e a da Aza, que durou pouco: levantou, e enriqueceo muitos Conventos, fez notaveis fabricas, viveo felice, morreo Catholico, he contado por Santo. Naõ deslustraraõ as acçoens de tão heroico Progenitor seu filho, e neto D. Sancho I., e D. Affonso II., aquelle rompendo ElRey de Sevilha nos Campos de Xarafe, desbaratando hum Exercito de Mouros, que sitiava Beja, e tomando no Reino do Algarve a Cidade de Silves, asilo de Piratas Mauritanos: este ganhando a Villa de Alcacere, e degollando a ElRey de Badaioz,

*D. Sancho I. e  
D. Affonso II.*

## 8 PORTUGAL RESTAURADO,

- D. Sancho II.* trinta mil homens. De D. Sancho II., de quem se desculdou a natureza para o Governo, se não apartou a virtude: se viveo molestando dos homens, morreo favorecido do Ceo. Seu irmão D. Affonso III. Conde de Bolonha, que succedeo no Reino, acabou de ganhar o do Algarve, e incorporou-o á Coroa de Portugal, lançando os Mouros de todos os Lugares de hum, e outro Reino. ElRey
- D. Affonso III.* D. Diniz filho de D. Affonso III. foy o exemplar da Justiça, e a admiração do valor, da prudencia, e da liberalidade, ja domando a braveza de D. Sancho de Castella, ja destruindo a politica de seu filho D. Fernando; aqui fazendo hum feroz Urso em pedaços; accolá compondo as differenças entre os Reys de Aragoão, e Castella, dispendendo magnanimo thesouros na jornada; no socego da paz fortificando todas as Praças do Reino, ennobrecedo-o com a Ordem Militar de JESU Christo, que instituiu. e com a Universidade de Coimbra, e ornando a lingua Portugueza com a suavidade do Metro, de que carecia, sendo o primeiro, que nella compoz versos. ElRey
- D. Diniz.* D. Affonso IV. seu filho, e da Rainha Santa Isabel, que virtude deixou de exercitar? ElRey D. Affonso de Castella seu genro, que padeceo da sua vingança o castigo, alcançou felice na sua generosidade o soccorro, causa total da insigne victoria, ganhada nos campos do Sallado a quatrocentos mil Mouros, sendo a sua instancia incetivo da batalha; e o seu braço motivo do vencimento. ElRey
- D. Affonso IV.* D. Pedro seu filho, mais severo, que cruel, dando-lhe este titulo os que appeteciaõ os vícios, que elle abominava, vendo defunta aquella maravilha de D. Ignez de Castro, que adorara viva, vingou nos cumplices a sua morte, fazendo os victima do Simulacro, que trasladou por entre tochas accesas de Coimbra a Alcobaça; querendo, que encontrando sempre com chammias pizasse corações despedaçados; e coroando-a antes de sepultada, satisfez da sorte que lhe foy possível com a grandeza do lugar o aggravo do homicida; considerando aquella innocencia morta, sem mais causa, que a de nascer formosa; sem mais culpa, que a de ser amada: e como não podia haver excessõ em dor tão justa, era imposs-



impossível ter defeito Principe tão fino. ElRey D. Fernando foy amante, e liberal, partes que, assentando sobre huma gentil disposição, puderaõ tubornar a fortuna, que determinou levalllo com o desvanecimento ao precipicio; porém que maquina se sustentou nestes pólos, que não perigasse? D. João Primeiro, antes Mestre de Aviz, e Defensor do Reino, depois Rey, e Tronco de todos os de Europa, foy no resplandecente das acçoens, e invencivel do animo, crystal, e aço, formado pela natureza unido espelho em que pudessem verse os melhores Principes, e Capitaens, que desejassem a maior composição de virtudes. Não se contaõ de Cesar mais victorias, nem se refere de Cataõ mais prudencia. Satisfez com a morte do Conde João Fernandes Andeiro os agravos do Paço, Pelejou, venceo, e triunfou delRey de Castella D. João Primeiro em Algibarrota, e muitas vezes dos seus Exercitos, assistido do valor invencivel do Conde D. Nuno Alvares Pereira, segundo Atlante de Portugal, e primeiro Progenitor da Serenissima Casa de Bragança; ajudando ElRey a superar assim aos Castelhanos, como aos mãos Portuguezes. Socegada a guerra, opulento o Reino, crescida a descendencia Real, passou ElRey poderosissimo a Africa, chegou á Cidade de Ceuta, saltou em terra, atacou a Praça, entrou-a, rendeo-a, e entregou a defenfa della a Dom Pedro de Menezes, hum dos valerosos, e esclarecidos antecessores desta Familia. Foy ElRey D. João devotissimo, melhor lustre das acçoens, e maior segurança das victorias. Deixou por Successor da Coroa seo filho terceiro D. Duarte, que a logrou com menos felicidade do que merecia; foy muito sciente, e muito valeroso, entrou em Ceuta dos primeiros que a occupáraõ, padecéo, vivendo, a pena de ver no Reino infellicidades a que resistio com grande constancia: foy destrissimo domador dos mais ferozes cavallos, e nos exercicios da Cavallaria excedeo a todos os do seu tempo: ajustou as Leys do Reino, e fez guardar as mais justas a seus Vassallos. D. Affonso quinto, o que chamáraõ Africano: que Sol o vio sem esgrimir a espada, e que meya Lua, que não eclipsassem os seus Estandartes? Ajzila, Al-cacer,

D. Fernando

D. João o I.

D. Duarte

D. Affonso V.

## 10 PORTUGAL RESTAURADO,

cacer, e Tangere foraõ emprego do seu poder, e despo-  
jo do seu valor. Tiveraõ-o os Castelhanos por seu Rey,  
e os Portuguezes por seu Capitaõ: nunca a felicidade o  
fez subarbo, nem a desgraça pôde diminuir-lhe a gloria.

*D. João II.* D. João II., que, sendo Príncipe, se enfaou na empreza  
de Arzila, na victoria de Touro, chegando a ser Rey  
mereceo o titulo de Príncipe Perfeito: tantas foraõ as vir-  
tudes de que se compunha! Nunca aliviou em outros hom-  
bros o pezo do Governo; porque como não receava al-  
gum perigo, e qualquer cuidado o disvelava, vinha a  
ser só director da sua reputação, com que segurava os  
seos acertos; castigou os vassallos indomitos, e nunca  
aguardou que lhe pedissem premio os benemeritos; aos  
Castelhanos trazia tão opprimidos, que, se encontravaõ os  
seos disgnios, lhes dava a escolher a paz ou a guerra, e  
elles castigados com as suas victorias, se rendiaõ sempre  
ao seu preceito por conseguir a sua amizade. Deixou no  
Cabo de Boa-esperança descoberto desembaraçada a es-  
trada Real da India, e no Reino de Congo conquistado  
seguro fundamento da Fé, que depois se estabeleceo nas  
mais remotas partes do Mundo. El Rey D. Manoel felice

*D. Manoel.*

sem competencia, sendo contado por filho unico da ven-  
tura, por descobrir, e conquistar tantos Imperios, que  
todo o Universo celebrou o seu valor, e admirou a sua  
prudencia; que Provincia deixou de o conhecer, e que  
Nação de o respeitar? Tres partes contava do Mundo  
Europa, antes que elle reinasse, quarta lhe descobrio o  
seu disvelo, sujeitando a America ao seu dominio: onde  
deixou aos Castelhanos o que desprezou por mais facil,  
querendo só triunfar na Asia do menos util, e mais custo-  
so, para se coroar na gloria pelas innumeraveis mãos dos  
espiritos, a que franqueou as portas do Ceo. Seu filho D.

*D. João III.*

João III. foy o centro de toda a piedade, teve genero-  
so sentimento de que seu pay lhe não deixasse campo para  
dilatatar as Conquistas; governou-se pela Religiaõ com que  
estabeleceo a justiça, sempre inclinado á misericordia:  
sultentou a India com repetidos soccorros, e foy ventu-  
roso instrumento de passar a ella o prodigioso, e admira-  
vel S. Francisco Xavier, gloria de Navarra, e esplendor da



## PARTE I. LIVRO I.

II

da India. ElRey D. Sebastião filho do Príncipe D. João, e neto d'ElRey D. João III. infelicitamente succedeo no Reino; porém, se lhe faltou a fortuna, sciou-lhe o valor, e o não conseguir o que intentava, não lhe pode roubar a gloria de emprender dilatar a Fé, e extender o Imperio; desejava mais, que a grandeza herdada, a opinião adquirida: e tudo conseguira, se lhe não atalhara os passos a inveja da fortuna; porém o mar de lagrymas, que custou aos Portuguezes a sua desgraça, não affogou as esperanças da sua restituição; tão arraigadas em muitos corações, que passaraõ da sujeição de Portugal a Castella a sua liberdade, com que parece que desejallo era mais affecto, que desaffogo, demonstraçoens que só se concedem ao maior mericimento. Faltando ElRey D. Sebastião, succedeo no Reino seu tio o Cardial D. Henrique; as virtudes de Prelado o fizeram grande na estimação do Mundo, a sua perplexidade, que choraraõ os Portuguezes, celebraraõ os Castelhanos: foy o seu maior cuidado dilatar a Fé, e desterrar os vicios; virtudes, que, assim como a Coroa, lhe prepararaõ a Tiara.

O Cardial D.  
Henrique.

Estes foraõ os Principes Portuguezes, que coroa-  
raõ a Monarquia Lusitana, e estes os exemplares, que imi-  
taraõ Varoens insignes do seu tempo em Portugal, pro-  
cedidos de outros, que em todos os seculos ennobrece-  
raõ o Mundo. Sirvaõ de abono as acçoens de Viriato; as  
de Sertorio, contado como Portuguez; o valor de Bal-  
lare; de Baucio Capeto; Rechila; ElRey Wamba; D.  
Payo Correa, que fez parar o Sol; D. Nuno Alvares  
Pereira, que fez tremer a terra; D. Pedro de Menezes;  
D. Duarte de Menezes; D. Vasco da Gama; D. Francis-  
co de Almeida; Affonso de Albuquerque; D. Henrique  
de Menezes; e Nuno da Cunha, que mereceraõ o titulo  
de Grandes; Duarte Pacheco; D. Luiz de Ataide Conde  
de Atouguia; D. João de Castro, e outros muitos, que  
he impossivel contallos, cujas acçoens nunca poderaõ ser  
encarecidas. Venceraõ huns, e outros em varios tempos  
muitas vezes aos Carthaginezes, aos Romanos, aos Go-  
dos, aos Mouros, e aos Castelhanos, e dos Gentios, e Tur-  
cos infinitas Naçoens, contendendo, e pelejando quasi  
sem-

Varões insignes,  
Portuguezes.

## 12 PORTUGAL RESTAURADO,

sempre com numero inferior ao dos inimigos: cortarão não conhecidos Mares, ganharam muitos Reinos, e fizeram conhecer a Ley Evangelica na Africa, na Asia, e na America a Nações innumeraveis, pregando a Vários santissimos, muitos delles Martyres gloriosos, florescendo em Portugal em todos os seculos nomes insignes em todas as Faculdades; porém como a fortuna não contente a grandeza dos Imperios, toda esta gloria alcançada em Portugal, todas estas victorias conseguidas, todos estes Reinos Conquistados desbaratou a omulação de hum Principe Portuguez, e a negociação de hum Rey Castelhano, ajudado dos animos ambiciosos de huus honras ingratos ao sangue, de que se alimentavaõ, e inimigos da illustre Patria, em que nasceraõ, que produzio este abortivo por permillaõ Divina, porque tendo a gloria de Portugal chegado ao maior auge, era necessario, que se abatesse, para tornar a subir. E como estes foraõ os fundamentos infelices dos gloriosos successos desta Historia, dar-lhe-he-mos principio, particularizando-os com as distincções, e brevidade que for possível.

*Motivos da perda de Portugal.*

Choravaõ afflictos os Portuguezes a lastimosa desgraça d'ElRey D. Sebastiaõ, e com profundo sentimento se queixavaõ da perplexidade d'ElRey o Cardial D. Henrique, o qual tendo a irresolução por natureza, e o receio por effeito do Habito, e dos annos, dilatava a Portugal a nomeação de successor, em conhecido prejuizo da sua tranquillidade; porque, desvanecidas as idéas de casar se, intento, que teve no principio do seu Governo, sem reparar na Dignidade Sacerdotal, que professava, e em sessenta e sete annos, que havia feito, debilitado com muitas, e continuas infirmitades, parecendo por huma, e outra razão, que seria conhecidamente infructuoso o matrimonio, ainda que fosse dispensado; porque para ser a successão natural, dificultavaõ-lhe os annos, e os achaques, e para ser milagrosa, não parecia meritorio o sacrificio da mudança da vida. Reconheceraõ os Pretendentes da Coroa de Portugal estes effeitos dos annos em ElRey, e tomaraõ confiança para declarar em sua vida a sua pretensão. Eraõ elles (começamos pela parte mais poderosa a que



PARTE I. LIVRO I. 13

que assistio a fortuna) D. Philippe II Rey de Castella, por ser filho da Imperatriz D. Isabel, filha mais velha delRey D. Manoel de Boa Memoria. A Duqueza de Bragança D. Catharina, casada com o Duque D. Joao, filha do Infante D. Duarte irmão da Imperatriz. O Duque de Saboya Emmanuel Philiberto, filho da Infanta D. Beatriz, filha segunda delRey D. Manoel. Raynuncio filho primogenito da Princeza de Parma D. Maria, irmã mais velha da Duqueza D. Catharina. O Prior do Crato D. Antonio, filho, que pretendia ser legitimo; Infante D. Luiz filho terceiro delRey D. Manoel. A ultima Pretencora, com mais remota, e de menos provada justiça, era Catharina de Medicis Rainha de França, dizendo, que descendia delRey D. Affonso III., Conde de Bolonha, e da Condesa Matilde sua primeira mulher; porém averiguando-se que não teve filhos deste primeiro matrimonio, foi excluida da pretensão; e seguiu quasi os mesmos passos a dos Duques de Saboya, e Parma, porque como eraõ pouco poderosos, e não uniraõ ás instancias dos Embaixadores, que mandáraõ, subornos, e ameaças, artigos naquelles tempos sem contradicção, ficou todo o vigor da contenda entre ElRey D. Philippe, a Duqueza de Bragança D. Catharina, e o Prior do Crato D. Antonio. A Duqueza era todo o emprego da afeição delRey D. Henrique: D. Antonio só nos primeiros annos alcançou o seu favor. Havia ficando captivo na batalha de Africa, e com industria alcançado liberdade: tanto que chegou a Lisboa, tratou de manifestar a sua justiça: porém procedeo nas diligencias com tanta demazia, que, offendendo-se ElRey, não lhe encontrou a negociação de legitimar-se (que com maior calor applicava) mas obrigou-o a fahir da Corte, e procedeo com severidade contra seos procuradores: mas D. Antonio, que se constituia vivo retrato delRey D. Joao I. assim no modo de nascer, como nas esperanças de reinar, não afroxou com o desterro as negociações, procurando por todos os caminhos ganhar os animos da Nobreza, e Povo. A Duqueza de Bragança, e o Duque D. Joao seu marido esperavaõ, que a sua justiça, e o favor delRey seu tio, conhecidamente inclinado a coroaõs, ven-

*Pretendentes da  
Cerca, e funda-  
mentos da sua  
justiça.*

*Diligencias de  
D. Antonio.*

# 14 PORTUGAL RESTAURADO,

*Inclinase ElRey  
à Casa de Bra-  
gança.*

venceſſem todas as contradicçoens, e ſuperasſem as forças de todos os emulos. Eſtas razoens tão forçoſas perſuadiaõ o animo delRey, deixando ſe juntamente vencer dos muitos ſuccellores, que com a Casa de Bragança dava á Coroa de Portugal, conſiderando no Duque de Barcellos D. Theodoſio, Primogenito della, tão galhardo eſpirito, que de onze annos ſe havia achado na batalha com ElRey D. Sebaſtiaõ, e perda ella ficára prizioneiro, levando os Mouros para Marrocos com huma gloriola ferida na cabeça, não podendo a guerra crear com melhor leite tão poucos, e generoſos annos. Todas eſtas circumſtancias arrazoadas, e forçoſas aſſeioavaõ os Portuguezes deſinteressados á juſtiça da Casa de Bragança: porem não puderaõ prevalecer os clamores dos independentes contra os ambicioſos, que atropeláraõ as Leys da razaõ, armados do intereſſe; não tendo força aquelles golpes para romper a dureza deſtes peitos, que em tudo degeneráraõ da antiga conſtancia, e fidelidade Portugueza, deixando ſe perſuadir do poder delRey de Caſtella, e das diligencias de D. Chriſtovaõ de Moura.

*Manda ElRey  
D. Filippe a D.  
Chriſtovaõ de  
Moura por im-  
baixador.*

Na grande fabrica do Eſcurial achou a nova da perda delRey D. Sebaſtiaõ a ElRey D. Filippe: e como naquelle tempo era avaliado pelo melhor meſtre da Politica, por não perder o credito, não intrepoz dilação, grande inimiga dos negocios de tantas conſeſquencias. Deſpachou logo a Portugal D. Chriſtovaõ de Moura, que avaliou pelo ſogeito mais capaz para lograr o ſeu intento, por ſer D. Chriſtovaõ Portuguez, e aparentado com muitas familias deſte Reino. Havia paſſado a Caſtella por minino da Princeza D. Joanna, que deixou Portugal por morte do Principe D. Joaõ ſeu marido. Em quanto a Princeza foy viva, lograva D. Chriſtovaõ grandes favores ſeos; quando morreo, o deixou muito encômendado a ſeu irmão ElRey D. Filippe, o qual, reconhecendo a ſua cãpacidade, o occupou em os maiores Lugares. Chegou D. Chriſtovaõ a Liſboa, e como era compoſto de bom natural, ajudado das liçoens de tão excellente meſtre, propoz a ElRey com diſſimulação o negocio apparente, a que diſſe fora mandado, que era dar-lhe o peſame da morte delRey.



Rey D. Sebastião. E logo com grande destreza começou a afeição os animos de todos os Portuguezes á pretensão del Rey D. Filippe, governando-se pela inclinação, que reconhecia em cada hum das pessoas com que tratava. El Rey D. Henrique obrigado dos clamores de todo o Reino, e da afeição que sempre teve a sua sobrinha a Duqueza de Bragança, da justiça com que havia de preferir aos mais Pretendentes, e do temor que lhe cautára as diligencias de D. Christovão, que lhe não foraão crederbas, determinou nomear a Duqueza Succellora do Reino: e foy este impulso com tanta resolução, que communicou a D. João Mascarenhas, de quem muito se fiava, que o dia seguinte declarava a Duqueza de Bragança por succellora do Reino. O que se dilatou em fiar a D. João este segredo de tanta importancia, tardou elle em descobririllo a D. Christovão de Moura, mancha que indignamente cahio em animo tão nobre, e valeroso, que havia sustentado o segundo, e memoravel sitio da Praça de Dio. D. Christovão, tanto que teve esta noticia, considerando baldada a diligencia, a que viera, e destruidos os fundamentos de toda a sua fortuna, acodio logo a atalhar a resolução del Rey. Chegou tarde ao Convento de Xabregas, onde El Rey estava; e não podendo conseguir audiencia, passou a noite nos Olivaes vizinhos, não querendo, que pela manhã se anticipasse a resolução del Rey á sua diligencia. Assim o conseguiu, e fallou-lhe ao amanhecer, enlaçou no discurso tantos ameaços, e usou de tanta aspereza, reconhecendo a debilidade do seu espirito, que parecia, que entre El Rey, e D. Christovão se havia trocado o exercicio, e a grandeza. Foy esta efficacia tão poderosa, que bastou para dar a Coroa de Portugal a El Rey D. Filippe, e para a tirar da cabeça á Duqueza de Bragança: porque El Rey D. Henrique remisso, e temeroso suspendeo a deliberação de declarar a Duqueza succellora do Reino; de que resultou succederem tantos embarços, que veio á cahir Portugal na infelice sujeição de Castella. D. Christovão avizou promptamente a El Rey do muito que a sua industria havia conseguido: porque não só ficava divertida a deliberação del Rey no-

*Fala D. Christovão a El Rey, suspende a resolução.*

## 16 PORTUGAL RESTAURADO;

meiar a Duqueza de Bragança succellora do Reino (havendo elle trazido ordem para lhe dar o parabem, quando assim succedesse) mas que se achava com tantas, e tão importantes peſſoas á ſua devoção, que por iſtantes lhe creſciaõ as eſperanças de grangear para ElRey D. Filipe o Reino, que ambicioſamente ſolicitava, fiado, mais que no ſeu poder, na debilidade das forças de Portugal, e mais nos ſeos exercitos, que na ſua juſtiça.

ElRey D. Filipe recebeu com grande contentamento as noticias de D. Chriſtovaõ; e logo para dar maior calor ás diligencias, e aos ſubornos, elegeo para Embaixador de Portugal a D. Pedro Giron, Duque de Oſuna, tomando por pretexto mandar a ElRey D. Henrique com n. mais formalidade aſſim o pezame da morte delRey D. Sebaſtião, como o parabem de haver tomado poſſe da Coroa. Era D. Pedro deſtro, ſocogado, e prudente, diſpoſições que frizavaõ com o genio de D. Chriſtovaõ de Moura, de quem era grande amigo. Chegou D. Pedro a Lisboa, e feita a funcção publica, applicou todas as negociações occultas: compraraõ ſe huns, intimidaraõ ſe outros, e todos ſe confundiraõ, para ſe perderem todos. ElRey chamou a Cortes para moſtrar o extremo da irreſolução; porque quando todos aguardavaõ, que nomeaſſe Succellor, decidio judicialmente a contenda, declarando ſe Juiz della, como era de direito. Ordenou para eſte intento, que foſſem citados os Pretendentes, para que requereſſem ſua juſtiça por ſi, ou por ſeos procuradores: e querendo, para o caſo em que faltasse, durando o litigio, nomear Juizes que a decidieſſem, e Governadores que executaſſem a ſentença, e adminiſtraſſem entretanto o Reino, lhe conſultaraõ os Tres Eſtados delle quinze Fidalgos, e vinte e duas peſſoas de letras. Deſtes elegeo onze para Juizes da Cauſa, e dos quinze cinco para Governadores do Reino, depois de ſua morte. Eltes foraõ D. Jorge de Almeida Arcebiſpo de Lisboa, D. João Tello de Menezes, Diogo Lopes de Souſa, Dom João Mascarenhas, Francisco de Sá: porém ficou eſta nomeação em ſegredo até a morte delRey, e veio a ſer a ſepultura do Reino. Diſpoz ElRey mais, que todos os Eſta-

dos

*Mãe ElRey a  
Portugal o Du-  
que de Oſuna.*

*Chama ElRey a  
Cortes.*

*Nomea ElRey  
Governadores,  
Juizes.*



PARTE I. LIVRO I. 17

dos jurassem de não obedecer a Pretendente algum, senão ao que, pela sentença, que sobre a causa se proferisse, fosse declarado successor do Reino. O Duque de Bragança foy o primeiro que obedeceo a este preceito, fazendo virtude da impossibilidade. D. Antonio tomou o juramento constringido. ElRey D. Philippe protestou, que não vinha no contrato, dizendo: Que a sua justiça era tão clara que não queria pôlla em Juizo; manifesta destreza para a ameaçar com o poder, e bem lograda; porque ElRey D. Henrique, vendo esta resolução, acabou de se entregar de todo ao receyo, e depondo todas as Leys que o obrigavaõ á justiça da Casa de Bragança, determinou anteponhe ElRey D. Philippe, prevalecendo o defeito contra o affecto.

Tomada esta resolução, intentou persuadir a Duqueza D. Catharina, a quem antes determinava co-roar, a que se satisfizesse só com as offertas, que ElRey de Castella lhe fazia, e que desistisse da pretensão. Eraõ ellas: Largar-lhe o Brasil, de que poderia o Duque de Bragança tomar o Titulo de Rey: que em Portugal lhe concedia perpetuo o Mestrado de Christo, e todas as isenções, e privilegios que pudessem engrandecer a sua Casa: que lhe dava licença para poder todos os annos mandar huma Não á India por sua conta, e que ajustaria o casamento de seu filho o Principe D. Diogo com huma de suas filhas, por serem duas, qual elle escolhesse. ElRey D. Henrique, para facilitar as difficuldades, que suppunha achar nesta proposta, mandou a Villa-Viçosa o Padre Jorge Serrão da Companhia de JESUS, e logo em seu seguimento ao Doutor Paulo Affonso, de que fazia grande estimação, e hum dos primeiros Deputados da Mesa da Consciencia. Chegãrão os dous a Villa-Viçosa, e juntos falãrão á Duqueza. Foy a substancia da proposta, dizerem-lhe da parte delRey: Que sua Alteza, mais como pay, que como parente, lhe aconselhava não quizesse deixar o certo pelo arriscado: que elle não podia negar que sempre tivera por sem duvida a justiça da Casa de Bragança, e que o seu intento fora preferilla a todos os Pretendentes da Coroa: porém que vendo as tropas del-

*Effeito das Cor-  
tes.*

*Muda o Car-  
dial de opiniaõ;  
e quer eleger D.  
Philippe.*

*Proposta á Du-  
queza, e condi-  
ções para dese-  
lir.*

*Manda a Villa-  
Viçosa o Padre  
Jorge Serrão, e  
o Doutor Paulo  
Affonso.*

Tom. I.

B

Rey

## 18 PORTUGAL RESTAURADO,

*Resposta da Du-  
queza.*

Rey D. Filippe muito vizinhas, e o pouco poder com que a Casa de Bragança se achava para lhe resistir, julgava que, nomeálla; era o mesmo que destruilla que assim pedia a Sua Alteza com toda a afeição, e encarecimento, que deposita outra qualquer imaginação, aceitasse os partidos que lhe offerencia El Rey de Castella; para que elle sem escrupulo pudesse nomeallo por Successor da Coroa de Portugal, e que Sua Alteza se servisse de responder sem a menor dilação. A Duqueza ficou justamente admirada desta proposta, á qual respondeo em huma discreta carta, de que se conserva o original. Continhaõ as razoes della: que o alivio que lhe ficava, era considerar áquella proposta como nascida del Rey D. Filippe, e não de sua Alteza: que na brevidade com que ordenava lhe respondesse, não podia obedecer-lhe; como desejava, por escrito, por ser a materia de tanta consideração, e pezo, que não era possível tratalla, senão de rosto a rosto; e assim lhe pedia licença para lhe ir beijar a mão, e juntamente representar-lhe a notoriedade da sua justiça, na qual conformavaõ quasi todos os maiores Letrados do Reino: mas que sobre tudo ió com sua Alteza queria aconselhar-se, e com os interesses publicos de seus naturaes; porque a ninguem mais que a elles convinha, que houvesse hum Rey Portuguez, e que neste sentido, quando importasse que a sua Casa cedesse do seu direito, por seguir este fim, deixaria a pretensão do Reino, pondo-se aos pés de sua Alteza, para que determinasse o que mais conviesse á conservação da Coroa: que toda a sua ancia, todo o seu desejo, e cuidado se resumia em bulcar meios, para que se conservasse a memoria dos gloriosos Principes seus Progenitores; a qual, havendo mais de quatro centos annos que durava neste Imperio, não podia haver razão para o aggregar a huma Monarquia, onde com o nome perdesse a fama singular de suas acçoens. Que se o poder de Castella era grande, e as suas Armas horriveis, que o poder de Deos era maior, e as victorias, e bons successos da guerra só da sua mão se distribuiaõ: que não presumia de hum Principe tão Catholico, como D. Filippe, que tomasse as armas para occupar o que lhe não pertencia:



cia: que se sua Alteza a nomeasse por Succellora do Reino; faria o que era obrigado em consciencia, e de justiça; e que sendo a causa tão justa, o Ceo a tomaria por sua conta, hum a vez declarada, e a defenderia contra todos seus inimigos: que se desta resolução resultassem guerras, e danos, nunca sua Alteza podia incorrer em culpa alguma; nem ter o menor escrupulo: pois cumpria inteiramente com sua obrigação, dando a cada hum o que lhe tocava, como Rey Christão, e Juiz recto, que só sua Alteza o era nesta causa, por mais que Castella o negasse: e que isto supposto, o declarar a sentença em favor da justiça, mais era evitar guerras que causá-las: que a parte inobediente á razão, e ao direito, quando encontrasse por força o que estivesse julgado que não era seu, sempre correria por sua conta o damno que se originasse desta discordia: e que se para o socoço publico fosse necessario, que ella não falasse palavra nos seus interesses, o faria logo, com tanto que sua Alteza declarasse em Cortes geraes de todo o Reino a resolução, que tomava de nomear a ElRey Catholico Succellor da Coroa; pois era justo que ouvisse a todos em hum negocio, que a todos tocava: que se arrojava a pedir a sua Alteza, que se não entregasse a temer ameaças delRey de Castella; porque fiava muito da sua christandade: que quanto aos partidos que elle lhe offerecia, lhe não convinha aceitallos; e que só querendo elle ajustar-se em hum de duas conveniencias, se poderia os negocios compôr com menos embaraços: as quaes eraõ, ou casar o Duque de Barcellos com hum Infanta de Castella, ou dar-lhe ElRey Catholico a D. Filippe seu filho segundo, para que casasse com hum de suas duas filhas, que desta sorte renunciaria todo seu direito em hum dos dous, para que em qualquer successo ficasse este Reino sempre com Principe proprio, e de nenhuma sorte se unisse á Coroa de Castella: que nesta conformidade podia ella da sua parte (ainda que ficasse a sua Casa defraudada de tão generosa herança) ceder da sua pretensão, seguindo a regra, de que péza mais o bem commum que o particular; e que não punha duvida que os Portuguezes applaudiriaõ similhante resolução.

## 20 PORTUGAL RESTAURADO,

ção, pois conseguia o que desejava: e que de outra forte não entendia dos que eraõ fieis, e constantes, e que desejava parecer-se com os antigos zelotos da conservação da Patria, que viriaõ em outro partido, ainda que alguns o intentassem. Concluia finalmente: que quando sua Alteza lhe não concedesse licença para ir em pessoa comunicar-lhe este negocio, era elle de tanta importância, que não podia resolver-se com a pressa que o Doutor Paulo Affonso lhe havia representado da sua parte, pois era só, e menos assistida de Conselheiros, que El-Rey Catholico: que se servisse de dilatar a este respeito a sua resolução ultima; e quando quizesse tomalla, fosse em Cortes, aonde ella avizaria a sua determinação; rematando, que nunca havia de exceder o gosto de sua Alteza, a quem rogava, pela boa memoria dos Principes seus Avós, quizesse attender, e considerar todas estas razoes, e outras muitas que de palavra dissera a Paulo Affonso, com quem conferira diferentes difficuldades, e duvidas, que podia succeder nesta causa, sendo mais de! Rey, e do Reino, que sua: pedindo a Deos allumiasse nella a sua Alteza, e o guardasse infinitos annos. Era a data em Villa-Viçosa, em 20 de Outubro do anno de 1579.

Esta carta achou a El-Rey D. Henrique caminhando para a morte a toda a pressa, mas o desejo que tinha de parecer Pay da Patria, lhe deo alento para se passar a Almeirim a dar principio ás Cortes, que havia convocado para aquelle lugar. Porém chegando á noticia do povo, que elle intentava nomear por Successor do Reino a El-Rey D. Philippe, clamáraõ todos furiosos contra esta resolução, e quizeráo abrogar a si o direito de eleger Principe: proposição que de antes tinhaõ feito, e que se lhe não havia admittido. El-Rey nesta ultima afflicção concedeo ao povo que propuzesse as razoes por onde lhe tocava este privilegio: mas não chegou a examinalas, aguardando por horas as ultimas de sua vida. Esta noticia chegou a Villa-Viçosa, e obrigou a Duqueza de Bragança a se pôr a caminho sem esperar licença. Chegou a Almeirim a tempo que El-Rey estava expirando:

*Altera-se o po-  
to com a noti-  
cia de se querer  
eleger El-Rey  
de Castella.*

*Chega a Duque-  
za a Almeirim.*

po:



porém achando-o ainda com inteiro juizo, e voz desembaraçada, teve lugar para conferir com elle largo espaço, e saio da conferencia tão alegre, que todos, os que a viraõ, entenderaõ que venceraõ a pretençaõ; de que alguns indignamente ficáraõ pouco satisfeitos, ou por terem entregue o coração a Castella, ou por não terem afeiçãoados á soberania da Duqueza de Bragança, que pudera suavizar a pelloa do Duque D.Joaõ, se fora mais activo. Expirou ElRey, e ficáraõ desvanecidas todas estas presumpções, porque, aberto o Testamento, se achou nelle, que o Reino se entregasse a quem tivesse mais justiça. Tanto pôde o temor, que viveo no coração d'ElRey depois de morto, e o obrigou a que tomasse esta delacerta da, infelice, e escrupulosa resolução, de que logo experimentou o castigo a sua memoria: porque os mais de seus vassallos estimaraõ a sua morte, e não houve algum a que custasse pezar a sua falta. Morreo o ultimo de Janeiro, dia em que havia nacido, aos setenta e oito annos da sua idade: foy de estatura pequena, branco, e louro, olhos azuis, parecido a ElRey D.Manoel mais no corpo, que no animo; esteve depositado em Almeirim: esta sepultado em Belem.

Tanto que ElRey D.Henrique morreo, ficáraõ os cinco Governadores exercitando o seu poder, e começáraõ a maquinar a Portugal a sua ruina. Foy a primeira acção, que fizeraõ, despedirem as Cortes: logo despacháraõ Embaixadores a ElRey Catholico, pedindo-lhe quizesse depôr as Armas, e esperar a sentença, insinuando-lhe, que sahiria a seu favor. O que entaõ pareceo destreza, se contou, depois da sentença dada, por promessa, com pouco credito dos Governadores, ficando tóra desta calumnia D.Joaõ Tello de Menezes, porque não só se não achou em Aya-Monte quando se declarou a sentença, mas conservou em todo o tempo o animo tão inteiro, que na força das negociações escrevia o Duque de Ossuna a ElRey D.Filippe, que a D. Joaõ Tello ou se lhe havia de cortar a cabeça, ou trazello sobre a cabeça: e da mesma sorte o Arcebispo de Lisboa. ElRey Catholico, tanto que lhe chegou a nova da morte d'ElRey D.

*Morte do Cardinal, e clausulas do seu Testamento.*

*Despedem os Governadores as Cortes, e fazem avizo a ElRey de Castella.*

*Aparta-se dos mais D. Joaõ Tello, e fica mais acreditado.*

*Junta ElRey D. Philippe Exercito.*

## 22 PORTUGAL RESTAURADO,

Henrique, juntou logo o Exercito, que muitos dias antes havia prevenido, chamando a este fim de Flandes os Mestres de Campo, e Capitães de maior reputação, obrigando-os a que trouxessem consigo os soldados mais veteranos. Compunha-se o Exercito de dezoito mil Infantes, e mil e quinhentos Cavallos; a boa qualidade da gente fazia dissimular o pouco numero d'elle, e as mais prevenções correspondião á importancia da empreza. Elegeo ElRey por General desta gente a D. Fernando Alvares de Toledo Duque de Alva, excellente Capitão daquelle tempo, foltando-o do Castello de Uzeda, onde o tinha prezo para fiar do seu valor esta Conquista. Seguiu ElRey com toda a Casa Real ao Exercito, com determinação de juntar o trato brando ao rigoroso, considerando, que seria mais facil render aos Portuguezes com a suavidade, que com o poder; porém a debilidade das forças de Portugal fazia excusar todas estas politicas. Em quanto ElRey D. Filippe prevenia o Exercito, acodio o Prior do Crato a representar aos Governadores a sua justiça, e achando nelles menos attenção da que pretendia, seguiu outro caminho mais precipitado, por lhe faltarem meios para lograr o seu intento. Dispoz em Santarem os animos dos poucos que o acompanhavaõ, os quaes obrigados da fidelidade, e do impulso, sem attenção ao perigo, o acclamáraõ Rey com poucas ceremonias, e menos prudencia. Com este titulo passou D. Antonio a Lisboa, onde sem contradicção foy obedecido: logo se preparou para defender a Cidade com maior confiança que forças; porque, consumidos em Africa os soldados, e os thesouros, e divertidas as alianças pelas negociações d'ElRey Catholico, as Provincias do Reino divididas em opiniões; por maiores que foraõ as diligencias do Prior do Crato, não pôde juntar mais que quatro mil homens, huns lavradores, outros escravos, e todos tão mal armados, e com tão pouca disciplina, que não entendiaõ a mais facil operação militar, e o Prior do Crato, a que não faltavaõ virtudes, carecia totalmente de experiencia.

Entre a ambição d'ElRey Catholico, e as temeridades do Prior do Crato fluctuava o Duque de Bragança,

*Nomea o Duque de Alva por General.*

*Acclama-se Rey o Prior do Crato em Santarem.*

*Entra em Lisboa, prepara-se para a defesa.*

*Diligencias do Duque,*



## PARTE I. LIVRO I. 23

e fiado só na sua justiça, a representava com repetidas instancias aos Governadores: seguio-os a Santarém para onde se mudárao; passou com elles a Setubal, que buscárao por refugio da peste, em que ardia o Reino; e defengado finalmente de que erao infructuosas todas as suas diligencias, e que os animos de quasi toda a nobreza esta-  
 vaõ corrompidos, o Povo sem forças nem constancia, os amigos largando a sua justiça por attender á propria commodidade; não querendo nem unir-se a D. Antonio (como elle pretendeo) nem aceitar os partidos, que ElRey D. Philippe lhe mandou offerecer por D. Christovão de Moura, se retirou a Portel, Lugar seu na Provincia de Alemtejo, deixando aos Governadores sustanciada em hum  
 papel a sua justiça tão clara, que, a não se interpoem a ambição, e o medo, pouca duvida houvera em se proferir a sentença a seu favor. Foraõ as suas razoes expostas neste sentido. Mostrava: que Deos instituirá o Reino de Portugal, elegendo no Campo de Ourique a ElRey D. Affonso Henriques com Imperiõ independente, e soberano, e que fora estabelecido nelle, e seos Successores, para levarem, como succedeo, o seu Santo nome, e Ley Evangelica ás Naçoens mais barbaras, e Regioens mais remotas: que esta eleição fora confirmada com huma das mais insignes victorias, que alcançáraõ dos Infieis as Armas Catholicas: que fora ElRey antes della acclamado pelo Exercito, e depois eleito, e jurado pelos Tres Estados do Reino nas Cortes, que se juntáraõ na Cidade de Lamego, celebradas no anno de 1145., nas quaes se decretáraõ, e estabelecéraõ as Leys fundamentaes, e fórma que se devia ter na successão deste Reino; porque o intento dos Portuguezes fora naquella primeira creação delle, eleger Reys, que os governassem em paz, e justiça, conservassem a sua liberdade, e defendessem de seos inimigos: declarando, (por anteverem com prudencia os casos futuros) que quando faltasse a algum dos Reys filho Varão, pudes-  
 se herdar o Reino a fi ha mais velha, se estivesse em Portugal, e casasse com Portuguez, excluindo com ley, e clausula expressa qualquer Infanta, que casasse fóra do Reino com Principe estrangeiro; porque como instituirá

*Retira-se a Portel.*

*Razoes do Rei que.*

## 24 PORTUGAL RESTAURADO,

Reys para sua conservação, e quizerão, que fosse Império hereditario nos Principes naturaes, negarão justamente aquelle privilegio aos estrangeiros, e as Princezas que com elles casassem, para que não fossem instrumento da sua ruina: que admittirão as filhas em quanto naturaes, e as excluirão em quanto estrangeiras: querendo mostrar, que instituião Principes para a Republica, e não Republica para os Principes; porque a successão dos Reys só devia attender á sua conservação, e liberdade, devendo este governar-se pelas suas proprias leys, seguindo inviolavelmente na successão as que decretarão em seus principios; e sendo esta tão importante, que lhe segurava, e livrava entrar como herança em poder de seus inimigos, não permitindo que qualquer estrangeiro, ou natural, que não vivesse no Reino, e tivesse nelle seu domicilio (como depois declararão as leys, que lhe derao os seus Principes) gozasse alguns bens da Coroa, posto que lhe pertencessem por direito hereditario: e que neste sentido não podiao permitir que lograsse toda esta Coroa, quem não fosse natural desse Reino: que esta mesma ley se observára, e tivera seu justo vigor quando por morte d'ElRey D. Fernando, que acabou sem mais filhos que a Infanta D. Beatriz, casando com ElRey D. João I. de Castella, fora excluida da successão por este fundamento nas Cortes celebradas na Cidade de Coimbra no mez de Abril do anno de 1382, nas quaes declararão os Trez Estados do Reino de consentimento cômum, e sem controversia alguma, que a Infanta D. Beatriz por ser casada com ElRey de Castella, era incapaz de succeder no Reino; e os Trez Estados juntos em Cortes, a quem só tocava decidir estas materias, houvêrao por vago, e elegêrao ElRey D. João I. que o havia governado, e defendido dos Castelhanos com tão insignes victorias, como a fama celebrava; e que não só excluirão estes verdadeiros Portuguezes a Rainha D. Beatriz, mas tambem aos Infantes D. João, e D. Diniz, filhos d'ElRey D. Pedro, e de D. Ignez de Castro coroada depois de morta, por se haverem passado a Castella, e estarem impedidos, e prezos por aquelle Rey, Mostrando que o zelo da honra, o amor da Patria, e conservação da liberdade



berdade em Rey natural, e desimpedido, era a ley mais justa, e o affecto mais poderoso, e mais conforme ao intento, que tiverão os Portuguezes na eleição dos seus Principes: e que ainda que aquellos fundamentos não foraõ tão claros, e notorios, este exemplo só bastava para excluir totalmente a pretensão d'ElRey D. Philippe, e dos mais Principes estrangeiros, e justificar por melhor, e mais sólida a causa de D. Catharina sua mulher; porque nella concorriaõ as mesmas prerogativas, que os Doutores apontavaõ, conforme as disposições, e regras mais infalliveis de Direito, como os maiores Jurisconsultos haviaõ mostrado; porque, extincta em ElRey Dom Sebastião a primeira linha d'ElRey D. Manoel, de quem eraõ descendentes todos os da controversia, e morto sem filhos legitimos o Infante D. Luiz, e ultimamente ElRey D. Henrique sem successão, ficava entrando a linha do Infante D. Duarte, filho d'ElRey D. Manoel, que devia sem duvida ser preferido pela prerogativa de masculina á feminina da Imperatriz D. Isabel sua irmã, mãy d'ElRey D. Philippe, que se fundava esta opiniaõ não só no Direito commum, em que a linha dos varoens precede á das femeas, (como dispoem ainda os particulares na successão dos Morgados) mas que era conforme á disposiçãõ d'ElRey D. João I. no seu Testamento, approvado, e admittido como Ley justa, na qual chama á successão do Reino ao Infante D. Duarte seu primogenito, e a seus legitimos descendentes; e, faltando elles, aos mais Infantes seus filhos, precedendo sempre os maiores, e as suas descendencias ás dos menores: com o que se mostrava sem duvida, que, extinctas as linhas dos outres filhos d'ElRey D. Manoel, ficava preferindo, e entrando na successão da Coroa a linha do Infante D. Duarte, que por ser de varão lograva a mais qualificada prerogativa, para ser preferida, e anteposta a todas as outras, em que não concorria esta razãõ, por descenderem de femeas: juntando-se a estas razoes o beneficio da representaçãõ de Justiniano, admittida, e praticada neste Reino, em virtude da qual, representando a Duqueza ao Infante D. Duarte seu Pay, e ElRey D. Philippe á Imperatriz sua Mãy,

Mã, assim como o Infante por Varão havia de preferir à propria Imperatriz, que ElRey só representava, assim a Duqueza, que representava seu pay, lhe ficava preferindo; conforme a Direito, e decisões de Jurisconsultos em casos semelhantes, e que da mesma sorte, não podia o Prior do Crato D. Antonio, ter alguma acção á Coroa, porque ainda, que era filho do Infante D. Luiz, não era legitimo, nem o Summo Pontifice o quizera legitimar, por ser contra direito, e em prejuizo dos que tinham esta prerogativa, sem a qual ainda os particulares não eraõ admittidos á successão de Morgados, e bens da Coroa, quanto mais a ella propria, estando vivos, e existindo os netos, e legitimos descendentes d'ElRey D. Manoel, aos quaes pertencia o Reino, conforme ás Leys Divinas, e humanas, e á disposição d'ElRey Dom João I. no seu Testamento; nem se podia valer do exemplo da successão deste Principe, sendo tambem illegitimo, por não haver naquelle tempo successor legitimo no Reino, que se lhe antepuzesse, e das Historias constava que o Infante D. João, por quem ElRey D. João tomou posse, no principio do seu Governo, vendo-se prezo em Castella, e com risco manifesto da vida, lhe transferira o Direito, que tinha ao Reino, e lhe pedia, que se coroasse, mandando a seus parciaes, que lhe assistissem, querendo com animo Real, e zelo Portuguez, que a Coroa de seus Avós se conservasse antes independente, e separada na cabeça de seu irmão, que sujeita, e entregue nas mãos de seus inimigos; e que por este respeito esperava, que o Prior do Crato sendo imitador desta acção gloriosa, assistisse com a maior efficacia á causa mais justa, e á conservação do Reino mais certa; que lhe não devia obstar o direito da Duqueza de Parma D. Maria, irmã mais velha da Duqueza sua mulher, por ser já defunta, e ficarem seus filhos em grão mais remoto, e não se estender o beneficio da representação mais, que a sua Mã, além de serem estrangeiros, fundamento, que só bastava para se excluir: mostrava mais, que sendo tão evidentes as razões, e fundamentos do direito da Duqueza D. Catharina sua mulher, não tinhaõ menor força as conveniências



cias politicas, e interesses publicos, que se deviaõ considerar em negocio taõ importante: porque se entrasse no Reino, como era justo, a Duqueza sua mulher, e elle, naõ só procurariaõ conservar todas as suas leys, e privilegios antigos, mas lhe concederiaõ de novo todos aquelles, a que desse lugar a justiça: que haviaõ de favorecer a Nobreza, alleviar o Povo, respeitar os Ecclesiasticos, e procurar mostrar-se em tudo, mais que Senhores, verdadeiros Pays de seus vassallos: e que juntamente ficaria segura a successaõ do Reino, achando-se a sua Casa com filhos varoens, que ja haviaõ derramado o sangue pelo serviço da Coroa: Que procurariaõ conservar, e dilatar as Conquistas com augmento da gloria, que os Portuguezes tinhaõ adquirido em todo o Mundo: E que ultimamente só na sua Casa se podiaõ contar todas as circumstancias de que necessitava o grande aperto, em que se via este Reino, porém se (o que Deos naõ permittisse) viesse o Reino a cair nas mãos d'ElRey de Castella, tudo o referido experimentariaõ ao contrario; e perdendo a gloria, a honra, e a liberdade, viriaõ a ser contados como escravos, e vil despojo de seus maiores inimigos; que tivessem por certo, que todas as promessas dos Castellhanos eraõ falsas, e todas as suas esperanças fingidas, cobrindo-as com huma industria dissimulada, para se vingarem das injurias antigas, querendo vencer com a destreza aquelles, de quem sempre foraõ vencidos com as armas: que naõ degenerassem do seu antigo valor, temendo as prevençoens de Castella; porque se estivessem todos unidos, e constantes, naõ deviaõ temer o mesmo, que em mais apertados termos naõ temeraõ seus antepassados: Que tivessem por infallivel, que ElRey D. Philippe como prudente, se naõ havia de empenhar em huma guerra taõ injusta, e difficil dentro de Hespanha, com risco manifesto dos Estados, que fóra della dominava, conhecendo, que todos os Principes de Europa eraõ émulos da sua grandeza, e a maior parte dos subditos desejava sacudir o jugo, que os opprimia; e por este respeito as suas preparaçoens se deviaõ supôr apparentes, só para atemorizar aos cobardes, e ignorantes; e que reconhecendo

cendo a falta do seu Direito, não queria sujeitar-se ás admoestaçoens do Summo Pontifice, que o obrigavaõ a desistir das armas, nem admittia o Nuncio Apostolico, por entender, que trazia esta commissaõ; não ignorando que ainda em caso, que tivesse ao Reino algum Direito, o destruia querendo ser Arbitro, e Juiz da propria causa, e com desprezo das Leys Santas, e justas introduzir-se na posse com a violencia das armas, para mostrar, que só a ellas devia a Coroa, e tratar depois aos Portuguezes como vencidos, e conquistados: Que tivessem tambem por sem duvida, que lhes haviaõ de assistir, sendo necessario, todos os Principes de Europa com soccorros, e diversoens, assim pelo parentesco, e amizade, que conservaraõ sempre com Portugal, como pela razão do estado, e conveniencia propria, receando justamente, que se ElRey D. Philippe juntaße este Reino, suas Conquistas, e riquezas aos que dominava, cresceria tanto o seu poder, e grandeza, que nenhuma delles ficava seguro da sua ambição, que meditava o Imperio Supremo de toda Europa: Que entendessem, que materia tão grave, e tão importante a todos, não podiaõ, nem deviaõ decidilla os juizes particulares, que ElRey D. Henrique nomeara, e só pertencia aos Tres Estados unidos em Cortes, aconselhados assim dos Juizes, como das mais pessoas de letras, que houvesse no Reino, para que juntos deliberassem o que tocava a todos: e que assim deviaõ juntar-se, e tomar em congresso universal com maduro conselho, a deliberação mais justa, e util ao bem publico, resolução, que elle só desejava: protestando, que para este fim assistiria ás Cortes com todas suas forças, e authoridade, e da mesma sorte, que qualquer outro acordo, que se tomasse, ou assento, que se fizesse, dava por inválido, e de nenhum vigor, e que assim lhe não podia prejudicar a elle, nem á justiça da Duqueza sua mulher: o que a todos fazia manifesto, porque depois não recorressem á ignorancia: e que esperava em Deos, que pondo de parte paixoens, e interesses particulares, tratassem só do bem publico, e resolvessem com ponderação, e acordo o que julgassem mais conveniente, e acertado. Estas razõens do Duque

corro-



corroborou depois a noticia mais clara das leys de Lemgo, que a politica de Castella pretendeo tirar da publicidade dos livros impressos, porque nellas se achão razões muito mais claras, e mais forçosas das que elle offereceo aos Juizes, e Governadores; e feita esta diligencia, passou com a sua Casa a Portel, levando consigo seu filho o Duque D. Theodosio, que alcançou liberdade á instancia d'ElRey D. Philippe. Os Governadores vendo-se apertados das instancias de D. Antonio, e medrosos dos ameaços, que lhes fazia, e vendo tardar a Armada de Castella, que ElRey Catholico lhes promettera, se resolverão a passar de Setubal a Aya-Monte, lugar de Andaluzia; ou por temerem, que as pedras de Setubal, por haverem sido as primeiras, que se levantaraõ com o Dominio de Hespanha, se desuniram dos edificios para castigar a semrazão com que deliberavaõ sujeitallas; ou por querer Deos, que dessem sentença por ElRey D. Philippe na sua jurisdicção, para que do seu mesmo suborno sahisse cegamente mais este artigo á justiça da Casa de Bragarça.

Chegados a Aya-Monte Dom João Mascarenhas; Diogo Lopes de Sousa, e Francisco de Sá, ficando em Lisboa o Arcebispo D. Jorge de Almeida, e D. João Tello de Menezes; declararaõ a ElRey D. Philippe por Successor da Coroa de Portugal, dizendo, que lhe tocava, por ser Varão de boa linha, e de maior idade; e publicaraõ a sentença em Castro-Marim, ultimo lugar do Reino do Algarve fronteiro a Aya-Monte, de que o divide o Guadiana; e com tanto delacordo se governaraõ os Governadores, que até o tempo, que elegeraõ para pronunciar esta sentença, a fez desestimada do mesmo Principe; por quem a deraõ: porque havendo nesta occasião entrado ElRey D. Philippe com o Exercito em Portugal, e vendo, que só lhe custava a Conquista deste Reio os passos, que dava nelle, pizando sem contradicção a terra, que injustamente adquiria, fez pouco caso de sair a sentença a seu favor, que poucos dias antes com tanta vehemencia sollicitava: porque para conseguir a Conquista de Portugal, achava, que os seus Exercitos eraõ os melhores Juizes; e para dissimular com pretextos apparentes a sua

*Sentença dos  
Governadores a  
favor d'ElRey  
D. Philippe.*

### 30 PORTUGAL RESTAURADO,

sua pretensão, julgava Aya Monte por lugar muito suspeito, para justificar a sua causa: que assim costuma Deos castigar os animos ambiciosos, excusando se do agradecimento os mesmos que recebem injustos beneficios.

Em quanto succediaõ em Portugal as desgraças humas a outras, e se ateava cada vez mais a peste, foy chegando o Exercito de Castella a Badajoz, e nelle a ultima ruina do Reino, que maior gloria havia adquirido naquello seculo. Uniraõ se em Badajoz todas as Tropas, e compolto o Exercito marchou a Elvas sem opposição o Duque de Alva: abrião lhe nesta Cidade as portas, não havendo quem defendesse a entrada dellas. ElRey D. Filippe ficou com toda a Corte em Badajoz; porque nas maiores operaçoens sempre se inclinava o seu genio a obrar só com o entendimento. Havia passado ordens a todas as fronteiras de Portugal que ao mesmo tempo, que este Exercito, entrassem varios troços pelos lugares, com que confinavaõ. Foy diversaõ util para atemorizar os povos, e suspender os animos de alguns, que intentavaõ juntar-se em Lisboa com o Prior do Crato. O Duque de Alva passou com o Exercito de Elvas a Estremoz, e deste lugar a Setubal, fazendo marchar os soldados sem offender a disciplina, porque a sua severidade era mais propria para os exercicios Militares, que util para os politicos, como publicaraõ os grilhoens, que elle dizia trouxera arrastando para esta Conquista, lançados, como se entendeo, pelos infelices successos do governo politico de Flandes, ainda que se tomasse outro pretexto. Rendeo-se Setubal fazendo pouca resistencia, e o Duque deixando conquistada toda a Provincia de Alemtejo, e guardados alguns lugares della: embarcou o Exercito na Armada, que estava prevenida na Barra de Setubal: chegou nella a Cascaes, lugar contado de alguns pelo ultimo do Mundo, desembarcou sem resistencia todo o Exercito, e com verdadeira forma militar marchou na volta de Lisboa, distante de Cascaes cinco legoas. Caminhavaõ os soldados alegres, levando por objecto o despojo desta Cidade. Grande era a satisfação, que pretendiaõ de tão facil, e breve jornada; porém tinha esta confiança a desculpa de serem

*Junta-se em  
Badajoz o Ex-  
ercito, entra em  
Portugal sem  
resistencia.*

*Fica ElRey em  
Badajoz espe-  
rando successo.*

*Chega o Exer-  
cito a Setubal,  
governado pelo  
Duque de Alva.*

*Embarca-se na  
Armada, che-  
ga a Cascaes, e  
marcha a Lis-  
boa.*



ferem os mesmos, a que se deo o sacco da Cidade de Anvers, por castigo de se amotinarem em Flandes; desconcerto, que veio a ser hum dos motivos mais principaes da contumacia, e victorias dos Hollandezes. O Prior do Crato com o Sceptro sem segurança, e com a Coroa sem firmeza, desvanecido, e mal aconselhado aguardava em Lisboa o ataque de hum Exercito de vinte mil soldados velhos, governado pelo Duque de Alva, hum dos maiores Capitaens daquelle tempo, não se achando para a opposição mais, que com quatro mil soldados, que não mereciaõ este nome, sendo da qualidade, que fica referido, e sem outra noticia da arte militar, mais que aquella, que lhe ensinava D. Antonio, que a não sabia. Sahio elle a Belém, lugar pouco distante de Lisboa, tanto que recebeu avizo, que os Castelhanos chegavaõ. As primeiras tropas inimigas intimidaraõ de forte a gente, que levava comsigo, que desamparando-o, se retiraraõ á Cidade; seguio-os por força D. Antonio; e o Duque de Alva sem outra contradicção, alojou o Exercito com a frente na Ponte de Alcantara, occupando destramente todos os postos mais convenientes. O dia seguinte sahio D. Antonio a buscar na desesperação o ultimo remedio, que encontrou facilmente, não sendo para os desgraçados a fortuna nunca avara destes alivios; animou á empreza os que sem disposição; nem fórma levava ao precipicio, atacáraõ todos furiosamente aos Castelhanos, e todos foraõ ligeiramente rotos, não ficando a D. Antonio outra jaçtancia mais; que a que lhe concedeo o Duque de Alva, chamando a este successo victoria. Se o fabuloso utilizara, destreza foy fazer corpo onde não houve materia, que faltou, e faltará aos Castelhanos em todos os seculos, para celebrarem este titulo contra Portugal: e neste conhecimento não quiz a prudencia do Duque de Alva mallograr esta pequena occasião, entrando em Lisboa com triumpho, sem lograr a victoria. Foy recebido nella com lagrimas universaes, chorando huns os que levou a morte, outros o que roubavaõ os soldados, todos a liberdade, que perderaõ. Salvou-se D. Antonio, não podendo prevalecer ás diligencias dos Castelhanos, que o buscavaõ, contra a fi-

delidade

*Marcha D. Antonio a Belem, retira-se a Alcantara.*

*He desbaratado na Ponte.*

*Entra o Duque em Lisboa.*

*Salva-se D. Antonio, e rende-se os mais lugares do Reino.*

## 32 PORTUGAL RESTAURADO ;

*Chega a ElRey  
a nova deste  
sucesso.*

*Morre a Rai-  
nha de Castella  
D. Anna.*

*Dá audiencia  
ao Cardial Le-  
gado.*

*Entra em Elvas*

delidade dos Portuguezes , que o encobrião. A desgraça de Lisboa seguiu os mais lugares do Reino , competindo na brevidade de entregar-se ao Duque de Alva ; porque só quando os Portuguezes concorrerão todos a render-se , conseguirão os Castelhanos tujeitallos. Chegou a ElRey D. Philippe a nova de tanta felicidade a tempo , que hum perigoio catharro lhe havia polto a vida em duvida ; ( tão pequenos accidentes arruinão no Mundo as maiores fabricas ) porém o alvoroço parece , que foy remedio , porque convaleceo brevemente. Mas a Justiça Divina , que lhe permittio saude , não quiz dilatar lhe o castigo ; tal era a qualidade da culpa de usurpar injustamente o Reino á Duqueza de Bragança ! Adoeceo a Rainha D. Anna de Austria tua quarta mulher , e em breves dias acabou em Badajoz a vida com geral sentimento de seus vassallos , por ter ornada de muitas virtudes. ElRey receando a corrupção daquelles ares , mandou seus filhos para Madrid : e sem embargo da pena , e dos lutos , recebeu em publico o Cardial Riario , que veio da parte do Summo Pontifice a notificallo , que não entrasse em Portugal com armas , e d'elle consentimento a que elle fosse Arbitro das contendas. Havia o Cardial chegado á Corte muitos dias antes que o Exercito sahisse de Badajoz ; porém ElRey , tendo noticia da instrucção da Embaixada , lhe negou audiencia , esperando , que o Duque de Alva entrasse em Lisboa. Conseguido o intento , ouviu a proposta , mostrou-se muito obediente á Igreja , despedio o Cardial , e partio para Elvas.

A cinco de Dezembro do anno de 1581 entrou ElRey em Elvas , dia , em que não só passaraõ os infelices Portuguezes de filhos a vassallos , mas de vassallos a escravos , perdendo a liberdade , e a pureza dos costumes , em que permanecerão tantos seculos : porque entrou a ambição com as cadeas , e com os ferretes a lizonja , e de forte se revestiraõ de hum , e outro traje , que em poucos dias não pareciaõ forçados , cegamente persuadidos da destreza dos Castelhanos , que para os enganar mais facilmente cobriaõ com demonstraçoens de amizade animos de inimigos. ElRey fazia particular estudo de não

moí:



mostrar a estes novos vassallos differença alguma no trato daquelle que haviaõ tido dos antigos Reys de Portugal, porque suspiravaõ. Neste sentido recebia muito brandamente a todos os que vinhaõ beijar lhe a mão. Foy hum dos primeiros o Duque de Bragança, que de Portel passou com sua Casa a Villa-Boim, lugar seu, huma legoa de Elvas: entrou nesta Cidade com seu filho o Duque D. Theodosio, mostrando ao mundo o pouco que importaõ as leys, quando nos litigios os Juizes se deixaõ subornar, e a parte he hum Principe poderoso. ElRey os tratou com todas as demonstraçoens de affabilidade, e cortezia. No dia seguinte ao que chegáraõ a Elvas passou ElRey a Villa-Boim, a visitar a Duqueza D. Catharina, que beijando-lhe a mão, experimentou desvanecidas as justas esperanças que teve de reinar. Voltou ElRey no mesmo dia a Elvas, e brevemente partio a Thomar, para onde havia chamado Cortes. Por todos os lugares porque passava foy muito festejado, dourando os Portuguezes cegamente a pirola, que tomavaõ, e de que brevemente experimentaraõ o amargo interior. Celebraraõ se as Cortes em Thomar, e juraraõ a ElRey os Trez Estados do Reino. Foy o primeiro o Duque de Barcellos, o ultimo o Duque de Bragança seu Pay, o qual assistio com o Estoque, como Condestavel, ao acto das Cortes. Lançou-lhe ElRey em hum destes dias o Tuzão de ouro, parece, que só a fim de o prender com mais huma cadeia. Foraõ muitas as ceremonias deste acto, e grandes as demonstraçoens com que ElRey tratou ao Duque, e a seu filho. Sentiraõ muito os Grandes de Castella esta preferença: porém o animo d'ElRey, entranhado nas subtilidades da politica, não se deixou vencer das queixas dos Grandes, a que trazia taõ opprimidos, que eraõ os primeiros que sentiaõ a uniaõ de Portugal, por ser sagrado, de que se valiaõ nos successos de maior aperto. Conclui-raõ-se as Cortes, jurando primeiro os Trez Estados ao Principe D. Diogo primogenito d'ElRey Catholico, e jurando ElRey de guardar os fóros do Reino divididos em vinte e cinco Capítulos, que eraõ os mesmos; que ElRey D. Manoel havia promettido aos Portuguezes, quando

*O Duque de Bragança dá obediência a ElRey de Castella.*

*Visita ElRey a Duqueza.*

*Parte a Thomar aonde chamou as Cortes.*

*He jurado nas Cortes.*

*Lança o Tuzão ao Duque.*

### 34 PORTUGAL RESTAURADO,

passou a ser jurado por Príncipe de Castella, e Aragoã; por succeder nesta Coroa sua mulher a Rainha Dona Isabel, filha primeira dos Reys Catholicos.

*Capítulos, que  
El Rey jurou ao  
Reino.*

Era a substancia do que continhaõ os Capitulos: Conservar a Coroa de Portugal nas leys, estylos, liberdades, isençoens, moeda, Casa Real, e officios della, de que usavaõ os Principes naturaes do Reino, e que os officiaes serviriaõ aos Reys estando em Portugal. Excluiã aos estrangeiros das dignidades Ecclesiasticas, governos civis, Praças, Habitos, Cômendas Militares, Jurisdicções, Rendas, Titulos, Lugares, Senhorios, Doações, Privilegios, Presidios, Comércio, e trato das Conquistas; e finalmente de tudo o que tocava á Coroa de Portugal na paz, e na guerra, em que só entrariaõ privativamente os Portuguezes, admittindo aos estrangeiros, que tivessem servido esta Coroa em tempo dos seus Reys antigos: Que o Vice-Rey deste Reyno, não seria senão Pessoa Real, que fosse filho, irmaõ, ou tio d'El Rey; Que em qualquer parte, que El Rey estivesse, assistiria com elle certo numero de Pessoas, com titulo de Conselho de Portugal, e só por suas mãos correriaõ todos os despachos, e que estas se escreveriaõ em lingua Portugueza: E que os Portuguezes seriaõ admittidos, como os Castelhanos, aos Officios da Casa Real: Que as Cortes se não juntariaõ fóra do Reino, e que só nelle se poderia tratar materia, que lhe tocasse: Que do Summo Pontifice se não impetriaõ Bullas para levar terças, nem subsidios das Igrejas: Que vagando bens da Coroa, se não poderia applicar a ella, e só repartir-se pelos parentes da pessoa, por quem vagassem, ou por outras benemeritas: Que se acodiria ás Conquistas de Portugal com as Armas de toda a Monarquia, sendo necessarias: Que se abririaõ os portos secos, comerciando os mercadores sem pagar direitos: Que El Rey faria quanto lhe fosse possível, por assistir o mais do tempo em Portugal, e que o Príncipe se criaria neste Reino, para que cobrasse amor aos Portuguezes, e os estimasse conforme elles mereciaõ: E rematavaõ os Capitulos, dando a benção a seus descendentes, que religiosamente tratastem de observallos, e amaldiçoando os que



os alterassem. E que sendo caso que elle, ou seus succedores não guardassem tudo o promettido, e jurado, que os Trez Estados do Reino não seriaõ obrigados a estar pela concordia, e poderiaõ livremente negar-lhes sujeição, vassalagem, e obediencia, sem por este respeito incorrerem em crime de lesa Magestade, nem outro máo caso. Porem esta clausula, se a não imprimiraõ os Castelhanos, achate na ley Regia de Portugal, impressa em Madrid por João Salgado de Araujo Abbade de Pera; e justificasse por todos os manuscriptos daquelle tempo; sendo a destreza de recatalla a primeira demonitração do animo, com que foraõ jurados todos os capitulos, que tocavaõ em conveniencias de Portugal: e assim nenhum houve dos que Filippe II. firmou neste sentido, que elle (em parte), seu filho, e neto totalmente não rompessem, com que foraõ os mesmos Principes os que justificáraõ mais, que todas as leys, a resolução que os Portuguezes tomáraõ de se livrar de seu dominio.

Despedidas as Cortes, passou ElRey de Thomar a Almada, Villa que o Tejo, onde he mais estreito, divide de Lisboa: em Almada aguardou ElRey alguns dias as prevenções da entrada que havia de fazer em Lisboa. Entendeo-se que se detivera, esperando reduzir o Prior do Crato D. Antonio por meio do Duque de Medina Sidonia, com quem professara sempre estreita amizade: mas desvaneco-se esta negociação, e D. Antonio conseguiu salvar-se, passando em hum navio do Porto a França. ElRey entrou em Lisboa com apparato magnifico: porém mostrou a Cidade mais o seu poder que o seu affecto; porque se observou, que não houve voz alguma, que o acclamasse. Acabadas as festas, entraraõ as pretensões, a que ElRey deferio taõ estreitamente, que nenhum dos mais sollicitos em lhe entregar o Reino se achava, que não estivesse arrependido: porque como a ambição havia sido directora das acções destes animos, tanto que se não viraõ satisfeitos, logo deixaraõ de ser cegos. Pudera ser contado como effeito toda prudencia delRey D. Filippe, não premiar estes Vassallos, para dar exemplo aos muitos que dominava; mostrando que os

*Passa ElRey a Almada.*

*Passa D. Antonio a França. Entra ElRey em Lisboa.*

### 36 PORTUGAL RESTAURADO ;

Reys não devem pagar acçoens indignas, por não chegar a padecer o mesmo damno que fabricárao. Porém perturbou fazer-se este discurso a seu favor, a resposta que deo ao memorial offerecido pela Duqueza de Bragança: porque pedindo ella satisfação das promessas feitas pelo Duque de Ossuna a ElRey D. Henrique, assim de casar o Principe D. Diogo com hum a de suas filhas, como das outras mercês para a sua Casa acima referidas, remetteo ElRey o memorial ao Conselho de Estado, fiando-se na disposição dos Conselheiros, que tambem seriao ajudados das suas inspiraçoens. Votárao elles que se pagasse com algum dinheiro o prejuizo, que padecera a Casa de Bragança no sacco, que os Castelhanos derao ao Castelo de Villa Viçosa, em que perdeu hum grande thesouro; que prometteisse dotes ás filhas da Duqueza, e beneficios Ecclesiasticos a seus filhos segundos. Conformou-se ElRey facilmente com o Conselho de Estado, e occultou o Duque o despacho, por não mostrar ao Mundo mais esta offensa, quando só o soffrimento podia achar por desafogo. Mas como materias tão grandes não podem estar occultas, passando por tantas mãos, publicou-se esta, e castigou a censura do Mundo assim o desacereto delRey, como a lisonja dos Conselheiros de Estado; dando este remate á justa pretensão da Casa de Bragança, tendo só poder para lhe tirar as esperanças da Coroa a iniquidade dos animos, que vendêrao a ElRey de Castella a sua justiça, e o ambicioso animo com que ElRey, sem ter alguma, se fez senhor do Reino que lhe não pertencia: se bem ao passo das suas semrazoens experimentava ElRey os castigos do Ceo, porque quando tomou Lisboa vio morrer a Rainha sua mulher, e quando respondeo indignamente ao memorial da Duqueza de Bragança, lhe chegou avizo de Madrid da morte do Principe D. Diogo seu filho primogenito. Chamando Cortes a Lisboa, buscou o alivio de tão grande sentimento, fazendo jurar nellas por Successor de Portugal seu filho D. Philippe. Se Deos não fora mais poderoso, e tão incomprehenfivelmente justo, grande prudencia era buscar o remedio na causa do damno: porém hum Rey Catholico parece que estava obrigado, ven-

*Não admite o Duque os despachos delRey.*

*Morre o Principe D. Diogo, e jura-se em Cortes D. Philippe.*

do se



PARTE I. LIVRO I. 37

do-se foccorrido com estes auxilios; a depôr a contumacia desistindo da empreza, e não occasionar os estragos, e mortes, que depois succederaõ.

Achou-se nas Cortes o Duque de Bragança exercitando o Officio de Condestavel: acabadas ellas, se voltou para Villa-Viçosa, onde morreo dentro de poucos dias, não podendo o animo com o pezo de tantos infortunios. Foy o seu genio religioso, e a sua inclinação espiritual, disposição que o levou a attender menos, do que era necessario, á diligencia da sua pretensão; e aspirando religiosamente a maior Coroa, costumava dizer, que por não cair em huma culpa venial, deixaria perder o Imperio de todo o Mundo; virtude que inclue de sorte em si todas as outras, que basta para fazer immortal a sua memoria. El Rey Catholico, tanto que teve noticia da morte do Duque de Bragança, julgou que se lhe abríra o caminho de segurar a consciencia gravada com o pezo da justiça da Duqueza D. Catharina. Resolveo-se a tomalla por mulher, suppondo que ella não havia de pôr em duvida largar o direito da Coroa de Portugal pelo dominio da Monarquia de Hespanha; e que elle em se livrar de escrupulo de tantas consequencias, não conseguia pequeno dote; buscando todos os caminhos para ficar com o Reino sem escrupulo: porém nunca o escrupulo o fez largar o Reino. Tomada esta resolução, mandou por varias pessoas tentar o animo da Duqueza: acharaõ-a todas mais alheia desta pratica, do que imagináraõ. Applicou El Rey o ultimo esforço, e entregou a disposição do combate a D. Ignez de Noronha mulher de Vasco da Silveira, avô materna dos Condes de Unhaõ. Era dotada de muitas virtudes, que lhe grangeáraõ grande respeito, e authoridade na Corte: deo-lhe El Rey poder para usar de todos os caminhos suaves, e quando não bastassem, procurasse reduzir a Duqueza com ameaços. Passou D. Ignez a Villa-Viçosa, fallou á Duqueza, e dispoz com todo o artificio o seu intento. Entendeo logo a Duqueza o fim a que caminhavaõ os seus discursos, e desejou atalhallos, passando varias vezes a outras materias: porém vendo que D. Ignez se deliberára a lhe propôr as conveniencias, que lhe

*Morte do Duque  
que D. João.*

*Determina El Rey casar com  
a Duqueza.*

*Elege D. Ignez  
de Noronha para  
esta diligencia.*

## 38 PORTUGAL RESTAURADO,

*Generosa repoi-  
ta da Duqueza.*

resultavaõ desta , como ella chamava , grande fortuna insinuando-lhe juntamente os dânos , que lhe poderião resultar de resoluçãõ contraria. Respondeo com espirito Real , generosidade de Matrona Portugueza : *Que ella não havia de trocar as memorias do Duque D. João pela vaidade da Coroa de Hespanha , nem offender o direito de seu filho o Duque D. Theodosio por nenhum respeito humano , e que se este era o fim com que ElRey D. Philippe caminhava aquella pretençaõ , que errava , a seu parecer , o intento , por que seu filho não perdia o direito , que tinha á Coroa de Portugal , ainda que ella o renunciasse , nem ElRey se livrava de escrupulo , comprando o que lhe não podia vender : e que , quando estas razoes não bastassem para o dissuadir , que recolhendo-se em hum Convento atalbaria a sua determinaçãõ.* Não cabe em algum peito humano maior valor , nem maior constancia ! Voltou-se a Lisboa D. Ignez com a resposta , que admirou toda a prudencia d'ElRey D. Philippe : o qual vendo delvanecida esta idea , e conhecidas todas as disposicoens , que bastavaõ para lhe segurar a Coroa , depois de dous annos de assistencia em Portugal , determinou passar a Madrid , para dar calor a outros negocios da Monarquia , que pediaõ tratar-se de mais perto.

*Volta ElRey a  
Madrid.*

*Visita a Duqueza,  
que mostra  
a mesma constancia.*

Sahio de Lisboa , e passou a Villa Viçosa a visitar a Duqueza de Bragança : neste lugar se deteve trez dias , e em todos elles teve muitas horas de conferencia com a Duqueza , tentando todos os caminhos de alcançar della o direito , que tinha á Coroa : offereceo-lhe grandes , e varios partidos ; e a Duqueza não cedendo do valor referido , respondeu a ElRey : *Que se ella tinha justiça , que não podia desherdar seu filho de taõ generosa pretençaõ , e que se não-a tinha , que sua Magestade acharia nelle muito bom soldado.* ElRey dissuadido desta idea , passou a Villa Boim , e seguiu felicemente a jornada chegando a Madrid , onde foy recebido com geral contentamento de seus vassallos. Deixou por Governador de Portugal ao Cardial Alberto Arquiduque de Austria seu sobrinho , seu cunhado , e depois seu genro. Antes de tomar esta resoluçãõ teve intento , conforme se entendeu , de que ficasse governando este Reino a Imperatriz Maria , sua irmã , viu-

*Deixa o Car-  
dial Alberto  
com o governo  
de Portugal.*



PARTE I. LIVRO I. 39

viuva do Imperador Maximiliano, e mãy do Cardial Alberto. Estando em Thomar lhe escreveo, pedindo-lhe que passasse a Hespanha. Não dilatou ella fazer a jornada; chegou a Barcelona, e logo passou a Portugal, onde seu irmão estava, e com elle voltou para Castella, mostrando o effeito que mudára de opiniaõ. O Cardial tanto que começou a exercitar o dominio, mostrou logo o que os Portuguezes antes receavão, que as Cortes de Thomar foraõ só formalidade occasionada do receio. Começáraõ a quebrar-se as promessas, que ElRey com tantas ratificaçoens jurou em Thomar, e confirmou em Lisboa, guardando-se as Fortalezas com Infantaria Castelhana, freio que declarava a deliberação do jugo: Os negocios não se expediaõ como se havia prometido, esperando-se de Madrid a resolução das Consultas de importancia, entendendo-se, que todas se haviaõ de determinar em Lisboa: Os tributos dos portos seccoos não se levantáraõ: as forças maritimas se começáraõ a divertir para a jornada de Inglaterra, tirando-se do Reino gente, artilharia, muniçoens, e dinheiro em grande quantidade: Os officios de justiça não se davaõ em Lisboa, proviaõ-se em Madrid á custa dos cabedaes dos pretendentes: Os castigos dos que fallavaõ qualquer palavra contra o governo, e dos que não haviaõ servido ElRey na conquista do Reino, eraõ tantos, ainda que occultos, que se não perdoava nem aos Religiosos; porque aquelles a que a tyrannia suppunha delinquentes, eraõ arrebatados de improvisõ, e levados á Torre de San-Giaõ, donde os lançavaõ ao mar, que não querendo occultar tanto delicto, trazia os corpos ás redes dos pescadores, e retiravaõ-se dellas os peixes offendidos do insulto, recusando ser mantimentos de homens, que mudando as disposiçoens de Deos, lhes queriaõ dar homens por alimento; e foy necessario, que á instancia dos pescadores o Arcebispo de Lisboa fosse em procissão benzer o mar, profanado com tantos sacrilegios, para que elle (como succedeo) tornasse a pagar o tributo do peixe, que dantes costumava. Arzilla gloriosa Conquista delRey D. Affonso V., se entregou a ElRey de Marrocos, não bastando aos moradores prometterem defender-se dos

*Guarda-se em as Fortalezas com presidio Castelhano, e quebrantaõ-se os mais capitulos que se juraraõ nas Cortes.*

*Tyrannias dos Castelhanos.*

*Entrega-se Arzilla a ElRey de Marrocos.*

Mouros, sem outro soccorro mais que o de seus braços, dando ElRey D. Filippe esta praça, e nella muitos lugares conf. grados, só por divertir o emprestimo, que ElRey de Marrocos queria fazer ao Prior do Crato de duzentos mil Cruzados. Estas, e outras demonstraçoens accrescentárao de lórtre a afflicção nos animos de todos os Portuguezes, que muitos se sahiraõ do Reino, vendo que nelle não tinhaõ livres mais, que os olhos para ver o que padeciaõ, e chorar o que perderaõ: porém não faltavaõ outros a que não confundia o temor, e achando-se sem mais soccorro que o da esperança, recorriaõ ás profecias: e espalhavaõ-as pelo povo, para que estivesse sempre vivo o desejo da liberdade, até que o tempo offerecesse occasião de procuralla. Clamavaõ ao mesmo fim muitos Prégadores nos pulpitos, donde fallavaõ livremente, que confessava ElRey Catholico dar-lhe cuidado a guerra que lhe faziaõ; e ao passo deste receio os mandava castigar. Era hum dos mais resolutos o P. Luiz Alvares da Companhia de JESUS, Religiaõ em que esteve sempre viva a fé Portugueza. Prégando este Religioso na Capella a ElRey, estando ainda em Portugal, dia de S. Filippe Apostolo, tirou do mesmo Evangelho o Thema, e com grande vigor voltou para ElRey, e lho referio dizendo: *Philippe, qui videt me, videt & Patrem*. E ajustou ao Thema hum discurso eloquentissimo, mostrando que a representaçã era o direito, que preferia a todo o outro, e que aquelle que o offendia, tyrannizava a justiça. Bem conheceo ElRey, que falava a favor da Casa de Bragança, mas valeo-se da sua prudencia para o dissimular, e admirou ao auditorio tanta ousadia, attribuindo-a ás grandes letras, e virtudes do Prégador. Este mesmo virtuoso Varão pégando ao Cardial Alberto o Evangelho do paralytico, tomou por Thema, *Surge, tolle grabatum tuum, & ambula*. E voltando-se para o Cardial, lhe disse: Serenissimo Principe. querem dizer estas palavras, levantai-vos depressa, tomay o vosso fato, e ide para vossa casa. Alentavaõ-se com este pequeno desafogo os Portuguezes opprimidos com tanta multidaõ de pezares. O Cardial não teve no seu governo mais cuidado, que o in-

*Liberdade gene-  
rosa do P. Luiz  
Alvares.*



## PARTE I. LIVRO I.

41

o intempestivo assalto, que o Prior do Crato D: Antonio deo a Lisboa com huma Armada de Inglaterra, que a Rainha Isabel lhe permittio, persuadida da politica de meter a guerra em casa a ElRey Catholico, como elle havia feito pouco tempo antes. D. Antonio saltou em terra em Peniche, nobre Villa dos Condes de Atouguia, que dista doze leguas de Lisboa; caminhou a esta Cidade sem opposiçaõ, entrou o arrabalde della, e foy rebatido das antigas muralhas; não achando no Reino os parciaes, que suppunha, se tornou a embarcar sem outro effeito. Passou se segunda vez a França, e morreo em Pariz, cansado de procurar favores alheios, verdugo, que acaba muito depressa a vida; está sepultado na Igreja da Ave Maria, conservando na humildade da sepultura o titulo de Rey; que até as cinzas cobrem os homens com desvanecimento.

*Entra D. Antonio em Portugal com huma Armada Inglesa.*

*Morre em Pariz.*

ElRey D. Philippe em quanto viveo, depois de usurpar Portugal, que foraõ dezoito annos, sempre passou em continuo cuidado na pouca segurança com que dominava animos forçados, e bellicosos; e conforme o receio foraõ as cautellas, e as prevenções, até que os achaques, unindo se aos annos, lhe venceraõ o espirito, e com setenta e hum de idade acabou a vida no Escorial a 17 de Setembro do anno de 1598. Foraõ tantas as penas com que morreo, e taõ continuas, que parece aguardava o Tribunal Divino, que elle restituísse Portugal á Duquesa de Bragança; porém acabou sem esta satisfação, fiado, como se entende, na misericordia de Deos, que muitas vezes, querendo governalla afraqueza das nossas idéas, e utar della como nos convém, e não como somos obrigados, vimos a condemnar-nos pelos mesmos fundamentos, que nos facilitaõ a sentença. Foy ElRey D. Philippe, á custa da liberdade Portugueza, o primeiro Rey a que obedeceo toda a Monarquia de Hespanha, depois da sua destruição infelice. Logrou o titulo de Prudente, porque nos Principes, assim como ás virtudes, tambem aos vicios se chama politica: mas a politica não merece sempre o nome de prudencia, porque nem sempre alcança fundamentos virtuosos, e não pôde haver verdadeira pru-

*Morte d'ElRey D. Philippe II. e seu elogio.*

## 42 PORTUGAL RESTAURADO,

prudencia sem este alicerse. Cuidava muito do governo, conhecia os vassallos, premiava os mercimentos, ouvia a todos, e a todos respondia, não com generalidade, senão com resolução ás pretensões, de que mostrava ter inteira noticia; porém se accaso suspeitava, que para a conservação do Imperio era necessario cortar por muitas vidas, a nenhuma perdoava, ainda que as culpas não fossem muito manifestas, e os delinquentes fossem os mais chegados em sangue. Pretendeo dominar toda Europa, mais com as negociações, que com as armas; e aquellas a que deu exercicio, forão entregues a varios Capitaens, não seguindo o exemplo do Imperador seu pay, mais amante das victorias, que dos Reinos, por serem ganhadas pelo seu braço. Com o pretexto da Religião introduzio em França a guerra civil, e com iudustrias, promessas, ameaços, e Exercitos se fez senhor do Reino de Portugal, que lhe não tocava, Teve estatura pequena, presença veneravel, olhos grandes, e azuis, nariz bem proporcionado, beiços grossos, o debaixo caído, como da Casa de Austria, e todo junto era de aspecto verdadeiramente Real. Careceo do tentido do olfacto, e costumava dizer, que o não offendia, porque desfeituava as delicias. Aborreceo tanto deixar-se governar de feos validos, que antes de expirar, dizendo-lhe D. Christovão de Moura, que usasse do alivio de que deixava hum filho muito capaz do Imperio, lhe respondeo: *Ay D. Christovão, que temo, que o haão de governar!* Casou quatro vezes, a primeira com D. Maria filha de El Rey D. João III. de Portugal: a segunda com Maria Rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII., de que não teve succellaão: a terceira com Isabel, filha de Henrique II. Rey de França: a quarta com Anna filha do Imperador Maximiliano. Teve por filhos da primeira o Principe D. Carlos, que morreo prezo em hum quarto de Palacio: da terceira D. Isabel Condessa de Flandes, mulher do Arquiduque Alberto, e D. Catharina mulher de Carlos Manoel Duque de Saboia: da quarta D. Fernando, e D. Carlos Lourenço, que morreraão mininos, D. Diogo, que morreo jurado Principe de Portugal, D. Maria, que morreo minina; e D.



## PARTE I. LIVRO I. 43

e D. Filippe, que succedeo na Coroa de Portugal;

Morto ElRey D. Filippe, creſcêraõ as diſgra-  
ças de Portugal na ſegunda ſujeiçãõ de ſeu filho Filippe *Succede D. Fi-*  
III. de Caſtella, e contado por ſegundo de Portugal; *lippe III.*

porque naõ herdando de ſeu pay a prudencia, como os  
Reinos, governado pela ambiçãõ, e deſconcerto de ſeos  
validos, entrou, declarando com varias demonſtrações o  
intento de abater as forças deſte Reino por todos os cami-  
nhos, que miniſtravaõ os accidentes, e que arguíaõ os  
mal intencionados. Mandou levantar gente em Portugal

para Flandes, accreſcentando aos ſoldados as pagas, para  
que o intereſſe dellas os obrigaffe a deſpovoar o Reino,  
que determinava fazer Provincia: e paſſou tanto adian-  
te o odio, que teve á Nação Portugueza, e o deſejo de  
abatella, que ajuſtando no anno de 1609 a indecoroſa

tregoa com os Hollandezes, que o mundo ſoube, e todas  
as Naçoens murmuráraõ, capitulou, que ſe entendia com  
todos os Reinos, e Senhorios da Coroa de Caſtella deſta

parte da Linha, ficando com a guerra aberta da Linha pa-  
ra além, que ſão todas as Conquiſtas do Reino de Portu-  
gal: com que veio a entregar nas mãos dos Hereges a

maior parte das Conquiſtas glorioſamente compradas com  
o ſangue dos Portuguezes. A Mina, e Guiné experimen-  
táraõ primeiro eſta deſconcertada politica, deixando os

Caſtelhanos perder eſtas Conquiſtas, parece que taõ cla-  
ramente por ſua vontade, que a guerra de Guiné durou  
trez annos ſem conſeguir o mais leve ſoccorro. Padeceo a

India igual diſgraça, e naõ ſentio o Braſil menor damno.  
Os appreſtos das náos da India eraõ taõ dilatados, que ſe  
perdiaõ hora as monçoens, hora os navios; e as Frotaſ

do Braſil taõ pequenas, e mal apparelhadas, que ſó naõ  
animavaõ o noſſo poder, ſenaõ que caindo nas mãos dos  
inimigos lhes accreſcentavaõ as forças. Eſtes deſconcertos

prejudicáraõ igualmente a todos os Eſtados do Reino, e  
diminuiraõ de fórte os cabedaes dos particulares, que ſen-  
do a Praça de Lisboa huma das mais ricas do mundo,

vieraõ a extinguir ſe quaſi todas as correſpondencias dos  
homens de negocio. E finalmente procurava ElRey D.  
Filippe obſervar em Portugal o dictame de ſeu pay;

que

*Manda fazer,  
levas para  
Flandes.*

*Excluem ſe da  
tregoa de Hollã-  
da as Conquiſ-  
tas de Portu-  
gal.*

#### 44 PORTUGAL RESTAURADO;

que costumava dizer: Era melhor a hum Principe ser Senhor de hum Reino arruinado, e mal seguro, que florente, e poderoso com o perigo de inquietar-se.

*Entra ElRey  
em Lisboa.*

Passou ElRey a Portugal no principio do anno de 1619. Foy recebido em Lisboa com festas tão magnificas, que confessou, que só aquelle dia entendera, que era Rey. Este encarecimento levantou tantos ciumes nos corações de seos validos, senhores absolutos do seu alvedrio, que desluzirão com elle de sorte as acções dos Portuguezes, que dando mais credito aos ouvidos que aos olhos, trocou em odio de toda a Nação as primeiras apparencias de agrado. Apenas houve Portuguez de que se deixasse tratar (desprezo que a Nação Portugueza, criada nos braços dos antigos Reys, que teve, sentio como o maior agravo.) Deixese ver, e communicar o Principe, que for Senhor de Portugal, se, como as vidas, quizer dominar os alvedrios de seus vassallos. Faltou ElRey aos Portuguezes não só com o favor, mas com a justiça: porque negou quasi todas as mercês, que lhe pedirão, aos que as pretendião em satisfação de grandes serviços, e da mesma sorte os lugares, occupando nelles vassallos de Reinos diferentes. E como todo o intento d'ElRey era abater a grandeza de Portugal, os maiores golpes se encaminháão ao melhor alvo: mas dos tiros, e dos laços se soube desviar a prudencia do Duque de Bragança D. Theodosio, contra quem se armáão. Eram grandes, e diferentes os motivos de inveja, e de ciume, que dava a ElRey, e seos Ministros a sua grandeza. Consideravaõ a justiça com que aspirava á Coroa, o amor com que os Portuguezes lha offercêã, se acháão meios proporcionados para entregar-lha, e a differença, que fazia a todos os Grandes na magnificencia com que se tratava. O Duque de Uzeda, primeiro Ministro d'ElRey, fazia em Madrid ostentação da sua amizade: porém chegando a Elvas, e negando-lhe a Excelencia, que todos lhe tributavaõ, trocou em odio os primeiros affectos, e fez toda a diligencia por empenhar o Duque de Bragança em lance tão difficil, que o obrigasse, ou a cair em hum grande dezar, soffrendo-o, ou a padecer hum grande castigo, resistindo. Porem o Duque sem;

*Ciumes dos Castelhanos, da  
Caja de Bragança.*



sempre advertido , e sempre generoso , nunca encontrou  
 accidente , em que por nenhuma das partes perigasse , la-  
 bendo sair-se com maior credito de todos os enbaraços ,  
 que lhe dispuzeraõ. Teve ordem hum soldado da guarda, *Perigo do Du-*  
 para impedir-lhe a entrada de huma porta do Paço no dia, *que D. Theodo-*  
 em que se celebrava o Acto das Cortes , mostrando, que o *sio.*  
 desconhecia : disse-lhe o Duque com muita moderação :  
*Deixai-me entrar , que se não pôde fazer sem mim esta fe-*  
*sta.* Montando a cavallo , e seu fi ho o Duque de Barcel-  
 los D. João , ( que de poucos annos veio aprender a Lis-  
 boa as ceremonias com que se coroaão os Reys de Por-  
 tugal ) quando sahiaõ do Paço se travou huma penden-  
 cia entre os seos criados , que eraõ muitos , e os soldados  
 infantes de huma Companhia , que estava de guarda , e lhe  
 haviaõ tomado as armas : atreveo-se hum destes soldados  
 a meter o mosquete á cara contra o Duque , vio elle a re-  
 solução , e foy andando sem fazer caso della : prenderaõ  
 o soldado , quizerãõ , ou mostraraõ , que queriaõ enfor-  
 callo , perdoou lhe ElRey por intercessão do Duque. *Piedade com o*  
 Quando se partio para Villa-Viçosa acabadas as Cortes , *soldado, q' mais*  
 lhe disse ElRey , que pedisse mercês : respondeo-lhe ge- *o offendeo.*  
 nerosamente : *Seos Avós de Vossa Magestade , e os meus*  
*deraõ tanto á minha Casa , que a desobrigaraõ de ter que*  
*pedir.* Partio se , e deixou aos Castelhanos confusos , e *Volta a Villa*  
 admirados. Todas as Cortes a que assistio reclamou occul- *Viçosa.*  
 tamente , como consta de dous protestos , que se acharaõ  
 depois da sua morte ; porque em quanto viveo os não fiou  
 nem de seos filhos. ( Assim o ouvi muitas vezes referir a  
 ElRey D. João. ) Continhaõ elles estas palavras : *Protesto* *Protesto do Du-*  
*por diante de Deos como verdadeiro Juiz , e Senhor de to* *que.*  
*das as couzas , e tomo por Juiz desse meu caso , e por mi-*  
*nha Advogada a gloriosa Virgim Maria , e por testimu-*  
*nhas todos os Santos , de que tudo o que mandey fazer ,*  
*fiz , e dey consentimento sobre a corocção de Sua Mage-*  
*stade neste Reino de Portugal , digo , que não hey por va-*  
*lioso , por ser contra minha vontade . e medo cadente , in-*  
*constantem virum , & reclamo omni meliori modo , que en-*  
*direito houver lugar , e assim o revogo , e hey por revoga-*  
*do tudo o que em meu prejuizo se fizer , e de meos herde-*  
*ros*

## 46 PORTUGAL RESTAURADO,

ros daqui por diante, e declaro, que os juramentos não foram valiosos, por não ter vontade, nem tenção, e ser menor de idade de quatorze annos: e por firmeza disto fiz este por mim, e o assigney, e selley com o sinete de meu Escritorio a 15 de Outubro do anno 1592. e assignava-le. Dizia o segundo protetto: Torno a reclamar, e haver por nullo o que se fez nestas Cortes com meu consentimento, por ser levado de medo cadente in constantem virum; e revogo o que está feito até aqui em meu prejuizo, e na melior forma, que em direito houver, e invoco em meu favor a Santissima Virgem Maria, a São Bernardo, e ao Santo Condestavel, e tomo por minhas testemunhas a todos os Santos; e assim o protesto diante do verdadeiro Juiz, e declaro, que tudo isto he sobre o direito, que tenho á Coroa de Portugal. Assignava-le, e era justificado este protetto por Manoel de Oliveira Notario Apostolico. Destas diligencias, ainda que o Duque D. Theodosio não logrou em sua vida o fructo, conseguiu-o seu filho o Duque D. João, a quem consta disse no acto das Cortes, que não fizesse tenção de jurar. Pouco tempo antes que o Duque viesse ás Cortes falleceraõ sua Mãe a Duquesa D. Catharina, Matrona de tão excellentes virtudes, como temos referido, e sua mulher a Duquesa Dona Anna de Velasco filha do Condestavel de Castella. Viveo elle até o anno de 1630, em que acabou com opinão de singular virtude, primeiro fundamento da grandeza, e gloria esta: belecida em seu heroico Filho, e descendentes.

*Volta ElRey a Madrid, onde morre. Seu elogio.*

ElRey D. Filippe depois de assistir sete mezes violentado em Lisboa, se voltou para Madrid, não deixando em Portugal mais, que aggravos a huma Nação; a que nunca domou o máo trato. Pouco tempo depois de chegar a Madrid acabou a vida, não lhe durando mais, que até o ultimo de Março do anno de 1621. Era de 43 annos, e havia reinado vinte e douse meio: está enterado com seus payes no Mosteiro Real de São Lourenço do Escorial. Foy de estatura com mais proporção, que grandeza, branco, e louro, olhos azuis, beiços grossos, e aspecto magestoso. Venerava muito a Igreja, e era inclinado á misericordia; porém fez certo o vaticinio de seu



seu pay , entregando-se de sorte á vontade de seos validos , que elles forão os que reinaraõ absolutamente , taõ attentos aos interesses proprios , que occasionaraõ males grandissimos á Monarquia de Hespanha , os quaes poucas vezes chegavaõ á noticia d'ElRey ; tal era a desattenção com que se deixava governar. Casou com Dona Margarida de Austria , filha dos Arquiduques Carlos , e Maria ; morrendo ella , se entendeo , que vivera em perpetua continencia. Forão seos filhos D. Philippe , que succedeo no Sceptro , D. Anna Maria mulher d'ElRey de França Luiz XIII , Dona Maria , que casou com ElRey de Ungria , D. Carlos , D. Fernando , Dona Margarida , D. Affonso , que morreraõ sem successaõ.



THE HISTORY OF THE

REIGN OF CHARLES THE FIRST  
BY JOHN BURNET  
OF THE UNIVERSITY OF OXFORD  
IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND

IN TWO VOLUMES  
THE SECOND





# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO II.

## SUMMARIO.



*UCCEDÉ na Coroa de Portugal Filipe IV. Tumulto do povo pela opressão dos tributos. Perde-se a Bahia. Armada que se junta para a restaurar. Une-se em Cabo Verde com a de Castella. Chegaõ às Armadas á Bahia, sitiaõ a Cidade, que se entrega.*

*Declara ElRey por valido ao Conde Duque. Elege Diogo Soares, e Miguel de Vasconcellos Secretarios de Estado, aquelle em Madrid, este em Lisboa. Propoem-se á Nobreza novo tributo de quinhentos mil Cruzados; não se aceita. Depoem-se os Governadores por este respeito. Succede-lhe D. Diogo de Castro.*

Tom. I.

D

Elege

50 PORTUGAL RESTAURADO;

*Elege ElRey para governar o Reino a Duqueza de Mantua. Institue se em Madrid a Junta do desempenho. Mandaõ se executar os tributos. Altera-se o Povo de Evora, e socega se com o castigo de alguns delinquentes. Chamaõ se a Madrid varias pessoas principaes. Buscaõ se pretextos para tirar do Reino o Duque de Bragança, e a mais Nobreza. Elegem o Duque Capitão General do Reino: passa a Almada: visita a Duqueza de Mantua, e volta para Villa-Viçosa. Atera se Catalunha. Chama ElRey o Duque, e a Nobreza a Madrid com o fim de fazer Portugal Provincia. Resolve se a Nobreza a entregar a Coroa ao Duque de Bragança. Aceita a offerta, que lhe fizerão Acclama se ElRey felicemente em Lisboa, e em todo o Reino. Morre Miguel de Vasconcellos. Prendem a Duqueza. Entra ElRey em Lisboa.*

*Governo de Filipe IV.*

**S**uccedeo na Monarquia de Hespanha Filipe IV.; para Portugal terceiro. Entrou no Governo desem-  
bainhando sem dissimulação a espada contra este Reino, que experimentou na infelicidade daquelle Seculo, na mudança das Coroas, multiplicada a tyrannia. Sem chamar Cortes accrescentou os tributos em Portugal com tal excesso, que vieraõ a ser intoleraveis. Mandou lançar o real de agua em todo o Reino, dobrou as cizas, no fal se pozeraõ novas contribuições, accrescentaraõ-se os direitos nas caixas de assucar, mandou-se pagar meia nata de todos os Officios da Fazenda, e Justiça, de que se originaraõ roubos sem conto, e extorções sem medida. Passavaõ-se as Ordens em Castelhana, e a Bulla da Cruzada se alcançou perpetua, applicando-a a usos illicitos, quando o Summo Pontifice havia concedido o dinheiro, que resultava della, para conservação das Praças de Africa. Naõ eraõ os Ecclesiasticos menos gravados, que os seculares, pagavaõ subsidios, e mezadas, e os Breves, que se alcançavaõ para estas contribuições, narravaõ contra a verdade o consentimento geral do Reino;



PARTE I. LIVRO II. 51

no; porque os povos sempre reclamaraõ, e só obrigados da violencia obedeciaõ. Fez-se estante das mercadorias, e com titulo hora de emprestimo sem restituicão, hora de esmola sem mericimento, se levava o dinheiro para Castella. Recolhiaõ se da mesma sorte as rendas applicadas para resgate de Captivos, expondo-os a perderem huns a Fé na desesperaçã da liberdade, outros a esperança de conseguilla. A terça parte dos bens dos Conselhos, que os povos consignaraõ para reparo das Fortificações, levavaõ os Castelhanos; em que não só conseguiaõ mais este cabedal, mas juntamente a ruina das muralhas, que para abater de todo a confiança, e resolução dos Portuguezes, desejavaõ ver assoladas. Os Ministros Castelhanos, que assistiaõ em Lisboa, tambem lançavaõ tributos; foy hum delles mandarem, que os barcos não saíssem a peicar sem contribuir, tirando com mais certas redes, que as dos pescadores, o primeiro lanço, livres do perigo das tempestades. Exasperou este delconcerto de sorte os animos dos populares, que gritando liberdade, profanaraõ com pedradas as janelas do Paço; porém faltando-lhe a alma da Nobreza de que só se animaõ, socegaraõ o impulso, porque entregues naquelle tempo os de maior qualidade, huns ás esperanças do governo de Castella, outros á desconfiança de abatello, tratavaõ de servir sem contradicção, e de obedecer sem controversia. Esta disposiçã daquelles animos se justificou na competencia, com que todos se embarcaraõ para o Brasil a restaurar a Bahia de todos os Santos, amplissima enseada, e porto da Cidade de S. Salvador, que os Hollandezes sem resistencia haviaõ ganhado. Constatou-lhes do pouco, que os Castelhanos animavaõ esta Conquista, e o muito delcuido, com que os Portuguezes a guarneciaõ, tendo só por objecto os interesses do Commercio. Apparelharaõ nos portos de Hollanda hum Armada de vinte e cinco navios, que levava 3000 homens; entregaraõ-a a Joaõ Vandort, a quem deraõ por Almeirante Jacob Vilhebens; publicaraõ que a jornada era ás Indias Occidentaes. Sahio a Armada em Dezembro, e passada a Linha a seis grãos do Sul, abertas as instrucçoens acharaõ, que os mandavaõ hir sobre a

*Tumulto do povo pela oppressão dos tributos.*

32 PORTUGAL RESTAURADO,

Bahia, e interprender a Cidade de S. Salvador, Metrópoli de todo o Estado do Brasil, Provincia, que fica naquella vastissima parte do Mundo novo, que se chama America, ao Oriente della, e a respeito de nós-outros ao Occidente, muito maior, que toda Europa, e com 1200 leguas de costa de mar, agradável, e fertilissima. O sitio da Cidade he hum pouco elevado, e a povoação corre de Norte a Sul, em fórma prolongada. Entrou a Armada na Bahia, e bateo da Marinha o arrabalde. Era Governador daquelle Estado Diogo de Mendoça, que estava na Cidade; e seu filho Antonio de Mendoça defendia hum Forte ainda imperfeito, que se havia levantado dentro da agua defronte do arrabalde. A poucos golpes da artilharia o desamparou, deixando livre aos Hollandezes poderem lançar gente em terra, como logo executarão, desembarcando 1000 mosqueteiros, que sem resistencia se introduzirão no arrabalde chamado de S. Bento. Cerrou-se a noite, e desampararão os moradores a Cidade, de que os Hollandezes ao romper da Alva se fizeram senhores. Acharão o Governador em sua casa, della o levarão prezo para a Capitania, arrependido, como se deve entender, de não haver prevenido as disposições necessarias para a defenſa da Cidade, que puderaõ segurar-lhe a maior gloria.

*Perde-se a Bahia.*

Os moradores da Cidade sem mais attenção, que a salvar as vidas, se occultarão nos bosques vizinhos a ella, deixando os Templos expostos ás sacrilegas mãos dos Hereges; e as casas entregues á ambição dos inimigos. Só no Bispo D. Marcos Teixeira se achou valerosa resolução, e offerceo-se com os seus Clerigos em habito militar ao Governador para a defenſa da Cidade; não lhe admittio a proposta, e retirou-se a hum Aldea do Ceretao. Mathias de Albuquerque, de que se puderaõ esperar diferentes effeitos, estava governando Parnambuco, donde avizou a ElRey a perda da Bahia. Tanto que o avizo chegou a Madrid, escreveu ElRey da sua mão aos Governadores de Portugal, que eraõ naquelle tempo D. Diogo de Castro Conde de Basto, e D. Diogo da Silva Conde de Portalegre: encarecia-lhes o muito, que estima-



va o valor, e fidelidade Portugueza, e as finezas, que em correspondencia de seu amor esperava que obrassem em occasião tão grande, como a perda da Bahia. Era a causa destas demonstraçoens o perigo, que corriaõ os interesses das Indias Occidentaes, que se o damno fora só da Coroa de Portugal, pôde ter, que facilmente o dissimularão os Castelhanos. Vendo se os Portuguezes menos desprezados d'ElRey, mostraraõ o muito, que sabem obrar favorecidos. Juntou-se á nobreza de Lisboa quasi toda a que estava dividida pelo Reino, e a pouco custo da Fazenda Real se apparelharaõ em tres mezes 26 navios, que sahiraõ com as aguas do Tejo a buscar as do Oceano. Era General da Armada D. Manoel de Menezes valeroso, e pratico naquella profissão, Almirante D. Francisco de Almeida, e juntamente Mestre de Campo de hum de dous Terços em que se dividia a guarnição dos navios, do outro Terço era Mestre de Campo Antonio Moniz Barreto; e cada hum dos dous se compunha de 1900 Infantes. Tinha ordem de Madrid D. Manoel, para aguardar a Armada de Castella em Cabo-Verde, que executou com grande prejuizo pela corrupção daquelles ares. Em Fevereiro do anno de 1625 chegou a Armada de Castella a Cabo-Verde com 40 navios. Trazia por General D. Fradique de Toledo Marquez de Vualdoeza, hum dos Capitaens de maior estimação daquelle tempo, por Almirante D. João Faxardo de Guevara. Constava a guarnição de 8000 homens entre soldados, e marinheiros: os soldados divididos em tres Troços, dous de Hespanhoes, e hum de Italianos, de que eraõ Mestres de Campo D. Pedro Oforio, D. João de Orelhana, e o Marquez de Torrecusla. De Cabo-Verde sahiraõ as Armadas na volta da Bahia, aonde entraraõ Sexta feira da Somana Santa. O tempo que se dilatou este soccorro havia feito guerra aos Hollandezes o Bispo D. Marcos Teixeira com a gente, que pode juntar: morreo quando dava maior calor ás empresas. Succedeo-lhe Francisco Nunes Marinho, até que chegou do Reino D. Francisco de Moura, nomeado por ElRey Governador daquelle Estado, que com alguma gente, que trouxe consigo, que achou junta, ganhou aos Hollandezes os arrabaldes

*Armada para a restauração da Bahia.*

*Fôta-se em Cabo-Verde a Armada de Castella.*

*Entraõ na Bahia.*

do Carmo, e S. Bento: mas com pouco damno da Cidade, porque estava bem fortificada, e no porto ancoravaõ 26 navios: a guarnição constava de 3000 homens de varias naçoens, e a Cidade estava prevenida com todos os mantimentos, e munições necessarias para largo sitio. Tanto que as Armadas chegaraõ ao porto, saltaraõ em terra 4000 homens á ordem do Marquez de Corpani Pedro Ruiz de S. Estevaõ: deo-lhe calor D. Fradique de Toledo com o resto da Infantaria, e huns, e outros desembarcaraõ sem opposição. Na Armada ficou D. Manoel de Menezes, que a dispoz em huma meia Lua por evitar a fugida aos navios de Hollanda. D. Fradique tomou posto, aquarteiou-se, levantou trincheiras, e começou logo a dispôr as baterias. Fizeraõ os inimigos huma sahida com 300 homens, que custou a vida a 50 das tres Naçoens; porém plantada a artilharia, e encaminhadas as balas ás defensas de maior importancia, foy taõ consideravel a ruina, que tomou posse o temor dos corações dos defensores, fomentando-o o damno, que D. Manoel de Menezes fazia assim nos navios, que estavaõ ancorados, como na gente, que andava na marinha. Sustentavaõ-se os sitiados nas esperanças de hum soccorro, que aguardavaõ de Hollanda; porém não chegando, tenaõ depois de rendida a Cidade, para ter mais testemunhas a desgraça, que padeceraõ, trahiraõ os defensores de entregalla; e porque o Governador contradizia aquella deliberação, se amotináraõ, e entendendo os soldados, que por não fugirem queria o Governador mandar-lhes queimar a Armada, antes que elle tomasse esta generosa resolução entregáraõ a Cidade á mercê dos vencedores, depois de trinta dias de sitio. Entráraõ nella os Castelhanos, Portuguezes, e Italianos, e usáraõ da victoria ainda com mais ambição, que os Holandezes, saqueando, e destruindo os edificios da Cidade com tanto excesso, que não contou por menores inimigos os que a renderaõ, que os que a restauraraõ. As Armadas com os prisioneiros, e com o despojo se partiraõ da Bahia, e castigando Deos com varias tormentas a impiedade usada na Cidade, chegáraõ com consideravel perda de navios, e gente a ancorar nos seus portos. ElRey D. Philippe



pe em satisfação desta jornada fez mercê a todos os fidalgos Portuguezes, que forão nella, de huma vida mais nos bens da Coroa, Ordens que logravaõ, e parece que antevendo havia de ter effeito esta mercê debaixo de outro dominio, quiz á custa alheia pagar tantas finezas: porém não se pôde negar que foy esta mercê muito consideravel, comprehendendo a quasi todas as pessoas principaes, que forão á jornada da Bahia, e resultando della a muitas grandissima utilidade.

Não durou muito esta fortuna da restauração da Bahia, sem que Portugal padecesse igual desgraça na perda de Parnambuco: porque os Hollandezes que ou na guerra, ou na paz de Castella tiverão sempre por objecto dos seus interesses as Conquistas de Portugal, tratadas como fazenda alheia todo o tempo que durou o dominio daquella Monarquia, havendo restaurado no anno de 1628 a Companhia Occidental a despeza da guerra antecedente com a preza que fez Pedro Moino Cabo de huma Esquadra da mesma Companhia na frota da nova Hespanha, que se estimou em Hollanda em nove milhoens, determináraõ empregar este cabedal em maiores interesses. Depois de varios discursos concordáraõ que a mais util empresa era tornar ao intento da conquista do Brasil, Imperio quasi igual a toda Europa. Que a guerra devia começar em Parnambuco, para a empresa a mais facil, e para a Companhia a mais util. A mais facil pela debilidade das Fortificaçoens do Recife, e Villa de Olinda, (lugares situados na distancia de huma legoa) e pelo descuido dos Portuguezes, a quem o parocismo da larga servidaõ havia suffocado o alento, e entorpecido os braços. A mais util por comprehender Parnambuco só pela Costa 60 legoas de longitud, começando em sette grãos, e dous terços Austraes na Ria de Santa Cruz, que faz a Ilha de Itamaracá, e acabando no Rio de S. Francisco, que está em dez grãos, e meio, comprehendendo este districto mais de cem Ingenhos que fabricaõ o assucar, que tiraõ de muitos canavéaes, quantidade de páo que chamaõ Brasil, genero de grande importancia, muito tabaco, algodão, gengibre, e outras drogas. Que na felicidade de con-

## 56 PORTUGAL RESTAURADO,

seguir esta empresa consistia a facilidade de passar á da Bahia, e que na Conquista destas duas Praças se cifrava a de todo o Imperio do Brasil, o qual ganhado era a estrada, que facilitava o dominio das Indias Occidentaes, de que poderião aos Estados de Hollanda resultar as consequencias, que com pouco trabalho do discurio se faziaõ patentes na qualidade da empresa. Abraçáraõ os Estados da Companhia Occidental estas razoes, e brevemente passando-se do Conselho á execuçaõ, deo á vela huma Armada de 70 navios, em que hiaõ embarcados treze mil homens, outo mil de guerra, os mais applicados á navegacão. Era seu General Henrique Lonc, Almirante Rodrigo Simon, e General da Infantaria para saltar em terra Theodoro Banduat Demburg. Chegou este avizo a Madrid, e achando-se naquella Corte Mathias de Albuquerque, que havia pouco tempo antes governado o Brasil, pareceo aos Ministros delRey de Castella o fogeito mais capaz de se lhe fiar esta empresa: porque além do seu valor, e largas experiencias, era Parnambuco de seu Irmão mais velho Duarte de Albuquerque Coelho. Propoz-se-lhe a commissaõ, aceitou-a, e partio da Corte com largas ordens para que se lhe desse toda a infantaria, e prevençaõ necessaria: porém chegando a Lisboa, naõ lhe valendo varias diligencias, nem requerer como proprio o negocio publico, veio só a conseguir trez caravelas com pouca gente, e algumas muniçoens. Embarcou-se para Parnambuco, protestando aos Ministros a perda, e dño que succedesse, diligencia inutil na felicidade, e na desgraça dos que tomaõ por sua conta grandes empresas: porque se se lograõ, naõ serve, e se naõ conseguem, naõ val. Sahio Mathias de Albuquerque de Lisboa a 12 de Agosto do anno de 1629., e chegou ao porto do Recife a 18. de Outubro, governando neste tempo o Brasil Diogo Luiz de Oliveira, dominio de que hia isento Mathias de Albuquerque em tudo o que tocava ao manejo das armas de Parnambuco. Logo que chegou ao Recife saltou em terra, e sem perder tempo visitou os Presídios, reconheceo as Fortalezas, e tudo achou taõ diminuido, e desmantelado, que se arrependéra do Posto que aceitara, se naõ



se não fora maior o seu animo, que todas as difficuldades. Dispoz tudo o que julgou util para a defenſa: porém como havia de animar 60 leguas de Coſta, em que ſe contavaõ 26 portos capazes de deſembarcarem nelles os Hol-landezes, e a gente era pouca, e mal diſciplinada, não foy poſſivel, que o effeito correſpondesse á diligencia. A 14 de Fevereiro do anno de 1630 appareceraõ 67 velas da Armada inimiga. O dia ſeguinte fazendo ponta a diferentes partes nas quatro leguas que ha de diſtancia entre a barra do Recife, e o porto do Páo Amarello, veio a deſembarcar neste ſitio Theodoro Vanduar Demburg com quatro mil homens. Não podendo Mathias de Albuquerque impedir aos Hollandezes tomar terra, ſe lhe oppoz na paſſagem do rio Doce, e defendendo-a com grande valor largo eſpaço, como era tão ſuperior o poder dos Hollandezes, facilitáraõ toda a difficuldade. E havendo neste tempo os outros navios lançado a gente em terra, que eſtava ſenhora da Villa de Olinda, acodio Mathias de Albuquerque a defender o Recife: porém não tolerando o medo dos moradores alguma obediencia, foraõ deſamparando os poſtos, e tratando de ſalvar nos matos o mais precioſo das fazendas. E como nas ſuas peſſoas conſiſtia a maior força da Praça, vendo Mathias de Albuquerque impoſſivel a defenſa della, mandou atear o fogo em tantas partes, que brevemente lhe ſerviraõ de alimento mais de quatro milhoens, e em pouco eſpaço fez a maior guerra que era poſſivel aos ambicioſos mercadores que o mandavaõ conquistar.

Paſſou Mathias de Albuquerque o rio Bebirive; e alojou ſe com alguma gente em huma caſa, chamada da Aſleca, tiro de moſquete do Forte de S. Jorge, que ainda ſe conſervava, e juntamente o de S. Francisco. Eſtava eſte levantado ſobre o mar no ultimo extremo da corda do Recife, que rematando neste ponto, dá lugar a que a barra faça o porto tractavel, muito accommodado para ſurgirem nelle navios pequenos. O Forte de S. Jorge era de fabrica antiga mais capaz de reſiſtir ás frechas dos Indios, que ás balas dos Hollandezes: levantava ſe entre o mar, e o rio Bebirive, e por huma lingua de arêa de

## 58 PORTUGAL RESTAURADO,

de 200 passos se communicava com a Villa de Olinda. Ganharão os Hollandezes estes dous Fortes, e a povoação do Recife, e Mathias de Albuquerque com animo intrepido levantou hum Forte em huma eminencia, huma legua distante das fortificações do inimigo. Chamou-lhe Bom JESUS, aquartelou-se junto a elle, e defendeo-se neste sitio largo tempo com grandes incommodidades, e insigne constancia. Os Hollandezes tambem trataraõ logo de tortificar o Recife, e Ilha de Santo Antonio, que ficava hum tiro de arcabuz da Barreta dos affogados. O rio deste nome, e o Capivaribe corriaõ pelos dous lados. Forão muitos os successos que acontecerão seis annos que se pleitearaõ os postos de Parnambuco, e grande o valor dos que rompendo por muitas difficuldades resistiraõ ao grande poder dos Hollandezes. Mandou ElRey de Castella soccorrer por D. Antonio de Oquendo a Mathias de Albuquerque com 700 homens, algumas munições, e artilharia. D. Antonio depois de pelejar com Adriaõ Patre General dos Hollandezes, e lhe meter a pique a Capitania, naõ sem grande estrago dos seus navios, lançou a Infantaria em terra, governada pelo Conde de Bañolo Italiano. Acompanhava-o Duarte de Albuquerque Coelho Senhor de Parnambuco. Os Hollandezes intentaraõ ganhar a Paraiba, Cidade de quinhentos vizinhos, que toma o nome do rio que a rega, e fica em 6 grãos e dous terços da Equinoccial para o Sul. Naõ o conseguiraõ, e retiraraõ-se com grande perda. Forão ganhando pouco e pouco o mais, e ultimamente tudo, ajudados dos Indios, que com arte contrastaraõ. Durou o Governo de Mathias de Albuquerque até o mez de Julho do anno de 1635, tempo, em que (depois de perdida a Paraiba, Porto Calvo, Rio Grande, e quasi tudo o mais que tinhamos em Parnambuco) ganharaõ os Hollandezes o Forte de Nazareth, e Cabo de Santo Agostinho. Retirou-se Mathias de Albuquerque com pouca gente, e muita gloria, rompendo na marcha duas vezes aos inimigos. Foy encorporar-se com o Conde de Bañolo, que depois de perdido o Porto Calvo se havia retirado a hum posto, chamado das Lagôas, 19 legoas de Porto Calvo, intentando fortificar-se em dous sitios,



fitios; que segurassem tres portos, que havia entre elles, em que pudessem desembarcar os soccorros, que se esperavao de Portugal, e Castella.

Neste tempo tinha sahido de Lisboa huma Armada, composta de duas Esquadras de 30 navios, governadas a de Portugal por D. Rodrigo Lobo, a de Castella por D. Lopo de Hoses e Córdova. Hia embarcado na Capitania de Portugal Pedro da Silva, para succeder no Governo do Brasil a Diogo Luiz de Oliveira, e na de Castella D. Luiz de Roxas e Borja, para render em Parnambuco a Mathias de Albuquerque. Levava titulo de Mestre de Campo General o Marquez de Velada, que estava nomeado por Capitão General daquella guerra. As Armadas avistaraõ o Recife; e acharaõ os Hollandezes taõ desappercebidos, que se o General de Castella se resolvesse, como D. Rodrigo Lobo, e os mais lhe aconselharaõ, facilmente pudera, ganhando o Recife, desvanecer todo o dispendio, trabalho que os Hollandezes haviaõ feito nesta guerra. Correrãõ as Armadas com os Nordeste; e deraõ fundo no porto defronte das Lagoas, deitaraõ o soccorro em terra contra o parecer de todos os que estavaõ aquartelados nellas, por servir no estado em que se achavaõ, e na grande falta de mantimentos, que padeciaõ, mais de embaraço, que de remedio. Passaraõ as Armadas à Bahia, e a mesma jornada fez por terra Mathias de Albuquerque. Ficou seu irmão Duarte de Albuquerque com titulo de Governador de Parnambuco, que estava perdido, e o Conde de Bañolo com Patente de General da Cavallaria, sem haver Tropa alguma, que governasse. D. Luiz de Roxas com mais valor, que experiencia daquella guerra, determinou buscar os Hollandezes da guarnição do Porto Calvo. Eraõ seis centos, tiveraõ avizo anticipado, retiraraõ-se sem receber damno, e deixaraõ desembaraçado aquelle posto. Marchavaõ a soccorrellos mil e quinhentos, que assistiaõ na guarnição de Peripoeira, encontraraõ-se com D. Luiz, derrotaraõ-o, pelejando valerosamente, e acabou a vida na contenda. Succedeo-lhe o Conde de Bañolo, aberta huma Ordem d'El-Rey, que D. Luiz de Roxas havia trazido cerrada. Do fim

## 60 PORTUGAL RESTAURADO;

tio das Lagoas em que assitia o Conde passou a Porto  
 Calvo, augmentou as Fortificaçoens naquelle posto, e  
 com varias entradas pelo Certoão fez grande dâno aos  
 Hollandezes. Recuperou a perda Jozê Mauricio Conde de  
 Nazáu, filho terceiro de Joaõ Conde de Nazáu, e Direm-  
 burg, e de sua segunda mulher Margarida Princeza de Al-  
 asia. Chegou ao Recife com 2700. infantess, e Patente  
 de Capitaõ General da Conquista do Brasil. Informado dos  
 maõs successos da campanha, e da difficuldade por este  
 despeito de se tirar della a utilidade do assucar, que os da  
 Companhia pretendiaõ, sahio em campanha com cinco  
 mil infantess, e veio bulcar o Conde de Bañolo a Porto  
 Calvo. Havia elle occupado muitos postos com pouca  
 gente, e começando a perder os de menos importancia,  
 veio a largar todos, e retirou-se para o quartel das La-  
 goas: mas parecendo-lhe pouco seguro, marchou para o  
 Rio de S. Francisco ultimo termo de Parnambuco. Nes-  
 te sitio, que pudera conservar facilmente por ser muito  
 defensavel, o buscáraõ os Hollandezes: largou-o sem re-  
 sistencia, e retirou-se á Cidade de Segeripe d'ElRey, vin-  
 te e cinco legoas distante do Rio de S. Francisco, e ses-  
 senta da Bahia. Naõ permittio o Conde de Nazáu, que  
 descansasse muitos dias em Segeripe; resolveu-se a desa-  
 lojallo por ficar mais desembaraçada a campanha de Par-  
 nambuco, sem reparar que era maior inconveniente obri-  
 galo a se retirar á Bahia com taõ bons soldados, e em que  
 accrescentava a guarnição á Praça principal que determi-  
 nava sitiá, de que dependia quasi todo o Senhorio do Bra-  
 sil. Teve anticipada noticia o Conde de Bañolo da marcha  
 do Conde de Nazáu: retirou-se com tempo de Segeripe  
 para a Bahia, acompanhado de todos os soldados, e mo-  
 radores que se achavaõ naquelle districto. Naõ estimou  
 Pedro da Silva, Governador daquelle Estado, no princi-  
 pio a sua vizinhança pelas duvidas que se podiaõ offere-  
 cer no governo; porque a Patente do Conde de Bañolo naõ  
 era subordinada á sua jurisdicção: porém depressa estimou  
 tanto unir-se com elle, que quasi lhe veio a largar todo  
 o Governo no sitio da Bahia, que brevemente succedeo.  
 porque o Conde de Nazáu, animado com os bons succes-



ios de Parnambuco, intentou ganhar a Bahia; e veio sítiala com 40. navios, em que trazia 5500. infantes, dous mil maricheiros, todos os instrumentos necessarios para a expugnação da Praça, e chegou á Bahia a 14. de Abril do anno de 1638. Foy grande a confusão dos que não receavão este dâno, porque lhes não convinha padecello; causa ordinaria das maiores ruinas do mundo. Os Hollandezes desembarcárao sem opposição, mas procedendo com mais demóra do que lhes convinha, derao tempo a que os sitiados, ensinados do perigo, tratassem da defensão. Fortificou se a Cidade, guarnecerao-se os postos importantes, e segurarão-se as obras exteriores. Atacou algumas o inimigo, e ultimamente, depois de quarenta dias de sitio, se retirou o Conde de Nazáu, havendo perdido muita parte da gente que levava. Procedeo o Conde de Bañolo com grande sciencia, e valor neste sitio, e acreditou Pedro da Silva na Fortaleza do animo a alcunha de Duro, com que se distinguio de outro do seu nome. O Conde Nazáu voltou para o Recife, e tratando só do Governo politico fabricou na Ilha de Santo Antonio huma Cidade, a que chamou Mauricea, que intentou communicar com o Recife por huma ponte, a que deo principio, sobre o rio Capibarive, que corria entre huma, e outra Povoação.

No fim deste anno de 38 sahio de Lisboa a Armada, tantas vezes promettida, e em taó conhecido prejuizo dilatada, para a restauração de Parnambuco. Era Capitão General della o Conde da Torre D. Fernando Mascarenhas, e levava Patente de Governador do Brasil; e por General desta Armada hia Francisco de Mello de Castro, que morreo em Cabo Verde: e com galharda resolução, em quanto foy vivo, não quiz abater a bandeira da Capitania de Portugal á Capitania de Castella. A vaidade de Miguel de Vasconcellos, e a lisonja de outros Ministros fez dar esta Armada á vela antes de chegar a Castelhana, com que se havia de encorporar: porque desejando mostra-se mais activos, e diligentes com El Rey de Castella, sem embargo dos protestos que fizeram os mais intelligentes, ordenarão ao Conde da Torre, que em Cabo Verde aguardasse aos Castelhanos, sem repararem

pararem nas infirmitades a que expunhaõ os Portuguezes. Chegou a Armada a Cabo Verde, e depois de mortos mais de mil homens se encorporaõ com ella os Castelhanos. Deraõ á vela as duas Armadas unidas, avistáraõ Parnambuco, e entendeo-se, que, se lançaõ logo gente em terra, effeituariaõ a pouco custo o intento de ganhar o Recife, que levavaõ premeditado, segundo a delatençaõ com que acháraõ os Hollandezes. Passou a Armada á Bahia; e dilatou se naquella barra tanto tempo, que o tiveraõ os Hollandezes de se prevenir. Quando se fez a vela para Parnambuco, e achou opposta a Armada de Hollanda, e pelejou com ella o Conde da Torre com pouco dãno de ambas as partes. Depois de se dividirem, mandou o Conde lançar em hum porto, chamado do Touro, pouco distante do Recife, mil soldados que governava o Mestre de Campo Luiz Barbalho. Parece que era o intento ganhar polto para desembarcar a mais gente da Armada, porque navegando, como succedeo, para as Indias de Castella, era pouco este cabedal para taõ dilatada conquista. Vendo Luiz Barbalho que, partida a Armada, lhe naõ ficava outro soccorro mais que o da sua industria, animado do seu valor, e da fortaleza invencivel dos seus soldados, se resolveo a superar inconvenientes quasi invenciveis. Abrio caminho pelo Certaõ, rompeo quarteis de Hollandezes, venceo muitas emboscadas, vadeou grandes rios, soffreo fõmes, e continuos assaltos, e conseguiu valerosamente, depois de taõ larga jornada, chegar a Bahia com a maior parte da gente com que sahio de Parnambuco. Ficou governando o Brasil o Conde de Obidos, que exercitava o posto de General da Artilharia, em quanto naõ chegou áquelle Estado o Vice Rey D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ. Fez aos Hollandezes em Parnambuco guerra lenta, e sensivel, mandando-lhe continuamente queimar os fructos da Campanha, para que a Companhia Occidental perdeado os interesses, e enfraquecidos os cabedaes, diminuido o poder, ficasse mais facil a restauraçaõ daquella Provincia. Mas todas estas idéas se desvanecerãõ com a felice restituicaõ da Coroa de Portugal a seu legitimo Senhor, que succedeo no Governo do Marquez



quez de Montalvão, como em seu lugar diremos.

Passado o primeiro favor deste obsequio dos Portuguezes, tornaraõ os Ministros Castelhanos a excogitar novas traças de tyrannizallos. Dava com toda a vehemencia calor a esta deformada empresa D. Gaspar de Gutmaõ Conde Duque de Olivares, a quem havia entregue o descauido d'ElRey D. Philippe o pezo do Governo da Monarquia; era entendido, sagaz, eloquente, e resolutivo, tinha por ley a politica, e por doutrina a conservação da fortuna, que lograva, ainda que fosse por meios diabolicos. (suspeita, que padeceo a sua opiniaõ.) Governava a Monarquia sem respeitar a estas vozes, tão absolutamente, que não conheceo Hespanha em outro Ministro igual poder, ainda recorrendo aos seculos passados. O desvanecimento da grandeza lhe alterava de sorte o animo, que passava a pretender dos homens não só obsequios, senão idolatrias, proprias influencias dos espiritos com que tratava, se acaso era certa a opiniaõ, que corria. Achan-do este desordenado intento o maior obstaculo em muitos Portuguezes, em quem costuma imperar o brio isento da fortuna, gerou no seu desconcertado animo esta generosa resolução hum odio implacavel contra toda a Nação Portuguesa. Descobrio a sua paixãõ, ou a sua desgraça, proprio Ministro da vingança, em Diogo Soares Elcristão do Conselho da Fazenda em Lisboa, o qual tratado em Madrid pelo Conde Duque, conhecendo o sagaz para enganar, humilde para obedecer, e malicioso para inventar tyrannias contra a sua Patria, lhe deu a occupação de Secretario de Estado de Portugal, residindo em Madrid, e por seu correspondente com a mesma occupação de Secretario de Estado em Lisboa, a seu sogro, e cunhado Miguel de Vasconcellos, filho de Pedro Barbosa; sendo este tão aborrecido do Povo de Lisboa por constar, que dava arbitrios a Castella, que lhe apedrejarão a casa, e rompendo-lhe as portas salvou a vida fugindo, que veio a perder dentro de poucos dias, não constando atégora quem fosse o matador. Era Miguel de Vasconcellos fuberbo, e aspero no trato, inimigo da Nobreza, e perseguidor dos iguaes, e inferiores; e era de sorte

*Noticia do Conde de Duque.*

*Elege Diogo Soares Secretario de Estado em Madrid; em Lisboa Miguel de Vasconcellos.*

## 64 PORTUGAL RESTAURADO ;

forte o imperio com que mandava , e tão promptas as execuçoens que fazia , que constituido tyrão da Republica , até as ordens supremas d'ElRey desprezava , fazendo só obedecer as que lhe eraõ convenientes. Entre todas estas tyrannias fluctuava Portugal , não achando mais remedio nos males que padecia , do que as queixas occultas de alguns zelosos , e amantes da Patria , que nem do ar fiavaõ os suspiros , receando o castigo , para que nem este desafogo tivesse a enfermidade. Aquelles a que tocava a occupação de Vice-Reys , ou de Governadores , a qual era dispensada por trez annos , hora a hum só , hora a dous com igual poder ; compravaõ os mais delles com danos da República os interesses das suas cascas ; e os mais attentos a esta desigualdade costumavaõ a ser os escolhidos para o governo. Havia entrado nelle D. Antonio de Ataide Conde de Castro de Ayro , e Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys , quando chegou de Castella hum Decreto d'ElRey , o qual continha , que se juntassem os Trez Estados da Cidade para se lhes communicar hum negocio de grande importancia. Obedeceraõ todos , e juntáraõ se na Igreja de Santo Antonio , presente D. Luiz de Souza Conde do Prado , que assistia ao tomar dos votos , propoz a Ordem d'ElRey , que era pedir quinhentos mil Cruzados ao Reino cada anno , fazendo-lhe mercê de o deixar eleger a qualidade dos effeitos , e a fórma da contribuição. Irritáraõ-se os animos de todos os que ouviraõ esta proposta , vendo a tyrannia com que ElRey , sem chamar Cortes , intentava lançar tão consideravel tributo. A confusão com que todos ficáraõ , desfez generosamente D. Francisco de Castel Branco Conde do Sabugal , Meirinho Mor do Reino , respondendo , que elle , e todos os circumstantes com os Vogaes , que faltavaõ , haviaõ jurado guardar os costumes de Portugal , pelos quaes lhes não era licito votar fóra de Cortes em materia semelhante. Levantou-se tanto que disse estas palavras , e saõ-se da Igreja ; seguiu-o a Nobreza , fizeraõ o mesmo todos os que se acháraõ presentes , vencendo o brio desta acção ao receio de muitos , que temiaõ o mesmo que executavaõ. Deraõ os Governadores conta a Madrid do máo successo da proposta

*Propoem-se á Nobreza huma ordem d'ElRey para se assentarem 500 Cruzados.*

*Acção generosa do Conde do Sabugal.*



posta; e de forte se irritou o Conde Duque, que os fez pagar a culpa, que não tinhaõ, depondo-os do governo, e foy nomeado por Vice-Rey de Portugal D. João Manoel Arcebispo de Lisboa, que assiltia em Madrid, donde fahio a exercitar a sua occupação; porém chegando a Lisboa morreo hydrópico dentro de poucos dias. Trinta e dous, que tardou o provimento de Madrid, ficou governando o Conselho de Estado. Veio nomeado por Vice-Rey D. Diogo de Castro Conde de Basto, que havia sido duas vezes Governador, e grangeado opiniaõ de austero, zeloso, e prudente: durou no governo até o anno de 34, acodindo nos apertos do Reino, e das conquistas como podia, e não como desejava, e os dânos pedião, pela grande esterilidade de effeitos, quasi esgotados com a ambção dos Castelhanos, e arbitrios de alguns Portuguezes. No anno referido desejou o Conde Duque entregar o governo de Portugal a pessoa, que fosse muito interessada na politica de Castella, e não encontrasse os fôros deste Reino: pareceo-lhe ajustado ao seu intento D. Francisco de Borja Principe de Esquilache, por ser descendente de Portuguezes; porém dissuadio-o desta determinação o Duque de Villa-Formosa irmão do Principe, invejoso de o ver preferido, corrompendo ao proprio sangue a peçonha deste vicio: foy a traça de que usou a sua inveja apontar ao Conde Duque de quem era favorecido, (grande fortuna naquelle seculo) para o governo de Portugal a Margarida Duqueza de Mantua, viuva de Vicencio Gonzaga terceiro Duque daquelle Estado, e neta de Philippe II. de Castella, nascendo da Infanta Dona Catharina sua filha, e de Carlos Manoel Duque de Saboia com quem foy casada, ficando por este respeito em grão de prima com irmãa de Philippe IV.

*Depoem-se os Governadores.*

*Morre D. João Manoel eleito Vice-Rey,*

*Succede D. Diogo de Castro.*

*Propoem-se a Duqueza de Mantua.*

Achava-se a Duqueza em Pavia, lançada fora do mesmo Estado, que dominára; porque ficando-lhe por morte de seu marido só huma filha chamada Catharina, que deixou nomeada herdeira de Mantua, e Monferrato, se oppoz á successão da Casa Carlos Gonzaga Duque de Nevers em França, por ter filho de hum irmão de Luiz II. Duque de Mantua, que foy pay de Vicencio; Vatonía

*Noticia dos seus successos.*

que ficava extincta em Catharina sua filha. Acodio Hespânia a defender o direito de Catharina, e França a favorecer a pretensão de Carlos: Alemanha intentou occupar aquelle Estado como feudo Imperial; e desta compellencia se originaraõ as notaveis guerras, que naquelle tempo opprimiraõ Italia, de que foy theatro Lombardia. Depois de varios successos padecio a maior desgraça a Duqueza Margarida, desterrando-a da propria Cala os que pretendiaõ tyrannizalla. Retirou-se ella a Pavia, e naquelle governo a entreteve ElRey, até que a chamou para o de Portugal, porque o Conde Duque inspirado do Duque de Villa Formosa, sahio com esta eleição sem attender que offendia os foros de Portugal, por ser a Duqueza mulher, e em menos grão de parentesco com ElRey, daquelles que dispunhaõ os privilegios concedidos em Thomar por Filippe II., levando-o a atropelar qualquer difficuldade o desejo de conseguir o tributo dos quinhentos mil cruzados, e a maquina que dispunha para reduzir a Provincia a antiguidade, e grandeza do Reino de Portugal: onde chegou a Duqueza de Mantua no fim do anno de 1634. Entrou em Lisboa, e no mez de Janeiro do anno seguinte tomou posse do governo, continuou-o, assistida do Marquez de la Puebla, que veio de Madrid sem occupação, só para aconselhar a Duqueza nas materias de maior importancia. Mas esta disposição foy sem effeito, porque Miguel de Vasconcellos ordenava sem contradicção, e mandava executar sem dependencia. Forão-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, querendo o Conde Duque, que com o sangue dos pobres se levantassem as grandes fabricas do Bom Retiro edificio fora de Madrid, traçado pelo seu appetite, e ordenado pela sua lisonja. Disvellava-se Diogo Soares em lhe satisfazer esta ambição, e propunha-lhe subtilezas, que sonhava o seu disvello; porém ás propostas mal averiguadas, que lhe fazia, se seguiaõ passar o Conde Duque intempestivas ordens de se lançarem em Portugal tributos. Pretendia Miguel de Vasconcellos dar todas á execução, e eraõ muitas vezes taõ encontradas humas a outras, que conhecida a difficuldade do effeito, consistia o remedio dos

*He eleita a Duqueza para o governo de Portugal.*

*Entra em Lisboa.*

*Assiste lhe o Marquez de la Puebla.*



dos Povos no muito, que determinavaõ carregallos de tributos, porque o embaraço fazia suspender as ordens. Afflicto pois Miguel de Vasconcellos da confusão, propoz a Diogo Soares, que por atalhar difficuldades se tornasse a pôr em pratica o pedido (como lhe chamavaõ) dos quinhentos mil cruzados. Accõmodou-se o Conde Duque a este parecer, e não se dilatarão as ordens, instituindo-se para este effeito huma Junta de Ministros, a que deraõ nome de desempenho, independente do governo de Portugal, e só immediata ao Conselho de Madrid, com o fim de que não queressem as partes queixosas recorrer a elles, por lhe não custar mais a jornada, que a sem'razaõ. Os da Junta passaraõ ordens a todos os Corregedores das Comarcas, as quaes continhaõ, que os Povos haviaõ de dar todos os annos a ElRey quinhentos mil cruzados, além das imposições antigas, e que estes se assentassem á satisfação dos Povos, a quem se vendia por grande mercê dar-lhes a lanceta para esgotarem as veas. Os Corregedores executavaõ com aperto as ordens, e os Povos ouviaõ com impaciencia a sem'razaõ com que dispunhaõ tyrannizallos.

*Institue-se em Madrid a Junta do desempenho.*

*Manda-se executar o tributo.*

Era Corregedor de Evora André de Moraes Sarmiento, o qual com imprudente zelo determinou, que se lançasse o tributo sem admittir réplica, castigando asperamente os que duvidavaõ obedecer, e constando-lhe, que o Povo se alvoroçava com o seu rigor, accrescentando a este erro maior desacerto, resolveo indiscretamente atalhar o movimento por meios, que não convinhaõ: chamou para este fim a sua casa o Juiz do Povo Cezinando Rodrigues, e a João Barradas seu Escrivaõ, avaliados do Povo por zeladores da liberdade, e por esta razaõ muito estimados: publicou-se, que o Corregedor os chamava, e juntamente a tençaõ desta ordem, de que se originou juntar-se quantidade de gente á porta do Corregedor: desprezou elle o tumulto, e fez largas oraçoens aos dous, persuadindo-os a que se lançasse o tributo, pediu-lhe o Escrivaõ tempo para communicar a outras pessoas esta proposta: e o Corregedor mandando fechar as portas não só lhe negou o que pedia, mas trocou os rogos em ameaças.

*Alteraçõens de Evora.*

*Imprudencia do  
Corregedor.*

*O Juiz do Povo  
lhe pede soccorro*

*Cresce o tumulto,  
queima-se a  
casa do Corregedor,  
e foge de seu  
conhecido.*

*Queimado-se os  
livros, e soltaõ-  
se os prezos.*

ços; e dizendo-lhe os dous, que a sua paixão era infructuosa, porque até o reduzi-llos seria inválido, pois o Povo não consentiria no que elles firmassem violentados; se augmentou a ira do Corregedor com esta bem fundada proposta tão demasiadamente, que depois de foltar desconcertadas palavras contra o Povo, mostrou aos dous os Ministros de justiça, que havia mandado prevenir em sua casa para os enforcar, quando não consentissem no tributo na forma, e com a brevidade, que elle lhes ordenava. O Juiz do Povo, que era resoluto, vendo-se ameaçado, e o perigo imminente, chegou a huma janella, que cahia para a praça, onde o Povo estava junto, e pediu-lhe em altas vozes soccorro, dizendo, que morria pela liberdade da patria, e por livrar o Povo das oppressões dos Ministros d'ElRey. A estas palavras mal explicadas entre o rumor, e de todos entendidas pelos antecedentes, toda aquella multidão de vozes unidas em huma só voz gritárao, que morresse o Corregedor. Seguiu-se em hum instante ao clamor a ira, e á ira a execução, e ministrando o furor instrumentos, ardendo o Povo em co-lera, ardeo a casa em fogo. O Corregedor arrependido, e medroso, uniaõ que se acha facilmente, conhecido o defacerto, salvou a vida no Convento de S. Francisco, donde passou a Lisboa em habito dissimulado, não conseguindo depois o seu arriscado zelo outro interesse mais, que o de salvar a vida. A furia do Povo não parou com a liberdade do Juiz, e Escrivaõ, antes accendendo-se com a noticia de que o Corregedor era fugido, investiraõ desordenadamente muitas das casas da Cidade, e despejando-as das melhores alfaías, não dando lugar a furia a outra consideração as queimavaõ na praça, advertindo-se, que podendo com elles mais a ira, que a ambição, até o ouro, e prata faziaõ materia do incendio, que não houve quem reservasse cousa alguma das que roubava. Os livros Reaes foraõ da mesma forte condemnados ao fogo, e sem condemnação foltaraõ da cadeia os prezos, que estavam nella; que desta sorte sentença este absoluto Juiz, quando tumultuariamente usurpa o poder.

Affiltiaõ neste tempo em Evora com suas familias



nas D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, D. Rodrigo seu irmão, D. Affonso de Portugal, Conde de Vimiofo, o Conde de Baflo D. Francisco de Alancastre, e D. Jorge de Mello: estes Fidalgos vendo crescer o tumulto, que no principio estimárao pela cautela com que se levantou, mudando com o excesso de parecer, determinárao buscar remedios para o atalhar. Juntaraõ-se a este fim na Freguezia de Santo Antaõ com D. Joaõ Coutinho, Arcebispo daquella Cidade, e resolvendo falar aos principaes do Povo, pedindo-lhes patrocinaffem o focego, persuadindo ao Povo quizesse deixar ao Tribunal da Camera o cuidado da confervaçaõ da Cidade, e da liberdade de feos fóros, pois era a quem só tocava, e que elles se obriga-vaõ a interceder com ElRey o perdaõ das novidades succedidas. Naõ servio esta propofita mais que de fazer com o Povo fufpeitofa a Nobreza: sobreveio a noute quando se intentava divertir esta fufpeita; e fendo as fombas melhor incentivo dos infultos, que os medianeiros remedio da inquietação, se arrojou o Povo ás calas do Arcebispo: porém obrigados da reverencia naõ entráraõ dentro, indignamente fatisfeitos de tirar com pedras ás janellas, acompanhando-as defconcertadas vozes, que naõ ferem com menos força. Mais atrevidamente procedeo outro tropel com a casa do Conde de Baflo, entrando fem respeito dentro do feu patio: o Conde ouvindo o rumor o desfez com muita generofidade; mandou a feos criados accender tochas, fahio á efcada aonde ja chegava o Povo, e com a authoridade que inculcavaõ os feos annos, e o feu afpecto, diffe em altas vozes: *Povo de Evora, que me quereis? Sou voffo natural, trez vezes governey efte Rei. no fem vos fazer aggravo, aqui me tendes: e fe para voffa quietação ferve a minha morte, matay-me, e focegay-vos: fe quizerdes poupar-me a vida para vos ajudar ao remedio que vos convem, obray como vos parecer, mas naõ vos efqueçais de que fois Portuguezes, onde nunca fe conheceo mancha de deflealdade.* Vendo á D. Diogo de Cafiro, parou a multidão confufa, ouvindo-o fe retirou arreperdida, que a tanto chega o imperio de huma acção generofa. Contra os mais Fidalgos naõ intentou o Povo movimento

*Procurad os Fidalgos aplacar o motim.*

*Accommetem a casa do Arcebispo.*

*Paffaõ á do Conde de Baflo.*

*Reprime o Povo com a fua authoridade.*

70 PORTUGAL RESTAURADO;

algun, de que se originou a suspeita de haverem dado calor á sua desordem. As Religioens fazião muito por aplacar a inquietação, mas todas as diligencias eraõ sem fructo, porque os do Povo começáraõ a gloriar-se do que emprendiaõ, e juntamente a achar sequito em quasi todos os Lugares da Provincia do Alemtejo, com os quaes se communicavaõ, dando-lhes parte das suas disposições, conforme as intiligencias que conseguiaõ em cada hum delles. A fórma com que se faziaõ obedecer, era, congregando-se os de maior capacidade, ajustavaõ o que lhes parecia mais conveniente, e passando as ordens necessarias, se firmavaõ com o nome de Manoelinho, hum doudo celebre naquella Cidade, entendendo que conseguiaõ neste disfarce naõ correr perigo em qualquer accidente o author do congresso, em quem costuma cahir o maior castigo. Desta fórte mandavaõ; e fixando-se as ordens em varias partes da Cidade; finalavaõ termo á execucao, declarando o castigo que padeceria quem naõ obedecesse; e se passado o prazo naõ eraõ obedecidos, executavaõ sem dilacao a pena imposta. Em algumas materias uzavaõ das ordens da Camera, fazendo passailas por força aos Vereadores. Chegou a Villa-Viçosa este movimento, e trocando por aquelles moradores em alvoroço, cobertos alguns com a capa da noite, acclamáraõ o Duque de Bragança, D. João II. do nome, e outavo no titulo, Rey de Portugal: mas como ainda naõ era chegado o termo prescripto de tantos seculos, mandou o Duque sahir na mesma noite pelas ruas ao Duque de Barcellos D. Theodosio seu filho, naõ tendo mais idade que quatro annos: porém resplandecendo no delicado rosto as luzes das grandes virtudes, de que depois se compoz este excellente Principe, foy Iris de ferenidade: recolheo-se deixando focogado o rumor, e livrou a seu pay de cuidado, impossibilitando-o a acodir a este movimento huma grave enfermidade de que estava impedido.

*Communicãõ  
se os de Evora  
com os lugares  
vizinhos.*

*Passã as ordẽs  
em nome de Ma-  
noelinho.*

*Acclama-se o  
Duque em Vil-  
la Viçosa.*

*Sabe o Duque de  
Barcellos Dom  
Theodosio, e so-  
cega o Povo.*

*Temores, e dili-  
gencias da Du-  
queza de Man-  
tua.*

A Duqueza de Mantua fez pouco caso da primeira noticia, que teve da alteraçaõ de Evora, porém repetindo-se os avizos de que os mais Lugares da Provincia de Alemtejo tomavaõ a mesma voz com igual pretexto, e la-



e sabendo o successo de Villa Viçosa, se lhe foy de forte introduzindo o temor, que não perdoava a diligencia alguma que julgasse adequada a se livrar com o fozego dos povos de tão grande cuidado. Fez a Madrid repetidos avizos, animou a Nobreza de Evora a continuar o zelo de aplacar o Povo, mandou por Corregedor daquella Cidade a Jeronymo Ribeiro, que com grande aceitação do Povo havia tido a mesma occupação nella: ordenou a Fr. Manoel de Macedo Frade de S. Domingos, applaudido pela discrição de seus sermoens, e agradável conversação, que fosse a Evora exercitar o seu genio no pulpito, e no trato: mandou a Fernal Martins Freire, senhor da casa de Bobadella, que fizesse a mesma jornada, com ordem de se introduzir na Junta de S. Antão, por constar que era muito aceito áquelle Povo: porém na Junta não foy admittido, excusando-se os que se achavam nella com as ordens que haviam recebido de Madrid, nas quaes só se fazia menção dos que acima ficão nomeados. Nenhum destes remedios bastou para diminuir aquella enfermidade; cada dia mais arraigada nos animos indurecidos contra o governo de Castella, obstinados pelo antigo odio, e desejosos de mandar por interesse proprio. Reconhecendo-se assim em Madrid, como em Lisboa que era impossivel reduzillos com as negociações, se determinárao a atalhar o dano com o castigo; mas até este remedio era difficiltofo, porque em Portugal não havia gente bastante para tanto empenho, e posta esta materia huma vez nas mãos do rigor, erao muitas as consequencias que arrastava, e muitos os passos com que se desviava da obediencia. Termináo os Portuguezes zelosos, e prudentes, que os Castelhanos se determinassem a reduzir os levantados com armas estrangeiras, por ser hum perigo manifesto de todo o Reino, assim pelas extorções dos soldados, que não costumáo fazer distincção entre os culpados, e os innocentes, como nos conhecidos intentos dos Castelhanos, que não desprezariao a occasião de poder tirar a Portugal a pequena liberdade que a seu pezar ainda lograva: e não se enganavao os que faziao este discurso, porque era certo que em Madrid se estimava o que em Lisboa se temia: ainda

*Determina-se  
em Madrid ca-  
tigar Evora.*

## 72 PORTUGAL RESTAURADO,

que alguns Castelhanos receavaõ o dâno na consideração do valor dos Portuguezes, e desejavaõ antes o socego; que o castigo. Da mesma sorte eraõ differentes as opiniões dos Fidalgos de Portugal que assistiaõ em Madrid: porque huns desejavaõ que a inquietação de Evora fosse torcedor dos seus requerimentos, e por interesse particular appeteciaõ que se augmentasse: outros attentando menos á conveniencia propria que á utilidade da Patria, temiaõ os perigos a que a consideravaõ exposta, se a alteração se não desvanecesse sem se interpoem as armas dos Castelhanos, e por este respeito procuravaõ o caminho de socegalla.

*Meios do Conde Duque para o socego.*

*Ordens à Junta da Nobreza, que se formou em Evora.*

O Conde Duque de cujos movimentos estava pendente a vontade d'ElRey, havia tirado o freio á ira, e corria desbocada contra os Portuguezes: porém ainda naquelle tempo era mais nas palavras, que nos effeitos; porque (supposto que os ameaços cresciaõ com os avizos de Portugal, tentou todos os medicamentos brandos, primeiro que uzasse dos cauterios. E escrevendo á Junta da Nobreza de S. Antão de Evora, animando a todos com muitas palavras (de que era grande mestre) a continuar o zelo que mostravaõ no serviço d'ElRey, dando-lhe juntamente poderes para ajustar os requerimentos do Povo sem dâno da authoridade Real: se bem todas estas ordens eraõ lançadas com muito artificio, tecendo-as com palavras que abriaõ caminho para as derogar, quando o ajustamento lhe não satisfizesse: e conhecendo brevemente que este meio era dilatado, tentou outro que o destruiu. Achava-se em Madrid Fr. João de Vasconcellos Religioso da Ordem de S. Domingos, Varaõ ornado de grandes virtudes, de muitas letras, e qualidade: era natural de Evora, onde a casa de seus pays residio muitos annos; juntavaõ-se-lhe a estas circumstancias a de ser seu pay Manoel de Vasconcellos estimado na Corte, e a de servir seu irmão Francisco de Vasconcellos Conde de Figueiró de Mórdomo da Rainha de Castella. Vendo o Conde Duque todas estas disposições ajustadas ao seu intento, chamou Fr. João sem assistencia de outra pessoa, deo-lhe as ordens do que havia de obrar independente de todo outro poder, e mandou-o que partisse



PARTE I. LIVRO II. 73

tiffe logo para Evora. Obedeceo Frey Joaõ, chegou a Evora, e sem dilação ditpoz o que julgou mais preciso para reduzir os animos daquelle Povo; porém ainda que a sua grande authoridade conseguiu ferem ouvidas as suas razoens, as dependencias de Castella o fizeraõ com aquellos homens muito suspeito, e a severidade de seu tracto, em todas as acçoens austero, foy para elles pouco agradavel. Fez Frey Joaõ de palavra sem outra segurança largas promessas, porque nenhuma trazia por escrito, e até esta liberalidade gerou desconfiança nos amotinados, parecendo-lhes, que, como pouco merecida, seria depois facilmente negada; entendeo-se tambem, que a Junta da Nobreza desajudara as diligencias de Fr. Joaõ, por quanto como elle quiz obrar independente de todos, e por este respeito se desviou de os communicar: queixosos da sua desconfiança não fomentaraõ os seus designios. Chegaraõ a Madrid as novas de todos estes accidentes, de que resultou vir a Frey Joaõ ordem, para que, largando aquella commissão, passasse a Lisboa; e outra aos da Junta em que se lhes mandava, que continuassem o poder na fórma, que antes se lhes havia concedido. Em quanto na Corte se alternavaõ as diligencias, não estavaõ ociosos os amotinados. Haviaõ grangeado á sua devoção todos os Lugares de Alemtejo, excepto a Cidade de Elvas, e a Villa de Moura, mas em lugar destas se aßeioaraõ ao seu partido as Villas de Santarém, e Abrantes, e outras perto de Lisboa, que por esta vizinhança deraõ mais receyo; porém introduzindo-lhe alguma Infantaria de presidio foraõ faceis de socegar, e todo o temor dos Castelhanos se empregava em Villa Viçosa, e assim era todo seu cuidado examinar as acçoens do Duque de Bragança, o qual não se fiando da inconstancia do Povo atalhou muitos partidos, que se lhe propuzeraõ, e justificou-se de sóte em Madrid, que publicava o Conde Duque o muito, que El Rey devia á sua grande moderação, e prudencia. Entendendo o Conde Duque, que todas as suas diligencias lhe fahiaõ baldadas: porque os Povos se mostravaõ taõ obstinados, que a todas as propostas não haviaõ respondido outra cousa mais, que o desconcerto de dizerem, que fa-

*Parte a Evora  
Frey Joaõ de  
Vasconcellos.*

*Retira-se a Lis-  
boa.*

riaõ

## 74 PORTUGAL RESTAURADO,

riaõ o que pudessem, declarando, que não tornariaõ a ad-  
mittir os tributos, causa da alteraçãõ; e que de suas li-  
vres vontades dariaõ a ElRey o que lhes parecesse; defa-  
cato que o Conde Duque avaliava como a maior culpa,  
pois se atreviaõ (dizia elle) a quererem capitular com  
o seu Rey; e considerando, que a dilaçãõ deste defasce-  
go era muito perigosa, podendo os inimigos da Coroa de  
Castella introduzir negociações com os Povos de Portu-  
gal, passou ordem para que marchassem na volta das fron-  
teiras deste Reino as Tropas, que guarneciaõ as Praças  
de Guepuscua, e Navarra, sendo pouco consideravel a  
guerra, que por aquella parte faziaõ os Francezes, rota  
por Luiz XIII pouco tempo antes com Filippe IV, to-  
mando por pretexto assim haverem os Imperiaes ganha-  
do Filisburg, que guarnecia Infantaria Franceza, valen-  
do-se do descuido com que os Francezes estavaõ sem te-  
mor da guerra, como tambem a resoluçãõ que o Cardial  
Infante Dom Fernando tomou de emprender Treveris an-  
tes da guerra declarada; e conseguida a empreza, levar a  
Brucellas prezo o Eleitor de Treveris, aggravo que os  
Francezes publicaraõ em varios Manifestos, e mandando  
ElRey de França propôr ao Infante a restituicãõ da Pra-  
ça, e a liberdade do Eleitor, não querendo elle admittir  
nem huma, nem outra proposta, ficou rota a guerra entre  
ambas as Coroas. Governava as Armas de Guepuscua, e  
Navarra D. Francisco Carrafa Duque de Nochera, Italia-  
no, e era seu Mestre de Campo General Diogo Luiz de  
Oliveira, Portuguez, das principaes Famílias deste Rei-  
no, que havia occupado muitos Postos no Brasil, e Flan-  
des. Não lhe pareceraõ ao Conde Duque estes fogeitos  
muito ajustados á empreza, reparando em que hum Ita-  
liano não devia castigar Hespanhoes, nem fiar-se de hum  
Portuguez o damno de seos naturaes; e nesta consideraçãõ  
fez avizo aos dous: ao primeiro, que podia vir á Corte,  
pretençãõ, que dias antes fomentava: ao segundo, que  
passasse a Flandes a governar o Castello de Gante. Ambos  
se acharaõ taõ offendidos, que deraõ causa a virem prezos  
a Madrid, castigando a tyrãnia do Conde Duque as justas  
queixas, que não podia remediar. Marcharaõ as Tropas  
á or-

*Passão-se ordẽs  
para marcharẽ  
a Portugal as  
Tropas de Ca-  
stella.*

*Causas de se rõ-  
per a guerra en-  
tre França.*



á ordem do Tenente General Marco Antonio Gandolfo : constavaõ ellas de oito mil Infantes , mal pagos , e peor disciplinados , de que se originou chegarem só trez mil ás fronteiras de Portugal , e de hum Regimento de Dragões , que sendo huns Arcabuzeiros mal montados , vindo com este titulo novamente de Alemanha , aslombavaõ mais com o nome , que com o effeito. Foy a marcha de Biscaia á Provincia de Rioja , della a Campos , donde por Leão entraraõ na Extremadura , e ficaraõ aquartelados desde Valença de Alcantara até Badajoz. Foy nomeado por General deste Exercito o Duque de Bejar , moço de dezaete annos , com o pretexto de fer o maior Senhor da Extremadura , onde o Exercito se juntava. E sendo a causa verdadeira querer o Conde Duque , que o Cabo daquella guerra apparente se governasse só pela sua direcção , deo-lhe por adjuntos os Mestres de Campo D. João de Graneros , e D. Christovão Boca negra , ambos Conselheiros de Guerra , e por Mestre de Campo General D. Diogo de Cardenas , que o era tambem do Reino de Portugal , e destinou-lhe Badajoz por Praça de Armas. E porque neste tempo se haviaõ ateado as alteraçoes nos Povos do Reino do Algarve , e davaõ maior cuidado , em razão dos portos do mar taõ uteis ás Monarquias na paz , como suspeitosos na guerra , se nomeou para acodir ao socego daquella parte o Duque de Medina Sidonia , e o Marquez de Val Paraiso , para lhe assistir sem posto ; e passou-se ordem ao Duque que levantasse em Andaluzia seis mil Infantes , e quinhentos Cavallos.

As noticias destas preparaçoens chegaraõ aos amotinados , e não fizeraõ nelles mais effeito para a prevenção , que introduzir-lhes grande receio , consequencia das acçoens onde governaõ muitas vontades ; e de todo se desbaratara o congresso , que tinha sido causa de tantos cuidados , se algumas pessoas particulares , que haviaõ tido parte no primeiro movimento , não fomentaraõ os animos dos populares , temendo que a sua inconstancia quizesse com o sacrificio do seu sangue aplacar a ira do Oraculo offendido , e declarando-os por complices acreditarem o seu arrendimento. A Junta da Nobrezá na obse-

*Marchaõ as Tropas ás fronteiras de Portugal.*

*Nomea-se por General o Duque de Bejar.*

*Encarrega-se ao Duque de Medina Sidonia o socego do Algarve.*

observação destes movimentos fundava as esperanças do fozego: porém já conhecia o maior obstaculo na politica do Conde Duque, o qual havendo examinado as poucas forças desta alteração, queria tirar della não só a satisfação do gasto, que havia occasionado á Monarquia, mas tributos maiores daquelles, que foraõ occasião do seu desconcerto. Estas idéas forjava Diogo Soares, polias o Conde Duque, e vendia-as muito caro Miguel de Vasconcellos; porque estes eraõ todos os cabedaes com que os dous sogro, e genro augmentavaõ os seus interesses: e como o Conde Duque por conseguir maiores intentos, conhecendo esta ambição a fomentava, durou sem opposição o poder de Diogo Soares, até que foy nomeado para o Conselho supremo de Portugal D. Miguel de Noronha Conde de Linhares, que havia chegado de ser Vice-Rey da India com grande applauso, merecido do seu valor, e grandeza de animo; e como estas virtudes apartavaõ de si toda a lisonja, tanto que entrou no Conselho se declarou inimigo de Diogo Soares, procurando mostrar sem rebuço a demazia do seu procedimento. Diogo Soares vendo em contingencia o grande poder, que exercitava com a opposição de inimigo tão poderoso, empenhou toda a sua futilidade em desviar da Corte o Conde de Linhares: porém o intento não era facil de conseguir, porque o Conde Duque fazia grande estimação das muitas virtudes do Conde. Declarada esta contenda, se dividiraõ os Portuguezes pretendentes na Corte, seguindo cada hum aquella parte, que facilitava mais o seu requerimento, e alguns, que amavaõ só a reputação, eraõ parciaes do Conde de Linhares. Fluctuavaõ os negócios de Portugal entre tantas tormentas, e não era menor tempestade a que levantava a cubiça de alguns Portuguezes, que a que fomentava a ambição dos Castelhanos. O Conde Duque, vendo que eraõ chegadas as Tropas ás fronteiras de Portugal, buscou caminho de suavizar o castigo, que determinava dar aos amotinados, fazendo juizes das suas culpas os Portuguezes, que estavaõ na Corte: para este fim convocou todos a sua casa com tão grande misterio, e affectando de sorte a cautella, e a recômmendação do segredo,

*Diferenças entre o Conde de Linhares e Diogo Soares.*

*Junta em Madrid dos Fidaes Portuguezes*



greço, que os mais livres de culpa receáram o congresso. Forão cincoenta os que concorreram a casa do Conde Duque para onde os chamaram: entravam nelles alguns Ministros Castelhanos, e assistiam por Secretarios desta Junta Diogo Soares, e D. Fernando Rodrigues de Contreras Secretario de Guerra de Hespanha; presidia o Conde Duque dentro de huma alcoba, em que costumava dar audiencia. Sentaram-se sem preferencia todos os convocados em cadeiras de espaldas, e os Secretarios em assentos razos: leu D. Fernando de Contreras, por se embaraçar Diogo Soares, a quem primeiro se entregou hum Decreto d'El-Rey; a substancia do qual era mostrar a rebelliao dos Povos de Portugal, e perguntar qual seria a melhor forma de socgallos, e que genero de castigo se devia dar ás pessoas que fomentavam a perturbação. Lido o papel, fez o Conde Duque final a Joanne Mendes de Tavora Bispo de Portalegre, depois de Coimbra, para que respondesse: o que elle executou em huma concertada oração, que continha agradecimento a El-Rey da clemencia, que usava com aquelles vassallos, os beneficios que todos lhe deviam, e o Reino uniformemente confessava: referio os grandes delictos dos amotinados, e exhortou a diligencia do socgo, assim no conselho que deviam dar a El-Rey, como nos avizos, que era razao fazerem ao Reino, a seus parentes, e amigos. Ditas estas razoens, orou o Conde Duque louvando-as, e exaggerou a summa piedade d'El-Rey, pois esquecido de tantos delictos, como os Povos de Portugal haviam commettido, deixava á disposicao da Nobreza o remedio delles: e depois de artificiosos periodos, accrescentou: que sua Magestade mandava, que de tudo o que se ordenasse na reducao dos povos, se desse cor ta ao Duque de Bragança, assim pela sua grande authoridade, como pela moderação, prudencia, e zelo com que havia procedido na occasiao presente, de que sua Magestade se achava em summo gráo obrigado. A estas palavras do Conde Duque se seguiram grandes applausos, e lisonjas de todos os que estavam presentes, que ja com o trato da Corte de Madrid se haviam inficionado neste pernicioso vicio. Foram eleitos para ir beijar a mão a El-Rey  
em

em nome de todos o Conde de Linhares, o Bispo de Portalegre, e o Conde de Figueiró; e veio a conseguir a indutria do Conde Duque, que se mostrassem obrigados os que ficavaõ mais offendidos; encaminhando-se todas aquellas politicas á destruição da Nobreza, e á ultima servidaõ dos Povos de Portugal. Todas estas negociaçoens de Madrid sabiaõ os de Evora, e como lhes chegavaõ tambem as noticias de crescer o numero das tropas por todas as partes, a confusão, e o receio lhes aconselhava a concordia. Valia-se a Junta da Nobreza destes accidentes, e procurava por todos os caminhos, que fossem as suas diligencias occasião do socego dos Povos, assim por ser a acção tão digna de louvor, como de recompensa. Os amotinados ouviraõ as praticas do socego com bom rosto até se chegar ao ponto dos tributos: porém tanto que se falava em haverem de pagar os que ElRey pedia, tornavaõ a obstinar-se, e a desvanecer todas as esperanças de ajustamento util. O Arcebispo D. João Coutinho, entendendo ser esta a occasião de tantos danos, se offereceo virtuosamente a pagar da sua renda o excesso que de novo se queria impor á Cidade sobre os antigos direitos, o qual se avaliava em tres contos de reis: da mesma sorte se obrigava o Senado da Camera a pagar dos bens proprios outro novo tributo, com que o Povo ficava livre, e ElRey servido. Aos amotinados não soava mal esta pratica: porém o Conde Duque a quem se propoz, e reparava em que Evora não havia de levar traz li os outros Povos alterados para o socego, como os levára para a perturbação; porque além de ser necessario menos, para seguir hum excesso, que para abraçar hum a concordia, não havia nos outros Povos quem pelos alleviar tomasse por sua conta a satisfação dos tributos, como succedia em Evora. Foy esta questaõ muito ventilada em Madrid. Ultimamente, entendendo-se que algumas pessoas particulares haviaõ ganhado confiança nos mais dos Lugares alterados, chegou a adiantar-se muito o ajustamento: porém com novo accidente se perturbáraõ todas estas negociaçoens.

Da controversia que corria entre o Conde de Linhares



nhares, e Diogo Soares, se havia levantado o espirito a  
João Salgado de Araujo, Abbade de Pera, resolvendo-se  
a dar capitulos de Diogo Soares, mostrando nelles eviden-  
temente que as suas exorbitancias eraõ occasião de todos  
os movimentos de Portugal. Entendeo Diogo Soares que  
o Conde de Linhares animára a resolução do Abbade, e  
ao patto que lhe cresceo o receio, dispoz a vingança, ap-  
plicando todo o seu cuidado em negociar apartallo da Cor-  
te. Fez etpalhar por seus parciies, que só o Conde de  
Linhares era capaz de socegar os amotinados, e aponta-  
vão apparentes razoes de ser este o unico remedio de tan-  
to dâno; as quaes discursadas singelamente, agradavaõ  
a todos que conheciaõ o valor, e actividade do Conde.  
Esta pratica ouvio o Conde Duque com bom rosto, e fa-  
zendo esta observação Diogo Soares, chegou mais lenha  
ao incendio: e ultimamente veio a conseguir, que El-  
Rey persuadido do Conde Duque, mandasse chamar o  
Conde de Linhares, e que lhe encômendasse, sem admit-  
tir replica, no socego de Evora a laude da Patria, dizen-  
do-lhe, que havia conhecido que só elle era capaz desta  
empreza. O Conde, ainda que entendeo a origem deste  
preceito, achando se sem poder para a opposição, ava-  
liou por melhor partido a obediencia: beijou a mão a El-  
Rey pela confiança que fazia do seu zelo, e pedio só pa-  
ra o acompanharem na expedição dos negocios a D. Al-  
varo de Mello, ao Inquisidor Antonio da Silveira de  
Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se  
achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de  
Bragança, e que além de ter grande talento, como jus-  
tificaõ varios livros que compoz, era preciso nesta com-  
missão para conciliar os animos do Duque de Bragança, e  
Conde de Linhares, de cuja união suppunha o Conde Du-  
que, que pendia o ajustamento das alterações de Evora.  
Concederaõ-se-lhe os trez, sem mais titulo que assistir-lhe.  
Partio-se o Conde, e a poucas jornadas lhe chegou ordem,  
para que fizesse retirar a Madrid D. Alvaro de Mello,  
e Antonio da Silveira, e só D. Francisco Mancel conti-  
nuasse com elle a jornada. Obedecéraõ os dous, e o Con-  
de conheceo ser industria de Diogo Soares divertir-lhe os  
meios

*Capitula o Ab-  
bade de Pera de  
Diogo Soares.*

*Manda ElRey  
a Evora o Cô-  
de de Linhares.*

*112. f. 100  
v. 100*

## 86 PORTUGAL RESTAURADO ;

meios da execução , para o fazer complice na infelicidade da empresa : porém não alterou com este accidente a jornada , continuou-a até Villa-Vieosa , onde se avistou com o Duque de Bragança , havendo-se adiantado D. Francisco Manoel a facilitar os escrúpulos , que se podiaõ offerecer no tratamento. Conferirão o Duque , e o Conde os remedios mais efficazes de atalhar o dâno que ameaçava á Patria , cujos interesses ambos antepunhão a todos os outros respeitos ; e para este fim seguiu o Duque ao Conde assim assistencia do seu poder , como a obediencia de seus vassallos. Partio-se o Conde para Evora , aonde dias antes havia chegado a noticia da sua commulhaõ , entrou na Cidade , e não achou no exterior della apparencia alguma de alteraçaõ , procurando os amotinados , satisfazello com esta cautella , persuadidos que a materia presente ficaria ajustada com a promessa do Arcebispo , e Senado. Os da Junta conferirão com o Conde os pontos mais importantes , tratando-se no principio com toda a confiança. Caminhou sem contradicçaõ o ajustamento em quanto o Conde não declarou a forma em que ElRey queria aceitar a obediencia dos Povos. Dizia a ordem d'ElRey , forjada na extravagancia do Conde Duque , e approvada pela malicia de Diogo Soares , que de cada hum dos Lugares inquietos fossem presentár-se na Corte os dous Magistrados populares Juiz , e Procurador , os quaes tanto que estivessem juntos , se vestirão de sacco , e com cordas ao pescoço entrariaõ em publica Audiencia , a pedir a ElRey perdaõ pelos seus Povos ; e que ElRey os estaria esperando em trono levantado , assistido dos Embaixadores , e de toda a Nobreza da Corte , a imitaçaõ dos Imperadores Romanos ; e que com isto se conseguiria que as naçoens inimigas da Coroa , que haviaõ com grande gosto ouvido a foblevaçaõ dos Povos de Portugal ,oubessem o seu arrependimento. Tanto que foy publica esta ordem , entenderaõ os de melhor discurso , que o Conde Duque queria juntar as cabeças dos culpados em Madrid com este pretexto , para que pagassem com as vidas os excessos commettidos. Porém sem embargo deste bem fundado juizo , pode tanto a industria do Conde de Linhares , ou ( como

*Extravagante  
proposta aos Po-  
vos de Portugal.*



PARTE I. LIVRO II. 81

se deve entender) a sua credulidade, que promettendo por penhor das vidas dos que fossem a Madrid a sua pessoa, conseguiu darem-lhe palavra Cezinando, e Barradas, que eraõ os dous de Evora, que vinhaõ nomeados, de que hiriaõ a Madrid se os outros Povos concordassem em que os seus Magistrados fizessem a jornada. O Conde tanto que alcançou esta promessa avizou todos os mais Lugares, para que com o exemplo de Evora naõ duvidassem de obedecer ao preceito d'ElRey ordenando, que viessem todos os Magistrados áquella Cidade, para que juntos partissem para Madrid á ordem de D. Francisco Manoel, que ElRey havia destinado para seu Conductor. Os dias que o Conde litigou esta materia com os outros Povos, fizeram os de Evora infructuosos, mudando de parecer, ou arrependidos do que prometteraõ, ou aconselhados dos que lhe vaticinavaõ o perigo. Deliberados em naõ arriscar as vidas na jornada de Madrid, foraõ a casa do Conde de Linhares, e com apparentes submissões lhe disseraõ, que lhes perdoasse naõ poderem pôr por obra a palavra, que lhes haviaõ dado, porque o Povo, a cuja ordem estavaõ entregues, naõ queria consentir que fizessem aquella jornada. Alterou este accidente todas as disposições, que a tanto custo se haviaõ conseguido, e incitou de sorte a cólera do Conde de Linhares, (materia que na sua condição estava sempre disposta a menores incentivos) que rompeo furioso em desconcertadas vozes naõ só contra o Povo, senaõ tambem contra a Nobreza; e tendo por testemunhas alguns dos da Junta de Santo Antaõ, a poucos lances levou a ira, como costuma, todo o tratado ao precipicio: mandou fahir de sua casa os do Povo, dizendo-lhe, que ou se apparelhassem para a jornada, ou para o castigo: fahiraõ-se os dous, e fundando na perturbação a propria defenfa, tornaraõ de forte a indignar os da sua parcialidade, que publicavaõ, que se o Conde se naõ fahisse de Evora, elles o lançariaõ. A estas vozes junta-raõ demonstraçoens de execuçaõ, naõ sem suspeita de ser a Nobreza a alma destes impulsos. Reconhecendo o Conde de Linhares todas as diligencias desbaratadas, se resolveo a prevenir maior damno, e atalhar novas desordens.

*Effeitos da ira  
do Conde de Lin-  
nhares.*

## 82 PORTUGAL RESTAURADO;

dens. Despedio D. Francisco Manoel á Corte, dando conta do máo successo da sua commissão, e moderadamente das causas porque a deixava, e se partia para Lisboa, como logo fez muito á satisfação dos moradores de Evora, e de todo teve nelle fim a intervenção deste negocio, logrando Diogo Soares como desejava o effeito da sua maliciosa industria. E ainda que o Conde de Linhares voltou a Madrid antes da Acclamação, nunca pôde livrar se das calumnias de Diogo Soares, que o reduzirão a padecer hum largo desterro em Torrezilhas, lugar apartado da Corte. D. Francisco Manoel chegou a Madrid, e deu noticia ao Conde Duque de todo o successo da sua jornada: ouvio elle a informação com mais apparente, que interior pezar, e deo sem dilação ordem, para que o castigo fosse remedio do tumulto, e o tumulto occasião da ultima ruina de Portugal.

*Parte a Evora  
o Corregedor da  
Corte Diogo Fer-  
nandes Salema.*

Avizou-se á Duqueza de Mantua, que mandasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Ministros de Justiça, que parecessem necessários. Executou-se esta ordem sem embaraço, porque o calor das armas vizinhas tirava o receio aos Ministros de Justiça. Logo que chegaraõ a Evora experimentáraõ sem contradicção esta confiança; porque os populares, que não sabem reconhecer os perigos com o discurso, fiando sempre do tempo as prevenções, que devem ser parto do entendimento dos homens, sem mais conselho nem attenção, que o receio, se dividiraõ. Cezinando Rodrigues, e João Barradas, e outros se ausentaraõ: os mais fiados em serem pouco conhecidos, ficáraõ por mal de alguns delles, porque o Corregedor da Corte os prendeo, e sentenciando a todos, sahiraõ a enforcar em estatua Cezinando, e Barradas com pregões, que os declaravaõ por traidores, promettendo-se premios a quem vivos, ou mortos os entregasse nas mãos da justiça; os mais prezos huns foraõ enforcados, outros lançados a galés, e todos com este exemplo ficáraõ focogados, e obedientes. Ao mesmo tempo, que em Evora, se executou na mesma fórma o castigo dos Povos do Algarve; porém com muito maior rigor, porque tanto que chegou áquelle Reino Pedro Viei-

*Castigão se os  
de Evora.*



PARTE I. LIVRO II. 83

Da da Silva Desembargador dos Aggravos da Casa da Supplicação, ajustou o Duque de Medina Sidonia com Henrique Correa da Silva Governador daquelle Reino, que para que o castigo dos culpados se executasse sem perigo dos Ministros de justiça, passasse a alojar alguma Infantaria aos lugares maiores delle; assim se poz por obra conduzindo seis mil Infantes D. Francisco de Andia e Fracaval, que sem formar processos foraõ os mais rigorosos Ministros do castigo assim nos culpados como, nos innocentes. Pedro Vieira executou sentenças de morte em alguns, outros desterrou; e tocegado aquelle Reino, se retirou a Infantaria contra o parecer do Marquez de Val-Paraiso, que desejava dilatar a guarnição por mais tempo, por varios respeitos que apontava, que depois puderá ser muito conveniente ao governo de Castella. Com o pretexto de dar melhor fórma aos accidentaes referidos, havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz, outra em Aya Monte: e a estas ampliava de sorte os poderes, que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal, querendo que o costume facilitasse aos Portuguezes a quebra dos seus privilegios, que com esta destreza se hiaõ diminuindo, para que pouco a pouco viesse ElRey a lograr o fim desejado, que era fazer Portugal de Reino Provincia, e aos Portuguezes de vassallos escravos. A estas Juntas se mandou ordem para asentarem os novos tributos que haviaõ de ser castigo dos Povos, e satisfação da cubiça dos Ministros Castelhanos. Lançadas estas primeiras linhas; se começáraõ a esgotar os cabedaes de Portugal, para que, exaustas as veas, e consequentemente enfraquecido o corpo da Republica, pudesse cahir com menos trabalho, sendo o dinheiro o sangue, que sustenta o governo politico por ley instituida pela desordenada ambição dos homens. Foy este o primeiro quartel com que se atacou Portugal, e delle para outros dous sahiraõ duas linhas de comunicação, determinando o Conde Duque Governador desta empreza, que depois de asentados os quartéis, e o cordaõ cerrado, se desse o ultimo assalto a este infelice Reino, não defendido de outras forças mais que as da in-

*Castigão-se os  
do Algarve.*

*Instituição de  
novas Juntas  
em Badajoz, e  
Aya Monte.*

nocencia com que padecia. Era o primeiro dos dous chamar ElRey a Madrid as pessoas maiores de Portugal assim em sangue, como em letras, ecclesiasticas, e seculares, para que, faltando o espirito para os impulsos, se pudessem sepultar cadaver o corpo da Republica. O segundo, passarem-se ordens com o pretexto da guerra de França, para se fazerem em todas as Provincias deste Reino grossas levadas de Cavallaria, e Infantaria: e executadas estas disposições, julgava o Conde Duque por indubitavel a victoria, tirando a Portugal (que contava como inimigo) dinheiro, cabos, e gente. Lograda a primeira idéa dos tributos com as revoluções de Évora, passou á segunda: examinou exactamente quais eraõ as pessoas de maior credito em Portugal, e que houvessem, sendo chamadas, de ir a Madrid sem receio de algum castigo. Feita esta diligencia, e suppondo o Conde Duque que dissimulava muito a sua tenção com esta arte, como se os outros excessos a não fizessem manifesta, remetteo varias cartas d'El-Rey á Duqueza de Mantua, ordenando-lhe que as repartisse logo. Sem dilacão se entregáram a D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, a D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo Primaz, a D. João Coutinho Arcebispo de Évora, a D. Gaspar do Rego da Fonseca Bispo do Porto, a D. Diogo da Silva Conde de Portalegre, Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda, D. Martinho Mascarenhas Conde de Santa Cruz, D. Francisco de Castelbranco Conde do Sabugal, D. Francisco Luiz de Alencastre Cômendador mór de Aviz, Francisco Leitaõ Desembargador dos Aggravos, João Pinheiro Desembargador do Paço, e aos Padres Sebastião do Couto, Alvaro Pires Pacheco, e Gaspar Correa da Companhia de Jesus; porém dos tres só o ultimo chegou a Madrid. Continhaõ as cartas escritas a estes Prelados, Ministros, e Religiosos que Sua Magestade desejava de dar fórma a algumas materias, que na administração do Reino necessitavaõ de emenda em todos os Tribunaes, queria formar hum Conselho junto de sua Real pessoa, dos maiores Ministros, e mais Practicos de Portugal, para entender delles, como de talentos que tanto estimava, quaes seriaõ os meios mais proporcionados

*Chama ElRey  
a Madrid os  
Prelados, e Nobres.*



## PARTE I. LIVRO II.

85

cionados ao melhoramento, que se pretendia, para cujo effeito tanto que recebessem aquella carta, se partissem para a Corte de Madrid, onde os esperava com todo o affecto de Principe amigo.

Recebidas as cartas, se puzeraõ a caminho todos os nomeados na fórma, que se lhes ordenava, correndo o anno de 1638, e com esta novidade tão extraordinaria creceo aos Portuguezes o receio, esperando cada hum a hora em que havia de ser chamado, e temendo todos justamente o infelice remate desta máquina. Os que chegáraõ a Madrid não tiveraõ muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, nem puderaõ descobrir qual fosse o negocio para que eraõ convocados. Foy a causa desta artificiosa dilação assim o grande aperto, que por varias partes tolerava a Monarquia, como querer o Conde Duque tirar de Portugal mais numero de pessoas particulares; o que determinava fazer tanto que tivessem effeito as levas, que haviaõ de sair de todo o Reino; e ainda havia outra causa mais principal, que era como se poderia apartar delle ao Duque de Bragança, por dar sua Real Pessoa o maior exercicio ao seu cuidado; porque contiderava, que assistindo em Portugal, parecia grande o perigo de qualquer execucao violenta, se o Duque se declarasse defensor da liberdade do Reino; e como os Portuguezes se faziaõ respeitar mais pelo valor, que pela indutria, seguia como mais facil o caminho de diminuillos, para que quando chegasse o tempo de exasperallos, fosse instructuosa qualquer resolucao a que se arrojassem. Neste sentido esperando-se tempo mais opportuno, se foraõ dissimuladamente seguindo as disposicoes propostas. Deo-se ordem a D. Affonso de Lencaestre Marquez de Porto Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem lhe limitar o numero, e a todas as Comarcas do Reino, e ás Ilhas dos Açores se mandáraõ varios Fidalgos levantar gente em grande quantidade, tomando-se por pretexto acodir á guerra de França. Mandou-se tambem, que os navios de guerra, que se achassem nos portos do Reino, fossem entregues á ordem do Almirante D. Thomaz de Cauburum. Levou os galeões Santa Theresa, e S. Bal-

thazar,

F 3

*Procura-se tirar do Reino o Duque.*

*Mandaõ-se fazer levas para a guerra de França em Portugal.*

## 86 PORTUGAL RESTAURADO,

thazar, os mais se ficaraõ prevenindo; e ao Duque de Bragança chegou ordem, que tirasse dos seus Lugares mil Vassallos armados, e que os entregasse a D. Antonio Tello. Chegando avizo ao Conde Duque de que se davaõ em Portugal todas as ordens á execuçaõ, sem haver quem tivesse animo para contradizellas, e parecendo-lhe que ja a sua industria havia triunfado dos alentados espiritos dos Portuguezes ordenou, que a huma mesma hora fossem a casa de varios Ministros Castelhanos todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados á Corte, para que sem se communicarem acodisse cada hum á casa do Ministro apontado, pondo-se graves penas ao que revelasse o segredo. Mas logo se entendeu o intento de tantos artificios, e dentro de pouco tempo se manifestou, que fora a proposta ler-se a cada hum daquelles Ministros Portuguezes a sentença por onde o Reino de Portugal, sem ser ouvido, era condemnado a perder a regalia, dando-se ElRey por livre do juramento que fizera nas Cortes, pelo haver desobrigado a perfidia Portugueza, como elles chamavaõ, apontando casos suppostos, e dizendo, que os seus Theologos, e Juristas o livravaõ de todo o escrupulo: porẽm que ainda com este fundamento naõ queria ElRey fazer acçaõ, que naõ fosse justificada, e que assim pedia a cada hum daquelles Ministros seu parecer, para a fôrma em que se havia de introduzir o novo Governo de Portugal, e como se poderiaõ sem embaraço promulgar as novas leys, com as quaes determinava ser obedecido dos Portuguezes, advertindo se, que se naõ pedia parecer, mais que para a fôrma de executar. Esta foy a proposta, e esta causa só bastára para justificar as acçoens dos Portuguezes, ainda que naõ fôra o fim principal de se eximirem do governo de Castella, livrarem-se do escrupulo de serem vassallos de possuidor intruso; tendo em o Duque de Bragança Senhor verdadeiro, e natural; porque havendo Philippe II desobrigado os Portuguezes de toda a sujeiçaõ á sua Coroa, se elle, ou seus descendentes quebrantassem os fôros deste Reino, ainda dando-se caso, que Philippe IV fosse legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo algum por esta resoluçaõ puderaõ os Portuguezes nagar-lhe a obediencia,

*Proposta em  
Madrid aos Mi-  
nistros Portu-  
guezes.*



diencia, pois eraõ culpas suppostas todas, as que o Conde Duque lhes arguia, a fim de lhes usurpar a liberdade: porque as alterações de Evora originaraõ-se de tributos injustos, e além de não entrarem nellas mais, que as pessoas de baixa condição, destas foraõ castigadas as de maiores delictos, que se acharaõ, com mortes, gales, e degredos, e depois com gravissimos tributos; e não merecia todo o Reino a pena da culpa, que não tivera, e que os delinquentes pagaraõ. E quando esta resolução não fora injusta, era intempestiva, pois mostrar a ferida, sem executar o golpe, he dar lugar ao reparo. Porque ainda que o Conde Duque se fiava na Armada, de que era Cabo D. Antonio de Oquendo, que tinha ordem para invernar em Lisboa, e ao calor deste poder se havia de introduzir em Portugal o novo governo, as prevenções humanas são tão incertas, que primeiro foy esta poderosa Armada despojo de Hollanda no Canal de Inglaterra, que castigo de Portugal no rio de Lisboa; e o segredo tão recomendado foy manifesto, obrigando aos Portuguezes, que acordassem do lethargo em que viviaõ, tendo, para se livrar do perigo que os ameaçava, o favor do mesmo tempo de que o Conde Duque queria dispôr, como se os futuros não foraõ tão contingentes para o seu poder, como para qualquer dos que sahem a pailear á inconstancia do theatro do Mundo.

Tomada pelo Conde Duque a resolução referida, e não lhe respondendo os Portuguezes que consultou, mais que com excusas, fundadas no pouco poder que tinhaõ para tratar particularmente tão importante materia, fez correr sem dissimulação as ordens mais injustas contra Portugal, não havendo a hum mesmo tempo ley, que se não rompesse, privilegio, que se não quebralle, extorção, que se não fizesse; chegando a tanto extremo a violencia, que se não perdoou á immuniidade Ecclesiastica, porque cõfrecendo-se algumas duvidas entre o Colleiitor Alexandre Castracani, e os Ministros da Coroa, ordenaraõ os Castellhanos aos de Justiça, que lhe cercassem a casa, e lhe prohibissem o trato, e o sustento. Vendo-se o Colleiitor nesta extremidade, se lançou com grande perigo por huma ja-

*Excessos contra  
o Colleiitor.*

nella, e se recolheu no Convento de S. Francisco, parte de que o foraõ tirar, e o remetteraõ prezo a Madrid, deixando elle a Portugal com a afflicção de hum Interdicto, de que se seguiraõ gravissimos damnos. Igualmente com a successão dos dias se multiplicavaõ as exorbitancias; porém ao passo do damno caminhava nos Portuguezes o desejo do remedio, e do excessõ dos males recebiaõ o beneficio de lhes apartar dos animos o receio; porque em quanto foraõ toleraveis, nem do proprio coraçãõ fiavaõ o delafogo, e tanto que passaraõ a exorbitantes, conhecendo que o castigo futuro naõ podia ser maior, que o mal presente, logo o coraçãõ se explicou pela boca, e como as vozes, e as queixas se communicaraõ, discursado o tempo conhecido o risco, e averiguado o opprobrio, passaraõ os zelosos da Patria, e amantes da honra, de lastimados a vigorosos; e achando o valor de cada hum dos Portuguezes, forçosos estímulos nos aggravos da Nação tantas vezes offendida, que ouvia referir a qualquer dos com que tratava, recorrendo juntamente, e ponderando as valerosas acçoens de seos antepassados, offerencia voluntariamente a vida pela liberdade da Patria; porém todos estes discursos, ainda que valerosos, e resolutos, naõ podiaõ passar do sentimento á execuçaõ; porque a lima da politica do Conde Duque havia adelgado de fôrte o robusto açõ das forças de Portugal, que se naõ recorria a remedio algum, que bem ponderado, naõ se achasse ou impossivel; ou taõ difficultoso, que era quasi impraticavel.

*Consideraçõens  
dos Portuguezes  
mais zelosos.*

Entre todos os discursos nenhum se achava de mais seguras esperanças, que aquellas que se fundavaõ no Duque de Bragança, vendo todos concorrer nelle justiça para se coroar, valor para o emprender, e afeição nos Povos para lhe sustentar a Coroa, huma das mais precisas circumstancias de taõ arduas empresas; mas observava-se por outra parte, que o Duque naõ descobria outra inclinaçaõ mais, que o exercicio da caça, que nas alterações de Evora naõ só desprezara as offertas, que repetidamente lhe fizeraõ os Povos, persuadindo-o muitos da Nobreza, que as aceitasse, mas que usara de todas as diligencias, e negociações para justificar com ElRey a sua



sua obediencia, e que assim não parecia seguro offerecer-lhe o que não havia de aceitar. Quando estas duvidas embaraçavaõ o discurso, recorriaõ huns a chamar seu irmão D. Duarte composto de excellentes virtudes, em quem reconheciaõ espiritos militares que abraçaõ facilmente empresas difficultosas, e com a mesma justiça á successão do Reino, quando o Duque a dimitisse. Outros queriaõ formar huma Republica, trazendo por exemplo Veneza, Genova, e Hollanda, onde, sendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, se conserva a uniaõ incontrastavel. Porém huma, e outra idea padecia forçosas duvidas: porque a primeira mostrava o maior obstaculo no Duque de Bragança, que não havia de querer que visse o mundo que cedia a seu irmão, ou que não tinha animo para emprender, ainda que se desse caso que desprezasse empreza tão generosa. Na segunda se considerava a differença das naçoens, e o defeito que os Portuguezes padecem na difficuldade da uniaõ, sentindo ordinariamente, mais que a desgraça propria, a fortuna alheia. desconcerto que totalmente destróe todos os fins de huma Republica. Nesta contenda estavaõ os discursos dos Portuguezes sem poder tomar fórma, crescendo com os apertos do Conde Duque por instantes a materia, quando chegou ordem ao Duque de Bragança, entrando o anno de 1639 para que com o titulo de Governador das Armas de todo o Reino passasse a Almada a prevenir a defenfa d'elle, por se haver entendido que em França se apparelhava huma grossa Armada contra Portugal. O Duque discursando que se lhe seguiriaõ grandes inconvenientes desta occupação, tratou de divertilla, não perdoando por conseguir este fim a diligencia alguma: porém não admittiraõ em Castella as muitas excusas que representou, e foy-lhe preciso aceitar o posto, e passar a Almada. Julgáraõ muitos por desacerto do Conde Duque esta eleição, dizendo que entregar as armas ao que avaliava aquella Coroa pelo maior inimigo, era querer segurar-lhe a victoria, antes de ter principio a contenda; e que o Duque com os espiritos vigorosos das vozes que o acclamáraõ Rey nas alteraçoes de Evora, disporia as armas do Reino como lhe mandavaõ, para usar dellas

*Nomea-se o Duque  
que por General  
das Armas.*

*Passa a Almada.*

*Discursos sobre  
esta eleição.*

dellas como lhe parecesse. Outros que presumiaõ penetrar melhor interior das sutilezas do Conde Duque, diziaõ que esta confiança que fazia do Duque, era negação para o trazer mais depressa enganado à rede, armada pela sua industria, e só maneada pelo seu braço; que o Duque servindo a ElRey, mostrava que era vassallo aos Portuguezes, que o julgavaõ por Soberano: tendo diminuir a reputação de hum Principe o primeiro passo da sua ruina: que pela obrigação de seu posto havia de visitar as torres, e os navios da Armada, e que era facil prendello entrando em qualquer torre, ou passallo, em o primeiro navio que visitasse, a Cadiz, onde perderia, quando não fosse a vida, a liberdade. Averiguou-se depois não haver duvida em ser esta a tenção do Conde Duque, e a causa de fazer Governador das Armas ao Duque de Bragança: porém o successo mostrou, que o primeiro discurso que o condemnava, acertára melhor os fins, do que elle disputara os principios: porque o Duque tanto que chegou a Almada, foy visitado de toda a Nobreza, e muitos se resolvêraõ a descobrir-lhe o animo, com que se dedicavaõ a seu serviço; outros a tentallo querendo especular o seu intento: porém o Duque não conhecendo os de que devia fiar-se, fondava os corações de todos sem se declarar com algum delles: e ainda que esta destreza foy naquelle tempo contada como irresolução, depois foy celebrada como grande prudencia; porque como os homens avaliãõ ordinariamente só pelo que entendem, e não como aquelles com que trataõ, se acautelaõ, estes Fidalgos que entregavaõ ao arbitrio do Duque os animos sem malicia, condemnavaõ-lhe não os aceitar sem reparo, como se as razões com que se lhe offereciaõ não fossem as mesmas que muitas vezes servem de rebuço ao falso trato. Passou o Duque de Almada a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua, desembarcou no Paço, dilatou-se pouco na visita, e havendo ordenado a Duqueza que com destreza se lhe mudasse a Cadeira de espaldas, quando se asentava, do lugar que lhe competia, Thomé de Sousa com resolução; e valor arrojou a Cadeira para a parte em que era razão que estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma

*Visita a Duqueza de Mantua.*



tarde. Concorneo toda a Corte, huns a assistir-lhe, outros a vello, e todos a festejallo com tão claras demonstrações a todas as luzes, que fizeraõ mais concênada a resolução do Conde Duque, que todos os aßeiçoados aos interelles de Castella haviaõ anticipadamente reprovado. Na entrada do Inverno se recolheo o Duque a Villa Vigola livre dos laços dos Castelhanos, porque advertido de seguras intelligencias se desvieu dos perigos que o ameaçavaõ. Não passáraõ muitos dias depois de haver chegado, que lhe não viesse ordem de Madrid, para fazer huma leva de soldados de seos Lugares. Replicou levemente pelo pouco effeito que havia tido a primeira ordem, succedendo o mesmo em todas as levass que se fizeraõ no Reino, ainda que algumas chegáraõ a Catalunha. Com esta attenção não lhe admittindo El Rey a replica, se dispoz o Duque a obedecer por não dar ao Conde Duque a occasiã que buscava de o concênar; porém mandou occultamente que a leva se fizesse com tanta pausa, que não servisse a diligencia mais que de o não argüirem.

Em Lisboa os que fundavaõ na resolução do Duque a liberdade da Patria, perdêraõ muito o animo com a cautela de que usou em Almada, divertindo todas as praticas que se encaminhavaõ a coroallo. Este sentimento levou outra vez os discursos a Alemanha, esperando do valor de D. Duarte a assistencia no que emprendiaõ: porém como perigo estava mais vizinho que as esperanças, tornáraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Hum dos que mais vivamente as apertava era Francisco de Mello Monteiro mór: escrevia a D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira, e a D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso, pedindo a hum, e outro que representassem ao Duque as molestias que padeciaõ os Portuguezes, que de justiça naceraõ seos vassallos; que tomasse a Coroa que voluntariamente lhe offerenciaõ, pois era a mesma que os Castelhanos roubáraõ a seos Avós; que a esta offensa se não devia antepor perigo algum, e que este se devia ter por muito remoto na consideração de se acharem os Castelhanos com o poder dividido por muitas partes, e que neste sentido nunca o tempo podia ser  
para

*Diligencias do  
Monteiro mór.*

## 92 PORTUGAL RESTAURADO;

*Primeira Jun-  
ta da Nobreza.*

para a resolução mais opportuno. Chegavaõ estas razões ao Duque, e outras da mesma substancia tambem encaminhadas ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso por Jorge de Mello irmão do Monteiro mór, casa em que se juntavaõ Dom Miguel de Almeida, Pedro de Mendoça Furtado, e Dom Antaõ de Almada a conferirem o caminho que seguiriaõ para se apartarem dos perigos que os ameaçavaõ. Recebia o Duque estes avizos, e como reconhecia o muito que havia que vencer para lograr empreza taõ ardua, dilatava declarar-se até que as disposições mostrassem mais seguranças que as do sentimento, e maiores fundamentos que os males de que se queixavaõ os que o persuadiaõ. Desfez esta confusão, e desbaratou toda a perplexidade do Duque o desacordo, e pouca attenção do Conde Duque, que, tirando o rebuço ao peito, descobrio de todo os intentos que recatava, taõ mal considerados que vieraõ a fer occasiaõ do mesmo dâno que pretendia atalhar. Chegou ao Duque de Bragança segunda ordem para passar a Almada; replicou, e desvaneceu-se. Porém dentro de poucos dias recebeo huma carta d'ElRey, em que depois de largas persuasões, e promessas, lhe ordenava que se prevenisse para passar a Catalunha com elle, aonde determinava marchar brevemente a socegar as revoluções daquelle Estado: outras da mesma substancia vieraõ a todos os Fidalgos do Reino.

*Carta d'ElRey  
ao Duque para  
passar a Cata-  
lunha.*

*Motivos das al-  
terações de Ca-  
talunha.*

Haviaõ-se exasperado os Catalães da contumacia do Conde Duque: porque, tendo elles assistido com gente, e dinheiro na guerra de França ao soccorro de Salles, a satisfação, que alcançaraõ desta fineza, foy não só falta de premio, senaõ disfavores, e desprezos, e alojarem os Castelhanos todo o exercito nos lugares mais opulentos daquelle Estado. Fizeraõ os Catalães repetidas queixas ao Conde Duque, de que resultou vir ordem d'ElRey para que o exercito se aquartelasse nos lugares, que os Cabos elegessem. Entendia-se que a causa deste rigor era a opposição, que alguns Catalães orgulhosos por natureza faziaõ á suberba do Conde Duque, negando-lhe os obsequios que lhe rendiaõ quasi todos os Vassallos da Coroa de Hespanha. O que se mostrou mais claramente em

huma



hum contenda que o Conde Duque teve com o Almirante de Castella em Barcelona, em que os Catalães se declarárao a favor do Almirante. Exasperados os Catalães de tão repetidos rigores, romperaõ em desordens, e valendo-se do antigo estylo de entrarem em Barcelona á festa do Corpo de Deos segadores, que baixavaõ das montanhas, costumados a viver de latrocínios, e insultos, e usando deste barbaro soccorro, unidos os da Cidade aos segadores, matáraõ ao Vice-Rey D. Dalmau de Queralt Conde de Santa Coloma seu natural, e antes grandemente estimado de toda a sua nação. Seguirão-se a esta outras muitas mortes exorbitantes sacrilegios, e roubos. Os soldados offendidos destes insultos procuraraõ a satisfação pelo Principado; saqueáraõ a Cidade de Perpinhaõ, unindo-se a guarnição do Castello á Infantaria que buscava aquella Cidade para alojamento, e a quem os da Cidade haviaõ fechado as portas. Padeceraõ outros Lugares este mesmo dâno, e fez Cambriiz a primeira opposição ao exercito, de que se seguiu padecer o primeiro castigo por todos os titulos exorbitante, e escandaloso: porque além de tirarem as tropas a vida a muitos moradores, foraõ enforcados o Barão de Roca-Port Jacinto Villoso, e Carlos Bertola nobres Catalães, que governavaõ aquella Praça. A estas extorções se seguirão tantos excessos, que chegando os Catalães á ultima desesperação, se resolverão a fortificar Barcelona, e a buscar o mais seguro remedio na protecção d'ElRey de França. Para atalhar este dâno persuadio o Conde Duque a ElRey Catholico que marchasse com hum grande exercito ao castigo dos Catalães, não só com o fim de fazer mais certa, e maior a virgança dos delictos succedidos, de que elle havia sido causa, senão tambem para que esta jornada servisse de pretexto ao intento de chamar a Madrid ao Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal, para que sem opposição se reduzisse a ficar Provincia. Tanto que chegou ao Duque de Bragança a ordem para acompañar ElRey a Catalunha, se resolveo generosamente a abraçar as offertas que repetidamente se lhe haviaõ feito de aceitar a Coroa que de justiça lhe pertencia, e a livrar a Patria dos grandes

*Resolve-se o Duque  
que á empresa  
da liberdade.*

males

males, que supportava, sendo muitas vezes mais poderoso a huma grande sem-razão, que a razão mais forçosa. Considerava que, se obedecia á ordem, dava sentença contra a sua vida, ou ao menos contra a sua liberdade, porque todos os antecedentes insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque; e quando se desse caso, que hum, e outro perigo se divertisse, não podia deixar de pôr em contingencia a sua authoridade, e a grandeza da Casa de Bragança, tantos seculos conservada sem diminuição: porque a imprudencia dos Castelhanos foy nesta materia de qualidade, que fazendo tão exactas diligencias porque o Duque se apartasse de Portugal antes de conseguir a sua obediencia, ja tinhaõ publicado que os Grandes lhe haviaõ de preceder em todos os Actos publicos; e quando a verdadeira politica era obrigarlo para o persuadir, lhe negáraõ o Arcebispado de Evora para seu irmão D. Alexandre, dando por razão, que não era Doutor em faculdade alguma, quando no mesmo tempo se havia concedido o Bispado de Vizeu a Leopoldo Archiduque de Tirol para hum filho seu de tres annos, tendo contra a Ley do Reino darem-se a extrangeiros Beneficios Ecclesiasticos. Obrigado de tão certos discursos, e queixoso de tão justos aggravos, e sobre todas as razoes humanas persuadido de impulso superior, determinou o Serenissimo Duque de Bragança não dilatar por mais tempo as esperanças dos Portuguezes, sendo valeroso Author da liberdade, que desejavaõ; porém esperou que se lhe tornassem a fazer novas propostas para ajustar com maiores fundamentos materia, onde as difficuldades pareciao quasi invenciveis. Não lhe tardou muitos dias esta occasião, porque, irritada de novo a Nobreza com as ordens, que chegarão a todos os Fidalgos, de que se compunha, para acompanharem ElRey no castigo dos Catalães, lembrados não só do intento desta jornada (conhecidamente disposto para ultima ruina das suas casas.) fenaõ da differença das emprezas, para que seus Avós foraõ chamados dos antigos Reys de Portugal, se dispuzeraõ a tomar a ultima resolução, e a eleger o caminho, que achassem menos difficulto, o pata conseguir a sua, e a liberdade da Patria.

A do.



Anno

1640.

*Segunda Junta  
dos Nobres.*

A doze de Outubro do anno de 1640, (taõ de-  
cantado dos vaticinios, que nem a experiencia de se che-  
gar o fim delle sem apparencia de novidade util, diminu-  
hia as esperanças dos que aguardavaõ neste tempo a li-  
berdade da Patria) se juntaraõ em casa de D. Antaõ de  
Almada D. Miguel de Almeida, o Monteiro mór, Jor-  
ge de Mello, Pedro de Mendoça, e Antonio de Salda-  
nha, Joaõ Pinto Ribeiro Agente da Casa de Bragança, ao  
qual chamou D. Miguel de Almeida, assim por ter ava-  
liado por homem de grande talento, como por ser Agen-  
te dos negocios do Duque de Bragança, e muito obriga-  
do a procurar os seus interesses. Começaraõ todos a dis-  
correr sobre o remedio de tantos males como o Reino pa-  
decia, e a queixarem-se do Duque de Bragança, que era  
a causa de tanta ruina, não querendo aceitar a Coroa, que  
lhe offerenciaõ, e na Coroa as vidas, e as liberdades, que  
lhe entregavaõ. Arguirãõ-o de remisso, e irresoluto, fa-  
zendo a paixão, ou o impulso sobre-natural, que se esque-  
cessem de que a empresa tinha mais relevantes depen-  
dencias, que o consentimento do Duque. Defendeo-o Joaõ  
Pinto, fazendo officio de bom criado: referio as muitas  
razões, que havia, para se não resolver sem grande con-  
sideração em materia taõ importante, mostrando os in-  
convenientes, que primeiro se deviaõ facilitar: e conclu-  
hio, que se julgavaõ ser, acclamar ao Duque o unico re-  
medio de tantos males, para que aguardavaõ o seu con-  
sentimento? Que se resolvessem a declarallo Rey de Por-  
tugal, porque o Duque, vendo-se metido no empenho, an-  
tes havia de querer ser Rey em contingencia, que Vassal-  
lo suspeito, sendo mais remoto aquelle, que este peri-  
go. Todos os que ouviraõ Joaõ Pinto se afeiçoaraõ á sua  
opiniãõ; porém assentaraõ, que se fizesse primeiro avizo  
ao Duque, persuadindo-o com mais vivas instancias a que  
aceitasse a Coroa: e quando elle duvidasse, se elegeria o  
segundo partido de o acclamar sem seu consentimento,  
ou outro qualquer, que parecesse mais util, e mais breve;  
porque eraõ ja tantos os que sabiaõ esta resoluçãõ, que  
na quebra do segredo perigava muito o successo della. Per-  
suadiraõ todos a Joaõ Pinto, que fosse a Villa Viçosa com-  
municar

96 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno  
1640.

*Parte Pedro de  
Mendoça ao Du-  
que.*

*Proposta de Pe-  
dro de Mendo-  
ça.*

municar ao Duque a determinação assentada, e a mostrar-lhe as razões, que o obrigavaõ a libertar a Patria, aceitando a Coroa. Excusou-se João Pinto dizendo, que as razões repetidas por elle parecerião ao Duque suspeitosas, e levadas do interesse, que lhe resultava da sua grandeza, e que assim era de parecer, que Pedro de Mendoça aceitasse esta commissão, porque nelle concorriaõ todas as circumstancias de que se devia esperar a felicidade da jornada. Aceitou Pedro de Mendoça com muito gosto a diligencia, e como era taõ empenhado no bom successo della, não dilatou dalla á execuçaõ; fez caminho por Évora, onde comunicou ao Marquez de Ferreira, e ao Conde do Vimioso a commissão que levava; escreveraõ elles ao Duque, esforçando quanto lhes foy possível as instancias, para que não reculasse taõ generosa offerta. Passou Pedro de Mendoça com estas cartas a Villa Viçosa, achou o Duque caçando na tapada, que se segue á Villa, que era todo o seu divertimento, sendo huma das maiores, e mais abundantes de caça de toda Hespanha. Depois dos primeiros cumprimentos, offerecendo-lhe occasião o campo de fallar ao Duque sem testemunhas, lhe disse, que elle vinha da parte de quasi toda a Nobreza do Reino a pedir-lhe quizesse aceitar a Coroa de Portugal, usurpada a seus Avós por El Rey D. Philippe segundo, e que do sentimento da Nobreza estava o povo de Lisboa, estimulado dos excessos dos Castelhanos, e que neste particular era a resolução de todos taõ uniforme, e incontrastavel, que quando duvidasse de aceitar a Coroa, determinavaõ acclamallo sem seu consentimento: porém que parecendo aos de melhor discurso esta resolução intempestiva, assentaraõ fazer-lhe avizo, esperando de seu grande espirito, que se não negaria ao amparo de taõ honrados Vassallos, que voluntariamente entregavaõ ao seu arbitrio as vidas, e as fazendas com segura confiança de lhe eternizarem a Coroa, fundada no valor dos Portuguezes tantas vezes experimentado; e que se o pouco, que estimasse o Sceptro o dissuadisse da empreza, o muito que devia gratificar taõ firos affectos, era força que o obrigasse a tomar taõ galharda resolução, advertindo-lhe, que



que quando não achassem por hũa, ou por outra via meio de o persuadir, que estavaõ resolutos a formar huma República; e que devia considerar quanto desdouro seria para a sua opiniaõ entre as Nações estrangeiras verem, que erigiaõ República, tendo nelle Principe natural; porque ainda que a empreza era grande, parece que a facilitava a guerra de França, e as revoluções de Catalunha, repartindo-se de sorte o poder dos Castelhanos, que seria facil desbaratar o que trouxessem á opposição do intento proposto: e que lhe pedia não cõmunicalle este negocio ao seu Secretario Antonio Paes Viegas. Era a causa desta desconfiança recearem, que Antonio Paes desviasse ao Duque de aceitar o Reino, e por este respeito advertiraõ a Pedro de Mendoga em Lisboa esta diligencia. O Duque respondeo, que a materia em que lhe falava era de tanta importancia, que merecia toda a ponderação, e assim lhe pedia tempo para cuidar nella, e brevemente lhe daria resposta, que em quanto a fialla de Antonio Paes, sem algum escrupulo o podia permittir, porque além das largas experiencias, que tinha do seu segredo, e prudencia, não era o que menos o estimulava ao mesmo que elle o persuadia. Entregou Pedro de Mendoga ao Duque as cartas que levava do Marquez de Ferreira, e Conde do Vimio, e apartou o discurso o Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, que veio visitar ao Duque.

Acabada a visita do Bispo, entrou o Duque a discorrer no modo da resposta, que havia de dar a Pedro de Mendoga, porque ainda que estava resolutos a tentar a fortuna abraçando a empreza, ensinava-lhe a prudencia a caminhar com os passos mais seguros, que fosse possivel, e a dispôr de forte os animos, que concorresse no empenho ou toda, ou a maior parte da Nobreza, resolução que costuma a seguir o Povo, e sem ella sempre são inconstantes os seus affectos. Parecia-lhe ao Duque conveniente, antes de declarar o seu intento, anticipar todas as prevenções, que considerava precisas para o concluir, porque depois de communicada a sua resolução, suppunha grande risco em se lhe dilatar o effeito della; e executada sem esperanças de a conseguir, o que facilitavaõ as dif-

Anno  
1640.

*Resposta do Duque.*

98 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

*Conferencia do  
Duque com An-  
tonio Paes Vie-  
gas.*

posições convenientes, era entregar logo a victoria nas mãos de seos inimigos. Para ter maior socego neste embaraço, não quiz resolver-se sem o parecer de Antonio Paes Viegas: chamou o, e communicou-lhe tudo o que havia passado com Pedro de Mendouça. Chegando ao ponto de que a Nobreza determinava, quando elle se resolvesse a não aceitar a Coroa, a formar na ultima desesperação hũa República: disse Antonio Paes ao Duque, que antes, que passasse mais adiante, se servisse o tirar de hum duvida, a qual era, que se accaso os Portuguezes formassem República, que partido havia de seguir? se o de Portugal, se o de Castella? Respondeo-lhe o Duque, que sempre estivera deliberado a se não apartar do commum consentimento do Reino, e qualquer perigo a que se ariscasse por defenda da Patria, teria por muito suave: ouvindo estas palavras, disse ao Duque Antonio Paes com grande fervor, que esta sua resolução tirava a duvida da resposta, que havia de dar a Pedro de Mendouça: porque se pela Patria se resolvia a arriscar a vida sendo Vassallo de huma República, quanto mais glorioso, e quanto mais conveniente era empenhalla sendo Rey de hum Reino, que lhe pertencia de justiça; e que se a defenda da vida ficava dependendo da direcção alheia, muito maior prudencia seria seguralla com a disposição, e cuidado proprio: que achasse a mão, que tirasse o golpe, na do Duque a espadada para o reparo: que visse Europa, conhecesse o Mundo, e confeçasse a Posteridade o valor com que se arrojava a lograr em hum só acção duas victorias, restituir-se á posse do Reino, que lhe tocava, e satisfazer-se das offensas, que os Castelhanos usurpando-o, fizerao a seos Avós, e que celebrasse Portugal para gloria sua ser elle aquelle escolhido de Deos no Campo de Ourique para livrar na decima sexta geração, que de presente se contava, o Reino attenuado, e a Patria nunca em outro seculo mais opprimida; que em quanto ás difficuldades, que se lhe representavao, que ja se não podiao prevenir; porque só o beneficio do tempo era quem as havia de remediar: que na contingencia da Lua inconstante semeava o Lavrador a terra, e no perigo da variedade do vento se arrojava ao Mar



PARTE I. LIVRO II. 99

Mar o navegante, tendo valor hum, e outro para entregar ao tempo a sua fortuna: que nos catos grandes toda a resolução se exculava de temeridade, e qualquer reparo (abraçado o empenho) era imprudencia, sendo só o arrependimento o que se devia contar como maior precipicio; e que ultimamente nunca a desgraça poderia ser tão poderosa, que, negando-lhe todos os meios de se defender, lhe faltasse na campanha com huma gloriosa sepultura. O Duque estimou muito esta opiniaõ de Antonio Paes; respondeo-lhe que se havia conformado com o seu intento; e depois de conferir com elle outros pontos importantes, passou ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmão sua mulher, filha dos Duques de Medina Sidonia, huma das mais qualificadas, e antigas familias de Castella, deo-lhe conta do empenho em que se achava, a que não queria arrojarse sem o seu parecer. A Duqueza que era dotada de entendimento tão claro, e animo tão varonil, como depois acreditáraõ largas experiencias, ponderando os perigos da sua Casa, sendo objecto do rigor do Conde Duque, julgou generosamente por mais acertado, ainda que a morte fosse consequencia da Coroa, morrer reinando, que acabar servindo, e animou ao Duque dizendo, que todos os vaticinios eraõ segurança da empreza, e que neste sentido só a dilação de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque tão conformes duas opinioes de que tanto fiava, chamou Pedro de Mendoça, e depois de lhe agradecer o trabalho, e o perigo, a que se expusera por seu respeito, lhe disse, que havia largamente ponderado tudo quanto elle lhe referira, e que antepondo a saude da Patria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa para a fazer respeitada a seus inimigos, e commua a seus Vassallos, porque na occupação, que a Nobreza lhe dava, escolhia o trabalho do Governo, e largava aos que governasse, os interesses do Imperio. Pedro de Mendoça alegre de haver conseguido o que tanto desejava, pretendeo beijar a mão ao Duque, que o recusou dizendo, que para esta cerimonia não faltaria tempo, e que para conseguir o que dispuhaõ faltavaõ muitas circumstancias.

Anno  
1640.

*Resolve-se o Duque a aceitar a Coroa.*

*Communica á Duqueza o intento, que varonilmente approva.*

*Declara a Pedro de Mendoça esta resolução.*

## 100 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1640.

*Volta a Mourão  
faz avizo á Ju-  
ta mas confuso.*

*Sabe da duvi-  
da, e alegrá-se  
com a sua de-  
claração.*

*Parte João  
Pinto a Villa-  
Viçosa.*

Com grande satisfação desta modestia partio Pedro de Mendoça para Mourão por dissimular a jornada de Villa Viçosa. Despedio logo hum Correio a D. Miguel de Almeida, e lhe escreveo dizendo, que fora á tapada; que se fizeraõ alguns tiros, e que huns se acertaraõ, outros se erraraõ, e que era grande a prudencia de João Pinto Ribeiro. Este avizo tão pouco distincto, deixou a D. Miguel muito embaraçado: porém recatando-o por não confundir as resoluções, chegou Pedro de Mendoça, e dando a todos os da Junta conta da resposta do Duque, a celebraraõ com tantas demonstrações de contentamento, que foy esta a primeira acclamação. Já neste tempo havia crecido muito o numero dos Fidalgos empenhados nesta gloriosa empreza: todos tornaraõ a persuadir João Pinto Ribeiro, que fosse a Villa Viçosa a ajustar com o Duque o dia, e a fórma de se executar o que estava tratado, porque era preciso concordar-se com elle nestas, e em outras circumstancias, todas de grande consequencia. Tornou João Pinto a excusar-se, offerecendo as proprias razões, que representára no principio. Em ventilar estas materias se gastaraõ alguns dias, nos quaes faltando ao Duque os avizos, que era justo se lhe fizessem muito repetidos, entrou com razão em grande cuidado, e sabendo que Pedro de Mendoça havia passado a Evora lhe escreveo, pedindo-lhe novas do negocio que lhe encômendára: respondeu-lhe tão confusamente, que o Duque crescendo-lhe o embaraço se resolveo a chamar João Pinto, com o pretexto de conferir com elle huma demanda, que fazia á Casa de Odemira. Deu João Pinto conta a D. Miguel desta ordem, para que elle a cômunicasse aos mais confederados, e despois de ajustarem o que havia de dizer ao Duque se partio para Villa Viçosa. As suas noticias diminui-raõ ao Duque o cuidado com que estava, porque não só concordou com o que Pedro de Mendoça havia referido, mas accrescentou, por facilitar a empreza, muitas inferencias, que seguravaõ a felicidade della. Durando esta conferencia, chegou ao Duque avizo, que passava para Madrid algumas pessoas, de que se podia inferir, que tivessem noticia do que se tratava; e que a Du-  
queza



PARTE I. LIVRO II. 101

Anno  
1640.

*Despede o Du-  
que João Pinto  
com ordem de  
ser aclamado  
em Lisboa.*

*Declara João  
Pinto a resolu-  
ção.*

queza de Mantua , prevenida com alguns avizos , especu-  
lava os passos mais occultos que davaõ os Fidalgos de Lis-  
boa. Vendo estes accidentes lhe pareceo ao Duque que  
perigava muito a empreza na dilação de se executar. Des-  
pedio João Pinto com ordem que desse logo Lisboa prin-  
cipio ao acclamar , porque começando Evora , como lhe  
avizáraõ que estava tratado , podia succeder o inconve-  
niente de se prevenir a Duqueza de Mantua com algum  
avizo anticipado , primeiro que se declarassem os Fidalgos  
confederados: e segurou o Duque a João Pinto , que se  
se desse caso que em Lisboa faltassem ao que promettiaõ ,  
o que elle não cuidava das pessoas que se lhe offerecêraõ ,  
obrigadas por tantos respeitos a antepor a todo o perigo  
a pontualidade , que elle com os Povos , que em Alem-  
tejo estavaõ á sua devoção , havia de tentar a fortuna sa-  
hindo em campanha. Alegre de taõ generosa resolução  
voltou João Pinto para Lisboa: chegou a esta Corte com  
duas cartas do Duque , huma para D. Miguel de Almei-  
da , outra para Pedro de Mendoça ; porque reparando  
no perigo que corria escrever a todos , elegeo o mais ve-  
lho da facção , e o que lhe havia levado a Embaixada.  
Não continhaõ as cartas mais que demonstrações do seu  
affecto , remetendo a sua determinação ao que dissesse  
da sua parte João Pinto a quem pedia dessem inteiro cre-  
dito. A mesma noite em que João Pinto chegou , se ajun-  
táraõ em sua casa. ( que era no Paço que nesta Cidade tem  
o Duque de Bragança ) a maior parte dos confederados :  
porém acautelaraõ se quanto lhes foy possível , deixan-  
do as carroças em differentes partes , retirando João Pin-  
to anticipadamente os seus criados , e pondo pouca luz  
na casa , para que não fossem conhecidos os que estavaõ  
nella. Souberaõ de João Pinto. que a vontade do Duque  
era , que Lisboa desse principio á empreza , que se intro-  
duzissem na facção os mais que fosse possível , e que a bre-  
vidade recômendava considerando na dilação a total rui-  
na : que com o maior affecto agradecia a todos o animo  
com que empenhavaõ as vidas pela sua utilidade , e que  
esperava fosse o successo taõ felice , que lhe não faltasse  
tempo de remunerar tantas finezas : pois era certo que ha-

Anno

1640.

*Elege-se o primeiro de Dezembro para a Acclamação.*

via de escolher por companheiros na Coroa aquelles que tanto trabalhavaõ por lha pôr na cabeça. Qualquer palavra destas que João Pinto repetia era hum novo espirito que entrava nos peitos dos que estavaõ presentes: e Portuguezes com espiritos dobrados não podiaõ achar empreza difficultosa. Todos approváraõ a resolução de começar Lisboa a declarar-se, e ja como ordem do seu Rey se dispuzeraõ a obedecella.

Ajustáraõ-se naquella noute, que era Domingo vinte e seis de Novembro, que se executasse o que estava assentado ao Sabbado seguinte primeiro de Dezembro, e cõmunicou-se a todos, que por intervençaõ do Padre Nicoláo da Maia estava reduzido o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Misteres, e alguns da Casa dos Vinte e quatro: porém que atemorizados com o successo de Evora ajustáraõ, que não fariaõ movimento algum sem verem declarada toda a Nobreza; promessa que facilmente conseguiraõ. Desta conferencia se deo parte ao Arcebispo de Lisboa, que havia alcançado licença para sahir do empenho em que estava em Madrid, protestando as penas em que ficava incorrendo quem lhe impedia ir governar as suas ovelhas. Authorizava elle muito a empreza, persuadindo com a virtude, e com a eloquencia (havendo sido dos primeiros que fomentaraõ a liberdade da Patria, parecendo-lhe escrupulosa a sujeiçaõ a ElRey de Castella, como possuidor intruso) seguiraõ-o seos parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Estando a empreza tanto adiante, que faltavaõ só tres dias para se executar, se deo conta della a D. João da Costa: era dotado de grande valor, e entendimento, partes que lhe haviaõ grangeado toda a estimaçõ da Corte, contando-se nos seos poucos annos muitos de prudencia. Ouvio elle com muita attençaõ a proposta que lhe fizeraõ, e depois de considerar largo espaço a gravidade da empreza, falou com a eloquencia de que era dotado, neste sentido: *Muitos annos ha, Senhores, que com profundo sentimento observe as calamidades, que padece Portugal, e que com intimo affecto procuro achar caminho, que facilite a sua liberdade: nunca puz em duvida a justiça, que o Duque de Bragança tem para se*  
*lhe*

*Voto de D. João da Costa.*



He entregar esta Coroa, nem ignoro o rigor com que a tyrâniza o Governo de Castella: porém a razão do Duque, e a offensa do Reino, ainda que são fundamentos para nos mostrarmos justificados não são forças para nos considerarmos victoriosos; porque esta causa a que nos queremos oppor, não a decidem as razões, hão de sentencialla as armas, e considero, que os mesmos motivos da nossa resolução nos representam as maiores difficuldades. Confeço q o Duque de Bragança, conforme a noticia, que temos do seu talento, he muito capaz da Coroa: porém esta que lhe queremos dar, he tão pezada, que necessita de maiores circumstancias, ha mister muitas experiencias, que faltao ao Duque, não só politicas, senão militares; porque no estado presente he necessario a Portugal, que quem empunhar o Scego saiba exercitallo como bastão. Da segunda causa nasce tambem contrario effeito, porque sendo a maior queixa que temos dos Castelhanos a extremidade a que tem reduzido este Reino com o fim de o fazer Provincia, tirando d'elle gente, dinheiro, armas, e cavallo, esta mesma falta impossibilita o que intentamos; porque sendo estes os quatro elementos de que se compoem o formidavel corpo da guerra, e carecendo nós quasi totalmente de todos quatro, qual he o fim, quaes são as esperanças com que a emprendemos? He facil fazer Rey ao Duque de Bragança, mas he muito difficultojo sustentar-lhe a Coroa, parte das emprezas grandes podem os animos valerosos fiar da fortuna, mas entregar-lhe todo o socego dellas he a maior imprudencia, e a mais indisculpavel temeridade. Sômad os todos os cabedães de que fazemos conta, vimos a achar tirada a prova, quarenta fidalgos em Lisboa, com tão pouco sequito, que na chegada a duzentos homens: a promessa do Juiz do Povo. e Misteres tão mal fundada, que depende da vontade do Povo volúvel, e inconstante, e algãas intelligencias em poucos Lugares da Provincia de Alentejo. Por oppostos ao limitado poder, que temos em Lisboa, havemos de achar os Soldados Castelhanos, que guarnecem o Castello, Torres, e Navios, que estão ancorados, que ao menos serão mil e quinhentos, e além destes, todos aquelles, que dependem de Castella, e os que medrosos do seu poder se desviarem da nossa opinião. Da segunda confiança, que he nos

Anno  
1640.

Anno  
1640.

Lugares de Alemtejo se deve fazer muito pouco caso, na consideração de terem na memoria os castigos das revoluções de Évora, das mais do Reino não podemos inferir a resolução, sem nos intremeter em adivinhar os futuros, privilegio que sem particular auxilio não costuma ser concedido aos mortaes. Porém eu quero suppor todas estas difficuldades vencidas, e considerar o Povo de Lisboa unido, seguindo a voz do Duque de Bragança, o Castello, Torres, e Navios atacados, e rendidos á nossa bizonharia: todas as Cidades, Villas, e Lugares conformes com a opinião de Lisboa, e as Conquistas seguindo o consentimento do Reino, representando se me forças duvidas em qualquer destas proposições, mas dando-as (como disse) por vencidas; quaes são os Exercitos, quaes as Armadas que temos para nos oppor ao poder de Castella? Consente a menor duvida (Se Deos não cegar aos Castelhanos) marcharem, no mesmo instante que chegar a Madrid a nova do que executarmos, contra Portugal os Terços, Tropas, e Armada dedicados para Catalunha a atalhar na nossa resolução o maior damno que pôde padecer aquella Monarquia. Hollanda, e Catalunha, quando se resolverão a sacudir o jugo de Castella, havião grangeado primeiro a amizade dos Principes vizinhos, que com grandes Exercitos sustentaraõ o seu partido, introduzindo-os nas melhores Praças ao mesmo tempo que elles se declararaõ contra os Castelhanos; e nós outros não só elegemos a occasião em que os Castelhanos se achão armados dentro de Hespanha, senão fiamos tanto dos nossos braços que não tratamos de algum outro soccorro, e mais quando já agora ainda que consigamos a licença de algum Principe, he o prazo tão pouco, e tão difficuloso chegarem os soccorros a tempo, havendo de ser por força a inconstancia do mar quem os conduza, que he razão que consideremos o damno muito distante do remedio. Sendo todos estes discursos (a meu parecer) sem contradicção, não nos fica para que appellar senão para milagres, e milagres, senhores, he justo que se creaõ, he bom que se mereçaõ, mas não he razão que se esperem. Porém ainda que tenho proposto as duvidas que se me offerecem em materia tão ardua, e tão importante, não

he



he o meu fim encontrar a empresa, nem desviar-me do perigo della: pois não he a primeira vez que a vontade se aparta do entendimento em operaçoens menos generosas: a minha tenção he mostrar que sigo o que julgo por tão difficil, e arriscado, ponderando que se há ley que indignamente me obriga a entregar a vida á disposição de qualquer Amigo, que a ley natural me empenha a sacrificalla dignamente pela liberdade da minha Patria. Confesso que se tivera esta noticia mais anticipada, que fora o meu voto que se dispuzesse esta empresa com maior segurança; porem fiando-se-me a tempo que he tão pouco o que temos do intento á execução, o que me parece he senão dilate, porque não achemos na falta do segredo o maior inimigo. Estas razões de D. João da Costa arguidas do seu entendimento, e desprezadas do seu valor perturbáráo muito os animos de todos os confederados, e foy de fôrte o embaraço que nelles produziráo, que se resolveo João Pinto a avizar ao Duque de Bragança, que suspendesse as ordens, dispositas para a execução do primeiro de Dezembro, até segundo avizo. Ficou o Duque em grande confusão com esta novidade, se bem sahio logo della, porque chegou outro Correio de João Pinto com avizo que continuasse as disposiçoens, porque não haveria duvida que divertisse a empresa; e foy a causa de sahirem os confederados do embaraço proposto discorrerem o empenho em que estavam, e conhecerem que o maior perigo consistia na dilatação; porque descoberto o que estava tratado experimentariao desunidos o castigo, que receavam armados: e manifestar-se o que intentavam era infallivel, participando do segredo toda a fôrte de gente que não costuma guardallo. Depostos pois todos os inconvenientes, cerrados os olhos a todas as difficuldades, e offerecidos os peitos aos maiores perigos, dileberáráo estes, em todos os seculos, quarenta Illustrissimos Varoens a cortar com as valerosas espadas, novos Alexandres, o laço com que a industria Castelhana havia atado o Reino de Portugal, e a executar huma das maiores acçoens que em nenhum tempo (discorrendo por todas as historias) correo por conta da trombeta da fama; e como o que fica referido he verdadeiro

Anno

1640.

Anno  
1640.

deiro testemunho desta confissão, tendo mostrado o pouco poder com que se deliberaraõ a emprender acção de tantas, e tão invenciveis difficuldades, mostrando agora o felice, e valeroso remate desta gloriosa empreza, lograraõ estes generosos Heroes no applauso universal o triumpho, que merecem.

*Varios discursos  
sobre a execu-  
ção.*

*Affetão a fer-  
ma, e tempo da  
Acclamação.*

Repetiraõ-se as ordens necessarias, e os postos convenientes com a maior distincção que foy possível, depois de ventiladas varias opinioens, que occurriaõ a tantos discursos, porque huns queriaõ, que o Duque de Bragança apparecesse de improvizo em Lisboa, dizendo: que se a sua presença havia de segurar a empreza: porém convenceo-os a contradicção, de que a jornada poderia não ser occulta á vigilancia da Duqueza de Mantua, e que o maior perigo era dar tempo á prevenção. Outros eraõ de parecer, que se atacasse primeiro o Castello, mas examinado o numero dos soldados da guarnição, e achando-se mais de quinhentos, pareceo duvidoso o effeito desejado. Assentaraõ por conclusão, que Sabbado, primeiro de Dezembro, com o menor rumor que fosse possível, se achassem todos juntos no Paço, repartidos em varios postos, e que tanto que o relógio desse nove horas sahissem das carroças ao mesmo tempo: que huns ganhassem o Corpo da guarda, onde estava huma Companhia de Infantaria Castelhana, outros subissem á sala dos Tudescos a deter a guarda de Archeiros Alemaens, que assistia nella; outros appellidassem, pelas janellas do Paço, liberdade, e acclamassem o Duque de Bragança Rey de Portugal, outros entrassem a matar o Secretario de Estado, Miguel de Vasconcellos, diligencia, que julgavaõ importantissima assim por atalhar as ordens, que a sua resolução podia distribuir, como para incitar o Povo com aquelle merecido castigo, e persuadillo ao empenho da Nobreza, para que não duvidasse de a seguir. Tomado este assento, buscáraõ todos, confezando-se o dia antecedente, o favor de Deos para segurar a empreza; porque como aquella acção não era de vingança, senão de justiça, suppunhaõ que desta podiaõ licitamente ser entaõ os executores. Para o dia assinalado, ao amanhecer, se deo recado a todos aquel-



PARTE I. LIVRO II. 107

aquelles, que por dependencias dos quarenta Fidalgos haviaõ de assistir nesta facção, sem mais noticia della, que serem chamados por elles; preveniraõ-se, e armaraõ-se todos, e foy muito para louvar o valor de D. Filipa de Vilhena, Condeffa de Atouguia, porque fiando-se da sua prudencia o segredo deste negocio, ajudou a armar feos dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, e os exhortou a conseguir a valerosa acção, que emprendiaõ. A mesma acção com igual valor executou D. Marianna de Lancaastro com feos dous filhos Fernão Telles, e Antonio Telles da Silva. Sem haver dos confederados quem se arrependesse da determinação, occuparaõ todos os postos destinados. Impacientes esperavaõ as nove horas, e como nunca o relógio lhes pareceo mais vagaroso, tanto que deo a primeira, sem aguardarem a ultima, arrebatados do generoso impulso sahiraõ todos das carroças, e avançaõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, Estevoõ da Cunha com alguma gente, que os seguia, detiveraõ os soldados Castelhanos, que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida subio á sala dos Tudescos, e disparou huma pistola, final que tambem estava ajustado para que todos se repartiõ pelas partes d'antes destinadas. Luiz de Mello Porteiro mór, e Joaõ de Saldanha de Sousa ganháraõ o lugar onde estavaõ arrimadas as alabardas dos soldados. D. Afonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo lançaõ todas as alabardas em terra, e empediraõ que os soldados chegassem a tomallas, alguns delles intentaraõ defender a porta que sahe ao corredor que se remata no Forte, onde morava Miguel de Vasconcellos: porém investidos valerosamente de Pedro de Mendoça, e de Thomé de Sousa desoccupáraõ a porta, e querendo ganhar huma, que hia para o quarto da Duquesa de Mantua, a acharaõ ja occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavaõ, os quaes matando hum Tudesco, e ferindo outro, os fizeraõ retirar. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida veneravel, e brioso com a espada na mão gritando: *Liberdade, Portuguezes:*

*Viva*

Anno

1640.

*Dasse-lhe principio accommetendo o Paço.*

Anno

1640.

*Acomete-se a  
casa de Miguel  
de Vasconcellos.*

*Viva El Rey D. João o Quarto.* E com as mesmas vozes chegou ás varandas do Paço, e repetindo-as muitas vezes ouvido do Povo se foy convocando no Terreiro. Arrebatados de igual furor buscando a casa de Miguel de Vasconcellos entráráo pelo corredor D. Antonio Tello, D. João de Sá de Menezes Camereiro mór d'El Rey, Antonio Telles ferido em hum braço de huma bala de pistola que se disparou na sala dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu irmão D. Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha, D. Antonio Alvares da Cunha, João de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio, e Bartholomeu de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, e seu genro D. Manoel Childe Rolim; no fim do corredor encontráráo a Francisco Soares de Albergaria Corregedor do Cível da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado: disserão-lhe todos com igual impulso ( Viva El Rey D. João ) elle tirando pela espada com resolução imprudente, respondeo ( Viva El Rey D. Philippe, ) persuadiraõ-o que se socegasse, não foy possível, disparáráo-lhe huma pistola na graganta, ferida de que morreo dentro de poucas horas. Chegando á Secretaria acháráo nella Antonio Correia official maior, sem se defender lhe deo D. Antonio Tello algumas feridas, entendeo-se que por paixão particular. Passáraõ adiante buscando a casa em que assistia Miguel de Vasconcellos: havia-lhe advertido pela manhã Manoel Mansos da Fonseca, que no Terreiro do Paço se juntavaõ muitos Fidalgos, mostrou com palavras desconcertadas que desprezava o aviso: porém accusado da consciencia gravada com tantos delictos se levantou da cama, e cerrou a porta por dentro da sala em que despachava, que era a primeira que passado o corredor cáhe sobre o Terreiro do Paço. Rompêráo os confederados facilmente a porta, e não achando dentro a Miguel de Vasconcellos entendêráo que se livrara passando á casa da India para onde tinha communicação, de que arrazoadamente se affligiraõ: mas advertidos de huma escrava abríráo hum armario de papeis, onde acháraõ que esta-



estava escondido: disparou-lhe D. Antonio Tello huma pistola, sentindo-se ferido sahio á casa onde recebeo outras feridas mortaes de que cahio, porém ainda vivo o lançárao ao Terreiro por huma das janellas, aguardava-o quantidade de gente que havia concorrido daquella que sem attenção busca o rumor. Ao mesmo tempo que cahio o miseravel corpo moribundo, se empregou nelle toda aquella desconcertada ira sem perdoar a algum excessão, e ficou em hum instante desprezo commum o mesmo que havia sido respeito universal, e parecendo a todos huma só vida pequena satisfação de tantas culpas, vingava cada hum naquelle cadaver a sua ira, como se estivera capaz de sentimento. Depois de extinctos todos os opprobrios, e de apuradas todas as afrontas foy enterrado á instancia de Gaspar de Faria Severim, que servia aquelle anno de Escrivão da Misericordia, e veio a padecer os castigos que justamente haviaõ merecido os seus desconcertos. Lançado da janella Miguel de Vasconcellos, e examinados com demasiada ambição por algumas pessoas os seus Escriitorios, foy achado em huma das casas interiores o Capitão Diogo Garcez Palha com huma carabina nas mãos, disparou-a, e outras armas de fogo que havia na casa sem effeito, investiraõ-o, e obrigarão-o a se lançar por huma das janellas que cahem para o Terreiro com algumas feridas; salvou-se com huma perna desconcertada. Ao mesmo tempo que se executavaõ estas acções subiraõ ao quarto da Duqueza de Mantua D. Miguel de Almeida, Fernão Telles de Menezes, D. João da Costa que havia atalhado a morte a alguns dos Ministros que estavaõ nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendoça, Dom Antão de Almada, Dom Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, Dom Rodrigo de Menezes seu irmão, Dom Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, Dom Antonio da Costa, Dom Antonio de Alcaçova, João Rodrigues de Sá, Martim Affonso de Mello, Francisco de Mello, Luiz de Mello que foy Porteiro mór d'ElRey, Manoel de Mello seu filho, Tristão de Mendoça, Luiz de Mendoça, Dom Francisco de Sousa, Dom Thomás de Noronha, Dom Francisco de Noronha,

Anno

1640.

*Morte de Miguel de Vasconcellos.*

*Os Fidalgos da  
Acclamação.*

# 110 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

*Chega á vista  
da Duqueza.*

*Palavra da Du-  
queza.*

*Quer favorecerel-  
la o Arcebispo  
Primaz; retira-  
se temeroso.*

*Palavras reso-  
lutas de D. Car-  
los de Noronha.*

ronha , D. Antonio Mascarenhas, Dom Fernando Telles de Faro, Rodrigo de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmão, Francisco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade seu filho, Gilvaz Lobo; e depois de abrirem por força algumas portas que acháráo fechadas, chegáráo todos á cata da Galé, onde acháráo a Duqueza de Mantua a hum jaanela das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo em vozes altas ao Povo que a favorecesse, e livrasse de tão perigoso lance: obrigáráo'a decorosamente a se retirar da jaanela, intentou descer ao Terreiro do Paço, e vendo que lho prohibiaão, disse com voz embaçada: *Basta Senhores: ja o Ministro culpado pagou os delictos commettidos: não passe adiante o furor, que não merece entrar em peitos tão nobres; eu me obrigo a que ElRey Catholico não só perdoe, mas agradeça livrar-se este Reino dos excessos do Secretario.* O Arcebispo de Braga, que havia chegado de Madrid com a occupação de Presidente do Paço, sahio do seu Tribunal, chegou a tempo que a Duqueza acabava de pronunciar as palavras referidas, foy seguindo o mesmo estylo com aquelle grande affecto que sempre o levou ao governo de Castella: porém o respeito que se observou com a Duqueza, ouvindo'a, se quebrou com elle, não querendo escutallo; atalhou-o Dom Miguel dizendo-lhe que lhe rogava que se calasse, porque lhe havia custado muito a noite antecedente livrallo da morte: obrigado deste conselho se retirou o Arcebispo a hum dos aposentos interiores; mas a Duqueza de Mantua com animo varonil foy continuando as primeiras perluações, e repetindo novas intancias segurando o perdaão d'ElRey de Castella: Responderáolhe que ja não conheciaão mais Reys que ao Duque de Bragança que haviaão acclamado. Ouvindo a Duqueza estas palavras lhe cresceo a paixão de sorte, que foy preciso a D. Carlos de Noronha oppor-se-lhe com menos cortesia da que até alli se havia usado, pediu-lhe que se retirasse, e não quizesse dar occasião a que se lhe perdesse o respeito. Replicou ella, A mim! E como? Como senhora (disse D. Carlos) obrigando a V. A. a que, se não quizer entrar por esta porta, iaia por aquella jaanela. (Termo indecoroso que só acha dif-



disculpa na importancia da empreza ) Vendo a Duqueza que era ja temeridade a repugnancia , cedeo ao golpe da fortuna , recolheo-se ao seu Oratorio , e pedindo-se-lhe , que passasse ordem a D.Luiz del Campo , Tenente de Mestre de Campo General , que governava o Castello , para que não fizesse algum movimento , assignou na fórma que a lançaraõ , e D.Luiz del Campo lhe obedeceo , livrando a todos do cuidado em que os punha a artilharia , que poderia jogar em grande prejuizo da Cidade. Ficou de guarda á Duqueza D.Antão de Almada com algumas pessoas , os mais Fidalgos sahíraõ ao Terreiro do Paço : gritando : *Liberdade : Viva ElRey Dom João o Quarto.* O estrondo , a confusão , e a incerteza havia obrigado aos moradores da Cidade a se recolherem a suas casas , e por este respeito não acháraõ os confederados junta a gente , que suppunhaõ , de que se affligíraõ muito ; porém depresso se livráraõ deste susto , porque tanto que se entendeo o fim da revolução , e do estrondo concorreo todo o Povo a acclamar com grande affecto o novo Rey. Ajudou muito esta resolução o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha , porque tanto que teve noticia de que estava felicemente executado tudo o que anticipadamente se havia disposto , sahio da Sé , e no terreiro , que lhe fica diante , achou D. Pedro de Menezes , Conde de Catanhede , Presidente da Camera com todo o Senado , porque havendo cerrado as portas do Tribunal , onde estava , o persuadiráõ seus filhos a que as abrisse , não lhe havendo communicado antes a grande acção , que emprendiaõ ; cedeo sem difficuldade a tão generosa instancia , mandou abrir as portas , entráraõ dentro , pegou D. Alvaro de Abranches na Bandeira da Cidade , seguiráõ-o todos , vieraõ buscar o Arcebispo , e quando baixava , defronte da Igreja de Santo Antonio , pouco distante da Sé , gritou o Povo , que hum Imagem de prata de Christo Crucificado , que levava hum Capellaõ , a quem tocava , diante do Arcebispo , despregára o braço direito ; as felicidades de Portugal , e a justiça daquella acção podem persuadir que seria milagre ; se succedeo accaço , foy pela occasiaõ muito mysterioso. Gritou o Povo prostrado por terra , que era mi-

Anuo

1640.

*Retira-se a Duqueza , e passa ordens para se entregar o Castello.*

*Acclama-se ElRey D. João pela Cidade.*

*Sabe o Arcebispo da Sé , e o Senado da Camera.*

*Desprega o Christo o braço.*

## 112 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

*Confirma-se pe-  
los Desembar-  
gadores a Aci-  
clamação.*

*Solta-se os pre-  
zos.*

*Flegem-se Go-  
vernadores que  
fazem aviso ao  
Reino.*

milagre, e todos cobráraõ invencivel confiança de que Deos approvava a gloriosa deliberação dos confederados. Persuadidos de taõ grande incentivo, não soavaõ em toda a Cidade mais que vivas, e acclamações ao novo Principe, valeroso Author da liberdade da Patria. Chegáraõ alguns Fidalgos á Casa da Supplicação, e acháraõ as portas fechadas, pedio Ayres de Saldanha aos Desembargadores, que estavaõ dentro, que as mandassem abrir, segurando-os de todo o prejuizo, que podiaõ temer, abrião elles, e informados da causa do alvoroço, approváraõ com grande vontade por escrito a resolução, que se havia tomado, firmando se todos no assento, que fizeraõ, e porque Ministros de justiça correm perigo nas revoluções desta qualidade, segurou-os Ayres de Saldanha até suas casas. D. Gastaõ Coutinho abriu as cadêas, e soltou todos os presos, que estavaõ nellas, parecendo lhe improprio não lograrem o privilegio do dia, em que se celebrava a liberdade da Patria. Neste tempo havia chegado o Arcebispo ao Paço, o qual achou cheio de gente de todos os estados, que confórmes celebravaõ a fortuna de se verem livres da sujeição de Castella, sem se lembrarem de que havia, senão maiores, outras difficuldades, que vencerã Voltáraõ ao Paço todos os Fidalgos, que se haviaõ espalhado por varias partes da Cidade, depois de a deixarem com tal socego, que dentro de tres horas não parecia aquelle o meismo theatro, onde se haviaõ representado tantos successos differentes. Tratarã logo de eleger Governadores, em quanto o Duque de Bragança, ja Rey de Portugal, não chegava de Villa Viçosa: nomearaõ aos Arcebispos de Lisboa, e Braga, e a D. Francisco de Castro Inquisidor Geral: porẽm allegando elle algumas desculpas que insinuavaõ o seu receio ( quando não fosse o seu natural encolhimento ) se lhe admittiraõ. O Arcebispo de Braga, que havia sido eleito á instancia do de Lisboa, procurando livrallo por este caminho dos perigos a que o considerava exposto, tambem se excusava, mas aconselhado de alguns ameaços tomou o governo. Promptamente foy chamado o Viscondê Dom Lourenço de Lima por ser dotado de muitas virtudes, que mereciaõ geral esti-  
mação



PARTE I. LIVRO II.

113

mação. Logo que os Governadores aceitaraõ, despedi-  
raõ varios Correios a todas as Cidades, e Villas maiores  
do Reino, fazendo-lhes avizo da resolução que Lisboa ha-  
via tomado, de restituir Portugal á Serenissima Casa de  
Bragança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor Du-  
que Dom João, a quem tocava por linha direita o Reino  
de justiça, e que esperavaõ, que como verdadeiros Portu-  
gueses seguissem a voz de Lisboa, e se prevenissem con-  
tra a invatão de Castella, de que Deos lhes havia de dar  
victoria, como sempre concedera a feos antepassados.  
Despedidos os Correios ao meio dia se recolheraõ os Go-  
vernadores para suas casas, admirados de acharem a Cida-  
de no mesmo locego, que o dia antecedente. e as logeas  
dos mercadores, e tendas abertas, sem haver em tanto re-  
boliço, e inquietação quem offendesse, nem roubasse pes-  
soa alguma, verdadeiro signal de que a disposição era Di-  
vina; e sendo semelhantes dias os mais proprios de vin-  
gança, ficou esta para exemplo da concordia, porque to-  
dos os que não estavaõ conformes depuzeraõ a inimiza-  
de, querendo achar-se unidos na guerra, que esperavaõ:  
porém este primeiro semblante favoravel da fortuna, não  
fez descuidar aos Governadores da prevenção necessaria  
para atalhar os accidentes, que sobrevissem. Mandáraõ  
sahir todas as Companhias da Ordenança, repartiraõ-se  
estas em varios postos, assim para evitar qualquer defa-  
locego, como para assegurar os Castelhanos, que viviaõ  
na Cidade: taõ regulada foy esta acção, que não quize-  
raõ que cahisse o damno em quem não merecia castigo.

Anno  
1640.

*Passaõ ordens  
para o socego  
da Cidade.*

Socegada a Cidade, entrou João Rodrigues de Sá, *Rendem-se os*  
D. João da Costa, e outros Fidalgos em huma de duas ga- *galeões dos Ca-*  
lés, que havia naquelle tempo no Rio, e neste pequeno *stelhanos.*  
baixel renderaõ tres navios da Armada de Castella, que  
estavaõ furtos, guarnecidos de Infantaria, conseguindo  
só a gloria de emprender acção taõ galharda; porque os  
Castelhanos nem fizeraõ resistencia, nem tiveraõ acôrdo  
para largar as vélas estando aparelhados, tendo vento  
prospero, e maré favoravel. Huma das maiores maravi-  
lhas deste dia foy o desacôrdo dos Castelhanos, que presi-  
diavaõ o Castello: porque ainda que se não achavaõ de  
Tom. I. H guar-

*Imprudência dos  
Castelhanos em  
não seguir o pa-  
recer de Ma-  
thias de Albuquerque.*

## 114 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

guarnição mais que quinhentos mosqueteiros, havendo-se tirado para Catalunha mil e trezentos homens de todos os presidios (resolução que os mais intelligentes nos negocios de Portugal julgáram por delatino) se estes que se achavam no Castello se determináram a sahir ao mesmo tempo, que começou o primeiro rumor (como Mathias de Albuquerque, que estava prezo por vir injustamente capitulado do governo das Armas de Parnambuco, lhes aconselhava) ficára muito duvidoso o successo da empresa, e quando se conseguira, fora á custa de muito sangue, porque os Castelhanos que andavam espalhados pela Cidade (que eram em grande numero) achando corpo a que se unir, pudéram fazer duvidosa opposição, e o Povo se virá que os confederados achavam resistencia, difficilmente se declarára; porque poucos são os corações, que se arrojam voluntariamente aos perigos sem alguma esperança da victoria. Mathias de Albuquerque vendo que os Castelhanos não aceitavam o seu primeiro parecer, como era Conselheiro de guerra, e não sabia a causa do rumor, fez cerrar as portas, e guarnecer as muralhas, querendo prevenir a artilharia. Chegou a primeira ordem da Duqueza de Mantua a que obedeceo D. Luiz del Campo, ainda que entendeo, que a Duqueza a passára violenta. Veio segunda ordem para que se não fortificasse o Castello, a qual considerando Mathias de Albuquerque se recolheo ao seu apozento, tendo já noticia de tudo o que havia passado, de que lhe resultou a maior alegria, vendo occasião de ter exercicio o seu grande prestimo em utilidade da sua Patria. Naquelle noute se arrimáram ao Castello todas as Companhias da Ordenança, e no dia seguinte á tarde chegou D. Alvaro de Abranches, Thomé de Sousa, e D. Francisco de Faro com ordem da Duqueza para D. Luiz del Campo entregar o Castello: pareceo-lhe a elle que não vinha muito distincta; apontando as duvidas, se lhe passou como a pedio. Tanto que lhe chegou a ordem mandou abrir as portas, entrou dentro D. Alvaro, e os mais que o acompanhavam, e tomou posse do Castello, que os Governadores lhe haviam entregue até que El-Rey chegasse; soltou Mathias de Albuquerque, e Rodri-

*Entrega-se o  
Castello.*



go Botelho Conselheiro da Fazenda, que tambem estava prezo por huma pendencia, que teve com hum Mercador. Mandou D. Alvaro lançar bando, que os Soldados Castellanos que quizessem ficar servindo a ElRey D. Joaõ se lhes pagaria pontualmente, apontando-se-lhes outras commodidades: aceitáraõ muitos, os mais sahiraõ formados, privilegio da capitulaçaõ, que fizeraõ: alojaraõ-os nas Tercenas, sitio fóra da Cidade, e deraõ-lhes logo passaportes para que divididos passassem para Castella. D. Luiz del Campo tanto que chegou a Madrid o mandou ElRey prender; vendo perdida a honra, perdeu o juizo; se fizera esta consideração antes de entregar o Castello, pudéra evitar huma, e outra desgraça.

No mesmo dia, que o Castello, se renderaõ as Torres de Belem, Cabeça secca, Torre velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada; receberam ordem da Duqueza de Mantua, e sem resistencia alguma se entregaraõ, fazendo o medo o effeito, que não pudera facilmente conseguir o poder dos confederados. A Duqueza de Mantua mandáraõ os Governadores sair do Paço para o de Xabregas, acompanhada do Marquez de la Puebla, que lhe assistia ao Governo, do Conde Baineto seu Estribeiro mór, e da mais gente de que se compunha a sua familia. Haviaõ os dous fido prezos, e D. Diogo de Cardenas Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon Conselheiro da Fazenda, D. Diogo da Rocha Juiz do Contrabando, e D. Fernando de Albia e Castro Conselheiro da Fazenda; no mesmo Sabbado da aclamação intentáraõ D. Diogo de Cardenas, e o Marquez introduzir-se no Castello primeiro que se rendesse, não lhes foy possível consegillo, de que mostráraõ grande sentimento, persuadidos a que, se defendessem o Castello, poderiaõ divertir a empreza, ou ao menos aguardar nelle o soccorro d'ElRey Catholico. A Duqueza de Mantua acompanhada do Arcebispo de Braga chegou ao Paço de Xabregas, esteve neste aposento até que a mudáraõ para o Convento de Santos, que succedeo dentro de breves dias, e em huma, e outra assistencia foy decorosamente servida, e respeitada. Tanto que no dia da aclamação se executou felicemen-

Anno  
1640.

*Rendem-se as  
Torres.*

*Retira-se a Du-  
queza ao Paço  
de Xabregas.*

*Prendem-se os  
Ministros de  
Castella.*

## 116 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

*Parte Pedro de  
Mendoça, e Jorge  
de Mello a  
dar conta a El-  
Rey.*

*Parte a Lisboa.*

*He acclamado  
em Evora, e nos  
mais Lugares  
de Alemtejo.*

*Entra ElRey em  
Lisboa, he rece-  
bido com uni-  
versal applauso*

te tudo o que fica referido, partio Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello pela posta com avizo a ElRey da fortuna, com que se conseguiria tão ardua, e tão gloriosa empresa. Chegárao a Villa Viçosa á segunda feira a tempo que ElRey queria entrar a ouvir o Sermao na sua Capella, de-rao-lhe a nova, beijarao-lhe a mão, e mandou sem se perturbar que se continuasse a solemnidade, socego que bastára para o fazer digno da Coroa: porém o alvoroço não deo lugar a se seguir esta ordem, e ElRey vendo quan-to convinha partir-se com brevidade para Lisboa, se me-teo em hum coche acompanhado nelle do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso, ( que ja com o avizo da acclamação haviaõ chegado, tendo primeiro solemne-mente acclamado a ElRey em Evora ) de Pedro de Men-doça, e Jorge de Mello; e a cavallo, de alguns criados de sua casa. Sem mais tropas que o seguissem partio ElRey para Lisboa a tomar posse de hum Reino, que os Reys de Castella, formidaveis a todo o mundo, senhoreáraõ sessenta annos, e haviaõ de pretender restaurar como a pedra de maior valor da sua Coroa: porém ja esta reso-lução era penhor das felicidades que depois conseguiu. As Villas de Montemór, e Arrayollos, por onde ElRey pas-sou, e os mais lugares da Provincia de Alemtejo a que fez avizo, antes que sahisse de Villa Viçosa, o acclama-raõ com as demonstraçoens mais alegres que lhes foy pos-sivel. A quarta feira chegou ElRey a Aldea Gallega, onde achou que o esperavaõ muitos Fidalgos, e outras pessoas Ecclesiasticas, e Seculares: recebeo a todos tão benigna-mente, que na primeira acção conseguiu entregarem-lhe nos coraçõens as liberdades, e as fazendas. Na manhã de quinta feira se embarcou, e ás nove horas chegou a Ponte da casa da India. Estavaõ no Paço os Governadores, e como não esperavaõ ElRey tão brevemente, tanto que se es-palhou a nova de que era chegado correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, e foy de sorte o alvoroço, e as vozes alegres do Povo que por instantes lhe era necessario che-gar ElRey ás janellas; porque a sede de seus Vassallos se-não satisfazia vendo-o repetidas vezes. Naquella tarde beijárao a mão a ElRey todos os Tribunaes, e accrescen-



# PARTE I. LIVRO II.

117

tou a alegria levantar por seis mezes o Auditor da Legacia o Interdicto, que o Colleiitor havia deixado, porém com este occulto privilegio. Multiplicou-se o contentamento com os avizos de todas as Cidades, Villas, e Lugares do Reino, que confirmavaõ não haver parte alguma, que sem mais especulaçaõ, que a do alvoroço, não fizesse ostentaçaõ da sua fidelidade, ( successo raras vezes acontecido no mundo ) havendo só em Alemtejo alguns Lugares, que tiveraõ anticipada noticia do que se tratava, e sendo tantos os das outras Provincias, que confinavaõ com varios Lugares da Monarquia de Castella. Mas como Deos havia disposto a separaçãõ destes dous Reinos, decretou, que anoitecendo o ultimo de Novembro, unidos com o dominio de Castella, parentes com o trato, amigos com o comércio, enlaçados com os interesses, a manhã do primeiro de Dezembro, o mesmo golpe, que cortou a vida a Miguel de Vasconcellos, universalmente sacodisse o dominio, desfataste o parentesco, quebraste a amizade, defunisse os interesses; que a primeira voz, que acclamasse ElRey D. Joaõ em Lisboa, foasse em todo o Reino, voasse a todas as Conquistas, e como se os instrumentos estivessem acordados fizesse em todos os animos Portuguezes a mesma consonancia; grande havia de ser a incredulidade para se não conjecturar da felicidade do principio desta empreza a fortuna do remate della. Santarém foy o primeiro Lugar, que acclamou ElRey sem receber carta de Lisboa. Em Coimbra recebendo-a, foraõ excessivas as demonstrações. O Porto duvidou, mas reduzio-se em breves horas. O Castello de Viana, guarnecido de Infantaria de Castella, se poz em defenfa, atacaraõ-o, e renderaõ-o galhardamente os moradores, ajudados de alguma gente de Braga, Guimarães, e outros Lugares. Em Setubal o Castello de S. Philippe, e a torre de Outaõ resistiraõ oito dias, passados elles, se entregáraõ. O Reino do Algarve, que governava Henrique Correia da Silva, obrando grandes finezas a sua diligencia, se defuniu de Castella; e finalmente todos os Lugares, que eraõ de marcações antigas, e separaçãõ dos Reinos, acclamaraõ o novo Rey. Para coroar a obra, e ElRey se Coroar sem cui-

Tom. I;

H 3

dado

Anno

1640.

Levantase o Interdicto.

Daõ obediencia a ElRey todas as Provincias.

Rende-se o Castello de Viana.

Os de Setubal depois de alguma resistencia.

Segue o mesmo exemplo o Reino do Algarve.

Anno

1640.

*Sítio de S. Giaõ.*

dado algum, faltava só para render a Fortaleza de S. Giaõ, huma das mais excellentes de Europa, assim pela fortificação por ser quasi inexpugnavel, como pelo sitio, por dominar todos os navios, que entraõ pela barra de Lisboa. Tanto que deraõ lugar ás muitas difficuldades, que milagrosamente se venceraõ, mandou ElRey a D. Francisco de Souza, que juntando á gente, de que estava feito Mestre de Campo, o numero maior dos soldados da Orde nanga, que lhe fosse possivel, marchasse a atacar a Fortaleza de S. Giaõ: he pouco o sitio, que elle dá á terra para a expugnação, porém este tem hum monte tão vizinho, que fica padraõ á Fortaleza. Levantou-se nelle hum reduto, e começaram a jogar quatro meios canhões com pouco effeito, e deo principio com menos sciencia hum infructuoso aprouche. Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo despachou aviso por hũ a Caravela ao Duque de Maqueda, General da Armada d'ElRey Catholico, pedindo-lhe soccorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se quizera defender-se, tendo na Fortaleza mantimentos, e munições em grande quantidade, e seiscentos soldados, bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ, e para resistir á insufficiencia dos expugnadores. Estava prezo na Fortaleza, por ordem d'elRey Catholico, D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre; havia passado ao Brasil no anno antecedente com a poderosa Armada, a que se unio a de Castella, com o fim de restaurar Parnambuco, como ja referimos. Chegando o Conde a Lisboa o prenderaõ, e antes de ser sentenciado lhe tiraraõ o Titulo, e todas as mercês, que lhe haviaõ feito quando se embarcou. Vendo pois aberto o caminho de conseguir, com a liberdade do Reino, a sua liberdade, e a importancia daquella Fortaleza, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar querendo entregalla, offerecendo-se-lhe tão boa occasião, como não haver outro Lugar no Reino, que não estivesse rendido. Ouvio o Tenente a pratica com bom rosto, fomentou-a o Conde, ajustáraõ a recompensa, e celebrou-se a entrega da Fortaleza a doze de Dezembro depois de se dispararem por concerto, e sem dâo, algũas peças de artilharia



tilharia de hũa, e outra parte. Tomou posse da Fortaleza D. Francisco de Souta : ( dous dias antes se havia rendido a de Calcaes a D. Gastaõ Coutinho ) ao Tenente satisfez ElRey com huma Cômenda, e outras mercês a resolução que tomou mais util, que briola. Do avizo que havia feito ao Duque de Maqueda resultou despedir logo tres Sétias, e hum barco longo á ordem de D. Sabiniano Manrique com Infantaria, e munições. Chegou á barra dia de Natal, e saltou em terra sem se acautelar, acompanhado de hum Capitaõ, e dez soldados; foraõ vistos, e logo prezos, as embarcações reconhecendo esta desgraça se retiráraõ. O mesmo successo teve o batel de hum avizo, que veio seguindo as Sétias com maior soccorro, o Capitaõ delle mais acautelado, mandou reconhecer por nove Soldados a quem a Fortaleza obedecia; perguntaraõ o elles do batel, responderaõ-lhe da Fortaleza, que a ElRey de Castella; enganados desta confiança saltáraõ em terra, ficaram prezos, e o navio livre de algumas ballas que lhe tiráraõ se voltou para Cádiz. Outro de Canarias entrou pela barra obrigado de hum temporal, trazia algumas pessoas principaes com suas familias, a todos mandou ElRey dar passaporte para Castella.

Anno

1640.

*Entrega-se São  
Giaõ.*

*Prizaõ de D. Sabiniano Manrique.*








Anno  
1640.


# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO III.

---

## SUMMARIO.

 *URÃO aElRey os Tres Estados do Reino. Solemnidade do Juramento. Eleição de Officiaes da Casa, e Ministros para o Governo. Entrão em Lisboa a Rainha, Principe, e Infantes. Chegaõ á Corte os Fidalgos divididos por todo o Reino. Chama ElRey a Cortes, onde foy jurado, e o Principe D. Theodosio por Herdeiro, e Successor deste Reino. Levanta os tributos postos por Castella. Ajustaõ-se em Cortes os meios para a defensa do Reino. Passaõ-se alguns Fidalgos para Castella. Altera-se o Povo, que ElRey socega com prudencia. Acclama-se ElRey na Ilha da Madeira.*

122. PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

*deira. Seguem as mais este exemplo. Defendem-se os Castelhanos no Castello da Ilha Terceira: sítua-o os moradores, e entrega-se. Chega a nova da Acclamação d'ElRey ás Praças de Africa: obedece-lhe Mazagão, e o Reino de Angola. Duvida Tangere; e Ceuta nega a obediencia. He acclamado em todas as Praças da América, e em todo o Dominio da Asia. Breve relação do Estado da India. Disposições do Governo d'ElRey. Manda Embaixadores aos Principes da Europa. Noticia dos acontecimentos de todos. Nobre empresa do Conde de Castel-Melhor em Cartagena. Successos do Infante D. Duarte, sua prizaão, e morte.*

**E**M quanto se acabavaõ de vencer tantas difficuldades, sendo as diligencias mais poderosas que as contradicções, preparava Lisboa a solemni-  
dade de Coroar ElRey, e dar-lhe em nome de todo o Reino juramento de obediencia, e fidelidade. Disposto tudo o que era necessario para se celebrar este acto, se levantou a quinze de Dezembro no Terreiro do Paço hum theatro, que igualava com as varandas do mesmo Paço, adornado magnificamente. Baixou ElRey a elle com todas as insignias Reaes, acompanhado da Nobreza, e pessoas principaes da Corte na fórma dos Reys de Portugal. Vinhaõ exercitando os officios da Casa Real todos aquelles que por privilegios antigos tinhaõ occupação nella, conciliando ElRey os animos de seus Vassallos na observação da justiça que guardava áquelles, em que primeiro se exercitava o seu poder. Era Mordomo mór D. Manrique da Silva Marquez de Gouvea, Camereiro mór João Rodrigues de Sá Conde de Penaguião, Estribeiro mór Luiz de Miranda Henriques, e Veador D. Pedro Mascarenhas filho mais velho do Marquez de Montalvão. Servia de Meirinho mór D. João de Castello-branco por seu irmão, que havia ficado em Madrid, de Guarda mór Pedro de Mendoça, de Alferes mór Fernão Telles de Menezes. Vinha o Marquez de Ferreira com o esto-  
que

*Fôrma do juramento d'ElRey.*

*Officios da Casa Real.*



Anno

1640.

que desembainhado exercitando o officio de Condestavel. Elegeo ElRey por Secretario de Estado Francisco de Lucena, merecida occupação da sua grande capacidade. Sahio ElRey vestido de risso pardo bordado de ouro com botões, e cadea de diamantes, trazia ópa de tela branca semeada de ramos de ouro, sustentava-lhe a falda, que largamente se extendia, o Camereiro mór. Sentou-se debaixo de hum docel em lugar alto adornado das insignias Reaes, e depois de tomarem os que lhe assistiaõ os lugares que lhe tocavaõ, fez hum Oração muito eloquente o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ Desembargador dos Aggravos. Mostrou nella com prudentes razões a justiça com que os Tres Estados do Reino restituiaõ a ElRey, que estava presente, a Coroa, usurpada á Duqueza D. Catharina sua Avó por Philippe II Rey de Castella; fez presente a ElRey a vontade com que os Povos offereciaõ, pelo defender, e perpétuar na Coroa, as vidas, e as fazendas; e aos Povos a resolução com que ElRey determinava expor-se aos maiores perigos pela conservação da sua liberdade. Acabada a Oração, se seguiu o juramento a que deo principio Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha. Foy ElRey Dom João jurado por legitimo succesor dos Reinos, e Senhorios de Portugal para si, e seus descendentes, e prometteo a seus Vassallos de lhes guardar todas as isenções, e franquezas que lhes foraõ concedidas pelos Reys seus antecessores. Rematou-se o acto defenrolando o Alferes mór a bandeira, e dizendo tres vezes: Real por ElRey D. João quarto, Rey de Portugal: a que com repetidos vivas respondeo todo o Povo. Feita esta ultima cerimonia, desceo ElRey ao Terreiro, montou a cavallo debaixo de hum Palio, acompanhado a pé de toda a Nobreza descoberta, levando-o de redea D. Pedro Fernandes de Castro, em ausencia do Conde de Monsanto Alcaide mór de Lisboa. Na Praça do Pelourinho estava hum theatro muito bem adereçado: parou ElRey diante d'elle, e ouvio hũa Oração ao Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camera, que continha o alvoroço do Povo, e a resolução de defender em preza tão gloriosa. Acabada a Oração, lhe entregou as chaves da Cidade o Conde de Cantá-

*Oração do Doutor Francisco de Andrade Leitaõ*

*Oração de Francisco Rebello Homem Vereador da Camera.*

124 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

*Elege Ministros.*

*Chega a Rainha  
a Aldea Galega*

*Entra em Lis-  
boa, e forma-se-  
lhes a Casa.*

Cantanhede Presidente do Senado. Continuou ElRey o caminho á Igreja Cathedral da Sé, onde se apeou a dar graças a Deos. Cantáraõ os Musicos o *Te Deum laudamus* entre vivas, e lagrimas alegres de todo o concurso. Voltou ElRey ao Paço com repetido applauso, e alegria de toda a Corte, desprezando todos os perigos, que ameaçavaõ o Reino, e a consideração da offensa feita a hum Rey vizinho, e poderoso. ElRey não dilatou, como era necessario, nomear Ministros para o Governo, que logo continuou com a vigilancia, e attenção, que pediaõ os muitos accidentes, que por horas sobrevinhaõ, e as grandes prevenções de que estava pendendo o empenho, em que se achava. Nomeou para o despacho de todos os dias ao Arcebispo de Lisboa, e ao Visconde D. Lourenço de Lima; dentro de poucos dias ao Marquez de Ferreira; passado mais tempo ao Marquez de Gouvea. Além destes para o Conselho de Estado ao Arcebispo de Braga, ao Inquisidor Geral, ao Marquez de Villa Real, que ja por Castella tinhaõ este exercicio, ao Conde do Vimioso, a seu irmaõ Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego, e ao Marquez de Ferreira. O Conselho de Guerra, Presidencia, e mais occupações da Corte, repartio ElRey pelas pessoas de maior mericimento. Os Governos das Armas, e mais Postos Militares entregou aos fogeitos, de que adiante daremos noticia, quando dermos principio aos successos da guerra. Dia de Natal pela manhã passou ElRey a Aldea-Galega (Villa que com tres leguas de distancia divide de Lisboa o Tejo, opulento com as aguas do Oceano com que se communica) a esperar a Serenissima Rainha Dona Luiza de Gusmaõ sua mulher, que para maior alegria dos Portuguezes trazia consigo seu filho mais velho o Principe D. Theodosio; e as Infantas Dona Joanna, e Dona Catharina. Acompanhava a Rainha o Marquez de Ferreira, que havia partido a buscalla, Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueira, e Dom Francisco Coutinho Conde do Rodondo. Elegeo a Rainha por sua Camereira mór a Marqueza de Ferreira; nomeou ElRey por seu Mordomo mór a D. Sancho de Noronha Conde de Odemira, deo-lhe para Estribeiro mór a D. Luiz de Noronha,

e a



PARTE I. LIVRO III. 125

e a Pedro da Cunha, que era seu Tenente, fez seu Veador. Entrou a Rainha em Lisboa com universal contentamento: nomeou logo por Aya do Principe, e Infantas a D. Marianna de Alancastre, viuva de Luiz da Silva; ornou o Palacio das mais qualificadas, e formosas Damas da Corte, e dos Mininos mais illustres, primeira desconfiança dos Castelhanos, discursando prudentemente, que os altivos animos dos Fidalgos de Portugal não entregavaõ seus filhos a servir, senão a hum Rey, a quem determinavaõ defender.

No tempo, que ElRey se acclamou assistiaõ varios Fidalgos retirados da Corte em Lugares differentes, molestados do governo de Castella, e todos com tũa diligencia concorreraõ a celebrar a nova liberdade. Era hum delles D. Fernando de Menezes, irmão mais velho de D. Luiz de Menezes, Author desta historia: havia passado a Madrid, e trocando pelo exercicio militar o requerimento do Titulo de Conde, que lhe estava concedido, se resolveo a acompanhar o Marquez de Lagañes, que passou naquelle anno a Italia, achando-se dous annos continuos nas occasiões mais importantes daquelle exercito, se retirou a sua casa, obrigado de huma grande enfermidade, sem ElRey D. Filippe lhe deferir ao requerimento, nem lhe satisfazer as finezas executadas em seu serviço. Chegou-lhe ao Lourical (Lugar, que dista seis leguas de Coimbra, no qual assistia) a nova da acclamação d'elRey: no mesmo dia partio para Lisboa, acompanhando o seu irmão D. Diogo de Menezes, que foy dos primeiros soldados, que valerosamente se oppozeraõ em Alemtejo á invasão dos Castelhanos, e dos primeiros Vassallos da sua esfera, que gloriosamente deraõ a vida pela liberdade da sua Patria. Chegaraõ brevemente á Corte, onde ElRey os recebeu com a affabilidade herdada na Coroa; pois foraõ sempre os Reys de Portugal igualmente Senhores, e Pays de seus Vassallos: politica de que lhes resultou alargarem tanto os Ramos da Planta Portugueza, que recolheraõ enxertados mais preciosos fructos, que aquelles de que tiraraõ o primeiro alimento. Seguiu a D. Fernando de Menezes toda a sua familia, e poucos dias depois de ha-

Anno

1640.

*Concorrem os  
Fidalgos de só-  
ra a dar obedi-  
encia a ElRey.*

126 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1640.

haver chegado á Corte, offereceo D. Luiz de Menezes seu irmão ao serviço do Principe D. Theodosio, tendo a mesma idade, que sua Alteza, que eraõ sete annos. Foy esta a sua primeira, e maior fortuna, criando-se com a doutrina deste excellente Principe, a que assistio oito annos continuos, alcançando sem differença o maior favor seu, para que padecesse eterna saudade da sua gloriosa vida na sua intempestiva, e lamentavel morte. Mostrava o Principe nas primeiras inclinaçoens o seguro alicerse, em que se fundáraõ as esclarecidas virtudes, que depois resplandecerã no seu animo. Era seu Mestre D. Pedro Pueros, Irlandez de nação, virtuoso nos costumes, pratico nas sciencias. Dava o Principe lição de Latim, a que D. Luiz assistia, para que a curiosidade se incitasse com a competencia: depois desta lição tinha o Principe hora dedicada para ouvir ler a historia (hum dos mais uteis exercicios, que merecem levar o tempo) porque na historia se encontraõ virtudes para imitar, vicios de que se deve fugir, exemplos que provocaõ o valor, fortunas que incitaõ o animo, desgraças que moderaõ o espirito. Cultiva de sorte o ingenho, que he na tenra idade flor, nos maduros annos fructos; e ultimamente sem controversia he o melhor emprego de todas as potencias da Alma, occupa mais utilmente a memoria, engrandece mais nobremente o entendimento, sujeita mais virtuosamente a vontade. O divertimento, que o Principe buscava para o trabalho destes nobres exercicios era aprender a pintar, e a fabricar hum rologio, sendo grande credito da sua virtude valer-se de taõ insignes artes para desafogo das melhores liçoens, e veio a conseguir, formando-o a natureza taõ perfeito, achar nelle disposiçoens para ter ciumes a arte. Nas ultimas horas do dia formando dos mininos, que lhe assistiaõ, huma Companhia, de que era Capitaõ, bebia suavemente a disciplina militar, e no manejo das armas hia fortalecendo o corpo: e porque aquelle, que naceo para passear o mundo, pouco importa que seja delicado; quem o ha de sustentar sobre os hombros convem; que os crie robustos. Estas primeiras disposiçoens conseguiraõ pelo tempo adiante, que o Principe nos breves annos de sua vida viesse

se



se a não largar a penna da mão que sustentava a espada, uniaão tão útil, como ensina a setta, com a penna voa o ferro que ha de ferir. Nestes, e outros semelhantes exercicios cultivava os primeiros annos, servindo-lhe de verdadeira doutrina os varios casos que via na Corte, e successos que ouvia da guerra, aprendendo igualmente na pratica, e na theorica.

Chegou a Madrid a nova de ser aclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal a sete de Dezembro, despedio o avizo o Corregedor de Badajoz, mas como foy com as primeiras noticias, e o caso era tão singular, hia tão confuso que não dava lugar a alguma resolução: servio só de despacharem correios a varias partes para se anticiparem algumas prevençoens, e de se avizar ao Imperador de Alemanha, pedindo-lhe mandasse ter cuidado na pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares receando o perigo, que lhe occasionava tão grande golpe, despedio hum confidente com ordem que averiguasse em Lisboa a verdade do successo; tanto que chegou foy logo preso, e declarando a causa da sua jornada, o soltárao sem castigo. Fez maior a confusão da Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró, que havendo partido de Lisboa os ultimos dias de Novembro, não dava noticia da aclamação. O primeiro que tirou a duvida foy hum Castelhana criado d'ElRey D. João que o servia em Villa-Viçosa, o qual se passou para Castella a dar noticia de tudo o que havia acontecido. Tanto que se rompeo em Madrid esta certeza, os Fidalgos Portuguezes que se achavao naquella Corte se forão offerecer a ElRey para a Conquista de Portugal, os mais delles com o coração na defesa da sua Patria, como, passado pouco tempo, justificarao, e contando os que assistiao em Madrid, e os que andavao repartidos em varias partes servindo ElRey de Castella, erao oitenta os que se achavao fóra deste Reino, entrando nelles alguns Ecclesiasticos, grande numero para faltar em Reino tão pequeno. A historia hirá dando noticia a seu tempo dos nomes de todos. Repartio ElRey D. Philippe os juros que vagárao das pessoas que ficárao em Portugal por muitos destes Fidalgos, não passando cada

mez

Anno  
1640.

*Chega a Madrid a nova da aclamação.*

*Offercem-se os Fidalgos que estavam em Madrid a ElRey de Castella.*

Anno

1640.

*Discursos sobre  
a Conquista de  
Portugal.*

mez o maior dispendio de tres mil reales. Foraõ varios os juizos que se fizeraõ em Madrid sobre o remedio que se havia de applicar a materia taõ importante: os de melhor discurso eraõ de parecer que o exercito de Catalunha ( injusto castigo daquella Provincia, e motivo principal da resolução que os Portuguezes tomaraõ ) passalle logo a Badajoz, porque sem duvida lograria no primeiro impulso a Conquista de Portugal, que passado mais tempo seria difficil empresa. Cegou Deos o Conde Duque desordenadamente apaixonado contra os Catalaens pelas razoes referidas, e resolveo que se continuassem os progressos de Catalunha; e em verdade que julgada esta materia pelos meios humanos, parece que fora muito difficultosa a defenfa de Portugal, faltando nelle quasi totalmente soldados, disciplina, cavallos, armas, e dinheiro; mas como todas as disposicoens eraõ encaminhas pelo Autor das acçoens humanas, para desempenho da palavra dada a ElRey D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, era preciso que os absurdos dos Castelhanos dispuzessem os nossos acertos. Adiante daremos noticia dos Cabos, e das tropas que distribuiraõ pelas fronteiras de Portugal.

Anno

1641.

*Chama ElRey  
D. João a Cor-  
tes.*

*He jurado El-  
Rey, e o Princi-  
pe.*

*Oraçaõ de D.  
Manoel da Cunha Bispo de  
Elvas.*

Entrou o Anno de 1641. e chamou ElRey Cortes para vinte e oito de Janeiro, concorreraõ todos os Procuradores das Cidades, e Villas deste Reino que tem voto nellas. Celebrou-se o Acto na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Juraraõ os Tres Estados a ElRey por legitimo Senhor destes Reinos, e por Principe, e successor seu ao Principe D. Theodosio que estava assentado debaixo do docel junto a seu pay. Orou discretamente Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, encareceo na Oraçaõ a ElRey o amor dos Povos, pois voluntariamente dedicavaõ a seu servico, e defenfa as vidas, e as fazendas: mostrou aos Povos a resolução, com que ElRey se esquecia de todos os perigos só por attender á sua conservaçãõ, e liberdade, e chegando com elles ao ultimo extremo entregava á sua confiança o Serenissimo Principe D. Theodosio seu filho mais velho, e nelle melhor Trajano, successor do melhor Nerva. Com estas, e outras eloquentes



quentes razões deo fim á Oração. Depois de acabada se continuou o Juramento, observando-se os estylos antigos, e o ultimo que jurou deo fim ás ceremonias daquelle dia. No seguinte voltou ElRey sem o Principe seu filho ao mesmo lugar com igual apparato ao dia antecedente. Fez o Bispo D. Manoel da Cunha segunda pratica, e primeira proposição de Cortes. Suavizou os corações dos Povos publicando por ordem d'ElRey, que havia por levantados todos os tributos impostos por ElRey de Castella, prudente resolução para enlaçar em maiores empenhos os animos generosos dos Portuguezes. Exhortou o Bispo a união, e desinteresse particular, achando proprio exemplo em o navegante, o qual se por attender ás suas conveniências se descuida do governo do navio, perigaõ na sua desattenção não só a propria vida, e o proprio cabedal, mas as vidas, e os cabedaes de todos os passageiros. Deixou da parte d'ElRey á eleição dos tres Estados do Reino os meios mais proporcionados para a sua defenſa, offerecendo para o dispendio da guerra todo quanto dinheiro lhe sobejasse de huma pequena porção, que exceptuava para o sustento da Casa Real, e todas as joias, e prata lavrada, que havia nella, e na de Bragança. Acabada esta Oração, respondeo a ella da parte dos Povos o Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camara. Continha a resposta dar as graças a ElRey de anticipar aos Povos a mercê de lhes levantar os tributos, e offerecer da parte dos Povos em recompensa deste beneficio as vidas, e as fazendas de todos para defenſa, e segurança do Reino. Acabado o acto das Cortes, ordenou ElRey que em tres Conventos se juntassem divididos os Tres Estados. Em S. Domingos o Ecclesiastico: a Nobreza em Santo Eoy: em S. Francisco os Procuradores dos Povos. Depois de algũas conferencias, que de hũa parte a outra se cõmunicavaõ, manejando os trinta da Nobreza, que sempre se costumão eleger, facilmente todas as materias, não havendo animo algum, que não se achasse disposto a obrar as maiores finezas. Ajustáraõ que para guarnecer as Fronteiras se levantassem vinte mil Infantes e quatro mil Cavallos; e feito o cõputo da dispeza, que podia fazer este Exercito, se

Annõ

1641.

*Primeira proposição em que se levantão os tributos.*

*Resposta do Doutor Francisco Rebello Homem.*

*Resolução das Cortes para a defenſa do Reino*

Anno  
1641.

*Despedem-se as  
Cortes.*

*Institui-se a Jun-  
ta dos Tres Esta-  
dos.*

achou, que bastaria para o sustentar hum milhaõ e outrocentos mil cruzados : porém, apurada a conta, e conhecendo-se que a despesa era desigual á receita, concordáraõ, depois de passado algum tempo, em dar a ElRey dous milhões. Para satisfação deste cómputo dedicáraõ as decimas de todas as fazendas, não se exceptuando genero algum de pessoa, que deixasse de contribuir a dez por cento, de qualquer qualidade de fazenda de que fosse senhor, exceptuando-se os Ecclesiasticos, que voluntariamente offerenciaõ das suas rendas hum certo cómputo em cada Bispaço, conforme o rendimento delle. Os seculares que occupavaõ officios, tinhaõ trato, ou logravaõ algũa mercê : pagavaõ os que tinhaõ officios conforme o que elles rendiaõ, aos que tratavaõ se orçavaõ os generos ; das mercês se tirava nas Chancellarias de cinco hum, metade para pagamentos das folhas, o que restava applicado para as despesas da guerra. Os Vereadores da Camera de Lisboa accrecentaraõ tres reis a dous que pagava cada arratel de carne : ao vinho quatro, de tres que contribuia ; que sendo a Cidade tão populosa, e tão abundante, fazia grande soma. Estes foraõ os tributos em que os Povos voluntariamente se conformáraõ. Accrecentaraõ-se depois que a guerra fez maiores despesas : monstro tão formidavel, que nem do alimento se contenta, nem do sangue se enfastia, sendo os que mais favorece os primeiros que sacrifica. Despedio ElRey as Cortes, dando-se por satisfeito da contribuição dos Povos, e os seus Procuradores partiraõ com varias mercês contentes, e obrigados á grandeza d'ElRey. Ficou instituida a Junta dos Tres Estados apontando-se Ministros de cada hum delles para a distribuição dos tributos, de que resultou a ElRey, e ao Reino grande utilidade.

Sem contradicção nem azar da fortuna tinha ElRey Dom Joaõ lançado as primeiras pedras no edificio de que era Senhor, e havia sido Arquitecto : porém como até o mesmo Filho de Deos não achou doze homens, que com só hum coração o servissem, e sem variedade nos affectos lhe obedecessem, experimentou ElRey a primeira molestia na resolução que cegamente tomáraõ alguns Fidalgos daquelles mesmos, que com o laço do juramento ha-

viam.



# PARTE I. LIVRO III.

131

viaõ atado a sua fidelidade, e com a quebra do juramento destruíraõ a sua opiniaõ, naturalizada por tantos alcendentes, que escurecendo a gloria passada com o seu desacerto, naõ só se prejudicáraõ a si proprios, mas deixáraõ aberto o caminho a outros, que trocáraõ os triunfos em espectaculos. He verdade que a empresa começada tinha as esperanças longe, e os perigos perto: porém se os que desmaiavaõ tomaraõ por espelho o sangue Portuguez, de que se revestiaõ, desprezáraõ as difficuldades, tendo por natureza arroja-rem-se a impossiveis: mas parece que obriou nelles a desconfiança de naõ entrarem na acclamação, (defeito que tem prejudicado muito ás generosas acções Portuguezas) Sirva-lhes de desculpa o que em outros foy vicio; e entenda-se que esta foy a caula de se passarem a Castella, para nos excuzar-mos de referir os absurdos de que foy mappa o seu desacerto. Foraõ os que tomaraõ esta infelice resolução Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca, seus filhos Dom Luiz de Menezes, e D. Estevão de Menezes, sendo este de tenra idade, e que depois passando-se a Portugal mostrou generosamente, que só a falta do discurso pelos poucos annos que tinha o obrigara a deixar a sua Patria: D. João Soares de Alarcão Alcaide mór de Torres-Vedras, Mestre Sala d'El-Rey: Dom Pedro Mascarenhas seu Veador, e D. Jeronymo Mascarenhas Deputado entaõ da Mesa da Consciencia, em quem durou o odio ainda depois que conseguimos a paz, e viveo taõ arraigado no seu peito contra a propria Patria, que os mesmos Castelhanos que lhe pagaraõ com grandes lugares as finezas, que havia feito, abominavaõ, e desprezavaõ a sua contumacia: eraõ os dous filhos do Marquez de Montalvão, que assistia por Vice-Rey do Brasil, os outros que se passaraõ para Castella com ellas, foraõ D. Lopo da Cunha, e seu filho D. Pedro Luiz da Silva filho de Lourenço da Silva, que por cego naõ exercitava a occupação de Regedor da Justiça, para o que seu filho esperava idade. Cõmunicaraõ estes Fidalgos entre si o intento infelice que haviaõ abraçado, sendo Frey Manoel de Macedo Religioso de S. Domingos incentivo da sua determinação, e medianoiro do seu desígnio. Para

Anno

1641.

*Passaõ-se a Castella alguns Fidalgos.*

## 132 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno  
1641.

facilitallo se lhe offereceo occasiã opportuna : porque ElRey não derogando mercê alguma feita por Castella , mandou a D. João Soares , que fosse a governar Ceuta , ao Conde de Tarouca Tangere , Lugares para que estavaõ nomeados antes d'ElRey se acclamar. Tomou ElRey esta determinação sem ponderar a incerteza desta diligencia , não constando até aquelle tempo o partido que aquellas Praças determinavaõ seguir. Havendo recebido os dous Capitães de Ceuta , e Tangere as ordens necessarias , ajustaraõ com os mais referidos , que depois de estarem embarcados , ao tempo de dar á véla se metessem em hum bargantim , que se havia tomado aos Castelhanos , e que ElRey tinha dado ao Conde de Tarouca por lho haver pedido para o ter em Tangere , e se introduzissem em hum de dous navios , que levavaõ. Ministrou hum accidente este concerto ; porque achando-se D. Lopo da Cunha com o Conde dos Arcos em huma pendencia que teve com hum Corregedor do Crime , depois de prezo o Conde , se retirou D. Lopo ao Convento de Belem , onde se juntáraõ os mais concertados na jornada , tomando o pretexto de lhe assistirem no homizio.

A fete de Fevereiro , que era o dia destinado para a execuçaõ , se embarcáraõ o Conde de Tarouca , e D. João Soares com suas familias em hum navio Amburguez , os mais no bargantim , com tençaõ de se introduzirem fóra da barra no navio em que hiaõ os dous referidos , ou em outro que levava consigo ; despois de todos embarcados lhes faltou o vento antes de sahirem de S. Giaõ. Vendo-se neste aperto avizou o Conde de Tarouca aos do bargantim , que o esperassem , para que juntos corressem a mesma fortuna : deraõ elles varias , e frivolas excusas , e receando o damno , que tinhaõ por infallivel , sahiraõ no bargantim , que necessitava de menos vento , que os navios , e deixando ao Conde , e a D. João Soares em taõ perigosa contingencia , receando menos as ondas , que a justiça , navegáraõ com vento prospero , que os levou seguros a Aya-Monte. Os dous navios crescendo o vento sahiraõ da barra , e o Conde , e D. João Soares chegando á vista de Cádiz , tomando o pretexto de examinar a Armada de Castella , quize-

*Chegaõ os primeiros a Aya-Monte.*



PARTE I. LIVRO III. 133

quizerão entrar naquelle porto. O Mestre Amburguez não quiz obedecer-lhes respondendo, que não era aquella a sua derrota, e continuou a viagem: encontrando este accidente, foy preciso a estes Fidalgos descobrirem aos seus criados a sua determinação, para que unidos obrigassem ao Amburguez a surgir em Gibraltar, porto da Coroa de Castella, que lhes ficava mais vizinho: assim se executou, e cedendo o Amburguez á força que lhe fizerao entrou em Gibraltar, onde saltárao em terra. O Amburguez tanto que se vio livre do perigo deo á vela para Lisboa, trazendo consigo alguns Portuguezes, e parte do fato do Conde, e de D. João Soares; o outro navio não sendo admittido em Tangere, voltou tambem para Lisboa. Juntarao-se em Sevilha, para onde partira o Conde de Tarouca, e D. João Soares com outros Fidalgos: passarao a Madrid, onde forao recebidos com todas aquellas demonstraçoens que pedia a resolução, que tomarao em offensa da Coroa de Portugal, e beneficio do partido de Castella. De pressa acharao o castigo no defengano; porque julgando a poucos lances a Portugal rendido, examinarao nas debeis forças de Castella, que seria muito difficulতো a restituição das suas casas, de que nunca tiverao recompensa. Logo que estes Fidalgos se passarao para Castella contou a El Rey, que Frey Manoel de Macedo fora medianoiro da cega determinação, que tomarao; mandou prendello, e depois de alguns annos o embarcarao para a India, e acabou a vida em Angola arrependido da sua temeridade. Tanto que se divulgou pelo Povo de Lisboa o successo referido, levado do fervor a que se incita sem discurso este monstro cego, costumando a encarecer com desconcertos os seus affectos, unido no Terreiro do Paço, e nas mais ruas da Cidade, determinou castigar nos Fidalgos, que ficarao, o delicto dos que fugira o, não se lembrando de que poucos dias antes havia o sido Authores da fortuna, que celebravao, e da liberdade que defendia o. Atalhou El Rey este primeiro impulso chegando à janella, e mandando a Martim Affonso de Mello, que dissesse da sua parte ao Povo, que nenhum delinquente ficaria sem castigo. Dividio-se com esta segurança, e amanhecerão

Tom. I.

I 3

papeis

Anno

1641.

*Entrao os segundosem Gibraltar.*

*Chega o todos a Madrid.*

*Priza o de Frey Manoel de Macedo.*

*Altera-se o Povo de Lisboa.*

# 134 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Diligências com  
que se aplacou  
esta alteração.*

*Prisão da Mar-  
queza de Mon-  
talvão.*

*Passão-se a Ca-  
stella D. Frãcis-  
co de Menezes, e  
Pedro Gomes de  
Abreu.*

papeis nas portas da Cidade, nos quaes punhaõ preceito a todos os Fidalgos, que dentro em poucos dias queimassem as carroças em que andavaõ, (desconcertado effeito, considerada a causa com que se alteraraõ) aos Fidalgos que encontravaõ pelas ruas: obrigavaõ a acclamar ElRey, e a dizer que morressem os traidores. ElRey mandou publicar papeis, nos quaes dizia, que aquelles que fomentassem a guerra civil (consequencia do movimento presente) dariaõ o melhor soccorro a Castella; e que nesta consideração, da maior conformidade era do que se daria por melhor servido, para que se não perturbasse a direcção das materias, e para que se encaminhassem todas as disposições a se defender o Reino, que restauraraõ. Estas razoens repetiaõ por ordem d'ElRey no pulpito os Prégadores, e desta frase uzavaõ o Juiz, e pessoas mais respeitadas do Povo, resultando de todas estas diligencias aplacar-se o movimento. Entendeo-se que a Marqueza de Montalvão tivera noticia da fugida de seus filhos D. Pedro, e D. Jerônimo Mascarenhas, mandou-lhe ElRey pôr guardas em sua casa, e foraõ os seus criados prezos; os quaes examinados, e não lhes achando culpa, tornaraõ a soltar: porém a Marqueza, constando que aos indicios accrescentava palavras demaziadas contra o decóro Real, foy remetida preza ao Castello de Arrayolos; molestia de que a livrou dentro de pouco tempo seu filho D. Fernando Mascarenhas; chegando do Brasil. Tambem foy prezo Lourenço da Silva, e sua mulher, e soltos passado algum tempo, por constar que ignoraraõ a resolução de seu filho Luiz da Silva. Os máos exemplos sempre achão quem os imite, seguirãõ os dos que se passaraõ a Castella D. Francisco de Menezes, que chamavaõ o Barrabás, e Pedro Gomes de Abreu senhor de Regalados, aquelle assistia em Proença de que era Alcaide mór, este no seu Lugar, e ambos deixaraõ a fazenda, e socrego de suas casas pela incerteza do premio d'ElRey de Castella que nunca conseguiraõ: D. Francisco passou só com hum criado, Pedro Gomes com toda a sua familia. O Procurador da Coroa requereo, que fossem citados por éditos todos os que se passaraõ a Castella; assim se executou, e depois das



das diligencias ordinarias, forão declarados por effenores da Magestade, e confiscados seus bens.

Estabelecido ElRey D. Joao na posse do Reino, faltava-lhe para o lograr como seus antepassados, ser obediendo nas dilatadas Conquistas, que domina Portugal. Imperio tão celebre por todas as circumstancias, como qualifica a luz do maior Planeta, conduzido do valor dos Portuguezes de hum a outro hemisferio, para que igualmente fertilize todo o mundo. A Cidade do Funchal na Ilha da Madeira foy exemplo a todas as outras Conquistas, como ja em outro seculo havia sido a primeira em se manifestar aos olhos dos Portuguezes, quando derao principio a todas aquellas, que gloriosamente conseguiraõ. Chegou á Ilha hum navio de Lisboa com cartas d'ElRey para o Governador Luiz de Miranda Henriques, e para o Bispo D. Jeronymo Fernando, nas quaes lhes fazia avzio, que ficava em pacifica posse do Reino de Portugal, e que esperava igual obediencia da sua fidelidade. Acreditaraõ os dous esta se não dilatando a execucao de acclamar ElRey em toda a Ilha, e concordaraõ todos os moradores della em seguir a mesma voz. Os Castelhanos que presidiavaõ a Fortaleza a entregaraõ sem resistencia, e divididos pela Ilha aguardaraõ commodidade para passar a Canarias, a qual brevemente conseguiraõ. A nova da acclamação mandou Luiz de Miranda a Martim Mendes de Vasconcellos Governador da Ilha do Porto Santo: recebeo'a com o mesmo applauso, e succedendo ao contentamento mandar disparar algumas peças de artilharia, utilizou o favor divino a demonstração, porque surgindo doze navios de Turcos no porto principal, dando grande incommodidade á Ilha, a largaraõ por este respeito, entendendo que procedia o estrondo das peças de causa mais relevante contra o seu designio. Passou a noticia a Ilha de S. Miguel, que com igual demonstração seguiu o exemplo das duas. Forão as finezas pelo novo Principe por mais custosas de maior gloria aos moradores da Ilha Terceira, pois grangearaõ exaltar a se Portugueza pelos fios das espadas da contumacia Castelhana. Julgava ElRey a empresa difficilissima, por ser a Fortaleza da Cidade de Angra huma das me-

Anno

1641.

*São condemnados por traidores os que se passaraõ a Castella.*

*Acclama-se El-Rey na Ilha da Madeira.*

*Segue o mesmo exemplo a de Porto Santo, e a de S. Miguel.*

Anno  
1641.

*Manda ElRey  
à Ilha Terceira  
Francisco de Or-  
nellas.*

lhores de Europa, e se achar nella Governador D. Alvaro de Viveiros, soldado de reputação, com hum grosso presidio de Infantaria, e ser o sitio da Fortaleza tão superior á Cidade, que podiaõ jogar contra ella cem peças de artilharia, que guarneciaõ a muralha, sem achar reparo algum, parecendo impossivel que os moradores, ainda que se resolvessem a seguir a voz do Reino, sem outro socorro tomassem a resolução de atacar a Fortaleza, nem que deliberando se podessem entrar na esperança de rendella. Porém considerando ElRey, que sempre se devem tentar as empresas de que não resulta damno com o máo successo, chamou Francisco de Ornellas da Camera, que assistia em Lisboa, natural da mesma Ilha, das principais familias della, e Capitão mór da Villa da Praia, apparentado com as pessoas de maior qualidade, de conhecido valor, e por todos os requizitos o fogeito mais adequado para esta empresa; recomendou-lha com as palavras; e promessas de que os Reys sabem uzar quando necessitaõ dos Vassallos, e de que muitas vezes se esquecem depois de conseguida a idéa, que fabricaraõ.

A dezaete de Dezembro partio Francisco de Ornellas de Lisboa, a sete de Janeiro chegou á Ilha Terceira, foy ancorar ao porto da Villa da Praia, desembarcou de noute, sem mais companhia, que a de vinte barris de pólvora, e levando só em si o segredo de que tanto dependia a felicidade do successo daquella empresa; conseguiu no acerto dos primeiros passos a maior parte do intento que levava. Sem fazer dilação caminhou para a Cidade de Angra tres legoas distante da Villa da Praia. Tanto que chegou á Cidade buscou seu cunhado João de Betancor Capitão mór della, e entregou-lhe huma carta, que lhe trazia de ElRey; deo-lhe conta de tudo o que havia passado em Lisboa, e sem resistencia o achou seu parcial: mas reconhecendo em outros de que fez a mesma confiança, differente opinião, mudou com elles as guardas á linguagem, porque não perigasse o thesouro da fidelidade que encobria. Teve noticia D. Alvaro de Viveiros de ser chegado Francisco de Ornellas, e confusamente soube que a sua jornada dissimulava maquina grande: mandou chama-

malo,



PARTE I. LIVRO III. 137

mallo, e vendo que com varios pretextos se excusava de entrar na Fortaleza, lhe creceo a suspeita, e a este passo adiantou a cautella. Lançou voz que os Francezes, e Hol-landezes vinhaõ entrepender a Fortaleza, e com este re- ceio supposto a começou a municionar, e bastecer na me- lhor fórma que lhe foy possível, embarçando-lhe esta determinação as diligencias, e destrezas de Francisco de Ornellas; o qual vendo que em Angra perigava a sua pes- soa, e nella toda a empresa se passou á Villa da Praia, e discursando que com a dilação cresciaõ muitos inconve- nientes, achando dispostos os animos principaes das pes- soas da Villa a acclamar nella ElRey D. João, deo á exe- cução o intento, e os moradores, tirada a mascara da dissi- mulação, não perdoaraõ a demonstração alguma de alegria, e com toda a diligencia mandáraõ notificar aos Officiaes da Camera de Angra que seguissem a mesma voz. Quasi todos elles estavaõ desta opiniaõ; e foraõ buscando os meios mais proporcionados para se livrar das mãos de D. Alvaro de Viveiros, o qual tentando differentes caminhos deter- minava prender o maior numero de pessoas principaes da Cidade que lhe fosse possível: logrou só o seu designio em Fr. João da Purificação Prior do Convento de Santo Agos- tinho, e em Estevo da Silveira, que da parte de Francis- co de Ornellas o foraõ persuadir que rendesse a Fortaleza a ElRey D. João, dizendo-lhe, que da sua grandeza rece- beria grandes mercês, e que para lhas segurar trazia poderes Francisco de Ornellas. Respondeo D. Alvaro á proposta com a reclusão dos Embaixadores, e antes que na Cidade se foubesse a sua resolução, mandou recado a Antonio do Canto de Castro, para que viesse dar-lhe conta de huma pendencia que a noute antecedente havia tido com a Rón- da. Levava ordem hum Sargento, a que o acompanhavaõ dez soldados, para que, duvidando-elle de obedecer, o pren- dessem. Achava-se Antonio do Canto junto a hum Corpo da guarda de huma companhia Portugueza, que costuma- va occupar aquelle posto, e conhecendo o intento para que era chamado, quiz excusar-se de obedecer á ordem, e o Sargento prendendo-o determinou dálla á execução: ti- rou Antonio do Canto pela espada para se defender, e pu- zeraõ-se

Anno

1641.

*Acclama-se ElRey na Villa da Praia.*

*Diligencias de D. Alvaro, de Viveiros.*

*Primeira revolta entre os Por- tuguezes, e Cas- telhanos.*

# 138 PORTUGAL RESTAURADO;

Annó  
1641.

*Retiraõ-se os  
Castelhanos, he  
ElRey acclama-  
do na Cidade.*

*Entra Francis-  
co de Ornellas  
com o soccorro.  
Dispoem a de-  
fensa da Cida-  
de.*

zeraõ-se os soldados Portuguezes da sua parte, dispararaõ os Castelhanos os arcabuzes, e feriraõ dous Portuguezes, acodio quantidade de gente do Povo, e tendo ja os animos taõ dispostos, que necessitavaõ de menos incentivos, gritáraõ todos: *Liberdade, Viva ElRey D. Joaõ.* Com o fervor destas vozes carregaraõ aos Castelhanos (que com o rumor haviaõ crecido a maior numero) até o primeiro corpo da guarda, que occupavaõ fóra da Fortaleza. Aco- dio o Capitaõ mór mais para incitar os animos que para dividir a pendencia, e sahio acompanhado da gente que na Cidade era capaz de tomar armas. Todos opprimiraõ de forte aos Castelhanos, que os obrigaraõ a largar o Corpo da guarda da Porta, que chamavaõ do mar, e ganharaõ juntamente o Porto da Boa Nova, que fica debaixo da Forta- leza. D. Alvaro de Viveiros parecendo-lhe que com o es- trondo da artilharia poderia divertir o tumulto, fez dispa- rar tres peças que havia mandado afeitar contra a Cidade: foy a ruina menor do que o perigo que os moradores antes da execuçaõ haviaõ imaginado, e attribuindo pela falta de experiencia militar a milagre o pequeno effeito da arti- lharia, acharaõ estímulo no remedio que D. Alvaro inven- tou para socego. Vendo D. Alvaro que naõ correspondera o successo ao intento, quiz temperar com o lenitivo o achaque, que havia aggravado com a bebida rigorosa: mandou propôr ao Capitaõ mór meios de accommodamen- to, a que o Capitaõ respondeo que estava determinado a acabar a guerra a que elle dera principio. Francisco de Ornellas ouvio na Villa da Praia o estrondo da artilharia, no mesmo instante se poz em marcha com mil e quinhen- tos Infantes que tinha prevenido, e as duas horas depois da meia noute chegou a Cidade: achou os moradores pe- lejando, as bocas das ruas tapadas, e a polvora mudada para o Collegio dos Padres da Companhia, por ser a parte em que costumava estar, exposta as baterias da Fortaleza. Repartio-se o novo soccorro pelas trincheiras, e ficando melhor guarnecidas, se levantaraõ mais, fazendo-as de- fensaveis em poucas horas. No dia seguinte avançaõ os Castelhanos duas mangas de Mosqueteiros, e introduzin- do-as por huns quintaes, e casas que lhe ficavaõ vizinhos, de-



derão algumas cargas com pouco effeito; foraõ os Castelhanos rechaçados, e guarnecido aquelle posto. De pressa se satisfizerão os Portuguezes da sahida; porque fazendo o Capitão n'or tirar com huma peça de duas libras, foy dar a bala na trincheira contraria: o pouco exercicio da guerra occasionou alvoroço nos soldados; ao alvoroço se seguiu o impulso, ao impulso a execução; avançaraõ ás trincheiras sem ordem, e com grande valor fizeraõ recolher os Castelhanos á Fortaleza, detamparando de todo as trincheiras, e ficaraõ mortos seis Portuguezes, e quinze feridos. Ganharaõ no dia seguinte o Forte de S. Sebastião, em que os Castelhanos tinhaõ hum Capitão com vinte e cinco soldados: acharaõ doze peças de artilharia encravadas, prevençaõ dos Castelhanos, conhecendo que não podiaõ defender o Forte, nem retirar a artilharia. O bom successo, e o pouco damno que as balas faziaõ na Cidade, animou os moradores, muito dignos de grande louvor por se arrojarem a huma empreza que parecia quasi impossivel, abraçando a sem disciplina, sem dinheiro, sem instrumentos de expugnação, e com poucas muniçoens, e conseguindo-a sem mais soccorro que o da sua constancia. He a Fortaleza hum das melhores de Europa, como fica dito, occupa quasi huma legoa: pela parte do mar he inexpugnavel, pela da terra se acha em pouca distancia muito bem fortificada, tem dentro agua nativa, e huma grande cisterna, terras em que se semeaõ vinte moios de trigo, algumas vinhas, e pomares: achava-se com quinhentos Infantes de guarnição, mantimentos, e muniçoens para mais de hum anno, cem peças de artilharia montadas: durou o sitio quatorze mezes, acodindo a elle alguma gente das Ilhas vizinhas. E como esta materia referida neste lugar excede a ordem que determino seguir nesta historia, referirey brevemente todo o successo, e este mesmo estylo observarey em todos os casos que foraõ effeitos da acclamação, por não interromper o fio que heide seguir, sendo todo o meu cuidado nesta obra evitar a confusão aos que a lerem.

Anno  
1641.

Ginhão os Portu-  
guezes o Forte  
de S. Sebastião.

Descripção da  
Fortaleza.

XX

Logo que em Castella se soube da acclamação, Soccorro dos Castelhanos mal logrado.  
se despediraõ de Sevilha, e S. Lucar varios avizos, e soccorros

# 140 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Elege ElRey de  
Castella Ma-  
noel do Canto  
de Castro.*

*Entrega Ma-  
noel do Canto  
o soccorro.*

corros a D. Alvaro de Viveiros com tão infelice successo dos sitiados, que todos cahirão nas mãos dos expugnadores. Foy mais consideravel o que conduzio Manoel do Canto de Castro irmaão de Antonio do Canto. Assistia em Madrid no tempo em que chegáráo cartas a ElRey Catholico das pessoas principaes da Ilha, nas quaes lhe seguravaõ a sua fidelidade: destra dissimulaçaõ para dilatar os soccorros da Fortaleza. Julgou ElRey que era o melhor meio de mostrar a sua confiança com aquelles que ainda suppunha seus vassallos, eleger por Cabo de tres navios em que mandava Infantaria, muniçoens, e bastimentos, a Manoel do Canto, por ser natural da mesma Ilha, e muito aparentado nella: propoz-se-lhe a jornada, e logo aceitou a commissaõ, vendo aberto o caminho da sua liberdade. E deixou de ponderar esta sua resoluçaõ, porque nas acçoens semelhantes costumão ser mais rectos Juizes os contrarios, que os interessados. Chegou Manoel do Canto á Ilha a salvamento, e prevalecendo no seu animo contra todas as duvidas o amor da Patria, mandou aos Capitaens das duas fragatas da sua conserva, que distante da terra aguardassem avizo seu. Chegou ao porto, e sendo reconhecido de alguns barcos da Ilha, mandou dar conta ao Capitaõ mór da sua deliberação, que era de entregar aquelle navio, e procurar render os dous. Vieraõ de terra quantidade de barcos com Infantaria, introduzio-se facilmente em o navio, e fizeraõ prisioneiros os Castelhanos que vinhaõ nelle, ficando guarnecido de soldados Portuguezes. Avizou logo Manoel do Canto aos outros dous navios, que podião entrar no porto sem receio; obedeceraõ, e em pouco espaço foraõ rendidos do navio de Manoel do Canto, e barcos da terra. Esta desgraça viraõ os sitiados em grande prejuizo da sua confiança: para a perderem de poder avizar a Castella do aperto que padeciaõ, lhe tiráráo os Portuguezes huma caravela de terra onde estava varada, que pela defenõa da Mosquetaria da Fortaleza julgavaõ segura. Naõ tiveraõ melhor successo, que os tres navios, dous Inglezes, de quẽ era Cabo D. Luiz Peres de Viveiros irmaõ de D. Alvaro: embarcou na Curunha com gente, e bastimentos, chegou á vista da Ilha, foy reconhecido de

Manoel



# PARTE I. LIVRO III.

141

Manoel Correa de Mello, que com os tres navios referidos, e dous Hollandezes, que voluntariamente quizerão assistir nesta empreza, tinha a seu cargo divertir todos os soccorros, que viessem aos sitiados: receozo D. Luiz dos navios Hollandezes, com quem os Inglezes não querião pelejar, e suppondo os tres da mesma conserva, se resolveo a entregar a gente que trazia aos da Ilha antes, que aos Hollandezes. Buscou o porto, lançou a gente em terra, acodio Francisco de Ornellas, e sem difficuldade fez todos os Castelhanos prisioneiros, alcançando muitas munições, e mantimentos. Correrão a mesma fortuna outros dous navios, hum mandado de Flandes pelo Cardial Infante D. Fernando, outro de Sevilha, ambos se renderão: o de Sevilha a Manoel Correa de Mello, o de Flandes na Ilha de S. Miguel. Por todas as partes era grande o aperto dos sitiados; porque os Portuguezes lhes haviaão tirado todos os meios de augmentar com fortidas os bastimentos, levantando huma grossa trincheira descoartada por alguns fortins, que fabricaraão, desprezando o perigo de muitas balas. Não lograraão os sitiados, em todo o tempo que durou o sitio, mais que hum bom successo, occasionado do descuido dos Portuguezes. Succedeo em huma sahida, em a qual mataraão deza sete, e feriraão trinta: porque na confiança dos muitos dias, que lhes durava o socego, se deitaraão a dormir ao meio dia, sem a vigilancia, e sentinellas necessarias: reconhecerão os Castelhanos este descuido, avançaraão ás trincheiras, e fizeraão o damno referido. Origininou se deste successo motinar-se o Povo contra o Capitaão mór, e Francisco de Ornellas, pondo-lhes a culpa da desordem succedida: socego se esta alteração por industria, e diligencia de Manoel Correa de Mello: D. Alvaro de Viveiros não achando ja remedios a que recorrer, usou dos que costuma descobrir a ultima desesperação: fez fabricar na Fortaleza hum pequeno barco, metteo-lhe dentro hum Capitaão, e dez soldados, com os poucos bastimentos, que podia carregar tão pequena embarcação; escreveu a El Rey Catholico a extremidade em que se achava, de que só o podia livrar hum grande soccorro: antes do barco se acabar fugio da Fortaleza hum escravo para

Anno

1641.

*Perde-se o segundo soccorro*

*Rendem-se outros dous navios de Castella*

*Sortida dos Sitiados.*

## 142 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Perdem os Castelhanos hum  
barco de avizo*

*Manda ElRey  
com ordens o  
P. Francisco Cabral.*

*Rende-se a Fortaleza o mesmo  
dia em que se  
havia perdido.*

*Entra o presidio  
Portuguez.*

para a Cidade, que deo noticia desta obra; mandou Francisco de Ornellas ter grande vigilancia, e como nunca a boa diligencia costuma faltar a felicidade, despedindo D. Alvaro o barco, e tendo navegado pouco espaço, foy collido dos bateis, que o esperavaõ; e postos na trincheira os prisioneiros, introduziraõ a ultima desesperaçã aos sitiados. Em Lisboa não havia mais noticia dos successos da Ilha, que terem acclamado a ElRey os moradores da Villa da Praia, tomando os Mouros na barra os avizos que Francisco de Ornellas tinha remettido. Nesta perplexidade se resolveo ElRey mandar á Ilha ao Padre Francisco Cabral da Companhia de JESUS, para que com titulo de Visitador da sua Religiaõ desembarcasse na Villa da Praia, e introduzisse nella algumas muniçoens que levava: entregou-lhe firmas, e poderes para legurar mercês, e uzar das firmas, havendo accidente que o pedisse. Chegou á Ilha em breves dias, e como não achou que vencer nos animos dos moradores, empregou os poderes na constancia de D. Alvaro de Viveiros. Avistou-se com elle algumas vezes, prometteo-lhe da parte d'ElRey grandes merces: porém em todas as conferencias achou nelle firme resolução de antepôr o credito ao perigo. Mas passados alguns dias, foy a fome, e desesperaçã do soccorro rhetorica mais poderosa: porque achando-se D. Alvaro depois de quatorze mezes sem mantimentos, nem esperança do soccorro, rendeo a Fortaleza segunda feira 16. de Março de 1642, dia em que outro D. Alvaro Marquez de Santa Cruz, sessenta annos antes, a havia ganhado aos Portuguezes, termo prescripto da vontade Divina para recompensa de todos os damnos occasionados em Portugal pelo rigor do governo de Castella. Sahio D. Alvaro com todas as honras que satisfazem aos rendidos, muito semelhantes as da sepultura, que excusara o cadaver a que se dedicaõ: porém em D. Alvaro, se houve desgraça, não houve culpa defendendo a Fortaleza até chegar a ultima extremidade. Introduzio-se o presidio Portuguez, que governava Joã de Betancor, entregando-se da Fortaleza até segunda ordem d'ElRey. Os Castelhanos ficaraõ aquartelados na Cidade, e brevemente conseguiraõ embarcaçoens



coens em que passaraõ para Castella. Francisco de Ornelas se embarcou para Lisboa a dar a nova da felicidade do successo em que havia tido a principal parte : chegando , foy recebido d'ElRey com as demonstraçoens de honra que merecia o seu procedimento. Fez-lhe mercê de huma Commenda de mil cruzados , deo outra de menos lote a João de Betancor , ás mais pessoas particulares deo habitos , e tenças , regulando-as conforme o mericimento que tiveraõ ; acertada politica nos Principes a quem a guerra faz dependentes dos Vassallos ; porque ainda que a dispeza seja sem medida , no peso das occasioens militares achaõ os avanços sem conto. Poucos dias depois de entregue a Fortaleza , chegou á Ilha Antonio de Saldanha Capitão mór da Torre de Belem com cinco caravelas , em que levava trezentos Infantes , muniçoens , e artilharia grossa : desembarcou em Angra , e foy recebido com grande solemnidade : achou os moradores divididos em parcialidades , occasionando as dissençoens a ambição do governo. Socegou-os , e em breves dias levantou hum Terço , tirando as dispezas dos interesses do cunho da moeda , para que levava ordem d'E Rey : que foy naquelle tempo passarem com huma marca as moedas de ouro , que valiaõ quatro cruzados , a valor de tres mil reis , as patacas que pesavaõ trezentos e vinte , a quatro centos e oitenta , os tostoens a seis vinteis , a tres os meios tostoens , e a este preço os dous vintens. Deo-se execucao a esta ordem primeiro em Portugal , passou depois ás Conquistas. Formou tambem Antonio de Saldanha duas Companhias de Cavallos : com esta gente , e duas Navetas da India entrou em Lisboa.

Em quanto na Ilha Terceira succedeo o que fica referido , passou a Africa , a Asia , e a America a noticia do novo possuidor do Imperio de Portugal ; e da mesma sorte , que na Europa , foy aclamado nas partes que nelas dominava , ElRey D. João IV. , glorioso Principe , cujo nome foy obedecido , e celebrado nas quatro partes do Mundo. Assistia Martim Correa da Silva em Marzagão : com o primeiro avizo entregou aquella Praça ao foygo d'ElRey. Ceuta , e Tangere , a primeira governada

Anno

1641.

*Faz ElRey merces aos que o serviraõ.*

*Chega a Ilha Antonio de Saldanha.*

*Volta a Lisboa com duas Navetas da India.*

*Dá Marzagão obediencia a ElRey.*

Anno

1641.

*Ceuta, e Tangere  
re ficão por Casella.*

*Angola dá tam-  
bem obediencia.*

*Disposições do  
Marquez de Mõ  
tabvão na Bahia*

*He ElRey accla-  
mado na Bahia.*

por D. Francisco de Almeida, a segunda por D. Rodrigo da Silveira Conde de Sarzedas, fazendo escrupulo das homenagens que haviaõ dado, naõ quizerão seguir novo partido. Ceuta naõ se tornou a unir á Coroa de Portugal, Tangere se incorporou nella, co no em seu lugar diremos. No Reino de Angola assistia Pedro Cesar de Menezes, tanto que lhe chegou a noticia da acclamação d'ElRey naõ dilatarou entregar-lho com todos os Lugares, que naquella parte estavaõ á sua ordem. E o mesmo executarão todos os Governadores das Ilhas, e Lugares da terra firme, de que he senhor Portugal na costa de Africa. Na América era Vice-Rey do Estado do Brasil Dom Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvão. Chegou á Bahia hum caravela, sahio em terra o Mestre, prohibindo aos mais que o acompanhavaõ, falou com o Marquez, entregou-lhe hum carta d'ElRey, na qual lhe dizia, que despois de acclamado em Portugal lhe faltava, para segurança da Coroa, achar a mesma obediencia no Estado do Brasil; que do seu valor, e do seu acordo esperava a felicidade desta empreza. Na diligencia do Marquez logrou ElRey as esperanças, que lhe insinuava, porque sem a menor inquietação reduzio á sua obediencia aquelle vastissimo Estado. Recebida a carta d'ElRey, deu ordem que nenhum barco chegasse á caravela, e porque na Bahia constava a guarnição Castelhana de seiscentos Infantès, mandou formar o Terço de seu filho D. Fernando Mascarenhas na praça do Collegio dos Padres da Companhia, e o Terço de Joanne Mendes de Vasconcellos na praça do Paço. Logo chamou as pessoas Principaes de todos os Estados, e conferindo a carta d'ElRey com cada hum dos que chamava em particular, observando o seu sentimento, e ouvindo a sua resposta, os recolhia para o interior de sua casa. Apurados todos os animos, e achando nelles a constancia que desejava, unio em hum Conselho os que havia convocado, e lida em voz alta a carta d'ElRey, mandou que cada hum referisse em publico o que lhe havia declarado em particular. Sem algum se retratar, se ratificaraõ todos, e a execucao foy voto definitivo. Sahiraõ do Paço com excessivas demonstraçoens de contentamento,



to; chegarão á Sé, onde com repetidos vivas acclamáraõ ElRey D. Joaõ. Seguio o Povo sem controversia a mesma voz, desfarmáraõ a guarnição Castelhana, e continuáraõ-se na Cidade grandes festas por muitos dias. O Marquez despedio logo o Provincial da Companhia ao Rio de Janeiro, que governava Salvador Correa de Sá: obedeceo sem duvida, vencendo no feu animo o sangue Portuguez ao que tinha Castelhano; que a estrella dominante, que sujeita aquella a esta nação, tambem no interior prevalece. Da mesma sorte avizou o Marquez todas as Capitánias subordinadas ao seu dominio, e em todas achou igual obediencia. Fez tambem avizo ao Conde de Nafau, que governava as armas Hollandezas em Parnambuco, de como o Reino de Portugal, e o Estado do Brasil estavaõ separados do dominio de Castella, por terem Rey natural em o Duque de Bragança a que haviaõ dado a Coroa, e justiça, que havia sido sessenta annos opprimida do poder d'ElRey de Castella; e que considerando que as duas naçoens caminhavaõ ao mesmo fim de se defenderem daquellas armas, julgava infalivel a concordia entre os Estados, e o Reino. Porém o Marquez fazendo este avizo, não propoz ao Conde de Nafau que cessassem as armas; sondando prudente, que esta era toda a fortuna dos Hollandezes, porque como dos interesses do aslucar tirava a Companhia de Mercadores feita em Hollanda o dinheiro para a dispeza da guerra, em quanto estava viva se destruiã todos os fundamentos para que se formára; bastando poucos moradores para lhe pôr fogo a todos os Canaveaes; e conseguindo a paz, logravaõ divertido este damno. Assim o testimnhou a experiencia, engrossando de sorte o poder dos Hollandezes nos annos, que estiveraõ depois livres da guerra, que puzeraõ em contingencia tudo quanto Portugal dominava na America, e logrãraõ sem duvida esta felicidade, se o favor de Deos se não puzera muitas vezes da parte da nossa imprudencia. Antevendo esta utilidade recebeo o Conde Mauricio a nova da acclamação com grande gosto, o qual manifestou na muita artilharia que mandou disparar, e nas muitas festas que por alguns dias mandou fazer, sendo hum dos que entrou nel-

Anno

1641.

*Segue o mesmo exemplo Salvador Correa de Sá no Rio de Janeiro.*

*Avizo do Marquez ao Conde João de Nafau.*

*Celebraõ os Hollandezes em Parnambuco a acclamação.*

Anno

1641.

*Parte Dom Fer-  
nando Mascaren-  
has do Brasil.*

*Imprudencia do  
Padre Francis-  
co de Vilhena.*

*Retira-se o  
Marquez do  
governo.*

las. O Marquez havendo dedicado todo o Estado do Brasil á obediencia d'ElRey, mandou seu filho D. Fernando a Lisboa a dar-lhe conta do que havia executado em seu serviço, offerecendo-lhe juntamente hum dilatado papel, dictado pela sua larga experiencia, que continha importantes avizos para a disposiçaõ do novo governo. Partido D. Fernando, chegou ao Porto de Tapôa, duas legoas da Bahia, em huma Caravela o Padre Francisco de Vilhena da Companhia de JESUS: sahio só em terra, e deo ordem á Caravela que se fizesse ao mar; chegou á Cidade, e entrou no seu Collegio sem fazer rumor; e tendo noticia do socego com que o Estado do Brasil obedecia a ElRey, executou com grande imprudencia a ordem que levava sua. ElRey não se dando por seguro do avizo que havia feito ao Brasil, mandou ao Padre Francisco de Vilhena, depois de despedir a primeira Caravela; passou-lhe as ordens necessarias, para que em caso que o Marquez lhe não tivesse obedecido, elegia por Governadores do Estado ao Bispo D. Pedro da Silva, ao Mestre de Campo Luiz Barbalho, e a Lourenço de Brito Correa. Era a causa desta nova ordem haverem-se passado para Castella D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas filhos do Marquez, e recear ElRey, que pudessem fazer prevaricar o animo de seu pay, ainda que se declarasse constante na sua obediencia: porém encorremendou ElRey ao Padre Francisco de Vilhena toda a cautella neste negocio, e deixou ao seu discurso, e boa disposiçaõ obrar conforme a necessidade das materias o pedisse. Achando pois o Padre Francisco de Vilhena as demonstraçoens do Marquez taõ contrarias ao que levava supposto, não lhe bastando este defengano, usou da ordem da mesma fórte, que se o Marquez houvera tido o procedimento de que ElRey se temia. Tanto que chegou ao Collegio, chamou os tres Governadores nomeados, e saltando nelles a virtude de antepôr a razão ao dominio. lidas as cartas d'ElRey, aceitáraõ o governo, e mandáraõ ao Padre Francisco de Vilhena, que fosse logo entregar ao Marquez a carta, que ElRey lhe escrevia. Assim o executou; leu o Marquez a carta, e vendo-se por ella desobrigado do governo, mostrando na segu-  
rança



rança do semblante a igualdade do animo, sahio de sua casa para outro aposento particular. Entrárao os Governadores no Paço, e fazendo pouco urbanamente Reo a quem havia sido Author da obediencia daquelle Estado, examinárao com hum devassa a fidelidade do Marquez; a qual servio de apurar a sua innocencia: e dando-se alguns capitulos de exorbitancias, que suppuferão, os contradisse com certidoens menos apaixonadas, e mais verdadeiras. Depois de entregar o governo, conhecendo, que todas as disposicoens caminhavao á sua descomposicao, se retirou ao Collegio dos Padres da Companhia, buscando o remedio na causa do damno: não lhe valeo o sagrado, fizerao delle prisaõ, pondo-lhe guardas; e juntamente prenderao ao Mestre de Campo Joanne Mendes de Vasconcellos, e ao Sargento mór Diogo Gomes de Figueiredo, sem mais culpas, que serem reputados por amigos do Marquez; soltando ao mesmo tempo Luiz da Silva Telles, e D. Sancho Manoel; que o Marquez havia prezado por matarem de dia hum Ajundante na Praça do Paço. Com este favor, e aquella execucao derao os novos Governadores principio ao seu governo. Mandarao prevenir hum caravela, onde embarcarao o Marquez entregue a Luiz da Silva. Antes de dar á vela chegou hum navio despedido por ordem d'ElRey Catholico, entrou no Porto, foy facilmente rendido; e examinado, acharaõ-se cartas d'ElRey para o Marquez acompanhadas de outras de seos filhos: continhaõ todas repetidas instancias de conservar aquelle Estado na obediencia de Castella. Entregarao os Governadores todos estes papeis a Luiz da Silva para que os desse a ElRey, e prenderao quatro criados do Marquez, obrigando-o a seguir a viagem com pouca assistencia, e grande discommodo: porém a força do cuidado era o verdugo mais violento na consideracao de se haverem seos filhos passado a Castella, e saber do Padre Francisco de Vilhena, que estava a Marqueza sua mulher preza por ordem d'ElRey no Castello de Arrayolos, e não bastava a esperanca de que podia subornar tantos infortunios com o procedimento que havia tido no Brasil, para evitar o combate, que lhe davaõ tão perigosos acci-

Anno

1641.

*Tomão posse os  
tres Governadores.*

*Prizão do Marquez, e outros  
Fidalgos.*

*Toma-se hum  
navio de Castella.*

# 148 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

*Chega o Marquez a Lisboa.*

dentes. Chegou a Lisboa; e achou a fortuna com diffi-  
rente semblante do que suppoz na viagem: porque ha-  
vendo chegado seu filho D. Fernando com a nova do so-  
cego, e obediencia com que ficava o Brasil; ( ainda que  
desembarcando em Peniche, o desacerto de seus Irmãos  
incitou contra a sua pessoa a furia do Povo, a que entre-  
gára a vida, a não ser soccorrido da urbanidade do Conde  
de Atouguia, que alli se achava, o qual o salvou em  
sua casa, depois de haver recebido huma cutilada na cabe-  
ça. de que o curou nella dentro de breves dias) deo-se  
ElRey por obrigado a lhe conceder a liberdade de sua  
mã, em quem os beneficios não tiverão em tempo al-  
gum poder para antepôr os interesses de Portugal a affei-  
ção de Castella, sendo esta ingratitude causa total da rui-  
na de sua casa. Tanto que o Marquez deo fundo no Rio de  
Lisboa, achou que o elperavaõ sua mulher livre da prizaõ,  
e seu filho com o posto de Coronel de hum dos Terços da  
Corte. Esta primeira luz bastou para desbaratar as nuvens  
que lhe cobriaõ o animo; augmentou-lhe o contentamen-  
to o applauso com que foy recebido da Nobreza, e Povo,  
e socegou-lhe de todo o espirito o favor, que ElRey lhe  
fez quando chegou a lhe beijar a mão, ao que se seguiu  
empregallo nas maiores occupaçoens, em que durou al-  
guns annos, mostrando-lhe a fortuna ( como veremos )  
por muitas vezes varios semblantes.

Faltava só a ElRey na Ásia, para se reduzir a sua  
obediencia, o Imperio da India, primogenito da nature-  
za, ( terra em que as plantas são fructos, as flores aro-  
mas, as aguas perolas, as pedras preciosas ) conquistado  
pelos Portuguezes com temeridade, conservado com in-  
signe valor, e esmaltado do seu generoso sangue. Para  
facilitar as difficuldades desta empreza, a entregou El-  
Rey como as mais nas azas da fortuna, ou uzando de mais  
religioso termo, nas mãos da providencia, que com sig-  
naes evidentissimos se declarava nas maiores difficuldades  
em seu favor. Em trinta de Março leváraõ ancora da bar-  
ra de Lisboa dous navios: hia em hum delles por Ca-  
pitão mór Sancho de Faria: era Capitão do outro Ma-  
noel de Liz: as duas embarcaçoens levavaõ as mesmas  
cartas,

*Partem duas  
naos para a In-  
dia com a nova  
da acclamação.*



cartas; e os Capitaens igual ordem para o Vice-Rey João da Silva Tello Conde de Aveiras. Forão em conserva até a altura de Cabo Verde, onde se apartou Manoel de Liz na volta de Moçambique, ordem que El-Rey lhe havia dado, encômendando-lhe muito a diligencia, por se divulgar em Lisboa que Cosme do Couto, que havia ficado em Castella, Soldado de valor, e experiencia na navegação, era partido na mesma derrota, a fim de anticipar El-Rey de Castella com aquelle avizo, o que Moçambique se havia de fazer de Portugal. Achando Manoel de Liz vento prospero, deo fundo a dous de Agosto defronte da Fortaleza de Moçambique: era o Capitão que a governava, Antonio de Brito Pacheco, para quem levava Manoel de Liz carta d'El-Rey. Quando desembarcou, estava na praia Antonio de Brito; deo-lhe a nova da acclamação antes da carta, e obrou nelle tanto o alvoroço; que sem a abrir acclamou El-Rey: com igual contentamento seguirão os Soldados a mesma voz. Deo logo Antonio de Brito homenagem a Manoel de Liz, para que trazia poderes, e ficou segura na obediencia d'El-Rey aquella Fortaleza, deposito de tanto ouro, que a ser conduzido por mãos menos ambiciosas, e a innocencia dos que o trazem tratada com menos malicia, pudera Portugal com esta só Conquista excusar o trabalho de outras muitas, que sem utilidade cultiva. A treze de Agosto partio Manoel de Liz para a India na volta de Goa; e com o receio da Armada dos Hollandezes, que suppunha furta na Barra daquella Cidade, foy demandar o Cabo da Rama, que dista para a parte do Sul doze legoas della. Chegou a seis de Setembro, e passado o Rio do Sal, foy correndo a praia de Sal-fete, disparando a artilharia, para que ao rumor della acodisse alguma pessoa que o informasse da parte em que assistia a Armada de Hollanda. Vendo que lhe não succedia como imaginava, determinou chegar-se á barra de Goa, e amparar-se da Fortaleza do Murmugão por entre a terra firme, e os Ilhéos de Goa a velha, caminho que o livrava do perigo, ainda que os Hollandezes tivessem occupada a barra: porém achando o vento contrario, surgio em hum Ilhéo que fica da outra banda de Goa a velha. Neste sitio

Anno  
1641.

*Acclamase El.  
Rey em Moçam-  
bique.*

150 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Acclamã-se El.  
Rey em Pangí.*

*Razoens de An.  
dré de Liz ao Vi.  
ce-Rey.*

veio ter com elle o Capitaõ Gaspar Gomes em huma Almadia em que andava com ordem do Vice-Rey Joaõ da Silva Tello, Conde de Aveiras, que pouco tempo antes havia tomado posse daquelle governo, para fazer avizo a qualquer embarcaçã que chegasse do Reino, de que os Hollandezes estavaõ furtos na Barra com dez navios, aguardando outros tantos, por se haverem ajustado com o Hidalcaõ para sitiar Goa, elle por terra com quarenta mil homens, elles por mar com os vinte navios; e que por este respeito ordenava o Vice-Rey a qualquer embarcaçã grande que chegasse, que se recolhesse a Chaul; sendo pequena, a Onor, ou Cananor, e que as vias se lhe remetterssem pelo Capitaõ Gaspar Gomes. Levava Manoel de Liz ordem para as entregar na mãõ do Vice-Rey, e naõ lhe sendo possivel deixar o navio, tendo da mesma forte por perigoso levãllas a Onor, pelo risco de serem collidas pelos Hollandezes, deo á vèla para Onor, e entregou as vias a hum filho seu de nove annos, chamado André de Liz, ordenando-lhe que as desse na mãõ ao Vice-Rey. Embarcado André de Liz na Almadia chegou á povoaçã de Pangí, e entrando na Igreja de Nossa Senhora da Conceiçã (a primeira que se havia fundado na India) achando nella os moradores ao Sermaõ, com mais valor, e desembaraço que permittia a sua pouca idade, acclamou El-Rey. Deteve o alvoroço a solemnidade da festa, e seguindo todos a mesma voz, bastou a de hum menino para atalhar a forçosa ponderaçã que se devia fazer em negocio de tanto pezo: mas como hum só poder impera em todos os coraçõens humanos, pouco importava que se interpuzesse a larga distancia que vay do Occaso ao Oriente. O mesmo effeito, que nos espiritos Portuguezes gerou o nome d'El-Rey D. Joaõ em Portugal, produziu nos que assistiaõ nas remotas partes da India. Tornou-se a embarcar André de Liz, e em breves horas chegou a Goa. Havia-se anticipado de Pangí por terra Francisco da Silva Soto Mayor, e dando a nova ao Vice-Rey, naõ achou pela grandeza della na sua credulidade inteira satisfaçã. Chegou André de Liz a desfazer a duvida, e com varonil resoluçã disse ao Vice-Rey: *Estas vias, Senhor, entre-*



PARTE I. LIVRO III. 151

gou ElRey D. João Quarto a meu foy, para que as trou-  
 nesse a Vossa Excellencia, e por nao ser licito largar o  
 navio de que vem por Capitão, sendo contingente pelejar  
 na barra com os Hollandezes, as fiou de mim para que eu  
 as entregasse a V. Excellencia. Receba as V. Excellencia,  
 e diga: Viva ElRey Dom João Quarto nosso Senhor  
 Rey de Portugal. Admirado o Vice-Rey da Embaixada,  
 e do Embaixador, tomou as vias, e mandando-as abrir  
 pelo Secretario de Estado, achando nellas a certeza, que  
 desejava o seu animo verdadeiramente Portuguez; pouco  
 lhe pareceo que fazia, se logo acclamava ElRey. Cha-  
 mou as pessoas principaes, e fez-lhes presente na restau-  
 ração do Reino a redempção da India: pois se originava o  
 estado miseravel em que todos a viaõ ou do cuidado, ou  
 do descuido do governo de Castella, hum, e outro ini-  
 migos mortaes da conservação daquelle Imperio: poden-  
 do supprime, que o cuidado dos Castelhanos era o mais  
 certo, e o mais prejudicial inimigo, depois de observa-  
 das as Capitulações feitas com os Hollandezes na primei-  
 ra tregoa ajustada entre huma, e outra Nação, deixando-  
 lhe desembaraçada a Conquista da India, parecendo, que  
 a fim de diminuir as forças de Portugal. Não achou o Vice-  
 Rey animo algum differente da sua opiniaõ. Deo ordem  
 para que se prevenissem as solemnidades precisas naquel-  
 le acto, e a onze de Setembro foy ElRey acclamado em  
 Goa, sem lhe custar mais diligencias, que a de huma car-  
 ta; fortuna para todos os seculos digna da maior admira-  
 ção. Manoel de Liz deixando o navio seguro em Onor,  
 se partio para Goa: com a sua chegada se confirmáraõ mais  
 os animos de todos, accrecentando a noticia, que vira  
 em Portugal de sorte o ardor aos moradores da India, que  
 a qualquer delles parecia facil romper com o peito a mul-  
 tidaõ das aguas, que dividem hum de outro Pólo, e achar-  
 se nas fronteiras oppostos à invaõ de Castella. Trazia  
 Manoel de Liz ordem para que o Vice-Rey mandasse fa-  
 zer presente ao Cabo da Armada de Hollanda a separaçãõ  
 de Portugal, e Castella, advertindo-lhe, que cessavaõ  
 com este accidente os motivos da guerra da India. Assim se  
 executou, recebeo o Cabo a nova com toda a solemnida-

Anno  
1641.

*He ElRey accla-  
 mado em Goa,  
 pelo Cõde de A-  
 veiras Vice-Rey*

## 152 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Perda de San-  
cho de Faria.*

*Fic acclamado  
ElRey em Ma-  
cão, e nas mais  
Praças da Índia*

de, mas sem embargo de ouvir todo o successo da acclamação, e juntamente, que ficava em Hollanda Embaixador de Portugal ajustando as pazes, não quiz o Cabo desistir da guerra, dizendo, que se sujeitava á ordem do Vice-Rey, que assistia em Jacatará. Foy esta determinação em damno de Sancho de Faria, que em Cabo Verde se havia apartado de Manoel de Liz; porque na fé de hum salvo conducto, que levava de Lisboa, firmado por alguns Officiaes Hollandezes, entrou na Barra de Goa com bandeira de paz: attacaraõ o cinco navios de Hollanda, e não fazendo caso da bandeira, nem do salvo conducto, quizerão entrar por força o navio: defendeo-o Sancho de Faria valerosamente. Creceo o poder aos Hollandezes, e fez impossivel a resistencia: ficou morto Sancho de Faria, e quarenta Soldados, os mais quasi todos feridos, e o navio entregue. Os Hollandezes perderão cento e vinte homens, e o Cabo da Armada. Não diminuiu esta desgraça o ardor dos moradores de Goa: continuaraõ-se grandes festas até vinte de Outubro, dia em que foy jurado com muita solemnidade o Principe D.Theodosio. O Vice-Rey logo que recebeu a nova da Acclamação, despedio varios avizos a todos os Capitaens das Fortalezas daquelle Dominio, os quaes sem contradicção ficaraõ na obediencia d'elRey. Sinalaraõ-se nas demonstraçoens os moradores de Macao, Cidade situada no Imperio da China. Chegou a ella Antonio Fialho Ferreira por ordem d'elRey, e achou aquelle opulentissimo povo dividido em parcialidades: conformou-lhes os animos a nova da Acclamação, celebrada com festas tão custosas, que se pudera duvidar da relação dellas, quando se ignorara a riqueza em que vivem os moradores daquelle Cidade. Ajustaraõ fazer a ElRey hum grande donativo de dinheiro, que logo mandáraõ a Lisboa, e duzentas peças de artilharia de bronze, com muitas muniçoens, que foraõ remettendo nas monções, que se offereceraõ. O animo do Hidalcaõ tambem se sujeitou á nova da Acclamação d'elRey, porque referendou-lhe Joseph Pinto Pereira, que o Vice-Rey lhe mandou por Embaixador, tudo o que havia passado em Lisboa, se achou obrigado a desfazer o contracto, que, como fica di-



# PARTE I. LIVRO III. 153

Anno

1641.

*Defiste o Hidal-  
caõ do sítio de  
Goa.*

to; celebrou com os Hollandezes, promettendo-lhe fi-  
tiar Goa por terra: e não foraõ poderofas as diligencias,  
que elles depois fizeraõ, para o perfuadirem a que tornas-  
se a vir no primeiro concerto; e ficou por este respeito li-  
vre a Cidade de Goa do grande perigo, que a ameaçava.  
Manoel de Liz voltou para Lisboa na primeira monção,  
chegou a salvamento, e remunerou-lhe ElRey a nova,  
que trazia, e o trabalho, que padecera por feu serviço,  
com varias mercês. Seu filho trouxe da India o Habito de  
Christo, que lhe deo o Vice-Rey (hum dos grandes pri-  
vilegios daquelle posto) quando da parte de feu pay lhe  
entregou as vias. E para que fique mais claro o que refe-  
rir-mos adiante do Estado da India, daremos breve noti-  
cia do que dominavamos no tempo em que entrou a go-  
vernar o Conde de Aveiras: e lograrão os curiosos, ainda  
que com menos erudição, verem seguida a Historia de  
Manoel de Faria e Sousa, que chega a referir os succel-  
fos da India até o anno de 1640.

Achou o Conde de Aveiras em grande aperto a *Relação do Es-*  
India com a guerra que os Hollandezes faziaõ na Ilha de *tado da India*  
Ceilaõ: e ajudados d'ElRey de Paõ com o sítio que ha-  
viaõ posto á Cidade de Malaca. A Cidade de Goa, cabe-  
ça de todas as daquelle Estado, lograva livres todas as  
Fortalezas, terras, e Tanadarias da sua antiga jurisdic-  
ção. Conservavamos as Fortalezas de Moçambique, Mom-  
baça, Mascate, Soar, Dio, Damaõ com suas Tanadarias,  
e o Forte de S. Jeronymo a ella annexo: a Fortaleza de Ba-  
çaim com as de Marcorá, e Affirim, que lhe pertenciaõ:  
a Cidade de Chaul com a sua Fortaleza, e a do Moro:  
as Fortalezas de Onor, Barcelor, S. Miguel do Cambo-  
lim, Mangalor, Cananor, Cranganor, Coulaõ: a For-  
taleza, e Cidade de Cóchim: a Cidade de Columbo na  
Ilha de Ceilaõ com todas as terras, que lhe tocavaõ, ex-  
cepto as Fortalezas de Baticala, Triquimale, Nigumbo,  
e Gále, que os Hollandezes haviaõ tomado os annos an-  
tecedentes: a Cidade de S. Thomé de Meliapor: a For-  
taleza de Manar, o Reino de Jafanapatãõ com a Forta-  
leza de N.S. dos Milagres, e do Caes: a Fortaleza de So-  
lor, e a Cidade de Macão na China. Logo que o Vice-  
Rey

## 154 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1641.

*Disposições do  
Vice-Rey da In-  
dia.**Sítio de Nigum-  
bo.**Rota dos Chin-  
galás.*

Rey tomou posse do Governo, foy visitar os Fortes da Barra, e Murmugaõ, e no de Aguada, por ser mais importante, deixou seu filho mais velho Luiz da Silva, para acodir ao sustento dos Soldados; costume antigo, e hoje com grande damno observado na India. Guarneceidos os Fortes na melhor fôrma, que foy possível, reforçou os navios da Armada, dispondo-os para resistirem ao grande poder com que os Hollelandezes ameaçavaõ aquella Barra, e nomeou por Capitaõ mór da Armada, que eraõ quatro galeoens, sete galeotas, e algumas manchuas, a Valentim Soares, Soldado de conhecido valor, e experiencia. Disposta a defenfa de Goa, resolveo o Vice-Rey com assistencia do Conselho de Estado, soccorrer Ceilaõ, de que era Capitaõ General D. Antonio Mascarenhas, governo de que estavaõ os de Ceilaõ mal satisfeitos. Para emendar as defordens que succediaõ da pouca aceitaçaõ do governo de D. Antonio, nomeou o Vice-Rey em seu lugar a seu irmaõ D. Filippe Mascarenhas, que os de Ceilaõ com grande instancia pediaõ, por concorrerem nelle muitas virtudes dignas de estimaçaõ. Aceitou D. Filippe, e em huma não, e quatro galeotas se embarcou para Ceilaõ com trezentos e vinte Soldados. Chegou à Cidade de Columbo, e sem interpôr dilaçaõ, unida a gente da Ilha à que levava na Armada, marchou a sitiãr a Fortaleza de Nigumbo. A sete de Novembro começou a jogar a artilharia com tanto effeito, que, estando só de presidio cento e dezasceis Hollelandezes, a renderaõ, desesperados de outro soccorro, que puderaõ conseguir, se tiveraõ valor para se defender mais tempo; porque constando a D. Balthazar, General d'ElRey de Candia (unido neste tempo com os Hollelandezes) que a Fortaleza estava sitiada, marchou a soccorrella com tres mil Chingalás. Teve D. Filippe anticipado avizo, sahio a esperar D. Balthazar, e houve pouca dilaçaõ entre investir esta gente, e desbaratalla; e fez mais alegre a victoria a prizaõ de D. Balthazar, que por haver sido cabeça de levantados, foy sentenciado à morte. D. Filippe dando vista de algũas vélas, que navegavaõ para a Ilha, marchou na volta de Columbo: andava a gente d'ElRey de Candia taõ vizinha, que averiguando D.

Fi.



# PARTE 1. LIVRO III.

155

Filippe que as embarcaçoens eraõ só tres, livre deste cuidado, bulcou a gente d'ElRey, e desbaratou-a sem damno algum. Em mais apertados termos que Ceilaõ, se achava neste tempo Malaca: com tres baterias laboravaõ os Hollandezes contra a Cidade, huma de sete peças jogava contra a Coiraça, tirava outra de cinco ao Baluarte de São Domingos, e haviaõ fabricado a terceira na Ilha das Nãos; e todas tinhaõ de forte arruinado as muralhas, que não podia jogar dellas a nossa artilharia, e depois de feitas na Cidade varias cortaduras, se levantou huma plataforma no alto de S. Paulo, de que os Hollandezes recebiaõ grande damno. Haviaõ elles começado o sitio com mil e duzentos homens da sua nação, e grande numero de Gentios; e durando o sitio mais do que imaginavaõ, desesperaraõ da Conquista, na imaginação do soccorro que podia vir de Goa. Estas noticias teve o Vice-Rey por Negapatão, e desejando muito soccorrer Malaca, lhe não foy possível mandar naquella monção (pelas muitas partes a que lhe era necessario acodir) mais que huma Galeota com alguns soldados, de que era Capitão Luiz da Costa. Mostrou depois a experiencia que se nesta occasião se esforçara o soccorro, não experimentára a seu pezar aquelle Estado a infelicidade daquella empreza dos Hollandezes. Em Mascate governava a Fortaleza Christovão Rodrigues Castel Branco, defuniõ-se com Francisco de Tavora de Ataide. Animado o Imamo, Principe daquelle Estado, destas noticias, intentou sitiar Mascate: soccorreo o Vice-Rey a Fortaleza, mandou prender os dous da contenda, e elegeo para governar a Praça Antonio de Moura. Logo que chegou o soccorro levantou o Imamo o sitio. Não perdoavaõ os Hollandezes a diligencia alguma de prejudicar ao Estado da India: introduziraõ em Goa alguns Soldados dissimulados com o traje de Inglezes; os quaes unidos com hum Canarim determinavaõ queimar as embarcaçoens que estavaõ fuitas na Barra: foraõ descobertos, e enforcados. E eraõ tão bem preparados os instrumentos que traziaõ para a execucao que intentavaõ, que, fazendo-se experiencia, se achou que quanto mais agua lhe lançavaõ, tanto mais ardiaõ. Chegáraõ naquella

Anno

1641.

*Sitio de Malaca*

*Sitio de Mascate.*

*Descobri-se em Goa hũa traição dos Hollandezes.*

## 156 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Utilidades de  
Moçambique.*

le tempo os Hollandezes a barra de Goa com seis embarcações, e resgatárao a Alvaro de Sousa de Tavora, Capitão do Galeão S. Boaventura, que haviaõ queimado junto a Murmugão; e era este Fidalgo de tão conhecido valor, que foy geralmente estimada a sua liberdade. O Vice-Rey sem se perturbar com os muitos accidentes, que lhe sobrevinhaõ, acodia como bom Piloto a todos os danos, que podiaõ vir de novo. Tendo noticia que em Moçambique era morto Diogo de Vasconcellos Governador daquella Fortaleza, elegeo em seu lugar ao Claveiro Francisco da Silveira: levou de soccorro hum pataxo, e tres galeotas com mantimentos, e munições, e ordem para fortificar com todo o cuidado tudo o que achasse conveniente naquelle districto, para segurança do resgate do ouro, que em grande abundancia se tirava todos os annos do Comércio dos Cafres habitadores daquella Certezaõ. Porém estas ordens, ainda que o Vice-Rey as encaminhava ao bem commum, sempre os Governadores as construaõ em interesse particular, e com avanços tão excessivos, que a algum ouvi dizer, que em pouco tempo, e não metendo grandes cabedaes, se achára com hum milhaõ em pedaços de ouro. E he grande prova da fragilidade dos discursos dos homens navegarem os Portuguezes tantos mares, por buscar ganancias incertas, e que deixem ao arbitrio de hum só homem os interesses infalliveis: porém hoje se póde esperar nesta parte grande melhora com a direcção do Principe D. Pedro, que conhecendo com verdadeiro discurso as utilidades deste negocio, o vay reduzindo a forma mais conveniente. Mombaça ainda que não tinha occasião de guerra, soccorreo a o Vice-Rey com gente, e munições: e receando justamente a cavillação dos Hollandezes, mandou prevenir todas as Fortalezas do Estado com ordens distinctas, e apertadas, que ainda que os Hollandezes chegassem a ellas como amigos, os hospedassem com tanta cautela, que não lhes dessem lugar a que uzassem da manha, e da força, de que tão cauteloamente se sabiaõ valer, como justificavaõ varias experiencias. E se em todas as partes se fizera  
esta



esta mesma prevenção, não vieraõ a experimentar as nossas Conquistas os grandes damnos, que padeceraõ; que tiveraõ tão difficil remedio, que foy necessario concorrer todo o favor Divino, para se restaurarem. E na India em que puderaõ ter os seus aggravos igual satisfação á que tiveraõ na America, não foy a falta do poder a que nos prejudicou, senão a emulação, e interesses proprios, que naquelle Estado foraõ tantas vezes inimigos das conveniencias publicas. O Vice-Rey depois destas prevenções despedia para o Reino a Caravela Nossa Senhora de Nazareth, e a Caravela Santa Anna, que foy de avizo, de que era Capitão João da Costa, a Caravela Nossa Senhora da Oliveira, e Santo Antonio, de que era Capitão Antonio Cabral. Chegaraõ as primeiras a Lisboa a 15 de Maio de mil e seiscentos quarenta e hum: as segundas a sete de Julho do mesmo anno; e teve ElRey licito alvoroço de ver debaixo da sua administração as primeiras primicias do Estado da India.

Acclamado ElRey Dom João em todos os Lugares aonde chega o Dominio de Portugal, era necessario que as disposições do governo correspondessem á fortuna que havia tido em conseguir a posse do Reino: porque a cadea da politica he de tal sorte travada, que basta tirar-lhe hum anel para romper a cadea. Foy das primeiras disposições d'ElRey fazer huma Armada, que servisse ao Reino de escudo, para que não fosse prejudicado, e ás Conquistas de freio, para que não prevaricassem. Déraõ os cabedaes, que se ajuntáraõ, alimento a doze navios: depois de preparados não concordavaõ os pareceres dos Conselheiros na pessoa do General, que os havia de governar. Quando era maior a duvida deo fundo no Rio de Lisboa em huma Caravela Antonio Telles de Menezes, o qual havendo acabado o governo da India com opiniaõ de muito valeroso, e pratico no exercicio da navegação, partio de Goa, e chegou a Lisboa em quatro mezes: entrou de noute, e recebendo a nova do novo Principe de que era Vassallo, foy desembarcar ao Paço, e achou em ElRey tantas demonstrações de alegria da sua chegada, e tão executivo o favor, que se recolheo para sua

Anno

1641.

*Chega a ElRey  
aviso da obediência da India.*

*Disposições do  
Governo d'El-  
Rey D. João.*

*Chega da India  
Antonio Telles*

# 158 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*He eleito General da Armada.*

*Manda El Rey a Catalunha o Padre Ignacio Mascarenhas.*

*Exercito de Castella sobre Barcelona.*

*Ataque de Monjuic.*

*Confederação de Portugal co Catalunha.*

sua casa com o titulo de General da Armada, merecida satisfação da victoria, que havia conseguido na India, e eleição universalmente approvada: felicidade que os Principes poucas vezes conseguem. El Rey avallando a guerra de Catalunha por huma das mais importantes seguranças do seu Reino, mandou com toda a brevidade aquella Republica ao Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de JESUS, irmão de D. Joáo Mascarenhas Conde de Santa Cruz, acompanhado do Padre Paulo da Costa. Ordenou-lhe El Rey, que desse conta aos Deputados, que assistião em Barcelona, de como estava em pacifica posse do Reino, e que lhe segurassem todos os soccorros, que para a sua defensão houvessem mister de Portugal: grande fortuna para os Catalaens, se a nossa errada politica não fizera a execução differente da promessa. Porém esta servio aos Catalaens de grande alento, porque no dia seguinte ao que chegou a Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas (a quem os Catalaens receberão com grandes demonstraçoens de contentamento) appareceo á vista da Cidade o Marquez de los Valles, General do Exercito de Castella, com vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos; e depois de occupar os postos, e alojar o Exercito, usou da industria primeiro, que da força, mandando propôr aos Deputados varios accommodamentos, que não aceitáráo. Vendo pois que a guerra havia de ser quem decidisse as propostas; mandou atacar Monjuic, obra exterior da Cidade: foy melhor defendida do que estava fortificada, e perdendo o Exercito mais de dous mil homens, se retirou o Marquez de los Valles a Tarragona. Assistio o Padre Ignacio Mascarenhas na muralha a todo o conflicto: durando elle, lhe advertirão os Deputados, que dislesse ao seu Rey, que tomasse exemplo naquella occasião, e aprendesse a sustentar a guerra fóra da Corte, quanto lhe fosse possível: porque nunca o achaque era muito perigoso, se o coração o não padecia.

Retirado o Marquez de los Valles, fez o Padre Ignacio Mascarenhas a sua função: ouvirão os Deputados a Embaixada, e aceitarao muito voluntariamente confederar-se com Portugal. De Barcelona introduzio o P. Ignacio



Ignacio Mascarenhas no Exercito de Castella muitas cartas, que trazia d'elRey para Officiaes Portuguezes, que serviaõ nelle: as mais dellas foraõ entregues, e a maior parte dellas se passáraõ a Barcelona com muitos soldados, como ElRey lhes ordenava, e de Barcelona a Portugal, como veremos. Os Catalaens desejavaõ avizar a França do perigoso estado em que se achavaõ, receando justamente que o Exercito tornasse a atacar a Cidade mal fortificada, peor guarnecida. Difficultava-lhe esta diligencia por terra, terem os Castelhanos os caminhos tomados, e por mar a falta de embarcaçaõ. Offereceo-se o Padre Ignacio Mascarenhas a facilitar este impossivel: aceitáraõ os Deputados a offerta com grandes demonstraçoens de agradecimento: entregaraõ-lhe varias cartas. Tanto que as recebeo, se embarcou na volta de França: achou taõ contrario o vento, que naõ lhe sendo possivel tomar algum porto de França, desembarcou forçadamente em Genova, onde encontrou maior perigo do que suppunha. Estava naquella Cidade o Marquez de Laganéz, que havia chegado a ella, tendo acabado o governo de Milaõ, e esperava embarcaçoens para passar a Hespanha. O Padre Ignacio Mascarenhas tanto que chegou, teve cõmunicaçaõ com alguns Genovezes, e com inadvertida confiança lhes deo conta dos negocios de Portugal, e Catalunha, e da commissaõ que levava: chegou facilmente esta noticia ao Marquez, e deliberou-se a matar, ou prender Ignacio Mascarenhas. Soube elle com a mesma brevidade esta resoluçaõ do Marquez, fez presente ao Senado o risco em que estava: tiveraõ os que governavaõ a Republica grande atençaõ á sua noticia, e mandáraõ segurar a sua pessoa até se embarcar em hum navio Hollandez, em que chegou a França. Tanto que desembarcou, satisfez com toda a diligencia, e acerto a commissaõ, que levava de Barcelona, e declarando na Corte de França a verdade dos successos de Portugal, que a destreza dos Castelhanos com relaçoens falsas tinha confundido, voltou a Barcelona, e achou nos Deputados igual agradecimento á sua diligencia. Haviaõ chegado áquella Cidade muitos Officiaes, e soldados Portuguezes, effeito das cartas, que havia espalhado no Exercito

Anno

1641.

*Passaõ a Portugal muitos dos soldados Portuguezes.*

*Parte de Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas, chega a Genova.*

*Chega a França.*

*Volta a Barcelona.*

*Entra em Lisboa com muitos soldados.*

Anno

1641.

*Embaixada de  
Catalunha.*

ercito de Castella: embarcou-se com elles para Portugal; chegou a salvamento a Lisboa, e achou a satisfação das suas finezas no conhecimento, que ElRey lhe confessou que tinha dellas, não querendo o seu habito, e o seu desinteresse melhor premio.

Os Catalaens, tanto que partio o Padre Ignacio Mascarenhas, mandárao por Embaixador a Portugal a D. Joseph de Salas, Barão de Arene; entrou em Lisboa a oito de Abril, foy hospedado em Belem na quinta de Ruy da Silva, e conduzido a Audiencia d'elRey pelo Conde da Vidigueira: fez presentes a ElRey as razoes, que tiveram os Catalaens para negar a obediencia a ElRey de Castella, e dalla a ElRey de França: que pedia da parte da Republica perpetua paz com Portugal. Não teve ElRey inteira satisfação desta Embaixada, futilizando-se por alguns indicios, que o animo do Embaixador vinha corrompido pelos Castelhanos, e por esta causa foy despedido com palavras geraes, e offertas sem effeito. O primeiro discurso originou a segunda suspeita de que o Arcebispo de Braga, e mais conspirados (de que a seu tempo se dará noticia) tiverao trato, e communicação com o Embaixador. Não entrarao nesta calumnia D. Lourenço de Sousa, Capitão da Guarda d'elRey, e seu irmão D. João de Sousa, Cavalleiro da Ordem de S. João, hoje Prior do Crato, porque seus inimigos não alcançarao esta occasião, por haverem antes della persuadido a ElRey que duvidassem da sua grande fidelidade, sem mais causa, que attenderem alguns a interesses proprios, originando-se ordinariamente destes desconcertos da inveja a maior destruição das Monarquias, sendo a desconfiança entre os Principes, e os vassallos benemeritos, a guerra civil, que mais de pressa as desbarata. Mandou ElRey a D. Lourenço para a Beira, e a D. João para o Algarve: porque como as presumpções erao tão incertas, queria apurar-lhes os animos facilitando-lhes o caminho de se passarem a Castella, como o haviaõ feito D. João Soares, D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, de quem D. Lourenço, e D. João erao muito amigos; circumstancia, que havia ajudado a seus emulos a dar côr ao testemunho, que lhes le-

vantaraõ



vantárao: Sahio esta prova muito em abono da sua fidelidade: porque provendo ElRey o lugar de Capitão da guarda em Luiz de Mello seu Porteiro mór, e apertando estes Fidalgos com outros aggravos muito sensíves, elles ostentárao sempre a sua fineza, e soffrimento com as mais honradas demonstraçoens. Respeitando ElRey a sua constancia, e igualdade de animo, os restituiu no fim do anno de 1642 ao socego de suas casas, e dentro de pouco tempo tornou a dar a D. Lourenço o seu officio, experimentando melhor effeito na segunda que na primeira demonstraçoão. O dia seguinte ao que ElRey desterrou D. Lourenço, e D. João de Sousa, deo a seu irmão D. Manoel de Sousa a Prelazia de Thomar: querendo emendar com este beneficio o rigor com que havia castigado huma presumpção incerta.

No mesmo tempo em que ElRey mandou o Padre Ignacio Mascarenhas a Catalunha, despachou por Embaixadores outros sogeitos a varios Principes de Europa, conhecendo que as alianças são a maior firmeza, e o maior credito das novas Monarquias. Mandou a França Francisco de Mello seu Monteiro mór, e Antonio Coelho de Carvalho Desembargador do Paço, ambos com igual poder, e por Secretario da Embaixada Christovão Soares de Abreu, Desembargador do Porto. Erao as pazes de França as mais certas, e as mais uteis, porque a viva guerra que aquelle Reino tinha com o de Castella, as fazia infalliveis, e a opulencia, e grandeza de França as mostrava convenientes: vindo a ser hũa, e outra consideração segura confiança dos soccorros daquella parte. Partirao de Lisboa a 28 de Fevereiro, ancorárao na Arrochela a cinco de Março; forao recebidos do Grao Prior de França Cavalleiro de S. João, e Governador daquella Cidade com muitas demonstraçoens de affabilidade, e grandeza. Partirao para a Corte de Pariz, e em todos os Lugares por onde passarao, forao hospedados magnificamente. Chegando a Orleans despedirao o Secretario Christovão Soares, avizando a ElRey de como erao chegados: continuarao a jornada, e duas legoas de Pariz acharao o Secretario com hũa Quinta prevenida por ordem d'ElRey. Tive-

Anno

1641.

*Embaixadores  
de França.*

*Chegaõ a Arrochela.*

Anno

1641.

*Chegão a Pariz;  
tiverão audien-  
cia d'ElRey, e  
do Cardial Ri-  
chilien.*

*Ajusta-se a paz*

raõ audiencia a 25 de Março, esperava-os meia legoa da Cidade o Marichal de Chatilhom, e outras muitas pessoas principaes da Corte com os coches d'ElRey. Vinha em hum delles o Duque de Xevroza, para o qual passaraõ, e conduzio-os a S. Germoem onde ElRey assistia. Recebeo-os com os favores, que podia dispensar a Magestade encaminhados dos interesses que resultavaõ áquella Coroa da separação de Portugal, e Castella. Voltaraõ ao aposento que lhes estava prevenido, e no dia seguinte tiverão Audiencia de Armando Joaõ de Plessis Cardial de Richilieu primeiro Ministro daquella Coroa, e digno de maiores occupaçoens; porque nem os seculos presentes, nem os passados admiraraõ sogeito politico mais merecedor de todos os encomios. Usou com os Embaixadores agradaveis termos, e excessiva cortezia, offerecendo-lhes logo muito mais do que lhe pediraõ: porém elles uzando de huma errada fantasia aceitarão muito menos do que era necessario á defenfa de Portugal, dizendo que nenhuma couza lhes faltava: e o tempo trouxe consigo o arrependimento de não sabermos uzar do primeiro ardor do Cardial, em todas as operaçoens daquella nação sempre o mais util. Tiverão Audiencia da Rainha, e passados alguns dias depois de varias conferencias ajustaraõ entre huma, e outra Coroa paz perpetua, prometendo ambos os Reys de não ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, munições, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederação, quando com a noticia della a achassem conveniente. Que a guerra se faria a ElRey de Castella por hũa, e outra parte com todas as forças, e por todos os caminhos, que se offerecessem: Que ElRey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios de guerra nos ultimos de Junho seguinte, a se unirem com outros tantos d'ElRey de Portugal, esperando-se que as Provincias unidas concorressem com igual numero: Que esta Armada intentaria tomar a Frota da nova Hetpanha, e procuraria fazer todo o dâno, que fosse possível em os portos, e navios de Castella: E que os interesses seriaõ igualmente divididos: Que o Comércio entre os dous Reinos se continuaria da mesma sorte, que se obier-



PARTE I. LIVRO III. 163

observára no tempo dos antigos Reys de Portugal: Que El-Rey de França permittia q os navios Portuguezes podessem comprar nos feos portos toda a sorte de armas, muniçoens e mantimentos, que lhe fossem necessarios. Firmárao-se, e publicarao-se as pazes, e partiraõ-se os Embaixadores para Arrochella, para se embarcarem em dez navios da Armada que veio a Lisboa, de que era General o Marquez de Bersé sobrinho do Cardial Richilieu.

No mesmo dia que sahiraõ de Lisboa os Embaixadores de França, despachou El-Rey para Inglaterra D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ Desembargador do Paço, e por Secretario de ambos Antonio de Sousa de Macedo. Padeceraõ na viagem grande tormenta; passada ella foraõ seguidos na boca do Canal de sete Fragatas Dunquerquezas, que os obrigou a tomar o porto de Plemua, setenta legoas de Londres. A sete de Março sahiraõ em terra, partiraõ para Londres, e despediraõ ao Secretario a pedir licença a El-Rey para poderem entrar na Corte. Achou Antonio de Sousa alguma difficuldade na licença, embaraçando-a a diligencia de D. Affonso de Cardenas Embaixador de Castella: facilitou as difficuldades que elle propoz o Conde de Pembrave, parecer de que El-Rey fazia grande estimaçaõ, e achando a mesma opiniaõ no Parlamento pelos interesses do commercio, dispensou El-Rey com os Embaixadores que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos maiores Principes de Europa: pedindo primeiro (como por satisfazer á sua curiosidade) a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que El-Rey D. Joaõ tinha á Coroa de Portugal. Executou Antonio de Sousa o que El-Rey lhe pedia, e com toda a elegancia lhe mostrou o direito d'El-Rey D. Joaõ, e a tyrannia de Castella. E vendo o Embaixador daquella Coroa vencida a sua negociaçaõ, sahio da Corte, e a sete de Abril entráraõ nella os Embaixadores de Portugal, e foraõ recebidos d'El-Rey com grandes demonstraçoens de alegria: acháraõ na Rainha o mesmo semblante, e com mais efficacia por ser irmãa d'El-Rey de França. Conferiraõ os negocios, que hiaõ tratar, com os Ministros, que lhes foraõ

Anno

1641.

*Voltaõ a Lisboa na Armada de França.*

*Embaixadores de Inglaterra,*

*Chegaõ a Plemua.*

*Entrão em Londres os Embaixadores de Portugal, e sabe o de Castella.*

## 164 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Ajustou-se a  
paz com Ingla-  
terra.*

*Voltaõ os Em-  
baixadores.*

*Embaixada de  
Hollanda.*

apontados; e depois de algumas controversias, estando para se ajustarem os Capitulos da paz, chegou a Inglaterra noticia, que Tristaõ de Mendoça, que foy por Embaixador de Hollanda como logo veremos, havia ajustado com os Hollandezes, que os Vassallos d'ElRey de Portugal naõ poderiaõ comprar nem fretar navios mais que aos Hollandezes, e que o Comércio da Ilha de S. Thomé, e de toda a costa de Africa ficaria livre a ambas as naçoens, e que ElRey de Portugal permitiria aos Hollandezes, que uzassem no seu Reino de liberdade de consciencia. Quizerão os Inglezes, que se celebrasse com elles o mesmo contrato; porém os Embaixadores prudentemente responderão, que no que tocava á liberdade de consciencia fariaõ avizo ao seu Principe, entendendo d'elle (como succedeo) que naõ havia de conceder aos Hollandezes liberdade alguma de consciencia, que naõ fosse ajustada aos Decretos do Summo Pontifice: que em quanto aos fretes dos navios se uzaria com os Inglezes o mesmo que aos Hollandezes se concedesse: que no Comércio das Ilhas de Africa naõ deviaõ embaraçar-se, quando naõ eraõ senhores de outras, como succedia aos Hollandezes, donde a correspondencia fosse igual para os Portuguezes. Julgáraõ os Ministros Inglezes estas propostas arrazoadas, e ajustou-se a paz sem mais declaraçoens, que ser perpetua entre os dous Reys para si, e para teos descendentes: que seus Vassallos seriaõ obrigados a conservar amigavel trato, e Comércio; (entendendo-se debaixo deste artigo poderem os Portuguezes comprar muniçoens, e armas em Inglaterra, e passarem os Inglezes sem embaraço a servir á guerra de Portugal.) Ajustada a paz, se voltaraõ os Embaixadores para Lisboa, e ficou em Londres assistindo aos negocios o Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Macedo.

Em a mesma maré, que os Embaixadores de França, e Inglaterra, partio de Lisboa por Embaixador de Hollanda Tristaõ de Mendoça. Havia ElRey nomeado a Luiz Pereira de Castro Chançarel da Casa da Supplicação para acompanhar Tristaõ de Mendoça com igual poder (naõ lhe sendo menos necessario) que aos mais,

hum



Anno  
1641.

hum Ministro de letras, e experiencia, que lhe assistisse, por ser a negociação com os Hollandezes a de maior importância) e por justos respeito se excusou Luiz Pereira da jornada. Entendeo ElRey que suppria esta falta nomeando por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Tavares, Ministro de lètras, e sufficiencia. Mandou tambem por Conselheiros nos interesses da mercancia Guilherme Rozem Hollandez, naturalizado, e casado em Lisboa, e Joaõ Nunes Santarem, ambos homens de negocio, que vieraõ a servir de maior embarço a Tristaõ de Mendoça. Poucos dias depois de sahirem de Lisboa, obrigados de hum grande tormenta entrãrã em Plemua porto de Inglaterra, onde havia desembarcado D. Antaõ de Almada: acharã ancorados no mesmo porto quatro navios de guerra Hollandezes. Tristaõ de Mendoça em quanto amainava a tormenta, sahio em terra, passou encoberto pela posta a Londres, fallou a ElRey, e depois de conferir alguns negocios com D. Antaõ de Almada, tornou a voltar, e acompanhado dos quatro navios, que achou no porto, por ordem dos Embaixadores dos Estados, que assistiaõ em Londres, deo á vèla para Hollanda, lançou ferro quatro legoas da Aya. Sahio logo em terra Antonio de Sousa Tavares, e passou a pedir licença aos Ministros, que governavaõ, para poder entrar o Embaixador. Sem difficuldade lhe foy permittida, e recebido o Embaixador com toda a solemnidade. As conveniencias, que resultavaõ aos Hollandezes da separação de Portugal, eraõ faceis de conhecer, durando a guerra entre os Estados, e ElRey de Castella, e tendo empenhado todos os seus interesses nas Conquistas de Portugal, as quaes ficavaõ com esta separação (a seu parecer) no seu arbitrio, julgando pequenas todas as forças deste Reino para resistir ao grande poder de Castella, e que nesta consideração ficariaõ as Conquistas sem soccorros, e faltando-lhes o alimento com a debilidade expostas a poderem elles uzar dos mais leves accidentes, para se fazerem senhores dos lugares em que se achasse maior utilidade. Ajudados da tyrannia, e dissimulado silencio dos Ministros de Castella, occupavaõ os Hollandezes na India Malaca, e na Ilha de

*O Embaixador  
entra em Ple-  
mua, passa a  
Londres.*

*Entra na Aya.*

*Praças das nos-  
sas Conquistas  
occupadas dos  
Hollandezes.*

## 166 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Ceilão as Fortalezas de Negumbo, e Gale, com o favor dos Mouros, e Gentios haviaõ fabricado em varias partes grandes Fortalezas, e Povoaçõens. Haviamos tambem perdido Ormuz, entregue aos Persas, os quaes ajudáraõ os Inglezes, invejando todas as naçoens os muitos interesses, que naquellas partes haviamos conseguido. No Brasil occupavaõ os Hollandezes Parnambuco, Paraíba, Rio grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, de Fernão de Noronha: para a parte do Sul, Porto Calvo, e Segeripe. Os avanços, que tiravaõ destas Conquistas, eraõ grandes, e interessados nelles os de maior poder naquelles Estados. Os muitos annos de posse, e os poucos escrúpulos, que aprendem na falsa doutrina, que seguem, os obrigava a crer, que o direito de conservar o que haviaõ conquistado preferia a qualquer outro sem controversia.

ElRey D. João fundado nas leys de primeiro possuidor, queria que os Hollandezes restituíssem a esta Coroa o muito que haviaõ roubado della: pequeno Exercito para vencer inimigos tão poderosos. E ficando só a destreza, e a eloquencia, para remediar tantos impossiveis, necessario era que ElRey com profunda consideração elegesse o fogeito mais pratico, mais intelligente, e mais entendido de todo o Reino, para que a subtileza venceisse tantas difficuldades. Porém naquelle tempo era tão pouco o exercicio que havia em Portugal dos negocios politicos, e militares, que não se podem condemnar justamente os que não ajustaraõ com todas as circumstancias, que convinha ás diligencias a que foraõ mandados. A instrucção que Tristaõ de Mendoça levava era que propuzesse aos Estados huma tregoa, e suspensão de armas por dez annos em todos os Lugares sujeitos á Coroa de Portugal; e que neste tempo se ajustaria perpetua paz entre hum, e outro Dominio: Que os Estados mandassem a Lisboa vinte navios, para cuja dispeza ElRey offerencia a contribuição, que concordassem, e igual numero de navios, para que unidos com vinte, que lhe dava ElRey de França, pudessem ao mesmo tempo defender a Costa de Portugal, e offender a de Castella: que pedisse aos Hollandezes a restitu-

Proposta aos  
Hollandezes.



Anno  
1641.

ção das Praças occupadas nas Conquistas, porque, livre Portugal da sujeição de Castella, não podia usurpar o que não tocava áquella Coroa: Que ElRey daria aos Estados Comércio livre em todos os portos deste Reino, reduzindo-se as imposições, e direito ao estylo antigo dos Reys de Portugal, com vantagens nos privilegios, e liberdades: Que os Estados permittissem passar á guerra de Portugal todos os Officiaes de Cavallaria, e Infantaria, que fossem necessarios, e da mesma forte Ingenheiros para as Fortificações, e artificios de fogo, e que pudessem comprar os Portuguezes em Hollanda todas as munições, e instrumentos necessarios para a guerra. Offereceo o Embaixador estas propostas aos Ministros dos Estados, e ajustou com elles a confederação seguinte, de que se seguirão em todas as Conquistas da Asia, e da América muito consideraveis damnos. Assentaráo os Estados com a Coroa de Portugal tregoa, e suspensão de armas por espaço de dez annos, e que todos os Subditos de huma, e outra parte se abstivessem de toda a guerra, e prejuizo: Que se ajudassem com todas suas forças em offensa de Castella, e de seus Vassallos, entendendo-se este Tratado no Brasil, e na India, onde se observaria a mesma uniaão com os Reys aliados de Portugal, e Hollanda, tendo-o elles assim por conveniente, dando-se hum anno de termo para se publicar na India, ajustando-se da mesma forte a segurança de navegarem os navios de ambas as partes, sem offensa alguma dellas, e a igualdade do Comércio, não se alterando a fórma em que se achava ao tempo deste ajustamento. Obrigou-se tambem o Embaixador a que ElRey mandaria outro a Hollanda no termo de oito mezes a tratar da paz, a qual não se ajustando, se não alteraria a tregoa dos dez annos declarados: Que em qualquer das partes, que fosse achada alguma pessoa, que tratasse negociação de Castella contra Portugal, ou contra os Estados, fosse castigada conforme merecesse o delicto, e da mesma forte se julgassem por inimigos cômuns os Lugares, ou Fortalezas, que tomassem a voz de Castella: Que os moradores de ambas as Nações ficariao com o que tivessem adquirido, assim de bens de raiz, como móveis; e havendo du-

*Condições da  
tregoa.*

## 168 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

vida nas propriedades, propondo cada hum a sua causa; se observaria de ambas as partes justiça igual: Que os Portuguezes não poderião fretar navios senão os dos Estados, nem permittir comércio ou trato nas Conquistas a alguma outra nação mais que á Hollandeza: e que não poderião fretar em Hollanda navio de menos porte que de 260 toneladas com 16 peças de artilharia, gente, e muniçoens proporcionadas; e que, succedendo achar-se algum navio com menos do ajustado, se poderia tomar por perdido: Que os Portuguezes não pudessem passar Negros a Indias de Castella, nem outra alguma fazenda; e que, achando-se, seria confiscada: Que na Costa de Africa, Ilhas de S. Thomé, e as mais daquella parte todas as fazendas que se tirassem, seriaõ registradas, e pagariaõ direito nos lugares principaes que pertencessem a huma, e outra nação: Que, adquirindo-se algum dominio nas Indias Occidentaes de Castella, seria repartido por igual: Que os Estados se obrigavaõ a mandar á sua custa vinte navios de guerra a Lisboa, para se unirem com outros tantos que ElRey teria aparelhado, e juntos fariaõ guerra aos Castelhanos, e que os interesses seriaõ repartidos igualmente: Que ElRey poderia tirar todos os Officiaes de guerra, que lhe fossem necessarios daquelles Estados; os quaes elles mandariaõ á sua custa, e se obrigavaõ a soccorrellos em quanto assitisssem em Portugal: Que da mesma sorte poderia tirar de Hollanda todas as muniçoens, e instrumentos militares, que julgasse convenientes para a guerra: Esta era a substancia dos capitulos que se ajustáraõ com os Hollandezes. Incluiaõ Tratado outros de menos importancia, e nestes havia clausulas muito miudas em ordem aos interesses de Hollanda, e a não restituír o que havia conquistado de Portugal no tempo de Castella. O tempo foy descobrindo que ficavamos prejudicados; porque ainda que nos era precisamente necessaria a paz de Hollanda, resultavaõ aos Estados tantos interesses da separação de Portugal, que se fora esta materia manejada com mais destreza, não ha duvida q se conseguiriaõ na paz maiores utilidades, e não succederaõ depois tantas, e tão prejudiciaes controvérsias, que foraõ causa de danos irreparaveis.



PARTE I. LIVRO III. 169

raveis. Tristão de Mendoga voltou a Lisboa na Armada que mandára os Estados, trouxe consigo dous Regimentos de Cavallaria, quantidade de armas, e muniçoens, hum dos melhores effeitos da sua jornada pela grande falta que havia dellas neste Reino.

Anno  
1641.

Elegeo ElRey para a Embaixada de Dinamarca, e Suecia a Francisco de Scusa Coutinho, em quem corriaõ partes muito esencias para esta comissão. Embarcourte em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, occupado naquella occasião no Desembargo do Porto. Partio a 18 de Março, chegou a 15 de Abril á boca do Zonte, desembarcôu junto ao Castello de Conembrog. Estava ElRey tão vizinho, que logo teve noticia de que era chegando, e por esta causa se passou a Coroupenhaven Corte daquelle Principe, e cinco legoas distante. Mandou o Embaixador ao Secretario a pedir licença para poder desembarcar, concedeo-se-lhe; entrou na Corte em hum Coche d'ElRey, mas como particular; foy hospedado com muita grandeza. Passadas as primeiras ceremonias, recorreo o Secretario ao Vice-Rey, Ministro principal daquella Coroa, pedindo-lhe da parte do Embaixador Audiencia. Gastou-se hum mez em excusas apparentes sem conclusão algũa, e conhecendo o Embaixador que nascia o embaraço das alianças que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e dependencias em q estava com ElRey de Castella, mandou ao Secretario que dissesse ao Vice-Rey, que ou se lhe desse Audiencia, ou licença para se partir a outras partes a que o chamavaõ occupaões de grande importancia. Sem embuço respondeo o Vice-Rey que o seu Principe se achava com difficuldades insuperaveis, porque ainda que desejava fûmamente a amizade d'ElRey de Portugal, os negocios daquella Coroa com a de Castella eraõ de qualidade, q lhe prendiaõ o alvedrio para o receber com demonstrações publicas: q se tivesse algum negocio q conferir, lhe spontaria Ministro com q o tratasse, e se quizesse daquelle Reino algũa cousa q fosse necessaria para a defesa de Portugal, passaria logo ordem para q se lhe desse a estes se foi atando hũa larga cadea de comprimentos, ficando ligada a  
outra

*Volta o Embaixador com Armada, e soccorro.*

*Embaixada de Suecia, e Dinamarca.*

*Chega o Embaixador a Dinamarca.*

*Negase-lhe Audiencia publica.*

170 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

outra de dependencias a vontade daquelle Principe. A estas offeras respondeo o Embaixador: Que dar-se-lhe, ou não audiencia, era ponto indivisivel, e que visto negar-se-lhe, se lhe permittisse licença para se partir, ficando nelle vivo o agradecimento da cortezia, que como particular havia recebido naquella Corte: Que em quanto a tratar negocio com Ministro algum, lho não dispentava haver-se-lhe negado audiencia: Que das offeras do soccorro se não valia, por ter deixado as prevençoens de Portugal independentes dellas. Entendeo o Vice-Rey da resposta a justa queixa do Embaixador, havia-lhe ElRey dado ordem para a suavizar quanto fosse possível: disse ao Secretario. Que Sua Magestade teria grande gosto de que o Embaixador quizesse ver o Castello de Fredesborg, lugar de recreação, onde ElRey iria a lhe fallar, porque ficaria com grande pena de que se partisse sem poder velo. Pareceo ao Embaixador, que este era o caminho de se concluir algum ajustamento, e aceitou a offera. No mesmo dia veio a casa do Embaixador hum Almirante, que o havia levado deste Reino, a entregar-lhe da parte d'ElRey dous mil cruzados, que recebera de frete. Não podendo o Embaixador deixar de os aceitar pela apertada ordem, que o Almirante trazia, os mandou repartir pelos Officiaes, e Soldados, que o haviaõ comboiado. O dia seguinte conduzio o Vice-Rey o Embaixador ao Castello de Fredesborg, cinco leguas distante da Corte, por caminho tão deleitoso, que parecia mais breve a jornada. Chegou ao Castello, o qual julgou de fabrica maravilhosa, e entrando nelle admirou a magnificencia, e adorno, occupando grande espaço a vista em pinturas, e estatuas excellentes. deraõ-lhe recado de que ElRey o esperava para lhe fallar; obedeceo, e achou em ElRey as maiores demonstrações de affabilidade. Repetio-lhe as desculpas de lhe negar a audiencia, e as mesmas offeras, que o Vice-Rey havia feito ao Secretario. respondeo o Embaixador pela mesma linguagem de que havia usado na primeira proposta dizendo: Que lhe não ficava occasião mais, que de agradecer os favores particulares, visto negar-lhe Sua Magestade audiencia publica. Convidou-o ElRey a jantar, sen;

Falla a ElRey  
em particular.



sentou-o consigo á mesa, e a seu cunhado João de Roxas de Azevedo, que levou nesta jornada, e ao seu Secretario, dando ao Embaixador melhor lugar, que a seu filho o Conde Valdomáro. Foraõ dilatadas as horas da mesa; assistio a ella a Nobreza principal da Corte, e á sua vista brindou ElRey à saude d'ElRey D. João, e confessando-lhe este Titulo publicamente, fez mais condemnada a resolução de lhe não aceitar o Embaixador. Foy elle despedido acabada a mesa com as mesmas ceremonias com que havia entrado. Deste Lugar continuou a jornada para Suecia, havendo-lhe chegado licença da Rainha, que havia pedido por via do Assistente daquelle Reino, que estava na Corte de Dinamarca. Nas Provincias por onde passou de Esmolandia, Ostrogozia, Sudermanlandia, achou prevenida magnifica hospedagem. Chegou á Cidade de Estocolmia, onde assistia a Rainha, e logo foy visitado da sua parte, finalando-lhe audiencia para dahi a dous dias. acabado o prazo, veio buscar ao Embaixador grande parte da Nobreza daquelle Reino, e com todas as ceremonias de maior ostentação foy conduzido ao Paço. Achou que os hombros de huma galharda Dama sustentavaõ o pezo daquella Monarquia da Rainha Christina, que não passava naquelle tempo de quinze annos, descobria no generoso aspecto os alentos de Gustavo Adolfo seu glorioso Pay, morto na batalha de Lufen, quando com as esperanças mais seguras suppunha toda Europa sendo despojo do seu valor, atada ao carro dos seus triunfos. As mostras do semblante varonil de Christina dissimulavaõ a fragilidade da natureza, e dos annos, e proporcionavaõ o emprego da Coroa. As acçoens desta excellente Princeza déraõ pelo tempo adiante verdadeiro testemunho das disposições, que nella se admiravaõ nos primeiros annos, pois deixando generosamente o proprio, e bellicosó senhorio por detestar a cegueira herética, se passou a viver em Roma, querendo beber na fonte o licor suave da Evangelica doutrina, sacrificando pia, e religiosamente no Altar de Nossa Senhora do Loureto o Sceptro, e a Coroa, e merece não só por esta heroica acção o affecto universal, senão tambem pelas grandes virtudes, e sciencias

Anno

1641.

*Parte para Suecia.**Chega a Estocolmia.**Tem'audiencia da Rainha.**Elogio da Rainha de Suecia.*

## 172 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Entra o Embaixador em conferencia com os Ministros da Rainha.*

*Ajusta-se a paz com Suecia.*

cias incomparaveis, que nella resplandecem. Quando entrou o Embaixador estava sentada debaixo de hum do-  
cel, assistindo-lhe cinco Tutores, que seu pay lhe havia  
deixado, e que com ella governavaõ o Reino: junto do  
estrado á mão direita tinhaõ assento tres primas suas, fi-  
lhas do Conde Palatino, todas de excellente formosura,  
a que se seguiaõ outras muitas Damas. Tanto que chegou  
o Embaixador á porta da ante-camara, se levantou a Rai-  
nha, e dando tres passos lhe fez hum pequena inclina-  
ção. Ouvio a Embaixada em Latin, respondeo na mes-  
ma lingua, que fallava com grande perfeição, e da mes-  
ma sorte todas as de Europa: costumando dizer discretamente:  
Que he grande o perigo de quem não sabe mais,  
que a propria lingua, porque ficará sem falla mudo, se  
perder o uso della. Aceitou com grande contentamento  
as offertas da amizade de Portugal, e não perdoou a cir-  
cumstancia alguma, que justificasse o seu affecto. O dia  
seguinte ao da audiencia deo principio á negociação, a  
qual ajudou muito o Barão de Roche Embaixador d'El-  
Rey Christianissimo naquella Corte. Apontou a Rainha  
por Ministro da conferencia ao Graõ Chancarel, a que  
assistiaõ dous Senadores: houve poucas controversias, pe-  
la muita união das vontades, ajustou-se a paz, e lançaraõ-  
se os Capitulos della em lingua Latina; continhaõ elles:  
Observar-se entre as duas Naçoens igual correspondencia,  
e livre Commercio em todos os portos de hum, e outro  
Reino. Concedeo á Rainha ao Embaixador tres navios de  
guerra, em que trouxe artilharia, armas, e munições,  
segurando o retorno nas varias drógas, de que abunda  
Portugal. Nestes navios se embarcou o Embaixador; nel-  
les chegou a Lisboa a salvamento: passando pelo Zonte  
lhe não visitáraõ os navios, favoravel demonstração, que  
ElRey de Dinamarca mandou, que se uzasse com elle. Foy  
a paz de Suecia de grande importancia a Portugal, pela  
grande reputação, que naquelle tempo as armas daquel-  
le Reino haviaõ conseguido em Europa, sendo a Casa de  
Austria a mais prejudicada nos seus progressos.

A Embaixada que cançou mais os discursos, e  
que verdadeiramente se devia ventilar com maior cuida-  
do,



do, era a de Roma: Considerava-se, que em nenhuma  
 fórma podia prejudicar a dilação do Embaixador, porque  
 tentar o animo do Pontifice Urbano VIII, que naquelle  
 tempo governava a Igreja, era prudencia, que elle ha-  
 via de agradecer, e o mundo não podia condemnar. Ven-  
 do que, guiadas as nossas acções dos passos da madura  
 ponderação, sabiamos sondar os animos, e achar fundo  
 nos interesses, que prezos de ancora tão segura não po-  
 derião perigar em alguma tempestade: e que quando o  
 Pontifice se resolvesse, superado o conhecido obstaculo  
 de Castella, a reconhecer ElRey de Portugal; facilmen-  
 te com a certeza desta resolução se poderia despedir o Em-  
 baixador; e que se acaso prevalecessem no seu animo as  
 conveniencias dos Castelhanos, muito devia obrigar-se da  
 attenção d'ElRey, não querendo embaraçallo sem deter-  
 minação sua em empenho tão consideravel: e que suppos-  
 to se entendia, que o animo do Pontifice era Francez,  
 que esta mesma voz o faria attento aos interesses de Cas-  
 tella, querendo mostrar a justiça igual, sendo esta ima-  
 ginação pequena segurança para o empenho, que se bus-  
 cava; pois o perigo de se voltar o Embaixador sem ser  
 admittido do Pontifice, não devia ceder á mais poderosa  
 apparencia do bom successo, fazendo este muito contin-  
 gente a certeza do poder, que ElRey de Castella sustenta-  
 va em Roma. Os que defendião a opiniaõ contraria, di-  
 ziaõ que, dilatando-se a Embaixada, se dava motivo ao  
 Pontifice a não querer aceitalla, quando depois se lhe  
 mandasse; e que, espalhando a industria dos mal affectos  
 esta apparente falta de religião, causaria movimento nos  
 animos dos Povos, nos quaes por similhante causa acha  
 sempre disposiçaõ o desalocego: que tambem era pre-  
 ciso não expôr na consideração das nações duvidosa a  
 vontade do Pontifice, o qual religiosamente deviamos  
 suppor mais attento á justiça, que applicado aos interes-  
 ses. E que ainda que nos arriscafsemos ao desar de não ser  
 admittido o Embaixador, o que parecia impossivel conhe-  
 cendo-se o animo do Pontifice inclinado a França, que  
 nas proposições do requerimento faria ElRey publica no  
 mundo a sua justiça, achando sem duvida a parcialidade  
 Fran-

Anno  
1641,

*Considerações;  
que difficulta-  
vao a Embai-  
xada de Roma,*

*Razões em con-  
trario,*

Anno

1641.

*D. Miguel de  
Portugal he no-  
meado Embai-  
xador a Roma.*

*Chega o Embai-  
xador a Arro-  
chella.*

*Passa a Pariz.*

Franceza propicia, e empenhada em beneficio nosso, assim por encontrar as dependencias de Castella, como por serem os Ministros daquella Coroa os que fomentavaõ a opiniaõ de se naõ dilatar a Embaixada. E que finalmente com a Igreja nenhuma demonstraçãõ era arriscada, sendo os mais humildes os que mereciaõ a maior Coroa. Prevalleço esta opiniaõ, e nomeou ElRey por Embaixador a Roma a Dom Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, irmão do Conde de Vimioso: tinha de idade aquelles annos, em que o valor anda mais activo, preciso para a jornada, que emprendia, e ornava-se esta virtude, que se achava na sua pessoa, de entendimento, e letras, que o habilitavaõ para esta occupaçãõ. Elegeo ElRey para lhe assistir a Pantaleão Rodrigues Pacheco, Inquisidor do Conselho geral do Santo Officio, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma; achavaõ-se nelle com grande igualdade as letras, e as virtudes. Foy por Secretario da Embaixada Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, em quem concorriaõ todas as partes, que pedia este emprego. A 15 de Abril partiraõ de Lisboa, entrãraõ na Arrochella, onde o Bispo desembarcou, foy hospedado do Graõ Prior de França com grande magnificencia, e parecendo-lhe necessario conferir com o Monteiro mór, Embaixador de França, os negocios de Italia, se resolveo passar a Pariz. Fez a jornada em treze dias, chegou á Corte, fallou a ElRey, á Rainha, e ao Cardial. Levando ajustado com ElRey, e com o Monteiro mór o que lhe pareceo mais conveniente, se partio para Italia. Deteve-se em Avinhaõ esperando que passassem as mutações, tempo perigoso para entrar em Roma. A 20 de Outubro embarcou em Tolon, e dentro em poucos dias deo fundo em Civita Vecchia, que dista treze legoas de Roma. Fez avizo de que havia chegado ao Marquez de Fontane, Embaixador d'ElRey Christianissimo naquella Corte; o qual sem dilação lhe mandou parte da sua familia, bem armada, para o acompanhar, a que se juntaraõ trinta Portuguezes, e alguns Catalães. Alterou-se o Pontifice com a noticia de ser chegado o Embaixador de Portugal: porẽm naõ tendo pretexto para lhe impedir que entrasse



PARTE I. LIVRO III. 175

entrasse em Roma, ordenou ao Cardial Antonio Barbari-  
no mandasse segurar-lhe a estrada, constando-lhe, que os  
Castelhanos não podendo impedir ao Bispo, que desem-  
barcasse, intentavaõ em offensa tua no caminho algum mo-  
vimento. Com esta segurança não encontrando o Bispo de  
Lamego embarço, chegou a Roma: aprou-se em casa  
do Embaixador de França, onde ficou recebendo na hos-  
pedagem todos os obsequios devidos á tua autoridade.  
Durou a assistencia em casa do Embaixador muitos dias, e  
para se passar a hum Palácio, que tomou na Praça Naona,  
lhe foy necessario grande instancia, por ter o Embaixador  
ordem d'ElRey de França para o deter em sua casa até  
conseguir Audiencia do Pontifice, achando esta uniaõ o  
meio mais proporcionado de controverter as negociações  
de Castella.

Assistia em Roma por Embaixador d'ElRey Ca-  
tholico naquella tempo D. Joã Chumaceiro. Dentro de  
poucos dias veio rendello o Marquez de los Valles com  
titulo de Embaixador extraordinario. Antes que o Bispo  
chegasse haviaõ celebrado os poucos Portuguezes, que  
estavaõ em Roma com tão publicas demonstraçoens a no-  
ticia da Acclamação d'ElRey, que passáraõ a parecer ex-  
cessos, se o valor dos Portuguezes não fora costumado a  
vencer os maiores obstaculos. Sinalou-se entre todos Bras  
Nunes Caldeira, Provedor aquelle anno do Hospital de  
Santo Antonio, que naquella Corte chamaõ dos Portu-  
guezes; porque succedendo celebrar-se a festa do mesmo  
Santo, e sendo costume assistir nella o Embaixador d'El-  
Rey Catholico, funcão que lhe tocava como a Embaixa-  
dor de Rey de Portugal, deliberou Bras Nunes Caldeira,  
que havia de defender ao Embaixador de Castella a en-  
trada da Igreja. Juntou alguns Portuguezes, que se re-  
solveraõ a acompanhá-lo, e sem reparar no perigo a que  
se expunha não só pela differença do poder que os Ca-  
stelhanos tinhaõ em Roma, senão pelo crime de juntar  
publicamente armas de fogo tão defendidas naquella Cor-  
te, que o delinquente, que se acha com ellas, não diffe-  
re mais que 24 horas da culpa á morte. Juntou todo o  
genero de armas, que lhe foy possível, offensivas, e defen-  
sivas;

Anno

1641.

*Chega a Roma*

*Ação valerosa  
de Bras Nunes  
Caldeira.*

# 176 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Remete o Pontifice os negocios do Embaixador a alguns Cardiaes.*

*Apresenta Pantaleão Rodrigues hum memorial com odio ao El Rey.*

*Difficultades propostas pelo Cardinal Francisco Barbarino*

lvas; occupou os postos, que podiaõ facilitar o seu intento; e constando ao Pontifice, e ao Embaixador de Castella a sua deliberação, nem o Embaixador se arrojou a divertilla, nem o Pontifice quiz castigalla; privilegio das acçoens grandes, que até os offendidos costumão amparallas: e não só este anno ficou divertida a assistencia que os Embaixadores de Castella faziaõ em Santo Antonio, senão que passou a todos os seguintes, não tornando a intentalla. Depois de chegar a Roma o Marquez de los Valles, remeteo o Pontifice os negocios de Portugal aos Cardiaes Nepotes Francisco Antonio Barbarino, ao Cardial Caietano, e ao Cardial Pamphilio, que com o nome de Innocencio X succedeo a Urbano no Pontificado. As supplicas se encaminhavaõ ao Cardial Francisco Barbarino, offerecia-lhas Pantaleão Rodrigues, acodia às Audiencias como Agente dos negocios de Portugal, e a tudo o mais, que pertencia ao fim, que se procurava. O Papa, em quanto se não tomava a ultima resolução, mandou ordem ao Bispo Embaixador para que não passeasse pela Corte em publico. Fez Pantaleão Rodrigues a primeira supplica aos quatro Cardiaes nomeados, foy nas apparencias bem admittida, e respondeo a ella o Cardial Francisco, que desejava ver o direito com que El Rey de Portugal se introduzira na Coroa. Replicou Pantaleão Rodrigues, que El Rey D. João mandava Embaixador á Sé Apostolica a dar obediencia ao Summo Pontifice, e não a esperar decisaõ, ou confirmação alguma de Sua Santidade, pois era Senhor de hum Reino isento no temporal de todo o Juizo humano: porém que por obviar as interpretaçoens dos politicos, satisfaria á curiosidade do Cardial. No dia seguinte levou em hum memorial deduzido o direito d'El Rey á Coroa; que occupava, com razoes tão claras, e tão bem fundadas, que escurecêraõ todas as apparentes proposiçoens, que os Castelhanos haviaõ espalhado em varios manifestos. Esperando deste papel Pantaleão Rodrigues a resolução de ser o Embaixador admittido a Audiencia, lhe declarou o Cardial Francisco, que Sua Santidade via nesta Embaixada mais demonstraçoens apparentes, que obediencia, e respeito á Sé Apostolica: por-  
que



que a retenção das Capellas, que em Portugal se haviaõ usurpado á Igreja, continuava, violando-se por este caminho a immunnidade Ecclesiastica, e aprovando-se com a contumacia o pernicioso exemplo da expulsão do Bispo de Nicastra Colleitor Apostolico, occasionada por este respeito: Que a esta prejudicial resolução se accrescentava o grave escandalo, que a toda a Republica Christãa tinha dado a prisão do Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos: (que ja neste tempo havia commettido os delictos, que adiante referiremos) e que, consideradas estas razoes, se julgava preciso que o Arcebispo fosse posto em sua liberdade, e se lhe restituíssem seus bens, ou ao menos o remetterssem em Custodia a Roma, para que o Summo Pontifice como seu legitimo Juiz julgasse o seu delicto: que as Capellas se restituíssem á Igreja, sem se interpôr duvida, nem embaraço: que com estas demonstrações se conciliaria o animo de Sua Santidade para admittir a Embaixada. Satisfez Pantaleão Rodrigues a esta proposta dizendo: que ainda que acommisção do Bispo Embaixador se não extendia a mais, que a dar obediencia ao Summo Pontifice, não parecia licito gravar com encargos o acto de huma acção voluntaria, o que sendo contra todo o direito universal, excusava o Embaixador de não trazer poderes para tratar o que se não suppunha que pudessem acontecer; que fiado na piedade Catholica d'El-Rey seu senhor promettia da sua parte, que a duvida das Capellas se ajustaria com a conclusão mais favoravel á Igreja, mandando Sua Santidade Nuncio Apostolico a Portugal, como haviaõ feito sobre semelhantes Concordatas os Pontifices Joã XXI. e Xisto IV. em tempo dos Reis D. Affonso V. e D. Joã segundo: porque esta materia era tão embaraçada, que tiveraõ as duvidas della principio no anno de 1604. cuja ley, desde aquelle tempo estabelecida, havia derogado o Colleitor com escandalo universal. Que em quanto á resolução do Arcebispo de Braga, Sua Magestade não havia excedido as permissoens do Diteito Canonico; porque sendo o Arcebispo convencido no crime de lesa Magestade, o não eximiam o foro Ecclesiastico não só da prisão, mas nem da

Anno  
1641.

*Resposta de Pantaleão Rodrigues.*

Anno  
1641.

morte, de que havia varios exemplos no Mundo: porém que Sua Magestade, para que não ficasse acção alguma sua escrupulosa, mandaria entregar os autos do Arcebispo aos Juizes, que Sua Santidade apontasse em Lisboa, prohibindo-lhe remettellos a Roma assim o perigo de poder por qualquer accidente cahir nas mãos dos Castelhanos, como a difficuldade de se lhe haver de formar culpa em Roma daquella Magestade, que o Summo Pontifice não reconhecia por coroada. Estas satisfaçoens atalharaõ com o Cardial Barbarino os pretextos, que buscava para a dilação, que julgava precisa, vendo que não era razão detenganar ao Embaixador de Portugal, nem conveniente offender o Embaixador de Castella. E ultimamente antepondo a politica á justiça, apertando Pantaleão Rodrigues pela ultima resolução, faltando razão ao Cardial, faltaraõ-lhe razoes; de que se originou canisar-se de forte das instancias do Agente, ( defeito ordinario de quem sem razão offende ) que com demonstrações escandalosas dava a entender a Pantaleão Rodrigues nas audiencias publicas o seu enfado. Vendo pois o Bispo Embaixador as duvidas, que cada hora cresciaõ na sua pretensão, buscou todos os caminhos, que as podiaõ facilitar, e em todos achou cortados os passos pelas negociações de Castella. Este successo fazia differente effeito no Marquez de los Valles, porque vendo as suas diligencias bem logradas, tomou animo para maior empreza, e determinou tirar de Roma, na pessoa do Bispo de Lamego, hum dos maiores obstaculos, que de presente julgava, que o seu Principe tinha para a restituição da Coroa de Portugal, tendo por certo, que, permitindo o Pontifice audiencia ao Bispo, confirmava a acclamação d'ElRey, e lhe facilitava por este caminho as alianças dos Principes de Europa; consequencia, que segurava a defensão deste Reino. Nesta consideração buscou pretextos para publicar queixas sem fundamentos, que são faceis de achar em quem negoceia seguro no poder, e no cabedal. O Bispo alcançou nestes dias audiencia de alguns Cardiaes, que o trataraõ com honras de Embaixador: acompanharaõ-o a estas vizitas os seus criados com algũas insignias

*Diligencias do  
Marquez de los  
Valles Embai-  
xador de Castel-  
la.*



signias só permittidas aos Embaixadores. Inferio o Marquez desta novidade, que o Bispo havia conseguido audiencia do Sũmo Pontifice na fórma, que desejava. Multiplicou as queixas com tão inmodestas supplicas, que opprimido o Summo Pontifice com a memoria em Castella, e o cuidado em Napoles, declarou: Que não aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Constando-lhe ao Marquez de los Valles a certeza deste Decreto, applicou á paixão os ultimos alentos, e sem mais consideração, que a da ira, nem mais attenção, que a da furia, determinou prender o Bispo de Lamego, e remettello a Napoles, seguindo o exemplo do Marquez de Castello Rodrigo, que havia tomado a mesma resolução com o Principe de Sans, por huma leve suspeita de que o Principe tinha intelligencias com França; e fazendo-lhe cortar a cabeça, deo motivo a hum dos maiores escandalos da Europa. Com este erro por Norte determinou o Embaixador de Castella executar a empreza de prender hum Prelado na Corte de Roma, seguro na fé do Pontifice, sem mais causa, que achar favoravel a sua resolução, suppondo a poucos dias antes da parte das pretensões do Bispo; desconcerto universal da natureza humana, que tanto adoece de fraca, como de forte; e assim a debilita o sangue que lhe falta, como a suffoca o que lhe sobra. Resoluto o Marquez a executar este intento, juntou em Roma, por intervenção do Principe Galiano da Casa Colona, dependente de Castella, duzentos bandidos, unico acerto desta empreza, sendo só homens de vida tão larga, proporcionados para a execução deste delirio; e querendo honestar o rumor, que em Roma causavaõ as suas prevenções, fez pôr fogo a huma pequena porta, que sahia do seu Palacio, e publicou, que os Portuguezes haviaõ sido authores desta insolencia; e com este pretexto chamou a Roma Officiaes, e Soldados de Napoles. O Pontifice constando-lhe das prevenções do Embaixador de Castella, buscou dous caminhos de atalhalas: hum, mandando segurar com grande numero de Soldados as partes suspeitosas: e dando ordem para que sahisssem de Roma todos os vagabundos, com que dimi-

Anno  
1641.

*Declara o Pontifice, que não aceita a Embaixada de Portugal.*

*Junta o Marquez de los Valles os bandidos, e convoca os Soldados.*

*Prevenções do Papa.*

## 180 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Avizos que se  
daõ ao Bispo  
Embaixador.*

*Prevenções  
contra os Cas-  
telhanos.*

nuio muito a familia do Marquez de los Valles; outro, ordenando ao Bispo de Lamego que se acompanhasse de pouca familia, e que o seguro da sua palavra, e das prevenções, que mandava fazer, podiaõ livrallo de todo o receio. Estando de huma, e outra parte as materias na disposiçaõ referida, e acompanhando-se o Bispo Embaixador só de dous Gentis homens, e dous lacaios, conforme a ordem do Pontifice, chegou em 20 de Agosto o effeito, que se podia esperar de tanta resoluçaõ desconcertada. Sahio o Bispo de Lamego ás cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França, acompanhado da familia, que lhe estava destinada: Era hum dos Centis homens Diogo de Barcellos, antigo criado de sua casa. Examinou a sua attençaõ, que seguia a carroça do Bispo huma espia dos Castelhanos; advertio-o ao Bispo, o qual mandou logo chamar hum confidente, a que ordenou que fosse a casa do Embaixador de Castella, e que achando alguma novidade, lhe fizesse avizo em casa do Embaixador de França, para onde hia. Não tardou muito com a certeza de que achara em casa do Embaixador prevenindo-se gente, armas, e carroças. Confirmou esta noticia Pantaleaõ Rodrigues: porque tendo naquella tarde Audiencia do Cardial Barbarino, soube delle que o Marquez de los Valles estava resolutto a buscar occasiaõ de se encontrar com o Bispo, e valer-se della para o matar, ou prender: e pedindo o Cardial a Pantaleaõ Rodrigues quizesse persuadir ao Bispo que não sahisse aquella tarde de sua casa, elle lhe respondeo que ja quando elle sahira ficava fóra della. Obrigado de huma, e outra noticia lhe pareceo ao Bispo que era necessario prevenir-se para que o não colhesse o Embaixador de Castella desarmado. O Embaixador de França desejou persuadir ao Bispo que ficasse em sua casa, dizendo que como não era novidade ser seu hospede, que ninguem poderia censurar esta acçaõ: porém o Bispo advertido, e valeroso, em nenhum caso admittio esta proposta; o que vendo o Embaixador de França, mandou juntar a sua familia á do Bispo, e a estas se unirão alguns Portuguezes, e Catalaens, que andavaõ em Roma: chegaraõ todos



PARTE I. LIVRO III. 181

Dos juntos ao numero de sessenta pessoas. O Embaixador de França por evitar a confusão, e desordem, nomeou por Cabo desta gente ao seu Mestre de Camera, chamado Lucach, pessoa de que fazia grande confiança. Feita esta prevenção, entrou o Bispo em huma carroça com quatro Gentis homens, sem mostrar sobresalto algum, herdando o valor, e constancia de seus antigos predecessores: Seguia-o a mais gente, huns em carroças, e outros a pé; mas de sorte repartidos, e caminhando as carroças tão devagar, que todos se acháram juntos. Pouco havia o Bispo andado, quando lhe fizerao avizo, que o Marquez de los Valles se vinha chegando: mandou aos cocheiros, que não parassem, e vierão a topar-se as carroças dos dous Embaixadores em huma volta, que faz a rua de Santa Maria in via. Gritáram os Castelhanos, que fizessem alto ao Embaixador de Castella, responderão os Portuguezes, que parassem ao Embaixador de Portugal. Sem dilação sahirão os Castelhanos das carroças, o mesmo fizerao os Portuguezes, e Francezes: de huma, e outra parte se disparáram quantidade de carabinas, e pistollas, de que logo ficáram mortos, dos que acompanhavao o Bispo, hum Maltez parente do Embaixador de França, dous pagens seus, e hum criado de Pantaleão Rodrigues: dos Castelhanos cahiraõ mortos oito, em que entrou o Capitão D. Diogo de Vargas, e ficáram vinte feridos. O estrago das armas de fogo se accrescentou com os golpes das espadas, que os Portuguezes sabem esgrimir com grande destreza. Carregáram os Castelhanos com tanto valor, que em breve espaço desampararaõ ao Marquez de los Valles, que se não havia até aquelle tempo sahido da carroça, e vendo-se só perturbado do receio sahio pelo espaldar della, e salto de alento, esquecido da reputação, perdido o chapéo, e descomposta a capa, se recolheo á logea de hum biscouteiro, donde passou á casa do Cardial Albornoz, que ficava vizinha. O Bispo de Lamego sahio da carroça, em que hia, no principio da pendencia com hũa carabina nas mãos, e em quanto ella durou deu valerosamente calor aos que o acompanhavaõ: acabada ella, se recolheo a casa de hum Italiano em quan-

Anno.

1641

Fineza do Embaixador de França.

Encontro dos dous Embaixadores.

Sabe descomposto o Marquez de los Valles.

## 182 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

*Recolhe-se o Bispo victorioso.*

*Sabe de Roma o Marquez de los Valles.*

to as carroças se prevenião, e os mortos se retiravaõ. Voltou para o Palacio do Embaixador de França, donde, logo cegado o rumor, se retirou ao seu aposento. A carroça do Embaixador de Castella esteve dous dias feita pedaços no lugar da pendencia, sem haver quem a recolhesse, que tal era o desaccordo com que ficou o Marquez de los Valles, e a sua familia. Veio logo visitar o Bispo de Lamego da parte do Cardial Barbarino hum Gentil-homem seu, agradeceu o Bispo o cumprimento sem se queixar do successo. Os Cardiaes da facção de Castella, e todos os que seguiaõ aquelle partido, acodiraõ logo a casa do Marquez de los Valles: á do Bispo de Lamego vieraõ o Duque de Brechano, e muitos dos dependentes de França. O Cardial Antonio montou a cavallo, e seguiu a Cidade com varios corpos de guarda, que repartio pelas ruas. No dia seguinte a este successo determinou o Marquez de los Valles sair-se de Roma sem dar conta ao Pontifice: porém persuadiraõ-o os parciaes a que lhe fallasse, por não accrecentar o justo sentimento com que estava da sua demazia. Obrigado deste conselho pediu o Marquez audiencia, e usando nella de pretextos e parentes para se sair de Roma, o Papa o despedio com breves, e graves palavras. Passou-se o Marquez para a Cidade de Aquila, e este seu retiro gravou na opiniaõ de todos mais o seu excessõ, e fez de todo evidente a sua imprudencia. O Bispo de Lamego entendeo que deste accidente havia de resultar o bom successo da sua Embaixada, suppondo que não podia o Pontifice achar melhor satisfacção do insulto commettido pelo Marquez de los Valles em offensa da sua authoridade, e discredito da sua palavra, que recebello como Embaixador de Portugal. Sobre este bem fundado discursõ assentou as mais efficazes diligencias, applicou todas as negociações, multiplicou as maiores instancias: porém achando mais que nunca cerrados os ouvidos do Pontifice, negando-se a audiencia do Cardial Barbarino a Pantaleaõ Rodrigues, e havendo recebido ordem d'ElRey, que se passado hum anno de assistencia de Roma, que se contava em 20 de Outubro, a que estava proximo, não houvesse conseguido aceitar o Sum-



o Summo Pontifice a Embaixada, se voltasse a Portugal, se resolveo por ultimo delengano a fazer huma supplica a Sua Santidade, cujas razões eloquentes, e bem fundadas continhão todo o direito d'ElRey á successão da Coroa de Portugal, a posse pacifica em que estava não só do Reino, tenão de todas as Conquistas delle, a humildade, e promptidão com que mandára dar obediencia a Sua Santidade, que era pallado hum anno sem poder conseguir audiencia, por haverem prevalecido as cavilosas diligencias dos Castelhanos, tão poderosas, que obrigavão a Sua Santidade a negar a ElRey Dom João o que os Summos Pontifices seos gloriosos Predecessores havião concedido não só a todos os Principes Christãos legitimos possuidores das suas Coroas, como elle era, mas ainda aos intrusos, hereges, e infieis, que se quizerão sujeitar a esta obsequiosa cerimonia: e que ficando ElRey com as diligencias, que havia feito, livre de escrupulo dos dānos, que ao espirital do seu Reino forçosamente havião de resultar, esperava que estes corresse por conta, para a dar no Tribunal mais Supremo, dos que aconselhavão a Sua Santidade; e que além destas justificadas queixas, constando a ElRey a pouca segurança com que vivia naquella Corte, o mandava se voltasse a Portugal, não havendo conseguido audiencia até o fim do mez de Outubro, em que prefazia o termo de hum anno de assistência de Roma: porém que elle esperava, que S. Santidade usando da sua piedosa grandeza, quizesse conceder-lhe audiencia merecida de justiça, e remedio da afflicção, que padecia Portugal de presente, e dos males que se temião de futuro. Não foy de algum effeito esta ultima diligencia, respondendo o Cardial Biche ao Bispo de Lamego por ordem do Sumo Pontifice, que a Congregação dos Cardiaes havia determinado, que a Embaixada não fosse admittida, assim pelos accidentes de novo acontecidos, como porque tendo o Estado da Igreja guerra com o Duque de Parma, não podia pôr-se em risco de quebrar com os Castelhanos, guerra que teria mais formidavel ao Estado da Igreja, pelo grande poder, que ElRey Catholico tinha em Italia, e pela muita vizinhança, que havia de Na-

Anno

1641.

*Ultima supplica  
do Bispo de Lamego  
xador ao Papa.*

*Resposta ao Em-  
baixador es de-  
lengano.*

Anno

1641.

*Não admitte o Bispo audiencia como particular.*

*Parte de Roma, e chega a Portugal.*

*Diligências d'El-Rey para se recolherem os Fidalgos, que estavam nas Indias.*

poles a Roma. Desenganado o Bispo com esta ultima de terminação, se resolveo partir-se para Portugal. O Pontifice parecendo-lhe, que suavizava os aggravos referidos com permittir ao Embaixador audiencia como Bispo de Lamego, lha mandou offerecer: nesta fórma não quiz elle aceitalla, dizendo, que não era aquelle o fim para que o seu Principe lhe entregára a commissão, que trouxera. Partio-se tambem sem fazer cerimonia alguma com o Cardial Francisco Barbarino; porque como estava com tanta ração queixoso, julgou que não eraõ precisas todas as demonstraçoens, que fizessem mais publico o seu sentimento. Embarcou-se em Lione, e em poucos dias chegou a Lisboa, onde as suas acçoens, ainda que com máo successo, lograraõ o applauso que mereciaõ, por serem dispostas com grande valor, e prudência. Durou-lhe pouco tempo a vida, e as suas virtudes fizeraõ geralmente sentida a sua morte.

No mesmo tempo, que succederaõ os varios casos de que temos dado noticia, havia El-Rey solicitado todos os caminhos de segurar a defensiva deste Reino, e procurado juntamente trazer a elle todos os Portuguezes, que por varias partes andavaõ divididos em serviço d'El-Rey de Castella. Constando-lhe, que D. Rodrigo Lobo havia chegado com alguns navios a Cartagena de Indias, derrotado de hum temporal, havendo sahido de Lisboa dous annos antes por General de huma Armada, que passou ao Brasil, e padecido os infortunios, que experimentou o Conde da Torre, quando intentou restaurar Pernambuco, e que com D. Rodrigo vinha embarcado João Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello Melhor, e outros Fidalgos dignos de toda a estimação, se resolveo a fazer-lhes avizo, e quiz na brevidade anticipar-se ao que de Castella se havia de mandar aquella parte, podendo resultar desta diligencia passar-se D. Rodrigo a Portugal sem embaraço. Elegio para esta jornada a João Páes de Carvalho, habilitando-o assim o ter capacidade, como haver estado muito tempo em Cartagena. Partio de Lisboa em huma caravela em cinco de Janeiro com vento prospero: chegou brevemente ás Ilhas de Barú, cinco legoas de



PARTE I. LIVRO III. 185

de Cartagena, onde deixou a caravela, e passou a Cartagena em hum batel; levava algumas cartas, que El-Rey mandou lançar sobre huns sinais em branco, que se achárao d'El-Rey de Castella na Secretaria de Estado: levava outras assignadas pela Duqueza de Mantua, que firmou obrigada ou do receio, ou das instancias. A confusão daquelle tempo occasionou o desfazimento das cartas; porque suppondo-se, que era General da frota de Indias D. Jeronimo de Sandóval, que o havia sido, se lançárao as cartas em seu nome, e se puzerao para elle os sobrecritos das que lhe tocavao. Outras que hiaõ para D. Rodrigo Lobo continhaõ ordem, para que viesse comboiando a frota, e que na altura das Ilhas acharia vinte fragatas de Dunquerque, que se haviaõ de incorporar com elle, para segurar a frota da Armada de França, que a esperava. As cartas escritas a Dom Jeronimo eraõ ordens apertadas, para que não embaraçasse o que se ordenava a D. Rodrigo Lobo. Tanto que João Paes chegou a Cartagena falou com Dom Rodrigo, e deo-lhe a carta occulta, que levava d'El-Rey, que continha a persuasão de se passar a Portugal, solicitando na jornada os maiores interesses, que lhe fossem possiveis: porém faltando a prudencia necessaria em negocio taõ importante, e achando João Paes por General da frota a Francisco Dias Pimenta, que havia succedido a D. Jeronimo de Sandóval, pudera occulto dar a carta que levava d'El-Rey a D. Rodrigo, e voltar-se com as outras na caravela sem damno, nem perigo do segredo; mas o seu pouco recato fez patente a Francisco Dias Pimenta a sua chegada. Tanto que o soube o buscou, e solicitando as cartas, que elle lhe deo sem resistencia, examinando nos erros dellas a cavillação das ordens, prendeo João Paes, e pondo-o a tormento a poucos tratos confessou a diligencia a que vinha, e a mesma declaração fez logo D. Rodrigo Lobo, porque vendo descoberto o tratado, quiz evitar prudentemente fazer-se suspeito; constando-lhe tambem, que assim como chegára a caravela ás Ilhas fora conhecida por embarcação de Portugal; erro que pudéra evitar se, mandando-se outra menos suspeitosa, que logo de Cartahena haviaõ

Anno  
1641.

*Prizaõ de João  
Paes de Carva-  
lho.*

*Descobre-se o  
intento.*

## 186 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

vião hido varias pessoas examinar a diligencia a que vinha, o que custou pouco trabalho, porque os remeiros, que leváram a João Paes no batel, tinhaõ referido aos Portuguezes, que encontráram, todo o successo da acclamação. Francisco Dias tanto que teve descoberto toda esta máquina, mandou buscar a caravella por alguns barcos, e a este rumor os que estavaõ nella, prevenidos para qualquer accidente, leváram ancora, e déram á vela para Portugal, sem offensa de algũas cargas, que dos barcos lhes tiráram: chegáram a Lisboa, e ficou ElRey com grande sentimento, sabendo delles o máo successo da sua jornada. João Paes foy sentenceado á morte, de que se livrou por quinhentas patacas, embargos que o puzeram na rua sem mais exame do seu delicto. As noticias da acclamação d'ElRey alteráram os animos de quaõ todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, mostrando Deos em todas as partes do Mundo, que com o remedio da Simpatia, duvidoso em outras feridas, determinava curar aquellas, que os Castelhanos haviaõ feito nos animos dos Portuguezes sessenta annos, que os domináram. Produzio o avizo de João Paes o maior effeito no generoso coração do Conde de Castello-Melhor, e parecendo-lhe pequena empreza a de passar só a sua pessoa a Portugal, intentou outra taõ bem fabricada, que merecia melhor fortuna: porém as grandes emprezas compoem-se de muitos instrumentos, não se ajustando nunca segredo communicado a muitas pessoas, e sendo o segredo a alma dos negocios, destroem-se, se se revela, e conserva-se poucas vezes, por não fazerem todos os instrumentos os movimentos iguaes.

*Empreza heroica do Conde de Castello-Melhor*

No tempo em que o Conde de Castello-Melhor andava forjando as maiores idéas, lhe offereceo a fortuna a occasião que desejava. Partio Francisco Dias Pimentta para Porto Bello com dez navios, a buscar a prata que naquelle anno havia de passar na frota a Hespânia: ficaram furtos no porto de Cartagena quatro galeões grandes, que eram as Capitánias, e Almirantes de Portugal, e Castello; e o presidio que ficou em Cartagena constava a maior parte de Infantaria Portugueza: estas disposições fo-



forão materia ao fogo em que ardia o Corde de Castello. Melhor por accrecentar a sua cpinião, tão semelhante ao mesmo fogo, que se apaga, se se não fomenta. Formou o Conde consigo as idéas seguintes, e ajustou-as com o seu discurso, muito capaz Conselheiro de negocio de tanto pezo, primeiro que se resolvesse a communicallas a outra pessoa. Discursou que os quatro navios, que ficaram todos, estavam sem guarnição, que introduzir-lha dos Portuguezes, que se achavam em Cartagena, era muito facil, e pouco difficil persuadillos com as instancias dos Capitaens, que julgava dispostos á sua ordem, para emprenderem huma acção de tanta gloria, e utilidade. Disponha mais, que os mantimentos, e munições necessarias para o provimento dos navios, poderia facilmente tirar dos muitos, que estavam recolhidos no arrabalde da Cidade chamado Gessamaní: porque depois de ganhados os Officiaes, e Soldados Infantes julgava, que seria facil interprender o arrabalde, e favorecendo a fortuna o intento, ganhar a Cidade, e que quando se mostrasse difficil esta ultima empreza, lhe bastava para o que intentava as munições, e mantimentos, que havia de tirar do arrabalde; e porque o Forte de São Philippe, que dominava a Cidade, e defendia a barra, podia ser embaraço á empreza, e offensa aos navios, determinava valerosamente o Conde de o ganhar na mesma hora, que tivesse disposto o assalto do arrabalde, e para conseguir a empreza, disponha introduzir-se na Fortaleza na forma, que muitas vezes costumava ir a ella, que era com seus camaradas, e criados a conversar naquella fítio as horas desoccupadas. Era este numero de gente superior á pequena guarnição da Fortaleza; e esta constava quasi toda de soldados Portuguezes, e por este respeito tinha o Conde por infallivel conseguir o effeito, que desejava; e levantando-se mais o rementado vôo de seu espirito, suppunha empreza facil, unidos os fios de todo este tear, achando-se com os quatro navios bem guarnecidos superior ao poder, que Francisco Dias Pimentia trazia na volta de Porto Bello para Cartagena, investillo; e ganhados os navios carregados de prata entrar com

triunfo

Anno  
1641.

## 188 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Comunica o in-  
tento a D. Ro-  
drigo Lobo, que  
o approva.*

*Encarrega a Pe-  
dro Jaques as  
diligencias.*

*Descobre o tra-  
ço Antonio de  
Azevedo.*

triunfo, e com despojo em Lisboa de tanta importancia, e tão valerosamente conseguido, que toda a prata, que os galeões trouxessem, seria pouca para lhe fabricarem estatuas. Formado este discurso, passou logo o Conde á execucao, e a primeira pessoa a quem communicou o seu intento foy a D. Rodrigo Lobo, o qual achou valerosamente disposto a tentar a empreza, e a procurar todos os caminhos de conseguilla. Depois de examinarem as difficuldades, se ajustárao na disposicao seguinte. Estavao alojados na Cidade os Capitães Antonio de Azevedo, Antonio Rebello Falcao, e Antonio Raposo, sem os quaes se não podia conseguir o intento proposto. Suppoz o Conde, que tres Antonios era felice vaticinio, e não podiaõ faltar á fé Portugueza; encomendou ao Capitão Pedro Jaques de Magalhaens, em cujo valor, e destreza punha arrazoadamente a maior confiança, que persuadissem a Antonio de Azevedo obrigado ao Conde assim na melhora de posto, como no remedio das faltas de cabedal; porque na persuasão deste julgava, que consistia a dos dous camaradas, conhecidamente governados pela sua direcção. Fez Pedro Jaques com tanta efficacia a diligencia, que trouxe Antonio de Azevedo diante do Conde, depois de o instruir em tudo o que estava disposto: porém Antonio de Azevedo respondeo ao Conde tão fria mente, e com tanta turbação, que Pedro Jaques foy de parecer que o matassem logo; o que o Conde não consentio, assim pela sua grande christandade, como por se fiar em que elle prometteo de persuadir os dous Capitaens aos camaradas, que logo disse hia pôr por obra: porém ou instruidos por elle, ou introduzindo-lhe a grandeza da acção o medo, (tão perigoso hospede nos corações dos homens, que quebra as leys da hospitalidade com todas as virtudes que acha nelles) de tal modo ficou exercitando este dominio em todos os tres Capitaens, que se resolveo Antonio de Azevedo, concordando com os dous, não só a se desviar da empreza, mas a entregar nas mãos de seus inimigos os amigos, e naturaes, a que era por tantas razoes obrigado.

Ao amanhecer de 29 de Agosto foy buscar ao Sargento Mór D. Antonio Maldonado Texada, que governava



vernava a Cidade, e a D. Francisco Cartejon; que servia de Almirante da Armada, aos quaes descobrio tudo quanto Pedro Jaques lhe havia fiado. Os Castelhanos nem mais outra averiguação determinárao prender ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques, e a seus camaradas; e para o executar sem perigo da guarnição Portugueza, fingiraõ que chegára avizo de que appareciaõ oitenta navios Hollandêzes, e por este suppolto temor mandárao tomar as armas á guarnição Castelhana, e aos moradores, e ordenaraõ aos Portuguezes, que não sahisse de seus quartéis sem segunda ordem. Seguros deste receio prendêraõ ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques de Magalhaens, Jorge Furtado de Mendoça, D. Luiz de Abranches, Antonio de Mello, camaradas do Conde, e aos seus criados. Prendêraõ tambem a Pedro Gonçalves Rotêa, Capitão de Mar, e Guerra da Capitania de Castella. Sem formar processo, nem interpor dilação, chamáraõ a perguntas a Pedro Jaques, diante dos Juizes, que elegêraõ para o exame do delicto, estando presente Antonio de Azevedo: o qual dizendo primeiro, que era Christão, e que se não poderia crer, que levantasse testemunhos, referio, que Pedro Jaques havia hido duas noites a sua casa, a primeira a lhe propor quanto elle havia declarado, a segunda a saber se estavaõ seus camaradas persuadidos. Depois de acabar toda a confissão, que indignamente fez, lhe respondeo Pedro Jaques, sem se perturbar, huma tão generosa mentira, que com o valor, e juizo superiores ao perigo, acreditou o defeito de haver encontrado a verdade. Disse, que Antonio de Azevedo mentia em quanto havia relatado, e que maior culpa, que a elle, punha aos Juizes, pois davaõ credito a hum homem tão vil, que sempre costumára encaminhar as suas acções pelos delirios do vinho, e que se respondesse em forma ao que lhe perguntasse, estava certo, que a verdade o poria a elle livre, e faria a Antonio de Azevedo delinquente; e continuou dizendo a Antonio de Azevedo: Não podeis negar com verdade, que eu fuy a vossa casa dizer-vos, que não pertendesseis hũa dama, que eu soliciitava, e vós conheceis, porque era empenho meu: promettestes

Anno

1641.

*Prizaõ do Conde, e outros Fidalgos.*

*Resposta generosa de Pedro Jaques.*

Anno  
1641.

*Tractos rigoro-  
sos de Pedro  
Jaques.*

*Passa a Lisboa,  
faz-lhe ElRey  
merce.*

mettestes de executar o que vos advertia, fez-vos descul-  
dar a continuação do vinho da palavra, que me tinheis da-  
do: torney segunda noite a tratar-vos como merecieis, e  
a desafiar-vos, fizestes zombaria do discredito, não que-  
rendo sahir ao campo; e fazendo-vos pezo terdes perdido  
a opiniaõ, quizestes restaurar huma infamia com outra  
infamia, intentando com os vossos testemunhos, que as  
mãos da justiça vingassem em mim o que não poderaõ as  
vossas mãos. Ficou attonito Antonio de Azevedo, e não  
soube responder huma só palavra, e confundiraõ-se de fór-  
te os Juizes, e os que ouviraõ não só as razoes de Pedro  
Jaques, senão a constancia, e resoluçaõ com que as pro-  
ferio, que mandáraõ recolhelo á prizaõ, e tomáraõ por  
expediente pôr a tormento Antonio Rodrigues, seu cria-  
do, e a Jacintho Lobo, que o era do Conde de Castello-  
Melhor. Faltou nestes o valor para sustentar o segredo á  
vista do tormento, confessáraõ tudo o que sabião, que  
bastou para aggravar a culpa dos que estavaõ presos, e ti-  
veraõ os Juizes estes indicios por bastantes para dar tratos  
a Pedro Jaques; os quaes foraõ de qualidade, que parece  
que sustentar a vida foy divida particular ao favor Divi-  
no, que assistio ao seu valor; porque constantemente não  
pronunciou mais palavras, que aquellas que foraõ ne-  
cessarias para a defensa do Conde, ganhando na constan-  
cia, com que padeceo o tormento, immortal credito na  
memoria dos homens. Depois de curado o sentençaáraõ  
em dez annos de degredo fóra de Cartagena, e seu distri-  
cto. Tanto que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadis;  
de Cadis a Lisboa: fez-lhe ElRey mercê de huma Cõ-  
menda, e fez depois nos grandes postos, que occupou,  
acçoens tão finaladas, como largamente referiremos nes-  
ta historia.

Poucos dias depois da prizaõ do Conde, chegou  
de Porto Bello Francisco Dias Pimenta, e querendo mos-  
trar no rigor a pouca attençaõ, que tinha ao sangue Por-  
tuguez, de que se alimentava, mandou occultamente tra-  
zer o Conde de Castello Melhor ao Castello de S. Filippe,  
e não achando na sua confissãõ mais que repetidas quei-  
xas do injusto procedimento, que com elle se uzava, o  
remet-



# PARTE I. LIVRO III.

191

emetteo ao Auditor da Armada D. Francisco Regi com  
ous Ouvidores por adjuntos, sem attender a que não ti-  
ha jurisdicção para sentencear hum Título de Portugal sem  
differença nas preeminencias aos Grandes de Castella, cu-  
as culpas reservárao os Reys para Tribunal mais supre-  
no. Formárao o processo os Juizes nomeados, e senten-  
earáo o Conde á morte, condemnando-o primeiro a le-  
var trátos, esperando que a confissão do Conde nos tra-  
os fizesse mais justificada a sua sentença, ou descobrisse  
algumas pessoas, a que elle tivesse communicado aquella  
resolução. Antes que a sentença se publicasse ordenou  
Francisco Dias Pimenta, que se embarcassem na Armada  
todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, recean-  
do que a vista do espectáculo os obrigasse a depôr a obe-  
diencia. Depois de embarcados, leu hum Escrivão a sen-  
tença ao Conde, de que appellou, mostrando a nullida-  
de nas prerogativas do Título: não lhe valêrao os embar-  
gos, e a onze de Outubro, juntos todos os Juizes, a que  
assistia D. Francisco Cartajon, acerrimo inimigo dos Por-  
tuguezes, presente o Conde, lhe disse o Auditor, que  
estava na sua mão livrar se dos tratos, descobrindo os cum-  
plices, por não padecer a morte mais penosa, a que sem  
appellação o tinhao condemnado. Respondeo o Conde  
constantemente, que a jurisdicção que elles tomavao não  
passava dos limites do Corpo á liberdade da Alma: que  
quanto mais infallivel era durar-lhe pouco a vida, tanto  
mais efficaçmente devia tratar da immortalidade, não  
condemnando a quem o não merecia. Na resolução da res-  
posta do Conde entendêrao os Juizes, que era infructuo-  
sa a efficacia das palavras, e remettêrao ás obras o desafo-  
go da paixão com que procediao: fizêrao despir o Conde,  
e apurando nelle o mais intimo do rigor, lhe deráo sete  
tratos, ministros que obrigavao a execução com outros  
tormentos: padeceo-os sem pronunciar outra palavra  
mais que as que julgou necessarias para implorar o soccor-  
ro Divino. Vendo os Juizes, que superava a constancia  
do Conde os repetidos golpes dos cordeis, mandárao af-  
foxallos, e recolhendo-o á prizaõ, o entregárao a Cirur-  
giãos com tão pouca noticia daquella arte, que foreo

Anno

1641.

*Sentencea-se o  
Conde à morte,  
dando-se-lhe  
primeiro tor-  
mento.*

LCVOS

Anno

1641.

*Ação valerosa de D. Rodrigo Lobo, e volta a Portugal.*

*Fim miseravel de Antonio de Azevedo.*

novos verdugos, aggravando-lhe as feridas com os remedios. D. Rodrigo Lobo impaciente com a noticia do que o Conde padecia, buscou Francisco Dias Pimenta, e perguntando-lhe com as razoes, que costuma a desconcertar a paixão, quem lhe dera poder para proceder contra hum Titulo de Portugal, Francisco Dias lhe respondeo, que a resolução com que fallava o fazia suspeito: com a mão na espada quiz D. Rodrigo justificar a sua fidelidade; prendeo-o Francisco Dias, trouxe-o na frota a Madrid, onde foy solto; passou-se a Portugal, e durou-lhe pouco tempo a vida. Os Castelhanos publicaraõ, que o Conde confessára o delicto no tormento, a fim de obrigarem com esta invenção a que alguns Portuguezes se apresentassem, para ficarem por este caminho descobertos os cúmplices: foy a traça infructuosa; e deixando o Conde na prizaõ, se partio Francisco Dias Pimenta para Hespanha, livre do cuidado, que lhe davaõ os muitos Portuguezes, que levava na frota. Chegando a Cartagena, antes de se partir a Infantaria Castelhana, que sahio da Bahia depois de acclamado ElRey, como fica referido, com a qual reforçou a guarnição dos navios de guerra, repartindo os Portuguezes por todos os da frota, levou Francisco Dias no seu galeão a Jorge Furtado de Mendoça, a quem permittiraõ, que passasse a Madrid com a apellação do Conde, que lhe aceitáraõ os Juizes, reconhecendo o pouco poder, que tinhaõ para o sentencear á morte. Fez Jorge Furtado em Madrid toda a diligencia, que lhe foy possível, pela liberdade do Conde: passou-se, depois d'elle a conseguir, a Inglaterra, e de Londres a Portugal. Os mais camaradas do Conde, e os seus criados foraõ tambem soltos. Antonio de Azevedo mal satisfeito passou a Hespanha, onde sem recompensa alguma acabou a vida vil, e pobremente; sendo até aos que recebem beneficios desta qualidade peizados, e abominaveis os infames authores delles. O Conde mal saõ das feridas se arrojou a novo intento: quiz levantar-se com o Castello onde estava preso; teve ganhados alguns soldados por intelligencia do Padre Frey Ambrosio do Espirito Santo da Ordem de S. Bento, seu Confessor, que havia trazi-

do



PARTE I. LIVRO III, 193

do da Bahia. Determinava ganhar o Castello ajudado de alguns Soldados, que havia grangeado, e conseguir navio para se passar a Portugal: mas como o intento era grande, e os meios pouco proporcionados, se desvanecceo, e ficou o Conde só alimentado da esperanza de hum avizo, que havia feito a ElRey por dous Alferes, hum chamado Antonio de Abreu, outro Domingos da Silva, os quaes passaraõ a Cádiz occultos na frota, e de Cádiz sem perigo a Lisboa: deraõ noticia a ElRey de tudo o que o Conde padecera, e soffria por seu serviço.

Achou-se ElRey obrigado á satisfação de tantas finezas, e persuadido juntamente da politica de obrigar com a boa correspondencia a maiores emprezas os valerosos animos de seus Vassallos; mandou logo apprestar hum navio, dando calor á brevidade o animo varonil da Condeça de Castello Melhor, hoje Marqueza do mesmoTitulo, que em muitas acçoens grandes tem mostrado, que andaõ nella iguaes o valor, e a prudencia. Dentro de poucos dias deo a vèla com os dous Alferes, que levavaõ ordem de procurar por todos os caminhos a liberdade do Conde, e largas promessas, se a conseguissem. Em quarenta dias lançaõ ferro na ponta da Conoa, onze leguas de Cartagena: saltou em terra Antonio de Abreu, caminhou para a Cidade, e occulto buscou a casa de Fr. Ambrosio sem ser visto de outra pessoa; falou com elle, e lhe communicou o intento que levava. Fr. Ambrosio não querendo dilatar o alivio á afflicção, que o Conde padecia, tendo-lhe prohibido o poder falar-lhe, lhe mandou dizer por hum criado, que unicamente o servia, que lhe desse alviçaras. Esta noticia sem outra distincção deixou o Conde alentado, e confuso. Não lhe durou muitos dias o embaraço, porque Fr. Ambrosio soube conseguir o communicar-se com elle: Era Governador da Cidade D. Ortuño de Aldape Biscainho, grande inimigo de Portuguezes: havia tirado ao Conde, com as noticias de que queria fugir, não só os criados, mas o Confessor. Fr. Ambrosio reconhecendo a miteria do Biscainho, a que era conhecidamente sujeito, lhe armou com o receio do gasto, e o obrigou a cahir no laço facilmente. Sustentava-se o

Anno

1641.

Manda ElRey  
hũ navio para  
livrar o Conde.

# 194 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Dã Frey Am-  
broso ao Conde  
esta noticia,

Effeitos da libe-  
ralidade, e da  
miseria.

Conde das esmolas, que Fr. Ambrosio lhe grangeava. Pu-  
blicou Fr. Ambrosio, que se partia para Caracas, pois lhe  
naõ permittiaõ, que confessasse o Conde dizendo, que  
era impiedade de que até os Infiéis se abstrahiaõ. Soube o  
Governador a sua resolução, e vendo que ausente Frey  
Ambrosio havia de correr forçosamente o sustento do Con-  
de por sua conta, achou mais facil a permissaõ, que o dis-  
pendio, e concedeo licença a Fr. Ambrosio para entrar a  
falar ao Conde todas as vezes, que lhe parecesse, naõ  
querendo arriscallo a segunda tentação de ausentar-se.  
Tanto que Frey Ambrosio teve esta permissaõ entrou no  
Castello, e communicou ao Conde a vinda, e o intento  
dos dous Alferes. Conferiraõ o modo com que se podia  
conseguir romperem os muitos laços daquella prizaõ, e  
vieraõ a ajustar, que naõ podiaõ lograr este intento sem  
persuadir a tres Soldados, hum Castelhana chamado An-  
tonio Ruiz natural de Sevilha, e dous Portuguezes, hum  
cujo nome era Antonio Ferreira natural de Santarém, ou-  
tro Barnabé Caldeira de Villa-Viçosa. Falou-lhes Frey  
Ambrosio, e todos prometteraõ segredo, e execuçaõ,  
obrigados da liberalidade com que o Conde antecedente-  
mente os havia tratado, e desta sorte vieraõ a ser autho-  
res desta acçaõ os dous maiores oppostos, a liberalidade,  
e a miseria; porque se o Governador naõ fora miseravel,  
naõ entrara Frey Ambrosio a fallar ao Conde, e se o Con-  
de naõ fora liberal, naõ achara hum Castelhana, e dous  
Portuguezes, que arriscassem a vida pela sua liberdade. E  
desta proposição se pôde facilmente tirar a consequencia  
de que he tal a virtude da liberalidade, que he melhor  
ser prisioneiro liberal, que Governador miseravel. Pare-  
ce que dispunha Deos a fugida do Conde por meios ex-  
traordinarios. Informado Antonio de Abreu de Frey Am-  
broso de tudo o que havia conseguido, e dispondo am-  
bos a traça para se executar a liberdade do Conde, sahio  
Antonio de Abreu da Cidade por huma parte occulta, e  
passou em huma canõa ás Ilhas de Barú, onde havia con-  
certado com Domingos da Silva, que o esperasse no na-  
vio. Chegou ás Ilhas, e achou o navio rendido a huma  
fragata Hollandeza, que andando a corso o encontrou a  
caso.



PARTE I. LIVRO III. 195

caso. Domingos da Silva na desesperação de ver baldada tanta diligencia, havia communicado ao pirata o negocio a que ElRey o mandava: mas tem embargo de justificar com os passaportes a sua verdade, prevalecera com o pirata a ambição da preza, se não fora mais pederosa a fortuna do Conde, que dando-lhe nette successo por deidade tutelar a liberalidade; tanto que chegou Antonio de Abreu, concordando a sua noticia com a de Domingos da Silva, se obrigou generosamente o pirata a trocar os interesses pela gloria da empreza. Prometteo a Antonio de Abreu de lhe assistir até o ultimo alento, e executou-o com tanta verdade, que foy a sua galharda resolução o mais util instrumento desta máquina. Conferindo com elle, e com Domingos da Silva Antonio de Abreu tudo o que deixava disposto, voltou a terra, e occultando-se na espessura de hum mato vizinho á Cidade, onde esteve alguns dias, entrou de noute a falar a Frey Ambrosio, e deixou-lhe escrita huma carta para o Conde, na qual lhe dava conta de tudo o que havia passado, e o persuadia á brevidade da execução. Esta carta, por não imaginado accidente, pudera ser a destruição de todo o intento; porque Fr. Ambrosio pouco advertido, retirando-se Antonio de Abreu para o mato, chegando-lhe hũa carta do Conde para huma Senhora daquella Cidade a quem devia grandes assistencias na sua prizaõ, trocou por desacerto as cartas, e mandando ao Conde a mesma, que havia escrito, remetteo a de Antonio de Abreu, que hia para o Conde, a esta Senhora, com quem elle se correspondia. Abrio-a ella, e achando na carta todo o segredo da empreza, se resolveo generosamente a occultallo. Escreveo ao Conde, culpando a pouca attenção de Frey Ambrosio, remetteo-lhe a carta de Antonio de Abreu, e segurou-lhe o segredo, o qual guardou inviolavelmente. Merecia esta generosa acção não deixarmos em silencio o nome desta Senhora: porém como ainda vive, não he razaõ que descobrindo o que executou, possa ella perigar pelo mesmo caminho, que soube grangear os maiores louvores. Passado este sobresalto, veio Frey Ambrosio, e Antonio de Abreu a ajustar por ordem do Conde o tempo

Anno

1641.

*Toma hũa fragata Hollandesa a o navio.*

*Resolve o Capitão assistir á empreza.*

*Descuido de Fr. Ambrosio.*

*Fidelidade generosa de huma Senhora Castelhana.*

## 196 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Fugida admiral do Conde*

mais adequado de conseguir o que intentava. Chegou a occasião, e foy o dia em que os tres Soldados referidos entrárao de guarda á pessoa do Conde: e sem embargo de que havia feito algum rumor na Cidade chegarem os navios a Boca Chica, hum das tres barras della, teve a liberdade do Conde felice execucao em 16 de Junho. Sahio Fr. Ambrosio de Cartagena com hum criado do Conde, e nove Portuguezes reduzidos a ter parte na empreza: embarcarao-se todos em hum lancha, na qual os esperava Domingos da Silva, e amparados com o escuro da noite aguardárao hum final, que os do Castello haviaõ promettido fazer. Tocou a hora de entrar de sentinella ao Conde a Barnabé Caldeira, e andar de ronda a Antonio Rodrigues: sahio o Conde com elles, sem ser sentido dos Soldados, que dormiaõ á porta da prizaõ, por entre os quaes passaraõ, e buscando o posto em que estava de sentinella Antonio Ferreira, fizeraõ com o fogo de hum muralhaõ aos que estavaõ na lancha o final concertado: reconhecerendo-o, saltaraõ brevemente em terra, e se chegarao ao pé da muralha. Sem interpor dilacao, perigosa em tanto aperto, atáraõ os do Castello hum corda ao reparo de hum peça de artilharia, e lançando-se primeiro por ella dous criados do Conde, para examinar a sua seguranca, achando-a firme, baixou o Conde com grande trabalho, por lhe ficar dos tratos aleijada a maõ esquerda: fizeraõ a mesma diligencia os tres Soldados, e unidos os que desceraõ aos que esperavaõ, se embarcáraõ na lancha, e brevemente se introduziraõ em o navio Hollandez, que o Conde elegeo para a viagem, havendo-se unido a este outro da mesma conserva.

Vinha rompendo a manhã, e ao mudar das sentinellas sentiraõ os do Castello a falta do Conde: dispararaõ hum peça, para que da Cidade se fizesse mais prompta diligencia: acodio o Governador ao rebato, e para que tivesse maior motivo de pena, foy a tempo, que vio passar por junto da Cidade os tres navios, largas as velas, tremulando as flammulas, e soltos os galhardetes, as Armas de Portugal arvoradas, as de Castella (prevencao dos Piratas Hollandezes) arrastando, a artilharia, e

moques.



molquetes alterando-se com repetidas cargas, ouvindo-se na pausa dellas as alegres vozes dos que partindo solemnizavaõ a felicidade que conseguiaõ. Seguirãõ os navios a viagem deixando a terra, e a poucas sangraduras experimentarãõ o tempo contrario, que facilmente muda de condiçaõ, coroando-se da inconstancia. Creceo de fôrte a tormenta, que aberto o navio Portuguez se foy apique. Entre a compaixaõ do naufragio rendeo o Conde a Deos as graças da sua felicidade; porque foy necessario que o navio Hollandez em que elle se embarcou viesse aquelles mares com fim taõ diverso, e que aquelle Pirata se resolvesse sem conveniencia alguma a ajudallo, para naõ ser o mar, que buscava por remedio, sepulcro da vida que livrãta da contingencia em que estava na prizaõ: porque, ainda que he certo que quem trouxe os Hollandezes pudera suspender a tormenta ou sustentar o navio, mostra Deos os effeitos, e naõ permi tte á ignorancia dos homens reconhecer as causas. Passada a tormenta, seguindo a viagem encontrãrãõ huma fragata Castelhana, que caminhava com varias mercadorias na volta de Cartagena: renderãõ-a, e dividindo os Castelhanos pelos dous navios, a guarnecerãõ com marinheiros Hollandezes. Alegres da preza caminhãrãõ dous dias, entrou-lhe segundo temporal taõ riço que meteo apique a fragata Castelhana. Naõ sey se fora facil aos mais scientes Mathematicos reconhecer para a prevençaõ do perigo este concerto das estrellas? De maneira que os Hollandezes que cantavaõ a gloria de vencedores, foraõ os de que na tormenta triunfou a morte, e os Castelhanos que choravaõ a desgraça de se verem prisioneiros, achãrãõ nella a conservaçaõ das vidas. Razaõ era que estes exemplos desenganassem aos que temerariamente quereõ antever os futuros. O navio em que hia o Conde, teve evidente perigo, roto o leme, e quebrado o masto grande: no maior conflicto entrou no porto das Palmas, havendo perdido de vista o outro navio. Concertou-se este o melhor que lhe foy possivel, e largando os Castelhanos, passãrãõ a Tortuga, habitaçaõ de Francezes, onde foraõ hospedados com toda a urbanidade; e reparando o navio

Anno  
1641.

*Perde-se o navio Portuguez.*

*Rendem humã  
Fragata Castelhana.*

*Ponderaçãõ sobre as variedades destes successos.*



Anno

1641.

*Entra o Conde  
em Lisboa, he  
recebido d'El-  
Rey com gran-  
des honras, e  
merces.*

*Premio que se  
deu ao Capitão  
Hollandez.*

*Sucessos do Se-  
nhor Infante  
Dom Duarte.*

fizeraõ viagem, e sem mais contradicção entráaõ em Lisboa. Desembarcou o Conde; foy recebido d'ElRey com todas as demonstraçoens, e satisfação que requeria o seu mericimento: disse-lhe que se apurára como o ouro na fornalha, (comparação da Escritura) e outras palavras em que os Principes tem o maior thesouro, se sabem, e querem uzar dellas. Fez ElRey mercê ao Conde do Titulo em duas vidas mais, e nas mesmas os bens da Co- roa, e Ordens, e de hum Commenda de mil cruzados: nomeou-o do seu Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, onde ad- quirio com acçoens novas maior mericimento. A Fr. Ambrosio deo oitenta mil reis de pensão em hum Bispa- do, aos mais satisfez com tenças, habitos, e postos. Ao Capitão Hollandez premiou com seis mil cruzados, huma cadêa de ouro, e hum medalha com o seu Retrato. O Conde lhe deo dous mil cruzados, com que foy satisfei- to, e todos como merecéraõ ficáraõ premiados.

Antes que entremos nas primeiras acçoens da guerra, donde a historia tomará fio, para fahir o menos que for possível da ordem dos annos, determino de me des- embarçar na fórma proposta de todos os casos grandes que dependéraõ da Acclamação, ainda que o effeito se dilataste: porque como não tecem a historia truncados, pu- déra ficar confusa, se os dividisse, e qualquer delles tem tanto que ponderar, que merecia particular volume; prin- cipalmente este que agora dará exercicio á penna; pois veremos lastimolamente hum Principe vendido, e hum Imperador comprado, sendo o Principe innocente, e o Im- perador ambicioso; ministrando estes desconcertos por ordem de hum Rey esquecido do titulo de Catholico, ho- mens que depuzeraõ as obrigaçoens do sangue, e os em- penhos da Patria, escurecendo acçoens muito gloriosas, com as quaes haviaõ resplandecido no mundo. Succedeo o caso da sorte seguinte: O Serenissimo Infante D. Duarte irmaõ d'ElRey D. João passou a Alemanha a servir o Im- perador Fernando III. tanto que teve idade para esmaltar com o nobre exercicio das armas o esclarecido sangue her- dado dos Reys seus gloriosos Avós. Quando ElRey foy ac- clamado



clamado, exercitava o posto de Sargento General de Batalha, com acçoens tão finaladas, que unidas á affabilidade do trato, e a outras excellentes virtudes, conseguia a estimação do Imperador, e era emprego dos olhos, e do affecto de todo o Exercito. Havia-se achado nas occasiões de maior importancia do Imperio, quando as Armas de Suecia o tiverão mais opprimido, assistindo familiarmente ao Conde Mathias Galaço nomeado pelo Imperador por Tenente General de seu filho primogenito Fernando Rey de Bohemia, e ajudando-o a lançar os Suecos do Imperio, os quaes governados pelo Duque de Uveyrmar depois da morte d'ElRey de Suecia tinham occupado a maior parte d'elle, sendo desta recuperação o Conde Galaço o Author mais digno, e o Infante o Executor mais valeroso das suas ordens. Estes successos merecedores de immortal memoria escreveu o Infante em huma relação de estylo tão levantado, de linguagem tão excellente, de termos militares tão proprios, e de juizos, e conceitos tão superiores, que não só pode competir, mas exceder a tudo quanto tem escrito as pennas melhor apparadas. Conserva-se este papel da propria letra do Infante na livraria de Luiz de Sousa filho II. do Conde de Miranda, Capelaõ mór do Principe D. Pedro, e Arcebispo de Lisboa, que com muito louvavel curiosidade peregrinou depois de sair de Roma, só por escolher em toda Europa os melhores livros, conseguindo juntar a maior livraria deste Reino. Acabada a Campanha do anno de 1640 no mez de Dezembro, aquartelando-se o Exercito, ficou o Infante alojado na Suevia, tres leguas de Ulma. Chegou aos Ministros de Castella primeiro o avizo da Acclamação, que ao Infante. Publicou-se em Lisboa que Francisco de Lucena havia sido origem deste desacerto por antigas dissensões mal affecto ao Infante: porém o descuido d'ElRey padecio no juizo dos homens a maior condemnação, julgando que materias desta qualidade não se deviaõ fiar de outra diligencia, sendo preciso avizar a seu irmão pela pessoa mais confidente. a tempo que elle se pudesse sair do Imperio sem perigo dos Ministros de Castella, que era certo haverem de romper na sua pessoa

Anno

1641.

## 200 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Diligencias de  
D. Francisco de  
Mello sobre a  
prizaõ do se-  
nhor Infante.*

*Proposta ao im-  
perador, e sua  
resposta.*

todos os impulsos da ira de verem separado o Reino de Portugal daquela Monarquia: porém a fatalidade que conduzio á morte este innocente Principe dispoz, que se desconcertassem todos os instrumentos da sua liberdade. Assistia na Corte do Imperador por Plenipotenciario d'El-Rey Catholico Dom Francisco de Mello, a quem honrou a natureza com o Real sangue da Casa de Bragança, mas variando nelle o effeito de correr pelas véas, foy o motivo mais principal da ruina do Infante, esquecido dos beneficios que devia á Casa de Bragança, ou trocando-os pelas dependencias do Conde de Olivares. Chegou-lhe de Madrid a nova dos successos de Portugal, e ordem para procurar por todas as vias a prizaõ do Infante; entendendo-se em Madrid justamente, que em se lograr este intento se tirava a Portugal a melhor defenſa, por concorrerem no Infante todas as virtudes de hum Principe politico, e de hum Capitaõ experimentado. Tratou D. Francisco de dar á execuçaõ a ordem de Castella, e não perdoou para este effeito a negociaçaõ alguma: communicou o que intentava a alguns Hespanhoes, os quaes achou de opiniaõ contraria, parecendo-lhes impossivel, que o Imperador se persuadisse a cooperar em hum tratado dobre: porém como tanta faltaõ sequezes á maldade, achou Dom Francisco dispostos para este fim o Padre Fr. Diogo Quiroga Confessor do Imperador, e o Doutor Navarro Secretario da Imperatriz. Com a diligencia destes dous Ministros se começou a fomentar a negociaçaõ, e julgando Dom Francisco qualquer dilacão perigosa, pediu audiencia ao Imperador, e propoz-lhe com grande efficacia a noticia, que havia tido de Madrid da alteracão de Portugal, e quanto convinha aos interesses da Casa de Austria a prizaõ do Infante, porque faltando na sua pessoa aos Portuguezes Capitaõ, e á Coroa mais hum Successor, vendo divertida a maior circumſtancia da sua rebelliaõ, feriaõ faceis de reduzir á obediencia d'El-Rey Catholico, podendo resultar do contrario maior contumacia na guerra mais perigosa, e de mais relevantes consequencias, que podia ter a Casa de Austria: porque tocando taõ vivamente no coracão de Hespanha, forçosamente



mente pela união antiga, e inseparavel havia de tocar ao Imperio o mesmo damno. Mostrou o Imperador grande sentimento desta proposta dizendo, que preferia a todos os interesses não violar a immuniidade do Imperio, e não quebrar as leys da hospitalidade; que o Infante estando em Alemanha não tinha culpa nos successos de Portugal, e que as suas acções em beneficio daquella Coroa mereciaão differente recompensa. Ajudou esta resolução o Arquiduke Leopoldo irmão do Imperador, a quem se communicou esta materia, protestando, que consentir-se na prizaão do Infante seria a maior infidelidade, e a mais abominavel ingratidão; pois se offendia a innocencia, e se castigava o mericimento. Não desmaiaraão as diligencias dos Ministros de Castella com o máo successo deste primeiro combate: fizeraão medianeiros com os Ministros do Imperador os dobrçens de Hespanha, com os quaes em muitas occasiões tem os Castelhanos persuadido os animos mais obstinados. Ganharaão o Conde de Traumstorff, parecer que ouvia o Imperador, e com este outros fogeitos importantes, para conseguir o que intentavaão.

Rompeo-se na Corte a indigna diligencia, que faziaão, e eraão contrarios a ella todos os desinteressados, clamando pela liberdade do Imperio. Vacilava o animo do Imperador entre huma, e outra opinião: porém combatido com o ultimo esforço se rendeo á cavilosa industria dos Castelhanos. Preveniraão elles a Imperatriz, e facilmente a persuadirão ao seu parecer: prometteo ajudallos, e o executou com tanta destreza, que depois de se mostrar ao Imperador muito afflicto da molestia, que padecia neste caso, lhe aconselhou, que se livrasse de escrupulo, seguindo o parecer de seu Confessor. Sujeitou-se o mal acautelado Principe filho de Adão a este remedio, para aggravar de todo a infirmitade: chamou logo Fr. Digo Quiroga, o qual a Imperatriz tinha prevenido, e estava pouco distante esperando este avizo. Propoz-lhe o Imperador o embaraço em que se achava: brevemente o livrou da duvida, instruido nas erradas politicas de Machaviello: disse ao Imperador, que deixaria a consciencia

Anno

1641.

*Voto do Arquiduke Leopoldo.*

*Favorece a Imperatriz os interesses de Hespanha*

*Voto do Padre Quiroga.*

mui.

Anno  
1641.

*Dasse ordem a  
D. Luiz Gonzaga  
para pren-  
der o Senhor In-  
fante.*

*Ordem do Ge-  
neral Picolomi-  
ni.*

muito gravada, se logo não mandasse prender o Infante: buscou (corrompido com o interelle) muitas razões apparentes para dissimular este caviloso parecer; dizendo, que ao Imperador tocava, como a Monarcha mais supremo, procurar reduzir por todos os caminhos huma nação rebelde á obediencia de seu legitimo Principe: que a prizaõ do Infante era hum dos meios proporcionados para este fim, e a attençaõ ao bem publico tão absoluta, que derogava qualquer outra ley, que offendesse; e a estas fantasias accrecentou outras, que achão o castigo a tempo, que não pôdem uzar do remedio da culpa. Vencido o animo do Imperador, lavou as mãos do delicto, e entregou o innocente. Deo ordem a D. Luiz Gonzaga, para que fosse ao quartel de Leypen, e chamasse a Ratisbona, onde estava a Corte, da sua parte ao Infante; e que em caso que duvidasse de obedecer, o trouxesse prezo. Prevenirão os Castelhanos os discursos que se haviaõ de fazer sobre esta ordem com outra maldade, e espalharão, que o Senhor Infante com a noticia dos successos de Portugal fugira: puzeraõ talha de oito mil cruzados a sua cabeça, e logo persuadirão a Picolomini, General do Exercito, que se achava na Corte, para que o Infante prevenido com algum aviso não pudesse ausentar-se, e que mandasse o Coronel D. Jacintho de Vera com huma ordem, que dizia: *Ordem ao Coronel D. Jacintho de Vera, que vá ao quartel de Leypen a prender o Principe de Bragança, e que, não o podendo conseguir, o mate, e que ou vivo, ou morto me traga o seu corpo.* Muito desejava encobrir esta deliberação de Picolomini, por não afeiar com ella as muitas partes que teve: porém he indispensavel a verdade da historia, e não pôde ter desculpa fazer-se Ministro da prizaõ do Infante o General, que havia de ser defensor da sua innocencia, exercitando á sua ordem posto naquelle Exercito. Não teve effeito a que D. Jacintho levava, porque o Infante se havia partido de Leypen para Ratisbona, onde se celebrava a Dieta Imperial, a tratar alguns negocios dos seus Soldados, sem a menor suspeita do perigo, a que levava a vida exposta. Embarcou-se no Danubio, accidente, que o livrou da morte, vindo procurar-lha por terra.



terra os que traziaõ por objecto os oito mil cruzados promettidos pela sua cabeça. Indo navegando lhe chegou hum avizo de D. Luiz Gonzaga, em que lhe dizia, que aguardasse, porque trazia huma ordem do Imperador para lhe communicar: fez alto, naõ querendo ouvir as repetidas instancias dos seus criados, os quaes ja com alguma noticia, ainda que confusa, lhe advertiraõ, que se passasse a lugar seguro: porẽm elle naõ quiz admittir esta proposiçaõ, porque fazia maior confiança na fẽ do Imperador; propondo-lhe o generoso espirito, que o alimentava, taõ forçosas as obrigaçoens de hum Principe, que refutava qualquer opiniaõ, que naõ era subordinada a este axioma. Mostrou-lhe a experiencia, que, sendo a Fidalguia do animo a virtude mais appetecida, muitas vezes he o maior verdugo de quem a logra: porque habilita para este emprego coraçõens perversos, e tece á sua innocencia com esta singeleza os laços da sua ruina.

Aguardou o Infante a D. Luiz Gonzaga: chegou só com hum criado, dissimulaçaõ, que o fez menos suspeito, mostrou ao Infante a ordem, que levava do Imperador, á qual sinceramente obedeceo sem repugnancia. No dia seguinte, que se contavaõ 14 de Fevereiro, chegaraõ a Ratisbona, acharaõ prevenida huma carroça de D. Francisco de Mello, demonstraçaõ, que o Infante agradeceo como cortezia, naõ conhecendo, que era priaõ; entrou nella, onde o recebeu Agostinho Navarro, que deo ordem para que a carroça guiasse a huma estalagem comboyada do Proboſte general, e da vileza dos seus Ministros. Chegaraõ á estalagem, e acharaõ nella o Capitaõ da Guarda do Imperador com quarenta Mosqueteiros, o qual disse ao Infante, que Sua Magestade Cesarea lhe ordenava, que sem outro avizo seu naõ sahisse daquelle lugar. Alterou-se o Infante, mais da conducçaõ do Proboſte, que da assistencia do Capitaõ da Guarda. Sentio-se, e queixou-se: porẽm ja era de balde huma, e outra demonstraçaõ; porque na pouca differença, que ha de erro a ferro, saõ os erros cadeia onde em hum só fuzil se enlaçaõ muitos. Hospedaraõ ao Infante no mais estreito aposento da estalagem, de que na mesma noite o mudou para

Anno  
1641.

*Confiança ge-  
nerosa do Se-  
nhor Infante.*

*Prende-se em  
hũa estalagem.*

Anno

1641.

*Dasse' lhe pala-  
vra em nome do  
Imperador de o  
naõ entregarem  
aos Castelhanos.*

para outro menos humilde D. Luiz Gonzaga, o qual o informou da causa da sua prizaõ, dando' lhe palavra da parte do Imperador de nunca o entregar nas mãos dos Castelhanos; naõ fazendo jo Imperador o reparo preciso de que no recato do prometter devem os Principes pôr o maior cuidado: porque muitas vezes ou por generosidade propria, ou por facilitar os seus intentos, ou por excusar algum perigo empenhaõ a sua palavra, e achando muito ordinariamente contradicçoens para satisfazella, perdem o credito; porque o que se promette, e se naõ executa, o recebe por afronta o superior, por injustiça o igual, e o inferior por tyrannia. Menos grave fora a culpa do Imperador, se naõ accrecentara á entrega, que fez do Infante nas mãos de seus inimigos, a quebra de sua palavra. Attonito deixou ao Infante a noticia que lhe deu D. Luiz Gonzaga, naõ suppondo porẽm artiscada a vida nas mãos de dous impossiveis, que assim lho persuadia arrazoadamente o seu discurso: porque primeiramente avaliava por impraticavel, que ElRey seu Irmão se resolvesse a tomar a Coroa sem lhe fazer anticipado aviso. Em segundo lugar suppunha impossivel entregallo o Imperador nas mãos dos Castelhanos, estando elle livre de culpa, todo entregue ao acerto de servillo. Mas os dous oppostos em cuja contraposição tinha confiança, veio a unir lastimosamente a experiencia. Vio no mesmo dia prezos todos os seus criados, e examinados os seus papeis pelo Doutor Navarro: e como esta resoluçaõ era o maior estrago do seu respeito, pouca esperança lhe podia ficar de prevalecer a sua justiça. Na indecente prizaõ da estalagem passou outo dias, os quaes gastáraõ os Castelhanos em consultas do modo com que poderiaõ conseguir passallo ao Castello de Milaõ, licença que o Imperador até aquelle tempo havia negado.

*Diligências da  
Dieta.*

Favoreciaõ muito a justiça do Infante os Congregados da Dieta de Ratisbona: representavaõ ao Imperador com vivas razoes quebrada a liberdade do Imperio, e a fé Germanica corrompida: feriaõ aos Castelhanos com as suas mesmas acçoens, fazendo' lhe memoria dos manifestos que haviaõ publicado contra a Coroa de



PARTE I. LIVRO III. 205

de França sobre a prisão do Principe Casimiro, nos quaes avaliavaõ aquella acção pela mais infiel, e que no caso presente eraõ authores de outra por todas as circumstancias mais abominavel, obrigando ao Imperador a que tirasse a liberdade a hum Principe sem culpa, que servia fiel, e valerosamente ao Imperio, buscando-se para esta execução huma Cidade franca, em que se celebrava Dieta Imperial, de muitos seculos formada para estabelecer as leys do Imperio. Estimulou mais aos da Dieta hum eloquente, e bem fundado papel, que lhes fez apresentar Francisco de Souza Coutinho, naquelle tempo Embaixador no Reino de Suecia, o qual continha o direito d'ElRey D. João á Coroa de Portugal, os excessos de que usáraõ os Reys Catholicos Philippe II, III, e IV na sua Conquista, e no seu dominio, a innocencia do Infante, e assignaladas acçoens executadas em serviço do Imperio: e concluia, que ainda que o Infante cooperasse em restituir a Coroa a seu irmão, (o que se negava) era injustamente prezo, pois o introduzia na posse do que se lhe devia de justiça: e que sendo tanto pelo contrario ter o Infante noticia dos successos de Portugal, que ley Divina, ou humana permittia, que fosse prezo em Imperio absoluto, e Cidade livre hum Principe innocente, e officioso ao mesmo Imperio, pois por servir ao Imperador deixara a patria, e a grandeza da propria Casa, achando por satisfação o tormento, e o evidente perigo da vida? Não foraõ de utilidade alguma estas diligencias, nem os memoriaes, que o Infante apresentou ao Imperador, que continhaõ as mesmas razoes; e ultimamente lhe negou audiencia, que por muitas vezes lhe pedio: porque era offensor poderoso; e queria esconder o rosto do offendido. Falaraõ-lhe varios Principes intercedendo pelo Infante, insurdeceo-se aos rogos de todos, e por se eximir de taõ penosos embarcos apartou de si a occasião da culpa, e nunca este remedio foy menos util para o livrar do peccado, porque se gravou mais com a distancia. Mandou ao Infante para a Fortaleza de Passaevu, entregue ao Coronel Xenque, e sessenta mosqueteiros divididos em duas barcas: chegou em dous dias, e achou prevenido o Palacio do Archiduque

Anno  
1641.

*Papel de Francisco de Souza Coutinho.*

*Passa-se à Fortaleza de Passaevu.*

## 206 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Passa à de  
Grats.*

*Não obraõ em  
Roma as dili-  
gencias.*

*Tira-se-lhe até  
o Confessor.*

que Leopoldo, de quem era a Fortaleza, por ordem sua, a pezar dos Castelhanos, que defafogáraõ esta paixão com a vigilancia das guardas, e prevenção das janellas, cercando-as com grades de ferro. Ministrava Navarro estas diligencias, a quem entregaraõ o Infante, para que não afroxasse a sua molestia. Cinco mezes esteve nesta prizaõ, no fim delles alcançaraõ os Castelhanos do Imperador poderem mudar-lha para Grats, caminhando sempre ao intento de o levar a Milaõ, de que era Grats mais vizinho. Partio de Páscovu, devendo áquelle Povo demonstrações de grande commiseracão, a sete de Julho chegou a Grats, onde creceo de sorte o aperto, que lhe fizeraõ, que chegaraõ a negar-lhe licença para vender a sua prata, sendo-lhe necessario valer-se della para se sustentar. Tratava-o o Governador humanamente, de que foy asperamente reprehendido: porque não querem os que tyrannamente procedem, que alguma acção justa emende as que desconcerta a sua impiedade. Deste lugar teve o Infante correspondencia em Roma com o Bispo de Lamego, para quem vi algumas cartas suas, em que lhe pedia a intervenção do Pontifice: encarecendo-lhe o aperto com que passava: porém em Roma não valeraõ as diligencias do Bispo para conseguir o que resultava em beneficio da Coroa de Portugal.

Chegou neste tempo por Embaixador de Castella à Corte do Imperador D. Manoel de Moura Marquez de Castello-Rodrigo: havia entre elle, e D. Francisco de Mello, por interesses particulares, antiga opposição, cederaõ-a em damno do Infante, e unidos fomentáraõ a sua ruina. Crescendo as diligencias, se multiplicou o máo trato do Infante, tiraraõ-lhe todos os criados Portuguezes: e chegando com elle à ultima mortificação, lhe prohibiraõ, que se confessasse com hum Padre da Companhia Alemão, em que achava alivio espirital. Foy este o golpe mais sensitivo, que experimentou aquelle constante, e valeroso Principe em todo o discurso da sua trabalhosa prizaõ: porque as penas, que chegaõ á alma, tem poder, por serem maiores, para diminuir o rigor dos tormentos do corpo. Entre tanto aperto conseguiu o alivio de chegar



# PARTE I. LIVRO III.

207

gar huma carta sua ás mãos do Imperador, que continha estas forçolas, e discretas razoes: *Muitas vezes tenho manifestado a V. Magestade Cesarea a grande injustiça, e agravo, que se me faz, quando eu por haver deixado a patria, e a commodidade da minha casa, e havendo servido oito annos a V. Magestade com tanta satisfação, como sabe todo o mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o Marquez de Castello-Rodrigo continuando o mesmo que havia inventado D. Francisco de Mello, procura conduzir-me a Milão, para que eu sirva de zombaria, e sacrificio ao odio, e indignação deste, e outros Ministros: porém espero da grandeza de V. Magestade, que não queira romper em mim as leys da justiça. e aquelle direito, no qual me constituirão a hospitalidade, e fé publica, inviolavel entre as mais barbaras Naçoens. Pelo que espero que V. Magestade terá consideração à minha justiça, e innocencia, deixando huma, e outra nas suas Imperiaes maos até que V. Magestade me franquee o direito das gentes com a mesma liberdade do Imperio, não permitindo que se execute em mim novidade, que sirva de exemplo tão prejudicial à fé publica. Representando juntamente a V. Magestade o grande amor, trabalho, e despeza com que tenho servido a V. Magestade, expondo a vida a muitos perigos, como agora fizera com o mesmo animo, e fidelidade, se V. Magestade mo permittira. Guarde Deos a Imperial Pessoa de V. Magestade Cesarea. De Grates 16 de Março de 1642. D. Duarte. A esta carta mandou responder o Imperador pelo Conde de Transmandorff as razões seguintes, que pedião differente execução: Dey a S. Magestade Cesarea a carta de V. Excellencia, e lhe referi tudo o que V. Excellencia me escreveo em 16 do passado. Sua Magestade Cesarea me respondeo muito benignamente, declarando não querer agravar a V. Excellencia na sua afflictção, mas alleviallo muito depressa, e em sendo tempo fazer-lhe todo o favor: o que se me offerece referir a Vossa Excellencia beijando-lhe as maos. Viena 5 de Abril de 1642. Mal se pudera colligir do suave estylo desta carta o contrario effeito que brotou o animo que a produzio: mas quem não vio dourado o margo da pirola? Com a differença*

Anno

1641.

Carta ao Imperador.

Resposta do Imperador.

Anno  
1641.

*Parte para El-Rey  
des D. Francisco  
de Mello, conti-  
nua o Marquez  
de Castello-Ro-  
drigo as negoci-  
ações de Castel-  
la.*

*Entrega o Im-  
perador por di-  
nheiro o Senhor  
Infante.*

rença de ser util aquelle engano, este mortal tanto para o Infante, que o padeceo, como para o Imperador, que o fabricou. Porém com a differença de levar ao Infante ao supplicio de huma vida caduca, e entregar o Imperador nas mãos da morte do discredito, que eternamente dura, lavrando este bruto finzel na paciencia do Infante o mais perfeito original da constancia.

Partio Dom Francisco de Mello para o governo dos Estados de Flandes, premio, como se entendeo, da prizaõ do Infante, ainda que por outras acçoens mais decorosas, e verdadeiramente grandes havia inerecido a ElRey Catholico maiores lugares. Ficou o Marquez de Castello-Rodrigo entregue da negociação de passar o Infante a Italia, para que sem dependencia de outro poder se executassem nelle os maiores estragos da tem justica. Considerando o Marquez precisa esta execuçaõ se resolveo a applicar a mais efficaz diligencia. Teve meio para prometter ao Imperador quarenta mil cruzados, por lhe permittir a licença que pedia. Cerrou a ambiçaõ de todos os olhos a este infelice Principe, não se achando em outro algum exemplo de maior desgraça; e resolveo-se a vender a liberdade do Imperio, as leys da hospitalidade a immunnidade dos Principes livres, a palavra dada, e ratificada muitas vezes com muitas promessas, e ultimamente a receber o dinheiro, e a entregar o Infante nas mãos do Marquez de Castello-Rodrigo. Verdadeiramente que não acho termos com que encarecer o horror, que me faz este successo, olhando para o Imperador; e a lastima a que me obriga esta tragedia, pondo os olhos no Infante: porém como a tunica de Cesar banhada em sangue fez maior effeito no Povo Romano, que a traiçaõ de Bruto, e rhetorica de Antonio, passemos toda a eloquencia para a consideração deste espectáculo, porque delineado na idea de quem lêr esta historia, presumo que achará maior efficacia na imaginação, que nos conceitos. Entregue o Infante ao arbitrio do Marquez de Castello-Rodrigo, duvidou da parte que lhe signalaria para eternizar a prizaõ: desejou que fosse Hespanha, mas achou na conclusão grandes difficuldades, e risco em qualquer dos lu-  
gares



gares em que assistisse, pela vizinhança de Portugal. Em Napoles havia a duvida de que os Principes livres, por cujos Estados havia de passar o Infante forçosamente, não quereriaõ que os seus Estados fossem estrada de huma acção tão indigna. Ultimamente se veio a resolver no intento proposto de passar o Infante ao Castello de Milaõ, pela fortaleza o mais seguro, e para a conducção o mais facil: elegeo o caminho de Tirol dominio da Casa de Austria, e vizinho do Estado de Milaõ. Passou-se a ordem a Navarro: prevenio elle com toda a attenção o segredo, mas não pode conseguillo, porque chegou primeiro a noticia ao Infante; e perguntando-lhe dissimuladamente se era certo hum discurso que havia feito de que o levavaõ ao Castello de Milaõ, lhe affirmou Navarro com hum solemne juramento, que não tinha tal ordem, uzando da errada politica de hum Ministro do mesmo seculo, que costumava dizer, antepondo á ley Divina a fragilidade dos interesses humanos, que não havia meio mais efficaç para enganar, que o juramento. Desmentio-se brevemente Navarro, e entrou a intimar a ordem ao Infante com grande numero de Soldados, o qual sem a menor alteração lhe disse. *Seja Deos louvado: Exierunt cum gladiis, & fustibus tanquam ad latronem.* Com toda a brevidade o meteraõ em huma liteira entregue a Stuemberg, Cômmissario Imperial, e á tyrannia de Navarro. Antes que se partisse de Grats escreveo a hum Ministro do Imperador huma eloquentissima carta, em que substanciava todo o successo, e expunha toda a sua queixa, uzando do pequeno desaffogo de hum animo afflicto, que he cõmunicar a sua desgraça. Chegando aos confins da Valtelina, achou hum Sargento mór mandado pelo Governador de Milaõ, ao qual o entregou o Cômmissario Imperial. Detpe-dindo-se o Cômmissario do Infante, lhe disse: *Dizey ao Imperador, que maior pena me dá haver servido a hum Principe tyranno, que o verme prezo, vendido, e entregue nas mãos de meus inimigos; mas que Deos ha de permittir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seus filhos, que não nacerão mais privilegiados que eu; pois a Casa Real de Portugal, de que descendo, não cede em sangue a Casa*

Tom. I.

O

de

Anno

1641.

Maxima dia  
bolica.

Parte para Ato  
laõ.

Recado misse-  
rioso para o Im-  
perador.

Anno

1641.

*Tyrãna ordem  
do Imperador.**Entra no Caf.  
zello de Milão.*

*de Austria: e que se lembre para mortificação sua como a mim me succede para meu alivio; de que as historias baõ de fallar nelle, e em mim.* Estas eloquentes, e misterioas palavras merecem conservar-se eternamente na memoria dos homens para castigo do Imperador, e gloria do Infante. Continuou a jornada, e não querendo a fortuna livrallo de golpe algum, teve intelligencia para ver as ordens que levavaõ os que o conduzirão: eraõ firmadas pelo Imperador, e diziaõ que em caso que encontrassem algum poder que quizesse livrar o Infante, o matassem primeiro; tratando a vida de hum Principe innocente, e livre, como se fora de qualquer Vassallo seu, delinquente no crime de lesa Magestade. Pudera com esta ordem ter perigo a vida do Infante, se se não desvanecera o tratado que o Marquez de Niza, naquelle tempo Embaixador de França, teve com os Esguisaros; porque estive- raõ resolutos a livrallo quando passasse dos confins do Imperio para o Estado de Milão: porém não encontrou no caminho mais que a piedade de alguns que o viaõ padecer sem culpa; multiplicando-se-lhe de fórte com os dias os tormentos, que até a morte lhe tardou, em quanto não teve apuradas todas as afflicções da vida. Os Castelhanos lhe deraõ no Castello de Milão por aposento a torre da Roqueta, destinada de muitos seculos para prizaõ dos delinquentes de mais atrozes delictos, e de mais baixo nascimento. Puzeraõ-lhe sentinella á vista, cadeia que de fórte o ligava, que nem o somno, unico alivio das infellicidades, tinha livre, porque o acordava a sentinella que succedia. Tiráraõ-lhe os criados, e toda a communicacão que podia servir-lhe de refugio. E finalmente não perdoáraõ a genero algum de martyrio em quanto durou a prizaõ do Infante, que foraõ oito annos, acabando-se-lhe com a vida.

No discurso deste tempo buscou ElRey seu irmão todos os meios da sua liberdade com taõ efficazes diligencias, que entendendo que os Castelhanos queriaõ soltallo por quatrocentos mil cruzados, os mandou pafar a Italia; e não fortindo effeito a negociação, foraõ depois applicados a varios empregos. Communicou-se o

Infan-



Infante com ElRey os annos que viveo, por intervenção de hum Clerigo chamado Dom Francisco Portii, que costumava dizer-lhe Misla. A traça por onde se conseguia a correspondencia, era no tempo em que o Infante ouvia Misla: punha debaixo da alcatifa, que estava ao pé do altar, os papeis que escrevia, sem poder ser visto das sentinellas, no mesmo lugar achava as repostas; tendo o Clerigo conseguido (uzando do pretexto da decencia) que nenhuma outra pessoa, senão elle, adereçasse o altar, e compuzesse a Capella. Conservaõ-se na Secretaria de Estado papeis de grande erudição, e muito importantes documentos politicos, de que ElRey se valeo em varias occasioens. Em 13 de Agosto do anno de 1648 acabou a vida este constante, e Christianissimo Principe. Murmurou-se que a morte fora ajudada, mas depois se entendeu que naturalmente acabára a vida; porque onde o trato era tão penoso, qualquer outro veneno seria menos efficaç. A maior piedade que os Castelhanos uzáraõ com o Infante, foy deixarem que depois de morto se cumprissem os seus legados, achando só a morte por medianeira da cõmiseração. Morreo de 39 annos, e viveo composto de todas as virtudes. Era valeroso em grão muito supremo, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento, e a prudencia. Esmaltava estas partes com huma liberalidade tão affavel, que parecia que ficava obrigado a todos os que fazia beneficios. Foy de estatura levantada, branco, e louro, e todas as feiçoens tão proporcionadas que levava os olhos de todos a sua gentil disposição. As demonstraçoens que ElRey fez no anno em que morreo o Infante, referiremos em seu lugar; sentindo em quanto viveo, entender-se que fora o seu descuido causa daquella prizaõ, e daquella morte. Não saltáraõ politicos dos que sabem tirar o vicio da lisonja do centro da virtude, que julgáraõ ser hum dos fundamentos da conservação deste Reino não vir a elle o Infante, dizendo que o seu natural era caprichoso sem moderação; e ativo sem regularidade, que todos os cabedais do Reino erã poucos para o seu fausto: e que o exercicio da guerra de Alemanha lhe havia ensinado idas militares, que não serviaõ

Anno  
1641.

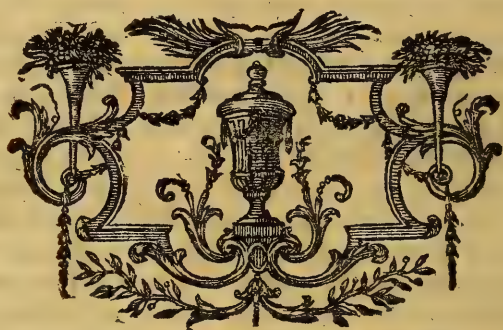
*Diligencias  
d'ElRey para  
livrar seu ir-  
maõ.*

*Morte do Se-  
nhor D. Duarte*

*Seu elogio*

Anno  
1641.

para a moderação de que necessitava a guerra defensiva.  
Porém todas estas subtilezas eraõ falias, e quimericas:  
porque hum Principe ornado de tantas virtudes forçada-  
mente havia de ser incentivo das melhores acçoens, e  
Author dos maiores progressos.







# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO IV.

## SUMMARIO.



**D**ISPOEM ElRey a fórma da defen-  
sa do Reino. Distribuição da gen-  
te para a guerra. Eleição do Conde  
do Vimioso por Capitão General de  
Alemtejo, e dos mais Cabos, e Offi-  
ciaes daquella Prouincia. Passa a el-  
la Mathias de Albuquerque a assis-  
tir as fortificaçoens. Fica governando em ausencia do  
Conde do Vimioso. Primeiro rompimento com Ca-  
stella. Altera-se o Povo da Cidade de Elvas, ele ta  
Praça de Armas, por querer peleijar. Socega o  
Mathias de Albuquerque, e satisfaz os Soldados  
com emboscadas, e escaramuças. Volta a Alemtejo

Anno  
1641.

*o Conde do Vimioso. Intentão os Castelhanos ganhar por trato Campo-Maior, e desvanece-se. Marcha o Conde de Monte-Rey com hum Exercito a atacar Olivença: forma as baterias: dá hum assalto: resiste-o Francisco de Mello, que governava a Praça, e retira-se o Conde de Monte-Rey. Torna ElRey a chamar á Corte o Conde do Vimioso. Succede-lhe Mathias de Albuquerque. Varios successos de todas as Praças da quella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas della a Martim Affonso de Mello. Interprende o Conde de Monte-Rey Olivença: defende-a Rodrigo de Miranda, que a governava, valerosamente. Retiraõ-se os Castelhanos com grande perda. Interprende Martim Affonso de Mello a Praça de Valverde: entra a Villa, e defende-se o Forte. Vay governar a Provincia de Entre Douro e Minho D. Gastão Coutinho. Fortifica as Praças, e rompe a guerra. Fortificaõ os Galegos em larga distancia os Lugares perigosos da Raia. Determina D. Gastão atacar todos a hum tempo: consegue-o com grande felicidade, e valor. Passa D. Gastão a Lisboa. Vay governar Tras os Montes Rodrigo de Figueiredo: rompe a guerra, e ganha alguns Lugares em Galiza. Passa a governar a Beira Dom Alvaro de Abranches: guarnece as Praças, e faz diligencia por sustentar a Provincia sem romper a guerra.*

**A**CCLAMADO ElRey D. João em todos os Lugares, que obedecem á Coroa de Portugal com a felicidade referida, e lançadas as primeiras linhas assim no governo interior, como nas disposições externas, resultou dellas o debuxo do mais fino retrato da politica, sem dever ao successo a sentença desta obra, sendo de todos ordinariamente Juiz a desgraça, ou a fortuna com que se consegue pelo



pelo errado discurso dos homens tão cegos como a mesma fortuna; porque avaliando as acções conforme o successo tiraõ ao valor o preço, e as disposições o premio. Penetrando pois ElRey, que se não corcou Minerva de Prudencia, sem o adorno do escudo militar, e vendo que não havia palmo de terra em todo o circuito do Reino que restaurara, que não fosse fronteira de seus inimigos, e que era impossivel, que a dilação, que pede a fabrica dos baluartes, pudesse ser remedio á brevidade de que dependia a defenſa do Reino, deo ordem para que se fortificasse com os peitos amantes de seus Vassallos, repartindo-os regularmente por todas as fronteiras: considerando que para a defenſa dos Reinos foy sempre esta a muralha mais impenetravel. Porém ainda que usou deste acertado discurso, não deixou de applicar o maior cuidado ás fortificações, levantando-se em todas as Provincias nas Praças, que eraõ mais precisas, e adiantando-se conforme o calor, e o cabedal com que se trabalhava: e era de qualidade o ardor de todos os Povos, que á competencia huns dos outros se via em todos os Lugares do Reino fabricar fortificações, levantar gente, comprar cavallos, e conduzir armas.

Divide-se Portugal em seis partes, fazendo-se pelo discurso do tempo duas da Provincia da Beira; porque repartindo-se conforme as demarcaçoens antigas, saõ as Provincias cinco, e o Reino do Algarve, Alemtejo, Entre Douro e Minho, Traz os Montes, Beira, e Extremadura. Tem o Reino cem leguas de comprido, extendendo-se em fórma prolongada pela marinha do Oceano, sendo ultimos extremos ao Meio dia a Villa de Sagres, no Reino do Algarve, ao Septemtrião a de Caminha, que confina com o Reino de Galiza. Pela parte da terra tem Portugal menos cinco leguas, sendo termos ao Septemtrião a Cidade de Bragança, e ao Meio dia a Villa de Castro-Marim. De largura pela parte que he mais dilatado tem trinta e tres leguas, tirando huma linha recta desde Peniche porto de mar no Oceano a Salvaterra da Beira, que he quasi o Lugar ultimo, que ao Meio dia toca na Raia do Reino de Leão. A variedade dos tempos confundirão as demarcaçoens, pois que ha hoje muitos Lu-

Anno

16.

Dispoem ElRey  
a defenſa do  
Reino.

Descripção de  
Portugal.

Anno  
1641.

gares no Dominio de Portugal, que não tocavaõ á antiga Lusitania, e ha outros, que se uniraõ aos Reinos com que confinaõ. O ingenho, e valor he commum em todos os Portuguezes, ornando-os a natureza de singular habilitade para a comprehensãõ das letras, e de melhor disposiçãõ para o exercicio das armas. O Reino he abundante de todos os fructos, e colhem-se nelle os mais fazoados, e não dependera de outra Nação alguma, se os Portuguezes quizerãõ uzar de tudo o que lograõ. O terreno das Províncias, que sustentáraõ a maior força da guerra, era em tudo diverso, porque o de Alemtejo he campanha por toda a parte, que olha ao Guadiana, que foy o theatro dos maiores progressos militares, e nesta consideraçãõ eraõ continuas, e maiores as occasioens da Cavallaria. Entre Douro e Minho compoem-se de terreno tão aspero, tantos montes, e passos difficultosos, que sempre a Infantaria era a que de huma, e outra parte segurava as empresas. Na Beira, e Traz os Montes se contendia em huma, e outra parte com igual poder, e variamente se disputavaõ as occasioens, hora em sitios asperos, hora em Campanha raza. O Algarve sentio pouco tempo a inquietaçãõ das armas. Não tocaraõ na Província da Extremadura, porque nunca os Castelhanos chegáraõ a ferir o coração do Reino. Os rios, e os lugares onde se disputaraõ a maior parte das empresas, nomearemos quando chegar o tempo de dar noticia dellas. Este pequeno tronco de Portugal animado dos fructos dos muitos ramos, que estende por todo o mundo, resistio valerosamente á memoravel guerra, a que damos principio. Foy hum dos fundamentos mais principaes da nossa defen-  
sa a regularidade, e disciplina com que se dispoz, assim o exercicio da guerra, como os meios de se sustentar, admiravelmente alimentada de todas as forças do Reino; porque não se exceptuou pessoa alguma desde maior esféra ás de inferior qualidade, desde os moços de quinze annos até os decrepitos de setenta, que não tributaße voluntariamente a fazenda, e que não entregasse com grande gosto a vida para conseguir a defen-  
sa da Patria, reinando em todos os animos a aver-  
sãõ á Nação Castelhana,

herda-



herdada dos ascendentes, e desejo da liberdade.

Repartio ElRey Governadores pelas Provincias, Anno  
dividio as Provincias em Comarcas, e as Comarcas  
em Companhias, tendo cada huma das Comarcas hum  
1641.

Governador, hum Sargento mór, e dous Ajudantes, e  
cada huma das Companhias todos os Officiaes de que co-  
stituaõ compôr-se. Esta qualidade de gente tinha o titu-  
lo de Ordenança, e estava alistada por todo o Reino com  
utilissima distincção, comprehendendo as listas todos os  
homens do Reino de quinze até setenta annos. Destas li-  
stas se tiravaõ para Soldados pagos os filhos segundos de  
todo o genero de pessoas, exceptuando-se os filhos unicos  
de viuvas, e lavradores para a cultura das terras. Destes,  
e dos casados de boa idade, e disposição, se formou em  
cada huma das Comarcas hum Terço, dando-lhe o titulo  
de Auxiliares. Nomeava ElRey para Mestre de Campo  
de cada hum dos Terços a pessoa mais nobre, e de melhor  
talento daquella Comarca, e das mesmas qualidades se  
buscavaõ os Capitaens para as Companhias; a todos estes  
Officiaes dava ElRey patentes, e privilegios de pagos.  
Buscavaõ-se para Sargentos môres, e Ajudantes destes  
Terços os Capitaens de Infantaria, e Alferes mais prati-  
cos dos Exercitos, com o fim de exercitarem os Soldados;  
e eraõ soccorridos da mesma sorte, que os mais das fron-  
teiras. A obrigação dos Terços auxiliares era acodirem  
às fronteiras, para que estavaõ destinados, na occasiã  
de guerra ou offensiva ou defensiva: em quanto estavaõ  
nellas eraõ soccorridos com pão de munição, como os  
Soldados pagos, e o mesmo se observava com os da Or-  
denança: acabadas as occasioens se recolhiaõ a suas casas.  
As Companhias da Ordenança, que se compunhaõ dos  
homens de maior idade, acodiaõ quando era maior o  
aperto, e quando os Exercitos estavaõ em Campanha, a  
guarnecer as Praças, que lhe ficavaõ mais vizinhas; e para  
que esta ordem se não confundisse, nem houvesse exorbi-  
tancias muito contingentes nestas diligencias, quando era  
necessario levar para os Exercitos, repartia ElRey por  
todas as Comarcas do Reino os Generaes, e Cabos de  
maior zelo, e experiencia, e os Ministros de maior qua-  
lidade

Distribuição da  
gente para a  
guerra.

218 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

lidade, e confiança. Da Provincia de Alemtejo se tiravaõ para a mesma Provincia as levas dos Soldados pagos, de dicando-se ou huma só Comarca grande, ou duas pequenas unidas para as levas de cada hum dos Terços, e da mesma sorte os lugares para as Companhias: assim para que os Soldados, sendo parentes, e conhecidos, se conservassem; como para que, ausentando-se, fossem facéis de reconduzir. E porque as Praças de Alemtejo eraõ mais, e os Exercitos maiores, e que operavaõ continuamente, dedicou ElRey com a mesma distincção de Comarcas, e mais ordem referida, toda a Provincia da Extremadura, e parte da Beira para acodirem a Alemtejo. As mais Provincias se alimentavaõ a si mesmas com a mesma ordem, e disciplina. Para se conservar a Cavallaria, se usou de huma industria taõ util, que pareceo pelo effeito milagrosa: deo-se-lhe o nome de Arca, e Contrato, que vinha a ser entregar ElRey aos Capitaens hum certo numero de cavallos, os quaes eraõ obrigados a conservar comprando pelo seu dinheiro os que lhe faltavaõ, dando-lhe ElRey para este effeito nas mostras hum certo preço, o qual crescia tanto quanto as Companhias se augmentavaõ, declarando-se no contrato, que os Capitaens fizeraõ com ElRey outras distracções de muito grande conveniencia. Acodia á Provincia em que havia guerra, a que ficava mais vizinha, e succedendo marchar com as Tropas o Governador das Armas, estava á ordem daquelle a que soccorria: ajustamento que evitou muitos embaraços, que nestas occasiões costumavaõ acontecer. As mais disposições militares foraõ tiradas das que observáraõ em todos os seculos os maiores Mestres da guerra; e chegáraõ a exercitar-se com tanta perfeição, que pudéra Portugal ser escola de todas as nações de Europa, assim como nella foy theatro dos maiores progressos. Entendo, que estas noticias não seraõ molestas a quem ler esta historia: porque como foraõ fundamento das gloriosas acções de que ella se compoem, pois he alma da guerra a boa disciplina, ficará sem duvida com maior clareza, e distincção tudo o que ao diante formos referindo.

Logo que ElRey tomou posse do governo do Rei-



PARTE I. LIVRO IV.

219

Reino, elegeo por Capitão General de todo elle a Dom Affonso de Portugal Conde do Vimioso. Não chegou a gozar as grandes preeminencias deste Posto, mudado o animo d'El Rey por Francisco de Lucena, o qual lhe aconselhou, que não era justo antepôr com differença tão desigual hum Vassallo a tantos, a quem devia iguaes finezas. Foy esta variedade sentida do Povo, de quem o Conde era estimado assim pelas suas virtudes, como pela memoria de seus Avós, os quaes forão sempre unidos aos interesses de Portugal. Era dotado de muito valor, de juizo, e lição, e de summa bondade, que muitas vezes lhe prejudicava; sendo preciso por invenção diabolica, que nasce a malicia, forçosa companheira da Politica. Falta-lhe ao Conde a experiencia militar, geral defeito dos mais daquelle tempo, por não haverem visto guerra alguma. Passou a exercitar o seu Posto só na Provincia de Alemtejo a 20 de Dezembro, levando consigo seu filho D. Luiz de Portugal, que foy logo Capitão de Infantaria, pouco tempo depois Mestre de Campo, e a D. Diogo de Menezes, que assentou praça na Companhia de D. Luiz. Chegou a Elvas, Cidade que elegeo por Praça de Armas, achando-a por todos os requisitos a mais capaz deste titulo. Fica distante tres leguas de Badajoz, Praça de Armas dos Castelhanos. Corre Guadiana entre as duas Cidades, banha as muralhas de Badajoz, e dista duas leguas de Elvas, por inclinar a corrente para a parte de Portugal. He tão igual a campanha, que divide estas duas Cidades, que se divisaõ claramente de huma os vultos, que sahem da outra. Elvas fica em sitio mais eminente: porém sobe-se a ella com tão pouco trabalho, que parece que foy prevenção da natureza fazella tão regular, para que a circumvallasse huma das melhores fortificaçoens do mundo. Achou o Conde do Vimioso por intervenção do Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, dispostos os animos dos moradores a empenhar as vidas na liberdade da Patria, e a sacrificar as fazendas á defenfa da Cidade. Com esta resolução haviaõ derrubado as casas, que embaraçavaõ a antiga muralha, de que Elvas com terceiro recinto, que recolhia a si todos os edificios, era cercada, levantando algu-

Anno

1641.

O Conde do Vimioso Capitão General,

Elege Elvas por Praça de Armas, mais capaz mas:

220 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*D. Joaõ da Costa  
za primeiro Mes-  
tre de Campo.*

*D. Rodrigo de  
Castro, e Gaspar  
de Sequeira Ca-  
pitaens de Ca-  
vallo.*

*Passa a Alem-  
tejo Mathias de  
Albuquerque.*

algũas ruinas, que os muitos annos haviaõ occasinado na muralha. Fecharaõ tambem as portas, e mais arriscadas, deixando só para o serviço da Cidade abertas tres: a de Evora, que depois foy fabricada mais adiante, na fortificação moderna se chamou da Esquina, e fica ao Occidente: a de Olivença quasi na parte opposta, que olha a Badajoz; e a de S. Vicente entre huma, e outra, olhando a Campo Maior. Com a assistencia, e authoridade do Conde se deo mais calor á defenſa da Cidade, e da mesma fórte a todas as fronteiras da Provincia. Deo logo ordem a que se fizessem levas de Infantaria, e Cavallaria: e foy o primeiro Mestre de Campo, que levantou gente em Evora Dom Joaõ da Costa, o qual resplandeceo todo o tempo, que lhe durou a vida, com tantas virtudes, e acçoens tão valerosas, como largamente referirá esta historia, sem ter escrúpulo de parecer Chronista suspeito, constando, que devo a este Varaõ insigne na criação, e documentos dos primeiros annos da guerra, segunda natureza. Para Capitaens das primeiras duas Companhias de Cavallos nomeou ElRey a Dom Rodrigo de Castro, e Gaspar de Sequeira Manoel, que com grande diligencia as formaraõ logo, ainda que de pouco numero: porém como o zelo do Conde não superava a falta de experiencia, corriaõ as disposições com maior confusão, que utilidade; de que se originava, sendo o dinheiro pouco, gastar-se inutilmente.

Acodio ElRey a este damno, mandando a Alemtejo Mathias de Albuquerque, que na guerra do Brasil havia grangeado com grandes experiencias memoravel opiniaõ. Era muito pratico nas fortificações, e no manejo da Infantaria: mandou-o ElRey sem posto a Alemtejo para instruir aos Soldados daquella Provincia em hum e outro exercicio. Chegando a Elvas, e vendo, que a Cidade estava em bastante defenſa, passou a Olivença, julgando naquella Villa mais precisa a sua assistencia, por ficar da outra parte de Guadiana exposta á invasão de Castella, ainda que se communicava com as Praças desta parte por huma grande ponte, que alguns annos esteve levantada. Deo principio á fortificação da Villa: porém  
naõ



PARTE I. LIVRO IV.

221

naõ querendo fazer damno às casas, lançou as linhas mais dilatadas do que era necessário, e foy depois muito difficuloso fabricar de pedra, e cal os baluartes, que entaõ se fizeraõ de terra, e faxina. E ainda a resolução dos moradores remedeou este damno, porque reconhecendo que por conservar huma pequena parte punhaõ em contin-gencia tudo o que logravaõ, pediraõ a Mathias de Albuquerque que desenhasse a Fortificação pelo sitio mais conveniente, sem fazer caso da destruição dos edificios. Feito o desenho, e começada a obra, foy de lóрте o calor, e diligencia dos moradores, que em breves dias estava a Praça cerrada, e os baluartes em altura sufficiente. Mathias de Albuquerque, deixando ordem para que se continuasse o trabalho, passou a Elvas, por julgar preciso acodir brevemente a todas as partes. Em Elvas deo ordem a se levantarem tres meias luas diante das portas; e fabricou-se outra no outeiro de Santa Luzia, onde agora se vê o grande Forte, que depois se levantou, e communicou por huma linha com a porta de Oliverça. Pela parte interior da muralha facilitou poder-se correr toda sem embaraço, e mandou arrimar algum terrapleno nos lugares por onde mais facilmente podia ser batida da artilharia. Concorreo o povo para o dispendio destas obras com o dinheiro, que resultava de dous reis que impuzé-raõ na carne, peixe, e vinho, estando costumados a lhe parecer suave este genero de tributo, sendo seos antepafados os primeiros que o introduziraõ em Portugal para a grande fabrica de arcos, e canos, com os quaes meté-raõ a agua na Cidade, ficando as fontes, donde sahe, huma legua della: deixando este tributo em todo o Reino o titulo de *Real da Agua*, ao que agora se costuma in pôr, offerecendo-se algum aperto nas mais das Cidades, e lugares delle. Passou Mathias de Albuquerque a Campo-Maior, e approvou o desenho por onde se trabalhava na Fortificação daquella Praça, accrescentando-lhe só o baluarte de S. Sebastião. Quando voltou a Elvas achou ja formadas algumas plataformas de madeira nas partes mais convenientes da muralha, para que havia deixado ordem: plantou nellas a artilharia, e deo principio á fabrica dos

Anno  
1641.

*Fortifica. Oli-  
vença.*

*Augmenta a  
fortificaçãos  
de Elvas.*

*Principio do  
Real da agua.*

*Obra o mesmo  
em Campo-Maior.*

cava-

Anno  
1641.

*D. Francisco de  
Souza forma em  
Beja hum Terço*

*Capitaens mo-  
res.*

*Chama ElRey  
o Conde do Vi-  
moso, governa  
Mathias de Al-  
buquerque.*

*O Conde de  
Monte-Rey Go-  
vernador das  
Armas de Cas-  
tella.*

*Governa Bada-  
joz o Marquez  
de Toral.*

cavallinhos de friza, de que em muitas occasioens usou com muita utilidade a Infantaria contra a Cavallaria de Castella. Neste tempo chegou a Elvas D. João da Costa com algumas Companhias de seu Terço que levantava em Evora, para onde voltou a acabar de formallo, e dar principio á fortificação daquella Cidade; desenho que te não ajustou muitos annos; e parecendo fatalidade, mostrou depois o successo que havia sido providencia. Com as Companhias que faltavao do Terço, entrou Dom João da Costa em Elvas brevemente. D. Francisco de Sousa, levantava com igual diligencia outro Terço, de que foy Mestre de Campo na Comarca de Beja, o qual se applicou á guarnição de Moura, e Serpa: formou tambem algumas Companhias foltas, que depois se reduziraõ a Terços da guarnição de Elvas, Campo-Maior, e Olivença. Por Capitaens mōres destas tres Praças nomeou ElRey da primeira D. Alvaro de Ataide, da segunda a Gomes Freire de Andrade, e da terceira Francisco de Mello. Neste tempo, prevalecendo com ElRey as calumnias dos inimigos do Conde do Vimioso, o chamou á Corte com apparentes pretextos, e mandou ordem a Mathias de Albuquerque, para que exercitasse o governo das Armas de Alemtejo, nomeando-o Conselheiro de Estado.

Mandava as Armas dos Castelhanos o Conde de Monte-Rey, que assistia na Cidade de Merida, nove leguas distante de Badajoz. Governava Badajoz o Marquez de Toral; e as Tropas, que mandavao, não erao formidaveis, pela diversaõ do exercito de Catalunha, cuidado principal da paixão do Conde Duque em grande utilidade da nossa conservação. Porém ainda que o exercito não era grande, nos excedia muito em o numero, e disciplina: porque para crescerem as nossas Tropas, faltavao os cabedaes, e para se exercitarem, sciencia; sendo o lethargo de sessenta annos de cativoiro de Castella, perigosa occasião, depois de restaurado Portugal, da sua vingança. Esteve a guerra alguns mezes suspenza, assim pela pouca disposição de ambas as partes, como pelas grandes raizes que a communicação de tantos annos havia lançado nos animos de hum, e outro Reino: intentando

além



além desta razão a politica dos Castelhanos conseguir com as negociaçoens occultas a recuperação de Portugal, avaliando-a com a guerra aberta por muito duvidosa na consideração do grande valor dos Portuguezes, em diferentes seculos com o proprio prejuizo tantas vezes experimentado. Foy a Portugal a dilação da guerra de grandissima utilidade: porque tiverão tempo as prevençoens de todo o Reino para se proporcionar com menos embarço ao perigo da Conquista. O Marquez de Toral foy o primeiro que rompeo a suspensão das armas: porque sahindo em nove de Junho a Ronda de Elvas com a pouca attenção que costumava, não passando de dez o numero dos Cavallos da Companhia de D. Rodrigo de Castro, achárao outros tantos Castelhanos que os provocárao a escaramuçar. Não lhes perturbou os animos o novo accidente, atacárao a escaramuça com grande resolução: porém ao tempo que prevaleciao contra os dez Castelhanos, sahiraõ trinta que estavaõ embofcados em humas vinhas chamadas das Caldeiras junto ao Guadiana, e superando o maior numero ao maior valor, renderão sete Portuguezes, e salváraõ-se tres. Durando o conflicto, cahio morto o cavallo de Roque Antunes natural de Moura, e resolutos a perder a vida por eternizar a memoria, não aceitou quartel com a penção de dizer, *Viva El-Rey D. Filippe*, a que os Castelhanos queriaõ obrigar, e sacrificou o generoso espirito com as repetidas vozes de, *Viva Deus, e El-Rey D. João meu Senhor*: deixando escrito com o seu sangue, que não tem honra nem vida aquelle que por conservar a vida quer perder a honra. Os tres Soldados, que escapáraõ, deraõ em Elvas o primeiro rebate: todos os que ouviraõ a noticia do successo, se arrojáraõ furiosamente a sahir sem ordem a solicitar a vingança: porém deteve-os a prudencia de Mathias de Albuquerque, mandando cerrar as portas da Cidade, temendo que os Castelhanos se armassem a esta desordem com maior poder. E para que esta ponderação ficasse manifesta, tem perigo do seu credito, aos que naquelle tempo pouco exercitados não sabiaõ distinguir as acçoens militares, se poz a cavallo, e correndo a Cidade dizia em

Anno  
1641.

*Primeiro rompimento da guerra.*

*Morte gloriosa de Roque Antunes.*

*Anima Mathias de Albuquerque o Povo de Elvas.*

Anno

1641.

*Segunda mostra  
dos Castelhanos.*

*Retirã-se dei-  
xando os Portu-  
gueses.*

vozes altas; que a força dos esquadroens tanto consistia no valor como na disciplina; que de tão destra mão necessitava a espada na guerra, como o potro no manejo; porque aquella, e este se precipitavaõ, se a arte não domina a colera: e que elle lhe promettia muito brevemente a satisfação daquelle aggravo. Foy esta promessa rémora da temeridade dos soldados, e moradores de Elvas, suffocando a paixão a que os obrigava a morte dos soldados, e verem que os Castelhanos rebanhavaõ algum gado que andava pela Campanha. Mathias de Albuquerque pondo em ordem a pouca gente de que constava aquella guarnição, e mandando descobrir os Oliveas que a larga distancia rodeaõ Elvas, sahio á Campanha, não podendo deter a Infantaria, que pudera arrepender-se da desobediencia, se os Castelhanos se não houveraõ retirado: o mesmo fez Mathias de Albuquerque, ouvindo, e desprezando a inconsiderada murmuração dos moradores de Elvas, que condemnavaõ por falta de valor a sua prudencia. No dia seguinte tornaraõ os Castelhanos a passar Guadiana com 400 Cavallos, e mil Infantes, e sem outro effeito, que formalos á vista da Ronda se retiráraõ. Na mesma tarde havendo chegado a Mathias de Albuquerque algumas levas de Infantaria, sahio de Elvas com 700 Infantes, e 30 Cavallos; passou a noute embofcado em hum valle de hum vargea junto do Monte da Terinha. Sahido o Sol, e apparecendo a Cavallaria Castelhana no lugar de Tellená situado da outra parte de Guadiana, marchou Gaspar de Siqueira a provocar as Tropas inimigas, a que o carregassem. Entendendo os Castelhanos que era embofcada, não quizerãõ passar o rio mais que alguns Cavallos, que sustentáraõ hum leve escaramuça. Impacientes da dilação os da embofcada, sahirãõ formados á Campanha, de que resultou retirarem-se os Castelhanos, e ficar a nossa gente tão ufana, e paga do procedimento de Mathias de Albuquerque, como se houveraõ conseguido hum grande victoria. Tal era o desconcerto dos animos naquelle principio da guerra, que se offendiaõ da prudencia, e se pagavaõ da temeridade. E he certo que se Mathias de Albuquerque não reconhe-

cên



era igual insufficiencia nos Castelhanos, que levando só trinta Cavallos, e tendo visto no dia antecedente ao inimigo 400, e mil Infantes, que não expozera a Infantaria em huma campanha raza a risco tão manifesto: porém nestes principios como os Castelhanos não empenhárao na guerra de Portugal as Tropas veteranas, e só pelejavao com a gente levantada de novo, contendia-se de ignorancia a ignorancia. E assim por leves, e mal dispostos escrevo pouco animado estes primeiros successos, temendo, que molestem a quem ler esta historia: porém quem escreve he só obrigado a contar na verdade tudo o que aconteceo no tempo de que trata, sem fazer reparo em outras vaidades, que costumão destruir o credito dos Historiadores; e o assumpto que tomo he tão vasto, que não faltarão ao Leitor muitos empregos da sua curiosidade. Retirou-se a Elvas Mathias de Albuquerque trazendo comfigo o corpo de Roque Antunes, que achou na campanha, ao qual com grande pompa fez dar na Sé de Elvas honrada sepultura: porque na politica de remunerar grandes acçoens com coroas de louro, para inflamar os animos dos Soldados a maiores emprezas, foy Mathias de Albuquerque insigne imitador dos Capitaens Romanos. O Marquez de Toral, querendo com a dissimulação conseguir maior utilidade, mandou os sete prisioneiros com hum volantim, em que dizia, que romper-se a guerra fora desordem do Cabo da Ronda; e na confissão de mal obedecido padeceo logo o castigo do falso trato, porque querendo justificar este protesto com outra apparente falsidade, mandou publicar que todos os Paizanos Portuguezes, que quizessem recolher as suas searas, o podião executar sem perigo algum. Não se enganou na traça de enganallos, por quanto persuadidos facilmente do interesse, não dando credito ás repetidas advertencias de Mathias de Albuquerque, passarao muitos contra os seus preceitos a recolher as sementeiras, que tinhao em Castella, e não só succedeo isto aos de Elvas, mas fizerao o mesmo todos os das Praças da Raiz. Acabado o trabalho de segar o trigo, experimetárao o castigo da sua ambição: porque os Castelhanos o recolherão, e os despediraõ

Anno  
1641.

*Motivos de se  
escreverem es-  
tes successos.*

*Retira-se Ma-  
thias de Albu-  
querque, e mã-  
da fazer exe-  
quias a Roque  
Antunes.*

*Primeiro bola-  
tim dos Caste-  
lhanos com os  
prisioneiros.*

*Trato falso dos  
Castelhanos.*



Anno  
1641.

*Escararmuça  
das Tropas.*

*Torna o Conde  
do Vimiojo a  
Almeida.*

*Rota de duas  
Companhias de  
Oliveira.*

pedirão com muito máo trato. Esteve a guerra alguns dias suspenſa; e ſe os Soldados de huma, e outra parte faziaõ alguma pzeza, ſe tornava a reſtituir: durou pouco eſta correfpondencia, e de novo experimentáraõ os lavradõres maiores hoſtilidades. Em ſatisfaçaõ deſta offenſa ſe mandou armar ás Tropas de Ronda, que coſtumavaõ ſahir duas de Badajoz com 40 Cavallos, e 200 Infantes: hia por Cabo o Capitaõ Joaõ Tavares; naõ conseguiu mais que atacaſe huma leve eſcaramuça, de que veyo ferido Diogo de Meſquita.

Neſte tempo voltou de Lisboa o Conde do Vimiojo a continuar o governo daquella Provincia, prevalecendo por aquella vez a ſua innocencia contra as calumnias de ſeos inimigos. Deteve ſe o Conde em Eſtremoz a dar ordem ás levas de Infantaria, e Cavallaria, que por falta de cabedaes caminhavaõ lentamente. Francisco de Mello, Governador de Olivença, ſabendo que o Conde era chegado a Eſtremoz, paſſou áquella Villa a comunicar-lhe alguns negocios importantes. Tiveraõ os Caſtelhanos noticia deſta jornada, mandou o Marquez de Toral 400 Cavallos com ordem, que aguardaſſem os deus dias ſeguintes, nos quaes entendiaõ que poderia voltar. Emboscaraõ ſe entre Olivença, e Gerumenha; lançaõ ao amanhecer huma partida a bater as eſtradas, foy viſta de Olivença. O Sargento mór Luiz Pinto de Matos, que governava a Praça, enganado de pouca experiencia mandou ſahir dous Capitaens de Infantaria com 80 Moſqueteiros, dando-lhes ordem, que ſeguiſſem a partida: ſahiraõ elles, e os da partida, por lhes dar maior confiança, ſe foraõ retirando. Creceo aos Capitaens o calor com eſte engano, e accrécentoulhes o empenho o que pudera ſervir-lhes de avizo: porque detendo ſe, era certa a emboscada, e retirando ſe, impoſſivel alcançaõ-llos Tanto que os da partida os viraõ diſtantes da Praça, voltaraõ a carregallos, e ao meſmo tempo ſahiraõ os da emboscada, que eſtavaõ nas coſtas do ſítio de Caſtello Velho, pouco diſtante de Olivença: avançaõ todos aos Infantes, os quaes vendo ſe perdidos, voltaõ alguns as coſtas, outros querendo ſe valer do reparo de hũa tapada, a ntes



antes de o conseguirem foraõ degollados. Foy a perda menor no effeito, que no estrondo: porẽm como era a primeira, teve desculpa o sentimento, que houve em toda a Provincia. Mathias de Albuquerque, não querendo dar lugar a que o receio se apoderasse dos animos dos moradores de Olivença, de que podiaõ seguirse effeitos muito prejudiciaes, tanto que lhe chegou a noticia deste successo, marchou caminho de Olivença com 400 Infantes, e 40 Cavallos: chegou a Guadiana tão perto da noite, que alojou junto do rio, onde aguardou o dia com as armas na mão, constando-lhe, que as Tropas dos Castelhanos estavam da outra parte do rio. Sahio o Sol, e passada a ponte marchou formado, e chegou sem opposição a Olivença, não querendo os Castelhanos embaraçar-lhe a jornada; o que, a serem mais destros, com 400 Cavallos püderam fazer facilmente. Foy esta resolução de grande effeito; porque os moradores de Olivença estavam muito confusos com o successo passado, e os Castelhanos determinavam valerse do seu sobressalto, interprendendo a Praça a noite seguinte. Desvaneceu-se o intento, vendo marchar Mathias de Albuquerque com o foccorro. Deteve-se elle dous dias em Olivença, e deixando na Praça 150 Infantes, com os 250, e 40 Cavallos se poz em marcha. Aguardava-o o inimigo com mil Infantes, e 400 Cavallos: reconheceo, que a nossa gente marchava formada, e tão devagar, que mostrava pouco receio; o que bastou para se não resolverem os Castelhanos a pelejar, deixando chegar a Mathias de Albuquerque á ponte de Olivença, onde ficou livre do perigo, que o ameaçava. Este, e outros semelhantes erros dos Castelhanos exercitados muitas vezes no principio da guerra em utilidade nossa, conglutinarão de sorte os materiaes deste edificio da conservação de Portugal, que quando se resolverão a queffer arruinallo, experimentarão a sua defenõa impenetravel a todos os golpes; e fazendo-nos o exercicio da guerra, sem prejuizo nosso, maiores Soldados, passamos gloriosamente dentro de poucos annos dos perigos de conquistados á contingencia de conquistadores. Voltarão os Castelhanos a Olivença a buscar na pouca experien-

Anno

1641.

*Marcha Mathias de Albuquerque ao foccorro.*

*Não se atrevẽ os Castelhanos a investillo na retirada.*

Anno  
1641.

*Escaramuça  
em Olivença.*

cia daquella guarnição segunda desordem : deraõ as sentinellas avizo ao Governador da Praça, mandou elle logo sair o Capitaõ D. Manoel de Sousa com 100 Infantes, e Paulo Vieira Rijo com 15 Cavallos, sem mais causa que entender que era preciso o não mostrar receio : como se fora ley da guerra sahirem de huma Praça voluntariamente a pelejar contra muita Cavallaria poucos Infantes. Valeo-se Dom Manoel do reparo de alguns vallados, desviáraõ-se os Castelhanos dos mosquetes, e marcháraõ para a Praça. Entrou em parte dos Infantes o receio, e voltáraõ as costas : porém com os que ficáraõ sustentou D. Manoel sem perturbação o posto, ajudado dos poucos Cavallos de Paulo Vieira : retiráraõ-se os Castelhanos sem damno de ambas as partes.

De todos estes accidentes se dava conta ao Conde do Vimioso, que não havia passado de Estremoz, por lhe haver chegado noticia de Lisboa de que prevaleciaõ em sua ausencia as cavilaçoens de seos inimigos ; e como dellas podia originar-se o aggravo de ElRey lhe tirar o posto, queria esperallo em lugar mais apartado dos Castelhanos, por lhes dilatar mais tempo o gosto de saberem, que lhe não remunerava tantas finezas executadas por seu serviço. E accrecentava-se a este outro sentimento, que era recear que os mais Vassallos d'ElRey, vendo a offensa que lhe dava por satisfação, se escramentassem no seu aggravo, e faltassem com o zelo que elle desejava influir em todos á defensa da sua Patria. Veio de Elvas buscallo Mathias de Albuquerque a conferir com elle negocios importantes do governo da Provincia : communicou-lhe o Conde, que Antonio Mexia Capitaõ da Ordenança de Campo Maior, que sustentava com permittida sua correspondencia com os Castelhanos, se havia deixado cavilozamente persuadir das instancias do Marquez de Toral, e lhe havia promettido introduzir o Conde de Monte-Rey em Campo Maior por hum quintal das casas em que vivia, e que por este trato dobre podiaõ lograr as nossas Armas hum bom successo. Foy Mathias de Albuquerque de contraria opiniaõ, dizendo que era taõ inferior o nosso poder ao dos Castelhanos, a Praça

*Conferencia do  
Conde do Vimio-  
so com Mathias  
de Albuquerque*



de Campo-Maior tão mal fortificada, e elles tão acautelados, que avaliava o risco por infallivel, ainda na supposição de que se devia dar inteiro credito a Antonio Mexia: porque o trato deste genero de homens era tão desigual, e tão perigoso, que costumão enganar a ambas as partes. E por esta consideração pedindo à Rainha Isabel de Inglaterra premio hum Vassallo seu de hum grande serviço que lhe havia feito desta qualidade, ella lhe fizera mercê, e o lançára fóra do Reino, dizendo que se tornaria a valer do seu prestimo quando necessitasse de hum traidor. Ajustou-se o Conde com esta opinião de Mathias de Albuquerque, e esforçaráo por maior cautela o presidio de Campo Maior: de que se originou mudar de intento o Conde de Monte-Rey, que, conforme depois constou, para este fim havia chegado a Badajoz com 4000 Infantes, e 500 Cavallos; e vendo desvanecida a interpretação de Campo-Maior, se resolveo a atacar Olivença, persuadido de Sebastião Correa natural da mesma Villa, que se havia passado a Castella, sendo o primeiro Soldado que cegamente introduzio este desacerto, que muito poucos imitárao em todo o discurso da guerra; e naquelles a que succedeo mostrava Deos que se offendia da traição que executavao, porque ou acabavao a vida nas primeiras occasioens em que se achavao, ou ficavao nellas prisioneiros, e vinhaõ a pagar na forca o seu delicto.

Anno  
1641.

*Reforça-se Câ-  
po-Maior: des-  
vaneca-se a in-  
terpreta.*

Resoluto o Conde de Monte-Rey a atacar Olivença esperando conseguir, escalando-a, ganhalla a pouco custo, na supposição de achar os baluartes sem defensão, e a Guarnição sem disciplina; juntou em Badajoz 8000 Infantes, 2000 Cavallos com todas as prevenções necessarias: tirou das Tropas primeiro 400 Cavallos, os quaes mandou correr a Campanha de Elvas, com ordem de atacarem qualquer soccorro que passasse para Olivença; e de impedirem que as sentinellas da Ronda occupassem os postos, donde descobrissem a marcha que determinava fazer. Marcharaõ os 400 Cavallos, e depois de executarem a ordem que traziaõ de encobrir a marcha, rebanháraõ o gado que acháraõ na Campanha,

*Disposições dos  
Castelhanos pa-  
ra atacar Oli-  
vença.*

Anno  
1641.

*Porem fogo ás se-  
menteiras.*

*Sabe D. João  
da Costa Gover-  
nador de Elvas.*

*Plantado arti-  
lheria.*

## 230 PORTUGAL RESTAURADO,

e puzeraõ fogo ás sementeiras, que estavaõ maduras; não valendo com o Conde de Monte-Rey oppor-se a esta ordem, que havia dado, o Cabido de Badajoz, obrigado ou do zelo Catholico, que não dispensa esta fórma de guerra, ou do temor de padecerem igual destruição os fructos, que produziaõ as suas Campanhas. Dom João da Costa era Governador de Elvas, dando-lhe El-Rey esta occupação por haver D. João de Ataide aceitado o posto de Commissario Geral da Cavallaria; vendo D. João da Costa rebanhar o gado, e arder as searas, mandou sair Infantaria até as ultimas tapadas dos Olivaes, para a parte do Guadiana; occuparaõ-as antes que os Castelhanos entrassem nelles, deraõ algũas cargas, que empregaraõ, desviaraõ-se dellas, e continuaraõ o incendio até a tarde, que se retiraraõ a incorporar no Exercito, que ja havia marchado com mil Cavallos de vanguarda, a que se seguiaõ duas linhas de Infantaria; a esta as bagagens, com hum Terço de guarda, fazendo a retaguarda 500 Cavallos, a que se uniraõ os 400, que foraõ a Elvas. Avistou o Exercito Olivença, onde ja o esperava Francisco de Mello Governador daquella Praça, informado de cinco Irlandezes, que se haviaõ passado a ella: logo que lhe chegou esta noticia, repartio os Soldados, e Paizanos pelos lugares mais convenientes, e havendo chegado D. Rodrigo de Castro com a sua Companhia de Cavallos de Comboy a algũas munições, a desmontou, e se unio a D. Manoel de Souza no Baluarte de S. Pedro, como se não fora mais util acodir montado donde fosse maior o perigo, sendo capazes as ruas de Olivença de se manejar nelas hum grande trossõ de Cavallaria. Com duas horas de Sol chegou todo o Exercito sobre Olivença: alojou entre os Olivaes, que naquelle tempo a rodeavaõ, no sitio das Perrarias vizinho da Praça pela parte onde a defenſa era menor, por ter ainda hum lanço de trincheira por acabar. Plantaraõ os Castelhanos logo duas peças de artilharia, as quaes fizeraõ jogar com pouco damno dos defensores: estavaõ elles dispostos á defenſa, esperando que o valor supprisse a falta da sciencia militar; de que Francisco de Mello por estudo tinha muita noticia: fez jogar



Jogar cõtra o Exercito a pouca artilharia, que havia na Praça, porém o damno foy tão consideravel, que depressa se arrependeraõ os Castelhanos do intento; resolveraõ-se elles a atacar hum posto exterior, sahiraõ algũas mangas de Mosqueteiros da Praça, que por tres vezes os rechaçaraõ. Vendo o Conde de Monte-Rey maior opposição da que suppunha, persuadido das faltas promessas de Sebastiaõ Correa, se resolveo a retirar-se, custando-lhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia.

Teve o Conde do Vimioso avizo do bom successo de Olivença, e para que o não celebrasse com o gosto, que pedia a primeira victoria, lhe chegou ordem d'El-Rey para que deixando o Exercito entregue a Mathias de Albuquerque, passasse á Corte, por importar assim a seu serviço. Entendeo-se que Mathias de Albuquerque fora hum dos que fulminára a ruina do Conde, condemnando o seu descuido, dizendo, que eraõ necessarios melhores fundamentos para huma guerra, na qual a bizonharia dos Soldados se havia de supprir com a prudencia, e destreza do General: discurso que, se foy certo, depressa experimentou Mathias de Albuquerque maior revez, que este golpe: porque partido o Conde do Vimioso, passados poucos dias do seu governo, sem haver nelles acção militar digna de memoria, o prenderaõ pelas causas que adiante referiremos, e nomeou ElRey por Governador das Armas a Martim Affonso de Mello. Assistia em Castelaes, governo que lhe entregáraõ logo que ElRey se acclamou: haviaõ lhe offerecido o Brasil que não quiz aceitar, habilitou-o para esta occupação a assistencia de alguns annos da India. Era dotado de valor, e limpeza de mãos, onde a chiromancia do Povo costuma descobrir, e ajuizar os affectos do animo, discurso acreditado em Martim Affonso, que mereceo por esta virtude grande applauso, e grandes lugares: pretendeo patente de Capitão General do Reino, como a que havia tido o Conde do Vimioso: respondeo-se-lhe que, passando ElRey o Conde a outro emprego, se attenderia ao seu requerimento: e não tendo o Conde do Vimioso em sua vida

Anno  
1641.

*Retirã-se com  
perda.*

*Tem o Conde  
ordem d'ElRey  
para voltar à  
Corte, e Gover.  
na Mathias de  
Albuquerque.*

*Succedeo-lhe  
Martim Affonso  
de Mello.*

*Vimioso, Albuquerque, Martim Affonso*

Anno  
1641.

outra occupação, se não deo patente de Capitão General a outro Vassallo; reservando-lhe a authoridade, e preeminencia deste grande titulo para o Principe D. Theodosio. Com esta promessa, e patente de Governador das Armas passou a Alemtejo Martim Affonso de Mello, e encontrou em Arrayolos hum correio que D. João da Costa havia despachado a ElRey, dando-lhe conta de hum felice successo conseguido nos breves dias que governou aquella Provincia, depois de partido della Mathias de Albuquerque.

Foy o caso, que andando D. João em Elvas dando ordem a adiantar as Fortificaçoens, util exercicio a que foy sempre fummamente applicado, lhe chegou avizo de Santa Olaia, Aldea duas leguas de Elvas no caminho de Arronches, que os Castelhanos haviaõ feito huma grossa preza, e que marchavaõ com ella na volta de Guadiana, caminhando pouco distantes de Elvas, a qual deixavaõ á mão direita. Eraõ estas Tropas 400 Cavallos, que o Conde de Monte-Rey havia mandado a esta facção, depois de se retirar de Olivença: executáraõ-a sem controversia, e não perdoando a extorção alguma passáraõ os Castelhanos de cruéis a sacrilegos, profanando os Altares, e despindo as imagens das Ermidas do Campo. D. João da Costa tanto que recebeo o avizo, fez sair da Praça seis Companhias de Infantaria com 300 Soldados, de que era Cabo o Sargento mór Antonio Gallo, e noventa Cavallos divididos em duas Companhias que governava Gaspar de Siqueira. Era a ordem que levavaõ, que marchassem até o fim dos Oliveas para a parte das Meimoas, valendo-lhe das tapadas, e sitios accõmodados para a Infantaria offender a Cavallaria sem poder ser contrastada; e que observando a disposição dos Castelhanos, uzassem dos meios que lhes offerecesse a fortuna: que as duas Tropas se não desunissem da Infantaria guarnecidas de duas mangas de Mosqueteiros. As ordens bem distribuidas saõ a segurança das emprezas: assim influio esta nos animos dos Soldados firme confiança do bom successo. Chegáraõ ao monte do Perdigaõ, deraõ vista dos Castelhanos, e resolveraõ-se a pelejar. Formaraõ-se sem alterar a ordem que levavaõ,

Excessos dos  
Castelhanos.

Faz sair Dom  
João da Costa  
as Tropas de Elvas.



vavaõ, e marcharaõ para o inimigo, que caminhava com intento de paſſar a preza no rio Caia, que naquella Companhia entra em Guadiana com crecida corrente. Os Castelhanos advertidos do Commiſſario geral, que mandava as Tropas, de que não era para desprezar a reſolução dos Portuguezes, largando a roupa que traziaõ nas garupas aguardar:õ formados a reſolução dos que os buscavaõ. Tanto que a noſſa gente chegou, diſparáraõ os Castelhanos as carabinas, e acertou huma bala no Capitaõ Gaspar de Siqueira, de que cahio morto, merecendo as ſuas partes por muitos titulos mais dilatada vida. Foy de maior effeito a carga que os Castelhanos receberam da noſſa Infantaria: porque matando-lhe, e ferindo alguns da vanguarda das Tropas, ſe diminuiõ o ardor de todos. Reconhecendo os embaraços a noſſa pouca Cavallaria, os atacou na deſordem, e lhes accrecentou a confuſaõ; e uzando as duas Tropas de toda a deſtreza, depois de darem a carga voltáraõ a formar ſe na retaguarda da Infantaria, e tornáraõ com grande preſteza a occupar os ſeos poſtos. Ajudados das cargas que a Infantaria multiplicava, inveſtiraõ ſegunda vez aos Castelhanos com taõ bom ſucceſſo, que os obrigáraõ a voltar as coſtas, deixando alguns mortos, vinte priſioneiros, e levando outros feridos. Sinalou ſe neſta occaſiaõ André de Albuquerque, Antonio de Saldanha, João de Seixas, Capitaens de Infantaria, e D. Diogo de Menezes, que foy por Soldado da Tropa de Gaspar de Siqueira, e manifeſtou na primeira occaſiaõ galhardamente o ſeu valor. D. João da Coſta ſahio da Praça a dar calor á empreza, e achando a conſeguida agradeceo ao Sargento mór Antonio Gallo, e aos mais Officiaes o valor, e diſpoſiçaõ com que haviaõ pelejado, animando os com os louvores a maiores emprezas. Os Castelhanos largaraõ a preza que levavaõ, ſalvando ſó della algum gado, que marchou com hũa partida algũas horas primeiro que as Tropas.

Em quanto ſuccedeo o que fica referido, não ſe atacavaõ nas outras Praças fronteiras de Caſtella com menos calor as primeiras eſcaramuças. Aſſiſtia em Béja formando o ſeu Terço D. Francisco de Souſa: chegou-lhe avizo que em Moura, para onde o Terço eſtava deſtinado,

entre-

Anno

1641

*Atacaõ os Castelhanos.  
Morre Gaspar de Siqueira.*

*Retiraõ ſe os Castelhanos deſbaratados.*

*Sahio D. João da Coſta, agradece aos Cabos o bom ſucceſſo.*

*Paſſa a Moura D. Francisco de Souſa.*

## 234 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Arraza-se Bar-  
rancos pela in-  
felicidade dos  
seus moradores*

*Escaramuça no  
Lugar Amare-  
leja.*

entregando-lhe ElRey juntamente o Governo da Praça; havia nos animos dos moradores algum movimento, com indicios de pouca constancia na defenſa da Praça: paſſou-se logo a ella, querendo atalhar que se não levantasse grande incendio o que até aquelle tempo era pequena faísca. Chegando a Moura averiguou que os moradores de Barrancos haviaõ sido os mais culpados naquella alteração. Deo D. Francisco logo conta a ElRey deste successo, e havendo-lhe chegado outras noticias de maiores insultos destes Paizanos, a que chamavaõ Genizaros os de Alemtejo, por haverem partido até o idioma Portuguez com a lingua Castelhana; ordenou ElRey a D. Francisco de Sousa, que para castigo deste, e terror dos mais Lugares, arrazasse logo Barrancos. Era este Lugar dos Condes de Linhares, ficava na Raya de Castella defronte de Enzina Sola; e além das razoes referidas estava tão empenhado dentro de Castella, e era tão difficil, e pouco util conservallo, que sem a culpa dos moradores fora justo destruillo. Marchou Dom Francisco a executar a ordem d'ElRey, observando o segredo por não fazer rebeldes os que eraõ só mãos Vassallos; exemplo que pudera ser naquelle tempo de grande prejuizo chegou a Barrancos, mandou sahir do Lugar todos os moradores, e depois de tirarem o fato lhe puzeraõ os Soldados o fogo. Recolheo-se D. Francisco a Moura sem embaraço dos Castelhanos, e voltou a Beja a acabar de formar o seu Terço. No dia seguinte ao que partio de Moura entraraõ os Castelhanos com 300 Cavallos até o Lugar da Amareleja, levarãõ grande preza; sahio a buscallos o Sargento mór Francisco de Abreu de Lima, que Luiz da Silva Alcaide mór de Moura havia mandado de soccorro a Amareleja com 200 Infantes, e retirando-se os Castelhanos sem quererem pelejar, entrou o receio nos nossos Soldados, e fugiraõ antes de terem occasiaõ que os obrigaſſe. Os Castelhanos vendo a desordem se valeraõ della, atacaraõ com furia, e não acharaõ mais resistencia, que a de 80 Infantes, que se recolheraõ a huma tapada; de cujas cargas recebendo algum damno se retiraraõ, por se não resolverem a investillos. O Sargento mór a quem se



se attribuiu a desordem dos Soldados, foy prezo, e depois desterrado com nota de infamia em seu asento, sendo digno de grande louvor o zelo com que dispunha a nossa defenſa os primeiros authores da nossa liberdade. Applaudiaſe em Elvas os que valeroſamente procediaſo, caſtigavaſe em Moura os que vilmente voltavaſo as coſtas ao perigo, guardando a vida para o diſcredito; por que ſó de ſe fazer diſtincção de homens a homens, e de procedimentos a procedimentos ſe colhe o fructo ſazonado, que alimenta, e dilata as Monarquias. Os Caſtelhanos voltaraſo ſegunda vez a Amareleja, que entraraſo, e ſaquearaſo ſem reſiſtencia. Chegando a Béja eſte avizo a D. Francisco de Souza, recebeo outro para prevenir a gente que havia levantado, ordenando ſe lhe que marchaffe com ella em ſoccorro de Olivença, por ſe ter avizo de algumas intelligencias, que ſe conſervavaſo em Caſtella, que os Caſtelhanos voltavaſo ſobre aquella Praça; porém como neſtas noticias não ha certeza, mudaraſo de opiniaſo, e publicou ſe, que o inimigo queria interpretar Moura; acodio ſem dilação D. Francisco á ſua Praça, achou nella os moradores muito deſalentados; animou-os a defenſa, e dentro de poucos dias ſe deſvaneeo eſta preſumpção.

Continuavaſo os Caſtelhanos as entradas, e pareceo neceſſario divertir ſe com a vingança a oppreſſão dos Povos. Diſtava Valença de Bomboy huma legoa de Amareleja, e era a Villa como mais vizinha dos noſſos Lugares, de que elles recebiaſo maior damno; tinha ſeis Companhias de guarnição, e alojavaſe nella cinco Companhias de Cavallos. Informado deſte preſidio, e da pouca defenſa das trincheiras da Villa ſe reſolveo Francisco de Mendoça Alcaide mór de Mouraſo, cinco legoas diſtante de Moura para a parte de Olivença, a tratar com D. Francisco de Souza a interpretação deſta Villa: reconheceo D. Francisco a difficuldade deſte intento conſiderando que, unida a gente de Moura com a de Mouraſo, eraſo pouco mais de mil os mal diſciplinados Infantes, e ſó quarenta os pouco deſtros Cavallos; porém lembrado de que os Portuguezes ſempre com pouco poder conſeguiraſo

gras:

Anno

1641.

*He ſaqueado  
dos Caſtelhanos*

## 236 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Ataque de Va-  
lença de Bôboy.*

*He ganhada pe-  
los Portuguezes*

grandes acçoens, se resolveo a seguir a opiniaõ de Francisco de Mendoça. Concertou com elle juntarem-se na Amareleja, que ficava a ambos em igual distancia, e que lançassem voz de que se uniaõ para comboiar o trigo, que aquelles moradores colhiaõ das suas searas. Uniraõ-se os dous na Amareleja com o poder referido, e marcháraõ para Valença quando cerrou a noite: chegáraõ a avistalla depois de romper o dia seguinte: sendo reconhecidos dos Castelhanos, formáraõ as Tropas fóra da Villa, e entre ellas algumas mangas de Mosqueteiros, e guarneceráõ as trincheiras com a Infantaria que lhe sobrava, e com a gente da terra. Fez esta boa disposiçaõ mais airoso o nollo ataque, porque desprezando a Infantaria o perigo, foy em muito boa fórma com repetidas cargas ganhando os postos. Largaraõ-lhos sem grande resistencia as Tropas, e dando os dous Cabos valeroso exemplo, avancáraõ por todas as partes a Villa; fugiraõ as Tropas, e desamparou a Infantaria a trincheira: entraraõ a os nossos Soldados, e padeceo a Villa miseravel estrago: foraõ muitos os despojos, resguardando-se religiosamente os lugares Sagrados. Salvaraõ-se as Tropas dos Castelhanos em Oliva, que ficava pouco distante, os Infantes padeceirão o maior damno. Retirou-se D. Francisco de Sousa, e Francisco de Mendoça, trazendo os Soldados contentes com o despojo, e deixando os Povos satisfeitos com a vingança, como se o prejuizo alheio fora remedio da miseria propria.

As fronteiras de Castello de Vide, e Marvão experimentaraõ neste principio algumas hostilidades da Guarniçaõ de Valença. Governava Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas Mestre de Campo de hum Terço

*D. Nuno Mascarenhas Governador de Castello de Vide corre a Campanha de Valença de Alcantara. Chega a Estremoz Martim Affonso de Mello.*

que guarnecia aquella, e as mais Praças vizinhas. Tomou satisfacaõ da offensa dos Castelhanos juntando 400 Infantes, com os quaes destruiu toda a Campanha de Valença chegando até as portas da Villa, sendo facil correr aquelle districto sem Cavallaria pela grande aspereza, e passos difficultosos de todo elle: recolheo-se Dom Nuno sem embaraço dos Castelhanos. Neste tempo chegou Estremoz Martim Affonso de Mello, e tomando promptamente



tamente informação do estado da Provincia, e codio a todas as Praças, se não com tudo o que era necessario a cada huma, proporcionando-as a todas conforme a importancia dellas, e ao que os poucos cabedaes daquelle tempo dispunha. Obrigou aos moradores de Estremoz a fortificar a Villa na forma, que as mais da Provincia o haviam executado: levantárao huma grossa trrincheira de terra, e faxina com banquetta, e parapeito, defensiva bastante para deter o impulso da Cavallaria do inimigo: muitos annos se sustentou desta sorte, depois ensinou a experiencia, que Estremoz era o coração de Alemtejo, e consequentemente de todo o Reino, e se fabricou nesta Villa a grande Fortificação, que hoje a rodea, merecendo com ella o nome de huma das melhores Praças de toda Europa. Creceo a trincheira, que Martim Affonso de Mello mandava levantar, com hum rebate falso, que se deo de noite, de que se originou tão grande confusão, por se não haverem finalado aos moradores os postos, a que haviaõ de acudir, que, a ser verdadeiro, pouco numero de Castelhanos bastára para entrar a Villa sem opposição. Acautelados com a experiencia se dispozeraõ os moradores com melhor forma, e por todas as partes de Alemtejo era necessaria grande vigilancia: porque os Castelhanos não prevenindo que os corações valerosos se endurecem de todo tratados com crueldade, julgáraõ pela mais acertada politica não perdoar a extorção alguma. Mostrou-lhes depois a experiencia, no sangue, que tantas vezes, e em tanta copia derramáraõ, que fora melhor, para o conservar nas proprias veias, uzar da fleima, que irritar a colera. Com algũas Tropas, e poucos Infantes entráraõ facilmente as Aldeias Talega, e Olor distantes menos de hũa legoa de Oliverça. Tiveraõ os moradores avizo a tempo que puderaõ retirar se a Oliverça, perdéraõ a pouca roupa com que pobiemente se reparavaõ, victoria de que os Castelhanos nas gazetas fizeraõ ridicula ostentação. Retiraraõ se deixando queimadas as Aldeias, e nas Igrejas dellas se crilegos testemunhos da sua irreverencia. Os moradores das Aldeias se dispuzeraõ a satisfazer o aggravo, e a recuperar a perda: hum, e cu-

Anno  
1641.

Fortifica-se a Villa.

Queimaõ os Castelhanos Talega, e Olor.

tio

238 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

O Duque de Fe-  
ria, e o Mar-  
quez de Castro  
Forte intentão  
Mouraõ.

Retirado-se.

tro effeito conseguiraõ em muitas entradas, que fizeram em varias partes de Castella:

Neste tempo estimulado o Duque de Feria, e o Marquez de Villa-Nova, que assistiaõ nos seus lugares, da perda de Valença, quizerão restaurar, se não a Praça, a reputação; juntou-se-lhes o Marquez de Castro Forte, e chegando-lhes alguma gente de Badajoz, formaraõ hum Corpo de 1600 Cavallos, e dous mil Infantes, e amanheceraõ a fete de Agosto sobre Mouraõ. Foraõ sentidos pouco espaço antes de atacarem, e por este respeito não tiveraõ os descuidados moradores mais tempo, que o de se recolherem do arrabalde á fraca trincheira da Villa, guarnecêrão-a, e acodindo valerosamente Francisco de Mendoça, acháraõ os Castelhanos gaharda opposição onde consideravaõ debil resistencia; porquê passando o arrabalde, que ganháraõ, e investindo a trincheira, foraõ taõ repetidas, e com taõ felice emprego as cargas, que della se deraõ, que os Castelhanos se retiráraõ sem poder conseguir a empreza; determinação, que os da Praça celebráraõ disparando quatro vezes com grande effeito hum só peça de artilharia, que tinhaõ sem mais balas. Saquearaõ o arrabalde, e retiraraõ-se com grande perda. Antes de chegarem a Gerumenha, por onde fize-raõ a marcha, encontráraõ Francisco Rebello de Almada Commissario Geral da Cavallaria, que por ordem de Martin Affonso de Mello vinha de Estremoz a soccorrer Mouraõ com 200 Cavallos, e 400 Infantes: tanto que descobrio as Tropas inimigas, ganhou com tempo os Oli-vaes de Gerumenha, ficando-lhe a Praça nas costas, e encobrimdo-lhe a Infantaria o que bustava para não ser vista mais que a vanguarda, que prolongou: fez appa-rencia de tanto poder, que os Castelhanos não quizerão tentar a fortuna, e unindo-se D. Rodrigo de Castro com a sua Companhia a Francisco Rebello á vista do inimigo, lhe tirou de todo a resolução de pelejar: durou a escaramuça muitas horas, á tarde recolheraõ os Castelhanos os batedores, e se retiraraõ para Badajoz. O Commissario Geral meteo as munições, que levava; em Mouraõ, e voltou-se para Elvas, onde ja estava o Governador das

Ar-



Armas: os de Mourão recompentáráo de ressa o damno, que recebêráo no arrabalde, com grossas prezas, que fizeram em Castella.

Martim Affonso de Mello deixando Estremoz com as prevençoens referidas, passou a Elvas, onde foy recebido dos moradores com grande alegria, por ser natural, e Alcaide mor de Elvas. Logo que entrou nesta

Praça, o informou D. João da Costa do estado da Provincia, na qual, disse, que se achavao tres mil Infantes pagos, e 400 Cavallos; que as Praças com a terra, e faxina, que se havia levantado nellas, estavao defendidas dos assaltos, e não dos sitios; que a artilharia era muito pou-

ca, e as muniçoens menos; e que o damno, que os lavradores haviaõ recebido era muito grande, porque os Soldados Infantes difficulosamente defendiaõ mais que as Praças; e que a Cavallaria era tão pouca, que não bastava para a segurança dos gados; que a Infantaria paga estava dividida pelas Praças principaes; que as outras se guardava com os seus mesmos moradores; procedimento de que se devia esperar muito, e fiar pouco: porque ainda que as valerosas açoens, que haviaõ executado, seguravaõ as esperanças de não prevaricar a sua fidelidade, a experiencia em todas as partes do mundo mostrava, que nos grandes conflictos se apaga va facilmente o ardor dos Paizanos sem a uniaõ da Infantaria paga; e que o poder referido era muito inferior ás forças, que os Castellhanos juntavaõ; e que assim era preciso considerar muito nos meios de engrassar as Tropas, e de bastecer, e municionar as Praças. Que o Conde de Monte Rey era General do Exercito de Castella, e de Merida havia passado a Badajoz, onde assistia; que era seu Mestre de Campo General D. João de Garay, Soldado de grande experiencia, e reputaçãõ; que a Cavallaria governava D. André Pacheco, e que para General da Artilharia estava nomeado D. Luiz de Alencastre, tio do Duque de Aveiro; que os mais postos, e governos das Praças occupavaõ grandes Senhores, e Soldados de estimaçãõ, e que os confidentes, que havia em Castella, seguravaõ que eraõ dou-

Anno

1641

*Entra em Elvas  
Martim Affonso  
de Mello.*

*Informa o Dom  
João da Costa  
do estado da  
Provincia.*

de

## 240 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

de outras Tropas, que chamavaõ Milicianas, que tinha sete mil Infantes pagos, e oito mil quintados, que eraõ como as nossas Ordenanças; trinta peças de artilharia montadas, seis grossas, as mais de Campanha, quatro morteiros, petardos, e todos os instrumentos de expugnação; que estavaõ as carruagens promptas, e ajustado assento para vinte, e cinco mil reçoens; que este Exercito era taõ numeroso, que se devia applicar igual cuidado a todas as Praças: porẽm que a de Olivença pedia maior attenção assim por haver sido infructuoso empenho do Conde de Monte-Rey, que seguindo a ordem dos affectos humanos, havia de preferir para a conquista a Praça de que recebera a maior offensa, como por ser a Guarnição de Olivença continua oppressão de muitos lugares de Castella, e freio das entradas em Portugal. A estas advertencias ajuntou Dom Joaõ da Costa todas as mais que lhe pareceraõ uteis, e com esta direcção deo Martim Affonso de Mello principio ao seu governo. Ellegeio Elvas para assistir nella continuamente (exemplo que acertadamente seguirãõ muitos annos os Governadores das Armas que lhe succederaõ.) Os moradores de Elvas desejavaõ colher algumas pavezas de trigo, a que havia perdoado o incendio dos Castelhanos, e as uvas das vinhas das Caldeiras: receosos do perigo propuzeraõ a Martim Affonso o seu intento, favorecidos da cõmiseração. Mandou juntar toda a carruagem possivel comboiada de mil Infantes, e 400 Cavallos, sahiraõ de Elvas ao amanhecer, brevemente chegou o avizo a Badajoz; donde acodio a Cavallaria, e Infantaria a Telenã, e sem mais que receio de huma, e outra parte, colhidos os fructos da Campanha, se retirãraõ as Tropas de ambas. Os Castelhanos naõ estavaõ ociosos, davaõ continua oppressão em todas as fronteiras: correrãõ Campo-Maior com pouco fructo, passãraõ a Arronches, fizeraõ grande preza: a desesperação dos moradores os obrigou a seguillos, achãraõ em alguns passos estreitos lugar de tentar a fortuna; investiraõ com poucas eguas, e algumas espingardas tres Tropas que levavaõ a preza, cahio das primeiras balas morto o Capitão de Cavallos Cabo das Tropas, largá-

*Correm os Castelhanos a Campanha de Campo-Maior, e Arronches.*



PARTE I. LIVRO IV. 241

argáraõ os mais a preza, e ficáraõ com ella os de Arron-  
ches satisfeitos, e vingados. Em Castello de Vide não  
era menor a oppressão: alguns Cavallos que assistiaõ na  
Villa de Ferreira molestavaõ mais continuamente aquel-  
le districto. Retolveo-se D. Nuno Mascarenhas a procu-  
rar algum remedio, juntou 600 Infantes pagos, e da  
Ordenança, marchou para Ferreira, onde havia 400 fo-  
gos, chegou sem ser sentido, entrou facilmente: sa-  
queou a Villa, e queimou-a. Recolheraõ-se os moradores  
a hum Castello que tinhaõ antigo, e forte, e D. Nuno  
se retirou com os Soldados satisfeitos do despojo. Nestas  
entradas de pouca consideração se passava o tempo sem  
se verem no Exercito de Castella os effeitos que promet-  
tia. Quiz adiantar os seus progressos o Mestre de Campo  
General D. Joaõ de Garay, e intentou ganhar Elvas, per-  
suadido de hum Frade, que de Elvas passou para Badajoz,  
e segurou a D. Joaõ, que nesta Praça havia duas parciali-  
dades, huma que seguia a voz d'El Rey de Castella, ou-  
tra d'El Rey de Portugal: que a Castelhana lhe mandava  
pedir soccorro, e que no primeiro rebate que houvesse  
estariaõ promptos para que sahindo a elle os Cabos, e Sol-  
dados de Guarnição, como costumavaõ, ficando senho-  
res da Cidade occupassem as portas della, que promet-  
tiaõ conservar até serem soccorridos; o que seria fácil  
não podendo tornar-lhe a ganhar as portas a Guarnição,  
por ser pouca, bizonha, e mal armada. Ainda que Dom  
Joaõ de Garay não deo inteiro credito a esta proposta, não  
lhe pareceo que se desprezasse: ordenou a hum Official  
pratico de hum dos Terços Waloens, que com quatro  
Soldados de confiança se passasse a Elvas, e que depois de  
introduzidos examinassem o fundamento com que o Fra-  
de facilitava a empreza, e o poder que tinha a parcialida-  
de, que elle chamava d'El Rey de Castella; e que com a  
noticia do que achassem voltasse a Badajoz, ou mandasse  
hum dos Soldados. Partio este Official logo que recebeu a  
ordem, entrou em Elvas; e mandando examinar Martin  
Affonso assim a elle como a seus companheiros, achando  
que se encontravaõ nas confissões, os remetteo a Lisboa:  
o mesmo successo tiveraõ cinco Soldados de Cavallo, que

Q

Anno

1641.

D. Nuno Mascarenhas sa-  
quea Ferreira

Proposta de hum  
Frade a D. Joaõ  
de Garay.

com

Anno  
1641.

*Intenta Elvas  
o Conde de M<sup>te</sup>  
Rey.*

*Sabe Martim  
Affonso, adian-  
ta-se D. João  
da Costa com  
as Tropas.*

*Recontro da  
Terrinha.*

*Degolão as Tro-  
pas Portugue-  
zas com Dra-  
goens.*

com a mesma ordem passaraõ a Olivença. Vendo D. João de Garay que não podia conseguir mais distincta noticia que a primeira, que o frade referira, que persuadido do pouco, que se arriscava, havendo de exceder muito o poder, que levasse, ao que havia de achar em Elvas, aconselhou ao Conde de Monte-Rey, que tentasse esta empreza. Julgou o Conde conveniente seguir este parecer: juntou tres mil Infantes, e 1500 Cavallos. Passou Caia, e fez alto nas vinhas de Terrinha, sitio, que forçosamente descobriaõ as sentinellas da nossa Ronda: chegaraõ ellas depois de sahido o Sol, carregou-as huma Tropa dos inimigos até dentro dos Oliveas. Com a noticia do rebate mandou Martim Affonso montar as Tropas, em que já havia 500 Cavallos, pelas haver remontado Martim Affonso, e estarem nesta occasiã quasi todas em Elvas, e sahir dos Terços mil Infantes. Conduzio esta gente Dom João da Costa, e Martim Affonso; que estava sangrado tres vezes, se levantou da cama, e sahio ao outeiro de Santa Luzia, donde divisava toda a Campanha. Marchou D. João da Costa, e sahindo fóra dos Oliveas fez alto de traz de huma colina, onde as Tropas ficavaõ cobertas da Campanha: mandou occupar as sentinellas necessarias, e descobrir a Campanha por 25 Cavallos, a que dava calor D. Rodrigo de Castro com a sua Tropa. Deo vista a Esquadra a tres Tropas Castelhanas, que eraõ as que haviaõ corrido as sentinellas: procurou detellas, ao que se deixaraõ persuadir facilmente, intentando que a Tropa de D. Rodrigo se empenhasse de sorte que se perdesse sem remedio. Entendeo Dom João da Costa a determinação dos Castelhanos, e mandou retirar D. Rodrigo de Castro: obedeceo elle, recolhendo os batedores com boa ordem. Desenganados os Castelhanos de que não podiaõ empenhallo, o carregaraõ as tres Companhias: havia D. João da Costa avançado com as nossas Tropas ao alto da colina; guarnecendo-lhe os flancos com algumas mangas de Mosqueteiros: empenharaõ-se os Castelhanos de sorte, que se acháraõ entre as nossas Tropas, que os recebêraõ com huma carga felicemente empregada. Era huma das Companhias dos Castelhanos de Dragoens, os quaes desmontando-se



tando-se como costumavaõ, para dar a carga com os mosquetes que traziaõ, os carregaraõ as nossas Tropas taõ va-  
lerosa, e ligeiramente, que degolláraõ 100 Castelhanos,  
antes que os da emboscada os pudessem soccorrer, o que  
com toda a diligencia procurou o Conde de Monte'Rey,  
e D. João de Garay; descobrindo a Atalaya ( que se ha-  
via levantado no monte da Terrinha, e estava guarneci-  
da ) aos Castelhanos que estavaõ emboscados, tocou á ar-  
ma, e reconhecendo a causa D. João da Costa, retirou os  
Soldados com grande trabalho, porque se haviaõ empre-  
gado em despir os Castelhanos mortos; mas reduzindo-os  
à primeira fórma, occupou a entrada dos Oliuaes antes  
que o inimigo chegasse a elles, e metendo a Infantaria  
em duas tapadas, que de huma, e outra parte franquea-  
vaõ a estrada, receberam as Tropas, que vinhaõ avança-  
das huma carga com tanto effeito, que cahiraõ mortos  
muitos Soldados dellas. Fizeraõ alto, e atacou-se entre  
as Tropas huma escaramuça, que sustentou com valor D.  
Rodrigo de Castro, e não querendo empenhar a Infanta-  
ria, de que pudera resultar-lhe melhor successo, se reti-  
raraõ com a perda referida, e foy o castigo do frade o de-  
saffogo do damno, que lhes occasionou: teve em Badajoz  
larga, e estreita prizaõ, depois o remetteraõ a Madrid.  
Recolheo-se a nossa gente a Elvas, e logrou Dom João  
da Costa o merecido applauso do bom successo que dis-  
puzera, e conseguira, ajudado do valor dos que o acom-  
panháraõ. Antes deste successo havia logrado em Porta-  
legre Dom Luiz de Portugal outro muito felice. Passou  
aquella Cidade por ordem do Governador das Armas a  
examinar a culpa de alguns moradores, dos quaes havia  
noticia que davaõ avizos aos Castelhanos, e que determi-  
navaõ introduzillos na Cidade. Levou Dom Luiz com si  
quatro Companhias de Infantaria do seu Terço, e hu-  
ma de Cavallos: entrou em Portalegre com o pretexto  
de acudir ás Fortificaçoens, examinou secretamente as  
culpas, e os delinquentes, e castigando alguns que o me-  
reciaõ se socegarão todos. Durando esta diligencia en-  
trou o inimigo pela serra de Marvão, e queimou as Al-  
deas de Pitaranha, e Galego; teve Dom Luiz avizo,

Anno

1641.

*Retiraõ-se os  
Castelhanos com  
perda.*

*Socega D. Luiz  
de Portugal Por-  
talegre, e té bom  
successo contra os  
Castelhanos.*

## 244 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

marchou sem dilação com a gente que havia levado de Elvas, e alguns moradores da Cidade. Hia-se retirando os Castelhanos: seguiu-os D. Luiz, e na sua retaguarda queimou o lugar do Pico, e com huma grande preza se veio retirando. Voltárao os Castelhanos, fez alto Dom Luiz, e mandando por alguns Mosqueteiros occupar os lados da estrada, estreita naquella asperissimo sitio, onde a Infantaria he superior á Cavallaria, receberam os Castelhanos huma carga; carregou-os a Tropa que era de Dom Fernando Telles governada pelo seu Tenente Martin Domingues Banha, tomou-lhes alguns Cavallos, e ficárao mortos 30 Infantes. Retirou-se Dom Luiz com a preza, e por ordem do Governador das Armas voltou a Elvas, ficando por Capitaõ mór de Portalegre Manoel Godinho de Castello Branco.

Os intentos do Conde de Monte-Rey, além de serem pouco felices, erao condemnados em Madrid pela má disposição com que os fabricava. Desejoso de emendar a fortuna, e restaurar a opiniaõ, experimentando juntamente desvanecidas as intelligencias de Lisboa, infructuoso o empenho do Exercito junto, se resolveo por todas estas razoes a empregallo antes de o desunir. Afeiçãoou-se á interpreza de Olivença, levado do desejo de vingar o primeiro intento mal succedido, e obrigado das queixas repetidas de todos os moradores daquella districto, os quaes perseguidos da Guarnição de Olivença não logravao fazenda livre, nem davao passo seguro, e persuadido tambem das instancias de Sebastião Correa, que com maior maldade queria emendar a primeira traição. Resoluto a intentar esta empreza juntou dous mil Cavallos, e seis mil Infantes, e passou a Valverde. Na tarde de 16 de Setembro sahio desta Villa, marchou sem ser sentido pela Ribeira, e chegou junto de Olivença tres horas antes de amanhecer: neste tempo sentiraõ o rumor da gente dous lavradores, correrão a dar avizo á Praça, mas não chegárao mais depressa que os Castelhanos. Perguntárao as sentinellas, *Quem vive?* E quizerão elles dissimular-se com a cautela de *Viva El Rey Dom João*: pedida a contrasenha, e não respondendo, forão reconhecidos.

Interprende  
Olivença o Con-  
de Monte-Rey.



Anno  
1641.

idos. Tocou-se arma, e não dando lugar a maior prevenção, avançaram valerosamente, e era o perigo tão vizinho, que, a não serem rebatidos do valor de poucos Soldados, primeiro se padecera o estrago, do que se prevenisse o remedio. A Companhia que estava de guarda ás mal cerradas portas, que era a do Mestre de Campo D. João de Sousa, governada pelo seu Alferes Martin Nabo Paçanha, foy a que deteve a exemplo dos primeiros Soldados o impeto dos Castelhanos; os quaes não só atacaram a porta, mas os dous baluartes de hum, e outro lado della, sobindo pelos flancos que a descortinavam: acharam a primeira resistencia em alguns moradores que acodiram ao rumor. As vozes dos Castelhanos, ruido das balas, e clamores do Povo acodio Rodrigo de Miranda Governador da Praça, que succedeo a Francisco de Mello, que occupou o posto de Mestre de Campo, acompanhado de D. Manoel de Sousa, e outros Officiaes; fizeram atelhar as bocas das ruas, e unido hum Corpo de Infantaria da que se vinha juntando, carregaram valerosamente os Castelhanos. Durou o conflicto duas horas que durou a noite; a manhã lhes acabou de introduzir as luzes do esforço, sepultando aos Castelhanos nas trevas do medo: perderam os postos que haviam ganhado, e quando se retiraram, sendo a distancia pouca, os corpos grande alvo, e os tiradores destros, foy o damno excessivo: passaram os mortos, e feridos de 400, entre elles Officiaes de importancia, e pessoas de qualidade. Formaram-se a tiro de artilharia; de que tambem recebêram prejuizo. Recolheram-se a Badajoz, mandando a Cavallaria em tres tróços a Elvas, Campo Maior, e Villa-Viçosa: porém voltaram-se todos sem effeito algum, por acharem os gados recolhidos. Houve no successo referido acções muito finaladas: foy das mais celebres defender na porta Gregorio Correa natural de Seixas termo de Ourem, sendo de setenta annos, grande espaço com hum chuço aos Castelhanos a entrada della, e repetindo muitas vezes; *Downe eu a Deos, e ao meu Rey Dom João: affastay Castelhanos, que não haveis de entrar; foy invencivel,* recebendo grande numero de golpes. Na defenſa dos baluartes

*Retira-se com  
grande perda.*

*Acção valerosa  
de Gregorio Cor-  
rea.*

Anno

1641.

*Rodrigo de Miranda, e os mais Officiaes procedem com valor.*

*Parte Martin Affonso de Elvas com soccorro.*

luartes procederaõ com grande valor os Capitães Francisco Pinto Pereira, e Antonio de Vasconcellos: Rodrigo de Miranda executou valerosamente o que fica referido, e distribuiu todas as ordens com grande acerto até lançar os Castelhanos fóra da Praça: ficou nella hum Soldado morto, e alguns feridos. A tarde que os Castelhanos sahiraõ de Badajoz, chegou a Campo Mayor hum Portuguez, com quem tinha intelligencia o Governador das Armas, e deo conta ao Sargento mór Luiz Alvarez Baines da entrada, e intento do Conde de Monte Rey: fez o Sargento mór avizo ao Governador das Armas, o qual sem dilaçaõ chamou a Conselho, e propoz a noticia, que havia recebido: concordaraõ todos os votos: que se soccorresse Olivença, e que ficasse em Elvas Martin Affonso de Mello para acodir aos accidentes, que sobreviessem. Naõ quiz elle ajustar-se nesta parte ás opiniões do Conselho, e resolveo, que elle havia de ser quem levasse o soccorro. Despachou logo todos os Soldados das ordens, que assistiaõ em Elvas, das Praças da Provincia, ordenando a todos os Governadores dellas, que marchassem a Gerumenha, para onde logo partia com a maior brevidade, e maior numero de gente, que lhes fosse possível juntar. Despedio juntamente partidas sobre Badajoz, e Olivença, com ordem, que lhe fossem mandando avizo de tudo o que observassem; e na mesma noite partio de Elvas para Gerumenha com a Cavallaria, e Infantaria daquella Guarniçaõ, duas peças de artilharia, e algumas muniçoens. Pouco havia marchado, quando se lhe unio a Guarniçaõ de Campo Mayor; e antes de chegar a Gerumenha reconheceo o assalto de Olivença, ouvindo os tiros, e vendo fuzilar os mosquetes. Chegou a Gerumenha, e ao meio dia recebeu avizo de Rodrigo de Miranda do máo successo, que os Castelhanos tiveraõ na interpreza; porém que ainda ficavaõ á vista da Praça: que se achava com tão poucos defensores, que necessitava muito de ser soccorrida. Martin Affonso achando-se com 1600 Infantes, e 600 Cavallos, se resolveo a marchar para Olivença sem aguardar a mais gente, que havia mandado conduzir, só lhe deixou ordem em Gerumenha para



PARTE I. LIVRO IV. 247

para que se incorporassem na ponte de Olivença, donde lhes faria avizo do que haviaõ de executar. Antes de partir de Gerumenha recebeu carta de Rodrigo de Miranda em que lhe dizia, que o inimigo se havia retirado: continuou Martim Affonso a marcha, que antes pudera ser intempestiva, levando consigo lo a Cavallaria, e algumas cargas de muniçoens, que seguravaõ 200 Mosqueteiros. Chegando a Olivença agradeceo com grandes demonstraçoes aos Officiaes, Soldados, e moradores o valor que haviaõ mostrado; e deixando em Olivença a Infantaria que levava, huma Tropa, e as muniçoens, se voltou para Elvas, mandando despedir os soccorros, que havia convocado.

O Conde de Monte-Rey tendo noticia das prizoens que ElRey naquelle tempo mandou fazer em Lisboa, de que adiante se dará noticia, desfez o Exercito, e aquartelou as Tropas, (resolução por onde se justificou, que fora formado para este fim) e como experimentava desvanecidos os intentos, e as empresas mal succedidas, se resolveo a deixar a guerra, e dentro de poucos dias partio para Madrid, onde se queixou de Sebastião Correa dizendo, que o fizera mal lograr as empresas com opinioens fingidas, e conselhos dissimulados: ordinaria desculpa de Generaes infelices, e merecido castigo da infidelidade de Sebastião Correa, experiencia que encontraõ os que pretendem fundar sobre bases abominaveis a estatua da virtude. Ficou o Mestre de Campo General Dom João de Garay Governando o Exercito, e querendo dar felice principio ao seu Governo determinou interpretar Campo Maior por intervençaõ de Antonio Mexia, o mesmo de quem referimos, que Mathias de Albuquerque em tempo do Conde do Vimioso se não fiara: este com semelhantes quimeras pretendeo enganar Martim Affonso de Mello, de coraçãõ tão aspero para se deixar persuadir da verdade, que lhes faltavaõ todas as disposicoens para dar credito á mentira; e uzando com Antonio Mexia da pouca dissimulaçaõ que tinha por natureza lhe disse, que bem o conhecia por traidor, mas que se fizesse a ElRey algum grande serviço, ficaria livre desta opiniaõ, e que

Q 4

acha-

Anno  
1641.

*Entra em Olivença, anima os Soldados, e augmenta o presidio*

*Retira-se a Madrid o Conde de Monte-Rey.*

Anno  
1641.

acharia seguro premio da sua diligencia. Usou Antonio Mexia desta resposta com differente sentido, e tendo lugar de passar occultamente a Badajoz, segurou a D. João de Garay entregar-lhe Campo Mayor; o qual o remetteo a D. João de Sentilisses, que para este fim havia mandado para Albuquerque. A falta que Antonio Mexia fez em Campo Mayor deo cuidado ao Sargento mór Luiz Alvares; accresentou-se, vendo que os Castelhanos vinhaõ reconhecer a Praça com quatro Tropas: fez avizo a Martim Affonso de huma, e outra attenção; mandou elle logo para Campo Mayor o Mestre de Campo Aires de Saldanha com seis Companhias de seu Terço, prevenção; que dissuadio aos Castelhanos da empreza. Aires de Saldanha tratou com grande calor da fortificação daquelle Praça, que ficou governando, e molestava com partidas continuas os lugares do inimigo vizinhos a ella. Neste tempo interprenderaõ os Castelhanos com máo successo a Aldea de Santo Alexo, quatro legoas de Moura. A noticia de que os moradores eraõ ricos obrigou ao Comissario geral Dom João de Terrasas a procurar licença para saqueallos: concedeo-lha Dom João de Garay, sahio de Badajoz com 200 Cavallos, e incorporados os de Valverde, e outros Lugares com alguma Infantaria, formou hum Corpo de 1500 Soldados, e amanheceo sobre a Aldea de Santo Alexo: era ella cercada de huma pequena trincheira, e defendida de 100 moradores, governados pelo Capitaõ Martim Carraasco Pimenta: reparo elle a gente pelos postos perigosos, e reservou alguns, que sobraaõ, para acodir aonde o aperto fosse maior. Avançaraõ os Castelhanos as trincheiras, e chegando muitas vezes a montallas, de todas foraõ valerosamente rebatidos: retiraraõ-se defenganados, deixando alguns mortos, levando outros feridos. Teve este avizo Martim Affonso, mandou soccorrer a Aldea com municoens, e ao Capitaõ de Cavallos Dom Henrique Henriques com a sua Companhia de quartel para Moura, desejando evitar o damno, que os Castelhanos faziaõ aos lavradores daquelle districto. Entraraõ elles no termo de Monfarás com 200 Cavallos, fizeraõ huma grande preza, que

Retirado se os  
Castelhanos da  
Santo Alexo.



PARTE I. LIVRO IV. 249

querendo passar Guadiana lha tiráráo os lavradores que se haviaõ unido, e os obrigáráo a retirar-se, perdendo 30 Cavallos. Aires de Saldanha continuando no desejo de occationar aos moradores dos lugares de Castella o mesmo damno que padeciaõ os de Portugal, mandou huma partida de 20 Cavallos a Villar d'ElRey, quatro leguas de Campo Maior: rebanháráo estes 400 rezes; porém tendo andado a maior parte do caminho, lhas tirou huma Tropa, que estava em Villar d'ElRey. Retiraraõ-se para Campo Maior, e dando noticia do que lhe havia succedido, montou João de Saldanha da Gama com a sua Companhia, e duas, que haviaõ chegado de Elvas comboiando tres peças de artilharia, e sahio com grande brevidade a buscar os Castelhanos. Cerrou-se a noite, e foy taõ tenebrosa, que as Tropas não só erráráo o caminho, mas divididas em partes tomáráo varias estradas. Teve melhor fortuna o Tenente João Soares da Companhia de João de Mello, porque com 17 Cavallos deo vista dos que levavaõ a preza: desprezou o excessõ na confiança do valor, avançou aos Castelhanos, voltáráo elles as costas deixando 10, e largáráo a preza: rebanháráo a os nossos, e puzeraõ-se em marcha. Por iguaes meios se dispunha a satisfação; porque os que fugiráo para Villar d'ElRey, acháráo duas Tropas de Badajoz, que haviaõ chegado com hum comboy: unidos todos seguiráo a nossa partida; porém quando a avistáráo, estava ja incorporada com João de Saldanha, e os mais que se haviaõ perdido: era o numero igual, mas não foy igual a resolução. porque os Castelhanos vendo mais gente da que suppunhaõ, não deraõ lugar a que os reconhecessem, e com grande diligencia se retiráráo. Aires de Saldanha com aquellas Tropas, duas mais de Elvas, e 500 Infantes, armou ás Tropas de Villar d'ElRey, e Talavera: tocou-se arma antes de tempo, recolheo-se sem outro effeito, que o da desfordem com que procederaõ os Soldados, prejudicial inimigo das empresas militares. Eraõ estes leves encontros os effeitos da guerra de huma, e outra parte: porém a lima do exercicio hia pouco a pouco gastando a bisonharia dos nossos Soldados; e o tempo que colluma escurecer o lustre

Anno  
1641.

Varios successos  
em outras par-  
tes.

## 250 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Interpreza de  
Valverde,*

tre das armas as fez resplandecentes nas mãos dos Portuguezes.

Foy neste anno a maior acção que se intentou em Alemtejo a interpreza de Valverde. Teve noticia Martim Affonso, que o inimigo engrossava o presidio desta Villa: receou novo sobressalto a Olivença, e elegeo generoso caminho de o atalhar, conformando-se com a opiniaõ de D. João da Costa, o qual lhe propoz, que tinha por factivel interpernder Valverde, e que succedendo felicemente como esperava, se conseguiria para as armas opiniaõ, e para os Soldados exercicio, e utilidade, dous pólos que sustentaõ a máquina da guerra, e que juntamente ficaria Olivença livre dos assaltos, tendo o perigo menos vizinho, e os Lugares abertos daquella parte sem tanta oppressaõ, pois era Valverde pela vizinhança da Raia a confiança que mais obrigava aos Castelhanos a entrar em Portugal. Conformando-se Martim Affonso com este acertado parecer, sem communicar a outra pessoa a resoluçaõ que tomava (base em que se seguraõ todos os designios da guerra) escreveu a Rodrigo de Miranda, que especulasse o estado da fortificaçaõ de Valverde, e o numero de Soldados de que se compunha a sua Guarniçaõ: fiou Rodrigo de Miranda esta diligencia de João Mendes de Magalhaens, o qual vivendo em Valverde quando ElRey se acclamou, fugio da mulher Castelhana, e trouxe a Olivença tres filhos, para que se criassem Portuguezes; ficou-lhe em Valverde segura correspondencia, da qual soube que constava a Guarniçaõ de Infantaria paga de 600 Soldados, e de quatro Tropas, em que haveria 200 Cavallõs; que estes governava o Comissario geral João de Terrasas, e a Praça o Mestre de Campo Dom Joseph de Pulgar; que nella haveria quinhentos fogos: e que Dom Joseph havia accõmodado o sitio, como elle o permittia, atalhando as estradas, levantando meias luas, e hum trincheira com banquetta, e parapeitos, tudo de faxina, que havia cortado as ruas, e communicado as casas, e levantado na Igreja hum reduto pequeno, mas bem fabricado. Deo João Mendes estas noticias a Rodrigo de Miranda, e disse-lhe, que se acaiso dellas resul-

tasse



Anno

1641.

tasse atacar-se Valverde, que elle se offerecia para guiar a gente, que fosse a esta empreza, e que advertia, que a artilharia era excusada, porque para a conduzir seria necessario rodear tanta terra, que faltassem horas para se lograr a interpreza ao amanhecer. Remetteo Rodrigo de Miranda esta informaçã a Martim Affonso de Mello, conferio a elle com Dom Joã da Costa, e ajustárao dar á execuçaõ este intento; uniraõ-se com todo o segredo as Guarniçoens das Praças mais vizinhas, e sahiraõ de Elvas a 27 de Outubro. Conflava o numero da gente de 2500 Infantes, e 500 Cavallos. O Mestre de Campo D. Joã da Costa exercitava o Posto de Mestre de Campo General; e as Tropas hiaõ governadas pelo Commissario geral Francisco Rebello de Almada. Chegárao a Olivença ás dez horas da noite, e dilatando-se mais tempo do que era necessario lhes amanheceo meia legua de Valverde; foraõ descobertos, e o tempo que gastárao em chegar tiveraõ os Castelhanos de se prevenir. Houve duvida sobre se continuar a empreza, reconhecendo-se o risco de escalar hum a Praça de dia, prevenida, e com boa Guarniçaõ, a qual buscavaõ na confiança do descuido, e silencio da noite; prevaleceo o temor de perder a reputaçã, (que ha casos em que tambem he valeroso) desprezando Martim Affonso de Mello o perigo deo ordem a que investissem as trincheiras; repartio D. Joã da Costa em tres Troços a Infantaria, signalando aos Officiaes a parte por onde haviaõ de atacar, e tendo-se por mais felice aquelle a que tocava o maior risco, todos avançáraõ valerosamente a Villa. Haviaõ os Castelhanos repartido os Postos tripulando Soldados, e Paizanos; e as Tropas occupáraõ o sitio em que estava hum a Igreja fóra da Villa collocada aos Martyres. Investio-as o Commissario geral com as que levava, e naõ fazendo grande resistencia voltáraõ as costas, e se recolheraõ a Valverde. A nossa Infantaria sem uzar das escadas, que levava prevenidas, montou as trincheiras, sendo o conseguir nos Portuguezes consequencia de emprender: desamparáraõ os Castelhanos os Postos, buscando as casas por melhor defesa, e assim o experimentáraõ os expugnadores, porque das frestas, que para este

*Entrão na Villa os Portuguezes*

265

Anno  
1641.

Morre o Comis-  
sario Francisco  
Rebello de Almada.

Retirado sem  
effeito.

este fim estavaõ abertas nas paredes dellas, os maltrata-  
vaõ. Entraraõ alguns, e á custa de muito sangue chegá-  
raõ á Praça: quizerãõ avançar o reducto da Igreja, po-  
rém foy inutil a resolução, necessitando para o expugnar  
de maiores prevençoens, e juntamente por haver ficado  
pelas casas a maior parte da Infantaria, custando a ambi-  
ção a muitos Soldados justamente a vida. Vendo o Com-  
missario geral Francisco Rebello de Almada esta desor-  
dem, intentou com pouco acordo remedealla, metendo  
as Tropas na Villa; excessõ que accrecentou a confusão,  
e fez maior o estrago, sendo elle o primeiro que o expe-  
rimentou, cahindo morto de huma bala que lhe deo por  
hum olho, desgraça geralmente sentida, por ser muito  
valeroso, e ter grande pratica do exercicio da Cavallaria,  
que adquirio em muitos annos de assistencia de Flandes:  
o seu corpo fez retirar o Capitaõ de Infantaria André de  
Albuquerque por alguns Soldados, que pagáraõ com o  
sangue o dinheiro com que os comprou para este effeito:  
e ainda assim o não conseguiraõ, se huma Castelhana tam-  
bem salariada os não ajudára, atando-lhe huma corda ao  
pescoço, pela qual lastimosamente o arrastáraõ, recolhen-  
do-o a huma das casas que haviaõ ganhado. Vendo Mar-  
tim Affonso de Mello o pouco effeito, e muito damno  
com que o reducto era atacado, mandou tocar a recolher,  
e Dom João da Costa, que valerosamente havia assistido  
em todos os lugares de maior perigo, formando dos Sol-  
dados, que pode juntar, hum esquadrão fóra da Vil-  
la, recolheo com esta attenção áquelle corpo todos os  
que sahiraõ da Villa, e conseguiu evitar-lhes maior dam-  
nos. Incorporados os saõs, e retirados os feridos, mar-  
chou Martim Affonso de Mello para Olivença, custan-  
do-lhe a empresa 30 Soldados que ficáraõ mortos, e mais  
de 60 que trouxe feridos. Os que perderãõ a vida, de  
maior estimacão, foraõ o Commissario geral Francisco  
Rebello de Almada, o Capitaõ de Infantaria João de  
Seixas Soldado de conhecido valor, o Capitaõ Agostinho  
Pinto, João Soares de Carvalho Tenente de João de Sal-  
danha. Feriraõ David Calé Inglez, que depois foy Mes-  
tre de Campo, Gil Vaz Lobo, Ayres de Saldanha  
quan



PARTE I, LIVRO IV. 253

quando sobia a trincheira, cahindo-lhe huma grande pedra na cabeça, o obrigou o golpe a perder o sentido: porém tornando depresso em seu acôrdo, continuou valerosamente a primeira resolução, mostrando-lhe o coração presago, que he tal a brevidade da vida, que convem lograr depresso o tempo, que acceleradamente nos leva á morte. Francisco Pinto Pereira foy derrubado da trincheira com huma bala. Ficou tambem morto em Valverde João Mendes de Magalhaens, que havia agenceado a empreza, e guiado as Tropas. Pagou ElRey a seus filhos o mericimento de seu pay, fazendo-lhe largas mercês. Confiou que os Castelhanos, perdérao mais de 100 homens, e o despojo do lugar foy muito consideravel. Recolheo-se a Elvas Martim Affonso de Mello com algumas bandeiras, que mandou pendurar na Capella maior da Sé de Elvas, contrapezando este pequeno triumpho, o sentimento de não conseguir entrar o reduto, pela grande desordem dos Soldados. Poucos dias depois deste successo derrotou Aires de Saldanha a Tropa que assistia em Villar d'ElRey, e passando a Elvas, correrão os Castelhanos Campo Maior com as Tropas de Badajoz; achando-se sem poder para a opposição, não quiz o Sargento mór Luiz Alvares abrir as portas da Praça. Impacientes desta advertencia os Soldados, e moradores se lançárao alguns pelas trincheiras fóra, naquelle tempo pouco levantadas: o impulso os apartou dellas, seguindo ao inimigo o espaço que bastou, para que voltando degollasse 30 que justamente padecerao o castigo da desordem, sendo a obediencia a alma do formidavel corpo da guerra. Estas primeiras faiscas, que senão produziraõ maior incendio puderaõ ser desprezadas, como foraõ causa na Provincia de Alemtejo de hum fogo tão vivo, como ao diante mostrarão os successos da guerra, por serem fundamento de tanta maquina, sobem a grande preço, merecendo por este respeito a attenção dos Leitores.

Em quanto succedeo na Provincia de Alemtejo no anno de 1641 o que fica referido, não descanfáraõ as armas das outras Provincias. Dos successos de cada huma dellas hirey dando noticia: e esta mesma ordem determi-

no

Anno  
1641.

*Derrota Aires  
de Saldanha a  
Tropa de Villar  
d'ElRey.*

*Degollaõ os Cas-  
telhanos em  
Campo Maior,  
30 Soldados.*

*Disposiçao da  
historia.*

## 254 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Successos de Entre Douro e Minho, de que he Governador das Armas D. Gastaão Coutinho.*

*Fortifica as Praças.*

no seguir em todos os annos que se continuão, por evitar confusão. Referirey no principio do anno que escrever todos os successos que acontecerão na Provincia de Alemtejo, continuarey com os do Minho, seguir-se hão os de Traz os Montes, e logo os da Beira, accommodando as materias politicas no lugar onde derem melhor luz á Historia, rematando cada hum dos annos com a noticia da guerra das Conquistas. Seguindo pois esta disposição passemos a referir os successos da Provincia de Entre Douro e Minho. Logo que ElRey se acclamou elegeo por Governador das Armas desta Provincia a Dom Gastaão Coutinho, nomeando-o do seu Contelho de Guerra. Na de Africa se havia exercitado os primeiros annos; depois vindo para Lisboa se embarcou em algumas Armadas, e tinha conseguido em todas as occasioens que se offererão opiniaõ de muito valeroso. Nos primeiros dias de Janeiro partio de Lisboa, chegou ao Porto, passou logo a Braga, onde se deteve alguns dias, e desta Cidade partio para Viana, Villa a mais Occidental da fronteira de Galiza, e hum dos mais deleitosos lugares de todo o Reino, banhando-a o mar Oceano, e o rio Lima. Os seus moradores ja não ignoravaõ os exercicios militares, nem os assombrava o estrondo da artilharia, ganhando valerosamente aquella Fortaleza aos Castelhanos, como fica referido. Logo que Dom Gastaão chegou á fronteira a correo toda de Viana até Melgaço: humna das attenções mais precisas, que deve observar hum Governador das Armas, porque sem grande conhecimento da Provincia que governa, he quasi impossivel acertar as disposições necessarias nas occasioens que se lhe offerecerem. Nesta jornada fez Dom Gastaão alistar toda a gente de Entre Douro e Minho: achou muita, e valerosa com poucas armas, e menos disciplina. Elegeo os Officiaes mais praticos, que pôde descobrir, levantou trincheiras a Caminha; Villa Nova de Cerveira, e Valença. Assistindo á Fortificação da ultima o rodearão algumas balas de artilharia de Tuy, Praça de Armas dos Galegos, que divide de Valença o rio Minho com pouca distancia de humna a outra parte. Os moradores de Salvaterra deraõ principio



ao rompimento; quizerão impedir huns barcos, que hiaõ para Monção; os moradores desta Villa os defenderão conduzindo-os a ella, e estimulados deste excesso levantáráõ huma plataforma junto ao rio, e pondo nella tres peças de artilharia, as dispararáõ com prejuizo das casas de Salvaterra, situação da outra parte do rio, como em seu lugar diremos. Nestes dias andando em Melgaço rondando as sentinellas junto do rio, o Capitão de Infantaria Francisco de Gouvea Ferraz estimulado de ouvir da outra parte do rio a hum Soldado Galego algumas palavras contra o decoro d'ElRey, se lançou impetuosamente ao rio, e passando-o a nado, se achou da outra parte sem opposição, porque o Galego medroso do seu valor se retirou, antes que elle chegasse, podendo facilmente tomar vingança da sua ousadia, tornou da mesma sorte a voltar para Melgaço, e logrou o merecido applauso da sua resolução. De Janeiro até Julho se passou de huma, e outra parte sem mais empreza, que estes primeiros ameaços de guerra; em Julho quando se rompeo a guerra em Alemtejo, conhecendo ElRey que manear as armas só para a defenſa era multiplicar o perigo, e que a paz que desejava, se havia de conseguir fazendo guerra, ordenou aos Governadores das Armas de todas as Provincias, que entrassem em Castella. Não dilatou D. Gastaõ a obediencia, deo logo ordem a Frey Luiz Coelho da Silva, Cavalleiro da Ordem de S. Joãõ, que com a gente de Viana, embarcada em huma galeota, duas lanchas, e alguns barcos, passasse a queimar a Villa da Guarda, situada junto do mar, defronte de Caminha. Mandou a Dom Joãõ de Sousa Capitão mór de Melgaço, que entrasse no mesmo tempo pela Ponte das Varzeas, Antonio Gonçalves de Olivença pelo Porto dos Cavalleiros, por Lindoso Manoel de Sousa de Abreu, e pela Portella de Homem Vasco de Azevedo Coutinho. Todas estas entradas se executaráõ em Lugares muito distantes huns dos outros, e toda esta gente não levava mais disposição, que a do seu valor; porém ignorar os perigos que buscava a fazia mais resoluta, achando a fortuna favoravel, que costuma pôr-se da parte dos temerarios. Dom Gastaõ

Anno

1641.

*Resolução valerosa do Capitão Francisco de Gouvea.*

*Rompe-se a guerra.*

# 256 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Governa Galiza o Marquez de Val-Paraiso.

Varias entradas de huma e outra parte.

Gastaõ passou á Insula pouco distante da Guarda, para observar deste sitio o successo dos Vianezes, de que não resultou mais, que voltarem-se com dous barcos de pescadores. Irritou-se muito Dom Gastaõ deste desconcerto, como se as disposições desta empresa não insinuaraõ o successo della. Na Insula mandou Dom Gastaõ levantar hum reducto, parecendo-lhe sitio accommodado, e que necessitava de segurança. Os mais que entraraõ em Castella faquearaõ, e queimaraõ algumas Aldeas, e trouxeraõ despojo, que os obrigou a se animarem a maiores empresas. Governava o Reino de Galiza o Marquez de Val-Paraiso. As prevenções, e disciplina daquella parte não excediaõ muito ás nossas, só havia a differença de se haverem nomeado Officiaes, que entendiaõ a guerra, de que resultava terem os Soldados melhor noticia della. Poucos dias depois de retirada a nossa gente, mandou o Marquez de Val-Paraiso 800 Infantes á Freguezia de Christoval, que he na Raia junto ao rio das Varzeas, queimaraõ algumas Aldeas, sem perdoar o insulto ao sagrado das Igrejas: passaraõ á Freguezia de Paços, que segue a Christoval; acodio D. Joaõ de Sousa, e Francisco de Gouvea, o que havia passado o Minho a nado, e trazendo comsigo só 70 homens occuparaõ a passagem do rio, e obrigaraõ os Galegos a que se retirassem perdendo 40. Estas entradas, que pareciaõ mais de bandoleiros, que de Soldados, se alternavaõ de huma, e outra parte com pouca vantagem nos successos. Com a noticia da entrada que os Galegos fizeraõ tornou Dom Gastaõ a convocar a gente que havia dividido, e deo ordem ao Sargento mór Simaõ Pitta, que entrasse em Galiza pela Ponte das Varzeas, e a Manoel de Sousa de Abreu pelo Porto dos Cavalleiros. Simaõ Pitta tendo noticia que o inimigo engrossava por aquella parte o poder, suspendeo a entrada. Manoel de Sousa passou o Porto com tres mil Infantes, e 40 Cavallos, e sabendo que o inimigo occupava o Lugar do Facho, por onde forçosamente havia de passar, mandou avançar Antonio Gonçalves de Olivença com 400 Infantes a desalojar os Galegos, que se achavaõ com 300, e com 150 Cavallos. Investio-os valerosamente Antonio



Antonio Gonçalves, e obrigou-os a se retirarem: porém descompoz esta acção occupando a gente que levava em faquear algumas Aldeas, retirando-se com a preza sem se incorporar com Manoel de Sousa, como elle lhe havia ordenado. Sem embargo desta desordem marchou Manoel de Sousa para o Lugar de Monte Redondo, grande, rico, e fortificado com duas Companhias pagas, e outras da Ordenança, que o Guarneciaõ: chegando ao Lugar mandou avançar as trincheiras pelos Capitaens D. Vasco Coutinho, Christovão Mouzinho, e Luiz de Brito, entraraõ-as valerosamente, e queimaraõ o Lugar á custa das vidas de muitos Galegos. A preza, e o exemplo da gente de Antonio Gonçalves inculcou a desordem, porque muitos dos Portuguezes, que sabiaõ as veredas, se retiraraõ para suas casas com os despojos que colheiraõ. Os Galegos que sahiraõ do Lugar occuparaõ a aspreza de hum monte, que era o caminho por onde Manoel de Sousa forçosamente havia de passar. Vendo elle que lhe era necessario vencer esta difficuldade deo ordem a que avançaõse toda a gente a desoccupar aquelle sitio, e não sabendo melhor disciplina, que a da competencia, disse que aquelle que chegasse primeiro lograria o applauso daquella occasiaõ. O valor de todos diffimulou este desconcerto: porque avançando intrépidos por todas as partes obrigaraõ os Galegos com morte de alguns a largarem o posto. Aos que se retiravaõ se uniraõ outros; que dos Lugares visinhos acodiaõ ao rebate; e chegando ao numero de mil Infantes, e 200 Cavallos se formaraõ em hum valle, mostrando que desejavaõ pelejar. Facilmente lograraõ o intento se Manoel de Sousa se não achára com menos duas partes da gente, que havia levado á empreza. Retirou-se queimando de caminho algumas Aldeas. Dom Gastaõ não estimou tanto o bom successo, como sentio a desordem dos que se retiraraõ, e castigando os que tiveraõ culpa, e dando premios aos que procederaõ com acerto foy pouco a pouco reduzindo a melhor fórma a gente daquella Provincia, e ao mesmo passo que ensinava aprendia. Porém

Anno  
1641.

268 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

aquelles a que succede serem primeiro Generaes, que Soldados, difficilmente sahem grandes mestres na escola militar.

Dois dias depois do successo referido entrou o inimigo pelo Porto dos Cavalleiros com dois mil Infantes, e trezentos Cavallos, e derrotou os Capitães Antonio de Barros, e Affonso de Castro, que com as suas Companhias pagas guardavaõ aquelle Porto. Vindo-se retirando os foccorreo o Capitaõ Mathias Ozorio, a que dava calor o Sargento mór Simaõ Pitta: fizeraõ alto os Galegos com perda de alguns Officiaes, e Soldados; voltáraõ sobre o Conselho de Laboreiro, e o Lugar de Alcobaca, que destruiro, e queimaro. A nossa Infantaria se recolheu ao Convento de Fiaens de frades de S. Bernardo, que com esta guarnição ficou livre dos damnos, que os Galegos determinavaõ fazer-lhe; offendidos das muitas intelligencias, que aquelles Religiosos conservavaõ em Galiza, e de não entrarem os Castelhanos o Convento, resultou não destruir o inimigo muitas Freguezias, defendidas pela conservação daquelle sitio. O Marquez de Val-Paraiso considerando com experiencia militar o que mais convinha á defensa de Galiza, e de que podia resultar maior damno a Portugal, elegeo para Praça de Armas o Lugar de Pedrenda, situado entre o Porto dos Cavalleiros, e a Ponte das Varzeas, Lugares por onde a nossa gente mais continuamente costumava entrar em Galiza. Do Porto, e Ponte, que ficavaõ nos dous lados oppostos, até a Pedrenda em distancia de legoa e meia, fez levantar reductos, conforme a capacidade dos sitios, e taõ vizinhos, que huns a outros se defendiaõ, animando a todos hum grande Forte, que guarneciaõ seiscentos Infantes. Para dar fim a este trabalho, se alojou o Marquez na Pedrenda com seis mil Infantes, e seiscentos Cavallos, entendendo que, aperfeçoada esta obra, seria facil a segurança dos Lugares, que governava, e infallivel a ruina dos que pretendia conquistar. D.Gastaõ tendo avizo deste novo intento do inimigo, reconhecendo o perigo de se conseguir, se resolveo a procurar todos os caminhos de

Fortificaõ os Galegos Pedrenda.



de o atalhar, e uzando dos meios pouco proporcionados, que naquelle tempo dispensavaõ a confusão, e falta de experiencia, animou com a resolução a temeridade, ainda que a todos pareceo valor imprudente, de querer atacar fortificaçoens bem fabricadas, e melhor guarnecidas, com hum tropel de gente sem fórma nem obediencia, com poucas muniçoens, e menos bastimentos, e sem mais instrumentos de expugnação, que duas ligeiras peças de artilharia. Mas como Deos quiz sempre manifestar entre os nossos desconcertos a sua misericordia, não argumentem os que sabem os preceitos da guerra, lendo esta historia, a causa das nossas fortunas; tratem só de lhe dar credito, na fé de que em nenhum seculo, e de nenhuma outra nação se escreveo até este tempo historia mais verdadeira; porque sem receyo, sem odio, e sem afeição escrevo em humas partes o que vi, em outras o que observáraõ todos aquelles com que trato, e com quem confiro todas as materias, que escrevo;

Resoluto D. Gastaõ a atacar o Forte, e os Reductos sem artificio nem dissimulação, convocou a gente de toda a Provincia. Constava a que se havia alistado para ser paga de 4000 homens, porém na disciplina não havia differença algũa, porque ainda que algũas Companhias estavaõ formadas, não se tinhaõ dividido em Terços, e todo o Corpo junto não era mais que hum tumulto de gente valerosa. A maior parte da Infantaria paga entregou Dom Gastaõ á ordem de Lopo Pereira de Lima, Cavalleiro de Malta, a que assistia seu irmão Diogo de Mello da mesma Religião, e Capitão mór de Barcellos: alojaraõ ambos em Lamas de Mouro, lugar vizinho ao Porto dos Cavalleiros. Com esta noticia apressou o inimigo o trabalho, e em quatro dias reduzio a obra a defenfa. D. Gastaõ com outro Troço alojou na Ponte das Varzeas, e para que o inimigo divertisse o poder, que tinha junto, mandou entrar em Galiza pela Portela de Homem a Vasco de Azevedo Coutinho, e por Lindozo a Manoel de Souza de Abreu, ordenando-lhes, que segunda feira nove de Setembro (dia que só destinava para as empresas, posto que na ley Divi-

Anno

1641.

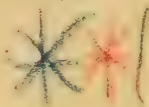
Resolve-se Dom  
Gastaõ a ataca-  
callos.

270 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Bate as Fortificações.



Ganha-se tres Reductos.

Entrão Monte-Redondo, e se retiram com ordem

D. Gastão compeem a gente, e arruina as Fortificações.

na 16 se deve fazer caso da providencia de Deos) entras-  
sem em Galiza. No mesmo dia ao amanhecer, havendo o  
antecedente reconhecido as Fortificações, dividio D. Gas-  
tao a Infantaria em tres troços, e levantando huma pla-  
taforma, fez jogar as duas peças de artilharia, que le-  
vava, contra o Reducto da Ponte das Varzeas; e foraõ  
de grande effeito, recebendo o inimigo consideravel  
damno. Os tres troços, que governavaõ Lourenço de  
Morim Sargento mór de Caminha, e os Capitaens Gas-  
par Casado Manoel, e Martim Coelho Vieira, com gran-  
de valor, e pouca ordem, superando o embaraço de al-  
gumas estacadas, avançaraõ tres Reductos, e os entraraõ  
a hum mesmo tempo, degollando os Soldados, que os  
guarneciaõ; e ficando aberto o caminho de Monte-Redon-  
do, que os Galegos haviaõ reparado, se retiraraõ os que  
fugiraõ para este lugar, que ficava vizinho. Depois de  
arruinados os Reductos, investiraõ com as trincheiras de  
Monte-Redondo, desamparou-as o inimigo, entraraõ o  
lugar, saquearaõ-o segunda vez; e o mesmo fizeraõ a  
algumas Aldeas, que ficavaõ pouco distantes. Os Gale-  
gos acodiraõ áquella parte com tres mil Infantes, e qua-  
trocentos Cavallos, e achando a gente carregada de des-  
pojos, avançaraõ com resoluçaõ, e os Soldados da Orde-  
nança, naõ querendo pôr em contingencia o que haviaõ  
roubado, voltaraõ as costas, naõ valendo a Dom Gastão  
as grandes diligencias, que fez pelos deter na Ponte. Os  
Officiaes, e quinhentos Soldados, que ficaraõ, fizeraõ  
rosto ao inimigo, e valendo-lhes a aspereza do sitio, se  
vieraõ retirando pelas veredas mais estreitas, e deixando  
quinze Soldados mortos, e dez prisioneiros, conseguiraõ  
valerosamente passar a Ponte sem maior damno. Dom Gas-  
tao estimulado da desordem, e do máo successo, unindo  
a esta gente alguma que havia detido, tanto que amanhe-  
ceo tornou a passar a Ponte, e acabou de desfazer todos os  
Reductos, e trincheiras: o que se conseguiu com tanta di-  
ligencia, que quando os Galegos, que naõ esperavaõ se-  
gunda resoluçaõ, acodiraõ, ja os Reductos estavaõ desfei-  
tos, e sem receberem dano se retiraraõ á sua vista os nos-  
sos Soldados. Diogo de Mello, e Lopo Pereira, destinados  
con-



Anno

1641.

contra os reduçtos do Porto dos Cavalleiros; juntáraõ cinco mil Infantes, e foraõ alojar com elles á vista deste Lugar: o dia que chegáraõ tomou o inimigo lingua, acer- tou de fer hum velho de 70 annos, ao qual perguntando- lhe o para que fora chamado respondeo, que para o ata- que daquellas Fortificaçoens. O Mestre de Campo Anto- nio Solis Cabo daquelle Troço, tornou a remetter o ve- lho aos Maltezes com huma carta, em que dizia, que aquelle homem fora colhido, e que constando da sua con- fissão, que era chamado para huma empreza taõ gálhar- da, como a de investir aquellas Fortificaçoens, não que- ria que se mal-lograsse por falta de hum Soldado de tanta importancia, e accrecentava a esta zombaria outras pa- lavras exorbitantes. Teve esta carta resposta com maio- res opprobrios, e á segunda feira executaraõ os Maltezes a ordem de investir o Forte, e reduçtos, que era o mes- mo dia em que Dom Gastaõ tinha logrado o successo refe- rido: dividio-se a Infantaria em dois troços, de que eraõ Cabos os dois irmãos: ao que governava Lopo Pereira dava calor seu irmão Antonio Pereira de Lima com 80 Cavallos; marchou este troço pela parte de Alcobaça, e atacou o Forte, e reduçtos do sitio da Costa. Diogo de Mello escolheu para atacar os reduçtos, e Forte da ferra; empreza mais duvidosa, por ser o sitio mais aspero, o Forte maior, e os reduçtos melhor defendidos, e ter o inimigo formado da outra parte da ferra tres mil Infan- tes, e 200 Cavallos para defender o assalto, e fomen- tar o presidio. Conhecendo Diogo de Mello o risco desta empreza se unio a seus irmãos, e formou hum corpo de mil Infantes, que entregou ao Sargento mór Simaõ Pitta com ordem que atacasse os reduçtos, que primeiro cor- ririaõ por conta de Lopo Pereira: feita esta divisão, com 4000 Infantes, e 80 Cavallos deo volta Diogo de Mel- lo ao Lugar de Chaõ de Castro, e lançando 500 Mosque- teiros por cada hum dos lados da ferra, com a mais gente ganhou a eminencia por entre nuvens de balas, e valen- do-se do primeiro calor dos Soldados investio hum redu- çto, que os Galegos sem esperar o assalto desampararaõ, e favorecidos da mosqueteria dos outros reduçtos se re-

Diogo de Mello,  
e Lopo Pereira 3/  
atacaõ outros  
Postos.

Anno  
1641.

*Ganhão os re-  
ductos, e o Forte  
principal.*

colhérao ao Forte que estava no alto da ferra. Com pou-  
co mais trabalho ganhou Diogo de Mello os outros redu-  
ctos, e seguindo a victoria chegou junto do Forte. A  
grande Guarnição que estava nelle, entrando-lhe o re-  
ceio antes de experimentar as feridas, largou o Forte sem  
ter respeito aos Officiaes, que hora com rogos, hora  
com estocadas pretendiaõ detella: mas como ordinaria-  
mente nos grandes conflictos em que se achão animos co-  
vares, o receio excede ao perigo, se deixáraõ os Gale-  
gos matar dos seus Capitaens, por não chegar ás mãos  
com os nossos Soldados. Entráaõ elles o Forte, de que re-  
sultáraõ muitas mortes daquelles mesmos, que, se se de-  
fendéraõ, puderaõ salvar as vidas. Os Maltezes tendo  
logrado a victoria, e os Galegos que estavaõ formados,  
desamparando o sitio que occupavaõ, marcháraõ a for-  
mar-se em sitio mais distante. Diogo de Mello com mui-  
to accordo mandou tocar a recolher, e com toda a diligen-  
cia marchou a dar calor a Simão Pitta, e chegou a tem-  
po, que elle atacava o reducto da Costa, o qual todos  
juntos rendêraõ com a mesma felicidade que os outros re-  
feridos. Faltava só hum, que parecia pelo sitio, e gran-  
deza o mais difficil; porém acháraõ nelle ainda menor re-  
sistencia, porque os Officiaes desamparados dos Soldados,  
se rendêraõ, elegendo antes o cativoiro, que a infamia.  
Entrou nos rendidos o Mestre de Campo Dom Antonio  
Solis, e com galantaria da fortuna foy acaço o primeiro  
Portuguez, que chegou a elle, o velho, de que havia fei-  
to zombaria. Os Capitaens, e Officiaes que ficáraõ priso-  
neiros, foraõ 18, dos Soldados se salváraõ a maior par-  
te, valendo-lhes o mato, e aspereza do sitio. Arrazá-  
raõ-se as fortificaçoens, ficáraõ queimadas algumas Al-  
deas, e os Galegos castigados. Recolheo-se Diogo de  
Mello, seus irmãos, e os mais que se acháraõ na empre-  
za com merecida satisfação das valerosas acçoens que ha-  
viaõ executado.

*Efeito de on-  
tras entradas.*

Vasco de Azevedo Coutinho, e Manoel de Sou-  
za de Abreu, que entráraõ (como referimos) na mes-  
ma segunda feira, aquelle pela Portela de Homem, este  
por Lindozo, queimáraõ Vasco de Azevedo a Villa de  
Los



PARTE I. LIVRO IV.

273

Lobios, e outros Lugares: Manoel de Sousa a Villa de Compostella, que os Galegos sem utilidade defenderaõ, fazendo o mesmo a outras Aldeas; e todos se retiraraõ com tantos despojos, que ficou descontado o trabalho da jornada. Com maior opposiçaõ, e naõ menos airoso successo entrou no mesmo tempo em Galiza o Abbade de Bouro da Ordem de S. Bernardo, que havia sido Soldado, e excusava-o de escrupulo, e de escandalo serem os Abba: des daquelle Convento Capitães mores daquelle Couto, e sendo natural a defenfa, ser para a conseguir a offensa forçosa; juntou mil homens, entrou em Galiza, e sabendo que o inimigo determinava fazer-lhe opposiçaõ com igual poder, disse Miila, pelejou, e venceo, matando com as proprias mãos hum Capitaõ, e dois Soldados; ficando a opiniaõ menos gravada, que a consciencia. Naõ teve taõ boa fortuna o Capitaõ Martim Teixeira, o qual entrando na mesma occasiã em Galiza o obrigaraõ os Galegos a retirar-se, perdendo hum Alferes, e dez Soldados. Ficou entre os prisioneiros hu moço de 18 annos chamado Luiz da Silva, conhecerã-o por ser de qualidade, e privilegiaraõ-o deixando-lhe a espada: soube elle uzar do privilegio, e accreditar o sangue, porque entregando-o a quatro Soldados, para que o depositassem na primeira prizaõ do Lugar mais seguro, succedeo que destes caminhaõ dois com menos diligencia, e vendo Luiz da Silva os outros, que o levavaõ pouco acautelados tirou huma faca, e metendo-a pelos peitos a hum dos dois, com grande ligeireza, e felicidade fez o mesmo ao segundo, cahiraõ ambos, tirou pela espada, investio com os dois, que haviaõ ficado mais desviados, ferio hum, e fez fugir o outro, e occultando-se na espedura do mato, em que era muito pratico; se passou de noite valerosa, e felicemente a Portugal: o Marquez de Val-Paraiso vendo prevalecer a desordem contra a destreza, porque era Soldado velho, e já se compunhaõ as suas Tropas de muitos Officiaes, e Soldados de experiencia, intentou, buscando a satisfacaõ, dissimular a desgraça, passou, sem achar quem se lhe oppuzesse, a Ponte das Varzeas com dois mil Infantes, e 200 Cavallos, sendo o descuido dos Capitaens Martim Teixeira, Francis-

Anno

1641.

*Ação militar  
do Abbade de  
Bouro.*

*Valor de Luiz  
da Silva.*

274 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

O Marquez de  
Val-Paraiso rō  
pe hum quartel.

Chama ElRey  
Dom Gastão às  
Cortes

Provincia de  
Traz os Montes.

co de Azevedo, e Francisco de Gouvea total occasião do infortunio que padecerão: porque investindo o inimigo o alojamento, que occupavaõ, o desampararaõ com perda de vinte Soldados, os mais que fugiraõ se retiráraõ a outro alojamento, onde estavaõ os Capitaens Mathias Ozorio, Rodrigo de Moura, e Dom João de Sousa, que haviaõ acodido de Melgaço, com os quaes se não haviaõ querido incorporar o dia antecedente; desordem que occasionou todo o máo successo, porque juntos com 300 Infantes puderaõ defender ao inimigo a Ponte: o qual depois de ganhar o primeiro alojamento marchou para o segundo; não esperaraõ os que estavaõ nelle que os investissem, puzeraõ-se em salvo no alto de huma ser- ra, e desacreditaraõ a opiniaõ de que poderiaõ juntos defender a Ponte; queimáraõ os Galegos os quarteis, e retiraraõ-se sem fazer outro damno. O Inverno fez suspender de huma, e outra parte as hostilidades. Dom Gastão Coutinho deixando Guarnecidas as fronteiras se recolheu a Braga a dispôr algumas fabricas, que julgava convenientes para continuar a guerra na Primavera seguinte: atalhou-lhe este intento huma ordem d'ElRey, pela qual o chamava para assistir nas Cortes, que se celebraraõ naquelle tempo em Lisboa; entendeo-se que fora pretexto para lhe tirar o Governo de Entre Douro e Minho, attendendo a algumas queixas dos moradores daquella Provincia: não voltar ao Governo della foy causa de se não desvanecer esta murmuração: he certo que puderaõ fazer toleravel qualquer excessõ os bons successos que teve, achando a Provincia com taõ poucos meios de conservalla; nomeou tres Governadores em sua ausencia, os quaes ElRey confirmou, e governáraõ a Provincia em quanto não chegou a ella o Conde de Castello Melhor: foraõ elles Manoel Telles, Diogo de Mello Pereira, Viõle Datis Francez de Naçaõ, de conhecido valor, e fidelidade.

A Provincia de Traz os Montes com a primeira noticia da Acclamação d'ElRey em Lisboa se separou dos Reinos de Galiza, Castella, e Leaõ com quem confina, sem ficar Lugar algum de todo este districto, que não tomasse



tomasse as armas, não só para se defender, senão para maltratar aos inimigos; e vendo que se dilatava nomear ElRey Governador das Armas aquella Provincia, mandaraõ as Cômarcas das Cidades, e Villas principaes della pedir a Dom Gastaõ, que havia chegado a Entre Douro e Minho, quizesse signalar-lhes pessoa capaz para os Governar em quanto não chegasse de Lisboa Governador das Armas, a que obedecessem, sendo o seu principal receio Bragança, e Chaves; aquella fronteira da Puebla de Cenabria, esta de Monte-Rey, e ambas por estarem sem defensão expostas á invasão dos Galegos. Não lhes dava menos cuidado a Cidade de Miranda, de grande importancia pelos muitos Lugares que cobria. Elegeo Dom Gastaõ para o Governo de Traz os Montes a Martim Velho da Fonseca Sargento mór de Viana, que tendo valor, e prudencia, era pratico no exercicio da guerra por haver servido em Flandes. Chegou elle a Traz os Montes, e tratou com grande acerto da defensão dos Lugares mais importantes daquella Provincia, levantou-lhes trincheiras, nomeou-lhes Capitães, e meteo-lhes Guarnições. Tirou o desta acertada occupação Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, que a tres de Fevereiro entrou por ordem d'ElRey a governar aquella Provincia. Havia na aclamação ostentado largamente a sua fidelidade, e todas as suas acçoens costumava lavrar na confiança do seu valor em varias occasioens acreditado. Entrou em Chaves, e com toda a diligencia dividio em Companhias a gente, que achou na Provincia capaz de tomar armas: repartio-lhe todas as que pode juntar, e nomeou-lhe Officiaes guarnecendo os Lugares mais importantes com a gente menos occupada. Continuou em Chaves, e Bragança o trabalho das trincheiras, e mandou que se levantassem nos Lugares mais arriscados de toda a Raia: passou nestes exercicios até o mez de Julho, tempo em que rompeo a guerra por ordem d'ElRey, como fizeraõ as mais Provincias, pelas causas ja referidas. Em quanto durou a suspensão das armas, se restituirão algumas prezas, que se fizeraõ de huma, e outra parte. Em Monte-Alegre recebeu Rodrigo de Figueiredo a ordem d'ElRey para romper a guerra.

Anno

1641.

Governa as Armas Rodrigo de Figueiredo.

Processo

Rompe-se a guerra.

## 276 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Sujeitão-se al-  
guns Lugares  
de Galiza.*

*Ganhão-se duas  
Villas.*

ra, e com toda a diligencia dispoz logo a execucao: juntou em dois dias dez mil homens, sendo muita a gente daquella Provincia, e naquelle principio faceis de conduzir os animos desejosos de pelejar, appetecendo os Portuguezes a guerra por nova, e ignorada, e por natural affecto dos coraçoes Portuguezes; porque quando lhes faltou no Reino, passaraõ a butcalla alem da Taprobona por mares não conhecidos. Unida a gente, sem uzar de outra disciplina a dividio Rodrigo de Figueiredo em quatro trócos, entregou hum delles a Balthazar Teixeira Capitão mór de Monte Alegre, com ordem que entrasse por aquella parte em Galiza: mandou entrar com outro a Simão Pitta da Ortigueira por Monforte: entregou o terceiro a seu irmão Henrique de Figueiredo Governador de Bragança, mandando-lhe que entrassem por aquelle districto: com o ultimo que constava de 4000 homens marchou Rodrigo de Figueiredo a Monte Rey, aonde ordenou se incorporassem os dous que primeiro havia despedido. Balthazar Teixeira ganhou oito Lugares, achando em dois delles Guarnição que rendeo; e offerecendo-se todos os moradores de ficarem á obediencia d'ElRey de Portugal, passando familia, e fazenda a este Reino, se livraráõ da ruina que os ameaçava. Simão Pitta entrou cinco Lugares, que com igual diligencia tiverão a mesma fortuna. Henrique de Figueiredo saqueou o Lugar de Calabor, poz-lhe o fogo, e conduzio grande preza a Bragança. Rodrigo de Figueiredo, levando a vanguarda seu irmão Luiz Gomes de Figueiredo, marchou a Monte Rey, ganhando primeiro as Villas de Vimbra, e Tamaguelos, que o inimigo havia Guarnecido; não foy grande o dâño, pelo evitar Rodrigo de Figueiredo: chegou elle á vista de Monte Rey, onde se lhe incorporaraõ Balthazar Teixeira, e Simão Pitta, alojou junto da Villa de Verim, cujo defenlavel sitio respeitou a nossa gente: tres dias se deteve no mesmo lugar Rodrigo de Figueiredo; nelle se queimaraõ algumas Aldeas vizinhas, e se perdoou ás novidades maduras, parte nas eiras, na fé da promessa dos Paizanos, que offereceraõ dar obediencia a ElRey Dom João, que durou o tempo que a nossa gente



te persistio na campanha. O Marquez de Tarazona recolheu ao Castello de Monte Rey 200 Infantes pagos, e alguns Paizanos, resolutos a defender aquelle sitio, como mais importante, por ser unica segurança da maior parte do Reino de Galiza. Rodrigo de Figueiredo com esta noticia desejou tentar a fortuna investindo o Castello: porém achando-se com poucas munições, sem instrumento algum de expugnação, e acabados os mantimentos, venceu com a prudencia a resolução intempestiva, e satisfeito do que havia conseguido se retirou a Chaves. Ao outro dia depois de haver chegado teve avizo de Bragança, que os Castelhanos haviaõ entrado por aquella parte no termo de Monforte, onde queimáraõ seis Lugares, não perdoando a sacrilegio algum, crueldade, e extorção. Luiz Gomes que havia ficado em Chaves (porque Rodrigo de Figueiredo com a primeira noticia de que o inimigo entrava, passou a Bragança, receando justamente a pouca defensão daquella Cidade) mandou ao Capitão Paulo Teixeira, que juntando a gente que lhe fosse possível marchasse a buscar o inimigo: não foy grande o numero que pôde convocar, mas foy grande a diligencia: tomando lingua soube que o inimigo marchava com 500 Infantes, e 40 Cavallos: achava-se elle com 400 Infantes, resolveo-se a pelejar com tão pouco numero, estimulado da crueldade, que os Castelhanos haviaõ usado nas entradas antecedentes. Marchou a Monte Rey, deo vista do inimigo pouca distancia da Praça, que o esperava formado com as costas em huma Aldea; inferio dos repetidos avizos, que via despedir a Monte Rey, que os Galegos pediaõ soccorro, certo signal do receio, valeo-se da oportunidade, e não querendo que chegasse o soccorro mandou pôr fogo ao Lugar, que servia ao inimigo de retaguarda, para o obrigar a que mudasse de sitio: não logrou o intento entendido dos Galegos, porém superando todas as difficuldades os investio: receberam com algumas cargas, mas com pouco damno; por tirarem de muito longe, e fugirem depressa; não receberam elles grande prejuizo pela vizinhança de Monte Rey, aonde se retiraraõ: queimou a nossa gente o Lugar,

Anno  
1641.

Queimão os  
Castelhanos  
alguns Lu-  
gares.

Queimão os  
nossos outros Lu-  
gares, e retiraraõ  
se os Galegos.

Anno

1641.

Balthazar Tei-  
xeira ganha  
Villa Mayor.

Ataca o Mar-  
quez de Taras-  
na Villa Verde.

Soccorre Luiz  
Gomes a Villa,  
retira-se os  
Galegos.

Desbarata Ro-  
drigo de Figu-  
redo os Galegos.

Ganha Tama-  
yos.

gar, onde estava o inimigo: experimentárao nove mais a mesma desgraça, padecendo os moradores o mesmo damno, que nas entradas antecedentes os Galegos havião ocasionado aos nossos Lugares. De huma, e outra parte se repetião as entradas, Balthazar Teixeira com a gente de Monte Alegre queimou seis Lugares; vindo-se retirando, teve avizo que o inimigo havia entrado em Portugal, pouca distancia daquelle sitio: resolutos a pelear marchou contra os Galegos; procuraraõ elles retirar-se, e deraõ-se por seguros em Villa Mayor de Gironda, que havião fortificado com trincheiras muito capazes de defenfa. Era a Villa grande, e rica, porque constavaõ os fogos de trezentos, e assistia nella guarnição de Infantaria paga. Venceo Balthazar Teixeira todas estas difficuldades, investio a Villa, rendeo-a, e poz-lhe o fogo á custa de muitas vidas dos inimigos; retirou-se a Monte forte trazendo alguns feridos, e hum Soldado menos. O Marquez de Tarrafona entrou no mesmo tempo no termo de Chaves, e marchou para Villa Verde com 2000 Infantes, e 130 Cavallos: teve Luiz Gomes avizo em Outeiro secco, Lugar aonde havia chegado com o primeiro rebate, e achando-se com 2000 homens se resolveo a soccorrer Villa Verde: chegou a tempo que os Galegos atacavaõ o Lugar, e era com valor defendido; entrou dentro sem opposição, desmaiaraõ os Galegos vendo este não imaginado soccorro, retiraraõ-se, seguiram Luiz Gomes, e obrigou-os a se recolherem aos seus Lugares com grande perda, fazendo elle o mesmo aos nossos com muita opiniaõ.

Rodrigo de Figueiredo attendendo a todos os interesses da Provincia, se resolveo a desmantelar Villarelho, por ficar na Raia exposto sem remedio á invasão do inimigo; executou esta determinação com 2000 homens, e porque os Galegos tiveraõ anticipadamente noticia della, se resolveraõ a esperallo quando voltaffe: conseguiraõ-o em desgraça sua; deraõ vista da nossa gente, atacaraõ-a com furia, foraõ rebatidos com valor, e desbaratados sem resistencia. Rodrigo de Figueiredo não só seguiu os que fugiaõ, mas proseguindo a vi-

storia



Glória ganhou Tamaguelos, Lugar em que na primeira entrada havia estado sem lhe fazer damno, e que o inimigo havia fortificado, elegendo-o para alojamento de hum Troço de Cavallaria, e Infantaria, e molestava muito os nossos Lugares: retirou-se Rodrigo de Figueiredo para Chaves, trazendo os Soldados ricos, e victoriosos. Passados poucos dias entrou o inimigo pela parte da Torre de Ervededo, houve noticia em Chaves, sahio desta Praça Rodrigo de Figueiredo, e Luiz Gomes seu irmão com a gente que puderaõ juntar, mas quando chegaram ja o inimigo havia queimado a Torre. Adiantou-se Luiz Gomes, e encontrando no caminho os Paizanos que haviaõ escapado marchou com elles a soccorrer Ourteiro seco: porém dando vista delle a gente do inimigo, lhe foy necessario para se defender ganhar huma terra, que achou visinha, a qual occupou com taõ bom successo, que os Galegos depois de a avançarem varias vezes, dissuadidos da empreza se retiraraõ: o mesmo fez Luiz Gomes, e Rodrigo de Figueiredo, com quem se incorporou logo. Era huma empreza consequencia de outra: retirado o inimigo entrou Balthazar Teixeira por Monte Alegre, e queimou tres Lugares grandes, e ricos. Logo os Galegos procuraraõ a vingança, entraraõ o dia seguinte, e atacaraõ o Lugar de Mairos, defenderaõ-se os moradores, ouvio-se a mosquetaria em os nossos Lugares, e acodiraõ com diligencia, mas ja a tempo que o Lugar era entrado, e começava a atear-se o fogo, extinguiraõ-o os nossos Soldados, e seguindo o inimigo, que logo se poz em marcha, alcançando-o dentro dos seus Lugares, lhe matáraõ hum Capitaõ de Cavallos, hum Sargento mór, e quarenta Soldados, em que entrava hum sobrinho do Marquez de Tarrafona. Rodrigo de Figueiredo quando despedio o soccorro a Mairos marchou sobre Monte Rey, para evitar que os Galegos soccorressem a sua gente: alojou em hum monte á vista da Praça, onde chegou tambem Balthazar Teixeira; sahiraõ de Monte Rey alguns Cavallos, travou-se huma escaramuça, que durou até a noute com pouco damno de huma, e outra parte. Ao amanhecer marchou Luiz Gomes, e Balthazar

Anno

1641.

*Continuaõ-se  
as entradas co  
varios successos.*

## 280 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

zar Teixeira para a Villa de Uimbra, seguiu-os Rodrigo de Figueiredo com o resto, era todo o numero tres mil Infantes, e 60 Cavallos, e levava duas peças de artilharia; porém disputava se entre huma, e outra Nação, e contendia-se sem forma, sem arte, e sem disciplina. Chegando a Uimbra os que hiaõ avançados acháraõ 200 Cavallos fora da Villa: era ella grande, com boas trincheiras, e melhor Guarnição: a Cavallaria sustentou a escaramuça em quanto não chegou Rodrigo de Figueiredo, o qual fazendo jogar as duas peças de artilharia, de que recebêraõ os Galegos damno, carregando-os juntamente com resolução, os fez retirar a Monte-Rey, desamparando o sitio em que estavaõ. Entraraõ os nossos Soldados sem difficuldade Uimbra, o mesmo fizeraõ no Lugar do Rosal, e ambos foraõ alimento do fogo. Passou Rodrigo de Figueiredo a queimar Moura, Lugar grande, e rico, que fica da outra parte do rio Tamaga meia legua de Monte-Rey. O Marquez de Tarragona estava formado entre Verim, e Monte-Rey á vista da nossa gente; resolução que pudêra justamente divertir a empreza: porém os successos da guerra compoem-se de tantas variedades, que he util muitas vezes ignorar os perigos para conseguir as victorias. Passou Luiz Gomes o rio com os sessenta Cavallos ao calor das duas peças de artilharia, seguiu o Balthazar Teixeira, avançou o inimigo algumas Tropas, que foraõ rebatidas, e desprezando-se as muitas balas de artilharia, que de Monte-Rey se disparavaõ, as quaes ainda que tiradas por elevação cahiraõ sem prejuizo entre os Soldados; passou toda a gente da outra parte do rio á vista dos Galegos: foy o Lugar queimado, e saqueado, e tornou Rodrigo de Figueiredo sem opposição a passar o rio, alojando aquella noite no mesmo lugar, em que havia estado a antecedente. Amanheceo, e dividio a gente em tres Tróços: entregou hum a Luiz Gomes, para que entrando pela parte fronteira a Monforte, fizesse nos Lugares do inimigo o prejuizo que lhe fosse possível, o que elle executou com grande damno daquelle distrito: outro deo a Balthazar Teixeira, ordenando-lhe que fosse queimar o Lugar de Medeiros, fronteiro



teiro a Monte-Alegre; e com o terceiro ficou fazendo cara a Monte-Rey, para divertir os soccorros. Não era o grosso muito consideravel; porém a pouca resolução dos Galegos disculpava qualquer temeridade. Marchou Balthazar Teixeira a atacar Medeiros levando pouco mais de mil Infantes: era o Lugar grande, cercado de trincheiras, e guarnecido com 700 homens. O costume de vencer alhanou a difficuldade da empreza, investio o Lugar, entrou-o, e rendeo-o, ficando mortos muitos dos defensores, retirando-se a Monte-Alegre, e Rodrigo de Figueiredo a Chaves.

Buscavaõ os Galegos, e Castelhanos, (Reinos com que confina Traz os Montes) todos os caminhos de satisfazer os repetidos damnos, que haviaõ experimentado. Assistiaõ nos Lugares de que eraõ Senhores naquella districto o Marquez de Alcanices, e o Conde de Alva de Lisse; constou-lhes por noticia de hum espia, que marchavaõ seis peças de artilharia, e algumas muniçoens de Lisboa para Miranda, e que levavaõ tão pouca gente de Comboy, que seria facil derrotalla, e tomar a artilharia. Persuadidos desta informação juntáraõ 2000 homens, e em seis de Outubro marcháraõ ao Lugar de Duas Igrejas, por onde affirmava o espia que o Comboy havia de passar: desvaneceu-se o intento sendo descoberto o trato, e detido o Comboy. Com esta noticia entrou o inimigo o Lugar de Duas Igrejas, e queimou outras Aldeas. Era Pedro de Mello Capitão mór de Miranda; tanto que teve avizo de que o inimigo juntava gente para entrar naquella Provincia, pediu soccorro a Francisco de Sampaio, que governava os seos, e outros Lugares na Torre de Moncorvo: sem dilação lhe mandou 1500 homens, e por Cabo delles Domingos de Andrade Correa. Havia passado de Chaves a Bragança Rodrigo de Figueiredo, onde recebeo avizo de Pedro de Mello de que o inimigo entrava, e ja sabia o intento pela confissão do espia, que prendeo, o qual pagou com a vida a traição que havia feito: tanto que Rodrigo de Figueiredo chegou a Bragança, receando o pouco presidio de Miranda, lhe man-

Anno  
1641.

Anno  
1641.

mandou cem Infantes, que foraõ os primeiros que chegáraõ do Mogadouro, nobre Villa entre outras muitas, que tem naquella Provincia o Conde de S. João. Despachou correios a todos os Lugares daquella parte, ordenando aos Capitaens môres, que juntando o maior numero de gente, que lhes fosse possivel marchassem para o Lugar de Argufello, Termo da Villa de Outeiro, onde achariaõ a ordem, que haviaõ de seguir. Para este mesmo Lugar mandou a Henrique de Figueiredo com a sua Companhia; e duas da Ordenança, ordenando-lhe que unindo toda a gente que chegasse áquelle sitio, que era o mais proprio para defender todos os Lugares de maior consequencia, que ficavaõ daquella parte, observando os movimentos do inimigo acodisse aonde julgasse que era mais util a sua assistencia. Logo que Henrique de Figueiredo chegou a Argufello teve noticia que o inimigo marchava para a Villa do Vimioso, avizou seu irmaõ, e acodio áquelle parte. O mesmo fez Rodrigo de Figueiredo, mandando primeiro, que partisse ordem a Pedro de Mello, para que viesse incorporar-se com elle no Lugar da Especiõsa, que ficava na Raia junto do Vimioso. Chegaraõ todos quasi á mesma hora, e tomando lingua souberaõ, que o Conde de Alva de Lize, e o Marquez de Alcanices se haviaõ retirado a conduzir novos soccorros com tençaõ de continuar a guerra, e que haviaõ fortificado o Lugar de Brandilhaens, situado na Raia, deixando-lhe seiscentos Infantes pagos de Guarniçaõ, com intento de entrar por aquella parte, facilitando em qualquer empenho a retirada. Considerava-se grande o risco de Miranda, aperfeçoada esta obra: porque estando com pouca Guarniçaõ, e peor defenfa, e naõ havendo meios para fazer as fortificaçoens capazes, e duraveis os presidios ficavaõ evidentes os discursos de que se encaminhavaõ contra esta Cidade as disposiçoens do inimigo. Nesta consideraçãõ se resolveo Rodrigo de Figueiredo a destruir o alicerse para arruinar o edificio, e se livrar do cuidado futuro con-

seguindo



PARTE I. LIVRO IV. 283

Seguindo a resolução presente. Marchou com cinco mil homens a atacar Brandilhaens, e como as disposições gastavaõ pouco tempo, por levar cada Soldado a ordem no seu alvedrio, e a fortuna no seu valor, resolutamente atacaraõ huns as trincheiras do Lugar ja levantadas, outros hum Reducto ainda não perfeito, e todos rompendo a opposição dos Castelhanos, entraraõ o Lugar, forçaraõ o Reducto, e degollaraõ parte da Guarnição. Foraõ os que primeiro deraõ exemplo aos mais, os Capitaens Henrique de Figueiredo, Gregorio de Escobar, Antonio de Almeida, e Francisco Pacheco. Rodrigo de Figueiredo valerosamente desprezando as balas, animou a todos, e religiosamente respeitou a Igreja, não consentindo que se lhe puzesse o fogo, á qual Pedro de Mello havia levado as portas, e defendendo-se os inimigos na Torre os obrigou a se renderem. Ficaraõ prisioneiros seis Capitaens, tres Alferes, quatro Sargentos, e duzentos e oitenta Soldados: custou a empreza quinze Soldados nossos, e retiraraõ-se vinte e cinco feridos, os despojos do Lugar fizeraõ aos Soldados mais suave o trabalho da victória. Recolheo-se Rodrigo de Figueiredo a Bragança, remetteo os prisioneiros a Lisboa, e o rigor do Inverno fez descançar as armas alguns mezes, que gastou ultimamente Rodrigo de Figueiredo dispondo com toda a attenção a defenta da Provincia.

Tocou o governo da Provincia da Beira a Dom Alvaro de Abranches, o qual depois de acclamar ElRey, e tomar posse do Castello de Lisboa, foy nomeado do Conselho de Guerra. Havia passado á restauração da Bahia por Capitaõ de Infantaria, e tinha-se embarcado em algumas Armadas, que correrã a Costa: quando ElRey se acclamou estava nomeado por ElRey de Castello para Governador de Mazagaõ. As poucas occasioens, que teve no governo da Beira, deixou quasi em silencio o pouco tempo, que assistio nesta Provincia a primeira vez, que foy a ella. Partio de Lisboa os ultimos de Janeiro de 1641, chegou a Coimbra acompanhado de Joaõ de Saldanha de Sousa, o qual havia exercitado os

Anno

1641.

*Ganha-se Brã  
dilhaens fortifi-  
cado.*

*D. Alvaro de  
Abranches go-  
verna a Beira.*

Anno  
1641.

*Corre a Pro-  
vincia, dispoem  
a defenja.*

*O Duque de Al-  
va se prepara.*

primeiros annos da sua idade na guerra de Africa em Mazagaõ, primeira grammatica dos moços daquelle tempo. Levava tambem Dom Alvaro por Tenente de Mestre de Campo General a Manoel Lopes Brandaõ, quatro Sargentos mōres, e doze Capitaens de Infantaria todos de conhecido valor. Passou de Coimbra a Viseo, desta Cidade aos mais Lugares da Provincia, dando nelles ordem ás levas necessarias de Cavallaria, e Infantaria. Dispoz a fortificaçaõ de Pinhel, e mandou alguma gente para Almeida, a mais importante Praça daquella Provincia, por cobrir grande parte dos Lugares abertos, e por ficar muito vizinha da Raia do Reino de Leão. Era Capitão mór de Almeida Dom Francisco de Lemos Ramiro, que com muito cuidado se prevenio para a defender. Correo Dom Alvaro de Abranches toda a Provincia: em Almeida se deteve alguns dias a dar principio á fortificaçaõ, que deixou encommendada a Rodrigo Soares Pantoja; passou a Castello Rodrigo, tres legoas distante de Almeida; poucos dias, depois de haver chegado, teve avizo que o inimigo juntava gente, e fez com toda a brevidade a mesma diligencia. Governava as Armas do partido contrario o Duque de Alva, o qual sabendo a prevençaõ de Dom Alvaro de Abranches, a que elle não havia dado motivo, porque só havia unido algumas Companhias, para retirar os Galegos, e derribar os moinhos do rio Touroens; prevenio os Lugares vizinhos da Raia: porém não pode divertir o receio dos moradores de Cidade Rodrigo, Praça de Armas daquella Provincia, porque quasi todos a desampararaõ, passando-se a Salamanca. Dom Alvaro de Abranches constando-lhe a causa, porque o Duque de Alva havia chamado aquellas Companhias, despedio a gente, que tinha junto, sendo todo o seu desejo conservar a suspençaõ de armas. Chegou-lhe em Julho ordem d'ElRey para romper a guerra, como nas outras Provincias se havia executado: porém elle considerando que era o damno infallivel, e a utilidade contingente, não alterou o estylo proposto. Esta prudencia foy mal discursada, ajudando a condemnalla



nalla os bons successos das outras Provincias ; porque como a temeridade andava valida da fortuna , e as felicidades costumão coroar as acçoens , sem se disputar a razaõ ou desordem com que se conseguiraõ , culpavaõ os pouco acautelados a Dom Alvaro de Abranches o socego , como se na guerra não fora o beneficio do tempo o melhor soccorro. Na confiança desta sua resolução se cultivavaõ sem prejuizo as terras de huma , e outra parte , achando-se os Castelhanos com tão pouco poder , que avaliavaõ por fortuna não se romper a guerra. Hum accidente esteve para descompor esta boa correspondencia , mas teve facil remedio , porque caminhavaõ a hum mesmo fim as ideas de ambas as partes.

Anno  
1641.

Veio ter o Estio á Villa de Naves frias , tres legoas de Alfaiates , Dom Thomaz de Oria , filho do Duque de Turs , e Reitor da Universidade de Salamanca. Sahindo hum dia á caça , encontrou hum Paizano Portuguez , que sem causa levou prisioneiro. Teve aviso deite successo Braz Garcia Mascarenhas , Capitaõ de Alfaiates , deo conta a Dom Alvaro de Abranches , o qual parecendo-lhe preciso mostrar , que não nascia de temor a suspensão da guerra , ordenou a Braz Garcia , que procurasse a satisfação deste agravo na pessoa de Dom Thomaz de Oria , declarando-lhe que não fizesse damno a outra alguma pessoa. Com esta ordem sahio Braz Garcia huma noite de Alfaiates com cento e trinta Infantes : antes de amanhecer chegou a Naves frias sem ser sentido , e informado da casa de Dom Thomaz a rodeou de Mosqueteiros. Inquietaraõ-se os moradores com sobressalto tão repentino , porém Braz Garcia , dando-lhes palavra de os não molestar , os livrou do receio. Fez logo derribar as portas da casa de Dom Thomaz , entrou dentro , mas não conseguiu prendello , porque sentindo o rebate , se lançou por huma janella , e ferido levemente de huma bala elcapou em hum mato vizinho da Villa : ficaraõ prisioneiros quatro criados seus , e Dom Cesar Lencabechia seu primo , com quem se enganaraõ os nossos Soldados , presumindo que era Dom

D. Thomaz d.  
Oria prende hu  
Paizano.

Braz Garcia  
Mascarenhas  
intenta pren-  
dello.

Anno  
1641.

*Manda o Du-  
que de Alva  
restituir huma  
preza.*

*Retira-se D. Al-  
varo de Abran-  
ches, e governa  
João de Saldan-  
ha,*

Thomaz. Foy remettido a Lisboa, e teve industria para fugir da prizaõ. Braz Garcia Mascarenhas fez guardar taõ pontualmente aos Soldados a ordem, que levava, que até perdoáraõ á prata, que havia em casa de Dom Thomaz, e soltando o Paizano prisioneiro, se retiráraõ para Alfaiates. Passados alguns dias levarãõ os Castelhanos huma grande preza da Atdeia da Ponte, huma legoa de Alfaiates. Logo que D. Alvaro de Abranches recebeu o avizo, ordenou a Braz Garcia Mascarenhas, que procurasse a recompensa. Era elle activo, e resolutivo, juntou gente com grande pressa: porém quando estava para marchar, chegou hum volantim do Governador de Guinaldo com toda a preza, que se havia levado, dizendo, que o Duque de Alva mandava restituilla, e dinheiro para pagar as rezes, que faltassem. Eraõ só cinco, que o volantim pagou; e com o gado, e esta satisfação se retirou Braz Garcia Mascarenhas para Alfaiates, e ficáraõ as Provincias no socego antecedente. Em Setembro abriu Dom Alvaro de Abranches com ordem d'ElRey Alfandega em Salvaterra: porém experimentando-se que resultavaõ alguns inconvenientes da communicacão dos Castelhanos, se tornou a cerrar. Em Novembro pedio Dom Alvaro licença a ElRey para se passar a Lisboa a se curar de alguns achaques, que padecia: concedeo'lh'a, e deixou a Provincia entregue ao Tenente General da Cavallaria João de Saldanha, o qual a governou tres mezes com grande aceitaçãõ de toda ella, fazendo trabalhar nas Fortificaçoens, que elle mesmo com grande sciencia defenhava. Armou os Soldados de Cavallo de carabinas, e pistolas, de que careciaõ, fazendo adestrallos com exercicios continuos: conseguia varias, e uteis intelligencias em Castella; e querendo os Castelhanos interperder Prexo de Espada á cinta, teve taõ anticipado avizo, que prevenio Francisco de Sampaio, por cuja conta corria este Lugar, o qual dobrando'lhe a Guarniçaõ, fez desvanecer este intento. O tempo, que durou a João de Saldanha o governo, foy taõ aspero por ser no rigor do Inverno, que não teve occasiãõ de intentar empresa alguma. No fim



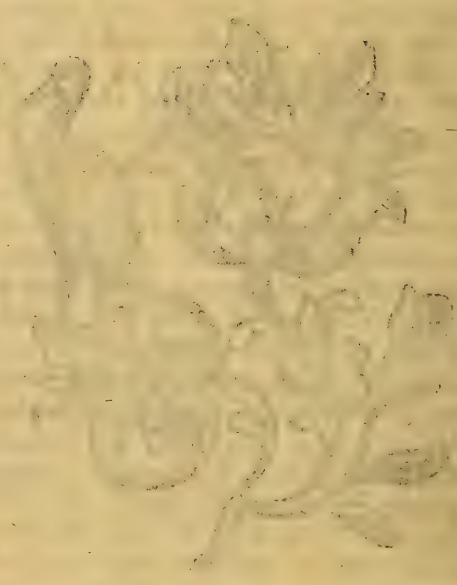
PARTE I. LIVRO IV. 287

Em fim de Dezembro soube que o Duque de Alva fazia algumas prevenções, seguiu todos os Lugares arriscados, e ficou a Provincia socegada até Março do anno seguinte, tempo em que chegou a governalla Fernão Telles de Menezes, como em seu lugar referiremos.

Anno  
1641.



1000  
1000







# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO V.

## SUMMARIO.



*LEGE ElRey Ministros para decidir os negocios de maior importancia. Concede licença á Duqueza de Mantua para voltar a Castella. Conspiração contra ElRey: descobre-se: prendem-se os cúmplices, e confessado o delicto são castigados os de maiores culpas. Chega a Lisboa a Armada de França. Une-se com a Armada d'ElRey: navegaõ antes de chegar a de Hollanda, e todas se separaõ com pouco effeito. Tomaõ os Hollandezes Angola, S. Thomé, e Maranhão. Dispoem-se os moradores a restaurar esta perda. Na India se perde Malaca, e soccorre-se Ceilão. Chega a Lisboa a nova dos máos successos das*

Anno  
1641.

*Conquistas, e deixa ElRey navegar livre para Hollanda a Armada dos Estados, que estava surta no porto de Lisboa. Sabe Tristão de Mendoça com ella: perde-se em hum tormento.*

**N**O labyrintho de Ideas: muito differentes das aquellas, que placidamente tantos annos cultivára, passava ElRey Dom João de hum cuidado a outro cuidado no principio do seu Governo: e ainda que a felicidade com que havia tomado posse do seu Reino, era para o coração efficaç epitome, como o combatiaõ tantas Ideas, se não desfalecia, não farava. Havia roto a guerra com poucos Capitães experimentados, e menos Soldados veteranos; o Reino quasi exhausto de dinheiro, muniçoens, e armas, contra hum Rey tão poderoso, que abundava de tudo o de que elle carecia. Era-lhe necessario não se fiar de todos, nem mostrar que desconfiava de alguns de seus Vassallos; attenção de que muitas vezes lhe resultava seguir o parecer dos indiscretos por confidentes, outras dos mal affectos por entendidos, e como interiormente por hum, e outra causa desconfiava ou destes ou daquelles, e as experiencias erão tão poucas, confundiaõ-se as resoluçoens, e desencaminhavaõ-se muitos negocios: porém na consideração dos dilatados annos em que outros exercicios fizeraõ habito na natureza d'ElRey, assistindo em Villa Viçosa a todos os acertos politicos, que mandavaõ de seu Governo, saõ dignos de louvor, e nenhum era ro mereca ser condemnado, porque abraçou muito generosa empresa, e grangearaõ todas as suas acções immorttal memoria. As materias mais importantes da Monarquia consultava com a Rainha Dona Luiza, porque reconhecia no seu discurso soberana intelligencia, e era o seu peito o centro do segredo: virtudes que tendo por base hum espirito varonil, que transluzia pelo veo de hum Regio semblante muito decorosamente agradavel a collo. cáraõ viva na estimação de todo o mundo, morta entre as luzes da melhor esfera: porque combatida das calumnias, e apurada nos infortunios soube reinar para ven-



cer, e vencer para reinar, como a seu tempo largamente referirá a segunda parte desta historia. Francisco de Luce-  
na Secretario de Estado era dos Ministros de que ElRey  
fazia merecida estimaçãõ: porque além de muitas noti-  
cias, e de grandes experiencias, lograva entendimento  
sagaz, e sagacidade que foy mais util para as materias da-  
quelle tempo, que proveitosa para a sua conservaçãõ.  
De Antonio Paes Viegas, antigo, e fidelissimo Secreta-  
tario da Casa de Bragança, fiava ElRey os maiores nego-  
cios; e porque era impedido da gota, o mandava levar  
ao Paço em huma cadeira. Com entendimento, e zelo  
aconselhava a ElRey, e lhe inculcava para os Postos os  
sogeitos de maior capacidade. Estes eraõ os que familiar-  
mente tratavaõ com ElRey. Entre os mais preferia com  
grande acerto o Arcebispo de Lisboa, e o Capellaõ mór  
Dom Alvaro da Costa: neste sobrava a destreza, naquel-  
le a sinceridade. Tambem favorecia ElRey ao Visconde  
Dom Lourenço de Lima, a Dom Manoel da Cunha Bis-  
po de Elvas, e a Joãõ Rodrigues de Sá Conde de Pena-  
guiaõ seu Camareiro mor. Outros se foraõ introduzindo,  
de que se dará noticia em seu lugar. A mudança do gover-  
no havia gerado no corpo da Republica differentes humo-  
res, os quaes combatendo a natureza dos negocios, ho-  
ra os bons a fortaleciaõ, hora os máos a debilitavaõ, di-  
vertio ElRey estes lastimosamente com a descarga do san-  
gue, corroborou aquelles com a igualdade do alimento:  
mas foraõ tão cultos os meios de chegar ao fim da saude  
pertendida, que merece a narraçãõ delles observaçãõ par-  
ticular.

Retirada no dia da acclamaçãõ d'ElRey para os  
Paços de Xabregas a Princeza Dona Margarida de Austria  
Duqueza de Mantua, que governava estes Reinos, a  
passaraõ para o Convento de Santos, como fica referido,  
entendendo-se que ficava naquelle sitio com menos sus-  
peitas de fomentos os animos duvidosos, e segurar os que  
seguiãõ a saccaõ de Castella; porque estando alojados no  
mesmo Paço o Marquez de la Puebla, e o Corde Baine-  
to Cavalheiro maior da Diqueza creziaõ as presun-  
ções de se communicarem com muitas pessoas em grande  
pre-

Anno

1641.

*Ministros de q  
ElRey fazia  
mais confiança.*

## 292 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Discursos acer-  
ca da Duqueza  
de Mantua.*

prejuizo do novo governo; porém com toda esta cautela não cessára as persuações, de que a assistência da Duqueza era perigosa confiança dos sequazes de Castella. Discursavaõ alguns Ministros, que a Duqueza não servia em Portugal mais que de inquietar os animos, e fomentar sedições, e que se fazia com o seu sustento consideravel dispeza: por cujos respeitoos convinha buscar meio, para que ella fosse quem pedisse licença para passar a Castella, insinuando-se-lhe, que se lhe não havia de negar, e que com a sua liberdade se conseguiria soltarem em Castella alguns Portuguezes, que estavaõ prezos com grande molestia. Davaõ por author desta pratica a Francisco de Lucena, dizendo-lhe, que por este respeito queria grangear a liberdade de seu filho prezo com aperto em Madrid; e não eraõ os que faziaõ este discurso mãos para testemunhas da sua defeza, quando depois o prenderaõ: porque estando elle ganhado por Castella, não necessitava de industria para a liberdade de seu filho. Os que encontravaõ a opiniaõ de se mandar a Duqueza para Castella diziaõ, que perdiamos o maior penhor da liberdade do Infante Dom Duarte; porque ElRey de Castella, quando não fosse mais que por reputação, como constava de varias cartas do Infante escritas a ElRey, lhe convinha procurar ver livre da prizaõ, que padecia por teu respeito, a Duqueza de Mantua, pessoa em quem concorriaõ todas as prerogativas de grandeza; e que estando ella dentro do Convento de Santos, facilmente se lhe poderia evitar a communicação de Castelhanos, e Portuguezes; e quanto ao dispendio, não era razao, que lembrasse, estando de permeanho considerações de tantas consequencias. Esta variedade de opinioens fazia duvidar a ElRey da resolução, que havia de tomar nesta materia: porém succedendo, sem ser necessario outra diligencia, mandar a Duqueza pedir a ElRey com grande instancia licença para passar a Madrid, e achando a Rainha por medianeira da sua liberdade, ou por compaixão, ou por politica, veio ElRey a tomar a resolução menos conveniente, que foy a de lhe conceder a licença, que pedia, e juntamente de poder mandar a Madrid Dom Pedro da Mo-

*Concede ElRey  
licença a Du-  
queza.*



ta Sarmento, seu Mordomo, que levou cartas abertas da Duqueza para ElRey Catholico, e para o Conde de Olivença, que continhão noticia da liberdade, que se lhe permitia. Porém antes que voltasse resposta destas cartas, se descobriraõ as conspiraçoes contra ElRey, de que logo daremos noticia; successo, que esfoicou a opiniaõ de mandar a Duqueza para Castella, avaliando-a por authora de todas as revoluçoens. Assentada esta determinaçãõ, mandou ElRey dizer á Duqueza, que se prevenisse para passar a Madrid: replicou ella, dizendo, que partiria quando lhe chegasse resposta da carta, que havia escrito a ElRey Catholico. A repugnancia a fez mais suspeitosa com os que fomentavaõ a sua jornada, dos quaes persuadido ElRey, lhe ordenou, que sem replica se prevenisse para partir. Obedeceo a Duqueza, e partio com a sua familia acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime, Simão de Oliveira da Costa. Chegou a Elvas, e achou duas legoas da Cidade, que a aguardava Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas particulares, que se achavaõ naquella Praça. Não lhes fez a differença do tempo mudar de estylo, tratando a Duqueza com o mesmo respeito, e cerimonia, que lhe rendiaõ quando governava. Instou ella, pedindo que se cobrissem quando lhe falavaõ, não conseguio mudança com o seu rogo, muito á satisfacção do seu levantado espirito, que se não havia abatido com os infortunios. Apeou-se no Convento dos Religiosos de São Paulo fóra dos muros de Elvas, onde lhe preveniraõ aposento, não se fiando de hospedes tão suspeitosos: porém a ostentacção, e os regalos dissimuláraõ a desconfiança. No dia seguinte chegou a Elvas o Ouvidor de Villa-Viçosa com ordem d'ElRey para examinar o fato da Duqueza. Executou-se contra o parecer de Martim Affonso de Mello, e achando-se que levava muito pouco cabedal, principal causa (como se entendeo) daquella diligencia, ficou esta acção mais defairosa. Quiz a Duqueza reservar hums papeis, que disse serem cartas do Pontifice, d'ElRey Catholico, e de seu marido; instou o Ouvidor indiscretamente que

Anno  
1641.

Parte a Duqueza.

Anno

1641.

*Chega a Badajoz.**Noticia dos que conspiraõ contra ElRey.*

era preciso examinallas, tomou ella rompellas por expediente, e entregouras a hum criado seu, dizendo, que as queimasse. Offendeo a todos, os que assistiaõ, o excesso do Ouvidor, e ElRey sabendo-o se deo por mal servido, e peor aconselhado em o mandar áquella diligencia. Despedio a Duqueza hum criado a Badajoz a negociar com o Conde de Monte-Rey as bagagens necessarias para o seu fato: ajustou-se que na ponte de Caia se mudasse das em que hia de Portugal para as de Castella. Partio a Duqueza, e querendo os dous Ministros de justiça que a acompanhavaõ, que o seu fato pagasse direitos na Alfandega, o não consentio Martin Affonso de Mello, e te obrigou elle, e Dom João da Colta á satisfação do dinheiro que importasse: porém ElRey ordenou que se não falasse nesta materia. A Duqueza partio para Badajoz acompanhada de Martin Affonso de Mello, e de todos os mais que se acháraõ naquella parte, cessando por aquelle dia as hostilidades da Campanha. Despedio-se a Duqueza mais obrigada da cortezia dos Soldados, que do trato dos Cortezaõs, não deixando em Portugal queixosos do seu governo; porque com grande entendimento, e generosidade havia encontrado as desordens, e insultos dos Ministros de Castella.

Aprestou a jornada da Duqueza de Mantua, (como ja dissemos) descobrir ElRey a conspiração dos que intentavaõ tirarlhe a vida, e ao Reino a liberdade. Não era de todo averiguada esta materia, quando ElRey se resolveo a mandalla, e com as primeiras luzes della entendeu ElRey, que a assistencia da Duqueza servia de incentivo ao desordenado intento dos conspirados. Foy D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo de Braga o primeiro que fabricou esta infelice resolução, querendo pagar a ElRey Catholico os beneficios que havia recebido daquella Coroa, e comprar com perpetuo discredit o louvor apparente de agradecido. Era composto de entendimento sagaz, e de animo intrepido, e sabia com a liberalidade facilitar as suas opiniões. Quando ElRey se acclamou exercitava a occupação de Presidente do Paço, como acima referimos. Receosos os que acclamáraõ ElRey do seu espi-



espirito; e da inclinação, que mostrava aos interesses de Castella, intentárao matallo; de que se dissuadirão o dia antecedente ao da acclamação, parecendo-lhe melhor acordo cbrigallo com beneficios; politica, cujo successo depende dos animos em que se emprega. Elegerão o Arcebispo por hum dos Governadores do Reino em quanto ElRey se dilatava, como tambem fica apontado: quando ElRey chegou lhe fez tantos favores, que, a ser menos obstinado o seu animo, bastaraõ para grangeallo, havendo tambem sido as intercessões d'ElRey poucos tempos antes em Madrid causa das suas melhoras, quando de Bispo de Elvas passou a Arcebispo de Braga. Esquecido pois das obrigações passadas, e dos beneficios presentes, ou por afeição á Coroa de Castella, ou por duvidar da conservação de Portugal, se resolveo o Arcebispo a ser Dom Oppas Lusitano, não se lembrando do Bispo de Lisboa Dom Martinho, que em tempo d'ElRey Dom João primeiro foy sem culpa na sua propria Igreja emprego lastimoso da ira das suas mesmas ovelhas, que podem cegamente fazer-se vorazes com os desconcertos de hum máo Pastor. O primeiro caminho, que o Arcebispo buscou para a disposição do seu desordenado intento, foy introduzir ras pessoas, que lhe pareciaõ dispostas ou por queixa do novo governo, ou por dependencias de Castella, a pouca segurança da nova Monarquia, dizendo: que contendia sem forças contra o poder d'ElRey Catholico, formidavel a todo o mundo; que os Exercitos, e Armadas dos Castelhanos haviaõ de encher os campos, e povoar os mares; que a defenfa de Portugal por todos os caminhos se mostrava impossivel, porque as ordens d'ElRey, e de seus Ministros todas erã confusas, e a execução dellas como as ordens; que as fronteiras estavaõ abertas, nos Cabos das Provincias não havia mais que o nome, e nos Soldados só a apparencia: de que era facil tirar por conclusão, que brevemente seriaõ lastimoso espectáculo as cabeças dos que barbaramente seguissem a incerteza do novo governo.

Anno  
1641.

He author o Arcebispo Primaz.

A primeira pessoa a que persuadio esta cavilosa pratica foy ao Marquez de Villa Real Dom Luiz de Me-

Junta se lhe o Marquez de Villa Real.

Anno

1641.

*Persuade o Arcebispo o Conde de Armamar, e outros.*

Menezes, a quem eu mudára o nome, se não faltára a verdade da historia. Estava em Leiria quando ElRey foi acclamado, e não se lhe havia fiado anticipadamente esta noticia, porque o seu talento não havia grangeado tanto credito, como merecia o seu esclarecido sangue. Era o Marquez facil de persuadir, e difficil em discurtar; penetrou a doutrina artificiosa do Arcebispo, entregou-se-lhe, e deixou-lhe na disposição o seu alvedrio. Communicou a seu filho Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha a sua deliberação, o qual com mais valor, e não melhor fortuna contradisse a seu pay o cego intento, a que se arrojava, lembrando-lhe o juramento a que estavam obrigados, e quanto melhor seria perder a vida defendendo a liberdade da Patria, que conservar a Casa no infelice cativoiro de Castella. Persuadio tambem o Arcebispo a seu sobrinho Ruy de Matos de Noronha, primeiro Conde de Armamar, sendo facéis de enganar as suas poucas experiencias, e communicou o desordenado intento, que havia abraçado, com outras pessoas da primeira, e segunda qualidade, cujos nomes referiremos quando dermos conta das prizoens de todos os culpados. Desejava o Arcebispo dar noticia a ElRey Catholico da tea que hia ordindo, custando-lhe grande cuidado não ter resposta de huma carta, que lhe havia escrito por D. João Soares, de cuja resolução teve noticia quando se passou para Castella, na qual se disculpava de aceitar o Governo, e cooperar nas diligencias de se reduzirem os Lugares do Reino, firmando as cartas escritas a este fim. Por se livrar do embaraço que padecia se resolveo a mandar a Castella hum homem, chamado Manoel Valente, Escrivão da Tabola de Setubal; e não podendo ajustar com Manoel Valente esta jornada tão brevemente como pretendia, determinou mandar Diogo de Brito Nabo; porém antes que o conseguisse se descobrio a conjuração. Huma das pessoas de que o Arcebispo uzava para o fim que pretendia, era Melchior Correa da Franca, ao qual havia negociado Diogo Soares a mercè do Habito de Christo, e a Patente de Mestre de Campo de hum Terço, que havia de levantar em Portugal, pago com o dinheiro que re-

ultasse



Anno  
1641.

sultasse da venda dos Habitos das Tres Ordens, e foros de Fidalgos, para que tambem tinha trazido ordens de Castella. Vendo com a acclamação d'ElRey desvanecida a commissão, e divertido o posto, determinou passar a Castella em companhia de Diogo de Brito Nabo, tambem dependente daquelle Governo. Por algũas circumstancias que não puderaõ dissimular se descobrio este intento dos dois referidos: mandou ElRey prendellos, e, não havendo bastante prova do seu delicto, foraõ logo soltos. Esta piedade que pudera servir-lhes de arrependimento lhes accrecentou a confiança, e se offerecêraõ ao Arcebispo (o qual lhes communicou o seu intento) a accrecentar o numero dos conjurados. O primeiro em que teve effeito a sua diligencia foy Pedro de Baeça Thesoureiro da Alfandega, e homem de negocio; persuadio'o Melchior Correa affirmando-lhe contra a verdade, que passavaõ de mil os que entravaõ na conjuração. Fallou Pedro de Baeça por intervenção de Melchior Correa com o Marquez de Villa Real; remetteo'o o Marquez ao Arcebispo, que assistia em huma quinta fóra de Lisboa junto a Nossa Senhora da Luz, recebeu-o elle com muitos louvores, e grandes promessas, e depois de varias conferencias affirmou Pedro de Baeça ao Arcebispo, que, unidos os seus cabedaes aos de Diogo Rodrigo de Lisboa, e Simão de Soula tambem contratadores, governados pela sua direcção, entregaria á sua ordem hum milhaõ, e trezentos mil cruzados; porém a promessa era com pouco fundamento, por não serem taõ grossos os cabedaes dos tres, nem os animos dos dois taõ seguros. Encaminhadas estas disposições pelo Arcebispo, e deseioso de augmentar outras para adiantar a execução, achou com maior pressa o castigo da sua temeridade, porque Pedro de Baeça tanto que se apartou do Arcebispo foy buscar Luiz Pereira de Barros Contador da Fazenda, o qual havia sido obrigado a Miguel de Vasconcellos: e arguido de que escrevia a Castella, o tinha ElRey mandado prender, e soltar juntamente em breves dias, por justificar a sua innocencia. Julgando Pedro de Baeça por bastantes estas causas para o fazer parcial da conjuração, se declarou

com

Anno

1641.

com elle, facilitando-lhe a certeza de matar a ElRey, e de restituir o Reino a Castella com os soccorros, que ElRey Catholico havia de mandar sem falta por terra, e por mar, e legourolhe que eraõ oitenta os Fidalgos conjurados, e mais de quinhentas as pessoas de outras qualidades, persuadindo-o a ter parte em tão grande empreza, com interesses, que haviaõ de resultar della aos que a conseguissem. Dividiraõ-se os dous, mostrando Luiz Pereira que ficava persuadido: porém, passados oito dias, se resolveo a dar conta a ElRey da conjuraçaõ, e querendo especular primeiro todos os fundamentos desta maquina, foy buscar Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle havia considerado o que lhe ouvira referir, e que achava a empreza tão grande, que se não resolvía a entrar nella sem saber os nomes dos conjurados, e como determinavaõ dispor o que emprendiaõ. Respondeo-lhe, que os conjurados eraõ o Marquez de Villa Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, e outras muitas pessoas; que a ordem, e o modo da execuçaõ se esperava de Madrid, donde sabia que se havia promettido hum grande Exercito, com que o Conde de Monte-Rey havia de entrar por Alemtejo, e huma Armada, que no dia da execuçaõ se havia de achar na barra de Lisboa, e que se elle quizesse fallar com o Arcebispo de Braga, que elle o acompanharia, e que sendo-lhe necessario dinheiro para persuadir algumas pessoas mandaria contar todo o que lhe pedisse.

*Luiz Pereira de  
Barros descor-  
bre a ElRey a  
conjuraçaõ.*

Havendo Luiz Pereira colhido as noticias, que desejava, se despedio de Pedro de Baeça, e sem interpor dilataçõ, se foy ao Paço: fallou a ElRey, e deo-lhe conta assim da primeira como da segunda conferencia, que havia tido com Pedro de Baeça, e de todas as circumstancias acima declaradas. Ordenou-lhe ElRey, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas, e que lhe referisse por escrito tudo quanto lhe havia repetido. Assim o executou Luiz Pereira, e remunerou ElRey a sua fidelidade com hum grande Cõmenda. Foy esta primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçaõ, e com ella accrescentou a vigilancia, tra-



tratando de examinar mais juridicos fundamentos. Dentro de breves dias conteeuio este intento na confissão de Manoel da Silva Mascarenhas natural do Torraão, e assistente em Lisboa, o qual achando-se humta tarde em nossa Senhora da Luz, o veio buscar Manoel de Vasconcellos, com quem havia de poucos tempos antes travado amizade, e discorrendo ambos do estado do Reino lhe disse Manoel de Vasconcellos, que era infallivel verem Portugal em poucos mezes conquistado do poder formidavel de Castella; porque elle reconhecia a debilidade da nossa defensão com mais circumstancias que outra alguma pessoa, por haver chegado de Elvas de assistir ao Conde do Vimioso, e servir-lhe de Secretario; e que por esta, e outras causas muito relevantes não faltavaõ muitas pessoas de grande qualidade, e entendimento, que estavaõ resolutas a atalhar o castigo que a todos ameaçava, executando as maiores finezas pelo serviço d'ElRey Catholico, e ultimamente lhe declarou tudo quanto os conjurados haviaõ conferido. Não quiz Manoel da Silva, com maior amigo, e melhor acordo, uzar de dissimulação alguma: extranhou a Manoel de Vasconcellos com grande efficacia a proposição que lhe havia feito, e animando-o á confiança da defensão do Reino, lhe disse, que se resolvesse a hirem logo dar conta a ElRey do perigo a que estava exposto. Sobresaltado, e temeroso se excusava Manoel de Vasconcellos: porém obrigado do receio deo permissão a Manoel da Silva, para que logo fosse avizar a ElRey da parte de ambos. Não tardou Manoel da Silva na diligencia, porém não podendo falar a ElRey com a pressa que desejava, impaciente da dilação foy buscar o Conde do Vimioso a sua casa, o qual havia chegado naquelle tempo de Alemtejo desobrigado do Posto, e deo-lhe conta de quanto havia passado com Manoel de Vasconcellos. Louvou-lhe muito o Conde a fineza, e o zelo, e avaliando por grande fortuna offerecer-se-lhe occasião de mostrar a ElRey a sua constancia, e fidelidade, quando padecia os maiores aggravos, foy ao Paço, e communicou a ElRey toda esta materia. Ordenou-lhe ElRey que aquella mesma noite levasse comsi-

Anno

1641.

*Fidelidade de  
Manoel da Sil-  
va.*

*Dá conta o Co-  
de do Vimioso  
a ElRey.*

300 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Manda ElRey  
ao Conde que  
fale ao Arce-  
bispo.*

*Descobre-lhe a  
conjuracão.*

*Difficuldades q̃  
ElRey conside-  
ra neste nego-  
cio.*

go a fallar-lhe a Manoel da Silva, e a Manoel de Vasconcellos. Não dilatou muito esta ordem, e foy de qualidade a desgraça do Arcebispo, e dos mais conjurados, que nem souberão que Manoel da Silva descobrira o seu intento, nem Manoel de Vasconcellos, estando ganhado da negociação do Arcebispo, lhe communicou o máo successo que tivera com Manoel da Silva a sua diligencia: porque com huma, ou outra noticia podera desvanecer facilmente os indicios que calumniavaõ a sua fidelidade. E tão claramente permittio Deos, que este successo fosse encoberto ao Arcebispo, que cego do seu delicto, visitando-o o Conde do Vimioso, se deliberou a tentar o seu fidelissimo animo, presumindo que o Conde queixoso do aggravo de lhe haver ElRey tirado sem causa o governo das Armas de Alemtejo, se arrojaría a entrar no numero dos conjurados. Resoluto neste delirio fez ao Conde huma larga oração, e ostentou nella todas as ideas acima declaradas. Repetio os nomes dos conjurados, e accresentou outros que o não eraõ; cavillação, que em grande prejuizo de sua consciencia fez prender muitas pessoas sem culpa. O Conde respeitando a Dignidade, e os annos do Arcebispo, e o damno que resultaria a tão grave negocio de qualquer demonstração que fizesse, reprimio a justa colera que lhe causou tão abominavel practica, e com palavras geraes separou a conversação, e foy logo dar conta a ElRey de tudo o que havia passado com o Arcebispo; e conferida a resolução que havia de tomar em negocio tão arduo, e de tão relevantes consequências, achavaõ-se por todas as partes grandes difficuldades que vencer, por serem as pessoas nomeadas na conjuração tão aparentadas, e de tanta qualidade, que quasi todos os que forçosamente haviaõ de cooperar nas prizoens podiaõ ser contados como partes dos que se haviaõ de prender, e onde as raizes eraõ tão poucas, podia-se reccear a menor tempestade. O coração d'ElRey ornava-se de grande valor, porém deixava-se persuadir dos discursos bem fundados, e assim ainda que desejava livrar-se do cuidado com a execução, vencia-o a prudencia, reconhecendo as difficuldades da empreza. Hum dos reparos que mais o em-



o embarçavao era ser-lhe forçoso mostrar ao mundo, que havia Vassallos no seu Reino tão cegamente precipitados, que se resolviao a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. Continuando em ElRey a perplexidade, denunciarao de Pedro de Baeça huns criados seus, dizendo, que elle maquinava contra a conservacao do Reino com Melchior Correa da Franca, e Diogo de Brito Nabo. Tomado judicialmente este depoimento, e concordando com a confissao de Luiz Pereira de Barros, se resolveo ElRey a mandar prender os tres denunciados, esperando que resultasse da sua declaracao maior fundamento contra os conspirados de mais alta esfera. Foraõ prezos os tres, e postos a tormento: levou Pedro de Baeça os tratos sem confessar o delicto, soffreraõ os os dous com menos constancia; e concordou a sua confissao com quasi todos os indicios antecedentes. Vendo ElRey tantas evidencias julgou, que era preciso tomar nesta materia a ultima resolucao, para que nos culpados com a dissimulacao se nao augmentasse a ousadia, e para que o castigo fosse freio dos que vacillavaõ, e alento dos que o defendiaõ.

Escolhido este discurso pelo mais acertado, no dia que se contavaõ 28 de Julho, mandou que os quatro Terços da Ordenança se formallem nas praças principaes da Cidade, advertindo que determinava fahir a vellos exercitar. Deo-te recado a toda a Nobreza, para que viesse aquella tarde, que era Domingo, ao Paço a acompanhar a ElRey, e junramente se fez avizo aos Conselheiros de Estado, para que todos às tres horas depois do meio dia se achassem no Conselho. O Marquez de Villa Real affustado das prizoens de Pedro de Baeça, Melchior Correa, e Diogo de Brito, e admoestado de seu filho, ou arrependido do seu errado intento, disse a ElRey, sahindo aquella mesma manhãa de ouvir Missa na tribuna, que o zelo com que se dedicava ao seu serviço não soffria dilacoes, que tinha materia muito importante que lhe communicar. ElRey sem mostrar a menor perturbação lhe respondeo, que viesse às tres horas ao Conselho de Estado. Assim o executou o Marquez, e subindo a esca-

Anno  
1641.

*Prizão de alguns  
cumplices, de q  
resulta prova  
mais clara.*

*Prevenções  
para se pren-  
derem os con-  
jurados.*

Anno  
1641.

*Prendem-se o  
Marquez de  
Villa Real, o  
Arcebispo de  
Braga, e outros.*

da do Paço achou o Porteiro mór Luiz de Mello que o em  
caminhou a hum aposento, onde estava Thomé de Sou-  
sa, o qual tanto que o Marquez entrou lhe disse, que  
ElRey lhe ordenava que o prendesse. Perturbado, e sem  
replica lhe entregou a espada. Na mesma forma prendeu  
em outro aposento ao Arcebispo de Braga, D. Rodrigo  
de Menezes filho segundo do Conde de Cantanhede, na-  
quelle tempo Delembargador do Paço. Dom Pedro de  
Menezes, que foy Bispo eleito do Porto, prendeu pelo  
mesmo estylo ao Bispo Inquisidor geral. A ordem de pren-  
der ao Duque de Caminha se deo a Pedro de Mendoça,  
e Antonio de Saldanha: aguardáraõ elles que o Duque  
chegasse às escadas do Paço, e antes que se apeasse, se-  
meteraõ com elle no mesmo coche em que vinha, e o  
leváraõ á Torre de Belem, de que era Capitão mór An-  
tonio de Saldanha. Para a mesma hora tinhaõ as Justiças,  
e alguns Fidalgos varias ordens, que executáraõ, pren-  
dendo a Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys, e a  
Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belem: para a  
de São Filippe de Setubal foy levado Dom Antonio de  
Ataide Conde da Castanheira, para a de Outaõ Gonçalo  
Pires de Carvalho: na Torre de Cascaes foy prezo Anto-  
nio de Mendoça Commissario da Cruzada, e no Castello  
de Lisboa Ruy de Matos de Noronha Conde de Arma-  
mar: no Convento de Belem, passando depois para a  
Torre, Frey Luiz de Mello Religioso de Santo Agostinho,  
Bispo eleito de Malaca: nas Cadeas do Limoeiro prendé-  
raõ a Paulo de Carvalho Vereador da Camera, e a seu  
irmão Sebastiaõ de Carvalho ambos Desembargadores da  
Casa da Supplicação, Luiz de Abreu de Freitas Escrivãõ  
da Camera d ElRey, Jorge Fernandes de Elvas, que pou-  
cos dias antes se havia passado de Castella a este Reino,  
Diogo Rodrigo de Lisboa, Jorge Gomes Aleixo seu filho,  
e Simaõ de Sousa Serrãõ, todos tres homens de nego-  
cio de grossos cabedaes, Christovaõ Cogominho guarda  
mór da Torre do Tombo, Manoel Valente Escrivãõ da  
Tavola de Setubal, Antonio Correa Official maior da Se-  
cretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoei-  
ro a Dom Agostinho Manoel, e do caminho de Coim-  
bra



bra para Braga, trouxeraõ prezo á Torre de Belem o Bitpo de Martyria Dom Francisco de Faria, que havia sido creado do Arcebispo de Braga. Tendo ElRey avizo que as prizoens acima referidas estavaõ executadas, sahio com semblante triste, e levero a huma casa, onde o aguardava toda a Nobreza da Corte, á qual manifestou o sentimento com que se achava, de o obrigarem os intentos dos conjurados á resolução que contra elles tomára, e que ingenuamente affirmava, que tratar da sua segurança era mais que amor da vida, amor de seos Vassallos: porque se o haviaõ buscado para defenfa, e liberdade propria, destruida a causa, perigavaõ sem duvida os effeitos; e que com animo igual, não estando de per meio esta obrigação, elegéra antes a morte, que a pena que padecia, vendo que era o primeiro Rey de Portugal, contra cujo decoro descobertamente prevaricára a fidelidade Portugueza, tão radcada em muitos seculos, que havia servido de exemplo a varios Principes, para comprimir; e refrear os desconcertos de seos Vassallos: porém que na desgraça presente, encontrava o allivio de conhecer a fineza, e igual coração dos que estavaõ sem culpa, de cujo valor fiava a sua segurança, e a defenfa do Reino. Que os crimes dos prezos, estivessem certos, que se haviaõ de examinar com toda a exacção, para que o mundo conhecesse os fundamentos que tivera na resolução presente, esperando que todos experimentassem no seu governo a igualdade de verem nos delictos castigo, e nos mercimentos premio. Todo aquelle concurso a que ElRey repetio: estas razoens, lhe respondeo em huma só voz a satisfação com que ficava da execução que naquelle dia fizera: porque he o rumor dos grandes concursos orador eloquentissimo, sem formar as palavras exprime distinctamente os affectos. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo Povo a noticia das prizoens, se alterou de forte contra a Nobreza, que com difficuldade se recolheo a sua casa, os que estavaõ no Paço.

Neste mesmo dia mandou ElRey a Manoel Lobo da Silva que fosse a Estremoz, aonde assistia Mathias de Albuquerque, e que dissimuladamente observasse o

Tom. I

T 3

effeito

Anno

1641.

Falla ElRey á Nobreza.

Altera-se o Povo contra a Nobreza.

Anno  
1641.

effeito que fazia no seu animo a nova das prizoens dos conjurados, e que se informasse em grande segredo das pessoas de maior confiança do seu procedimento, porque era muito pouca a prova, que havia contra ella, e o seu mericimento muito grande: constava só que o Conde do Vimioso com pouca cautéla perguntára ao Arcebispo de Braga na primeira conferencia que tivera, se entrava na conjuração Mathias de Albuquerque, inferindo-o da correlação que tinha com o Marquez de Villareal; e que o Arcebispo lhe respondera, que sim entrava, sem mais motivo que lembrar-lhe, que tinha em Castella seu irmão Duarte de Albuquerque, e querer o Arcebispo accrecentar sequazes ao seu delicto, sem reparar no encargo da sua consciencia. Conistou mais, que determinavaõ os conjurados mandar o Bispo eleito de Malaca a tentar o animo de Mathias de Albuquerque; (pequenos indicios para se proceder contra hum homem tão grande; e que governava no Reino a Provincia de mais força, e de maior importancia.) Manoel Lobo chegou a Extremôz, e informando-se levemente do procedimento de Mathias de Albuquerque, achou na bocca de seus inimigos algumas culpas suppostas, e com esta noticia, sem esperar por Martim Affonso de Mello, que hia a governar as Armas, como ElRey lhe havia ordenado, dizendo-lhe que, não achando indicios bastantes contra Mathias de Albuquerque, aguardasse por Martim Affonso, porque, ficando elle entregue das Armas, cessavaõ os receios; sem preceder circumstancia alguma destas foy Manoel Lobo a casa de Mathias de Albuquerque, e mostrando-lhe a ordem que levava d'ElRey para o prender a aceitou com toda a reverência, e socego, e juntamente lhe entregou todos os papeis que achou nas alzibeiras, e as chaves dos Escriitorios, para que examinasse os que estivessem nelles. Na mesma noite caminháraõ os dois para Setubal em huma liteira, padecendo Mathias de Albuquerque opprobrios nos Lugares por onde passava daquelles mesmos homens, que pela fama das suas acçoens poucas horas antes lhe promettiaõ triunfos. Tão cegamente governa a fortuna a vida humana! Chegando a Setubal o deixou Manoel Lobo

Prisão de Mathias de Albuquerque.



Anno  
1641.

Lobo na Torre de Outaõ, onde o perseguirão de forte as desordenadas vozes do Povo, que sabendo-o El-Rey o mandou mudar para a Torre de Belém. Na de S. Giasõ prenderaõ nestes mesmos dias ao Padre Joaõ da Resurreiçaõ, Geral dos Frades Loios pela mesma presumpçaõ. No dia seguinte ao das prizoens, que se fizeraõ em Lisboa, corrao o Arcebispo della a Cidade com huma Procissãõ de Graças, por se haver descoberto a conjuraçaõ, que ameaçava a Portugal a ultima ruina. El-Rey desejando justificar-se por todos os caminhos mandou fixar Editaes nas portas da Cidade, que continhaõ o grande sentimento com que havia mandado proceder contra os que estavaõ prezos, antepondo a saude publica ao seu desejo, que era fazer mercè a todos, e que ordenava a seus Vassallos, que com todo o socego aguardassem a resolução que se tomava, segurando ajustar-se com as obrigaçoens da Justiça; e que se contra esta ordem se levantasse algum rumor, ou succedesse alguma inquietação, se daria por mal servido, e mandaria proceder severamente contra os authores de qualquer desconcerto. Com este Edital se socego mais a furia do Povo, que se havia desenfreado de forte, que seguiaõ com palavras desconcertadas os Fidalgos, que passavaõ pelas ruas. Uzou-se tambem, para o applacar, da diligencia dos Prégadores, que exhortavaõ dos pulpitos o socego, e uniaõ mostrando as perigosas consequencias de effeito contrario. Mandou El-Rey fixar nos lugares publicos segundo Edital, em que perdoava o delicto a qualquer peſſoa, que diante dos Juizes apontados descobrisse a noticia, que houvesse tido da conjuraçaõ. Muitos dos comprehendidos se livrãraõ do castigo com este indulto, e accecentãraõ a prova aos que depois foraõ condemnados.

*Decreto q̃ mand  
da ElRey publi  
car.*

Logo que as prizoens se executãraõ mandou El-Rey processar as culpas de todos os prezos. Havia de proceder a todas as diligencias fazer-se-lhes perguntas; porém muitos delles as excuzãraõ confessando o delicto. Foy o primeiro que seguiu este caminho o Inquisidor Geral, escrevendo a El-Rey huma carta, cuja substancia era: Que fiado na benignidade d'El-Rey lhe referia tudo o que

*Cartas do In  
quisidor Geral.*

Anno  
1641.

306 PORTUGAL RESTAURADO,

havia passado da Acclamação até aquella hora, affirmando que no seu animo nunca entrara a mais leve tenção de disservir a sua Magestade, e que, havendo quem dissesse o contrario, era falso, e que só se lhe offerencia que entendendo do Arcebispo de Braga o descontentamento, com que vivia, do estado presente, e quanto suspirava pelo governo de Castella, lhe extranháraõ algumas vezes esta pratica, e a ultima occasião fora Domingo 28 daquelle mez de Julho: que se deixára de referir a sua Magestade o que entendera do Arcebispo, fora por lhe parecer que aquellas razoes não tinhaõ entidade, nem dispunhaõ algum fim. Que de Gonfalo, e Lourenço Pires era muito parente, que nunca lhes ouvira mais, que sentimento de se verem alguns desconcertos, com que perigava a conservação do Reino, e que affirmavaõ havello advertido assim a Sua Magestade. Rematava a carta, que por lhe não permittirem ir lançar-se a seos pes fiava aquella carta de Dom Jorge de Mello, que depois foy Mestre-Sala da Rainha. No dia seguinte escreveo outra carta mais larga, em que dava conta a ElRey com particularidade de diferentes occasiões, em que o Arcebispo de Braga o quizera persuadir a que acclamassem ElRey de Castella, para que dizia haviaõ de achar o Povo prompto, e a que mandassem a Madrid a Frey Manoel de Macedo, para conferir naquella Corte varias materias tocantes a este fim, e que juntamente lhe pedira quizesse persuadir á sua opiniaõ a Gonfalo, e Lourenço Pires por serem seos parentes: Que desta commissão, e de todas as mais porposições se havia excusado com o Arcebispo, e que se havia saltado em dar conta dellas a Sua Magestade, fora por que as primeiras conferencias haviaõ succedido antes que Sua Magestade chegasse de Villa-Viçosa, e a ultima na mesma manhã que o prenderaõ. Esta carta enviou o Inquisidor Geral a ElRey pelo Capellaõ mór, e tornando a mandallo chamar pouco espaço depois de lha ter entregue escreveo outra, em que dizia a ElRey, que fazendo novo exame na sua memoria, lhe lembrava que o Arcebispo lhe dissera quando facilitára acclamar o Povo ElRey de Castella, que tornariaõ a introduzir a Duqueza de

Man-



Mantua no Governo do Reino, e que ultimamente lhe aconselhara, que fosse do parecer na ultima proposta que o Secretario de Estado Francisco de Lucena havia feito aos Conselheiros de Estado (na qual lhes perguntava da parte de Sua Magestade se convinha passar a sua Real Pessoa á fronteira, que era muito conveniente esta jornada, e que buscasse elle Inquisidor Geral as razoes mais forçosas para a persuadir, porque na fronteira se conseguiria mais facilmente darem a morte a Sua Magestade, como pretendiaõ, e que elle respondera ao Arcebispo, que o seu parecer havia de ser o contrario, e que neste sentido fizera hum papel, que communicára a Sebastiaõ Cesar, o qual o obrigára a mudar de opiniaõ, dizendo-lhe com bom zelo como elle entendia, que convinha muito que Sua Magestade fosse á fronteira, para que o vissem seus Soldados, e para evitar com esta resoluçaõ as murmuracoes que corriaõ de que Sua Magestade se não inclinava á guerra, e que seguindo elle este conselho lançara outro papel, o qual remettia a Sua Magestade, porque o levava consigo o dia que o prenderaõ, suppondo que era chamado ao Conselho de Estado para votar nesta materia. Esta foy a substancia das cartas do Inquisidor Geral, e sem embargo da confissãõ dellas se lhe fizeraõ perguntas, a que respondeo sem alterar, nem accrescentar o que nas cartas havia escrito.

O Arcebispo de Braga, depois de desafogar a primeira paixãõ com palavras desconcertadas, persuadido artificialmente (como se entendeo) do Capellaõ mór, escreveu a ElRey duas cartas. Continha a primeira o conhecimento em que estava dos justos motivos, que Sua Magestade tivera para proceder contra elle, e que ainda que esperava todo o favor do generoso animo de Sua Magestade, que receando o perturbassem alguns de seus Conselheiros, lembrava a Sua Magestade mais a clemencia a que era inclinado, que a vingança a que podia ser persuadido; que elle se achava promptissimo para obedecer a tudo o que Sua Magestade ordenasse da sua pessoa, e que para descargo da sua consciencia pedia a Sua Magestade

Anno  
1641.

*Cartas do Arcebispo de Braga.*

Anno  
1641.

stade com muitas lagrymas permittisse que entrasse a assistir-lhe na prizaõ o Padre Fr. Simão dos Anjos Carmelita Descalço para seu Confessor, e com quem receberia particular alivio. Concedeo-lhe ElRey este desafogo, attendendo á grandeza da sua Dignidade reduzida á ultima desgraça humana. Dizia na segunda carta, que conhecendo-se pelo desconcerto das suas culpas digno de morte, e merecedor de Sua Magestade não uzar com elle de sua natural clemencia, e piedade, se offerencia a declarar tudo o que havia passado na conjuraçãõ, para socorro de sua alma, com tanto que Sua Magestade lhe promettesse perdoar a quatro pessoas, que elle declararia depois de concedido o perdaõ, affirmando não terem mais culpa, que sujeitarem-se a seguir a sua ordem; e que para se conhecer a verdade, e inteireza com que fallava offerencia a sua vida por sacrificio de teos delictos, e dimittia para si todo o perdaõ delles. Vista esta carta, e depois de ventilada largamente a proposiçãõ della resolveo ElRey que não convinha diferir ao requerimento do Arcebispo, porque esta concessãõ lhe ficava ligando o poder com que devia mandar proceder contra os outros culpados; pois sendo todos iguaes no delicto, não era justo que o mesmo Arcebispo que fora fonte de todas as culpas, condemnasse huns com a sua confissãõ, e por seu respeito se absolvessem outros. Estimulado o Arcebispo de se lhe não diferir ao requerimento que fizera a ElRey, entrando a tomar-lhe depoimento Francisco Lopes de Barros, e Pedro Fernandes Monteiro, respondeo todo entregue á colera, que elle era Arcebispo de Braga, e que não conhecia por Superior mais que a Deos, e ao Summo Pontifice, e que Sua Magestade não podia proceder contra elle; e que se accaço o executasse de poder absoluto obraria como assassino particular, e não como Rey, e que juntamente estava resoluta a não responder ao que se lhe perguntasse, por quanto o verdadeiro juramento de fidelidade que havia dado fora a ElRey Dom Philippe, porque ao segundo o constringera o temor, e ameaças, e que ao que só se sujeitava como christão, era perdoar a ElRey se o mandasse matar, e á pessoa que

*Primeira respo-  
sta do Arcebispo*

o ex-



o executasse. Determinou Francisco Lopes de Barros persuadillo a que moderasse a paixão com que fallava; não sendo possível, nem querendo assinar o auto o firmou elle em seu nome. Passados alguns dias, e moderada a paixão do Arcebispo, sendo reperguntado pelo mesmo De-fembargador, e persuadido com eloquentes razoes, a que estava obrigado na consciencia a declarar o que sabia da conjuração, protestando primeiro, que não consentia em juizo secular por não contradizer os Breves, e Canones, e que tudo quanto dizia era violentado do medo da morte, sem querer tomar juramento declarou, que entendendo que pela fidelidade que havia jurado a ElRey Dom Philippe não podia reconhecer outro Rey, e que tudo o que obrasse por segurar esta opiniaõ era licito, e conveniente, fora afeiçoando ao seu designio todas as pessoas, que lhe havia sido possível persuadir ao serviço d'ElRey de Castella, e que sabendo do Conde de Tavorouca, e de Dom João Soares, que seguião a mesma opiniaõ, e que se resolviaõ a passar para Castella, escrevera huma carta por Dom João Soares a ElRey Dom Philippe, na qual protestava a sua innocencia no successo da aclamação, e disculpava todas as acções, em que depois della forçadamente, como Vassallo d'ElRey Dom João, havia concorrido, e que além destas excusas segurava com grandes afirmações a sua fidelidade: Que não tendo resposta desta carta; nem outro avizo de Castella, entendera que ElRey Catholico não admittira a sua desculpa, e que obrigado do temor de que, conquistando os Castelhanos este Reino, fosse elle a primeira pessoa contra quem procedessem, buscára todos os caminhos de desvanecer esta suspeita; e que lhe accrescentára o receio dos Castelhanos, ouvir que os mais empenhados na defenfa do Reino affirmavaõ publicamente, que Portugal se não podia defender, e que neste tempo, havendo algumas vezes fallado com o Marquez de Villa-Real sobre o estado do Reino, a sua pouca defenfa, e o perigo que todos corrião, achavaõ a melhor resolução, entrando o Exercito de Castella em Portugal, passar-se logo para elle; porém que não haviaõ deter-

Anno

1641.

*Declaração do  
Arcebispo.*

# 310 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

determinado o modo da execução, e que andando nesta perplexidade fora buscallo humã manhã Pedro de Baeça mandado pelo Marquez de Villa Real, e que depois de conferirem a pouca segurança do novo Governo, Pedro de Baeça mostrára grande desconfiança da resolução do Marquez, e juntamente da inclinação do Duque seu filho, e que elle Arcebispo humã vez que fallára com elle alcançára no seu animo grandes mostras de se apartar das materias que tratava, e muito mais remoto dellas depois que Sua Magestade lhe fizera mercê do titulo de Duque. Que Pedro de Baeça lhe affirmára, que tinha mais de mil homens á sua ordem; porém que os não nomeára, e que passados poucos dias mandára o dito Pedro de Baeça fallar com elle hum Manoel Valente, que elle não conhecia, o qual lhe dissera, que Pedro de Baeça determinava dar conta a E Rey de Castella por hum homem de sua obrigação, do estado em que Portugal se achava, e saber o tempo, em que o Exercito junto para a conquista de Portugal havia de entrar neste Reino; e que elle Arcebispo mandara por este homem humã cifra de numeros em que elle Arcebispo era o primeiro, Diogo Soares o segundo, a Duqueza de Mantua o septimo, e dos mais que se não lembrava, para que debaixo desta cifra se sustentasse segura a correspondencia de ambas as partes. Que depois do referido fallára com o Conde do Vimioso, o qual se lhe queixára do aggravo que se lhe havia feito em lhe tirarem o posto de Governador das Armas, e lhe dissera, que estava com intento de se passar a França, ao que lhe respondera que elegia bom caminho, que o mais acertado era, que se Sua Magestade se ausentasse do Reino, como se dizia, acclamarem outra vez El Rey Dom Filipe, com que segurava a este Reino grandes utilidades, livrando-o dos incendios, das mortes, e das violencias, que na conquista dos Castelhanos o ameaçava, e que o Conde, segundo depois entendeu, com animo dobrado lhe approvára muito aquelle parecer: e que perguntando-lhe a gente que poderia entrar neste empenho, elle Arcebispo lhe referira o que havia passado com Pedro de Baeça, e que entendendo que o Conde lhe fallára lizamente, se

de-



declarára com elle, e lhe dissera o que havia passado com o Marquez de Villa-Real, repetindo-lhe tambem a pouca segurança que tinha no animo do Duque: Que no Bispo Inquisidor Geral entendia pouco gosto do novo Governo, que com Gonfalo, e Lourenço Pires não falára, mas que suppunha que seguirião o teu Partido: Que falando-lhe o Conde em Mathias de Albuquerque, lhe respondera que seria bom tentállo, porque ainda que servia nas fronteiras com grande cuidado, como o Conde affirmava, que tinha seu irmão em Castella, e que podia saber delle o estado em que de presente se achava, e que discorrendo sobre o animo do Conde de Val de Reys, e de Antonio de Mendoça, disserão que tinhão muitos parentes em Castella, mas que com o primeiro não havia falado, e que do segundo inferia, que esperava que os successos o aconselhassem do Partido que havia de seguir: Que de seu sobrinho o Conde de Armamar dissera, que havia de seguir a ordem, que elle Arcebispo lhe desse: mas que declarava, que nenhuma resolução se havia tomado na fórma em que havia de executar o seu intento: Que do Conde da Castanheira não sabia couza alguma em damno desta Coroa: Que as pessoas a que falára para as persuadir á sua opinião havia declarado; e que prostrado aos pés de Sua Magestade lhe pedia quizesse perdoar aos que elle havia persuadido; por não perder tantos Vassallos arrependidos da sua culpa: Que na verdade com que falava se não podia pôr duvida, pelo que havia declarado de seu proprio sobrinho, e que lembrando-lhe mais alguma circumstancia a referiria, protestando que o seu animo era de não condemnar a quem o não merecesse. Esta confissão do Arcebispo, e a bem fundada diligencia de Pedro Fernandes Monteiro livraraõ a El-Rey do cuidado em que o parecer de alguns dos maiores Letrados, e melhores Ministros do Reino o tinhão posto, aconselhando-lhe desse tratos ao Arcebispo, entrando nelles o Vice-Colleitor.

No mesmo tempo escreveu o Duque de Caminha uma carta a El-Rey, a qual continha estas razoes: *Carta do Duque de Caminha*  
Que da prizaõ em que estava recordando as circumstancias  
do

Anno  
1641.

## 312 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

do seu delicto, o confessava com sincera verdade nacida de todo o coração, e que esperava da grandeza d'ElRey o perdão delle, tomando por medianeiros a Rainha, e Principes seos Senhores: Que o Arcebispo de Braga lhe havia dito nos primeiros dias da Acclamação, que o Rei no se não podia defender, porque o poder de Castella era muito grande, e as nossas prevenções muito desiguas: e passados alguns dias lhe dissera Pedro de Baeça, e Melchior Correa da Franca o mesmo: e que perguntando-lhe que havia elle de fazer, se o inimigo ganhasse Alemtejo, e sitiasse Lisboa, respondera, que o que havia de fazer era accusallos por traidores, do que se dissuadira pelo cegar o diabo, entendendo tambem que estes homens mudariaõ de opiniaõ vendo os bons successos que Deos dava em todas as Provincias ás Armas deste Reino: Que ultimamente lhe havia dito o Conde de Armamar da parte de seu tio as mesmas razoes, que elle antes lhe havia referido, a que respondera que era Vassallo de Sua Magestade, que estava determinado a dar a vida pela sua defensa, assim por inclinação, como por interesse, pois lograva em Portugal a grandeza, que não havia de alcançar em Castella, e que este Partido avaliava por mais seguro, porque esta causa mostrava Deos que era sua, favorecendo a com tantos prodigios, como todos os dias se manifestavaõ: Que o Conde de Armamar a esta resposta fizera nova instancia, dizendo que se Sua Magestade se visse apertado dos Castelhanos se havia de embarcar, e salvar-se fóra do Reino; a que respondera que Deos havia de evitar este aperto, e quando succedesse, que elle, e todos os Vassallos de Sua Magestade o haviaõ de prohibir, detendo a Sua Magestade para que defendesse o seu Reino: E que destas, e outras razoes entendera que o fim dos conjurados era passarem-se ao Exercito de Castella, quando entrasse em Portugal. A esta confissão se seguiaõ rogos humilissimos para que ElRey lhe perdoasse, e protestos de o servir toda a vida com a maior fidelidade. Quasi desta mesma substancia eraõ sete cartas, que o Marquez de Villa Real escreveo tambem a ElRey. Humas, e outras foraõ de todos a ultima



PARTE I. LIVRO V. 313

ruína, servindo de verificar as culpas, que sem a sua confissão puderaõ ser menõs notorias, e fizera aos Juizes arazoada duvida no lançar das sentenças, se não acháraõ mais que a confusão das testemunhas: porém Deos, que favorecia a causa d'El Rey, permitto que os conjurados lançaessem com a sua mão a sua sentença. Entendeo-se que as diligencias do Capellaõ mór facilitaraõ esta, que suppunhaõ, negociação, e experimentáraõ os ultimos parocismos.

Examinadas pelos Juizes as cartas referidas, e reperguntadas as testemunhas, se tomou o depoimento aos prezos, que não haviã confessado por escrito, que foraõ o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, Manoel Valente, Christovão Cogominho, e seu irmão o Bispo de Martyria, e o Bispo eleito de Malaca. Todos confessáraõ com tanta clareza, que não eraõ as provas menos que os delictos. A Pedro de Baeça puzeraõ segunda vez á vista do Potro: porém convencido mostrando-lhe a confissão dos outros prezos, não quiz experimentar segundo tormento, declarou toda a sua culpa, e pedio a El Rey quizesse perdoar-lhe, offerecendo hum donativo de trinta mil cruzados, e a parte da fazenda que tocava a sua mulher, que era muito consideravel. Não se lhe aceitou a offerta, parecendo mais conveniente castigar os seus delictos. A Simão de Sousa, e Jorge Gomes Alemdersõ tratos, que padecêraõ sem fazer confissão alguma: Apuradas as diligencias, se foy abreviando aos Reos o prazo da vida, para que o espectáculo mais lastimoso, que nunca vio Portugal, fosse objecto aos Portuguezes no Rocio de Lisboa. Mandáraõ os Juizes dizer aos Reos de sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar appelláraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros professos na Ordem de Christo. O Doutor Francisco Cabral Fiscal da Mesa da Consciencia formou libello contra elles, de que se lhe deo vista, e não havendo de feza contrarietade, os relaxáraõ á justiça secular por se lhes provar o crime de leza Magestade da primeira cabeça, Dersõ a sentença

Anno

1641.

*Escrive o Marquez a El Rey.*

*Confessãõ os mais dos culpados.*

*Relaxaõ-se os Cavalleiros.*

# 314 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Juizes que dão  
a sentença na  
Relação.*

*Nomea ElRey  
Fidalgos por  
Juizes.*

*Da-se sentença  
contra os conjurados.*

tença em 23 de Agosto de 1641 Dom Leão de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Eitevaõ Fuzeiro, Simaõ Torresaõ Coelho. Seguiu-se a esta sentença offerecer Libello contra todos os Réos o Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga, e signalou-se-lhes o prazo de tres dias para responderem conforme a ley do Reino. Acabados elles, e havendo lançado a sua defeza, se juntaraõ na Relação a 26 de Agosto, para sentenciarem todos os convenidos, os Doutores Francisco Lopes de Barros Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, que foraõ adjuntos ao processar dos autos, André Velho da Fonteca Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernaõ de Mattos Carvalhoza, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernaõ Cabral Chancelier mór, e Joaõ Pinheiro Desembargador do Paço. ElRey querendõ que fosse mais justificada açãõ de tanta importancia mandou passar hum Decreto, em virtude do qual nomeou seis Fidalgos por adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernaõ Telles de Menezes, Dom Pedro de Alcaçova, Dom Miguel de Almeida, Henrique Correa da Silva, e Antonio Telles de Menezes, e porque os tres ultimos se déraõ por suspeitos se elegèraõ em seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, depois de muitas horas de dilação, e largas conferencias, sentencèraõ á morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia os Desembargadores nomeados, sem mais adjuntos condemnaraõ a degolar a Dom Agostinho Manoel, e a arrastar, e enforcar em forza mais alta do costumado, e esquartejar a Pedro de Baeça, Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovão Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico por ter Ordens Menores; depois á Mesa da Consciencia; poré n havendo-lhe por derogados os privilegios, ella, e Antonio Correa foraõ os ultimos que enforcáraõ de hon



te do Limoeiro a nove de Setembro.

Os fundamentos das sentenças do Marquez, e dos mais condemnados, havendo pouca differença de humas a outras, diziaõ: Que se mostrava, que no primeiro de Dezembro de 1640 fora ElRey Dom João o IV acclamado Rey de Portugal na Cidade de Lisboa, cabeça do Reino, e, passados poucos dias, nas Cidades, Villas, e Lugares de todo elle, por lhe pertencer de justiça a legitima successão desta Coroa; e que aos quinze do proprio mez em acto publico, e theatro levantado, junto das varandas do Paço, fora ElRey jurado dos tres Estados do Reino por Rey, e Senhor natural, para si, e seus Descendentes, fazendo todos a ElRey pleito, e homenagem de fidelidade, e obediencia; no qual acto se achava o Réo, e fizera a mesma promessa, e juramento nas mãos d'ElRey, e que sendo o Réo por origem, nascimento, e habitação natural deste Reino, como tal, Vassallo d'ElRey, esquecido de sua obrigação; e juramento faltára em tudo á lealdade, e fidelidade promettida; por quanto logo depois da acclamação d'ElRey se começára a negociar em Lisboa hum tração, e rebelliaõ contra a Pessoa d'ElRey, e toda a Familia Real, e contra o bem, e conservação de seus Reinos; e Vassallos, concorrendo para este effeito pessoas grandes, e outras de menos qualidade, as quaes determinavaõ romper as guardas Reaes; e fazer outros graves damnos nos lugares de mayor importancia, acclamando ElRey de Castella; e outros preverfos intentos até a prisão, e morte d'ElRey, intentando que estes Reinos tornassem ao cativoiro de Castella, e a Duqueza de Mantua ao governo na fórma em que estava antes de se acclamar ElRey. Da qual conspiração se provava que o Reo tivera noticia, e fora della parcial com o Arcebispo de Braga cabeça da dita conjuração, e que o Reo o confessava nas perguntas, que lhe foram feitas, as quaes depois ratificára em fórma judicial; no que o Reo commetterá o atrocissimo crime de lesa Magestade de primeira cabeça, assim por assistir nos actos da conjuração a que o Arcebispo o encaminhava, como em não descobrir logo a ElRey tudo o que della sabia, vendo crescer por

Anno

1641.

*Fundamentos  
das sentenças.*

### 316 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Sevêra reposita  
da Rainha.*

*Tem a Duqueza de Caminha  
audiencia.*

instantes a maldade, e o perigo de se conseguir o atroz effeito della, e depois dos termos ordinarios, de que se uza em semelhantes sentenças, condemnavaõ ao Reo a morte natural, e a confiscação de seus bens. Dadas as sentenças na fôrma referida, foraõ noticiadas aos condemnados na manhã de 27 de Agosto. Chegou á noticia da Duqueza de Caminha o ultimo excessõ da sua desgraça, e deliberando-se a lhe applicar o derradeiro remedio, mandou pedir a ElRey audiencia, permittio-lha, e entendeo-se que com animo de lhe conceder a vida do Duque, porque de outra fôrte parecia grande crueldade ouvir os rogos de huma senhora de tão poucos annos, coberta de luto, e de lagrymas, para lhe não differir; porém ElRey parece que quiz mostrar, que não impedia os meios da justiça, e que fazia da sua parte quanto lhe era possível por facilitar os caminhos da misericordia. Entendeo-se que a resolução que tivera de perdoar ao Duque fora divertida por alguns Ministros, e que tambem a desviára a Rainha, parecendo-lhe que era necessario este castigo para a firmeza da Coroa, estimulando-a de fôrte o perigo da vida d'ElRey, e dos Principes seus filhos, que fallando-lhe o Arcebispo de Lisboa, para que fosse medianeira da vida do Duque, lhe respondeo que o mais que podia fazer por seu respeito, era guardar-lhe segredo daquelle proposta. Destas inferencias se origináraõ os discursos referidos, e a conclusã foy, que representando a Duqueza a ElRey (acompanhada de sua Mãe a Condeça de Faro) diante da Rainha com lastimosas palavras a calamidade a que a sua desgraça a reduzira, e pedindo-lhe misericordia sahio do Paço com esperanças da vida do Duque, que o seu sangue murchou dentro de breves horas.

Em 28 de Agosto leváraõ o Marquez de Villarreal, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, e a Dom Agostinho Manoel a humas casas do Rocio, para que as suas cabeças fossem satisfacção das suas culpas: metterão-os em diferentes apoentos, sem que huns tivessem noticia dos outros: passaraõ a noite ajustando fervorosamente as consciencias, e o Marquez com mais focogo



go dormio algum espaço, acordará-o pedindo-lhe a benção da parte de seu filho, porque faltando a cautela conveniente foubraão ambos, que hum e outro estavam nas mesmas casas para igual castigo, e vieraão a entregar as vidas antes que o golpe do cutelo lhes cortasse as cabeças, e pôde ser que a primeira em que a alma tinha a melhor parte fosse o maior martyrio, servindo de exemplo ao mundo, para se conhecer quanto val mais a virtude, que a grandeza, o bom procedimento, que a grande qualidade, derogando mais facilmente estes, que aquelles privilegios. Levantou-se no Rocio hum theatro, que se communicava por hum passadiço com a segunda de tres janellas, que havia no quarto baixo, onde estavam os condemnados á morte. No theatro se puzeraão quatro cadeiras, as duas que haviaão de servir de supplicio ao Marquez, e Duque firmavaão-se em estrados; era o em que degoláraão o Duque de tres degrãos, o do Marquez de dois, a cadeira do Conde levantava hum só degrão, a de Dom Agostinho Manoel estava no pavimento; porque até no ultimo termo onde a morte iguala a todos sollicita privilegios a vaidade humana. Ao romper da manhã de 29 de Agosto se formou no Rocio o Terço da Ordenança, de que era Coronel Dom Francisco de Noronha; para divertir qualquer accidente, que embarçasse aquelle lastimoso, e funesto acto. Os Desembargadores que haviaão sido Juizes se juntáraão na Inquisição, para deferirem com brevidade aos embargos, que os condemnados puzessem: porém defenganados elles de que eraão inúteis todos os remedios humanos, tratáraão só dos que convinhaão á salvação das almas, em que não podiaão achar infelicidade, e com demonstraçoens de grande arrependimento fizeraão todos os actos de verdadeiros Catholicos Romanos. A huma hora depois do meio dia deo principio a este espectáculo o Marquez de Villa Real, sahio da casa onde chegava o passadiço, e caminhou para o theatro acompanhado dos Corregedores do Crime da Corte, e outras justiças, de alguns Irmãos da Misericórdia, e dos seus criados. Levava vestido hum capuz, as mãos levantadas, e atados os dedos pollegares com huma

Anno

1641.

Forma da execução dos condemnados.

318 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

fitta negra. Hia publicando o pregação o seu delicto, que dictava ao Porteiro o Rey de Armas Portugal com a cota vestida. Antes que o Marquez chegasse á cadeia, se poz tres vezes de joelhos diante do Crucifixo, que levava hum Capellaõ da Misericordia, ajudando-o na Oração quatro Religiosos, dous da Companhia de JESUS, e dous Carmelitas descalços: a hum delles se reconciliou antes que se sentasse, despedio-se de todos os que estavaõ presentes, e sem mostrar perturbação se entregou ao suplicio. O Algoz, que coberto o rosto fez a execucao, lhe ligou os braços, e os pés á cadeia em que estava tentado: nesta horrenda fórma mandou pedir ao Povo, que em grande numero assistia no Rocio, que lhe perdoasse a offensa que havia feito ao Reino. Entendeo este cego, e desatinado monstro, que o perdao que pedia era da vida, e com grande furia repetio tres vezes: *Morra*: escandalo que enterneceo muito os animos menos desacordados. Entregou o Marquez a cabeça ao Algoz, cortou-lha, e cobriro-lhe o corpo com hum pãno de baeta negra. Acabada esta execucao, voltou todo aquelle funebre acompanhamento a buscar o Duque de Caminha, que chegou ao theatro com menos socego que seu pay, e mais commiseracao, por achar os coraçoes feridos da primeira magoa, e se considerar nelle a culpa menos pezada. Ao Duque se seguiu o Conde de Armamar cheio de etpirito, e de valor, sendo de menos annos, e de gallharda presenca. Foy o ultimo Dom Agostinho Manoel, e logo lastimosamente se descobriro os corpos de todos quatro. Approvou o Povo o castigo gritando, *Viva El-Rey Dom Joaõ*. Continuáraõ-se as execucoes de Diogo de Brito Nabo, e de Manoel Valente: foraõ as ultimas a de Pedro de Baeça, e de Melchior Correa da Franca, na fórma das sentenças. Os corpos dos quatro degollados estiveraõ até a meia noite no theatro, hora, a que veio buscallos a tumba da Misericordia, e os levou ao Convento dos Carmelitas descalços, licença que El-Rey lhes havia concedido, fazendo elles peticoens, estando ja nas casas do Rocio, sendo a do Conde de Armamar toda da sua letra: prova de grande coracao. Era  
o Mar-



O Marquez de Villa-Real de 52 annos, o Duque seu filho de 27, o Conde de Armamar de 24, Dom Agostinho Manoel de 58. Acabou no Marquez, e Duque a Casa de Villa-Real, merecendo remate mais glorioso os Illustres Ascendentes de que se compoz 267 annos que floreceo, porque teve principio em D. Affonso Henriques de Castella, e Noronha, primeiro Conde de Gijon, filho natural d'ElRey Dom Henrique II. de Castella, o qual Dom Affonso casou com Dona Isabel filha natural d'ElRey D. Fernando de Portugal. Ficou ao Marquez huma filha em Madrid casada com o Conde de Medelhim, que depois da paz pretendeo a successão da Casa de Villa-Real, para seu filho Dom Pedro de Menezes. Discursárao os Castelhános, que o castigo referido fazia mais duvidosa a Conquista de Portugal, entendendo, que ElRey Dom Joáo se não arrojava a tanto empenho, se duvidara da segurança, e obediencia dos animos de seus Vassallos. E se acaso os conjurados fizerao este discurso, que todas as circumstancias mostravao infallivel, não se arrojavao tão cegamente, obrigados do temor das armas de Castella, ao precipicio de que se despenharao; porque nenhum dos que prevaricárao appetecera o aspero dominio dos Castelhános, se suppuzera segura a defenfa, e liberdade de Portugal. No dia em que se fizerao as execuçoens, sahio ElRey vestido de luto á Casa em que assistia toda a Nobreza, e com eloquentes, e graves palavras manifestou o seu grande sentimento, e verificou a sua justiça; remetteo a Roma os processos de todos, os que foraõ castigados, ao Bispo de Lamego, para se justificar com o Pontifice. Acabada esta tragedia, se foraõ examinando as culpas dos que foraõ presos; e não se achando fundamentos que os condemnassem, foraõ todos soltos, ainda que em differentes tempos. Sahiraõ da prisão os Condes da Castanheira, e Val de Reys, e Gonfalo Pires de Carvalho; seu filho Lourenço Pires tivera o mesmo successo, se não morrera na prisão. Antonio de Mendoça mandou ElRey passar da Torre de S. Glão, onde estava, para o Convento da Trindade de Santarem, e depois foy mandado recolher para sua casa; della tornou ás occupaçoens que exercitava

Anno  
1641.

*Juizo da Casa  
de Villa-Real.*

*Manda ElRey  
os processos a  
Roma.*

*Soltaõ-se os In-  
nocentes.*

Anno  
1641.

va antes da prizaõ, e depois passou a maiores lugares até chegar á grande Dignidade de Arcebispo de Lisboa; Mathias de Albuquerque, que havia sido prezo com tão leves indícios, como dissemos, sendo dotado de grandes virtudes, e valeroso coração, apertou muito porque se investigasse o seu procedimento, querendo que de justiça, e não de favor lhe restituíssem a opinião, que sem causa lhe haviaõ posto em contingencia. Fizeraõ-se exactas diligencias, especuláraõ-se as mais leves circumstancias, e sahindo lustrosamente apurada a sua fidelidade, o mandou ElRey soltar do Castello, para onde o havia mudado, tanto que se conheceo a igualdade do seu procedimento. Foy soltallo o Doutor Pedro Fernandes Monteiro, e com elle Dom João Mascarenhas. Justificou o grande concurso, que o acompanhou até o Paço com grandes aclamaçoens o geral contentamento, que todos tiveraõ da sua liberdade. Chegando a beijar a mão a ElRey, lhe disse com aspecto severo, e constante: *Tem Vossa Magestade a seus pés o mais leal Vassallo que pôde desejar.* Respondeo-lhe ElRey, que estava inteirado da tua innocencia, e disposto a fazer lhe muita mercê. Huma, e outra promessa se justificáraõ brevemente. O Arcebispo de Braga, e o Inquisidor Geral estiveraõ presos nas casas interiores do Forte no Paço: desta prizaõ os passáraõ para a Torre de Belém, na de S. Gíão veio ultimamente a acabar a vida Dom Sebastião de Matos arrependido do precipicio a que tão cegamente se arrojara, que nem soube dispôr a maldade, que traçava, logrando hum entendimento muito claro, acreditado em varias experiencias: porém o medo he inimigo capital do juizo; rendeo o Arcebispo, suffocou-lhe o entendimento, e acabou-lhe a vida. Morreo com tanto conhecimento dos seus erros, que mandou, que o enterrassem no Adro de qualquer Igreja, e lhe puzessem huma campa raza, porque não ficasse memoria do que fora. O Inquisidor Geral logo que o passáraõ para a Torre de Belém, o melhoraraõ de trato, apurando-se com muita piedade o seu delicto. Foy solto a 5 de Fevereiro de 1643, e logo restituído aos seus lugares, fortuna que seus parentes solemnizáraõ com gran-

Morte do Arce-  
bispo de Braga.

He solto o In-  
quisidor Geral.



PARTE I. LIVRO V. 321

grandes festas. O Bispo de Martyria, depois de estar muitos annos na Torre de Belém, o passaraõ para o Convento de São Vicente, onde acabou a vida. Passada esta tormenta, não ficou quem alterasse mais no interior do Reino a tranquillidade: porque assim como as conspiraçoes contra os Principes fulminadas são perigosissimas, descobertas são muito uteis ao seu governo, não só por se evitar o perigo que correm, senão porque os Povos vendo o seu Principe innocente, e exposto a perder a vida pela sua defensão, e liberdade, crescendo-lhes reciprocamente o affecto, se fazem voluntariamente escravos dos Principes de que eraõ só Vassallos. Assim succedeo aos Portuguezes, porque abraçaraõ todos com maior fervor a defensão do Reino, suffocando os impulsos temerosos do castigo alguns, que eraõ inclinados ao governo de Castella. E como todos os Portuguezes caminharão a hum mesmo fim, logo annunciaraõ a defensão, e a prosperiedade d Portugal. Foy grande prova das culpas dos condemnados, e da justiça que ElRey teve para os castigar, a igualdade com que naturaes, e estrangeiros approvaraõ esta resolução, logrando ElRey nesta acção duas utilidades: a da segurança da vida, e Reino, e a opinião de prudente, e justo; consequencias de que os Principes devem fazer a maior estimação, quando conseguem lograllas unidas: porque não basta só a segurança de reinar, he necessario que sejaõ avaliados por mercedores do Imperio.

Na Arrochela se embarcaraõ os Embaixadores que ElRey havia mandado a França, na Armada que daquella Coroa passava a este Reino; em satisfação do que ficava capitulado, nomeando-se por General della o Marquez de Berlé sobrinho do Cardial Rechilieu, e herdeiro da sua Casa. Contava a Armada de 20 navios de guerra, e 6 de fogo, bem guarnecida, e melhor aparelhada. Sahio da Arrochela a 16 de Julho, e achando o vento contrario, se dilatou 23 dias, e chegou a Barra de Lisboa a 7 de Agosto. Entrou Christovão Soares de Abreu, Secretario que havia sido da Embaixada, por ordem do Monteiro mór a dar conta a ElRey da sua vinda. ElRey mandou

U 4

logo

Anno  
1641.

*Chega a Armada de França com o Marquez de Berlé.*

## 322 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Fallão a ElRey  
os nossos Em-  
baixadores.*

*Carta do Car-  
dial Richilieu.*

*Dá ElRey au-  
diencia ao Em-  
baixador de  
França.*

logo aos Condes da Calheta, e Vidigueira, que sahissent a visitar da sua parte o Marquez de Bersé. Entrou elle no Rio, e lançou ferro na enseada de S. Joseph, alternando-se as cargas de artilharia que disparáráo a Armada de França, Torres, e navios da nossa Armada, que estavam ancorados. O navio em que vinhaõ os dous Embaixadores surgio defronte do Paço: sahiraõ elles a beijar a mão a ElRey, e presentaraõ-lhe as cartas que traziaõ d'ElRey de França, da Rainha, e do Cardial Richilieu. As dos Reys continhaõ muito cortezes, e amigaveis offertas, a do Cardial conselhos prudentissimos. Dizia a ElRey: que tratasse com muito cuidado das fortificaçoens, e do provimento das Praças, e que procurásse ter seos Vassallos muito sujeitos, para que fossem taõ capazes da disciplina militar, como eraõ valerosos: que com a menor vexação dos Povos, que lhe fosse possível, formasse hum Exercito, e hum Armada, que buscassem ao inimigo ao mesmo tempo dentro nos seos lugares, antes que os do seu Reino padecessem a molestia da guerra: e que esperava que Sua Magestade não descançaria na quietação, que de presente lograva, pelos embarços de seos inimigos, uzando do beneficio do tempo contra as muitas forças, e poderosos contrarios, com que depois sem duvida havia de contender. Rematava a carta, offerecendo daquella parte grandes effectos da sua diligencia, que as experiencias acreditáraõ todo o tempo que lhe durou a vida, entendendo acertadamente, que era a separação de Portugal a maior fortuna dos interesses de França; e as promessas dos Principes, ou dos validos em seu nome, nunca saõ taõ certas, como quando resultaõ em conveniencias dos seos Estados. ElRey mandou ao Marquez de Bersé quantidade de refrescos: e em 11 de Agosto entrou elle a faltar-lhe acompanhado do Conde do Vimioso, que o foy buscar em hum Gondola bem adereçada. Trazia o Marquez consigo muitas pessoas de grande qualidade, e Soldados de estimação, de que ficáraõ alguns servindo neste Reino. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico apparato, e com todas as demonstraçoens de cortezia, que podia dispensar a Magestade. Faleu o Marquez á Rainha,



PARTE I. LIVRO V. 323

eo ao Principe Dom Theodosio, que no semblante descobria generosos affectos, que cultivados da melhor indole começavaõ a florescer no seu animo. Recolheo se o Marquez outra vez á Armada, não querendo ficar no aposento da Corte Real, que ElRey lhe havia mandado prevenir com toda a magnificencia. Quando chegou a Armada de França, achou a de Portugal preparada para navegar: constava ella de treze navios, cinco muito poderosos, os mais, ainda que pequenos, bem apparelhados, e capazes de pelejar. Nomeou ElRey por Almirante da Armada a Fernão da Silveira, irmão do Conde de Sarzedas. que havia servido muitos annos de Capitão de Cavallos em Flandes com grande opiniaõ, e passado ao Brasil na Armada; de que foy General o Conde da Torre, por Capitão de Mar e Guerra; pelejando varias vezes muito valerosamente. Foraõ por Capitaens de Mar e Guerra Soldados de valor, e experiencia, e embarcaraõ-se muitos Fidalgos desejosos de adiantar a sua opiniaõ. D. Antonio Luiz de Menezes havia levantado hum Terço na Comarca de Coimbra, de que ElRey o fez Mestre de Campo, destinado para a Guarnição de Cascaes; e mandando ElRey, que se embarcasse a maior parte dos seus Soldados, por este respeito, e por elles duvidarem de servir no mar, havendo-os destinado para a terra, se resolveo Dom Antonio generosamente a embarcar-se. O intento a que caminhavaõ as duas Armadas, e a de Hollanda que se aguardava por instantes, era interprender Cádiz, Ilha na Costa de Andaluzia para a parte do Oceano Athlantico. frequentada do Commercio de muitas naçoens, a respeito de ser o Emporio dos thesouros da America, e porto importantissimo para a conservação de Andaluzia: porque distando antigamente 700 passos da terra firme, hoje com hum ponte se communica com Porto Real, pouco distante do Porto de Santa Maria, ficando por estas disposições (sendo ganhada) facil de sustentar, e de soccorrer. As conveniencias referidas foraõ o motivo principal desta jornada, desejando ElRey, segundo o parecerdo Cardial Richilieu, que seus inimigos sentissem a guerra nos proprios lugares, primeiro que seus Vassallos a padecessem. As fantas-

Anno  
1641.

*Armada de  
Portugal.*

has

Anno

1641.

*Suspeitas contra  
o Duque de Me-  
dina Sidonia.*

zias; e erradas politicas do Conde Duque fizerao no mudo esta empreza mais ruidosa: porque tomando motivo de algumas noticias, que deo a entender lhe chegarao de Lisboa, mandou ordem ao Duque de Medina Sidonia, irmão da Rainha Dona Luiza, e Capitão General de Andaluzia, para que fosse a Madrid, havendo-lhe primeiro encommendado a prevençao dos Lugares daquella Costa. Naõ obedeceo o Duque opprimido de alguns achaques, que offereceo por excusa, de que o Conde Duque formou maior maquina, e introduzio no animo d'ElRey Catholico maiores suspeitas. Foy effeito dellas mandar ElRey Dom Luiz de Aro, que depois succedeo na valia ao Conde Duque, a São Lucar (onde o Duque de Medina Sidonia estava) com apertada ordem de o levar a Madrid, segurando-lhe o perdaõ de qualquer culpa que houvesse commettido. Partio o Duque com Dom Luiz, e achando em Madrid calumniada a tua opimaõ, tratou por todos os caminhos de suffocar as vozes que a offendiaõ. Dizia se que hum Religioso de São Francisco, chamado Frey Nicoláo de Velasco, havia passado a Portugal, e que do Algarve (como succedeo) fora conduzido a Lisboa por ordem do Conde de Obidos, Governador daquelle Reino, que este levava cartas do Duque, em que offerecia a seu cunhado levantar-se com Andaluzia; e que communicando-se este negocio com hum homem, que estava prezo em Lisboa (habilitando-o para esta confiança, dizer elle, que havia sido criado do Duque de Medina) o soltaraõ; e que offerecendo-se para levar ao Duque os avizos, que se lhe encarregassem, lhe accitaraõ a offerta, e lhe dera ElRey cartas para o Duque, as quaes elle levava a Madrid; e que, examinadas, se averiguára, que estava ajustada entre ElRey, e o Duque a interpreza de Cadis; noticia, que ja tinha o Conde Duque por hum Clerigo, chamado Rodrigo de Mendoça (como o Conde dizia) o qual Clerigo se havia passado de Portugal a Castella, dizendo que contra Cadis se uniaõ as Armadas de França, e Hollanda com a de Portugal, e que das cartas para o Duque se colheira, que era o final concertado para as Armadas poderem entrar na bahia de Cadis, e deitar gente em terra, accender-se



der-se hum farol no angulo de hum Baluarte, dos que defendiaõ a bahia de Cacis; e que o Marquez de Ayamonte, tio do Duque de Medina, era hum dos principaes fequazes desta facção, havendo tan bem outros muitos, a que os deus haviaõ persuadido. Vendo o Duque este negocio em tão apertados termos, e que com o pretexto de assistencia lhe serviaõ de guarda pessoas principaes da Corte, a quem ElRey Catholico havia encommendado a sua segurança, determinou justificar-se, fixando carteis em varias partes, nos quaes desafiava a ElRey Dom João seu cunhado, que nomeava Duque de Bragança; e para mostrar que as obras diziaõ com as palavras, conseguindo licença d'ElRey de Castella, passou a Badajoz acompanhando de muitos parentes seus: de Badajoz o conduzio Dom João de Garay, Mestre de Campo General, que governava as Armas, com algumas Tropas a Valença de Alcantara, Lugar nomeado nos carteis para o desafio. Chegou esta noticia a Martim Affonso de Mello, Governador das Armas da Provincia de Alemtejo; e parecendo-lhe que podiaõ estas vozes (por serem de materia tão desusada) ser traça de Dom João de Garay para interprender Portalegre, se metteo naquella Cidade com a gente que pode tirar dos presidios vizinhos, Em Portalegre teve noticia de que o Duque, e Dom João de Garay entraraõ de Valença de Alcantara ate huma Aldea, que haviamos despovoadado, chamada a Pitarcha, primeira, e segunda vez, e que havendo o Duque mandado authenticar a diligencia que havia feito por se lograr o desafio, se voltara para Madrid, e Dom João de Garay para Badajoz; com que Martim Affonso se recolheo a Elvas. Esta acção do Duque foy julgada pelos Castelhanos infelizmente, entendendo todos, que ElRey Dom João por nenhum titulo estava obrigado a aceitar o desafio, e que como se não podia lograr era infructuosa esta demonstração: porém quando os achaques são desta qualidade, não se achando os remedios de que necessitaõ, applicaõ-se-lhe os que se encontraõ com apparencias mais saudaveis, ainda que não póde hum Vassallo achar escudo tão forte que resista aos golpes de hum valido sem temer de Deos, nem dos

Anno

1641.

*Desafio do Duque  
de Medina  
Sidonia.*

## 326 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

dos homens. Assim o experimentou o Duque; porque ainda que constou, que Frey Nicolão de Valatco, a quem se havia attribuido todo este movimento, tivera em Lisboa por castigo dos feos embustes hum carcere por vida, e sepultura, e que ao criado do Duque mandára ElRey soltar urbanamente, sem mais razão, que dizer, que havia continuado a assistência de sua casa; não pôde o Duque livrar-se das oppressões, que muitos annos padeceo; porque chegando a Madrid, foy mandado presidir a huma Junta, que se formou em Bilcaia, para o desviarem com este apparente pretexto, de voltar a Andaluzia, dilatando-se esta commissão: e averiguando o Conde de Olivares, que havia o Duque passado a S. Lucar a ver sua mulher, sem pedir licença a ElRey, parecendo-lhe esta bastante causa para conseguir o intento de molestallo como desejava, o mandou ElRey prender no Castello de Coca, sette legoas de Valladolid. Desta prizaõ o passaraõ para Segovia, de Segovia para Valladolid, e em huma, e outra Cidade esteve treze annos. Veio ElRey a soltallo no anno de 1660, quando se effeituou em S. João da Luz o casamento d'ElRey de França Luiz XIV com a Princeza de Castella, e a paz entre ambas as Coroas: porém ainda que se averiguou a injustiça, com que o Duque havia padecido tanta molestia sem culpa, nunca lhe restituiraõ São Lucar, que lhe tiraraõ, confirmando-se com este successo a opiniaõ que correo, de que fora vexado só por este respeito. O Marquez de Aya'monte teve peor fortuna: porque o prenderaõ no Castello de Pinto, cinco legoas de Madrid, e lhe cortaraõ a cabeça; buscando-se apparentes pretextos para a execuçaõ desta escrupulosa severidade.

*Decollão o Marquez de Aya'monte.*

*Sabem de Lisboa as duas Armadas.*

Dilatou-se a Armada de França esperando pela de Portugal no rio de Lisboa de 7 até 26 de Agosto; dia em que huma, e outra leváraõ ancora. Foy tambem a causa da dilaçaõ aguardarem pela Armada de Hollanda, que não chegou ao tempo concertado. Os Francezes sahirãõ primeiro da Barra para fóra, nas salvas rebentou huma peça a huma Urca Hollandeza, que ElRey havia fretado, levou-lhe o paiol da polvora, e a polvora o navio a pi-  
que



que; subtileza que os homens descobrião para damno alheio, sem segurança propria, fazendo do seu entendimento idolo a que sacrificaraõ as vidas. Cem Portuguezes se perderaõ na Urca, tendo esta desgraça infelice prognostico da empreza. Sahio a nossa Armada com treze navios, seis caravelas, e quatro mil Infantes. Creceo o vento de qualidade, que sem sair a Armada da Costa; quebrou o masto a S. Pantaleaõ, hum dos maiores navios della, e, naõ se podendo remediar com facilidade, ficou no rio. Outros navios se maltratáraõ, mas concertados, e unidos com os mais, deraõ á véla, e dobráraõ o Cabo de São Vicente, onde avistáraõ cinco fragatas de Castella, ficou-lhes mais vizinha a Armada de França, de que sahiraõ quatro navios, que até o dia seguinte deraõ caça a dous, que se desuniraõ dos cinco, e naõ podendo alcançallos se tornáraõ a incorporar com os da sua conserva. Os tres ficáraõ pelejando com a Armada de França, o que naõ poderaõ excusar por serem pouco ligeiros: dividioros a noite. Ao romper da manhã do seguinte dia se acharaõ as tres fragatas Castelhanas junto ao Galeaõ São Bento, em que hia o Almirante Fernaõ da Silveira. Era Capitão de huma das fragatas hum Portuguez natural de Almada, chamado Salvador Rodrigues; resolveo-se valerosamente a se meter debaixo da artilharia da nossa Almiranta; deo-lhe huma carga, matou tres Soldados, e ferio treze, fez-se ao mar sem damno algum com grande sentimento de Fernaõ da Silveira, e unindo-se outra vez ás duas fragatas, de que se havia apartado, foraõ seguidas de alguns navios Francezes, de que se livraraõ, e entrando em Cádiz deraõ avizo, que a derrota das Armadas era para aquella parte. A vizinhança do perigo incitou a prevençaõ. Acodio o Duque de Ciudad Real, e unindo a gente, que trouxe á que estava em Cadis, quando chegaraõ as Armadas passava a Guarnição de cinco mil homens. Deraõ ellas fundo a quatorze de Setembro fóra da Bahia de Cadis: a Almiranta de França ficou mais vizinha a terra, observou esta differença Fernaõ da Silveira, passou pela Almiranta, e de sorte se empenhou em ficar mais vizinho do perigo da terra, que

Anno  
1641.

*Pelejaõ co cinco  
fragatas de Castella.*

*Dão fundo as  
Armadas sobre  
Cadis.*

Anno  
1641.

*Desistem do in-  
tento, e se apar-  
tao.*

*Entra a Arma-  
da de Hollanda.*

*D. El Rey audi-  
encia ao Embai-  
xador.  
Soccorro de Hol-  
landa.*

que quando as Armadas quizerão sahir custou grande trabalho o rebocarem-lhe o navio por ser muito pezado, e o vento contrario. Oito dias estiverão as Armadas sobre Cádiz, e vendo os Generaes dellas a empreza por todas as circumstancias mais difficil do que suppuzerao, se resolverão a deixalla. Antonio Telles desejou entrar dentro na bahia de Cádiz a queimar as Fragatas de Dunkerque, e outros navios que estavao furtos: dissuadio-o o Marquez de Bersé desta resolução, julgando a utilidade pequena, e as difficuldades de entrar, e sahir da bahia, sem grande risco, quasi invenciveis. Desvanecido este intento, derao á véla as duas Armadas, a de França para Arrochela, e a de Portugal para Lisboa, donde se despedio avizo a D. Francisco de Souza, que de Moura havia passado ao Algarve, para que se retirasse com a gente que havia conduzido, disposta para o logro da empreza de Cádiz. O dia seguinte ao que entrou a Armada em Lisboa, chegou a Frota do Brasil com 22 navios carregados de alicucar, e drogas que produz aquelle Estado: Depois de partidas as duas Armadas, chegou a Lisboa a 10 de Setembro a Armada de Hollanda com 20 navios: havia-se apartado com hum temporal quatro dias antes de outra Esquadra, em que vinha Tristaõ de Mendoça, mas amainando o vento entrou pela barra. Era Almirante da Armada de Hollanda Adriano Gylfels, soldado de grande experiencia, e valor, que na India havia cedido a Antonio Telles, de quem foy vencido em hum batalha naval: trazia titulo de Embaixador dos Estados. Deo-lhe El Rey audiencia o dia seguinte ao que lançou ferro, acompanhou-o o Barão de Alvito, e voltou-se para a Armada. Tristaõ de Mendoça havia fretado em Hollanda 12 navios de guerra, em que trazia mil Infantes Hollelandezes, em dous Regimentos, governados por Coroneis, e Officiaes da mesma nação, obrigados a servirem tres annos com soldos proporcionados aos pagamentos de Hollanda. Trazia tambem comprados quatrocentos cavallos, muitas armas, e muniçoens. Este soccorro foy mais applaudido visto, que experimentado: porque os insultos dos Herages fizerao intole-



intoleravel a sua assistencia neste Reino, sendo a religio-  
sa piedade da Nação Portuguesa o crisol, que mais fina-  
mente apura o valor de que se compoem. Tambem erão  
pezados aos povos os soccorros de Hollanda, pela gran-  
de dispeza que se fez com elles, e pelo cavilloso trato  
dos Hollandezes, porque valendo-se nas Conquistas de  
Portugal do aperto a que a guerra continúa o reduzia,  
uzavaõ da nossa dependencia para a sua utilidade. E che-  
gando ultimamente a conhecer, que era melhor têllos por  
inimigos descobertos, que dissimulados, viemos a rom-  
per com elles a guerra nas Conquistas, e contrapezaraõ  
as grandes victorias da América os infortunios da Asia,  
totalmente occasionados das nossas desordens. A 18 de  
Setembro sahio a Armada de Hollanda na volta de Cá-  
dis a se incorporar com as duas, que haviaõ navegado  
a conseguir aquella empreza. Mandou ElRey com esta  
Armada cinco caravélas, que levavaõ Infantaria para ac-  
crecentar o numero da que se havia embarcado. Hum  
temporal fez arribar a Cascaes os Hollandezes; socega-  
do o vento, seguirão a derrota, chegáráõ à vista de Cádiz;  
e não encontrando as duas Armadas voltáráõ ao Cabo de  
São Vicente, donde fizeraõ a ElRey avizo, de que de-  
terminavaõ (visto não se lograr a empreza a que vieraõ)  
aguardar naquella altura a Frota de Indias, que sem du-  
vida costumava a chegar naquelle tempo; e que pediaõ  
a Sua Magestade quizesse mandar incorporar com a sua  
Armada alguns navios da nossa. Quando chegou este avi-  
zo a Lisboa ja a nossa Armada havia ancorado no rio;  
porém querendo ElRey contemporizar com os Hollan-  
dezes lhes mandou quatro navios, e por Cabo delles Ruy  
de Brito Falcaõ. Sahio Ruy de Brito a 11 de Outubro;  
e no mesmo dia tomou hum navio mercantil Inglez, em  
que os Mouros haviaõ feito preza, e carregado de ferro  
o levavaõ para Salé. O dia seguinte avistou o navio dos  
Mouros, que renderaõ o Inglez, deu-lhe caça, e obri-  
gou-o a dar á costa. Seguiu a viagem, e chegando ao  
Cabo de São Vicente não achou a Armada de Hollanda;  
mandou informar-se a terra, donde lhe veio noticia, que  
a Armada se fizera na volta do Cabo de Santa Maria. Se-  
guio

Anno  
1641.

*Sabe a Armada  
de Hollanda.*

### 330 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Recôto da Armada Hollandeza com a de Castella,*

*Successos do Brasil.*

*Armada dos Hollandezes contra Angola, que governava Pedro Cesar.*

guiu a mesma derrota, e gastando vinte e nove dias nesta diligencia, não podendo conseguir encontrar a Armada de Hollanda, se recolheu a Lisboa, onde a achou ancorada, refazendo-se do damno que havia recebido do encontro que teve com a Armada de Castella. Constava esta de vinte e quatro navios, de que era Cabo D. Jeronymo Gomes de Sandoval: entre o de S. Vicente, e o de Santa Maria se encontráram as duas Armadas, arribou a de Castella sobre onze navios Hollandezes, ficando nove a foz do vento, peleijáram muitas horas sem conhecida ventagem; porém sendo o poder tão desigual, metêram os Castelhanos a pique dois navios Hollandezes, e chegando os nove, que não haviaõ podido arribar, sobreveio o vento tão riço, que dividio as Armadas. A de Castella levou perda de gente, e quatro navios tão desapparelhados, que não tornaraõ a navegar. Deu-se a Armada de Hollanda no rio de Lisboa até Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo em que voltou de Hollanda, depois de nos ocasionar o damno, que adiante diremos.

Em quanto em Europa se peleijava com os Castelhanos, haviaõ os Hollandezes na America posto todo o cuidado em adiantar cavillosamente a sua fortuna. Confiou ao Conde de Nazau, que era partido da Bahia o Marquez de Montalvão, e vendo-se livre do obstaculo que lhe fazia o seu prudente governo, dando-lhe maior confiança a pouca attenção dos três Governadores, que tão injustamente haviaõ prezo o Marquez, e juntamente interpretando a favor de seus interesses as capitulações que Tristaõ de Mendoça havia feito com os Estesados, preparou huma Armada de 20 navios com 2000 Infantes, e 200 Indios, e fazendo General della a hum Corsario chamado Tôlo, a quem a falta de huma perna havia dado a alcunha de Pé de páo, e lançando voz, que esta Armada hia esperar a Frota de Indias de Castella, mandou interpretar a Cidade de S. Paulo de Loanda, cabeça das povoações de que ElRey de Portugal he Senhor no Reino de Angola. Governava esta parte da Africa naquelle tempo Pedro Cesar de Menezes, filho segundo de Vasco Fernandes Cesar, que havia exercitado em



PARTE I. LIVRO V. 331

em Flandes o posto de Capitão de Cavallos com muito boa opiniaõ. Eraõ grandes as utilidades que os Hollandezes conseguiaõ na Conquista de Angola, sendo a principal levarem para o Brasil os Negros que habitao aquelle districto, para servirem na fabrica dos Engenhos de assucar, infructuosa sem a assistencia, e trabalho destes brutos racionaes. Foy occulto este intento dos Hollandezes aos Governadores do Brasil, por haverem com pouco accordo retirado as Tropas, com que o Marquez de Montalvaõ sustentava a guerra em Parnambuco, e por gastarem pouco cabedal com as intelligencias, e principalmente por serem os Triumviros, até na grandeza Romana, perigoso governo: e parece quasi infallivel, que se o Conde de Nazau não fundara a sua confiança no descuido dos Governadores, não destituiria as Fortificaçoens de Parnambuco da maior parte da Guarnição, que as animava, pondo em risco tudo o que havia ganhado na America pelo que não tinha conseguido em Africa. Porém pode desculpar os Governadores não se persuadirem a que podia caber nos Hollandezes tanta infidelidade, constando-lhes das capitulaçoens da paz celebradas entre ElRey, e os Estados de Hollanda. Puzeraõ os Hollandezes a prôa em Angola, e tomaraõ no caminho huma caravela Portugueza, que hia para aquelle Reino, que elles avistaraõ a 24 de Agosto. O perigo não esperado, e o sobresalto repentino confundiraõ de sorte os animos dos moradores da Cidade de S. Paulo, que fundando cegamente o remedio do damno na brevidade da retirada, desampararaõ a Cidade. Pedro Cesar, vendo-se em tanto aperto, deixou o Capitão Mathias Telles Velofo com 60 homens em a Fortaleza da Cruz, pouco distante da Cidade, e seguiu a gente que sahio della. A Fortaleza era tão mal fortificada, e estava com tão pouca prevençaõ, e em sitio tão inutil, que os Hollandezes tanto que desembarcaraõ, sem achar quem se lhes oppuzesse, o dia seguinte ao que chegaraõ, sahiraõ em o lugar do Penedo. Sem fazer cazo da Fortaleza, a deixaraõ á mão direita, e subindo a hum monte que lhe ficava eminente, entraraõ na Cidade sem mais embaraço, que a opposição

Anno

1641.

*Desamparão os  
moradores a  
Cidade.*

## 332 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Entrão nella os  
Hollandezes.**Retira-se o Go-  
vernador.**Aviza o Gover-  
nador a ElRey.*

que fizeraõ poucos Soldados, e alguns Paizanos, ceden-  
do estes facilmente, ao maior numero. Tres Capitaens  
pagos, que havia na Cidade, mandou o Governador  
com alguma gente á praia a impedir desembarcarem os  
Hollandezes: porém elles saltando em terra em parte des-  
viada, ficou esta diligencia infructuosa. Quando volta-  
raõ para a Cidade a acharaõ occupada dos inimigos: sal-  
varaõ-se no lugar de Bembem meia legoa della, para  
onde o Governador se havia retirado, e a maior parte  
da gente com os moveis mais preciosos. Mas parecen-  
do-lhe ao Governador aquelle sitio arriscado, se foy alo-  
jar a hum lugar junto do rio Bembo, quatro legoas pela  
terra dentro, achando este sitio accommodado para re-  
ceber algum soccorro, que lhe viesse por mar. Penetra-  
raõ os Hollandezes este designio, levantarão hum Forte  
na bocca do rio, e guarneceraõ-o com 300 Soldados:  
Pedro Cesar querendo atalhar este damno, mandou o Ca-  
pitaõ Gregorio Ribeiro com 110 Soldados atacar o Forte:  
porém achou de qualidade a resistencia, que teve por  
fortuna retirar-se, perdendo só tres Soldados. Vendo Pe-  
dro Cesar baldado este designio, e o lugar, em que estava,  
pouco seguro, se passou para o de Aquilinda, naõ mui-  
to distante: reconhecendo este por menos capaz, se foy  
alojar a hum sitio sete legoas da Cidade, em huma fa-  
zenda de hum homem, chamado Domingos Carvaiho.  
Seguirão-o os Hollandezes com 500 Infantes, e duvi-  
dando conseguir a empreza sem artilharia, mandaraõ  
buscalla. Entendeo Pedro Cesar este designio, e naõ  
querendo experimentar o effeito delle, se retirou para  
a Fortaleza de Mafangano 30 legoas pela terra dentro,  
deixando despedido avizo a ElRey por Antonio da Fon-  
seca Dornellas do infelice successo daquelle Reino. Anto-  
nio da Fonseca embarcou-se em hum barco no rio Cuan-  
ca, sahio ao mar, livre dos Hollandezes, chegou à Ba-  
hia a salvamento, passou a Lisboa em huma caravela,  
onde entrou a 20 de Dezembro: achou que ElRey anda-  
va á caça da outra parte do Tejo. Recebeo a noticia dos  
successos de Angola, e naõ foy taõ breve o remedio, co-  
mo pedia perda taõ consideravel. Os Hollandezes havendo



logrado facilmente o que intentáraõ em Angola, não quizerão soltar das mãos a fortuna, para que não mudasse de condição. Escolheu o Pé de páo 13 navios, que entregou a Audreson pratico, e valeroso Soldado, passou este á Ilha de S. Thomé, posto preciso para o fim a que os Hollandezes caminhavaõ. Poucos dias antes haviaõ os moradores acclamado ElRey D. Joaõ: porque tendo noticia deste successo por hum navio Inglez, foy com tanta incerteza, que aguardáraõ maior probabilidade. Durando esta duvida, chegou ao porto hum navio Castelhano trazendo o Capitaõ delle ordem para introduzir na Fortaleza 200 Soldados com a destreza de dissimular a mudança do governo. Aportou ao mesmo tempo hum navio Francez em a Ilha das Cabras, pouco distante de S. Thome. Os Castelhanos mandáraõ dizer aos moradores, que tratasem aos Francezes como inimigos. Teve o Capitaõ Francez este avizo, e sabendo que os Castelhanos estavaõ em o sitio da Praia das Conchas, investio o navio, que rendeo, e lançou os Castelhanos em S. Thomé. Governava esta Ilha o Alcaide mór da Fortaleza Miguel Pereira de Mello, por morrer naquelle tempo o Governador Manoel Quaresma Carneiro. Prevenido Miguel Pereira das noticias antecedentes, se informou de hum Piloto Portuguez que vinha com os Castelhanos, e achando certa a nova da Acclamação, e o intento que os Castelhanos traziaõ, poz a tormento o Governador que vinha nomeado em caso que a empreza se conseguisse. Padeceo o Castelhana negando tudo o que lhe perguntava: porem bastou a informaçã do Piloto para Miguel Pereira acclamar ElRey Dom Joaõ. Mandou dar aos Francezes todos os bastimentos que lhes foraõ necessarios, partiraõ elles da Ilha, levando consigo o navio Castelhano, que haviaõ tomado. Passados dous dias, chegou hum navio Inglez com cartas d'ElRey, que os Ilheos celebraraõ com grandes festas. Durou-lhes pouco o contentamento, chegando hum barco de Angola com a nova da perda da Cidade de S. Paulo, e com avizo de que os Hollandezes determinavaõ passar áquella Ilha. Não foy de effeito esta noticia, mas servio só de anticipar o

Anno

1641.

*Acclama-se ElRey na Ilha de S. Thomé.*

Anno  
1641.

*Chegão os Hol-  
landezes a  
S. Thomé.*

*Occupão a For-  
taleza da  
Praia,*

temor, para que tivessem menos desculpa de a perder, porque a prevenção que só fizerao, foy retirar o fato para o Certoão da Ilha, e o Governador meteo na Fortaleza, que era muito capaz de se defender, quantidade de mantimentos; e não correponderaõ as mais disposições a esta. Chegaraõ os Hollandezes á Ilha a 15 de Outubro, lançaõ ferro duas legoas da Cidade, desembarcaraõ 14 Companhias que ficaraõ alojadas em huma Eremita de Santa Anna, pouco distante da Marinha; levantaraõ trincheira, e fortificaraõ-se com muita brevidade. Acodio áquella parte alguma gente nossa: porém faltando-lhe Capitaõ, e disciplina, voltaraõ sem outro effeito para a Cidade; de que resultou cobrarem os Hollandezes maior alento, porque vendo tanta desordem, se puzeraõ em marcha para a Cidade. Creceo nella a confusão, porque não havia quem dispuzesse a defenſa. Arrojou-se João de Sousa, filho de Lourenço Pires de Tavora, Governador que fora daquella Ilha, a ajuntar alguma gente, para impedir aos Hollandezes a passagem de hum rio, que corria entre a Cidade, e a estrada, por onde marchavaõ: deo o intento á execução, começou a pelejar valerosamente. Sahiraõ da Cidade tres Companhias a soccorrello; mas encontrando alguns, a quem o medo havia obrigaõ a desampararem João de Sousa, que vinhaõ dizendo que os mais ficavaõ degollados, sem outro exame voltaraõ as costas as tres Companhias. Os que ficaraõ com João de Sousa, tambem o deixaraõ, salvou-se elle com grande risco, e os Hollandezes marcharaõ sem opposiçaõ á Fortaleza da Praia pequena, que governava o Capitaõ Francisco Ximenes. Pudera elle resistir-lhes muitos dias, mas sem reparar na honra a desamparou. Occuparaõ-a os Hollandezes, e marcharaõ para a Fortaleza principal, em que estava o Governador Manoel Pereira com 400 Portuguezes: jogava a Fortaleza 36 peças de artilharia, que igualmente offendiaõ os navios da Armada; e Infantaria que estava em terra. Haviaõ metido a pique a Almiranta, e continuando o damno de huma, e outra parte, se retiraraõ os Hollandezes para a Fortaleza, que haviaõ ganhado. Mandáraõ dessem;



desembarcar mais gente, e o dia seguinte marcharão para a Cidade, onde estava João de Sousa com poucos moradores, porque os mais se haviam retirado para huma eminencia, que ficava pouco distante. Aguardarão os Hollandezes que cerraſſe a noite, e buscando parte por onde a Cidade podia ſer ſoccorrida, fingirão que eram Portuguezes, e, enganando facilmente os pouco deſtos moradores, ſe introduzirão nella. Quando ſe conheceo o engano era ja irremediavel. retirou ſe João de Sousa, e os mais para a eminencia onde estavam os outros moradores; tanto que amanheceo os inveſtirão os Hollandezes, e os obrigarão a fugir para o mato. Ganhado eſte ſítio, o fortificarão, e juntamente outro ſítio, que deſcortinava a Fortaleza, e plantando em huma, e outra parte artilharia a começaram a bater: quatorze dias paſſarão ſem outro effeito, recebendo grande damno da Fortaleza, e não havendo faltado nella mais que tres Soldados: eſte ſucceſſo, que pudera ſervir de eſtimulo a Manoel Pereira, lhe accrecentou o receio, e ſem mais cauſa, que cahirem algumas bombas dentro da Fortaleza, com mais eſtrondo, que prejuizo, ſe rendeo, ſem outra permiſſão, que a de poder paſſar ao Reino, aonde chegou, e ſendo logo prezo acabou a vida no Caſtello de Liſboa, pagando juſtamente a ſua cobardia. Senhores os Hollandezes da Fortaleza ſuſtentarão a guerra que lhes fizeram os que ſe paſſarão ao mato, até que chegou àquella Ilha ordem d'ElRey para ajuſtarem a paz com os Hollandezes: concluiu ſe, e tornarão os Portuguezes a povoar a Cidade, ſocego que lograrão pouco tempo; porque chegando da Mina nova gente aos Hollandezes lançarão os noſſos fora da Cidade, e puzerão fogo às calas. Paſſarão os moradores ao mato, e ſuſtentarão a guerra até o anno de 1644, tempo em que ſe ſujeitarão os Hollandezes por ſe verem totalmente deſtituidos do ſoccorro.

O Conde de Nazau tanto que teve avizo dos bons ſucceſſos conſeguidos em Angola, e São Thomé, deſpedio outra Armada, que conſtava de 18 navios á ordem de João Corneles, que levava nella dois mil Inſan-

Anno

1641.

Entrão na Cidade.

Rende o Governador Manoel Pereira a Fortaleza.

Armada Hollandesa contra o Maranhão.

## 336 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Sua descripção.*

tes, a interpretar a Cidade de S. Luiz da Ilha do Maranhão. Chegou esta Armada á vista da Cidade a 24 de Novembro. A Ilha do Maranhão fica na Costa do Brasil; corre para o Ciará de Oeste a Leste, e para o Pará a Oesnoroste em dois grãos e meyo da banda do Sul: tem 12 leguas de comprido, e cinco de largo, e em algumas partes seis; fica em huma grande bahia, que alli faz a terra firme; de que dista duas legoas da parte do Leste, e do Oeste tres, e por huma, e outra entraõ navios: pela parte do Sul a divide da terra firme hum rio, que terá de largura hum tiro de arcabuz. Os Francezes a descobrião, e tenhareão até o anno de 1614, que Jeronymo de Albuquerque os lançou della, governando o Brasil Gaspar de Sousa: a Ilha não dava mais que tabaco, e mandioca; na terra firme havia Engenhos de assucar; hoje se tem descoberto outras diógas quasi tão preciosas como as da India. Governava a Ilha Bento Maciel Parente; reconheceo a Armada, e vendo que era de Hollanda a mandou salvar, por ter recebido ordem d'ElRey para não tratar como inimigos mais que a Turcos, e Castelhanos. Continuou a Armada a derrota sem responder á salva, nem amainar. Vendo o Governador esta resolução mandou dar-lhe carga com toda a artilharia, a esta respondêraõ os Hollandezes, e querendo livrar-se do perigo das balas deraõ fundo a distancia, que os livrava d'elle; lançáraõ logo mil homens em o sitio de Nossa Senhora do Desterro: os moradores com o ocio esquecidos do exercicio militar despovoáraõ a Cidade, e o Governador se achou na Fortaleza com setenta Soldados, trinta e cinco delles meninos de muito pouca idade, a que havia sentado praça para supprir a falta de outros tantos Soldados velhos, que tinha mandado para huma Capitania sua, defacerto que lhe tirou a honra, e lhe custou a vida, costumado effeito da ambição, que com estes defenganos acha sempre sacrificios. Marcháraõ os Hollandezes para a Fortaleza, e vendo Bento Maciel a sua deliberação mandou dizer a João Corneles, que aquella Ilha era d'ElRey de Portugal, com quem os Estados de Hollanda haviaõ celebrado pazes, e que neste sentido ignorava



horava a causa que o trazia a lhe fazer guerra. Respondeo João Corneles, que elle não determinava offender os Portuguezes, que vinha com ordem do Conde de Názau Governador das Armas em Parnambuco para occupar aquella Ilha; que quizesse elle que se avistassem, para conferirem o que fosse mais util a ElRey, e aos Estados. Obrigado do receio aceitou Bento Maciel este partido: sahio da Fortaleza, fallou com João Corneles, e assentárao que Bento Maciel ficasse governando a Fortaleza, e que aos Hollandezes se desse huma parte da Cidade, para se aquartelarem, e mantimentos por seu dinheiro até que chegasse ordem d'ElRey, e dos Estados, com a qual se tomasse a ultima resolução. O modo da jornada dos Hollandezes bem deixava conhecer o caviloso animo desta proposta: porém Bento Maciel, que governava melhor os seus cabedaes que a Fortaleza, aconselhado do medo, buscou pretexto para entregar a Fortaleza, e a Ilha. Entrárao os Hollandezes na Cidade, e não querendo alargar mais o prazo á dissimulação a faqueárao. Mostrou João Corneles que fora de ordem dos Soldados, para facilitar a entrada da Fortaleza: assim o conseguiu como o dispoz, mandou occupar os postos della pelos Hollandezes, tomar posse dos Armazens, abater as bandeiras de Portugal, e arvorar as de Hollanda, depois disto executado repetirão os Soldados o saque da Cidade. não concedendo mais privilegio ao Sagrado, que ao profano. Seguiu-se a esta extorção mandarem recado aos Portuguezes de Itapocurú, povoação pequena de terra firme, doze legoas da Ilha onde estavam os Engenhos, que lhes mandassem tantas caixas de assucar, que bastassem a livrallos do perigo que os ameaçava: por se livrarem deste damno contribuirão seis mil caixas: João Corneles não querendo perdoar a diligencia alguma fez jurar a todos os moradores obediência aos Estados; e embarcou cento e cincoenta Soldados Portuguezes em huma urca mal apparelhada, e deixou-os livres para seguirem a derrota que quizessem, suppondo que lhes dava sepultura na liberdade. Puzerao elles a prôa na Ilha da Madeira, porém a muita agua que fazia o navio, os

Anno  
1641

*Ajusta-se o Gôvernador Bento Maciel com os Hollandezes.*

*Entrão na Cidade, e a saqueão.*

*Ganhao a Fortaleza saltando a fô.*

Anno  
1641.

obrigou a arribarem á Ilha de S. Christovão na Costa de Indias de Castella, povoada de Francezes, e Inglezes. Achárao muito boa hospedajem, e em varias embarcaçoens passárao brevemente a Lisboa. João Corneles voltou com a Armada a Parnambuco, onde triumphou da victoria de hum tração. Deixou na Fortaleza 60 Hollandezes, e quatro navios no porto; bastante segurança para a pouca opposição que temia. Bento Maciel levaráolles prezo a Parnambuco: morreo em huma Fortaleza, que os Hollandezes tinhao no Rio Grande, pagando justamente a sua ambição, e pouco valor, defeitos que este anno foraõ causa das muitas desgraças, que padecemos nas Conquistas, e conhecido effeito do lethargo com que os Castelhanos por todos os caminhos adormentavao os animos valerosos dos Portuguezes, negando-lhes o exercicio da guerra, e dando-lhes Mercadores por Capitaens, que fundavao a maior opiniaõ nos mais certos interesses. E se este discursõ he presumpção de Portuguez, e não conhecimento do valor, que Deos quiz influir nos espiritos bellicosos desta generosa Nação, brevemente o veremos nas victorias conseguidas nos mesmos lugares das desgraças, sem mais soccorros, que esgrimirem os Capitaens as espadas sem arifmeticas, deliberando-se a fazer livros de Caixa dos Annaes da Fama.

Succesos da Índia.

Por não interromper a ordem da historia seguiremos neste anno os successos da India, que acontecerao no de 41 antes de chegar áquelle Estado a nova da Acclamação. Era Vice-Rey delle o Conde de Aveiras, como fica referido; e defejando accreditarse com acoentinaladas, achava por opposto o grande poder dos Hollandezes, e a arte com que usavao delle, não consentia mais esperança, que a de poder conservar o que naquelle tempo tinhamos na India: e ainda esta era pouco segura, porque os soccorros deste Reino não erao grandes, e as forças da India se achavao muito inferiores. Sustentava o Vice-Rey amigavel correspondencia com os Reys visinhos: e só se haviaõ separado della os Reys de Jor, Pam, e Candia, de quem os Hollandezes recebiao soccorros contra as nossas Armas, estando as suas tão poderosas, que



PARTE I. LIVRO V. 339

Anno

1641.

*Praças, e feitorias dos Hollandezes.*

que occupavaõ todos os lugares seguintes. Tinhaõ feito-  
ria em Vingorlá, terra do Hidalcão, distante para o Nor-  
te sete legoas de Goa: e uzando da destreza de vender as  
drogas do Sul, e mercadorias de Europa por menos pre-  
ço, e com menos direitos, do que costumavamos dar  
as nossas, augmentavaõ os seus cabedaes, e os nossos se  
destruiã. Tinhaõ mais nas terras do mesmo Hidalcão  
feitorias em Dabul, e Rajapor, e outras pelo certo den-  
tro, que lhe serviaõ de grande utilidade. Occupavaõ na  
meisma Costa para a parte do Norte huma grande feito-  
ria em Surráte, de que tiravaõ grandes interesses, sen-  
do maiores os avanços, levando aquelles generos para a  
parte do Sul, e para o Comoraõ na Persia, que fica de-  
frente de Ormuz, e em todas as mais partes daquelle Es-  
treito: e do de Meca sustentavaõ utilissimas correspon-  
dencias. Senhoreavaõ na Costa de Coromandel a Forta-  
leza de Paleacate. Na Ilha de Ceilaõ occupavaõ as For-  
talezas de Galle, de Triquemale, e Baticalou, que nos  
haviaõ tomado em os annos de 1638, 39, e 40, e a de  
Negumbo, que Dom Philippe Malcarenhas havia restaura-  
do. Para a parte do Sul tinhaõ feitoria no de Achem, e  
outras na Contracosta: occupavaõ a Cidade, e a Forta-  
leza de Jacatará ( a que deraõ o nome de nova Batavia )  
na Ilha de Jaoa do Senhorio do Matarão: eraõ Senhores  
das tres Ilhas de Banda, e tinhaõ feitorias no Maçacá na  
Ilha de Borneo no Reino do Mogor, que he parte de Ben-  
gala; e nos mais portos daquelle Costa eraõ taõ superio-  
res, que não entrava nelles a commerciar não Portugue-  
za. Dominavaõ a Ilha de Amboino com as mais adjacen-  
tes, e todas haviaõ fortificado, e presidado: senhorea-  
vaõ o Archipelago das Ilhas de Maluco, e tinhaõ Fortes  
em as de Ternáte, Tidóre, Moutel, e Maquien; e jun-  
to a estas Ilhas occupavaõ as de Batóchina, Geloilo, Ba-  
canora, e Baychaõ, e no marda China, a Ilha Formosa,  
donde frequentavaõ o trato da China para o Japão: su-  
stentavaõ quasi absolutamente o commercio de Pegu, Ta-  
nassarí, Junsalaõ, Tarangá, Ilhas de Pimenta, Quedá  
e Pera: o mesmo Senhorio haviaõ adquirido no Estreito  
de Sincapura, Costa de Pam, Patane, e Champá, en-  
feada

## 345 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Disposições do  
Conde de Avei-  
ras Vice-Rey.*

feada de Siaõ, e de Cochimchina, portos de Cambaya, Tunkim, China, e Chincheo, e a Ponta de Sumbor. Eraõ senhores de todos os mares daquella parte de Mulapataõ, onde tinhaõ feitorias; e da mesma sorte na Costa de Coromandel. E finalmente não havia em todo o Oriente parte, em que os Hollandezes não tivessem entrada, e de que não tirassem grossissimos interesses. O Vice-Rey para se defender de tão poderosos inimigos, e segurar a Cidade de Goa, que elles ameaçaõ, dispoz em todos os portos do nosso Dominio o maior numero de embarcaçoens que lhe foy possível juntar. Constava a Armada de Goa de vinte navios, e huma galé: era Capitão mór della Luiz da Silva, filho mais velho do Conde de Aveiras; que no anno antecedente havia mostrado na defesa de hum Forte daquella barra, que o seu valor correspondia á sua qualidade. Sahio de Baçaim, como era costume, a Armada para a Costa do Norte: conitava de vinte e oito embarcaçoens, chamadas Sanguiseis, e governava Dom Manoel de Menezes, tendo ordem do Vice-Rey para que nos primeiros de Setembro estivesse sobre a barra de Goa. A Armada do Cabo de Comorim era de doze navios, e nomeou o Vice-Rey por Capitão mór della a Domingos Ferreira Beliago. A do Canará se compunha de doze navios, governada pelo Capitão mór Fernaldo de Mendoça Furtado, filho de Francisco de Mello de Castro, que o Vice-Rey havia mandado invernar a Mangalor por Capitão mór da gente de guerra daquella, e das mais Fortalezas do Canará, com ordem, que no mez de Setembro se achassem em Goa com todos os mantimentos, que lhe fosse possível. Porém todas estas prevençoens não bastáraõ a desembaraçar a barra de Goa, que os Hollandezes occupáraõ na forma que havemos referido. E não teve melhor effeito o soccorro, que o Vice-Rey mandou a Maláca, a que os Hollandezes haviaõ posto sitio no mez de Agosto do anno antecedente; porque não houve mais noticia de huma grande não, que o Vice-Rey mandou áquella Fortaleza carregada de pólvora, e mantimentos, fazendo juntamente avizo por terra aos Electos de Negapataõ, e prevenindo-os com grossa



grossos creditos, para que acodissem a Malaca com todos os mantimentos possiveis, promettendo lhes, se introduzissem o soccorro, habitos, e fidalguia. E na Monção de Abril deste anno, havendo o Vice-Rey prevenido vinte e seis embarcaçoens com Soldados, muniçoens, e mantimentos, chegou a Goa a nova por via de Cochim, que Malaca se perçera a 14 de Janeiro deste anno de 41, depois de durar o sitio cinco mezes e meio, havendo na Fortaleza tão poucos mantimentos, que parecia impossivel conservar-se tanto tempo sem se lhe introduzir soccorro. Foy esta perda muito consideravel, e tocárao as consequencias della não só ao Estado da India, mas tambem a este Reino, que accrescentou esta queixa ás mais, que justamente publicava do infelice dominio dos Castelhanos, porque se descuidárao dos soccorros da India, parece que com o fim ja referido de quebrantar as forças de Portugal. Em Ceilaõ erao melhores os successos; nos primeiros dias de Março lhe mandou o Vice-Rey o segundo soccorro, que constava de oito galeotas, em que foraõ duzentos e sessenta Soldados, quatro peças de artilharia, muniçoens, e mantimentos, e doze mil Xerafins. O Capitão General Dom Philippe Mascarenhas, depois de chegar este soccorro a Ceilaõ determinou hir sobre Galle, mas houve inconvenientes que o embarçárao, sendo o principal ter noticia, que os Hollandezes lhe haviaõ de Jacatara introduzido grande soccorro. Os de Galle vendo-se com grosso presidio se animaraõ a fazer algumas fortidas: em huma que fizeraõ a 10 de Agosto perdêraõ hum Capitaõ com trinta Soldados, e aos mais seguio a nossa gente até as portas da Fortaleza. Depois deste successo a sitiou Dom Philippe Mascarenhas; porém havendo chegado a nova da aclamação d'ElRey, e da anizade que tratava com os Hollandezes levantou Dom Philippe o sitio, mas todos os nossos obsequios, e boa correspondencia não obrigáraõ aos Hollandezes a retroceder dos seus cavilosos intentos, uzando em utilidade sua da nossa errada confiança. O Hidação receava o nosso poder, e este era só o caminho de sustentar a sua palavra, que em muitas occasiões vendo o diminuido havia quebrantado. O

Mogor

Anno

1641.

*Perda da Malaca.**Soccorro de Ceilaõ, que governava D. Philippe Mascarenhas.*

Anno  
1641.

*Mãdão os Reis  
da India Embai-  
xadores ao Vice-  
Rey com o para-  
bem da Accla-  
mação.*

*Embaixada aos  
Hollandezes.*

Mogor era guerreiro, e inquieto, vario, e ambicioso; desejava (vendo os bons successos dos Hollandezes) acrecentar com as suas armas a nossa desgraça; mas o Vice-Rey teve industria para comprar alguns de seus validos, e temperar com esta arte a sua arrogancia. El-Rey de Cóchim perseverava na antiga amizade que sempre teve com os Portuguezes: por mais diligencias que fazia pelo divertir hum valido seu com titulo de Regedor, chamado Samuel Castiel. Estes Reis, o Samorim, El-Rey do Canará, o de Jolocondá, o Imamo Rey da Arabia, e todos os mais do Sul mandárao ao Vice-Rey Embaixadores com o parabem da acclamação; só El-Rey do Japão não quiz admittir trato, nem commercio algum; por maiores diligencias que o Vice-Rey fez por chegar á Cidade de Macão esta commodidade, que era muito grande, principalmente depois que se acabou o commercio de Manilha, que occupavao os Castellhanos, e considerando o Vice-Rey que na amizade dos Hollandezes consistia toda a nossa conservação naquelles Estados, procurou com grande actividade, e diligencia, como já referimos, que os Hollandezes desoccupassem a barra de Goa na fé da amizade contrahida entre El-Rey, e os Estados. Mandou á Capitania a tratar este negocio a Gaspar Gomes, pessoa intelligente; e não havendo os Hollandezes deferido ás proposições que lhes levava, nem querer restituir a não de Sancho de Faria, consentiraõ só que o Vice-Rey pudesse mandar hum Embaixador ao General, que assistia em Batávia, para o que offerceraõ huma embarcação segura, que para Batavia partia de Surrate. Era tanta a oppressão que os Hollandezes davaõ a Goa, que foy preciso ao Vice-Rey aceitar esta offerta. Nomeou para esta jornada a Diogo Gomes de Brito, Fidalgo de juizo, e experiencia, e mandou em sua companhia ao Padre Frey Gonfalo Veloso Religioso da Ordem de S. Francisco, em quem concorriaõ partes dignas de assistir a negocio de tanta importancia. A substancia da instrucção que levávaõ, era pedir cessão de armas naquelles Estados, o que parecia licito conceder-se, havendo taõ certa noticia de que entre o Reino de Portugal,



tugal, e as Provincias Unidas se negociava hum Tratado de paz, que pelas conjecturas se entendia, que não era possível deixar de se ajustar; e que esta cessão de armas durasse até segundo avizo do Reino ou dos Estados, que era certo havia de declarar a forma do ajustamento, que se houvesse celebrado. Partião os dous sem grandes esperanças de concluir a diligencia, a que eraõ mandados: porque bem se entendia, que os Hollandezes, só amantes da sua conservação, não haviaõ de perder tempo de solicitar a nossa ruina, quando suppunhaõ a Portugal, desunido de Castella, n'enos poderoso. A noticia de que em Portugal havia ElRey levantado os tributos obrigou aos moradores de Goa a pedir ao Vice'Rey, que este indulto, como vassallos d'ElRey, lhes abrangesse tambem a elles; apontando em primeiro lugar o tributo da meia Annata, que era o de maior escandalo em tempo do governo dos Castelhanos. Considerando o Vice'Rey quanto convinha ao aperto, em que se achava, ter satisfeitos os moradores daquelle Estado, ordenou, que se levantassem os tributos, entendendo, que muitas vezes de similhante affabilidade, usada com os povos, resulta aos Principes offerecerem-lhe voluntariamente maiores subsidios; porque da violencia só exorbitancias, e desacertos se colhem. Todas estas materias resolvia o Vice'Rey com o parecer do Conselho de Estado, em que era assistido do Arcebispo Primaz Dom Fr. Francisco dos Martyres, Religioso que havia sido da Ordem de São Francisco, de vida exemplar, e prudencia digna de toda a veneração, do Inquisidor Antonio de Faria Machado, Antonio Moniz Barreto, Capitaõ de Goa, que havia servido em todas as occasioens com grande valor, e actividade, de Dom Mancel de Almeida Pereira, Dom João de Moura, de Francisco de Mello de Castro, e Joseph Pinto Pereira. Neste tempo havia na India outros Soldados, e Fidalgos particulares, que não degeneravaõ no valor dos antigos Heroes Portuguezes, que illustraõ com gloriosas accoens a sua nação: porém degeneravaõ muitos delles na grande ambição com que querião enriquecer em pouco tempo por meios illicitos, paixens, e invejas desordenadas,

Anno  
1641.

## 344 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

denadas, que forão causa de todas as infelicidades, que naquelle Estado se padeceraõ.

*Discursos sobre  
se deter a Ar-  
mada da Hol-  
landa.*

Com as desgraças que occasionou ás Conquistas de Portugal o falso trato dos Hollandezes damos fim ao anno de 1641, e com a mesma causa, e igual effeito daremos principio em Europa ao de 1642. Reparada a Armada de Hollanda do damno recebido da contenda, que teve com a Armada de Castella, e chegando aviso do Brasil a ElRey da resolução, que o Conde de Názau havia tomado, disculpada pelos Estados com as capitulaçoens, que explicavaõ a seu favor. Entendendo hum, e outro successo o Almirante Gysfels, determinou livrar-se do perigo, que o ameaçava, vendo-se entregue com dezoito navios na barra de Lisboa á nossa disposição, podendo justamente resolver ElRey, que fossem parte da satisfação dos aggravos recebidos. Inclinao-se alguns Ministros á represalia, dizendo, que os Hollandezes haviaõ faltado á capitulação, quebrantando a paz ajustada com Tristaõ de Mendoça, e que ainda que nos capitulos della houvesse algum termo, que interpretado a seu favor, dissimulasse o seu excessõ, que esta era a primeira offensa que merecia ser castigada; pois logo que ElRey sinceramente se fiou da sua amizade, começaraõ a enganalo; e que além desta exorbitancia, se não contentáraõ de assaltar, e render Angola, e São Thomé, porém que cavilosamente, e com trato dobre tomaraõ o Maranhão, fazendo-se senhores dos mesmos, que os receberaõ como amigos: que dissimular tantas queixas era manifestarmos a debilidade das nossas forças, especulação com que ordinariamente se perdem os amigos, e se declaraõ mais de pressa os inimigos encobertos, sendo só o receio de igual damno rémora dos que exercitaõ o falso trato. ElRey, que, como bom Contrastista, avaliava os accidentes pelo que pezavaõ, e não pelo que luziaõ, foy de opinião contraria, ponderando, que romper a guerra com os Hollandezes em Europa não remediava os danos do Brasil, e punha em contingencia o Senhorio de Portugal: porque os Hollandezes, offerecendo a sua Armada ao nosso soccorro, desvaneciaõ os intentos, que os Castelhanos



hanos podiaõ ter de fazer guerra a Portugal por mar, e por terra, impulso, a que difficilmente podiamos resistir; e que declarando os Hollandezes por inimigos, não só nos faltava este soccorro, mas que arriscavamos todo o poder que tinhamos no mar, a que os Hollandezes eraõ com muitas vantagens superiores: que a estas razoes se accresentavaõ outras muito forçôas, sendo a mais principal vir a Armada de Hollanda a ajudarnos debaixo da fé publica, sacrosanta em todos os accidentes; que não podiamos achar pretexto para a violar, como os Hollandezes descobrião nas capitulaçoens, para occuparem o que conquistaraõ dentro dos quatro mezes, que tomaraõ de prato, para se publicar a paz no Brasil: e que se tratassemos tão mal os hospedes, que justamente duvidariaõ de nos soccorrer os Principes aliados. Tomada esta resolução, ficou facil ao Almirante de Hollanda persuadir a ElRey, que lhe concedesse huma instancia que lhe fez; destreza que fabricou para se livrar do damno, que temia. Dizia a proposta, que ElRey unisse com a Armada de Hollanda huma de onze navios, que estava aparelhada para hir na Primavera em soccorro da Ilha Terceira, (de que ElRey havia feito General Tristão de Mendoga, depondo com pouca causa a Antonio Telles deste exercicio) e unidas as Armadas, aguardariaõ a Frota de Indias de Castella, com bem fundadas esperanças de conseguir grande progresso. Persuadido ElRey desta enganosa proposta, deu ordem a Tristão de Mendoga, para que desse á vela a lograr este intento, e despedido o Almirante de Hollanda, e os seus Capitães, dando a todos joyas, cadeas, e medalhas com o seu retrato: tomando o conselho errado de dar graças por aggravos, de que costumãõ uzar os dependentes de menor esfera. Sahio a Armada de Hollanda a seis de Janeiro, e a nossa o dia seguinte, menos tres navios, a que faltou o vento, que depois sobejou a todos. Querendo Tristão de Mendoga incorporallos com os mais, se fez na volta da terra: unidos estes, e tendo só navegado quarenta legoas, levantou-se o vento, engrossaraõ as nuvens, alterou-se o mar, e cerrou-se a noite. A Armada dos Hollandezes tanto que sahio da

Anno  
1642.

*Resolve ElRey  
não impedir a  
Armada.*

*Sabe Tristão de  
Mendoga com a  
nossa Armada,  
e a de Lullan  
da.*

*Aperia-se a de  
Lullan contra  
a nossa.*

## 346 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

*Tormenta da  
noſſa Armada.*

da barra, navegou em popa para Hollanda, trocando o Almirante o concerto ajultado pela infidelidade prevenida. Não tem a fortuna de ser Principe maior desgraça, que ser-lhe preciso dissimular offensas por lhe faltar poder para castigallas: porém o Mestre da politica não compoz o livro do Duelo, e assim vem a julgar o mundo nos Principes como prudencia o mesmo, que nos particulares he discredito. Chegou a Armada de Hollanda aos seus portos sem perigo da tempestade, que furiosamente combateo os nossos navios. Creceo o vento, e encheo-lhes as velas: mas querendo que levassem mais do que podião, as da Capitania, e Almiranta rebentaraõ, sem lhes valer a prevençaõ dos Pilotos, que haviaõ mandado prendellas para lhes escusar o desafio. Padeceraõ os muitos as contendas das velas, e sentiraõ os navios o damno dos mastos, viaõ-se atacados do mar, e do vento pela frente, e pelo fundo, e experimentavaõ penetrado o centro do impulso da agua, sem poder resistir á disposiçaõ com que forã formados, nem prevalecer o soccorro dos braços, que maneavaõ as bombas como armas defensivas. Outro mar lançavaõ ao mar as nuvens, e dobrando-se ao mar o poder, furiosamente sepultava os navios, e no mesmo instante os levava ao Ceo, não querendo salvalllos: caso onde só se encontraõ estes termos incompatíveis. Conjurados os Elementos, cada hum delles pretendia ostentar o seu poder; o vento, incentivo da guerra, intentava lograr a victoria, de que a agua, por ser no proprio paiz, se queria fazer senhora; os relampagos, rompendo o ar, publicavaõ com as vozes dos trovões ser o fogo o mais poderoso; a terra esperava triumphar dos despojos da batalha, vencendo com a reserva: porém não lograraõ os Elementos a interpreza de noite, porque os navios resistiraõ até chegar o dia, mas tendo ganhado o Sol, melhoraraõ o partido, confundiraõ-lhe as nuvens a luz, e roubava a nevoa a vista, com que poder a dia coroar-se tambem por noite. Na afflicçaõ de contender com tantos, e tão poderosos inimigos, passavaõ os afflictos navegantes de hum perigo a outro perigo, e de hum cuidado a outro cuidado: rompiaõ os clamores

o ar,

*Expirava  
se  
Nave  
do  
7/7*



O ar, e abriaõ os votos o Ceo; que nunca Deos he taõ buscado, como quando he muito temido. Todos queriaõ mandar, e nenhum acertava a obedecer, e nem o preceito era soccorro, nem o acerto remedio: ja todas as vélas em divididos pedaços eraõ triunfo do vento, e ja todas as cordas em desbaratada confusão eraõ despojo das ondas: faltava aos mastos de todo a força, e aos lemes totalmente o governo, só as taboas por unidas faziaõ maior resistencia. A Capitania buscou o Sul por amparo, e achando daquella parte o vento opposto, depois de tentar varios rumos voltou á terra, que esperava Tristaõ de Mendoga, aberta a sepultura. Lançou huma ancora de frente da praia da Albofeira. sete leguas da barra de Lisboa, e vendo que não cessava o temporal mandou cortar o msto grande, por experimentar se amainava a furia do vento com este tributo: porém reconhecendo que era maior o empenho lhe sacrificou cegamente a vida, e a de seu filho Henrique de Mendoga, Dom Sebastião de Vasconcellos, que servia o posto de Mestre de Campo, Dom Diogo de Portugal, Ruy Telles de Menezes, Capitães de Infantaria. Com estes Fidalgos, o Piloto, e alguns marinheiros, se meteo Tristaõ de Mendoga no batel do seu navio, contra a opiniaõ dos que ficaraõ, protestando, que o não largasse. Pareceo-lhe inveja esta advertencia, e sem fazer caso della, sahio o batel, ou tumulto destes Fidalgos, a pelejar com poucas forças contra poderosos inimigos, que as não haviaõ diminuido. Ao entrar no batel cahio ao mar Tristaõ de Mendoga, livrao-o com grande trabalho, e não lhe deraõ muito espaço de vida, porque o batel antes de chegar a terra o sepultaraõ as ondas, salvando-se só o Piloto, e hum marinheiro. Parece não esperava o vento mais que este sacrificio, saltou á terra, e favoreceo o navio, lançando-o ao mar. Fez elle em breve espaço grande jornada, cerrou-se a noite, e sentindo os navegantes, que se encostava á terra, se deraõ por perdidos: dispararaõ algumas peças com taõ boa fortuna, que sentindo se o rumor dellas na Torre de S. Gíão, levantou farol, julgaraõ esta luz por Santelmo; antiga, e não

Anno

1642.

*Perde-se o batel  
com o General,  
e salva-se o na-  
vio.*

Anno

1642.

*Perde-se a Al-  
miranta, e sal-  
vã-se os mais  
navios.*

averiguada confiança dos navegantes: buscaraõ-a com novo valor, e com grande fortuna, e ao romper da manhã deraõ fundo no rio de Lisboa. O Almirante Francisco Duarte, pratico, e valeroso, hia embarcado em S. Nicoláo, navio muito pezado, acodia pouco ao leme, e trabalhando muito com a força das ondas veio a perdello. Quiz o Almirante remediar, com pipas ligadas, esta falta; e não havendo quem se resolvesse a entrar no batel para as accommodar, o Almirante se meteo nelle; e trabalhando quanto lhe foy possível, não pode conseguir o que intentava. Avistou o navio a Lourinhã, doze legoas da barra de Lisboa, e lançou ferro defronte de hum sitio chamado Peralta. Reconhecendo o Almirante brevemente que a amarra se hia trincando, a mandou cortar de dia, por se não perder de noite; e não lhe faltando acordo para solicitar todos os remedios divinos, e humanos, depois de exhortar a todos, lembrando-lhes o perigo em que estavaõ, a pedir a Deos perdaõ de suas culpas ( porque até padecêraõ a desgraça de não levarem no navio algum Sacerdote ) fabricou jangadas, em que meteo soldados, e marinheiros. Salváraõ-se 32, e perecêraõ 140: porque os mares repetidos, e os penedos insuperaveis os fizeraõ em pedaços. O Almirante aguardou a que de todo se desfizesse o navio, dizendo (como repetiraõ os que se salváraõ) que se acazo sahisse do naufragio com vida, não queria dar conta a ElRey mais que da sua desgraça: constancia digna de eterno louvor. Lançou-se ao mar na ultima taboa, que brevemente o levou a terra: esperava-o nella hum pedaço do navio, que tanta diligencia fizera por salvar, deo-lhe taõ grande golpe, que logo desapareceo aos que de terra viaõ lastimosamente a sua infelicidade. Os mais navios da Armada se salváraõ com grande trabalho em varios portos. Sentio ElRey esta desgraça, e pagou com muitos suffragios as finezas dos que morreraõ em seu serviço, fazendo juntamente varias mercês a seus herdeiros.



Anno  
1642.



# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO VI.

## SUMMARIO.



*ISPOEM* Martim Affonso de Mello a defesa das Praças da Provincia de Alemtejo. Varios successos daquella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas de Alemtejo ao Conde de Obidos: e passa Martim Affonso a governar o Algarve. Successos

de Entre Douro e Minho. Reconuro de Rodrigo de Figueiredo em Tras os Montes. Elege ElRey por Governador das Armas da Beira a Fernão Telles de Menezes: Sujeita alguns Lugares de Castella, e em varios recontros alcança felices successos. Importantes materias politicas. Manda ElRey ao Conde da Vidigueira por Embaixador de França, e a outros Mi-

Y 2

nistros

## 350 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

*nistros para as Cortes de Europa. Chama segunda vez o Reino a Cortes. Assenta-se a contribuição. Pro-  
poem-se a ElRey nas Cortes delictos do Secretario de  
Estado Francisco de Lucena; he prezo na Torre de S.  
Gião. Successos do Brasil de que he Governador An-  
tonio Telles da Silva. As Praças do Maranhão se  
começão a restaurar. Successos da India. Noticia das  
guerras de Alemtejo. Ganha Joanne Mendes Telena.  
Resolve ElRey passar a Evora, e sabe em Campanha  
o Exercito que prevenio. Ganha o Conde de Obidos  
Valverde: sitia Badajoz, e levanta o sitio. Manda  
ElRey retirallo, e a Joanne Mendes de Vasconcellos.  
Fica governando o Exercito Mathias de Albuquerque:  
ganha alguns Lugares, e a Praça de Villa-nova  
del Fresno. Recolhe-se o Exercito, e ElRey a Lisboa.  
Nasce o Infante D. Affonso. Governa o Conde de Cas-  
tel-Melhor Entre Douro e Minho: ganha Salvater-  
ra, e fortifica-a. Sitia aquella Praça o Cardial  
Spinola: defende-a o Conde valerosamente, e conse-  
gue outras empresas com felicidade.*

**A** Fortuna que dava os golpes, que neste tem-  
po se experimentárao, descobria juntamente  
novos reparos, costumando sempre a jogar  
com os homens na taboa do mundo, baralha-  
das as desgraças, e as felicidades; porque  
igualmente maltratam, e utilizem os azares, e as fortes.  
A tormenta que ao marinheiro he naufragio, ao lavra-  
dor he bonança; a guerra que ao Paizano he castigo, ao  
Soldado he remedio: e muitas vezes na mesma tormen-  
ta se salva o marinheiro, e se perde o lavrador; e a  
mesma guerra he para o Paizano prosperidade, e para o  
Soldado sepultura; porque o Reino da fortuna he a mu-  
dança, o Scteto a inconstancia, a Coroa a instabilidade;  
e dos successos passados, e dos que adiante referiremos  
constará com evidencia a prova destas variedades. Con-  
tinuava



Anno

1642.

tinuava Martim Affonso de Mello o governo das Armas da Provincia de Alemtejo, fazendo a guerra aos Castelhanos, mais como conquistador, que como conquistado, e cada dia se melhoravaõ com o exercicio nos Ministros da Corte as disposicoens, e nos Soldados a disciplina. Foy cedendo o rigor do Inverno ao socego da Primavera, e os homens, que sendo compostos dos elementos variaõ de sorte os preceitos da natureza, que destinão para a guerra o mesmo tempo, em que os elementos costumão fazer pazes, deraõ principio a novas empresas; Com menos miudeza, que no primeiro anno da guerra, escreveremos as que forem de pouca importancia, porque nos grandes edificios não são da mesma substancia os materiaes dos alicerces, que os dos capiteis: porẽm ajustão se de sorte os fundamentos, que sirvaõ para segurança de grande máquina; porque no acerto do perfil consiste a perfeição da pintura. Para explicar os homens, mostrar as Praças, e ensinar os sitios da Campanha especifiquey até agora as mais pequenas circumstancias; porque com esta luz ficassem claras todas as materias, que se seguem: daqui por diante, sem ficar acção que não seja explicada, as resumirey quanto me for possível, guardando as distincções para as maiores empresas, porque nestas se deleita a especulação, assim como se enfastia nos successos de pouca importancia. Cresciaõ na Provincia de Alemtejo os Terços, e Tropas a maior numero de Soldados com os foccorros de Hollanda, e com as novas levas, que ElRey mandava remetter áquella Provincia. Regularmente repartia Martim Affonso de Mello por todas as Praças a gente que chegava de novo, engrossando o mais que lhe era possível as Guarniçoens de Elvas, Olivença, e Campo-Maior, porque tendo pouca a distancia, que ha entre estas Praças, se uniaõ facilmente as Tropas de todas; disposição que refreava as entradas que os Castelhanos faziaõ em continuo prejuizo dos gados dos lavradores, primeira causa em todo o discurso da guerra dos encontros da Campanha, nos mezes em que não campeavaõ os Exercitos, e que adiantava muito o nosso Partido, sendo a melhor remon-

*Disposições militares de Martim Affonso de Mello.*

Anno

1642.

*Recontro do Ca-  
pitão André de  
Albuquerque.*

ta que conseguiaõ as Tropas de Alemtejo, os Cavallos que os Castelhanos deixavaõ em Portugal. O Mestre de Campo General D. João de Garay continuava o governo das Armas do Exercito de Castella, que se achava muito diminuido, depois de se desvanecer o intento, para que o Conde de Olivares em tempo do Conde de Monte-Rey o hãvia formado: porém o numero da Cavallaria era tão superior ao das nossas Tropas, que para defender a Provincia era necessario que o valor dos nossos Soldados prevalecesse contra o excesso dos Castelhanos; e superando elles em todas as occasioens esta difficuldade, ficaraõ mais gloriosos os progressos que conseguimos. Deo principio aos deste anno o Mestre de Campo Aires de Saldanha: constou-lhe que alguns Castelhanos de Albuquerque vinhaõ pescar aos rios Xebora, e Botova, que dividem de Castella o contorno de Campo-Maior, e que continuavaõ este divertimento na confiança de haverem crecido as aguas dos rios com as do Inverno. Determinou Aires de Saldanha valer-se deste descuido, mandou ao Capitão André de Albuquerque por Cabo de cem Infantes, e cincoenta Cavallos, com ordem que atacasse os que pescavaõ com poucos Cavallos, e que destramente deixasse fugir alguns delles, para que dando rebate em Albuquerque pudesse desbaratar a gente que daquella Praça viesse de soccorro. Correspondeo o effeito à disposiçaõ; foraõ atacados por dez Cavallos os que pescavaõ, ficaraõ prisioneiros sete, os outros se retiraraõ a Albuquerque, duas legoas distante. Acodiãõ ao rebate cincoenta Cavallos, e outros tantos Infantes, que facilmente foraõ desbaratados, escapando só do perigo alguns, que não quizerãõ chegar a elle. Teve D. João de Garay esta noticia, e solicitou maior vingança: com 400 Infantes, e 400 Cavallos mandou interprender o Castello de Ougueila, duas legoas distante de Albuquerque, hum de Campo Maior. Era o Castello pequeno, mas em bom sitio; o lugar de 200 vizinhos: estavaõ no Castello duas Companhias governadas pelo Capitão Manoel Homem Pereira. Avançaraõ os Castelhanos guiados por Francisco Portilho, que havia assistido em Ou-



Ouguella: foram rechaçados, deixando alguns Soldados mortos, e levando outros feridos. Aires de Saldanha ouvindo em Campo Maior o rebate acodio logo a elle, mas quando chegou a Ouguella ja os Castelhanos se haviaõ retirado. Passados alguns dias correrão elles a Campanha de Mouraõ com seiscentos Cavallos. Desta inferencia, e de outras noticias entendeu Francisco de Mendoça, que intentavaõ atacar aquella Praça, avizou a Martim Affonso de Mello, mandou promptamente soccorrello, e tornando os Castelhanos a repetir a entrada, lhe tirou a preza o Capitaõ de Cavallos D. Henrique Henriques, e lhe tomou alguns Cavallos, quando passavaõ Guadiana. Martim Affonso de Mello desejando trocar os prisioneiros, que havia de huma, e outra parte, propoz este ajustamento em hum bolantim a D. João de Garay: não admitto elle a proposta, e respondeo, que prometia dar liberdade aos Castelhanos que estavaõ em Elvas. Sahiaõ estes a trabalhar no Forte de Santa Luzia, a que entaõ se dava principio, fabricando-se em huma eminencia vizinha á porta de Olivença, parte que olha a Badajoz. Teve D. João de Garay esta noticia, intentou satisfazer a promessa que havia feito, tirando os prisioneiros que continuavaõ a quelle trabalho. Era a empreza difficil, porém discursando D. João de Garay, que podia resultar do intento colher nos Olivaes de Elvas a Guarnição que costumava sahir aos rebates, se arrojou a executallo. Elegio para marchar huma noite tempestuosa, cahio esta em dous de Março, mandou hum Capitaõ com cincoenta Cavallos guiado por hum Soldado pratico, que se emboscasse no outeiro do Baiaõ, que fica entre os Olivaes, vizinho ao Forte de Santa Luzia, promettendo-lhe que lhe daria calor com dois mil e quinhentos Infantes, e mil e quinhentos Cavallos, que formaria em hum sitio chamado o Paço do Conselho, menos de huma legoa de Elvas. Executou-se toda esta disposição, e entraraõ os cincoenta Cavallos sem os sentirem as sentinellas, que costumavaõ ficar sobre os portos do Caia, prevençãõ que bastava para livrar de cuidado, e de perigo, em quanto Guadiana crecido com as aguas do Inverno se não vadeava, se

Anno

1642.

*Retiraõ-se os Castelhanos de Ouguella.*

*Varios successos.*

*Disposições de D. João de Garay para tirar os prisioneiros.*

Anno

1642.

*Rebate em Elvas.*

*Sabe Martim Affonso com pouca ordem.*

*Retira-se o Governador das Armas com perigo.*

as sentinellas não trocarão pelo abrigo das choupanas a vigilancia a que se obrigáram; como esta noite fizeram; sendo na guerra semelhantes descuidos occasião de maiores desgraças. Amanheceu, abrirão-se as portas de Elvas, sahio a gente da Cidade, avançaram os cincoenta Cavallos até o Forte de Santa Luzia, e defencontrando-se com os Castelhanos, que costumavam vir ao trabalho, o que era muito factível, fizeram alguns Paizanos prisioneiros, e preza no gado que encontraram. Tocaram arma as sentinellas da muralha, avizou o sino do rebate aos que estavam levantados, e acordou os que dormiam; o repente multiplicou a confusão, o embarço, a desordem com que se costumava sair de Elvas aos rebates antes de chegar o desengano, de que os Olivares não eram impeneiraveis. Montou a cavallo Martim Affonso de Mello acompanhado de alguns Officiaes de Ordens, mandou sair a Infantaria que foy encontrando, e sem aguardar a que ficava, nem dar municoens á que mandava marchar, sem haverem montado as Tropas, e estando os Olivares por descobrir, marchou pela estrada principal com a Companhia de Infantaria de João Ribeiro Correa, a que seguia quatro Tropas Hollandezas (que haviam chegado a Estremoz) e ordenou ao Capitão de Infantaria Luiz Pereira de Sá, que com a sua Companhia marchasse á mão esquerda da estrada por onde elle caminhava, e deixou ordem na porta de Olivença, o seguissem as Tropas, e Terços que fossem saindo, e que no Forte de Santa Luzia se metessem duas peças de artilharia. Pouco havia marchado, quando recebeu huma carga de seis Tropas do inimigo avançadas a dar calor aos cincoenta Cavallos. Não querendo os Hollandezes aguardar segunda, voltaram as costas. A Companhia de João Ribeiro Correa recebeu todo o damno, morreram parte dos Soldados, os outros ficaram feridos, e só o Capitão escapou com pouco credito. Martim Affonso de Mello intentou que o cavallo o livrasse do perigo; porém a terra com a chuva estava tão pezada, que com grande trabalho, e maior fortuna o poz em salvo, escapando de muitas balas que o seguirão; tiveram o mesmo successo os Officiaes que accom-



acompanhava-o a Martim Affonso de Mello. Dom Manoel de Sousa vinha marchando pela mesma estrada com a sua Companhia, mas salvou-a, tendo tempo para melhorar de sitio: a de Luiz Pereira de Sá acodio ao rumor dos tiros, e dando de rosto com o inimigo, occupou huma tapada; avançara-o os Castelhanos, chamando hum Capitão de Cavallos por Luiz Pereira de Sá: respondeo-lhe com huma carga, retirara-o-se elles, e fora-o formar-se ao outeiro do Baia-o. Os Mestres de Campo Dom João da Costa, Dom João de Sousa, e Dom Miguel de Azevedo (os dous occupados novamente neste posto) quando os Castelhanos avançara-o, estava-o formando a Infantaria, e Dom Rodrigo de Castro as Tropas: as quaes acodira-o promptamente, e avançando Dom Rodrigo com as Tropas, e algumas mangas de Mosqueteiros, desalojou as seis inimigas que estava-o no outeiro do Baia-o: fora-o estas incorporar-se com a mais gente, que se havia formado fóra dos Olivaes, e depois de Dom João de Garay persistir até a tarde neste sitio, se retirou para Badajoz. Acompanhou-o nesta occasião Dom Luiz de Alencastre, que havia chegado áquelle Exercito com o Posto de General da Artilharia, e trouxe a esta facção tres peças de Campanha: durou pouco neste exercicio, não podendo muito tempo com o pezo de offender a Patria, Idolo que a Natureza com mais reverencia venera. Recolheo-se a nossa gente com a lição da cautela, que a infelicidade costuma ensinar. De huma, e outra parte se alternava-o as emprezas, sendo humas vingança de outras. Martim Affonso de Mello, ainda que havia conhecido o falso trato de Antonio Mexia, Capitão da Ordenança de Campo Maior, havendo elle pretendido justificar com varias provas a sua innocencia, tolerava a communicacão de Antonio Mexia com Dom Guilherme de Burgo Irlandez, que governava Albuquerque. Aires de Saldanha, dando-lhe cuidado as muitas evidencias que calumniava-o Antonio Mexia, determinou apurar o seu procedimento. Costumava elle dissimular a negociacão com que enganava anbas as partes, levando com grande utilidade fazendas, que trocava por outras de Castella; este trato se celebrava em hum sitio

*Retira-se D.  
João de Ga-  
ray.*

356 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

*Priza, e morte  
de Antonio Mexia.*

*Desbarata Dom  
Henrique Henri-  
ques os Castelha-  
nos, e tira-lhe a  
preza.*

sitio entre Campo-Maior, e Albuquerque, e a conferir com Antonio Mexia vinha dissimulado Dom Guilherme com duas Tropas, que mostravaõ ser segurança das mercadorias. Querendo Antonio Mexia acreditar a sua fidelidade, segurou a Aires de Saldanha entregar-lhe a Dom Guilherme, e as duas Tropas. Aires de Saldanha com permissaõ de Martim Affonso aceitou a offerta, e levando Antonio Mexia com attençaõ, e segurança marchou ao sitio costumado das conferencias com quatrocentos Cavallos de Elvas, e Campo-Maior, e quinhentos Infantes; porẽm naõ apparecendo nem as Tropas, nem Dom Guilherme, prendeo Antonio Mexia, remetteo-o a Martim Affonso, que o mandou a Lisboa, e pagou morrendo no Limoeiro a falsidade do seu procedimento. Aires de Saldanha correo a Campanha de Villar d'ElRey, e sahindo duas Tropas a embarçar-lhe a preza, que trazia as carregou até dentro da Villa, e lhes tomou alguns Cavallos. Nestes mesmos dias entraraõ os Castelhanos com seis Tropas pelos campos de Moura: fizeraõ preza em quantidade de gado, que levavaõ com grande sentimento dos lavradores. Estimulado destas queixas Dom Henrique Henriques, sahio de Moura com sessenta Cavallos, que dividio em duas Tropas, dando huma ao seu Tenente; avistou com ellas o inimigo duas legoas de Moura, carregou a retaguarda o tempo que bastou para deter a marcha até chegarem cincoenta mosqueteiros, que havia mandado tirar de Santo Alexo, e Casra, tanto que chegaraõ, unindo os ás Tropas, obrigou aos Castelhanos a que largassem algum do gado que levavaõ, naõ deixando nunca de continuar a marcha: porẽm Dom Henrique os fez dilatar de sorte, que resolvendo-se os Castelhanos a pelejar, foy a tempo que teve D. Henrique noticia de que chegava a incorporar-se com elle o Ajudante Joaõ Ribeiro Villa Franca com cem mosqueteiros, de quatrocentos com que havia sahido de Moura o Sargento mór Philippe de Mattos Cotrim, por ordem do Alcaide mór Luiz da Silva, a se incorporar com Dom Henrique. Com a noticia deste soccorro investio elle valerosamente as seis Tropas, cahiraõ das cargas mortos alguns Castelhanos, amedrontados os mais voltáraõ as costas.



PARTE I. LIVRO VI. 357

costas. Seguiu-lhes Dom Henrique o alcance até passarem a Ribeira da Chança, cinco leguas de Moura; deixáraõ toda a preza, e quarenta Cavallos, e ficou a resolução de Dom Henrique com merecido applauso. Poucos dias depois deste successo chegou de Lisboa a Moura Dom Francisco de Sousa, e desejando accrecer a sua opiniaõ com alguma facção importante, se resolveo a interpernder a Villa de Arouche. Dava confiança para se conseguir este intento o descuido dos moradores; porque além de ficarem nove leguas de Moura, os caminhos por onde podiaõ investillos eraõ os mais asperos de Serra Morena, e ainda vencido este embaraço, como o poder não era proporcionado á empreza, podia contar-se a resolução por temeridade. Superando estas difficuldades juntou Dom Francisco mil e quinhentos Infantes pagos, e paizanos, e sessenta Cavallos da Tropa de Dom Henrique Henriques, e marchou a atacar Arouche: fez alto algumas horas em o Lugar de Ficalho, porque a aspereza do caminho tinha quebrantado muito a Infantaria: faltou-lhe este tempo para chegar ás horas destinadas, que era ao amanhecer, e para ser a marcha occulta: tendo o inimigo noticia della muito anticipadamente, o que constou a Dom Francisco: mas parecendo-lhe que devia preferir o empenho ao perigo, fez continuar a marcha, ainda que alguns Officiaes lhe aconselhavaõ que desistisse da empreza: chegou á Villa com huma hora de dia, achou que era murada, e que dentro havia hum Castello impossivel de conquistar sem maior poder, que a Villa teria quinhentos vizinhos, e que todos com algumas Companhias pagas estavaõ preparados para a defenõa; porẽm como não era tempo de tomar conselho, mais que com a execuçaõ, dividio a Infantaria, e a Dom Henrique Henriques mandou occupar as estradas por onde podia vir soccorro á Villa. Tocaraõ a investir as trombetas, e caixas: obedeceraõ os Capitães, e Soldados todos a hum tempo, e não valendo aos defensores a resistencia, por entre muitas balas entraraõ o arrabalde: porẽm querendo com mais pressa do que era conveniente, satisfazer-se do trabalho com o despojo, scy consequencia deste desacerto a confusaõ, e desordem:

Anno  
1642.

Ataca D. Francisco de Sousa a Villa de Arouche.

358 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

ordem : observou a Dom Francisco de Sousa, e por se não expor a algum perigo mandou tocar a recolher, todos obedecerão retirando cinco Soldados feridos : logo se puzeram em marcha, e levando grande despojo, e preza chegaram a Moura sem achar contradicção no caminho.

*Chega o Monteiro mór General da Cavallaria.*

Nestes dias havia Aires de Saldanha mandado varias vezes a Castella partidas grossas, que se recolherão com muitos cavallos, com que as Tropas se engrossavaõ, animando-se a maiores empresas. Havia chegado de Lisboa Francisco de Mello Monteiro mór com o posto de General da Cavallaria, esperando ElRey, que o seu valor supprisse a pouca experiencia que tinha deste exercicio : Martim Affonso de Mello querendo hospedallo com alguma empresa, intentou ganhar a Codiceira, Lugar entre Albuquerque, e Arronches, duas leguas distante desta Praça, presidado com hum Companhia de Infantaria, e onde estava aquartelada outra de Cavallos. As prevenções que Martim Affonso mandou fazer para a jornada não foram occultas aos Castelhanos, dando noticia dellas hum morador de Campo Maior, que fugio para Badajoz : mas não sabendo elle qual fosse a empresa, resultou só deste avizo chamar Dom João de Garay algumas Tropas a Badajoz. Teve Martim Affonso de Mello noticia deste movimento; porém mandando tomar lingua, e averiguando que era só prevenção, e que não passava de Badajoz, continuou o intento da empresa, entendendo que primeiro poderia executalla, que o inimigo prevenir-lhe o damno. A 25 de Abril se poz em marcha, foz cegado o rumor que fizeraõ algumas Tropas Hollandezas, não querendo marchar sem lhes pagarem quatro mezes, que se lhes deviaõ, que logo se lhes satisfizerão. Levava Martim Affonso mil e oitocentos Infantes, quinhentos Cavallos, e duas peças de artilharia de Campanha : o dia que marchou foy tão tempestuoso, que com difficuldade chegou a Arronches ; o seguinte á tarde partio para a Codiceira : poré na dilacção de passar a gente as ribeiras, foy de qualidade, que amanheceo antes de avistarem o Lugar. Chegados a elle dividirão a Infantaria, dispon-

*Marcha Martim Affonso á Codiceira.*



Anno

1642.

*Ganha-se o lugar da Codicêira*

dispondo-a para o assalto os Mestres de Campo D. João de Sousa, e Ayres de Saldanha: arrojaraõ-se todos ás trincheiras, que facilmente levarão, porque as duas Companhias, e os moradores se recolherão para o Castello; alguns, que se retiraraõ á Igreja, se quizerão defender, mas quebradas as portas, as vidas de oito pagaraõ a outadia. Intentou-se sem effeito ganhar o Castello; porque as prevençoens não eraõ proporcionadas á resolução: saqueouse; e queimouse o lugar, e as Tropas destruíraõ alguns pizoens, e casas do Termo, de que a todos os Soldados resultou utilidade: ficaraõ alguns feridos, entre elles o Tenente General da artilharia Paulo Vernol Italiano. O rigor do tempo não deo lugar a outras operaçoens que estavaõ dispostas: retirou-se Martim Affonso de Mello para Estremôz, as Tropas, e Infantaria a seos quarteis.

Poucos dias depois desta jornada sahio de Castello de Vide o Mestre de Campo D. Nuno Mascarenhas com 500 Infantes, e 60 Cavallos, a queimar o Lugar de San-Tiago, que era de 300 vizinhos: quando chegou a elle, não achou quem lhe resistisse a entrada; porque os moradores tendo noticia anticipadamente, e não sendo socorridos dos Lugares a que pediraõ gente para se defenderem, largáraõ o de San-Tiago, a que D. Nuno mandou pôr o fogo. Acodindo todos os Paizanos daquelles contornos, occupáraõ hum mato muito espesso, pelo qual era força haver de passar Dom Nuno: conhecendo elle esta difficuldade invencivel, se retirou para Castello de Vide, não podendo passar adiante a executar maiores progressos. Quasi no mesmo tempo sahio de Moura D. Francisco de Sousa, e incorporando-se com elle Manoel de Mello (que estava em Serpa, e com quem havia ajustado a interpretação de Ensinasola) marcháraõ a executalla com 1200 Infantes, e 100 Cavallos. Era a facção de importancia, pelo dan no que de Ensinasola recebiaõ os nossos Lugares; mas anisçada, por ter a Villa 400 vizinhos, e duas Companhias de Infantaria de Guarnição, estando tam bem duas Tropas aquarteladas nella; e juntamente por ter huma trincheira, que a rodeava, muito levantada, e hum Castello com grande capacidade para se defender. Vencidas, na

confi-

*Queima D. Nuno Mascarenhas o Lugar de San-Tiago.*

Anno

1642.

*D. Francisco de  
Souza ataca a  
Ensinasola.*

*D. Francisco de  
Souza se retira,  
saqueada, e quei-  
mada a Villa.*

consideração do valor dos nossos Soldados, por Dom Francisco de Sousa todas estas difficuldades, se poz em marcha dia de Maio pela manhã: fez alto á tarde, tres legoas da Villa, sendo a noite pequena, e o caminho aspero, por ficar Ensinasola na fralda de Serra Morena, amanheceo o dia seguinte antes de chegarem á Villa: foraõ sentidos, e esperavaõ os Castelhanos com grande resolução, guarnecida a trincheira. Parecia invettilla temeridade, mas he ley estabelecida entre os Portuguezes, que o perigo da vida não atalhe os caminhos da honra. Dividio-se a Infantaria, para que os Castelhanos investidos por muitas partes, se desunissem, e se desanimassem. Correspondeo o effeito á resolução; porque atacadas valerosamente as trincheiras, as desampararaõ os Castelhanos. Foraõ entradas com morte de muitos delles: porém os que se retiráraõ ao Castello, a seu salvo tomáraõ a vingança; porque ficando as ruas da Villa bem descortinadas, feriraõ oitenta Soldados, e mataraõ vinte e cinco. Procederaõ com muito valor os Capitaens Jeronymo de Moura, Ulderich Strech Hollandez, João Laton Inglez, e outros. Manoel de Mello sahio ferido em hum braço, não se excusando dos maiores perigos. Dom Francisco de Sousa acodio a todas as partes com muito valor, e prudencia, e vendo o damno que a Infantaria estava recebendo do Castello, mandou que se retirasse, ficando a Villa saqueada, e queimada. Vindo em marcha, carregaraõ a Retaguarda duas Tropas da Villa: investioras Dom Henrique Henriques, e obrigou-as a que se retirassem ao amparo das muralhas do Castello. Continuou-se a marcha sem outro embaraço, e chegaraõ os Soldados a Moura satisfeitos do despojo, que costuma ser hum dos melhores medicamentos das feridas, que recebem na guerra.

Em quanto por todas as partes se fazia em Alemtejo guerra ás fronteiras de Castella, passou com licença d'ElRey Martim Affonso de Mello a Lisboa. Publicou-se, que não voltava a Alemtejo, porque com a guerra começou naquella Provincia a desordem de se appetecer, e de se conseguir a mudança dos Governadores das Armas; pade-



Anno  
1642.

padecendo por esta causa o serviço d'ElRey grande detri-  
mento: porem Martim Affonso de Mello desvaneece es-  
ta opiniaõ; porque tanto que fallou a ElRey, e lhe deo  
conta de varias queixas que tinha do Secretario de Esta-  
do Francisco de Lucena, que foy o principal motivo da  
sua jornada, logo voltou para Alemtejo, ficando ElRey  
satisfeito do seu zelo, e bom procedimento. Em quanto  
esteve ausente, governou as Armas o Monteiro mór Ge-  
neral da Cavallaria, e assistio em Elvas, aonde chegou  
Martim Affonso a tempo, que o Monteiro mór havia  
passado a Olivença com as Tropas de Elvas, e Cam-  
po-Maior, e incorporadas com as de Olivença, ajuntou  
600 Cavallos, e 800 Infantes, governados pelo Sar-  
gento mór João Leite de Oliveira: amanheceo embos-  
cado junto de Alconchel, Villa distante tres legoas de  
Olivença, de que era senhor o Marquez de Castro For-  
te D. João de Menezes Soto-Maior: achava-se dentro  
della, e rodeava huma trincheira trezentos fogos de que  
se compunha. Mais defensavel era o Castello, porque  
se levantava junto da Villa huma eminencia em que es-  
tava situado, tão aspera, que fazia o Castello capaz de  
resistir muitos dias a maior poder: presidiava-o duas  
Companhias de Infantaria, e 30 Cavallos. Não sendo o  
Monteiro mór sentido, sahiraõ os moradores a cultivar  
a Campanha, investiraõ os Tropas, fizeraõ os pri-  
sioneiros, e rodearaõ a Villa. Acodiraõ os Castelhanos  
à trincheira; porém como era baixa, e elles poucos, a  
entraraõ facilmente os nossos 800 Infantes. Recolheraõ-  
se os Castelhanos ao Castello, foy saqueada a Villa, e  
retirou-se o Monteiro mór para Olivença, ficando mor-  
tos em Alconchel o Capitão de Infantaria Manoel Nunes,  
e oito Soldados. O dia seguinte amanheceo D. João de  
Garay junto a Olivença com 1000 Cavallos e 200 In-  
fantes: sahio o Monteiro mór com as Tropas, e Infan-  
taria daquella Praça; travou-se huma escaramuça, que  
custou as vidas a muitos de ambas as partes. O Monteiro  
mór mandou vir de Olivença duas peças de artilharia de  
Campanha: tanto que começaraõ a jogar, retirou o ini-  
migo as suas Tropas, por não padecer damno sem utili-  
dade.

Ganha o Mon-  
teiro mór a Vil-  
la de Alconchel.

Escaramuça  
em Olivença.

## 362 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

Dão em Cam-  
po maior por  
não pelejarem  
os Holandezes.

dade. Recolheo-se Dom João de Garay a Badajoz, e mandou duzentos Cavallos correr a Campanha de Campo maior: acharão elles, por descuido das sentinellas, alguns segadores no campo, aos quaes impiamente tirarão as vidas. Acodia ao rebate João de Saldanha da Gama com hum Tropa Hollandeza: trazia ordem de Ayres de Saldanha para entreter os Castelhanos até elle chegar com a Infantaria; porém os Holandezes, valendo-se do pretexto da falta de pagas, não quizerão pelejar, e derão lugar a que os Castelhanos se retirassem, levando consigo tudo o que acharão na Campanha. Passado este successo, chegou a Campo maior hum Clerigo, dizendo que vinha tratar do troço dos prisioneiros de ambas as partes, sendo o fim principal trazer duas cartas do Governador de Albuquerque: hum para Fernão Sanches natural de Campo maior, que depois foy Capitaõ de Cavallos, outra para hum Castelhana, chamado Braz Garcia, ambos valeroso Soldados. Continhaõ as cartas persuasoens para que lhe fizessem avizos importantes, offerecendo lhes grandes premios: entregaraõ as elles a Ayres de Saldanha, que as remeteo logo a Martim Affonso de Mello. Ordenou elle, que fingissem que se persuadiaõ, dizendo ao Governador de Albuquerque, que era necessario conferirem de rosto a rosto materia tão importante. Assim o executáraõ os dous, respondendo por hum prisioneiro ás cartas que tiveraõ, e o dia que finaláraõ para a conferencia sahiraõ com trezentos Cavallos a esperar o Governador de Albuquerque: porém não lhe chegando o avizo, não fez a jornada, e ficou livre do perigo. Neste mesmo tempo havia intentado o Monteiro mór interpernder a Villa de Alconchel, mas sahindo o Sol antes de chegar a ella, se retirou por Valverde, onde encontrou hum Companhia de Infantaria de Waloens, que degollou, em satisfação dos segadores de Campo maior. Não logrando o Monteiro mór este intento, executou outro: amanheceo sobre Chéles, Lugar tres legoas de Olivença, presidado por duzentos e cinquenta Infantes, e trinta Cavallos: levava o Monteiro mór quinhentos Infantes, governados por Dom Diogo de Menezes Capitaõ de Infantaria, que passando



tando a Alemtejo com o Conde do Vimioso assentou praça no Terço de Dom Luiz de Portugal, e querendo ter noticia de todos os postos antes de chegar ao de Capitão, foy Cabo de Esquadra, Sargento, e Alferes; quando o Monteiro mór chegou de Lisboa o levou de Guarnição para Olivença, e estimando nelle as muitas virtudes de que era dotado, lhe entregou este Troço de Infantaria. Estavaõ os Castelhanos prevenidos com noticia muito anticipada do intento do Monteiro mór, e tendo elle este avizo não desistio da empreza, mandou com as Tropas ganhar as estradas, para que os Castelhanos não fossem soccorridos, e investio Dom Diogo de Menezes as trincheiras com tanta resolução, que sendo o primeiro que subio por ellas, seguido de todos os Officiaes, e Soldados, matando, e ferindo os Castelhanos que encontravaõ, os obrigáraõ a se recolher em hum Fortim, que novamente haviaõ fabricado. Tornou Dom Diogo a formar a Infantaria com intento de investir o Fortim; porém entendendo o Monteiro mór, que a dilação podia ser perigosa, porque tendo os Castelhanos anticipada noticia daquella jornada, sem falta teriaõ dado avizo a D. João de Garay, que havia de marchar a soccorrellos, mandou pôr fogo ao Lugar, e se retirou por Telena huma legua de Chéles, e passando Guadiana desta parte se voltou para Olivença. Foy o discurso acertado, porque Dom João de Garay com o avizo que teve dos Castelhanos de Chéles, marchou a soccorrellos com mil e duzentos Cavallos, e trezentos Infantes, e chegou a Chéles poucas horas depois de partido o Monteiro mór; seguiu o até Guadiana, e retirou-se, examinando que as nossas Tropas haviaõ passado o rio. O Monteiro mór desejoso de que os Castelhanos recebessem repetida molestia nos seus Lugares mandou ao Cômissario geral Gaspar Pinto Pestana com trezentos Cavallos, e a D. Diogo de Menezes com cincoenta Mosqueteiros montados em mulas á Figueira de Vargas, Lugar de 350 vizinhos, quatro leguas de Olivença, ao amanhecer chegaraõ ao Lugar, entraraõ-o facilmente por não haverem sido sentidos, e retiraraõ-se com grande preza, deixando mortos alguns Castelhanos, que

Anno

1642.

Ganhaõ Mõteiro mór Chéles.

Ganhaõ Figueira de Vargas.

Anno

1642.

*Industrias com  
que se livraõ as  
Tropas do Com-  
missario,*

acodiraõ ao soccorro de suas casas. Retiraraõ-se para Alconchel, aonde haviaõ chegado de Comboy trezentos e cincoenta Cavallos, tomáraõ os Castelhanos lingua, e constando-lhes que eraõ superiores ao nosso poder, se resolve-raõ a atacar a retaguarda das nossas Tropas; occupou-a Xantrene Coronel Francez com cincoenta Cavallos, e foy entretendo grande espaço aos Castelhanos: porém carregando elles com mais calor, por não haver o Cõmissario desfistido da marcha, conhecendo elle a causa desta resolu-ção fez alto, ordenando que a preza sem se deter passasse a Olivença. Acodio D. Diogo de Menezes a retaguarda das Tropas, e fazendo desmontar os mosqueteiros, deteve com repetidas cargas a deliberação dos Castelhanos. Vendo elles a nossa Cavallaria cançada, e menos que a que levavaõ, se resolveraõ a pelejar; mas a este tempo ja o Cõmissario havia formado as Tropas, e D. Diogo de Menezes a pé diante dos seus Soldados lhes fazia valero-famente empregar todos os tiros; porém não fora facil sa-hirem huns, e outros do perigo que os ameaçava, se o Cõ-missario persuadido por D. Diogo de Menezes não mandá-ra pôr fogo ás sementeiras, que estavaõ dispostas para ar-der, e achando o vento grande, e favoravel, por dar no rosto aos Castelhanos, se ateou de sorte o fogo, e com tal brevidade, que não só obrigou aos Castelhanos a que se retirassem, não podendo vencer as chammas, e o fumo, mas abrazou mais de oito leguas de terra, de que recebe-raõ todos os Lugares vizinhos consideravel perda. O Cõ-missario continuou a marcha livre do perigo, deixando mortos oito Soldados, e trazendo vinte feridos á custa das vidas de sessenta Castelhanos. Poucos dias depois deste suc-cesso teve noticia o Monteiro mór, que os Castelhanos chamavaõ a Albuquerque as Tropas dos quarteis, e per-suadindo-se, que determinavaõ, entrando pela parte de Campo-Maior, celebrar em Portugal a festa de Santiago orago militar dos Castelhanos, que cahia em hum dos dias seguintes, querendo especular com mais fundamento esta idea, mandou Antonio Teixeira Capitaõ de Dragões com sessenta a to nar lingua a Badajoz, advertindo-lhe, q o Cõ-missario geral sahiria com o resto das Tropas a dar-lhe ca-lor,



PARTE I. LIVRO VI. 365

lor, e faria alto em o sitio da Corchuela, mais de huma legoa de Badajoz, e menos de tres de Olivença. Antonio Teixeira tanto que sahio o Sol, executando a ordem que levava, correo a Campanha, e fez alguns Paizanos prisioneiros, matando seis, que se quizerão defender em hum monte: tocou-se arma, sahiraõ duas Tropas de Badajoz, seguiraõ Antonio Teixeira, e entendendo elle que as metia na emboscada, errou o caminho da Corchuela, onde estava o Commissario, e veio parar a Olivença sem receber damno. O Commissario cuidadoso da dilação de Antonio Teixeira mandou ao Coronel Bosment com 40 Cavallos, que se adiantasse a procurar noticia de Antonio Teixeira. Pouco havia marchado, quando deo vista das duas Tropas que se vinhaõ retirando: investio-as, e rompendo-as, seguiu os Castelhanos até a emboscada; mandou o Commissario avançar as Tropas de D. Rodrigo de Castro, e D. João de Ataide, que matando huns, fazendo prisioneiros outros, obrigaraõ aos mais a se retirarem a Telena. Sahiraõ de Badajoz cem Cavallos a dar calor ás duas Tropas: estes foraõ descobertos das sentinellas, que o Commissario havia avançado, e vendo que vinhaõ cahir na emboscada, colhendo dous batedores, sem serem vistos dos cem Cavallos, mandou ao Coronel Xantrene, e a D. Rodrigo de Menezes, que ja era Capitaõ de Cavallos, que encobertos com as arvores marchassem sobre a mão direita a cortar os Castelhanos, que vinhaõ marchando para aquella parte: executáraõ elles a ordem; porém descobrindo-se anticipadamente, deraõ lugar aos Castelhanos a voltarem as costas, antes de poderem ser cortados: e seguiraõ-os, e fazendo alguns prisioneiros, tornáraõ a encorporarse com o Commissario, e todos voltáraõ a Elvas com 50 Cavallos dos Castelhanos. As Tropas que ficáraõ em Badajoz sahiraõ ao rebate: mas não quizerão empenhar-se na contingencia do numero das nossas. Em todas as Praças de huma, e outra parte se repetiaõ as entradas, quasi com successos iguaes. Em Campo-Maior não tiveraõ os Hollandezes boa fortuna: foraõ 30 desmontados a Castella, depois de se lhes haver prohibido, por outras

Anno  
1642.

*Desbarata o  
Commissario  
duas Tropas  
Castelhanas;*

Anno

1642.

*Manda enfor-  
car D. João de  
Garay trinta  
Hollandezes.*

*Pecar  
mais em mte  
dos fructos  
da*

entradas, que haviaõ feito; mas prevalecendo com elles a ambição da pilhagem, entráão sem licença pela parte de Montijo: foraõ sentidos, e colhendo-os os Castelhanos a todos, quando esperavaõ liberdade, mandou D. João de Garay enforcallos, exemplo, que foy muy util a huma, e outra parte. O Monteiro mór, informado de hum Castelhana, que de Villa-Nova del Fresno passou para Mouraõ, foy com 250 Cavallos armar as duas Tropas, que se aquartelavaõ em Villa Nova: porém naõ resultou da diligencia grande effeito, porque naõ se dispoõdo a emboscada como convinha, cahiraõ só nella nove Castelhanos, que ficaraõ prisioneiros. Desta jornada do Monteiro mór teve noticia D. João de Garay taõ anticipadamente, que ajuntando 1200 Cavallos, se poz em marcha para Villa-Nova, a tempo que lhe veio recado, que as Tropas de Campo-Maior levavaõ todo o gado da Villa da Povoa. Achava-se com poder para assistir a ambas as partes, mandou a esta 600 Cavallos, e com outros 600 marchou para Villa-Nova. Em Alconchel achou avizo, que o Monteiro mór se havia retirado, e voltou-se para Badajoz. Os outros 600 Cavallos, antes de chegar á Povoa, souberaõ que com pouca distancia marchavaõ as Tropas de Campo-Maior, levando o gado de todo aquelle distrito: constavaõ as Tropas de 160 Cavallos, de que era Cabo João de Saldanha da Gama, que em ausencia de Aires de Saldanha governava Campo-Maior. Sahio a fazer esta preza na fé de haverem marchado as Tropas para Villa-Nova, como havia tido noticia, porque de outra sôrte se naõ resolveraõ a empenhar-se, ficando a Povoa cinco legoas de Campo-Maior, coberta com as maiores Praças dos Castelhanos: porém usando da cautella conveniente deixou huma partida sobre Badajoz, que o avizou do grande poder com que o inimigo vinha a buscallo. Conhecendo elle o perigo a que estava exposto, despedio promptamente avizo ao Sargento mór Manoel da Silva Peixoto, que havia ficado governando Campo-Maior, para que sahisse a soccorrello com a Infantaria daquella Praça, e que logo lhe mandasse 40 Cavallos, que haviaõ ficado nella. Obedeo



deceo o Sargento mór, e adiantárao-se os quarenta Cavallos á ordem de Fernaõ Rodrigues Galvaõ Capitaõ da Ordenança. Encontrou Joaõ de Saldanha quando sahia dos matos de Xebora, huma legoa de Campo Maior, e reconhecendo que o inimigo se adiantava de sorte, que sem duvida o romperia antes de chegar a Campo Maior, largou a preza de gado miudo, e com a outra se salvou em Ouguella, que lhe ficava menos distante: porém não deixara de padecer grande estrago, se Fernaõ Rodrigues que deixou na retaguarda os quarenta Cavallos não entretivera com tanto valor, e destreza os batedores do inimigo, que não tiveraõ lugar de se baralharem, e deterem as nossas Tropas. Fernaõ Rodrigues sem damno algum se recolheu a Campo Maior: fizeraõ os Castelhanos alto, e ao mesmo tempo deraõ vista da Infantaria, que vinha entrando em huma deveza pouco distante de Campo Maior. Não dilatáraõ a resolução de avançalla; porém o Sargento mór que a governava, tendo tempo de se valer de huma tapada, e do amparo das arvores, ficou formado em sitio tão seguro, que depois dos Castelhanos deixarem mortos na Campanha quarenta Soldados, se retiraraõ sem outro effeito para Badajoz, e o Sargento mór com a Infantaria para Campo Maior. Passados poucos dias, degollaraõ cem Cavallos de Valença duas Companhias de Infantaria de Castello de Vide por culpa dos Capitaens, que fiados na aspereza daquelle sitio marchavaõ com pouca cautella. Tornaraõ de Valença a entrar os Castelhanos com quatrocentos Cavallos, e cincoenta Mosqueteiros; mas sendo sentidos, quando chegavaõ a Ferreira, das sentinellas, que os Paizanos daquelles Lugares costumavaõ a pôr nas ferras vizinhas, avizáraõ os moradores da Povia das Meadas, os quaes vendo que não podiaõ defenderse, desamparáraõ o Lugar. Entráraõ nelle os Castelhanos a ser testemunhas da valerosa resolução de Joaõ de Almeida Alferes da Ordenança da Companhia de Tolosa. Havia-se retirado sem levar consigo a bandeira, porque o rebate repentino foy origem do descuido de deixalla; estando distante do Lugar, e os Castelhanos entrados nelle, cahio nes-

Anno

1642.

*Salva se em Ouguella Joaõ de Saldanha.*

*Degollaõ os Castelhanos duas Companhias.*

Anno

1642.

*Ação valerosa  
do Alféres João  
de Almeida.*

te erro; e ainda que achava a vida segura, como o não estava a seu parecer a opinião, procurou o remedio, que só a honra costuma buscar no perigo: entrou o Lugar, e achando a bandeira ainda no Corpo da guarda pegou nella, e ao mesmo tempo o invistiaõ alguns Castelhanos: foy-se retirando, e defendendo até hum Lugar, onde havia deixado o cavallo em que viera; montou nelle com duas feridas, deixando-as satisfeitas na vida de hum Castelhana, e sem embaraço dos mais que o seguiaõ, salvou a bandeira, e a vida, e immortalizou a sua memoria. Retiráraõ-se os Castelhanos, e tendo Dom Nuno Mascarenhas avizo desta entrada, acodio com duzentos Infantes, e temerariamente se resolveo a occupar o Porto dos Cavalleiros, hum dos do rio Sever, que corre entre Castello de Vide, e Valença: quando chegou, achou algumas Tropas do inimigo ainda desta parte: occupou hum alto inexpugnavel, fez dar aos Infantes repetidas cargas, a que alguns Castelhanos renderaõ as vidas. Entrou o mez de Outubro, e com o Outono a mudança do governo das Armas da Provincia de Alemtejo. Martim Affonso de Mello continuava a assistencia de Estremoz, havendo deixado Elvas contra o parecer de seus amigos, e dependentes, de que resultava a murmuração dos que o não eraõ. Arguiaõ-o juntamente seus inimigos de aspero com os pertendentes, pouco pratico na guerra, e confuso nas ordens; e accumulavaõ-lhe outras culpas com pouca razaõ; porque havia entrado a governar a Provincia de Alemtejo no tempo de maior perigo, e sem receber damno algum tinha sustentado a guerra, e augmentado as Fortificaçoens, remediando juntamente as demasias dos Hollandezes, que foraõ muito exorbitantes. Ouvio ElRey as calumnias que arguiaõ a Martim Affonso de Mello, especulando a verdade dellas com menos diligencia do que elle merecia, e ajudando-as Francisco de Lucena, pouco inclinado ás acçoens de Martim Affonso. Resultou destes accidentes mandar ElRey ao Conde da Torre com Gregorio de Valcazar a reformar o Exercito de Alemtejo, independente de Martim Affonso. Originou-se desta commissão entre os dous forçosa desconfiança

*Elege ElRey o  
Conde da Torre  
para reformar  
o Exercito.*



Anno  
1642.

fiança. Reformou o Conde muitos Officiaes contra o parecer, e gosto de Martim Affonso de Mello, por haver introduzido aos mais delles nos Postos que occupavaõ, e dispoz a seu arbitrio tudo o que lhe pareceo conveniente; e acabada a commissaõ, voltou para Lisboa. Entendeo-se que informára a ElRey pouco a favor de Martim Affonso de Mello; porque no mesmo tempo lhe mandou ElRey Patente de Governador do Algarve, e ao Conde de Obidos, que occupava este Posto, avizo de que o havia nomeado Governador das Armas da Provincia de Alentejo. Chegou o Conde em Outubro a Elvas, e partio de Estremoz Martim Affonso de Mello para o Algarve. O Conde de Obidos havia servido no Brasil, e em Flandes com muito bom procedimento, e esperava-se do seu juizo, e da affabilidade do seu trato, que exercitasse com grande acerto a occupação que ElRey lhe entregava. Antes de chegar o Conde a Elvas, havia o Monteiro mór sahido de Olivença com trezentos Cavallos a buscar tres Tropas, que davaõ comboy aos Paizanos, que vindimavaõ as vinhas de Telená. Com esta noticia, dada por tres Soldados que mandou sobre Badajoz, e sem mais seguro exame; marchou o Monteiro mór ao amanhecer, e fazendo prisioneiro as partidas, que levava avançadas, hum Soldado Castelhana, examinando-o, disse, que o comboy das vindimas eraõ quatrocentos Cavallos, e seiscentos Infantes. Como se o Soldado foy a Cortezaõ, lhe custou a vida o fallar verdade, e não chegou o arrendimento aos que lhe deraõ a morte, senão depois da experiencia, que foy para todos inutil satisfação. Viraõ estes alguns Cavallos dos que o inimigo havia avançado para a parte de Olivença, que era a de maior suspeita, tendo do outro lado Guadiana por segurança: investiraõ-os; porque para os meter em maior empenho, cederaõ os Castelhanos. O Monteiro mór vendo que as Tropas dos Castelhanos montavaõ em soccorro das partidas, que hiaõ carregando, avançou toda a gente que levava consigo, a tempo que os Castelhanos o vinhaõ buscar com quatrocentos Cavallos, e seiscentos Infantes. Vendo o Monteiro mór a desigualdade do poder, determinou retirar-se com tempo, e elegeo a ponte de

*Passa Martim  
Affonso a go-  
vernar o Al-  
garve, e o Cõde  
de Obidos a  
Alentejo.*

Anno  
1642.

*Livra-se o Mon-  
teiro mór com o  
foccorre de Dom  
João da Costa.*

Oliveira por ser menos distante, ficando pouco mais de huma legua daquelle sitio: fez marchar a bom passo as Tropas, ficando elle com os Officiaes, e cincoenta Cavallos escolhidos na retaguarda dellas; carregarão valerosamente os Castelhanos, mas não puderão conseguir descompor a ordem da retirada. O pó, e o fumo avizou a Dom João da Costa, que governava Elvas, e estimulando-o a actividade de que era dotado, sem dilação alguma se poz em marcha com mil Infantes, cento e sessenta Cavallos, e duas peças de campanha. Com este poder marchou para hum dos portos mais vizinhos á ponte de Oliveira, querendo mostrar ao inimigo, que determinava passar Guadiana, e com esta destreza deter a furia com que vinha atacando ao Monteiro mór. Foy de tanto effeito a bem fundada idéa de Dom João da Costa, que duzentos Cavallos, que a toda a pressa sahirão de Badajoz a se incorporar com as Tropas que andavaõ pelejando, fizeram alto e acodirão ao porto que Dom João da Costa mostrava, que queria passar. Haviaõ tambem com este cuidado as mais Tropas detido a furia com que carregavaõ, dando tempo ao Monteiro mór para mandar oitenta Dragoens a segurar o porto da ribeira de Oliveira, que forçosamente havia de passar, ordenando-lhes que tanto que estivessem da parte della, desmontados guardassem o porto. Foy esta diligencia de grande effeito, porque os Castelhanos com o temor de Dom João da Costa, e com o pretexto de achar aquelle passo defendido fizeram alto, e o Monteiro mór passou sem perigo a ribeira, e chegou á ponte de Oliveira sem perda consideravel. Dom João da Costa vendo que o Monteiro mór havia passado a ribeira deixou no porto em que estava duas mangas de Mosqueteiros, e marchou para a ponte a se incorporar com o Monteiro mór. Logrou Dom Diogo de Menezes a maior parte da gloria daquelle dia, porque escolhendo os melhores Cavallos da sua Tropa, veio sempre sustentando todo o pezo da escaramuça. Acodio tambem quasi ao mesmo tempo a Infantaria de Oliveira, e os Castelhanos vendo tanto poder junto se retirarão para Valverde, e as nossas Tropas para os seus quartéis. O Conde de Obidos logo que chegou a

Elvas



PARTE I. LIVRO VI.

371

Elvas determinou passar a Oliverça; dois dias antes que fizesse a jornada fugio hum Mouro de Elvas para Badajoz, e deu esta noticia a Dom João de Garay. Resolveo-se elle a examinar a verdade della. Montou com mil Cavallos, e emboscou-se com elles no caminho de Olivença: porém o Conde de Obidos havia hido a Olivença o mesmo dia que o Mouro sahio de Elvas, e voltado a Elvas sem fazer dilação, brevidade que desvaneceu o intento de Dom João de Garay. Naquella noite, por não baldar de todo a jornada, arrimou as Tropas a Oliverça: ao amanhecer mandou duas a correrem as sentinellas, que sahirão da Praça. Montou a Cavallaria de Olivença ao rebate: os primeiros Cavallos que sahirão entretiverão de sorte as duas Tropas, que chegando o Tenente General da Cavallaria Dom Rodrigo de Castro com as que havia na Praça, carregou as duas até a emboscada. Sahio Dom João de Garay della: voltarão as nossas Tropas a valer-se da Infantaria, que o Monteiro mór havia formado nos Olivaes: na retirada tomáram os Castelhanos vinte Cavallos, e deixaram mortos dez Soldados, e sem occasionarem mais damno se voltou Dom João de Garay para Badajoz. No principio de Novembro chegou a Elvas com o poito de Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos. Julgou-se por acertada a eleição d'El-Rey, tendo-se grande conceito da sua capacidade, havendo servido com reputação de Capitão de Cavallos em Flandes, e de Mestre de Campo no Brasil. Neste anno não houve mais hostilidades, que algumas que os Castelhanos fizeram nos Campos de Mourão, havendo El-Rey mandado que se suspendessem as entradas á petição dos povos, que entendião que o inimigo só provocado nos fazia damno: porém, conhecido o engano desta opiniaõ, se tornáram a continuar, como adiante referiremos.

A Provincia de Entre Douro e Minho, depois que Dom Gastaõ Coutinho sahio della ficou governada pelos tres Mestres de Campo Marcel Telles de Menezes, Diogo de Mello Pereira, e Viole de Atyz. Continuáram o seu governo sem facção de importancia até o mez de Setembro do anno que escrevemos.

Neste

Anno

1642.

*Ejaramuça 1642  
Olivença.*

*Joanne Mendes  
de Vasconcellos.  
Mestre de Campo  
General.*

*Sucessos de Entre  
Douro e Minho.*

## 372 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

Entrada em  
Galliza.

Sucessos de  
Traz os Mo-  
ntes.

Neste tempo tiverão carta de Rodrigo de Figueiredo, Governador das Armas de Traz os Montes, em que os avizava, que o Prior de Navarra, que havia succedido no governo das Armas de Galliza ao Marquez de Val Paraiso, juntava gente para entrar em Portugal: que elle se prevenia para se lhe oppor, que lhes rogava quizessem fazer alguma diversão. Tanto que lhes chegou este avizo, repartirão entre si a diligencia de ajuntar gente, e a treze de Setembro se acharão todos em Monção com oito mil Infantes, e cento e vinte Cavallos, e o dia seguinte entrarão em Galliza, e alojaram no Lugar de Corveinho, de cem vizinhos, que saquearam, e queimaram. Continuaram a marcha, e caminhando oito léguas por Galliza dentro, destruíram, e queimaram muitos Lugares grandes, e quantidade de Aldeas: retiraram-se a Lindoso, e havendo o inimigo quebrado huma ponte por onde havia de passar, buscaram o porto do rio, que acharam defendido; mas facilmente fizeram desalojar os Galegos, e se retiraram sem damno algum. No mesmo tempo, com ordem dos Governadores, havia entrado pela Portela de Homem Vasco de Azevedo Coutinho, e sem alguma opposição queimou vinte Lugares do Conselho de Lindoso, alguns delles reedificados, havendo padecido anteceden-temente semelhante estrago. Rodrigo de Figueiredo continuou o governo da Provincia de Traz os Montes de Janeiro até Setembro sem facção de importancia de ambas as partes. No tempo que avizou os Governadores do Minho, marchou para Galliza com quinze mil Infantes, e cento e cincoenta Cavallos, e cinco peças de artilharia. Sahio de Valverde, e entrou em Fizes Lugar despovoado de Galliza, onde dispoz a gente na melhor fórma, que lhe foy possível, ignorando as Ordenanças os preceitos de se ordenarem, como convinha. Chegou com esta gente a Mandim, Lugar tambem destruido, e passou a alojar em hum sitio, chamado Ferrão, esperando nelle avizo da entrada dos Governadores de entre Douro e Minho, determinando que os dous Troços se juntassem, para que o damno de todos aquelles Lugares fosse sem reparo: porém vendo que o avizo tardava, e a gente se lhe di-



PARTE I. LIVRO VI. 373

diminuía, adiantou setecentos Infantes, e os cento e cincoenta Cavallos, que governava o Capitão de Cavallos Francisco Pereira da Silva. Era a ordem que levava, entreter a gente que sahisse de Monte-Rey. Teve avizo de huma partida que avançou, de que entre os Lugares de Tamaguellos, e Mouraços apparecião tres Tropas do inimigo, e sem outra consideração dividio as tres que levava. Mandou a Miguel Ferraz Bravo, que marchasse com huma pela estrada, a Gregorio de Castro com outra por junto do rio Tamega, e elle com a terceira atalhou por hum valle com o fim de chegar mais de pressa ao inimigo como conseguio, e carregando valerosamente as tres Tropas as obrigou a voltarem as costas. Seguiu-as até as vinhas do Lugar de Verim, unido a Monte-Rey, tomou sete Cavallos, e incorporadas as outras duas Tropas, determinou retirar-se a se unir com o grosso, por apparecer o inimigo formado com cinco mil Infantes, e quatrocentos Cavallos: porém barbaramente persuadido de hum Francez chamado Ugo Ordio Mestre de Campo, se deixou ficar, por lhe dizer o Francez, que era reputação das armas d'ElRey não largarem o campo. D. Martim de Redim Prior de Navarra, que vinha marchando, vendo a occasião tão opportuna, avançou com a Cavallaria, e algumas mangas de Mosqueteiros, e obrigou a Francisco Pereira a largar por força o campo, que pudera deixar com reputação, e sem perigo. Retirou-se a hum monte aonde havia chegado parte dos setecentos Infantes que levava á sua ordem. Puxou o inimigo por toda a Infantaria, e quando cerrava a noite atacou no monte as Tropas, e Infantes. Defenderão-se muito espaço com grande valor, e Rodrigo de Figueiredo, tanto que ouviu as cargas, marchou com toda a gente a soccorrer Francisco Pereira. Porém como a noite fosse escura, a confusão grande, e a gente mal disciplinada, parte da que levava se voltou para Portugal. Chegou Rodrigo de Figueiredo com a que se resolveo a seguillo ao lugar onde se pelejava; entrou valerosamente no conflicto: porém, não lhe valendo todas as diligencias que fez, o Prior de Navarra pelejou com tanto valor, e boa disposição, que as nossas

Anno

1642.

Recontro de Verim.

# 374 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1642.

*Retirãose os  
Portuguezes  
sem perda.*

las Tropas, e Infantes voltáraõ as costas. Livrouas a noite do ultimo damno, recolhendo-se a hum monte, onde havia ficado a artilharia, que com similhante desordem buscaraõ, os que a governavaõ a seu arbitrio, esta eminencia. Rodrigo de Figueiredo por não ser conhecido, e pelo valor com que pelejou, deixou de ficar prisioneiro: chegou com os mais ao monte, e quando amanheceo achou que havia perdido duzentos homens entre mortos, e prisioneiros, sendo hum delles o Capitão de Cavallos Miguel Ferraz, e hum dos mortos Antonio da Cunha, e outros Officiaes da Ordenança. O inimigo tambem perdeu alguns Soldados, que fez pouco sentidos a gloria do bom successo. Rodrigo de Figueiredo, com a gente que lhe havia ficado, marchou á vista do inimigo, e fez alto em Villarelho, legoa e meia de Monte Rey. Neste Lugar se deteve cinco dias, mandou em todos elles correr sem opposição a Campanha. No ultimo sahio o inimigo de Monte Rey com seis mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, e marchou para Villarelho. Não duvidou Rodrigo de Figueiredo de pelejar, sahio do quartel onde estava com a gente que lhe havia ficado, e alguma que havia conduzido, e com duas peças de artilharia, e formou-se diante do inimigo. Persistio desta sorte todo o dia, e vendo que o inimigo duvidava de pelejar com elle, se retirou tanto que foy noite a Villarelho, por não achar em tres mil homens, que lhe haviaõ ficado, a resolução que desejava. De Villarelho passou a Chaves, e o inimigo voltou para Monte Rey sem outro effeito. Poucos dias depois deste successo entráraõ sem ordem em Galliza tres Companhias de Vinhaes; derrotou-as a gente da Puebla de Señabria. Succederaõ a estes outros encontros de huma, e outra parte, de menos consideração.

*Successos da  
Provincia da  
Beira que go-  
verna Fernão  
Telles de Me-  
nezes.*

As Armas da Provincia da Beira tiveraõ este anno mais exercicio, que os antecedentes. Chegou a governalla Fernão Telles de Menezes nos primeiros dias de Março. Entregou-lhe El Rey esta occupação (de que allevio a Don Alvaro de Abranches) nomeando-o do Conselho de Guerra, e concedeo-lhe todas as prevençoens que lhe pedia para defender a Provincia. Levou a ella por

Mestre



PARTE I. LIVRO VI.

375

Anno  
1642.

Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria a D. Sancho Manoel. Havia assistido muitos annos em Italia, e Flandes com muito boa reputação, passou depois por Sargento mór ao Brasil, e veio a occupar os maiores postos do Reino. Chegou Fernaõ Telles á Guarda, onde lhe entregou João de Saldanha o governo. Poucos dias depois de chegar teve avizo de Braz Garcia Mascarenhas Governador de Alfaiates, que D. Francisco de Hirão, que governava Alvergaria, mandava fazer algumas prezas, que não restituia, como se havia observado em tempo de D. Alvaro de Abranches, e no que durou o governo de João de Saldanha. Pareceu-lhe a Fernaõ Telles que era tão leve a causa de romper a guerra, que se devia esperar maior occasião. Dentro de poucos dias entráram quarenta Cavallos até o Lugar de Forcalhos: acodio ao rebate Braz Garcia Mascarenhas; retirou-se o inimigo, levando daquelles Lugares preza consideravel: na retaguarda fez prisioneiros Braz Garcia Mascarenhas nove Soldados, e hum Alferes. Com a noticia deste novo movimento se resolveo Fernaõ Telles a romper a guerra, não querendo que o inimigo na confiança de sua dissimulação se animasse a maiores empresas. Mandou a João de Saldanha com cem Cavallos para a Villa de Alfaiates, e a D. Sancho Manoel com parte do seu Terço para Castello Bom, ordenando-lhes que acodissem aonde fosse mais precisa a sua assistencia. Poucos dias depois de chegarem aos alojamentos destinados, sahiram os Castelhanos de Alvergaria, entráram no Lugar de Forcalhos, saquearam-o, puzeram-lhe o fogo, e levaram a maior parte dos moradores prisioneiros. Acodio João de Saldanha a tempo que o inimigo se havia retirado. Desejando não dilatar a vingança, mandou ao Capitão Diogo de Toar, que entrasse o Lugar de Cazilhas, rico, e bem povoado, e elle ficou em opposição do soccorro, que podia sahir de Alvergaria. Encontrou-se Diogo de Toar com D. Sancho, que tambem havia acodido ao rebate; uniram-se os dous, entráram no Lugar, e depois de saqueado lhe puzeram o fogo. Fernaõ Telles mandou depositar todos os despojos que os Soldados trouxeram, até exami-

nar

Anno

1642.

*Composição ar-  
tificiosa dos Cas-  
telhanos.*

*Resolve-se Fer-  
nãu Telles rom-  
per a guerra.*

nar se o inimigo solicitava nova concordia. O dia seguinte veio hum volantim do Duque de Alva, em que segu-  
rava, que as entradas succedidas fora desmancho dos  
Soldados, e que fazendo-se igual restituição de huma,  
e outra parte do que se havia roubado, não succederia  
novo accidente que perturbasse o socego. Ajustou-se  
Fernaõ Telles a esta proposta, soltáraõ-se os prisioneiros,  
e restituiraõ-se as prezas. Não durou muitos dias esta  
correspondencia: porque de Alvergaria entráraõ os Cas-  
telhanos no Lugar de Fuinhos, e derrubáraõ, e destrui-  
raõ toda aquella Campanha. Disculpou-se o Governador  
do Castello, dizendo que a gente que entrara era sujei-  
ta a D. Joaõ de Garay: mas constando, que parte dellá  
sahira do Lugar de S. Martinho do governo do Duque  
de Alva, e parecendo a excusa pretexto de romper a  
guerra, ou dissimulação para roubar sem perigo, se re-  
solveo Fernaõ Telles a não tornar a aceitar praticas ar-  
tificiosas, e a se livrar do damno que traz consigo guar-  
dar a palavra sem correspondencia. Partio occulto para  
Alfaiates, despedindo primeiro avizo a todos os Offi-  
ciaes da Provincia, para que se achassem naquella Villa  
segunda feira da semana Santa, e que levassem consigo  
toda a gente que se pudesse tirar dos Lugares vizinhos,  
para que engrossasse o pequeno Corpo, que havia de In-  
fantaria paga. Tanto que chegáraõ a Alfaiates todos os  
Officiaes convocados, lhes declarou Fernaõ Telles a re-  
solução, que havia tomado de entrar em Castella, e as  
causas que o obrigavaõ a não dissimular mais tempo as  
cavilaçoens dos Castelhanos. Todos approváraõ a sua  
resolução, e vieraõ a ajustar depois de varios pareceres,  
que Valverde Lugar de 300 vizinhos, o Castello, e o Lu-  
gar de Elges fossem satisfação dos aggravos referidos:  
Ficava Elges tres legoas de Alfaiates, o Castello era  
quadrado, e a situação d'elle em huma eminencia: a Vil-  
la se continuava ao pé do Castello, e era de cem vizinhos:  
pouco distantes para hum, e outro lado ficavaõ as Vil-  
las de Valverde, e S. Martinho de Trebejo: a terra to-  
da era fragosa, e qualquer opposição bastara para diffi-  
cultar a empreza. Sahio de Alfaiates Fernaõ Telles o

dia



Anno

1642.

dia seguinte ao que chegou áquelle lugar; levava dous mil infantes, e duzentos Cavallos; avistou Valverde, e mandou propor aos moradores, que se entregassem, e que consentissem em viver debaixo da protecção, e obediencia d'ElRey Dom João; porque só sujeitando-se a estas condições poderiaõ atalhar o damno que os ameaçava. Vendo os moradores a difficuldade da defenfa, e o risco das vidas, e dos cabedaes, admittirão o partido. Celebrou-se o contrato por escriptura publica, proveraõ-se em nome d'ElRey os Officios da justiça, e derribaraõ-se as trincheiras. Dom Sancho Manoel havia-se apartado de Fernão Telles a atacar o Castello de Elges, chegou a elle com trabalho pela aspereza da terra, e não havendo dentro mais que hum Alferes, e sete Soldados, se renderaõ logo. Os moradores da Villa se concertaraõ da mesma sorte que os de Valverde. Ordenou Fernão Telles a Dom Sancho que ficasse no Castello com trezentos Infantes, resolução duvidosa de se sustentar, e pouco util, ainda que se conseguisse. O Duque de Alva com a noticia da perda de Elges mandou fahir alguma gente de Cidade Rodrigo, de Coria, de São Martinho, e outros Lugares da Serra de Gata a occupar hum monte, padraõ ao Castello de Elges, e levantar nelle hum reducto. D. Sancho com avizo deste movimento, e de que os moradores da Villa mudavaõ o fato para São Martinho, e tratavaõ de negar a obediencia promettida, mandou seis Soldados á Villa, e recolheo todos os mantimentos que achou nella, que eraõ muitos. O dia seguinte mandou pôr fogo ao Lugar, para apartar do Castello o perigo das casas vizinhas a elle. Resistiraõ os moradores, mas foraõ lançados fóra da Villa. Dom Sancho fez trabalhar na barbacaa, em cerrar as portas, e nas mais prevenções que julgou convenientes, e avizou a Fernão Telles do estado em que se achava. Levou o avizo hum Sargento, que os Castelhanos tomaraõ quando voltava com a resposta de Fernão Telles. A dilação obrigou a Dom Sancho a nandar segundo avizo, que chegou com a segurança de ser de pressa soccorrido. Neste tempo trabalhavaõ os Castelhanos no reducto, e molestavaõ o Castello com repetidas cargas, recebendo

*Dá Valverde obediencia a ElRey.*

*Rende-se o Castello de Elges.*

*Levantaõ os Castelhanos hum reducto contra o Castello de Elges.*

## 378 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

della igual satisfação, e poucas horas cessava a bateria de huma, e outra parte. Ferirão as balas alguns Soldados do Castello, e huma dellas matou ao Capitão João Correa. Fernaõ Telles não se descuidando em prevenir o soccorro ajuntou seis mil Infantes, e duzentos Cavallos, e fazendo a melhor prevenção de mantimentos, que lhe foy possível marchou para Elges, donde sahio Dom Sancho a esperallo. Havia Fernaõ Telles ordenado a Braz Garcia Mascarenhas, que desse cento e cincoenta Infantes ao Capitão Simaõ da Costa Feo, com ordem que de noite occupasse hum monte, padrao do reduto dos Castelhanos. Era a terra aspera, e o caminho difficil; cahio ao Capitão o cavallo, e parecendo-lhe a quèda causa bastante para largar a gente, e deixar a empresa, se voltou para Alfaiates; prendeo-o Braz Garcia, e mandou por Cabo da gente que havia ficado na terra a hum Capitão da Ordenança de Villar Torpim. Achou elle a gente, mas perdeu-se na terra, e não conseguiu occupar a eminencia: a estes Soldados se unirão cincoenta Mosqueteiros, que sahirão do Castello, e entregues ao Capitão Manoel Feo de Mello, e ao Ajudante Simaõ Ferraz de Faria, por se excusar da empresa com pouca reputação o Capitão Luiz de Paiva. Divididos os dois atacarão o reduto por duas partes; porém chegou mais de pressa Manoel Feo de Mello, vencendo com grande difficuldade a aspereza da terra, e as muitas balas que lhe atiravaõ do reduto. Os Castelhanos não quizerão aguardar o assalto, e sendo trezentos os que guarnecião o reduto, o desampararaõ; guarneceu-o, e ficou por Cabo d'elle Manoel Feo de Mello. Fernaõ Telles depois deste successo voltou a alojar a Valverde, dissimulando com os moradores a pouca fé que guardavaõ, por lhe ser necessario o alojamento para a gente que trazia: determinou uzar da occasião, e arrazar a Villa de São Martinho de Trebejo, que constava de quinhentos vizinhos, e distava huma legua de Valverde. O Duque de Alva tanto que se perdeu Elges mandou para São Martinho ao Mestre de Campo D. Benito Quiroga com algumas Companhias pagas. Levantou-lhe elle trincheiras, fez cortaduras nas ruas, e communicou as casas abrindo-lhe fre-

Ganha-se o reduto.

stras.



PARTE I. LIVRO VI. 379

Anno

1642.

stras. Fernão Telles marchou para S. Martinho, e fazendo alto em hum campo que ficava diante da Villa, dividio a gente que o havia de atacar: mandou a João de Saldanha, que tomasse com a Cavallaria as estradas; executou elle a ordem, e impedio que não entrasse nella alguma gente, que baixava da Serra de Gata. Dom Sancho marchou com quinhentos Infantes pagos pela parte mais aspera da Serra, e Manoel Lopes Brandaõ, e o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso avançaraõ pela parte opposta. D. Sancho achou fóra das trincheiras duas mangas de Mosqueteiros, mandou carregallas por outras duas: foraõ rechaçadas, e D. Sancho atacando com toda a gente que levava entrou á Villa a pezar dos defensores. Ficou ferido Antonio de Saldanha, e doze Soldados mortos. Porém ainda que a Villa foy entrada, não se conseguiu a victoria; porque qualquer das casas estava tão bem guarnecida, que custava penetralla grande difficuldade. Vendo-se D. Sancho em tão consideravel empenho, mandou dizer a Fernão Telles, que obrigasse aos Cabos do Troço da Ordenança a atacarem pela parte que lhes tocava, para que divertido o inimigo, se pudesse conseguir a empreza. Fernão Telles, solicitando-o com promessas, e ameaças, não pôde obrigar a gente da Ordenança a que lhe obedecesse, porque occupados do temor, nem receavaõ o castigo, nem appeteciaõ o premio. Porém D. Sancho, desprezando valerosamente o perigo, foy rompendo as casas, e ja chegava á Praça, quando Fernão Telles lhe mandou ordem que se retirasse. Replicou elle: mas repetindo-se-lhe a ordem, obedeceo queixoso de se lhe tirar das mãos a empreza. Fernão Telles dizia, que elle não passara aquella ordem, e dando a entender que lhe haviaõ dito, que João de Saldanha a mandara, mostrou João de Saldanha publicamente, que a retirada fora tanto contra o seu parecer, que elle se obrigava a entrar a Villa com a Cavallaria desmontada; licença que Fernão Telles não quiz permittir. Averiguou-se, que nem hum, nem outro passara a ordem, e deixou-se sem exame esta materia, pela não fazer escandaloso. Ficáraõ mortos dezoito Soldados dentro da

*Ataca-se a Villa de S. Martinho.*

*Retiraõ se os Portuguezes.*

Tom. I.

Aa

Villa,

Anno

1642.

*Ganhaõ os Castelhanos Aldea da Ponte, e queimãõ outros Lugares.*

Villa, e vieraõ outros tantos feridos. Fernaõ Telles passou ao Castello de Elges, desmantelou-o, ruina que o inimigo logo tornou a reparar. Retirou-se para Penamacor, e despedio a gente da Ordenança pouco satisfeito do seu procedimento.

O Duque de Alva em satisfação desta entrada mandou em Ribacoa queimar Aldea da Ponte: resistiraõ os moradores, mas foy entrada a trincheira do Lugar, e a Igreja, perdendo muitos delles as vidas. Saqueáraõ os Castelhanos o Lugar, puzeraõ-lhe o fogo, e fizeraõ o mesmo a oito daquelle districto sem achar resistencia, nem opposição na campanha; porque fazendo os fachos avizo a todos os Lugares daquelle parte, não houve resolução para acodir delles pessoa alguma. Fernaõ Telles julgou por mais culpados a Rodrigo Soares Pantoja Governador da Praça de Almeida, e a Braz Garcia Mascarenhas Governador de Alfaiates: remetteo-os a Lisboa prezos; passados seis mezes os mandou El Rey soltar. Tanto que o inimigo se retirou se prevenio Fernaõ Telles para interprender Aldea do Bispo, Lugar de duzentos e cincoenta vizinhos, legua e meia de Almeida, humda Raia, situada em huma eminencia, a que ficaõ outras sobranceiras; e dominando huma aprasivel campina regada das aguas do rio das Casas. Havia no Lugar duzentos Infantes pagos, e vinte Cavallos, e accrecentavaõ a Guarnição os moradores das Aldeas vizinhas. Fernaõ Telles ajuntou mil Infantes, quatrocentos pagos, os mais da Ordenança, duzentos Cavallos, e duas peças de artilharia, e marchou de Almeida para Aldea do Bispo. Adiantou-se Joaõ de Saldanha com a Cavallaria a tomar os postos: chegou Fernaõ Telles com a Infantaria, mandou dizer aos do Lugar que se rendessem antes de experimentar o damno que os ameaçava; responderaõ com os mosquetes, investio-os Dom Sancho Manoel dividindo a gente em tres Troços, mas achando nos defensores valerosa resistencia, durou a contenda largo espaço sem vantagem; ultimamente prevalecendo o valor dos nossos Soldados, foraõ os primeiros que subiraõ as trincheiras o Capitaõ Manoel Teixeira, e Flaminio Portal Sargento reformado. Os Castelhanos se retiraraõ



PARTE I. LIVRO VI.

381

retiráraõ á Igreja, onde se renderaõ. Mas hum accidente lhe accrecentou o damno, porque rebentando dentro da Igreja hum frasco de polvora, a ignorancia dos Soldados da Ordenança os obrigou a gritar que era mina: de que resultou degolarem parte da Infantaria paga. Dos nossos Soldados ficaraõ mortos vinte em que entrou o Capitão Affonso de Toar, e vieraõ trinta feridos. Em quanto durou o assalto appareceo o inimigo com alguns Cavallos, e Infantes, que sahiraõ de Villar de Corvo: obrigou os João de Saldanha a que se retirassem, e depois do Lugar saqueado, e queimado, se retirou Fernaõ Telles para Almeida. Poucos dias depois derrotou João de Saldanha no Lugar de Gallegos sessenta Cavallos, de que tomou dez, e o inimigo com melhor successo, desbaratou junto a Alfaiates oitenta Infantes, e trinta Cavallos, de que ficaram vinte e sete mortos, e parte dos outros foraõ prisioneiros. O Duque de Alva vendo perdida Aldea do Bispo, e descoberto o Campo de Arganhaõ, de que lograva Ciudad Rodrigo o melhor provimento, determinou fortificar a Villa de Fontes, fronteira a Villar Formoso, Lugar nosso. Era o sitio accommodado, e os moradores cento e cincoenta. Mandou logo aquartelar nesta Villa duzentos Infantes, e vinte Cavallos, para que começassem a fortificalla. Fernaõ Telles, tanto que teve esta noticia, juntou novecentos Infantes, e cento e cincoenta Cavallos, e marchou a atalhar este intento. Mandou adiantar as Tropas para evitar o soccorro, e tanto que chegou á Villa, fez jogar contra a fortificaçaõ duas peças de artilharia, que levava consigo. Poucas balas havia disparado, quando chegou avizo, que appareciaõ algumas Tropas do inimigo, que sahiraõ de Ciudad Rodrigo do Castello do Guardão, e de Gallegos. Com este avizo ordenou Fernaõ Telles a Dom Sancho que formasse a Infantaria: unio-lhe as Tropas, e as duas peças, e mandou a Affonso Furtado de Mendoça que com cincoenta Cavallos carregasse os batedores do inimigo. Executou elle esta ordem com taõ boa fortuna, que os batedores se retiráraõ ás Tropas, e as Tropas voltaraõ as costas. Seguiu-os Affonso Furtado com o resto dos nossos, tomou ao inimigo hum Capitão, e trinta

Anno)

1642.

Ganha Fernaõ  
Telles Aldea de  
Bispo.

Sucessos varios

Anno

1642.

*Recontro de  
Guardão.**Tempo D. San-  
cho Manoel es  
Castelhanos.*

Cavallos: esta facção gastou todo o dia, e faltando a Fernaõ Telles mantimentos para persistir na empreza, se retirou sem a executar. O Duque de Alva mudou de opiniaõ, e mandou não só retirar a gente paga da Villa de Pontes, mas obrigou os moradores a que a despovoassem. Dentro de poucos dias a queimou D. Sancho, e passou a Val de la mula a dar calor aos lavradores de Ribacoa, para segarem os pães sem perigo, com quinhentos Infantes, e cem Cavallos. Com esta gente se adiantou ao Castello do Guardaõ, que ficava vizinho, avançou vinte Cavallos a provocar aquella guarnição, e ficou emboscado com o resto da gente, pouca distancia do Castello. Sahiraõ delle cento e cincoenta Cavallos, carregáraõ os vinte, mas conhecendo a emboscada fizeraõ alto. Vendo D. Sancho que aguardava encoberto sem fructo, descobrio parte da gente, e mandou aos Capitaens Joaõ Fialho, e Manoel Teixeira Homem com cento e cincoenta boccas de fogo, que marchassem encobertos com o rio de Touroens, em quanto elle com escaramuças entretinha os Castelhanos, que se haviaõ arrimado a huma defeza, e que podendo chegar sem serem vistos os investissem, que elle os soccorreria. O inimigo havia puxado por oitenta Infantes do Castello, e sustentava a escaramuça sem receber damno; porém chegando os Capitães sem serem sentidos atacáraõ valerosamente, soccorreo os D. Sancho, voltou o inimigo as costas, e mataraõ-lhe no alcance trinta Soldados, e ficáraõ cincoenta prisioneiros, em que entrou hum Sargento mór. Retirou-se D. Sancho, e o dia seguinte entrou o inimigo por Villar Formoso com quinhentos Infantes, e cem Cavallos: com igual poder sahio D. Sancho a buscar os Castelhanos, investio-os de repente, e achou taõ pouca resistencia, que os rompeo; matou huns, prandeo outros, os mais fugiraõ, largando as armas. D. Sancho vendo a fortuna favoravel não quiz perder tempo, communicou a Fernaõ Telles a empreza de Freixenedas, e depois de tomadas todas as noticias, que seguravaõ o bom successo, marchou a esta empreza na tarde de quatro de Agosto com seiscentos Infantes, e cem Cavallos; porém o caminho era taõ alpero, e humma ferra, que por força havia de passar, taõ alcantilada,



Anno

1642.

da, que antes de chegar ao rio Agueda, que separava Freixenadas de Portugal, lhe amanheceo. Mandou humma partida da outra parte do rio, e tendo avisto de que não era sentido, o passou com toda a diligencia, e se chegou a Villa, que era de trezentos visinhos com boas trincheiras, e guarnição por seu Aduana. Quando as sentinellas tocárao arma, chegava D. Sancho ás trincheiras: subiraõ a ellas os nossos Soldados, e á custa das vidas de muitos Castelhanos entráraõ a Villa, e a saqueáraõ. Retiraraõ-se com cento e cincoenta prisioneiros, e ricos dos despojos, pequeno premio dos trabalhos da guerra. Fernão Telles, que governava aquella Provincia com grande cuidado, attendendo igualmente á defensão dos naturaes, e ao damno dos contrarios, considerando que do Castello do Guardaõ eraõ os nossos Lugares muito prejudicados, ordenou a D. Sancho Manoel, que com quinhentos Infantes, e cem Cavallos passasse de Almeida a Val de la mula a levantar hum forte, que cobrisse aquella campanha. Val de la mula he Lugar de cento e cincoenta visinhos, dista hum quarto de legua de Guardaõ, e hum de Almeida, e está situado junto ao rio Tourões. Marchou D. Sancho a dar principio ao forte, e em sete dias de trabalho não fez o inimigo opposição alguma. Nesta confiança deu D. Sancho licença a alguns Officiaes, e Soldados, para hirem comprar cavallos á feira, que em Agosto se costuma fazer em Trancofo. O dia seguinte ao que partiraõ appareceo da outra parte do rio o inimigo com mil e quinhentos Infantes, e duzentos e cincoenta Cavallos governados por D. João de Menezes, que havia chegado com o posto de Mestre de Campo General. D. Sancho avisou logo a Fernão Telles, que tanto que recebeo o aviso, despedio os Capitães Nuno da Cunha, e Jeronymo da Cunha Rangel com as suas Companhias, e elle os seguiu com a que estava de guarda á sua porta, doze Cavallos, e duas peças de artilharia. Chegou a Val de la mula, e achou o inimigo formado da outra parte do rio em hũa eminencia; porem D. Sancho, e todos os Soldados estavaõ tão desejosos de pelejar, que desprezando a desigualdade do poder, lhe entrou segura confiança da victoria, resolveo-se a passar o rio, que com a

Ganha Freixenadas D. Sancho Manoel.

Levantase o Forte de Val de la mula.

Anno  
1642.

*Rota dos Castelhanos em Val de la mula.*

força do Sol tinha diminuido a corrente. Executou esta determinação, e os Castelhanos sem mais causa, que o temor que se lhes infundio, não só se não oppuzeraõ á passagem do porto, como deviaõ, mas largaraõ a eminencia, sitio que melhorava muito o seu partido. Valeo-se D. Sancho com valor, e prudencia deste desaccordo, e passou com os oitenta Cavallos, e o Capitaõ Duarte de Miranda Henriques com cincoenta Mosqueteiros a ganhar o monte, que o inimigo havia largado. Os Castelhanos deixaraõ na retaguarda cincoenta Cavallos: carregaraõ estes a Dom Sancho, que com trinta se havia avançado, desviou-se elle para o lado elquerdo, determinando investir a Tropa pelo costado, e recebendo ella huma carga dos cincoenta Mosqueteiros, que seguiaõ a Dom Sancho, e ferido o Capitaõ com huma bala pela cabeça, desamparaõ os Soldados o posto. Seguiu-os D. Sancho; loccorrearaõ os as suas Tropas, havendo chegado os nossos cincoenta Cavallos, governando trinta o Tenente Rodrigo Moreira, vinte o Alferes Simaõ Borges da Costa, todos juntos investiraõ os Castelhanos, vendo que o seu General fazia o mesmo com a Infantaria; porque conhecendo Fernaõ Telles na retirada do inimigo o seu receyo, posto valerosamente diante dos quinhentos Infantes, que levava, buscou os mil e quinhentos com que o inimigo se lhe oppunha, os quaes ainda que por algum espaço fizeraõ grande resistencia, vieraõ a voltar as costas, e a seu exemplo fugiraõ as Tropas, e acabaraõ de derrotallos; porque não achou o medo que levavaõ estrada mais facil para fugirem, que o centro dos Esquadroens de Infantaria por onde penetravaõ. As duas peças de artilharia ajudaraõ o terror de todos, porque disparadas repetidas vezes, não atiraraõ bala sem emprego. Fernaõ Telles exhortando aos seus Soldados, que acabassem de vencer, lhes influio tanto espirito, que de todo obrigaraõ aos Castelhanos a fugir sem ordem. Buscaraõ alguns por reparo as ruinas da Aldea do Bispo; porém vendo que a furia dos nossos Soldados se não detinha com a vantagem do sitio que occupavaõ, o desampararaõ, buscando a segurança na aspereza dos sitios para onde se retiravaõ; Fernaõ Telles mandou tocar a recolher recendo



PARTE I. LIVRO VI. 385

Anno

1642.

ceando a mudança da fortuna na desordem do alcance; perderão os Castelhaños entre mortos, e feridos mais de quinhentos homens; morreraõ dez Soldados nossos, em que entrou Lila egenheiro Francez, e ficaraõ trinta feridos, D. Sancho Manoel procedeo muito valerosamente, e entendeo com sciencia militar todos os accidentes que se lhe offereceraõ; Fernaõ Telles se recolheo a Val de la mula com merecido applauso dos Soldados, que he o mayor premio de quem os governa. Deteve-se neste lugar alguns dias para aperfeiçoar o Forte, que estava começado, nelles lhe chegou avizo de Salvaterra, de que D. Joaõ de Garay com as Tropas da Extremadura ficava sobre aquella Villa, na qual não havia mais que duzentos homens com poucos mantimentos, e menos muniçoens, que a Villa estava aberta, e o Castello pouco capaz de se defender, e que na brevidade do soccorro consistia a sua segurança. Fernaõ Telles tanto que lhe chegou este avizo partio logo para a Guarda, e despedio varias ordens a todos os Lugares da Provincia, para que os Capitaens móres viessem incorporar-se com elle, trazendo toda a gente q̃ lhes fosse possível. Não foy necessario o effeito desta diligencia, porque Dom Joaõ de Garay se escusou do empenho, vendo que não trazia poder para evitar o soccorro. Fernaõ Telles voltou para Almeida, e animado dos bons successos, se resolveo a emprender o Castello do Guardaõ, de que os nossos Lugares, ainda depois de levantado o Forte de Val de la mula, recebiaõ consideravel damno. Era a empresa difficultosa, e por este respeito necessitava de mayor prevençaõ, que as passadas. Escreveo Fernaõ Telles a todos os Capitães móres, reccõ. mendando-lhes que tirassem de todos os Lugares que governavaõ, não só a mais, senaõ a melhor gente, experimentando-se nas occasioens antecedentes, que neste particular eraõ as diligencias dos Officiaes muito escrupulosas. Conseguiu-se nesta empresa melhor effeito: porque em poucos dias se juntou em Almeida a melhor gente da Provincia, e em tanto numero, que escolheo Fernaõ Telles sete mil homens, e deixou quasi outros tantos presidando as Praças. Aos sete mil homens, que apar-

Anno

1642.

Sítio de Guardaõ.

Descreve-se o  
Castello de  
Guardão.Rende-se o Ca-  
stello do Guar-  
dão.

tou para a jornada, unio novecentos Infantes pagos, e duzentos e cincoenta Cavallos, e tres peças de artilharia de doze libras, e com este Corpo de Exercito marchou para Guardaõ. Servio de Mestre de Campo General D. Sancho Manoel, e levou melhor forma do que até aquelle tempo se costumava. Marchava de vanguarda a Cavallaria, e a Infantaria dividida em dez Troços formava tres Corpos, o ultimo cobria as tres peças, e as bagagens. Quando chegarão a Val de la mula acharão lingua, que segurava não ter o inimigo aviso deste movimento. O Castello do Guardaõ fica em huma eminencia visinho a Val de la mula, a parte que olha a Portugal occupa hum bosque muito exposto entre dois oiteiros, a de Castella he humma campina muito dilatada. O Castello era quadrado com quatro torrioens rodondos nos cantos, que franqueavaõ a muralha, na qual estavaõ pelos muitos annos da uniaõ todos os materiaes taõ conglutinados, que não receava o dâño da artilharia de doze libras; as ruinas da antiga barbacã estavaõ reparadas; a guarniçaõ constava de quinhentos Infantes, bastecidos com mantimentos, e muniçoens para largo fitio. Quando o Sol se punha chegou Fernão Telles à vista do Castello; repartio D. Sancho a gente, circumvalando'o, e poz a artilharia em o couteiro de S. Pedro visinho à muralha. Tanto que amanheceo, havendo reconhecido o Castello D. Sancho, e Pupulinier Francez, que exercitava o posto de Tenente General da Cavallaria em lugar de João de Saldanha, que havia passado por Mestre de Campo ao Exercito de Alemtujo, mandou Fernão Telles persuadir ao Governador que se entregasse; mas respondendo os sitiados por linguas de fogo, se inflammaraõ de sorte os nossos Soldados, que por todas as partes investiraõ huma trincheira, que rodeava o Castello. Resistiraõ os sitiados algumas horas: porém obrigados do damno que receberaõ, e atemorizados do effeito da artilharia, que achando menos resistencia nos corpos que na muralha, maltratou muito os que defendiaõ a barbacã, não quizeraõ arriscarse a mayor perigo. Chamarão com hum tambor, luspenderão-se o assalto, pactuaraõ renderse, sahio o Governador D. Diogo de Rapresa Carvalheiro



Anno

1642.

valleiro de Malta, e leis Capitaens só com as espadas, os mais Soldados tem as. Fernaõ Telles mandou para Almeida os Officiaes, e os Soldados para Castella. Dos nossos Soldados ficaram alguns feridos, entre elles o Capitão Manoel de Avelar Sarmento. Foy o Castello saqueado, e fazendo-lhe alguns fornilhos lhe deu fogo, ficou de todo arruinado, e os nossos Lugares livres do perigo que lhes occasionava. Tanto que se rendeo o Castello mandou Fernaõ Telles a D. Sancho Manoel com a Cavallaria, e mil Infantes contra o Lugar de Galhegos, que era de trezentos vizinhos; estavaõ quatorze Companhias de guarnição; porém não quizerão aguardar o assalto, e despejaram o Lugar, que ficou saqueado, e destruido, com outros quatro vizinhos a elle. No mesmo tempo entrou por Alfayates a gente de Sabugal, e Souto, e queimaram o Lugar de Perozim. Recolheu-se Fernaõ Telles para Almeida, e remetteo a Lisboa os Officiaes prisioneiros, os quaes passado algum tempo voltaram com passaportes para Castella. O Duque de Alva, que assistia em Ciudad Rodrigo, com a noticia da perda do Guardaõ, e da muita gente que Fernaõ Telles tinha junto, pediu soccorro a todos os Lugares do seu dominio, encarecendo o perigo, que Ciudad Rodrigo corria. Quando os soccorros chegaram se havia Fernaõ Telles retirado, e querendo o Duque de Alva em pregar o poder que tinha junto, entrou em Portugal, e saqueou Malhada Sorda, Lugar aberto, e sem guarnição. Teve Fernaõ Telles em Almeida aviso desta entrada, sabio com as Tropas, e achando que o inimigo se retirava não pode fazer-lhe mayor danno, que tomar-lhe na retaguarda alguns cavallos. Passados alguns dias, sabendo Fernaõ Telles que as ruinas de Aldea do Bispo serviaõ de receptaculo a alguns Castelhanos, e que sahiaõ deste Lugar a offender os lavradores, ordenou ao Capitão de Cavallos Diogo de Toar, que com a sua Tropa desbaratasse aquella partida. Excedeo elle a ordem, e pediu em Alfayates trinta Infantes, com intento de saquear em Aldea: porém havendo chegado áquella parte com Cavallos com hum comboy, experimentou o castigo da sua ambição, porque investindo-o o derrotaram,

Saqueou-se o Lugar de Galhegos, e outros.

Entra o Duque de Alva, e se recobra com pouca effeito.

Derrotam os Castelhanos Diogo de Toar.

Anno

1642.

rao, salvando-se só alguns Soldados, a que valeo a noite em hum mato que estava visinho. Poucos dias depois desta desordem succedeo outra em Alfayates. Avistou o inimigo aquella Praça com huma Tropa, o Governador Manoel de Sousa de Almeida mandou fahir outra, que governava o Tenente Simão de Oliveira da Gamma: retiraraõ-se os Castelhanos de forte, que conheceo o Tenente, que o levavaõ a perder-se entre mayor poder; fez alto, e avisou o Governador, dando-lhe conta do seu bem fundado discurso; o Governador parecendo-lhe que era receyo, lhe ordenou que carregasse o inimigo: obedeceo o Tenente, protestando que conhecia o perigo. Chegou á emboscada, sahio o inimigo della, desbaratou-lhe a Tropa, morreraõ vinte Soldados, e os mais ficaraõ prisioneiros. Fernaõ Telles castigou a imprudencia do Governador de Alfayates, tirando-lhe o posto, em que occupou o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso. O Duque de Alva, quando Fernaõ Telles tomou Guardaõ, entendendo que podia sitiar Ciudad Rodrigo, naõ só convocou a gente da Provincia, mas avisou a Madrid, pedindo com grande instancia, que o soccorressem. Governava em ausencia d'ElRey, que havia passado a Catalunha, a Rainha Dona Isabel de Borbon sua primeira mulher, naõ dilatou ella o remedio ao perigo que se lhe propunha, e remetteo ao Duque oitocentos Cavallos muito bem montados. Vendo elle que Fernaõ Telles se havia retirado, por naõ desluzir a sua instancia, ajuntou quatro mil Infantes, e determinou entrar em Portugal. Teve Fernaõ Telles anticipada noticia, assim dos soccorros que haviaõ chegado ao Duque, como do seu intento; escreveu a ElRey repetidas vezes o aperto em que estava aquella Provincia; porque naõ só carecia de gente paga, mas a que havia era taõ mal soccorrida, que obrigados do aperto a que estavaõ reduzidos, largavaõ os Soldados as bandeiras. De Lisboa naõ só lhe faltáraõ com os soccorros que pedia, mas nem lhe respondêraõ ás cartas, que escreveu sobre esta materia, e estas omissoens saõ a causa dos máos successos dos exercitos, e os Principes por encobrilhas costumaõ condemnar aquelles a quem entregaõ



Anno

1642.

as Provincias. Fernaõ Telles vendo-se em tanto aperto, mandou da Guarda, para onde havia passado, ao Mestre de Campo D. Sancho á Villa de Pinhel a conduzir a gente da Ordenança que lhe fosse possível, e escreveu aos Capitaens móres, que marchassem logo com todas as ordenanças do seu districto, e aos Cabidos de Coimbra, Viseu, e Guarda, pedindo-lhes, que o soccorressem com algum dinheiro para defender a Provincia, que o inimigo poderosamente ameaçava. Surtiraõ todas estas diligencias pouco effeito, porque a gente da Ordenança antes queria padecer o castigo da desobediencia, que experimentar os perigos, e as incommodidades da guerra, e acodiraõ só os Officiaes com poucos Soldados; e os Cabidos, não fazendo caso do mal futuro, pertendiaõ satisfazer a Fernaõ Telles sem execuçõ.

Neste estado achou o inimigo a Provincia da Beira em 17 de Outubro, dia em que entrou nella com quatro mil Infantes, e mil Cavallos. Governava este Troço de Exercito Dom João Soares de Alarcão, que occupava naquella parte de Castella, (para onde se passou depois de jurar a ElRey Dom João) o posto de General da Cavallaria. O primeiro Lugar em que entrou foy Escarigos em Ribacoa, que era de duzentos visinhos, mas sem defenfa; os moradores haviaõ mudado o fato para Castello Rodrigo, o que lhe ficou saqueáraõ os Castelhanos, e puzeraõ fogo ao Lugar. De Escarigos passou o inimigo a Vermiofa, e Almofalla, que padeceraõ igual damno. Neste Lugar se defênderaõ sete Soldados muitas horas na Torre da Igreja, saltando-lhe as muniçoens se renderaõ, fegurando lhes as vidas, promessa que lhes não guardáraõ, matando todos a sangue frio. Com o mesmo rigor entraraõ os Castelhanos os Lugares de Matalobos, e Colmear, degolando todos os Paizanos, que não puderaõ retirar-se. De Colmear marchou Dom João Soares contra Escalhaõ Aldea de Castello Rodrigo; porém de trezentos visinhos, e meya legua distante da Raya. Haviaõ os moradores levantado huma trincheira pouco defensavel, que rodeava o Lugar, e ao redor da Igreja, que era de cantaria muito forte, começavaõ hum reducto, que puzeraõ á vista do ini-

Entra D. João Soares de Alarcão com as Tropas de Castella.

Crueldade com tra os rendidos.

Anno

1642.

Atacão de Escalvão.

inimigo em bastante defenſa. O lugar eſtá ſituado no fim de hum campo, que ſe eſtende duas leguas para o Sul, e para o Norte meya, topando em alguns montes, que conſinaõ com Caſtella, por entre os quaes corre o Rio Agueda, que divide os dous Reinos. Havia n. lugar trinta Soldados pagos, que governava o Alferes Joã Rodrigues, em auſencia de ſeu Capitaõ Joã da Silva, e cento e cincoenta moradores de que era Capitaõ Paulo Freire. Tanto que o inimigo chegou à viſta do lugar, ajultaõ todos recolherem ſe á Igreja, e reducto com as familias, e a melhor roupa, conhecendo que não podiaõ defender as trincheiras. Os Caſtelhanos entraraõ no lugar, e parecendo-lhes facil ganharem o reducto, o inveſtiraõ deſcubertos. Cuſtou a ouſadia as vidas de tantos, que ſe retiraraõ para atacar em melhor fórma. Cobriraõ ſe com algumas pipas, que tiráraõ do lugar; avançaraõ ſegunda vez; porém recebendo muito mayor damno, não ſó dos que defendiaõ o reducto, mas tambem do valor de Joã Pinto Soldado pago, o qual fazendo hum parapeito de taboas no telhado da Igreja, e carregando-lhe as mulheres muitas vezes alguns moquetes que preveniõ, foraõ tantos os Officiaes, e Soldados em que empregava os tiros, que ſe lhe deveo grande parte da defenſa do reducto. Os Caſtelhanos, avançando pela parte donde a parede delle era mais baixa, e delgada, lhe abriãõ huma brecha, e intentando entrar por ella, foraõ valeroſamente rebatidos dos defenſores; não ſendo as mulheres as menos valeroſas, porque não ſó tiravaõ as pedras das ſepulturas; e as arrimavaõ á brecha; mas com mantas molhadas na agoa de hum poço, que havia na Igreja, extinguiãõ intrépidas, antes que rebentaffe o fogo, as granadas que os Caſtelhanos lançaãõ pela brecha. Todos os que entrãõ por ella perderãõ as vidas, e ſem o poderem prohibir ſe tornou a brecha a cerrar. Vendo os Caſtelhanos a difficuldade da empreza, tentãõ ſahir com reputação della, offerecendo grandes partidos a Paulo Freire, que elle valeroſamente deſprezou, Atalhando ſe os paſſos aos deſignios de D. Joã Soares por taõ pouca gente, e em lugar que julgava taõ facil de conquistar, e receando as perit



perigosas consequencias a que se expunha, se se avistasse com as Tropas da sua nação, que tão cegamente offendia, se retirou de Escalhão, e de toda a Provincia, a que pudera occasionar maiores damnos, conforme a pouca prevenção que achou nella. Em Escalhão ficaraõ cento e cincoenta Castelhanos mortos, e levaraõ consigo muitos feridos, em que entravaõ Officiaes de grande importancia. Fernaõ Telles, com justo sentimento, por não poder remediar o damno da Provincia como desejava, e padecendo as murmurações dos Paizanos, que se lhe não encobriaõ, os quaes costumavaõ avaliar o procedimento dos Generaes pela desgraça, ou felicidade, passou da Cidade da Guarda á Villa do Pinhel, a aguardar os soccorros que havia mandado prevenir. O primeiro que lhe chegou foy huma Companhia de cento e cincoenta Clerigos de Viseu, em que entravaõ Conegos, e Abbades, de que era Capitão o Thesoureiro mór da Sé Gomes de Andrade Cabral. Vinhaõ todos muito bem armados, e livres de escrúpulos, por ser a defensão permittida a qualquer habito. Esta companhia, e a mais gente que lhe foy chegando, mandou Fernaõ Telles para Almeida, por lhe chegar neste tempo avizo do successo de Escalhão, de que o inimigo se havia retirado. Para averiguar o seu intento mandou a Dom Sancho Manoel tomar lingua com quarenta Cavallos, e cem Infantes. Deixou elle os Infantes em Val de la mula, e entrando pelo campo de Arganhaõ chegou ao Lugar de Serranillo, donde trouxe alguns Castelhanos prisioneiros. Constaõ da sua confissão, que Dom Joaõ Soares determinava continuar as entradas de Portugal, pouco satisfeito dos primeiros progressos. Fernaõ Telles com esta noticia passou ao Lugar de Muzella tres leguas da Raia: situado em distancia igual de todas as partes que podia padecer maior damno, e levou consigo trezentos Infantes, e cem Cavallos. Logo que chegou mandou a Dom Sancho, que com os cem Cavallos entrasse em Castella a tomar maior informação do intento de Dom Joaõ Soares. Dom Sancho entrou até a defeza de Sageiras, quatro leguas da Raya, e achando nella trezentas vacas as fez conduzir para Portugal; e com ellas os Paizanos de todos aquelles

Anno

1642.

Retirado-se com  
perda.

Anno

1642.

Recontro com  
os Castelhanos.

les Lugares. Ja neste tempo era sentido, e sahiraõ a bucallo duzentos Cavallos, que se alojavaõ em Bodaõ, e no Castello de Gunaldo: destes se adiantaraõ vinte a entreter a marcha de D. Sancho até chegarem os mais. Dom Sancho mandou ao Capitão Diogo da Fonseca com vinte Cavallos a pôr a preza em salvo, e elle com os mais que lhe ficaraõ se foy incorporar com o Capitão Christovão da Fonseca, a quem o inimigo vinha carregando: foraõ algum espaço ganhando terra; porém chegando á defeza de Albufeda, e estando ja unidas as Tropas dos Castelhanos, atacáraõ com tanta resolução aos nossos Soldados, que desbaratados voltáraõ as costas. D. Sancho ficou na retaguarda com Affonso Furtado de Mendoça Alcaide mór de Covilhã, com outras pessoas particulares, e o Sargento mór Rozaõ Francez; o qual dando verdadeiro teltimunho do seu valor, disse a D. Sancho, que era melhor perderem-se pelejando, que fugindo: e com o mesmo impulso bradou aos Soldados que voltassem a livrar as honras, e vender caras as vidas. Foy de tanto effeito esta generosa persuasão, que D. Sancho, que levava o mesmo intento, (como disse a Rozaõ em altas vozes) e os Soldados corridos de os correrem os Castelhanos fizeraõ alto, e lhes voltáraõ as caras. Entenderaõ os Castelhanos que esta resolução nascia de haver gente emboscada naquelle sitio, como ja em outra occasiã lhes haviaõ succedido. Bastou este discurso sem outro exame para ficarem de authores reos, não se lembrando dos Authores que fazem renacer as acçoens dos homens, e eternizallas na posteridade. Deraõ as costas ao perigo, e o rosto ao discredito. Seguiu-os D. Sancho até cerrar a noite, ficáraõ muitos mortos, trouxe trinta prisioneiros, e recolheo-se a Miuzella, onde estava Fernão Telles; e havendo tido poucas horas de descanso, chegou avizo que D. João Soares tinha entrado naquella Provincia, e marchava na volta da Nava do Sabugal. Fernão Telles ouviu com tanto alvoroço esta noticia, como se tivera a victoria segura no numero das suas Tropas; e não fora taõ inferior o poder, com que pretendia buscar o inimigo, que se puléraõ contar no conflicto cinco

Castel.



Castelhanos para pelejar com cada hum dos Portuguezes. Mas elles são os privilegios do valor, porque, multiplicando os golpes, não só faz a contenda igual, mas a victoria certa, ainda que seja superior o numero dos contrarios. Montou Fernaõ Telles a cavallo, e fez marchar a gente que tinha comfigo, e mandou ordem a Lourenço da Costa Mimoso, para que logo remetteste cem Mosqueteiros, e a Tropa que se achava em Alfaiates, e o mesmo avizo fez a Manoel Feo de Mello a Villar Formoso. Despedidas estas ordens, marchou a buscar a estrada que o inimigo havia de levar da Nave para Castella. Quando chegou ao lugar que pretendia, achou que o inimigo tinha passado, deixando destruido o Lugar da Nave, porém era tão pouco o espaço, que com pequena diligencia avistáraõ os nossos batedores as suas Tropas. Chegou neste tempo a gente de Villar Formoso, e achou-se Fernaõ Telles com cento e cincoenta Cavallos, e trezentos Infantes. Os Castelhanos reconhecendo a nossa gente, melhoráraõ de sitio; porque a terra por onde marchavaõ era baixa; e com as muitas aguas que haviaõ chovido difficil de pizar. Achava-se D. Joaõ Soares com menos Infantaria da que havia trazido, por haver mandado alguma diante com a preza; porém reconhecendo a pouca gente que o buscava, teve a victoria por infallivel, e assim a celebrava o seu alvoroço, como se a não houvesse de ganhar á custa do mesmo sangue que o alimentava. Fundado nestas esperanças, formou as Tropas com boa disciplina, e foy receber os inimigos que o buscavaõ. D. Sancho Manoel reconhecendo a desigualdade do poder dos Castelhanos, persuadio a Fernaõ Telles que se retirasse, dizendo, que era temeridade emprender impossiveis; que muitas vezes saber excusar os perigos era tão grande gloria, como vencellos; e que devia considerar o manifesto risco, a que ficava aquella Provincia exposta, se fossem desbaratados os poucos Soldados que empenhava. Do mesmo sentimento eraõ os Capitaens de Cavallo, e de Infantaria. Porém Fernaõ Telles, não só revestido de insigne valor, mas de grande prudencia, disse que o inimigo estava tão vizinho, que por força a retirada se havia de conver-

ter

Anno

1642.

*Busca Fernaõ  
Telles o inimigo  
com desigual  
poder.*

Anno  
1642.

*Resolve a pele-  
ja, e anima os  
Soldados.*

ter em fugida; e que os Castelhanos se valeriaõ sem falta não só do excesso das Tropas, senão do temor, que os Soldados, voltando-lhes as costas, manifestassem; não podendo em semelhantes occasiões entrar melhor soccorro a quem determinava pelejar, que reconhecer o receyo dos contrarios; e que a questão de ser melhor pelejar, ou retirar-se, podia servir em outros casos, e não naquelle onde o inimigo estava á vista, e haviaõ de fazer a retirada por huma campanha, onde não podiaõ achar mais abrigo, que a força dos braços, e o alento dos corações; e que se na occasião presente este era o unico remedio, quanto mais acertado seria pelejando negar ao inimigo a ventagem de lhe mostrar receyo; que deviaõ todos lembrar-se não só do valor de que eraõ dotados, e da causa justa que defendiaõ, mas do Cabo que mandava as Tropas dos Castelhanos, que era D. João Soares, o qual havia fugido deste Reino para Castella, faltando ao juramento, que tinha dado a ElRey, e á fidelidade a que o obrigava a propria natureza, afrontada de novo, vindo pelejar contra a sua Patria; e que aos que daquela forte faltavaõ ás suas obrigaçoens se lhes entorpecia o discurso para distribuir as ordens, e a mão para manear a espada; e que se no General, por estas razoes, haviaõ de achar tanta inhabilidade, nos Soldados não poderiaõ descobrir mayor animo, que aquelle mesmo, que para gloria sua tantas vezes experimentáraõ; que a guerra era nova, e o Reino pequeno, e que nesta consideração, ainda que estivesse de permeyo o perigo, todas as empresas se haviaõ de governar attendendo mais ao credito, que ao poder, e que a opiniaõ nunca no mundo, pelejando com valor, se havia perdido. Tomada esta resolução, que todos approváraõ, deu Fernão Telles a Dom Sancho setenta Cavallos, de que eraõ Capitaens Braz do Amaral, e Christovão da Fonseca, e tomou para sua guarda trinta e cinco, governados pelo Capitaõ Duarte de Miranda Henriques, e a Infantaria ficou formada, não tendo mais que os braços por trincheiras. Vieraõ neste tempo os Castelhanos avançando pouco a pouco, e chegando perto da nossa Infantaria lhe deu huma carga. porém não



Anno

1642.

*Desbarata os  
Castelhanos.*

naõ lhes fez damno pelo naõ receberem na distancia conveniente. Animados os Castelhanos desta desordem, a investiraõ: mas Fernaõ Telles, e D. Sancho reconhecendo o perigo, e que a nossa Infantaria vacilava, se adiantaraõ com as tres Tropas a receber a carga. Investiraõ-nos os Castelhanos, e acháraõ taõ valerosa resistencia, que naõ houve Official, nem Soldado, que naõ fizesse açcõens muito finaladas. Porém como o numero era taõ deligual, chegáraõ alguns Officiaes a persuadir a Fernaõ Telles, a que se naõ expuzesse a tanto perigo, porque o successo estava duvidoso. Respondeo com grande fervor: que a victoria era sua, que continuassem até o conseguir. Esta constancia, e chegar neste tempo a Tropa, e os cem Infantes de Alfayates, animou de sorte a Infantaria, que cobrando novo alento, e unidos os que vieraõ aos que pelejavaõ, obrigáraõ aos Castelhanos a voltar as costas, cedendo ao seu valor. Seguiráõ-nos pouco espaço, porque Fernaõ Telles mandou tocar a recolher, recendo alguma desordem. Ficáraõ mortos 90 Castelhanos, leváraõ muitos feridos, e deixaraõ outros prisioneiros. Dos nossos soldados morreo só hum Francez, recolheraõ-se 30 feridos, entre elles Affonso Furtado de Mendoça, que pelejou valerosamente, Pedro de Sousa de Castro Capitaõ mór de Viseu, Miguel da Fonseca Ozorio, Gaspar de Tavora de Brito, Christovão da Fonseca Cardoso. D. Sancho mostrou que sabia discorrer antes, e pelejar depois, porque a todas as partes accodio com grande valor, e prudencia: porém todos confessáraõ que ao valor, discurso, e constancia de Fernaõ Telles deviaõ o bom successo que logravaõ: porque naõ houve idéa que naõ formasse com juizo, nem açcãõ que naõ executasse com acerto. Voltou-se para Alfayates, e foy esta a ultima occasiãõ que teve naquella Provincia, porque se retirou para Lisboa, e proveo El-Rey o posto segunda vez em D. Alvaro de Abranches. Deixou Fernaõ Telles naõ só destruido o campo de Erganhaõ, que era muito povoado, e sustento de Ciudad Rodrigo, mas outros muitos lugares desde a foz de Agueda, que entra no rio Douro, até a de Elges que

Anno

1642.

perde o nome no Tejo, districto que comprehende mais de 30 leguas de terra: logrou com muita felicidade, e mais industria que instrumentos, todas as acções que empredeu, e deixou os soldados, e paizanos com o costume de vencer, ensinados a pelejar.

Em quanto as armas de Portugal valerosamente se manejavaõ, e todas as Provincias felismente se defendiaõ, trabalhava ElRey, fonte de todas as acções heroicas, por fertilizar as muitas, e distinctas plantas, que livravaõ a abundancia dos fructos fazoados, em se banharem nos seus preceitos, e confundia a politica de seus inimigos, que fundavaõ a ruina de Portugal na esperança dos seus desacertos. Porẽm naõ conseguiaõ todas as suas operações a total satisfação de seus Vassallos: porque conhecendo o seu animo demaziadamente inclinado ao exercicio da caça, em que se criara; e muito applicado a ajustar a consonancia da Solfa, entendiaõ que roubava o tempo a obrigação do governo do seu Reino e aos importantes negocios, que dependiaõ das suas resoluções naõ querendo os zelosos admittir a doutrina, que introduzia a lisonja no animo delRey, dizendo-lhe alguns Ministros que descansar para cansar, mais era ambição do trabalho, que desejo do descanso; e que na recreação de Sua Magestade consistia a sua saude, segurança da sua vida, alma da conservação do seu Reino. Ouvia ElRey estas vozes das Sereas do Paço, verdugos dos Principes, sepultura dos Reinos; mas para que o veneno o naõ reduzisse á ultima ruina cerrava acautelado Ulysses muitas vezes os ouvidos com os verdadeiros conselhos dos desinteressados. Porẽm naõ prevalecendo totalmente contra o damno a utilidade do remedio, e receando todos o perigo do Reino, cujo corpo sustentava a cada hum a cabeça, foy escolhido D. João da Costa, para advertir a ElRey os danos da Monarquia. Aceitou elle a commissaõ, antepondo a virtude de fallar verdade ao sentimento que ElRey podia receber de ouvila, e presentou-lhe hum memorial que continha as razoes seguintes: „ Senhor, ainda que o conhecimento do meu pouco cabedal me naõ deixa confiança para esperar, que as mi-  
nhas

Memorial de D.  
João da Costa.



Anno  
1642.

as razoes sejam uteis ao serviço de Vossa Magesta-  
de, obriga-me o meu affecto, e o empenho da con-  
servação da minha Patria a dizer claramente a Vos-  
sa Magestade as desattenções do Governo, que con-  
demnáo os mais interessados na conservação deste Rei-  
no. E não basta a consideração de que podem offender  
estas noticias o animo de Vossa Magestade para me im-  
pedir que eu as refira, assim, e da maneira que com-  
mumente são julgadas, ainda que a adulação as emu-  
deça. Consta das cartas dos Governadores das Armas  
das Provincias, que Entre Douro, e Minho não chega  
a ter hoje 400 soldados pagos, e que estes não são se-  
guros, porque faltando-lhes a consignação para os soc-  
corros, faltarão elles na guarnição das Praças. Traz  
os Montes se acha da mesma sorte. Na Beira consta a  
Vossa Magestade por avisos muito repetidos de Fernão  
Telles a falta que tem de soldados, de dinheiro, e de  
todas as mais prevenções necessarias para defensão da  
quella Provincia. Em Alentejo justificação as ultimas  
mostras que se passaram, que falta mais da metade da  
gente que ja teve; em particular os Regimentos Ho-  
landezes, que quasi todos estão desbaratados. O con-  
trato, que se fez para a conservação da gente que fi-  
cou naquella Provincia, não basta, nem poderá persis-  
tir, se divertirem, como se costuma, aos contratado-  
res as consignações que se lhes offerecem; de que re-  
sultará não só perderem-se estes, mas tambem os que  
adiante se celebrarem, pela falta de credito com que  
ficarão os Ministros de Vossa Magestade. O Reino do  
Algarve não tem meyo algum de se defender. Calcaes,  
Peniche, S. Philippe, e Outão se achão tão destituidas de  
guarnições, que em melhor estado conservavaõ os Cas-  
telhanos estas fortalezas, quando não temiaõ a invasão  
de inimigos tão poderosos. Os Armazens desta Cidade se  
vem desocupados, sendo tão necessario vêlos preveni-  
dos. Lisboa sem esperança de se fortificar, e o Castello  
sem cuidado de se pôr em melhor defensão, os Torços da  
Ordenança não tem exercicio, e os fidalgos, e gente no-  
bre estão sem armas, e sem fórma, e todos incapazes de

Anno

1642

acodirem aos muitos, e perigosos accidentes a que estamos expostos. O Brasil consideramos arriscado a ferdespojo dos Hollandezes, como o tem sido Angola, e S. Thomé, e tudo, Senhor, vemos em estado tão perigoso, que parece que nos conservamos só pela impossibilidade de nossos inimigos. Deste lethargo procedea desestimação que soffremos aos Estrangeiros, e o desalento que experimentamos nos naturaes; entendendo que não tarda mais a sua ruina, que em quanto se não melhora o partido de Castella: e desta supposição se pôdem temer resoluções mais nocivas ao estado presente, que o damno da guerra. Soltamente murmura o Povo, e sente a Nobreza com grande excessoa pouca attenção, com que se acode às materias em que consiste a defensiva do Reino: dizem que o Conselho de Guerra não tem sufficientes Ministros, e que quando acertão em algumas propostas convenientes à boa disposição da guerra, que V. Magestade as não admite, prevalecendo o Conselho de outras pessoas que tem muito menos noticia da arte militar: reparaõ em que havendo anno e meyo que V. Magestade tem a Coroa na cabeça, não assistio hum só dia no seu Conselho de Guerra, gastando muitos em outros Tribunaes, e em occupaões menos precisas para a defensiva do Reino: dizem que he grande a confusão das ordens do Conselho da Fazenda, e por V. Magestade não attender a ella, se perde a mayor parte: as decimas seculares, bens de ausentes, e confiscados, e as Cômendas vagas não se cobraõ por iguaes inconvenientes. Julgo tambem preciso advertir a V. Magestade que vejo todos os negocios decididos pelos quatro Conselheiros de Estado, com quem V. Magestade despacha, e entendo que não tem as noticias, e disposições necessarias, para poderem encaminhar as materias q̃ tocam à guerra: e só serve esta forma de governo de dilatar os despachos, e peyorar as resoluções. E assim convem que V. Magestade se conforme o mais que for possivel, com as consultas dos Tribunaes, porque ainda que ignorem muito, entendem melhor do seu officio, que os Ministros



Anno  
1642.

tos do despacho, do alheyo. As contribuiçoens dos  
Povos, applicadas á guerra, tem grandes divertimen-  
tos; e os soldados além de mal pagos, são muito des-  
favorecidos dos Ministros, negandolhes não só os des-  
pachos, mas as palavras cortezes, que obrigaõ muito,  
e custão pouco. Mas este mão termo nasce, de que co-  
mo senão criaraõ na guerra as pessoas de que V. Magestade se serve, não sabem pezar quanto importa gran-  
gear os soldados por todos os caminhos. Porém mais  
que tudo ouço que sentem todos não se inclinar V. Ma-  
gestade muito ao exercicio militar; e juntamente que  
abraça a pratica de senão fazer caso do poder dos Castelhanos. veneno tão prejudicial, que nasce da malicia  
dos que não querem que se trate da defenſa do Reino,  
a que V. Magestade he tão obrigado como à sua pro-  
pria vida. Este he, senhor, o estado em que se acha  
Portugal, e esta a voz commua de todo o Reino, com  
tão pouca exceiçãõ, que só os dependentes de Castella  
deixaõ de pedir a V. Magestade com lagrimas o re-  
medio. E por este respeito entendi que era obrigado,  
como quem ama tanto o serviço de V. Magestade, a  
referir sem rebuço o meu sentimento, para que antes  
de chegar o damno, se possa divertir o perigo. porque  
se estando os inimigos com tão poucas forças, nós ou-  
tros nos consideramos em tanto risco, que será, se-  
nhor, se por algum dos accidentes que pôdem sobre-  
vir, melhorarem o seu partido, vendose desembrara-  
çados da guerra de Catalunha, de França, e Holanda,  
que agora os diverte? O remedio que julgo mais pro-  
porcionado, e a pedra fundamental deste edificio, pa-  
rece que será attender V. Magestade ao governo, e  
melhorar os Conselheiros, pondo nos Conselhos de  
Guerra, e Fazenda os mais expertos sujeitos destes dous  
exercicios, que se acharem no Reino, e autorizar  
V. Magestade estes Tribunaes com sua assistencia, ao  
menos huma vez na semana. E quando V. Magestade  
averigue que a fazenda que hoje ha, não basta para a  
defenſa do Reino, devem buscarſe meynos de se aug-  
mentar, proporcionando os tributos quanto for pos-  
sivel.

## 400 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

„ fivel , repartindo o dinheiro pelas Praças mais arrisca-  
 „ das , e pelos soldados peyor soccorridos ; porque desta  
 „ sorte serão sem duvida seguros , e felices os successos  
 „ das armas de V. Magestade. Tambem será muito con-  
 „ veniente , para desvanecer a opiniaõ do Povo , favore-  
 „ cer V. Magestade as artes militares exercitando-se nel-  
 „ las pessoalmente : porque todos bulcaraõ a guerra ,  
 „ vendo que V. Magestade se deleita em formar es-  
 „ quadroens de Cavallaria , meter Terços em batalha ,  
 „ visitar as officinas de artilharia , e as fortificaçoens , e  
 „ applicar-se as mais artes , e instrumentos bellicos , ex-  
 „ ercicios todos regios , dignos do alto coração de Vossa  
 „ Magestade , e approvados com exemplos dos mayores  
 „ Principes do mundo. Com estas opperaçoens exercita-  
 „ das pouco tempo , terá V. Magestade muito menos tra-  
 „ balho , o Reino se verá defendido , o amor nos Vassal-  
 „ los seguro , e a reputação nas naçoens Estrangeiras aug-  
 „ mentada , vendo que V. Magestade segue os passos da  
 „ quelles Principes , que nas virtudes proprias fundáraõ , e  
 „ estabeleceraõ os Imperios. Achando V. Magestade nes-  
 „ tas occupaçoens inteira satisfação , esperamos sem du-  
 „ vida que V. Magestade se resolva a passar á Provincia  
 „ de Alentejo , a ver o seu exercito , e animar os seus  
 „ soldados. Desta resolução resultará terror aos contra-  
 „ rios , e aos amigos confiança , não haverá Vassallo al-  
 „ gum de Vossa Magestade que se exima do exercicio da  
 „ guerra , nem haverá cabedal que se recate para o susten-  
 „ to della : porque ao Principe , Sol da Monarquia , cos-  
 „ tumaõ a corresponder as plantas dos Vassallos com pro-  
 „ porcionadas finezas ás que grangeaõ , e com iguaes be-  
 „ neficios aos que recebem. Repartirá V. Magestade pe-  
 „ los soldados , conhecendo-os , os premios sem desigual-  
 „ dade ; e desta consonancia resultará a segurança das vi-  
 „ ctorias. V. Magestade com seu soberano juizo resolve-  
 „ rá o que mais convier á conservação deste Reino , e á  
 „ utilidade de seus Vassallos , para que o Principe nosso  
 „ Senhor , depois de muitos annos que ha de durar a  
 „ vida de V. Magestade , logre seguro , e felice este  
 „ Imperio.

Admit:



Admittio ElRey a verdade, e pureza destas razões com muito agrado, e ponderou-as com grande prudencia. Resultou desta reflexão despedir soccorros a todas as fronteiras, attender com cuidado ás consignaçoens que se davaõ, e attalhar as que se divertiaõ, e determinou passar a Alentejo a Primavera seguinte. Para executar este seu intento, o mandou propor aos Conselheiros de Estado, dizendo: que a guerra de Catalunha era a mais util diversão que este Reino conseguia; e que nenhuma outra poderia desfogar mais aos Catalaens, que entrarem em Castella as armas de Portugal: não sendo este o interesse que resultava á sua Coroa do intento que propunha, senão tambem outro mais essencial, que era a reputação das armas, e a satisfação dos Principes alia-dos: porém que não queria tomar a ultima resolução, sem entender os pareceres dos Conselheiros: e que juntamente ordenava a cada hum delles, que declarassem o seu voto: que exercito bastaria para aquella Campanha: e que Praça devia eleger para formar o exercito. Foram varios os pareceres dos Conselheiros de Estado. Hum dos que votavaõ com mayor acerto nas materias mais importantes daquelle tempo, era o Marquez de Montalvão. Foy o seu voto da substancia seguinte. . Que elle estre-

. tava o seu entendimento á proposta que Sua Magestade . mandava fazer, esperando ter occasião de representar, . a Sua Magestade as duvidas que se lhe offereciaõ sobre a . jornada, que Sua Magestade queria fazer a Alentejo: e . que respondendo só ao que se lhe perguntava, dizia: . que hum dos pontos mais principaes, a que se devia at- . tender, era occultar-se que Sua Magestade determinava . passar a Alentejo, e juntamente a Praça de Castella . aonde se houvesse de empregar o exercito, para que o . inimigo senão prevenisse, e a não bastecesse: que da . mesma sorte convinha que as nossas Praças demais im- . portancia estivessem bem fortificadas, e guarnecidas; . porque se o inimigo intentasse a diversão, nos não fosse . necessario hum exercito para a conquista, outro para a . defensa: e que supposta esta prevençãõ, lhe parecia . que o exercito constasse de doze mil Infantes pagos, e

Anno  
1642.

Admittio ElRey  
o Memorial de  
D. Joao da Cos-  
ta, e manda  
propor ao Con-  
selho de Estado  
o que deve passar  
a Alentejo.

Voto do Mar-  
quez de Mon-  
talvão.

Anno  
1647.

, 8000 Auxiliares, de 2000 Cavallos, e 30 peças de ar-  
 , tilharia, 20 grossas, e 10 de Campanha, 4 mortei-  
 , ros, todas as munições, mantimentos, e bagagens  
 , para sustentar este Corpo; e todos os Officiaes que fal-  
 , tavaõ para o animarem: e que tudo o referido convi-  
 , nha que se prevenisse com tempo, e com abundancia,  
 , repartindo cada operação por diferentes Ministros,  
 , sendo todos obrigados a dar conta a Sua Magestade do  
 , effeito da sua diligencia: e que sobre tudo era necessario  
 , ajustarem-se consignaçoens certas de dinheiro, colum-  
 , na, e capitel da guerra: que a Praça que devia de ele-  
 , ger para formar o Exercito, era Estremôz: a qual devia  
 , prevenir-se com grande attençaõ muito anticipadamen-  
 , te; e que com a mesma se deviaõ dispor as guardas de  
 , sua pessoa; e que todas estas materias pela importancia  
 , dellas mereciaõ particular ponderaçãõ; que esperava  
 , que Sua Magestade dispuzesse o que fosse mais conve-  
 , niente a seu serviço. Depois deste parecer fez o Mar-  
 , quez de Montalvaõ hum papel que deu a ElRey, que  
 , continhá estas razoes: „ Senhor, depois de me ver  
 , desobrigado dos preceitos da proposta, que V. Mage-  
 , stade mandou fazer ao Conselho de Estado, sobre a  
 , resolução de passar a Alemtejo, me pareceo representar  
 , a Vossa Magestade as duvidas, que se me offerece n  
 , nesta jornada. Aceite Vossa Magestade esta minha con-  
 , fiança, lembrando-se do meu zelo, onde Vossa Magesta-  
 , de encontrará affectos que a desculpem. Parece-me que  
 , o perigo de Vossa Magestade se ausentar de Lisboa ha  
 , de qualidade, que não póde recompensallo outro al-  
 , gum interesse. E como as Monarquias seguem o estil-  
 , dos corpos humanos, he necessario aos Medicos pruden-  
 , tes, não só tentar o pulso para conhecerem os males  
 , que padecem, senão tambem averiguar a origem don-  
 , de procedem, para lhe applicarem remedios proporcio-  
 , nados. Tirou Vossa Magestade a Castella justissimamen-  
 , te este Reino depois de 60 annos de posse: e he infalli-  
 , vel que em tanto tempo, e tantas alianças, como houve  
 , entre as duas Coroas, produzisse o interesse ou malda-  
 , de muitos afeiçoados ao partido de Castella, como já  
 , se



se tem experimentado nos que se declararão, e se deve  
temer dos que se recatao só obrigados do receyo, esti-  
mulados das diligencias dos Castelhanos, de quem eu  
temo mais a manha que a força, mais o silencio que o  
ruído. Nesta incerteza de animos não pôde ser conve-  
niente que a Real pessoa de Vossa Magestade se aparte  
da sua Corte, Cabeça de todo o Reino, a que esta Ci-  
dade costuma dar Leys; principalmente achando-se ella  
sem fortificação alguma, e não podendo ficar com nu-  
mero sufficiente de gente paga. Tambem me obriga a  
recear muito o perigo da pessoa de Vossa Magestade,  
não só o zelo, e o amor, mas a madura consideração;  
porque he de crer que de Castella procurem a offensa  
de Vossa Magestade, não perdoando aos meyoys mais  
illicitos. e esta idea ensina que não he tempo de V. Ma-  
gestade andar entre o estrondo das armas. A estes for-  
çosos reparos, se seguem outros tambem de grande im-  
portancia. Se Vossa Magestade empenha na guerra a  
sua Real Pessoa, poem o mundo em esperanças de  
grandes empresas, as quaes pôdem saltar por acciden-  
tes insuperaveis. e se não succederem, ficarão os con-  
trarios mais animosos, e os amigos menos confiados.  
O tempo ainda não permite, que Vossa Magestade se  
ponha diante dos seus exercitos. e a não ser assim, ao  
mesmo exercito convém, que Vossa Magestade se não  
aparte desta Corte, donde devem sair todos os soccor-  
ros capazes de o alimentar, não havendo mais que 30  
leguas de distancia, que he a menor em que pôde assis-  
tir hum Principe, quando não delibera achar-se pessoal-  
mente nas facçoens militares. Nesta sentença. Senhor,  
sou de opini.õ, que Vossa Magest. de dê a entender que  
vay a Alemejo, para que as prevençoens sejaõ mais  
promptas, e que tanto que o exercito estiver preveni-  
do, Vossa Magestade o entregue a pessoa de que fizer  
mayor confiança, dando-lhe por segundos Cabos os que  
tiverem mayores experiencias. e alcançando as Armas  
de Vossa Magestade os felices successos, que eu espe-  
ro, entao poderá ser tempo de Vossa Magestade fazer  
com a sua pessoa alguma demonstração, porque hum

feliz.

Anno

1642.

Anno

1642.

*Prevalecem as  
razões do  
Marquez de  
Montalvão.*

*Passa-se Salva-  
dor de Mello  
com 300 Sol-  
dados ao ser-  
viço do Rey.*

*Dá ElRey hũa  
Comenda, e a Ca-  
pitania mór de  
Bragança a Sal-  
vador de Mello.*

*Chegão de Cis-  
tella D. Francis-  
co de Azevedo, e  
Alvaro de Sousa*

o feliz principio facilita grandes difficuldades. Fez em ElRey grande mudança este parecer do Marquez de Montalvão, porque ponderadas bem as razões por huma, e outra parte, ainda que as de D. João da Costa eram muito efficazes, e generosas, as que o Marquez offerecia incluíam materias muito importantes: e depois de largos debates, prevaleceram nesta occasião. Chegou neste tempo a Lisboa Salvador de Mello com 150 soldados Portuguezes. Achava-se na Villa de Praga nos confins de Aragão, tanto que lhe chegou a noticia de que ElRey era aclamado, fingio que intentava huma enterpreza: sahio depois do Sol posto da Villa com os soldados, e declarou-lhes que o seu intento era passar-se a Barcelona, para se embarcar naquelle porto para Portugal. Todos lhe approvaram a resolução, e antes de amanhecer estavam seguros em Catalunha. Chegaram a Barcelona, achou Salvador de Mello dinheiro, que para este fim o Padre Ignacio Mascarenhas havia deixado naquella Cidade. Unio aos que levava outros 150 soldados, que achou em Barcelona, com esta gente incorporada atravessou França, chegou a Artochela, aonde tambem achou dinheiro, que ElRey havia mandado áquella Cidade para os Portuguezes que chegassem a ella: embarcou 150 que mandou diante, e com os outros entrou em Lisboa. Deo-lhe ElRey huma Comenda, e o posto de Capitão mór de Bragança. Os soldados se dividiram pelas fronteiras, e passaram depois muitos a grandes postos. No mesmo tempo chegaram de Inglaterra D. Francisco de Azevedo, e Alvaro de Sousa. Achava-se em Madrid, quando ElRey se acclamou; passaram a servir a Flandes, donde de facil nente acharam embarcação para Londres, de Londres se embarcaram para Lisboa. Receberam ElRey com a demonstração que merecia a sua fineza, grangeando com ella ficarem muito poucos Portuguezes servindo aos Castelhanos. E destas, e outras politicas lhe era necessario usar, para senão desvanecer a gloriosa, e incerta acção que emprendera.

Determinou ElRey mandar segunda embaixada a França, por ser a parte aonde eram mais seguras as dependencias



Anno

1642.

*Elege El Rey o  
Conde da Vidi-  
gueira por Em-  
baixador de  
França.*

pendências, na consideração dos interesses que resu-  
tava a Coroa de França da guerra de Portugal, sem contorver-  
cia, o mais abonado fiador das alianças dos Principes. Ele-  
geo ElRey por Embaixador de França a D. Valco Luiz  
da Gamma Conde da Vidigueira. Era avaliado por muito  
capaz desta occupação, ainda que de poucos annos: mas  
como d'elle vicio, conforme o discurso de hum cortezaõ,  
se emendaõ os homens todos os dias, concorrendo no  
Conde da Vidigueira as outras virtudes, desempenhou  
no acerto da Embaixada o conceito que se formava del-  
le. Partio de Lisboa a 9 de Abril, e levou por Secretario  
da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, que antes  
havia passado a Dinamarca, e Suecia com a mesma occu-  
pação. Depois de experimentar alguns dias o vento con-  
trario, chegou a Arrochela a 4 de Mayo, desembarcou,  
e foy hospedado magnificamente do Graõ Prior de Fran-  
ça. Delle soube, que ElRey Christianissimo era partido  
a sitiar Perpinhaõ. Com esta noticia sahio de Arrochela a  
buscar a Corte: atreveffou a mayor parte de França, e  
por todos os lugares por onde passou, foy examinando as  
Reliquias de mayor veneração, os edificios de mayor es-  
plendor, e antiguidades de mayor preço. Fez alto em  
Narbona cem leguas de Arrochela: em Narbona achou  
doente ao Cardeal Richilieu de hum a grave enfermidade  
que havia trazido do exercito, e no mesmo dia por me-  
lhorar de sitio havia sahido em hum leito aos hombros  
dos soldados (que nem aos que seguem este generoso ex-  
ercicio são os validos pezaes) para Buciers, cinco le-  
guas distante. O Conde mandou ao Secretario da em-  
baixada pela posta a dar conta ao Cardeal de como havia che-  
gado: o mesmo aviso fez a ElRey ao exercito, que lhe or-  
denou passasse a Buciers, dizendo-lhe que a incomodi-  
dade que havia no exercito para o receber, fazia força  
a dilação. Dentro de poucos dias veyo ElRey doente  
para Buciers, e seguindo os mesmos passos do Cardeal,  
passou a Avinhaõ, donde o seguiu o Conde da Vidigueira:  
foy de Avinhaõ a Pariz, e acabando a vida naquelles dias  
a Rainha Mãe, se deteve ElRey alguns dias em Fonte-  
Nebló. Tanto que ElRey chegou a Pariz, deu audien-

*Tem audiencia  
delRey o Conde  
da Vidigueira.*

Anno

1642.

*Morte do Cardeal Richilieu.*

*Succede o Cardeal Maffarini.*

*Passa a Holanda Francisco de Andrade Leitão*

cia ao Conde. Foy conduzido de huma quinta, onde estava fóra da Cidade, do Marichal de S. Luca, e recebido o ElRey, e a Rainha com todas as ceremonias costumadas, lhe nomeárao Chavigni Secretado de Estado dos negocios fóra do Reino. para conferir os da sua embaixada. Os primeiros que o Conde tratou com mais calor, forão a liberdade do Infante D Duarte, e de que o Summo Pontifice aceitasse a embaixada do Bispo de Lamego. Porém nem huma, nem outra cousa teve effeito, pelas razoes acima declaradas. Tratou o Conde com todo o calor da liga formal entre as duas Coroa: porém, tendo dado principio a este negocio com boas esperanças de o conseguir, acabou a vida o Cardeal Duque de Richilieu, e variando no governo de França todos os Ministros, começou a tratar de novo com o Cardeal Julio Maffarini, que succedeo ao de Richilieu, elegendo o ElRey por primeiro Ministro daquella Coroa. Continuou o Conde as negociações propostas, e outras de grande importancia com o successo, que em seu lugar referiremos.

Huma das materias que neste tempo dava a ElRey mayor cuidado, era a perda de Angola, S. Thomé, e Maranhã: porque recuperar tantos lugares por força em partes tão diversas, parecia muito difficil, durando a guerra dos Castelhanos, e sendo os Holandezes tão poderosos; e reduzir os Estados com razoes depois de estarem de posse, havendo elles sido Authores de toda a cavilação, era quasi impraticavel. Porém como outros relevantes respeito: faziaõ forçosa esta diligencia, não sendo menos consideravel mostrar ao mundo o enganoso procedimento dos Holandezes, mandou ElRey ordem a Francisco de Andrade Leitão, que assistia em Inglaterra; para que passasse a Holanda a representar aos Estados o injusto procedimento dos Governadores Holandezes, que assistiaõ no Brasil: porque quando não conseguisse o effeito que se procurava, ao menos entenderia a resolução dos Estados, para se procurarem os meyo: de recuperar os damnos padecidos no Brasil. Logo que Francisco de Andrade recebeu a ordem delRey, passou de Londres a Holanda: tanto que chegou a Haya, não lhe dilatando



PARTE I. LIVRO VI. 407

Anno

1642.

*Oração que fez  
aos Estados.*

os Ministros a audiencia que pedio, lhes n ostriou em  
hũa larga oração: „ A injustiça com que os Hollande-  
„ zes do Brasil haviaõ occupado o Reino de Angola, S.  
„ Thomé, e Maranhão, tendo ja noticia certa de que  
„ ElRey D. João era acclamado em Portugal, e de que  
„ aquelles Estados haviaõ admittido Tristaõ de Mendo-  
„ ça seu Embaixador, e ajustado com elle treguas por dez  
„ annos, assim desta, como daquella parte da Linha, e  
„ de que as forças dos Estados se haviõ unido ás de Por-  
„ tugal, em prejuizo delRey Catholico, inimigo de hu-  
„ ma, e outra Nação; e que além de terem por muitas  
„ vias a certeza de todos estes successos, os Governado-  
„ res das Praças, que cautelosamente rendêraõ, quando  
„ chegáraõ a ellas, lhe fizeraõ presente tudo o referido  
„ para que em nenhum tempo podessem cobrir o seu en-  
„ gano com a capa da ignorancia: e que sem embaço  
„ destas admoestaçoens, se haviaõ mettido de posse das  
„ Praças, fazendo se inimigos daquelles que os receberaõ  
„ como hospedes; e que convencidos das razoes que  
„ os Governadores Portuguezes lhe representaraõ, res-  
„ pondêraõ, que haviaõ dado conta aquelles Estados,  
„ cuja resolução esperavaõ para seguir o que lhes orde-  
„ nassem: o que supposto, ficava claro, e sem duvida  
„ haverem procedido os Hollandezes do Brasil com des-  
„ ordenada cubiça, offendendo o direito das gentes, a fè  
„ publica, a confiança, e singileza natural de que Tris-  
„ taõ de Mendoça havia usado nas capitulaçoens feitas  
„ com aquelles Estados, a verdade constante da palavra  
„ que lhe deraõ, o intento pacifico da embaixada, a can-  
„ dida, e liza tenção que ElRey teve quando a despe-  
„ dio, e confirmou o assento della. E que supostos to-  
„ dos estes antecedentes, para que não houvesse no mun-  
„ do quem erradamente imaginasse, que as Provincias  
„ Unidas cooperavaõ em acção tão iniqua, e que de  
„ presente era escandalo universal, esperava não só que  
„ os Estados mandassem restituir a ElRey tudo o que na  
„ America, e Africa se havia usurpado injustamente, sei-  
„ não que sentissem os Authores da culpa com exemplar  
„ castigo a gravidade della: porque havendo qualquer  
„ omil;

## 408 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

„ omittão nas duas precisas demonstraçoens, que cauão  
„ se poderia dar no mundo á fé publica, vendo-se a paz  
„ em todos os seculos sacrosanta, neste caso indignamen-  
„ te violada? E que a interpretação que alguns costuma-  
„ dos ás subtilizas do comércio davaõ aos capitulos da  
„ paz, era tão indigna, que se corria de refutalla diante  
„ de tão illustre Congresso: porque o tempo que se deu  
„ para se publicar a paz nas conquistas, era lizamente o  
„ que pareceo necessario para chegarem a ellas os Embai-  
„ xadores que levassem os traslados dos capitulos, e que  
„ durante este prazo, sendo notoria no Brasil a paz, tão  
„ obrigados estavaõ a guardalla os Holandezes da Ame-  
„ rica, como os da Europa, senão queriaõ encorrer na  
„ Ley Civil dos Romanos, que chama dolo a não se dar  
„ credito ao que todos crem, e dizem em algum lugar:  
„ e que entendendo-se esta ley em huma só parte, se po-  
„ deria forçosamente explicar em tantos lugares, como  
„ foraõ os em que no Brasil se publicou a acclamação  
„ delRey. Que por estas razoes (e outras muitas que  
„ *accrefcentou*) esperava ElRey seu senhor, que os Esta-  
„ dos gloriosos em tantas acçoens militares, e politicas  
„ não havião de querer desluzillas, usurpando cautelo-  
„ samente as Praças, e Lugares que lhes não pertenciaõ.  
Este bem fundado discurso pedia hũa Armada muito  
poderosa para passar ao Brasil, quando os Holandezes  
não admittissem as proposiçoens delle: porem os Holan-  
dezes, desprezando o pouco damno que podiaõ receber  
das nossas armas, fizeraõ pouco caso das nossas queixas.  
Mas não passou muito tempo, que não mostrasse Deos  
que accodia pela nossa justiça.

ElRey achando-se dependente, tratou de con-  
temporizar, em quanto se não pode satisfazer, e pouco  
a pouco foy melhorando todas as disposiçoens. Conside-  
rando que nas primeiras Cortes, que no principio do an-  
no de 1641 havia celebrado, não tinhaõ os Povos consi-  
gnado os effeitos necessarios para assistir ás grandes despe-  
zas, que fazia a guerra, os convocou segunda vez a 18  
de Setembro. Celebraraõ-se na sala dos Tudescos com as  
ceremonias costumeiras. Repartiraõ os tres Estados pe-  
los

Segundas Cor-  
tes.



los Conventos de Santo Eloy, S. Domingos, e S. Francisco: ao primeiro foy o da Nobreza, ao segundo o Ecclesiastico, ao terceiro o dos Povos. Foy proposta, que ElRey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos que se orçou nas primeiras Cortes, que era necessario para defender as fronteiras do Reino, se não podiaõ sustentar com menos de dous milhões e quatrocentos mil cruzados, que a este respeito se apontassem os meyos mais suaves de se tirar do Reino este dinheiro. Depois de varias consultas, concordáraõ os tres Estados, que as decimas eraõ o caminho mais proprio, e o tributo mais igual, de que se podia usar: porẽm declaráraõ os Povos, que na contribuiçaõ havia de ficar o seu corpo separado, para que se foubesse o que cada hum dos tres dispendia, e não viesse a cair no Povo, como menos poderoso, o mayor pezo. Os Ecclesiasticos, e a Nobreza uniraõ-se contra esta proposta, não querendo desunir-se na contribuiçaõ. Repetiraõ os Povos as instancias. Mandou ElRey persuadir aos Procuradores pelo Secretario de Estado Francisco de Lucena. Ajudavaõ o designio delRey o Marquez de Montalvaõ, e Duarte Alvares de Abreu Defembargador dos Aggravos, que eraõ Procuradores de Lisboa. Propoz o Secretario de Estado, que ElRey offerecia do patrimonio Real, e das assignações, que lhe tocavaõ, prefazer novecentos mil cruzados, e que queria que os tres Estados sem separação pagassem hum milhão e quinhentos mil cruzados das decimas das fazendas. Os Procuradores dos Povos vendo esta resolução, e domesticos com as negociaçoens os que estavaõ mais asperos, se reduziraõ á vontade delRey, e veyo tem separação a ficar assentado o tributo dos dous milhoens e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra. Nestas Cortes se deraõ a ElRey varios papeis sobre o procedimento dos Ministros de que se servia. Resultou o mayor effeito de huma petição que se fez contra Francisco de Lucena assinnada por muitos Procuradores dos tres Estados do Reino, e presentáraõ-na a ElRey alguns dos Ministros de mayor esfera. Francisco de Lucena havia assistido em Madrid com a occupação de Secretario do

Anno

1642.

*Proposta d'el Rey.*

*Assenta-se a contribuiçaõ.*

*Petiçaõ contra Francisco de Lucena Secretario de Estado.*

Anno

1642.

*He prezo em  
São Gião.*

*Sabe a Armada  
a correr a  
Costa.*

*Toma-se na  
Ilha Terceira  
dous navios de  
Indias.*

do Conselho de Portugal: por industria de seus inimigos o tinha mandado ElRey D. Filippe para este Reino por Secretario das Mercês. Neste exercicio o achou a acclamação delRey, e inculcado pela sua grande capacidade, o elegêraõ os Governadores para servir de Secretario de Estado, até que ElRey chegasse: porque ainda que elle no tempo de Castella havia encontrado os interesses da Casa de Bragança, era conhecidamente iaímigo de Miguel de Vasconcellos. Deulhe ElRey a posse do exercicio em que o achou, e satisfez-se de sorte do seu talento, que se accommodava ao seu parecer em todas as materias mais importantes. Este favor incitou a inveja, e provocou a calumnia, e foy occasião da ruina de Francisco de Lucena. Estava prezo em Madrid seu filho Affonso de Lucena, e procurava meynos de o livrar da prizaõ, ou ao menos de lha suavizar: cresceo de sorte a murmuraçã desta diligencia, que passou a fazer suspeitoza a sua fidelidade. E este foy o fundamento dos capitulos que se derã contra elle, de que se originou mandallo ElRey prezo para a Fortaleza de S. Gião; porque ainda que na sua opiniaõ era innocente, e havia dado consentimento ás diligencias que Francisco de Lucena fazia pelo alivio da prizaõ de seu filho, erã tantas as pessoas, e de tanta authoridade as que se fizeraõ partes neste negocio, que lhe pareceo a ElRey preciso satisfazellas. E desta reloluçã veyo a resultar a Francisco de Lucena a ultima calamidade, como em seu lugar diremos.

Nesta annõ mandou ElRey a Armada a correr a Costa: era General della Antonio Telles de Menezes, Almirante Cosme do Couto, que havia passado de Castella a servir este Reino. Levava a Armada 15 navios de guerra, e tres de fogo, que guarneciaõ 2500 Infantes: recolheo-se na entrada do Inverno sem mais effeito, que segurar os nossos mares. Melhor empreza conseguiraõ na Ilha Terceira os soldados da Fortaleza de S. Filippe: porque chegando a ella dous navios de Indias na fé de que se conservava sujeta a ElRey de Castella, quando reconhecerã o engano, achãraõ inevitavel o perigo, foraõ remettidos a Lisboa, e interessou ElRey nellea confidavel fazenda.

Neste



Anno

1642.

*Sucessos do Barão  
fil de que he Go-  
vernador An-  
tonio Telles da  
Silva.*

*Antonio Moniz  
Barreto se le-  
vanta no Ma-  
ranhão contra  
os Hollandezes.*

Em quanto duráraõ estes successos em Portugal, não estiveraõ socegadas as armas no Brasil. Mandou El-Rey por Governador daquelle Estado Antonio Telles da Silva. Tanto que chegou á Bahia, procedeo contra os tres que governavaõ, pelas offensas feitas ao Marquez de Montalvaõ. Mandou prezos pa a Lisboa Luiz Barbalho, e Lourenço de Britto. A Luiz Barbalho perdoou El-Rey, por se averiguar, que os seus erros procederaõ mais do entendimento que da vontade. Lourenço de Britto esteve muitos annos prezo na cadeia publica de Lisboa. Ao Bispo fez Antonio Telles repor todos os ordenados, que havia levado. Neste tempo conseguiraõ os moradores do Maranhão, sem mais socorro que o estímulo dos aggravos que receberaõ dos Hollandezes, gloriosa satisfação de tantas offensas. Depois de occupado o Maranhão guarneceraõ os Hollandezes a Cidade, e repartiraõ 300 soldados pelos Engenhos da terra firme. Huns, e outros com a sobribe de injustos vencedores se licenciaraõ de fôrte, que não perdoando ao sagrado, nem ao profano, em todos os lugares viaõ lastimosamente os Portuguezes as Igrjas, e as honras offendidas. Eraõ mayores os excessos dos que habitavaõ nos Engenhos, e assim foraõ os pri neiros que padeceraõ o castigo. Desenganados os Portuguezes de que lhe não valia, nem aparentarem-se com os Hollandezes casando-os com suas filhas, nem queixarem-se ao Governador, como repetidas vezes fizeraõ, appelláraõ para o valor de seus braços, nos quaes por antiga disposiçaõ da natureza, acharaõ sempre o mais efficaaz remedio. Elegeraõ por superior acertadamente Antonio Moniz Barreto, que havia exercitado o posto de Capitão mór da Cidade com grande opiniaõ de soldado pratico, e valeroso: aceitou elle a occupaçãõ, attendendo assim ao bem publico, como á offensa particular, por haver recebido muito máo trato de vinte Hollandezes, que alojava em hum Engenho, que elles lhe haviaõ deixado. Resoluto em intentar taõ difficil empreza, ajuntou cem Portuguezes, e alguns negros, e huma noite entrou em todos os Engenhos que lhe ficavaõ mais perto, e não ficou Hollandez que com a vila não pagasse os delictos

Tom. I.

Cc

com.

Anno  
1642.

*Ganha o Forte  
do Calvario.*

commettidos. Passou o empenho a mais difficil, e mais generosa vingança; e antes de amanhecer, chegaram a hum forte chamado do Calvario, que os Holandezes guardavam com 70 soldados, e oito peças de artilharia. Conservaram o silencio até que conseguiram matar hum sentinella, que com repetidas vozes acordou aos Holandezes, mas acodiram a tempo que o Forte estava entrado pelo mesmo lugar, em que a sentinella perdeu a vida. Intentaram elles em vão a resistencia: porque a razão, e o valor dos nossos soldados lhes facilitava hum triumpho em cada golpe. Degolaram todos os Holandezes que guardavam o Forte, e sabendo distinguir a razão do aggravo entre os mayores impetos da colera, perdoaram a alguns Francezes. Ganhando o Forte, passou Antonio Moniz sem dilacão à Ilha, por não haver na terra firme outra opposição, intentando conseguir a victoria no descuido dos Holandezes: porém não logrou este acertado discurso; porque hum negro que fugio da terra firme, de tudo o que nelle havia acontecido deu aviso na Cidade. Preveniu-se o Governador, e passaram-se os mais dos Portuguezes, a que chegou esta noticia, a se incorporarem com 30 que Antonio Moniz havia mandado diante. Huns, e outros degolaram 40 soldados Holandezes, que sahiram da Cidade a descobrir a campanha. O dia seguinte chegou Antonio Moniz a se incorporar com os Portuguezes da Ilha, e marchando para a Cidade, se encontrou com hum Capitão Escocês chamado Sandalim, que vinha por Cabo de 120 Holandezes a reconhecer o seu intento. Tanto que huns, e outros se avistaram, resolutamente se investiram: porém não valendo ao Escocês o valor com que pelejou, foy derrotado não escapando mais que cinco Holandezes. Logrou Antonio Moniz neste successo, não só conseguirlo sem perder mais que dous soldados, mas ganhou nelle armas para os que conduzia, de que tinha grande falta. Animado do favor da fortuna se resolveo a sitiar a Cidade com pouca gente, falta de polvora, e instrumentos. Chegou a ella, ganhou logo alguns postos, e fortificou-se nelles, querendo ter os Holandezes opprimidos, quando não pudessem conquistallos: fizeram elles algumas fortidas.

*Derrota os Ho-  
landezes.*

*Sitia a Cidade.*



PARTE I. LIVRO VI. 413

tidas, e de todas se recolherão com grande perda. Continuou o sitio, e como os mayores successos d'elle se conseguiraõ com a restauraçã da Cidade no anno de 1643, daremos em seu lugar esta noticia, por não sahirmos da ordem da historia. No Reino de Angola se passou este anno com grande oppressão, conservando-se Pedro Cesar nos Lugares apontados, sem se offerecer occasiã digna de referir. Em S. Thomé guarnecêrão os Hollandezes só as fortificações, e deixaraõ livres aos moradores a Cidade, e mais Lugares, que de antes occupavaõ, obrigando-os a que lhe pagassem a contribuição que costumávaõ dar a Portugal. ElRey tendo noticia do que succedia em S. Thomé, mandou por Governador daquella Ilha a Lourenço Pires de Tavora com ordem, que usasse do tempo conforme as occasioens que lhe offercesse a fortuna. Chegou elle a S. Thomé, e sem contradição tomou posse do governo, e se foy dispondo para conseguir o que ElRey lhe ordenava. Passados alguns annos veyo a corresponder felizmente o successo ao intento.

Anno  
1642.

Continuou no Estado da India a guerra com os *Successos da India.* Hollandezes na mesma fórma que a deixamos o anno antecedente, não podendo prevalecer as diligencias que o Viso-Rey fazia por effectuar a Tregoa, e os requerimentos, e protestos, que por repetidas vezes mandou fazer ao General da Armada, que assistia na Barra de Goa, de que corriaõ por sua conta todas as perdas, e damnos; que de guerra taõ injusta sobreviesse. Porem os Hollandezes, idolatras do interesse, não attendiaõ mais que ao fim pertendido, de ficarem senhores da India nesta occasiã, em que consideravaõ, por todas as circumstancias, as nossas forças mais debilitadas. Teve noticia o Viso-Rey de que em Ceilaõ intentavaõ sitiar Columbo, e que ao mesmo tempo determinavaõ ganhar S. Thomé, e Jafanapataõ, e que para este effeito haviaõ sahido de Batavia seis navios de guerra a se incorporar com outros quatro, que se separavaõ da Armada, que estava sobre a barra de Goa. O Viso-Rey embaraçado com taõ diferentes, e vigorosos cuidados, não se achando com poder para mandar soccorro ao mesmo tempo a todos os Lugares que

Anno  
1642.

#### 414 PORTUGAL RESTAURADO,

que os Holandezes ameaçavaõ, ordenou a Domingos Ferreira Belliãgo, que era Capitaõ mór da Armada do Cabo de Comorim, que seguisse os quatro navios Holandezes, que haviaõ sahido de Goa, costeando ate Cochim; e que naõ achando naquelle Reino noticia do intento dos Holandezes, chegasse ao Cabo de Comorim, e a todo o risco soccorresse a Praça que elles ententassem invadir. E porque a Armada de Domingos Ferreira naõ era muito poderosa, ordenou o Viso Rey a D. Alvaro de Attaide, que com nove navios se incorporasse com elle, e seguisse a sua ordem. Neste tempo appareceraõ nos mares de Ceilaõ doze navios Holandezes, e intentando lançar em Negumbo gente em terra, desvaneceu a sua resoluçaõ o valor com que os do presidio se deliberaraõ á defenõsa da Praça, e fizeraõ-se na volta de Calature, mostrando que seguisõ o intento de atacar Jafanapataõ. D. Philippe Mascarenhas accodio promptamente a soccorrer Jafanapataõ; mandou-lhe artilharia, e muniçoens, e despadio hu n navio, e oito galeotas a se incorporarem com Domingos Ferreira; e juntamente passou ordem a Francisco de Seixas, que com 400 homens marchasse para aquella parte. O mesmo receyo com que neste tempo passavamos dos Holandezes, tinhaõ elles de que intentassem recuperar a Fortaleza de Gále. Para se segurarem desta suspeita, mandaraõ a'guns navios que continuamente assistissem na boca da barra, por ser o ataque pela parte do mar, o que avaliavaõ por mais perigoso: porque a conduçõ da artilharia por terra era muito difficullosa. Vendo D. Philippe as difficuldades de ganhar Gále por força, dete minou conquistalla por acedio: porque tiradas as commodidades da campanha, poderia conseguirse largarem os Holandezes a Fortaleza. Porém como pela parte do mar estavaõ livres os soccorros, parecia infructuoso este empenho, de que podera tirallo a ordem do Viso Rey, que chegou a sete de Outubro, de estarem ajustadas as tre-goas com os Holandezes entre ElRey, e os Estados por dez annos, na fórma, e com as condiçoens que fica referido: mas naõ pode conseguir, que o Governador da Fortaleza de Gále Joaõ Mattheus quizesse sujeitar-se a esta noti-



PARTE I. LIVRO VI. 415

noticia; que lhe mandou fazer presente por Lourenço Pereira de Brito; usando da mesma cautela, de que se valerão os que estavam na barra de Goa: respondeo, que sem ordem do seu General, que assistia em Battavia, que era naquelle tempo Antonio Wandamien, não podia alterar o estado da guerra, e se resolvia a continualla. Com esta reposta, e sem outro effeito seguirão o mesmo estio: lo os negocios da India até o fim deste anno que acabamos de escrever. Sahirão neste tempo da barra de Lisboa para soccorro da India os Galeoens S. Bento, de que era Capitão mór D. João da Gamma, e N. Senhora de Penha de França, que governava João da Costa, os Patachos N. Senhora do Rosario, e N. Senhora da Oliveira, governados por Antonio Cabral, e Pedro de Oliveira. S. Bento perdeu-se em Moçambique, salvou-se parte da gente; e o Capitão mór, que falleceo em terra dentro de poucos dias. Destas, e de outras desgraças succedidas na viagem, e guerra da India se originou a opiniaõ, de que seria facil fabricar-se huma calçada de ossos, que chegasse de Portugal à Goa, em que se contaõ mais de 5500 leguas de distancia, se se dera caso que se pudessem ajuntar os corpos dos Portuguezes mortos nesta arrojada, e gloriosa conquista. Porem os animos grandes não costumão desviar-se de empresas difficultosas; antes se incitaõ mais quando as consideraõ menos factiveis: tendo por certo o triumpho ou na execuçaõ, ou ao menos no intento.

Entrou o anno de 1643, e tanto que cessou o rigor do Inverno, tornou a triar-se o exercicio da guerra em todas as Províncias de Portugal. O Conde de Obidos, que governava Alemtejo, passou a Lisboa com licença delRey a receber-se com Dona Joanna Mascarenhas filha de seu irmão o Conde de Santa Cruz: ficou governando a Provincia o Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos. Foy o primeiro bom successo do seu governo mandar a Villar delRey o Coronel Til com o Regimento de Hollandezes que governava, a que se unirão as Tropas de Campo Mayor. Marcharão todos de noite, ao amanhecer lançarão 40 Cavallos a pegar no gado que

Tom. I.

Cc iii

fahia

Anno

1642.

*Não que passa  
rá á India.*

Anno

1643.

*Successos de  
Alemtejo,*

*O Coronel Til  
derrota 50 Cas-  
telhanos.*

## 416 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1643.

Rompe o Com-  
missario Gaspar  
Pinto huma  
Tropa.

sahia da Villa : sahio della huma Companhia de Cavallos com cincoenta Infantes, e empenháro-se com tanta imprudencia, que todos foraõ derrotados, e os mais delles ficaram mortos. Retiráro-se as nossas Tropas sem oppozição da Cavallaria de Badajoz : porque havia marchado a noite antecedente para Valverde, acodindo a huma rebata que a este fim se lhe deu de Olivença. Passados poucos dias juntou Joanne Mendes seiscentos Cavallos, e entregou-os a D. Rodrigo de Castro, Tenente General da Cavallaria, ordenando-lhe, que antes de amanhecer se embolcasse na ribeira de Alcarrache, desta parte de Guadiana, visinha a Badajoz : Joanne Mendes com dous mil Infantes fez alto nas vinhas das Caldeiras, que ficaõ junto a Caya, por onde este rio entra em Guadiana. Era o fim derrotar as Tropas de Badajoz, que costumavaõ vir á forragem áquelle sitio. Não succedeo sahirem no dia que as esperavaõ por passarem mostra. Defenganado D. Rodrigo, mandou quarenta Cavallos que carregassem as sentinelas até a ponte que remata na porta de Badajoz, que olha para Portugal. Assim o executáraõ, sahirão da Cidade duzentos Cavallos, vieraõ carregando os quarenta que com boa fortuna os meteraõ na emboscada, se D. Rodrigo senão anticipára a sair della, de que resultou retirarem-se os Castelhanos sem damno consideravel. Sentio Joanne Mendes tanto esta desordem, que mandou prender D. Rodrigo : mas durou-lhe o castigo poucos dias. Joanne Mendes, desejando fazer gloriosos os principios do seu governo, mandou ao Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana, que fosse armar as duas Tropas que estavaõ no Almendral ; Villa cinco leguas de Olivença. Derrotou o Commissario humas das Tropas, matando o Capitaõ della, e retirou-se com brevidade, receando as muitas Tropas do inimigo, que estavaõ alojadas em varios quarteis visinhos ao Almendral, e achou, segurando-lhe o porto da ribeira de Olivença, ao Mestre de Campo André de Albuquerque, que de Capitaõ de Infantaria havia passado a este posto pelo grande valor, e capacidade que mostrava. D. João de Garay, em satisfação destas entradas, juntou a Cavallaria, parte da Infantaria das Praças visinhas, e cor-  
reo



reio a campanha de Santa Olaya, duas leguas de Elvas, com grande prejuizo dos lavradores. Não foy possível a Joanne Mendes impedir esta entrada pela desigualdade do poder: buscou a satisfação tornando a unir a Cavallaria, marchou com ella D. Rodrigo de Castro a armar ás Tropas de Albuquerque, succedeo-lhe tão felizmente que as derrotou, tomandolhe 80 Cavallos. Sentio D. João de Garay igualmente este successo ao que experimentava de se lhe passarem de 600 Napolitanos, que haviaõ chegado montados a Badajoz, a mayor parte a Portugal: quiz evitar este damno, espalhando, que tanto que chegavaõ ás nossas Praças lhes tiravaõ as vidas. Desbaratou Joanne Mendes esta industria, mandando aos que se passavaõ que escrevessem varios papeis, nos quaes declarassem o bom tratamento que recebiam. Foraõ lançados em Badajoz, e em outros lugares de Castella, de que resultou continuarem os Napolitanos de forte em se passarem para este Reino, que foy necessario a D. João de Garay desmontar a mayor parte delles: e estimulado destas, e de outras desordens que experimentava; sem poder remedialas, pedio licença a El Rey para ir a Madrid. Permittiolha, e succedeo-lhe D. Diogo de Benavides, que com o titulo de Mestre de Campo General ficou governando o exercito. Tanto que chegou a Badajoz, reconhecendo todos os sitios visinhos daquella Praça, parecendo-lhe importante o lugar de Telena o mandou guarnecer de Infantaria, e levantar-lhe huma trincheira. Teve Joanne Mendes esta noticia, e determinou livrar-se deste embaraço: juntou mil Cavallos, e 3000 Infantes passou Guadiana, entrou o lugar facilmente arrazou o, e poz-lhe o fogo, e deixou-o incapaz de se guarnecer sem nova fortificação. D. Diogo de Benavides achando-se com inferior poder, não quiz arrojarse ao empenho difficil de se oppor a este intento, e Joanne Mendes se retirou a Elvas. Poucos dias depois deste successo, teve aviso que os Castelhanos mandavaõ duas Tropas segurar o gado que pastava entre Xevora, e Guadiana. Ao nascente defronte de Badajoz entra em Guadiana Xevora: e porque de Inverno corre impetuoso, tem huma ponte

Anno

1643.

*Derrota D. Rodrigo de Castro as Tropas de Albuquerque.*

*Passaõse muitos Napolitanos a este Reino.*

*Retirase do governo D. João de Garay. Succede-lhe D. Diogo de Benavides*

*Ganha Joanne Mendes de Vasscellos Telena*

Anno  
1643.

*Escaramuça em  
Badajoz, em q  
foy prezo Dom  
Francisco de Al-  
mada.*

*Derrotã os Ca-  
stelhanos huma  
Tropa de Elvas.*

*Derrota Joã  
de Saldanha em  
Albuquerque  
200 Infantes.*

bem fabricada, meya legua desta Cidade. Marchou Dom Rodrigo de Castro de Campo Mayor, e o Mestre de Campo Ayres de Saldanha; e unindo-se-lhe as Tropas de Elvas, ajuntáraõ quinhentos Cavallos, e seis Companhias de Infantaria: passou D. Rodrigo com a Cavallaria o mais perto da ponte que lhe foy possível, para dar calor ao Coronel Til, que com o seu Regimento de Hollandezes se havia adiantado a hum vale encuberto do Forte de São Christovão, e Ayres de Saldanha ficou segurando hum porto de Xevora. Sahiraõ pela manhã trinta Cavallos de Badajoz, a que davaõ calor as duas Tropas destinadas para comboy do gado: avançaraõ os Hollandezes, tomáraõ quinze Cavallos, os mais se retiráraõ para as duas Tropas, e todos á ponte de Badajoz. Montou ao rebate a Cavallaria daquella Praça, e sahio della governada pelo Commissario Geral D. Joã Baptista Filo Marino: carregou elle com tanto impeto os Hollandezes, que os obrigou a se retirarem. Soccoreo os D. Rodrigo, e fizeraõ alto os Castelhanos: travou-se huma bem contendida escaramuça, esforçáraõ-se os soccorros de huma, e outra parte; ultimamente avançou D. Rodrigo com todas as Tropas, cederaõ os Castelhanos, e retiráraõ-se ao Forte de S. Christovão, e deixando morto o Commissario Geral, leváraõ prisioneiro a D. Francisco de Almada, porque se lhe desenfreou o cavallo, e sem poderem soccorrello, fometeo entre os Castelhanos. Mandáraõ-no para Madrid, e trocáraõ-no depois pelo Marquez de la Puebla: vive hoje Religioso da Companhia de JESUS com grande exemplo, e lettras. Retirou-se D. Rodrigo; e ficáraõ de hũa, e outra parte alguns mortos na campanha. Os Castelhanos o dia seguinte derrotáraõ na campanha de Elvas junto a Atalaya de Uveda a companhia de Cavallos de Antonio do Canto de Castro, não se achando elle presente. Estavaõ os Cavallos desmontados, e não haviaõ as tentinellas occupado os postos convenientes; salváraõ-se só alguns soldados que se recolheraõ á Atalaya. Tomou Joã de Saldanha da Gama satisfação desta offensa: sahio de Campo Mayor com as Tropas, e Terços daquella guarnição, e derrotou em Albuquerque duzentos Infantes, que



PARTE I. LIVRO VI. 419

que com pouca cautela achou fóra da Praça; perderão a vida os mais dos soldados, e trouxe os Officiaes prisioneiros. Em quanto em Alemtéjo succediaõ estes breves encontros, e outros de menos importancia, preparava ElRey o exercito, que no Outono seguinte determinava que sahisse em campanha. Os annos antecedentes se tinha ventilado esta materia, e ElRey havia prudentemente dilatado a execucao, considerando as poucas forças do Reino, arruinado do governo de Castella, e a pouca experiencia dos soldados. Porém tendo ja quasi trez annos de exercicio, e havendo-se augmentado as fortificaçoens, e sobre tudo querendo satisfazer ás instancias delRey de França, que desejava divertir o poder dos Castelhanos da Catalunha, sendo esta guerra hum dos mayores fundamentos da conservação de Portugal; por estes, e outras razoes muito consideraveis, resolveo ElRey que o exercito sahisse em campanha, e juntamente assistir em Evora todo o tempo que durasse, assim para que todos seus Vassallos accodissem ao exercito, como para que não faltassem nelle os soccorros, e provimeatos, e a Praças da Provincia estivessem seguras de qualquer diverso, que os Castelhanos intentassem. Tomada esta resolução, e ajustadas todas as prevençoens, declarou ElRey que a Rainha D. Luiza ficava em Lisboa governando em sua ausencia, e nomeou para lhe assistirem no governo a D. Manoel da Cunha Bispo Capellaõ mór, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho á tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de gallas militares: foy á Sé a benzer o Estendarte, que entregou a D. Francisco Coutinho Conde de Redondo seu Alferes mór: sem voltar ao Paço entrou em hum bergantim, e passou a Aldea Galega, donde partio o dia seguinte, e avison a Evora que havia de entrar de noite naquella Cidade; e não bastou esta prevencao para deter o povo que sahio a esperallo com tanta alegria, que annunciava o bom successo da campanha. Estavaõ prevenidas para ElRey as casas do Conde de Baflo, onde esteve até 30 do mesmo mez, dia em que entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e magni-

Anno

1643.

*Resolve ElRey  
passar a Alemtéjo, e que se  
que governando  
a Rainha.*

*Entra ElRey em  
Evora.*

## 420 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

*Sahio o Exercito  
em campanha.*

magnificas festas. A 7 de Agosto passou El Rey encuberto a Lisboa a ver a Rainha, que havia deixado em vestidas do parto, de que nasceu o Infante D. Affonso, que depois succedeo no Reino: porém vendo que a dilação era mayor do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com toda a attenção foy dispondo as prevenções que faltavao para sahir o Exercito no mez de Setembro seguinte em campanha, tempo em que o Sol vay perdendo a força incontrastavel do verão na Provincia de Alentejo. Havendo chegado a Elvas as levas de Cavallaria, e Infantaria, e todas as carruagens, sahio o Exercito daquelle Cidade a seis de Setembro, governado pelo Conde de Obidos; era seu Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro mor, da Artilharia Dom João da Costa, posto a que pouco antes havia passado. Constava o Exercito de doze mil Infantes, dois mil Cavallos, dez peças de artilharia de Campanha, dois morteiros, e varios instrumentos de expugnação, esmaltava-se com a mayor parte da Nobreza do Reino, que se dividio pelas Tropas, e Terços de Infantaria, sendo hum dos primeiros que sentárao praça Mathias de Albuquerque, que exercitava o Officio de Soldado, como se não houvera governado pouco tempo antes aquelle Exercito. A Cavallaria se compunha de quatorze Companhias Portuguezas, e de cinco Regimentos, tres Hollandezes, e dois Francezes. Antonio de Saldanha Capitaõ mor da Torre de Belém ficou em Elvas com doze mil Infantes de guarnição, entregue do governo da Provincia. Sahio o Exercito de Elvas ás duas horas da tarde, e ficou alojado desta parte do Guadiana; o dia seguinte passou a ponte de Olivença, onde se incorporárao alguns Terços, e Tropas que faltavao, e fez alto nas hortas de Olivença, Praça que ficou governando D. Gastaõ Continho. Amanheceo, e passou o Exercito a Ribeira de Valverde, e entrou pela Extremadura, havendo 170 annos contados desde o tempo d'El Rey D. Affonso V. que não havia entrado em Castella Exercito de Portugal, aquartelou-se pouco distante de Valverde, Praça destinada para ser o primei-



Anno  
1643.

ro emprego desta campanha. Era Governador de Valverde João Baptista Pinha Tello Napolitano com 120 Infantes pagos Hespanhoes, e Italianos, e 80 Cavallos divididos em duas Tropas: a fortificação não havia melhorado muito, depois que esta Villa a primeira vez foy entrada; e as muitas paredes das hortas, e pomares que a rodeavaõ, davaõ grande commodidade à Infantaria para chegar às trincheiras: os moradores que estavaõ dentro eraõ poucos, havendo sahido a mayor parte delles para os lugares do sertão, por ordem do Conde de Santo Estevão; que havia chegado a Badajoz a governar as Armas da Estramadura, com pouca satisfação dos Castelhanos, pela pouca pratica que havia conseguido na Arte Militar. Na manhã de 10 de Setembro chegou o exercito a Valverde, e havendo o Mestre de Campo General reconhecido os postos, mandou avançar 500 Infantes governados pelos Sargentos mōres Bento Maciel, e Antonio Gallo, com o fim de ganhar huma enclavada vizinha à Praça: occupára-na, desprezando as muitas balas que os Castelhanos atiravaõ das trincheiras. O exercito se dividio em dous quartéis: ficou o Conde de Obidos alojado junto a esta eminencia, a que dava nome humra hermidã de S. Pedro, que nella havia, e o Mestre de Campo General na parte opposta. Repartiraõ-se os Terços, e facilmente foraõ chegando, cobrindo-se com os vallados das vinhas, às trincheiras da Praça as mangas de Mosqueteiros. Defendiaõ-se dellas os Castelhanos com repetidas cargas. João de Saldanha de Sousa (que havia succedido no Terço a D. João da Costa, depois de occupar o posto de Tenente General da Cavallaria da Beira) Ayres de Saldanha, e Estacio Pique ganharaõ humas ruinas quasi iguaes às trincheiras, donde o inimigo recebia consideravel damno. Dom João da Costa fez jugar a artilharia das duas eminencias de S. Pedro, e Martyres com pouco effeito; e por esta causa mandou a Olivença buscar dous meynos canhoens. Em quanto não chegavaõ, molestava a Praça com os morteiros, fazendo nella as bombas damno consideravel. O Conde de Obidos, antes que se passasse a mayor empenho, mandou hum trombeta a persuadir

422 **PORTUGAL RESTAURADO,**Anno  
1643.

seadir ao Governador que se rendesse. Respondeo e le com arrogancia, mostrando desprezar o perigo, fiado na promessa que o Conde de Santo Estevão lhe havia feito de o soccorrer. Ayres de Saldanha, das ruínas onde assistia, deu principio a hum aproche, em que trabalhavaõ igualmente com os soldados as pessoas mais principaes, que andavaõ no Exercito. O Conde de S. Estevão intentou com mil Cavallos, e cento e cincoenta Infantes introduzir soccorro em Valverde pela parte de Albufeira, distante duas leguas desta Praça: porém retirou-se antes de chegar ao Exercito, parecendo-lhe pouco o poder que levava para o desbaratar, e que a Praça não necessitava de guarnição, ficando por este respeito intempestivo o empenho a que se deliberava. Retirou-se para Badajoz, e introduzio em Valverde hum Sargento com aviso ao Governador ) que elle, para se justificar, fez publico quando rendeo a Villa ) em que lhe ordenava que pelejasse em quanto lhe fuisse possível, sem esperar soccorro, porque elle se achava sem forças para tomar este empenho; e que estimaria infinito, que os Portuguezes queimassem toda a Estremadura, para ver se criaõ os Ministros de Madrid, que havia Rey em Portugal, e que tinha Exercito em Castella. Com este desengano vendo o Governador que a artilharia grossa começava a jugar, e que a Infantaria, havendo chegado ás trincheiras, se dispunha para dar o assalto, passados tres dias rendeo a Praça, declarando que capitulava com o Conde de Obidos Governador das Armas do Exercito del Rey de Portugal Titulo, que só a artilharia, que contavaõ por ultima razão dos Reys, obrigava aos Castelhanos naquelle tempo a proferir. Eraõ as condições, que a guarnição sahiria formada, segurando-se-lhe toda a commodidade para passar a Aya monte, lugar de Andaluzia, aonde não poderia entrar senão em principio de Novembro, por se evitar a assistencia daquelle gente na campanha daquelle anno. A mayor parte della ficou em Portugal por sua vontade, principalmente a Napolitana. Tanto que sahio a guarnição, entrou o Exercito em Valverde, e depois de retirada a artilharia, as munições, e bastimentos, e de sahirem os moradores pa-

Rende-se a Praça.  
sa.



para os lugares vizinhos, se poz fogo á Villa, reservando-se a Igreja. Foy de grande utilidade esta empreza: porque Valverde era continua molestia de Olivença, e dos mais lugares vizinhos; e entrando o exercito a camppear com bom successo, lograva-se o fim para que fora formado, que era a reputação das Armas, e a diversão de Catalunha, suspendendo os soccorros daquella parte o cuidado desta. Cinco dias se deteve o Exercito em Valverde, aguardando a Cavallaria, e Infantaria, que havia marchado com os rendidos a Estremoz. Neste tempo chegou avizo ao Conde de Obidos, de que o Conde de Santo Estevão sahira de Badajoz para Merida com a mayor parte da Cavallaria, e Infantaria, e que em Badajoz havia ficado o Conde de Torrejon Mestre de Campo General com muito pouca guarnição. Chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz esta noticia, mostrando afeição a empreza de Badajoz. Não achou contradição nos que votárao, nem fez reparo no pouco numero de gente, e na falta de artilharia grossa, e de outras prevenções, que sem contradição erao voto contrario, passando juntamente pelo escrupulo da obrigação de avisar El Rey estando tao vizinho, não parecendo justo tomar esta resolução sem seu consentimento, porque a ambição de gloria lhe facilitou todos os inconvenientes. Com o intento proposto marchou o Exercito para Badajoz, e na segunda marcha alojou junto das ruínas de Telena, e a legoa que este Lugar dista de Badajoz marchou sem mudar forma. As agoas do Guadiana, que banha as muralhas de Badajoz, serviaõ de trincheira ao lado esquerdo, cobrio o direito todo o Corpo da Cavallaria; marchava de vanguarda o Mestre de Campo Martin Ferreira, soldado de conhecido valor, com tres Companhias de cada Terço. Chegou o Exercito á vista de Badajoz, (situação que descreveremos em lugar mais competente, porque as poucas occasiões que houve nesta empreza não pedem a explicação dos sitios) o inimigo lançou fora algumas Tropas, que sustentárao de baixo da mofquetaria da Praça huma leve escaramuça. Guarnece-  
rao os Castelhanos huns moinhos que estavaõ em Guadiana

Anno

1643.

*Chega o Exercito a Badajoz.*

Anno  
1642.

diana visinhos da muralha : investio-os o Sargento mór Belchior do Crato com trezentos Infantes, e desalojou as mangas que os guarneciaõ favorecidas da artilharia, e mosquetaria da muralha, e sustentou valerosamente este posto, até que por ser inutil á empreza, o mandaraõ retirar. Martim Ferreira havia ganhado huns valla-dos, que ficavaõ na frente do Exercito, e guarneceo-os a-pezar da opposiçaõ, que fizeraõ algumas mangas de mosqueteiros, que os Castelhanos lançaõ da Praça : porém repetindo-se o empenho do inimigo, e conhecendo a pouca importancia do posto, mandou o Conde de Obidos retirar Martim Ferreira, custando a empreza a vida do Capitaõ Manoel Serraõ, e de alguns soldados. O Exercito ficou alojado com a frente em Badajoz, a retaguarda para a parte de Telená, Guadiana cobria o lado esquerdo, o direito os carros de muniçoens, e bagagens, guarnecidos de mangas de mosqueteiros, a Caval-laria no centro, a artilharia na vanguarda, e todo o ex-ercito coberto de oliveiras, que guarneciaõ aquelle sitio. E porque a artilharia da Praça offendia muito os solda-dos, se começou a levantar na frente do exercito huma trincheira : remedio taõ arriscado para os que a fabricá-vaõ, como inutil para o exercito. E esta experiencia fo-ra justo que ensinasse, antes de crescer o damno, ou a se tomar resoluçaõ de atacar, se o poder era capaz da empreza : ou a desviar o exercito do perigo da artilha-ria, em quanto se não deliberava applicallo a outro em-prego : porque nenhum prejuizo he mayor para os ex-ercitos, que verem os soldados acabar inutilmente os que morrem por erro dos que governaõ, costumando fazer neste caso duas inferencias : a primeira, a insuf-ficiencia dos Cabos ; a segunda, a difficuldade dos pre-mios : entendendo que quem não sabe reservarlhes as vidas para os perigos importantes, não sabera avaliar-lhes as acçoens para a satisfacção que merecerem, nat-cendo de huma, e outra desconfiança muito arriscadas consequencias. Vendo o Conde de Obidos os muitos soldados que custava o trabalho da trincheira, e cons-tando-lhe que se murmurava da pouca utilidade desta obra,



obra, para tomar a ultima resolução mandou a Joanne Mendes que fosse reconhecer a Cidade, ordenando que se fizesse juntamente diligencia por tomar lingua para averiguar o estado em que se achava a Praça de muniçoens, e bastimentos. Acompanharão a Joanne Mendes, Mathias de Albuquerque, e o Padre João Paschasio Cosmader, Religioso da Companhia de JESUS de nação Flamengo, natural de Lobaina insigne Mathematico, e que depois com o exercicio das fortificaçoens de Portugal, se fez consumado engenheiro, grangeandolhe a mayor estimação outras muitas partes que lograva. Observarão os tres a disposição da Praça; porém a facilidade que acharão de atacar, por não ter fortificação alguma moderna, encontrou a noticia que ouvirão aos frades Capuchos de hum Convento, que fica fóra de Badajoz, da invocação de S. Gabriel, os quaes lhe segurarão que o Conde de Santo Estevão havia voltado para Badajoz, e que trouxera consigo mil Cavallos, e 4000 Infantes, numero muito superior a qualquer das partes em que se dividisse o exercito, quando se resolvesse a sitiar a Praça. Esta noticia se justificou por varias linguas que se tomaraõ, e logo que Joanne Mendes, e os mais chegarão ao exercito chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz o pouco numero de gente de que se compunha o exercito, o grosso presidio com que se achava em Badajoz o Conde de Santo Estevão, a dilatada circunvalação da Cidade, a visinhança do Inverno, e outras difficuldades que totalmente encontravaõ continuar-se aquelle sitio. Tocou ao Mestre de Campo João de Saldanha de Sousa votar primeiro que os quatro Cabos do exercito, Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallaria, Titulos, e Conselheiros de Guerra, que se achavaõ no exercito, de que se compunha o Conselho, e disse: que elle se não havia achado na primeira conferencia, em que se tomou a resolução de vir aquella Praça; porem que suppunha da capacidade das pessoas que foraõ deste parecer, que o não seguiriaõ sem fundamentos muito solidos de lograr a empreza que intentáraõ; que nesta fé, e juntamente vendo que o exercito senão havia diminuido depois de chegar áquel-

Anno

1643.

*Reconhece Joanne Mendes a Cidade.*

*Voto de João de Saldanha.*

## 426 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

áquella Praça, havendo crecido no empenho o cuidado da reputação do exercito, não via causa bastante que o obrigasse a retirar-se, antes as poucas fortidas do inimigo insinuavaõ, que não era tão grosso o presidio da Praça como as linguas diziaõ; e que se era justo governarem-se pela sua confiança, também ellas affirmavaõ que os soccorros se reconheciaõ impossiveis pelo aperto em que estavaõ os lugares visinhos: e que formar-se exercito de soldados velhos era impossivel, impossibilitando-o o grande empenho da guerra de Catalunha: e que huma, e outra noticia justificava o Conde de Santo Estevão na resolução que tomára de entrar em Badajoz com todo o poder que tinha, pois ficára fóra da Praça, se tivera esperança de formar exercito com que a soccorrer; que os mantimentos, e prevenções para a defenſa da Praça eraõ muito poucos, porque os Castelhanos não haviaõ imaginado que o exercito tomasse a resolução de sitiála; e que por todas estas considerações era de parecer que se fizessem dous quartéis que dividisse Calamon, pequeno rio que entra em Guadiana, e que se mandasse vir de Elvas a artilharia grossa, e todos os instrumentos de expugnação que fossem necessarios, e chegando os soccorros que esperavaõ, que se podião inferir o bo n successo de empreza tão gloriosa, e de tantas consequencias, que merecia exporem-se, pela conseguir a mayores difficuldades; e que ultimamente quando esta opinião parecesse duvidosa, que ElRey estava tão perto, que em nenhum caso sem a sua resolução devia ab-lar-se o exercito dequelle sitio; pois hum dos fins que obrigára a ElRey a vir de Lisboa assistir em Evora, fora decidir as duvidas que se lhe consultassem do exército sem prejudicar a dilação; e que no caso presente, ainda que ElRey não houvesse passado a Evora, era razão que a Lisboa se lhe desse conta do parecer do Conselho, e se esperasse a sua ordem, pois o espaço de tres dias não embaraçava outro qualquer progresso que se intentasse, quando o empenho em que se achavaõ não parecesse conveniente. Foy da mesma opinião D. Nuno Mascarenhas, e Mathias de Albuquerque, e esforçou o seu voto com outras muitas razões não menos for-



forçosas. Todos os mais que seguirão contrario parecer, e Joanne Mendes de Vasconcellos ampliando as razoes de se retirar o exercito, disse: que buscar empenhos difficultosos sem meynos proporcionados era erro indisculpavel, que os Castelhanos defendião Badajoz como a Praça mais principal daquella Provincia, e que por este respeito se achavaõ dentro todos os Cabos, e Officiaes, com tão grosso presidio que excedia a qualquer das partes do exercito que intentava dividido sitiala; que a circunvalação era tão larga, occupando-se o terreno de huma, e outra parte do Guadiana (como era preciso para evitar os soccorros) que se entendia mais de tres leguas, e que só para guarnecer os fortins, e linhas que se levantassem, era necessario dobrado exercito; que se achavaõ sem artilharia grossa para sustentar as batarias que se deviaõ fazer: que a reputação não perigava, pois não haviaõ repartido quartéis, nem começado aproches; e que El Rey dotado de summa prudencia se conformaria com as resoluções mais uteis a seu serviço; e que neste sentido o que só convinha era sitiar outros lugares mais faceis de conseguir, e de muito grande utilidade. Approvou o Conde de Obidos este parecer, e assentaraõ marchar contra Alconchel, Chéles, e Villa Nova del Fresno. Tomada a resolução referida, delalojou o Exercito de Badajoz a 20 de Settembro pela manhã. Custou a assistencia daquelle alojamento 120 soldados, e entre elles o Capitão de Cavallos Antonio Machado da Franca, sentido de todos, por se conhecer nelle singular valor. Os feridos passaraõ de 150. O Conde de Santo Estevão vendo que o Exercito se retirava, fez sahir de Badajoz toda a guarnição, esperando valer-se na retaguarda de alguma desordem: porém a terra era tão cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendo se de mangas de mosqueteiros, impediraõ a resolução da Cavallaria: não conseguindo Joanne Mendes, pelo pouco exercicio militar daquelle tempo, pequeno applauso pela disposição desta retirada. Ficou o Exercito alojado aquella noite em Telena, e deixou destruida toda a campanha visinha a Badajoz. O dia seguinte alojou fora do Alcornocal, que largamente occupa

Anno

1643.

Voto de Joanne Mendes.

Retirase o exercito.

Anno

1643.

*Manda El Rey  
retirar o Conde  
de Obidos, e  
Joanne Men-  
des, e entregar  
o exercito a Ma-  
thias de Albu-  
querque.*

aquella campanha para aparte de Valverde. Passou a al-  
jar na serra de Olor, e naquella noite havendo o Conde  
de Obidos distribuido as ordens para se dar principio ao  
intento proposto, lhe chegou hum correio com resolu-  
ção del Rey, para que elle, e Joanne Mendes de Vas-  
concellos se recolhessem a Lisboa, donde sem nova or-  
dem não sahiriaõ de suas casas, e que o exercito ficasse  
entregue a Mathias de Albuquerque. Foy a causa del-  
Rey despedir esta ordem (que pudera ser muito arriscada,  
a não ter Vassallos tão fieis, e obedientes) o sentimento  
que teve da empreza de Badajoz: porque quando o ex-  
ercito marchou para aquella Praça, foy sem se lhe dar  
conta senão depois de se chegar a ella, e dissimulando  
este enfado com as esperanças que se lhe deraõ de se ga-  
nhar Badajoz, passou apertadas ordens a todo o Reino,  
para que toda a gente capaz de tomar as armas acodisse ao  
exercito, e ordenou todas as mais prevenções pertencen-  
tes ao fim da empreza começada. Vendo pois que os  
mesmos que o obrigaraõ a estas disposições, e a revol-  
ver todo o Reino, haviaõ sem consentimento seu levan-  
tado o sitio de Badajoz, ficando por este successo na sua  
consideração exposto a poderem avaliar-se as suas acções  
por pouco ponderadas, e as suas ordens por intempesti-  
vas, se deliberou a antepor a este perigo todos os mais  
que podiaõ acontecer, e a dar satisfação ao Reino, ti-  
rando do exercito os dous Cabos mayores d'elle. Obede-  
ceraõ elles promptamente, e despedindose Joanne Men-  
des de Mathias de Albuquerque, lembrado do seu voto em  
Badajoz, e suspeitando que fora arrificio para conseguir  
este successo, lhe disse: Agora tomará V. Senhoria Bada-  
joz Mathias de Albuquerque, que era discreto, e pru-  
dente lhe respondeo: Mal poderey eu intentar empreza;  
que V. Senhoria sendo tão grande Soldado não pode con-  
seguir. Naquella noite sahiraõ os dous do exercito, e fi-  
cou entregue a Mathias de Albuquerque com grande sa-  
tisfação dos soldados, de quem era summamente amado,  
assim pelas virtudes, que reconheciaõ no seu animo, co-  
mo pelo grande cuidado que tinha de lhes procurar to-  
das as commodidades. Esta mudança de governo foy util  
aos



Anno  
1643.

aos Portuguezes moradores de Badajaz : porque o Conde de Santo Estevão não entendendo o fim que o Exercito tivera para fítiar aquella Praça, e se retirar sem accidente algum, suspeitou que fora intelligencia, e concerto entre elles, e os Cabos do Exercito, para entregarem Badajoz. Quando o Conde sahio desta Praça para Merida com esta suspeita, os mandou prender, e pôr alguns a tormento; porem constando-lhe a demonstração que ElRey havia feito com os dous Cabos principaes do Exercito, conhecendo a innocencia dos moradores, mandou soltallos.

Mathias de Albuquerque, não alterando a disposição do Conde de Obidos, despedio o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria, e quinhentos Infantes a queimar as Villas de Albufeira, Almendral, e Torre; todas de dilatada povoação. Chegando a ellas o Monteiro mór, achou-as sem gente, mandou-lhes pôr o fogo, reservando as Igrejas, e hum Convento de freiras que haviano Almendral, e voltando para o Exercito, o achou aquartelado na ferra de Olor, que fica junto a Olivença da outra parte daquella Praça. O dia seguinte, que eraõ 29 de Setembro, marchou Mathias de Albuquerque contra Alconchel, e levou de Olivença dous meynos canhões, ainda que com pouca esperança de serem de utilidade, pela grande aspereza do sitio em que o Castello está fabricado. Alconchel fica tres leguas de Olivença para a parte de Xerês, a Villa que se compunha de seiscentos visinhos, se estendia pela campanha, a hum lado della, olhando a Portugal, se levanta o Castello, tão antigo, que o ganhou aos Mouros ElRey D. Affonso Henriques no anno de 1166, occupa o alto de hum levantado monte, sem haver nelle mais sitio, que o que foy necessario para fabricar o Castello, sendo precipicio toda a circumferencia. Sobese ao Castello por hum estreito, e aspero caminho, que tem principio com diferentes voltas na Igreja da Villa. Estava dentro D. João de Menezes Soto Mayor Marquez de Castro Forte, senhor de Alconchel. Tinha o Castello trezentos Infantes de guarnição, e todas as mais prevenções necessarias para hum largo sitio: a Villa estava

O Monteiro mór  
queima algumas  
Villas.

Sitio de Alconchel

430 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

rodeada de huma trincheira, a Igreja terraplenada, e os moradores dispostos a se defenderem em huma, e outra parte. Tanto que o Exercito chegou a Alconchel reconheceo Mathias de Albuquerque, e D. Joaõ da Costa todos os postos, e julgáraõ muito duvidosa a empresa do Castello: porém a industria venceo todas as difficuldades. Mandou Mathias de Albuquerque a D. Joaõ da Costa, que fizesse subir a hum monte, quasi igual ao Castello, entaõ muito affastado delle, os dous meyo canhoens, e duas peças de melhor calibre. Conseguiu-se, ainda que com grande trabalho, fizeraõ-se as platafórmas, e preparou-se á vista dos moradores o assalto da Villa; os quaes obrigados do temor fizeraõ o que Mathias de Albuquerque desejava, que era recolherem toda a gente inutil dentro do Castello, para que a falta dos mantimentos, e os clamores das mulheres facilitassem a entrega delle. Na mesma noite que se fizeraõ as platafórmas, ganharaõ Luiz da Silva, e Joaõ de Saldanha com grande perigo huma Hermida, que ficava a tiro de arcabuz do Castello, e humas casas quasi em igual distancia, onde pozeraõ hum morteiro, começou a jogar a artilharia sem mais effeito, que derrubar algumas amêas. Tocou a André de Albuquerque investir ao mesmo tempo as trincheiras da Villa entrou-as com o seu Terço, custando as vidas de quatorze soldados; persuadio aos que defendiaõ a Igreja que se rendessem sem aguardarem a ultima ruina. Naõ querendo elles ceder, se expuzeraõ a padecer a mayor desgraça, porque dos artificios de fogo, que se lançaraõ dentro se ateou de sorte na muita roupa, que estava recolhida na Igreja, que rompendo o fogo o tecto, communicando-se á Capella mór, foraõ aquelles moradores lastimoso emprego das chammas, a naõ lhes valer a grande piedade de André de Albuquerque, a cujo valor andava unida esta virtude: advirtio a hum Frade Capucho que appareceo no telhado, que salvasse o Sacrario, e pedindo-lhe o Religioso da parte dos moradores misericordia, a qual elles imploravaõ com sentidas, e levantadas vozes que fediaõ o ar, rompendo o fogo, e o fumo, respondeo-lhes André de Albuquerque, que estava prompto para os ajudar, se



PARTE I. LIVRO VI. 431

se do Castello suspendessem os tiros, donde cahiaõ tan-  
tas ballas, que offendiaõ igualmente os Castelhanos, e  
Portuguezes. Fez-se aviso ao Castello, e ajustou-se sus-  
penção de armas por tres horas: abriãõ-se dous porti-  
lhos na parede da sancristia, preservou-se do fogo a  
Capella mór, e ficaraõ livres os moradores. Acabadas as  
tres horas, continuãrãõ as baterias com pouco effeito:  
porém as bombas intimidavaõ de forte a gente do povo,  
que estava dentro do Castello, que com repetidos cla-  
mores desanimavaõ os soldados, e obrigavaõ ao Gover-  
nador a se arrepender de os haver recolhido. Luiz da  
Silva, e André de Albuquerque ganharaõ com difficuldade  
hum penhasco visinhos da muralha, e Joaõ de Saldanha,  
e Ayres de Saldanha levantaraõ huma trincheira, pela  
qual se communicaraõ com a Hermida que se havia  
occupado, e de huma, e outra parte se foraõ ganhando  
postos, favorecidos os soldados, que se melhoravaõ de  
terreno, das mangas de mão posta, as quaes com fogo  
vivo não davaõ lugar aos do Castello a poderem atirar  
como desejavaõ. Obrigados deste temor, e do receyo das  
bombas, appareceo na muralha huma bandeira branca;  
mandou Mathias de Albuquerque averiguar a causa, res-  
pondeo hum Sargento mór, chamado Joaõ de Pedraza;  
soldado de conhecido valor, que se retirassem para os seus  
postos, porque a bandeira fora desordem, e o Castello;  
se havia defender em quanto elle tivesse vida. Assim suc-  
cedeo, porque continuando as baterias, foy morto de  
huma balla de mosquete, e crescendo nos soldados o  
receyo suspenderaõ a defensa. Tratarãõ logo de partidos;  
derrãõ refens, e entregaraõ o Castello. Sahio delle Dom  
Joaõ de Menezes com toda a sua familia, os soldados  
pela capitulaçaõ ficaraõ detidos até se acabar a campanha.  
Mathias de Albuquerque deixou no Castello Manoel da  
Silva Peixoto, Sargento mór de Ayres de Saldanha, com  
duzentos Infantes; parecendo aquelle sitio capaz de se  
guarnecer, para segurança das partidas, que entravaõ em  
Castella.

Antes que o Exercito sahisse de Alconchel, man-  
dou Mathias de Albuquerque a Dom Rodrigo de Castro  
Tom. I. Dd 3 com

Anno

1643.

Entrega-se o  
Castello de Al-  
conchel, que se  
guarneco.

# 432 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1643.

*Rêde-se Figueira de Vargas.*

com seiscentos Cavallos reconhecer Figueira de Vargas; tres leguas de Alconchel, Villa de quatrocentos vinhos com hum trincheira, e hum Castello governado por Dom Gabriel da Silva, de quem era a Villa, casado com Dona Anna de Mendoça, irmã de Pedro de Mendoça. Entendendo Dom Gabriel que as Tropas de Dom Rodrigo eram a vanguarda do Exercito, rendeu o Castello com permissão de passar a Xerês, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Ficaram no Castello duas Companhias de Infantaria para mayor segurança dos combois, em quanto durasse a campanha, se acaso o inimigo os impedisse por outras estradas. Incorporado Dom Rodrigo com o Exercito, marchou de Alconchel para Villa Nova del Fresno, quatro leguas distante, deixando Olivença á mão esquerda. Adiantou-se o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria a ganhar postos sobre Villa Nova para lhe evitar os socorros: chegou o Exercito o dia seguinte. He Villa Nova fabricada em hũa eminencia, a que se sobe por todas as partes por entre pomares, e hortas. Estende-se a Villa em fórma prolongada, cercada de hum muralha antiga, que por huma, e outra parte rematava no Castello; situado para onde o Sol nasce, que he a parte que olha a Badajoz. O Castello era grande, e quadrado, franqueava-se com alguns torreões, rodeava o hum barbacã bem feita, e hum fosso não muito largo. Havia além do primeiro recinto, tres interiores, e unia-se a ultima muralha para o nascente. O Arrabalde da Villa, defendido de humma larga trincheira, constava de quatrocentos fogos, e na Villa havia seiscentos. Seguia-se hum grande quinta do Marquez de Barca Rota, de quem era Villa Nova, e hum Mosteiro de frades de S. Francisco. Constava a guarnição de seiscentos Infantes pagos, e sessenta Cavallos, fóra os paizanos, governados pelo Mestre de Campo Dom Francisco Geldres, assistido de Dom Francisco Agueiro, Mestre de Campo, e Engenheiro. Havia lançado para Xerês a gente inútil, e achava-se na Praça muitas pessoas de qualidade de todos os lugares vizinhos. Tinha o Castello duas peças de artilharia de bronze, e muitas munições, e mantimentos; sustentava-se da agua de hũa grande cisterna,

*Sítio de Villa Nova del Fresno.*



Anno  
1643.

terna, e os moradores receando o sitio recolherão quantida-  
de em falhas. Tanto que acabou de chegar todo o ex-  
ercito, mandou Mathias de Albuquerque marchar os  
Terços cubertos do Castello, ordenando-lhes que fizess-  
sem alto na parte opposta, que fazia rosto aos luga-  
res de Castella mayores, e mais visinhos. Adiantou-se  
Mathias de Albuquerque a reconhecer a Praça, e ob-  
servando-a, não deixou de recear as difficuldades que se  
lhe offeresião, vendo-a muito capaz de se defender,  
o Trem do Exercito falto de instrumentos de expug-  
nação, o inverno visinho, e os soldados molestados  
do rigor do Sol muito nocivo naquelles mezes, por an-  
dar muito baixo, de que se originava adoecerem em grande  
numero: porém a importancia da Praça, e a reputação  
das Armas o obrigárao a romper por todos os impossiveis.  
Ordenou logo ao Sargento mór Belchior do Crato,  
que com quatro mangas de mosqueteiros ganhasse humas  
hortas, que os Castelhanos defendião, por sustentar a  
agua, que levavao para a Villa: obrigou-os a desampa-  
rarem o posto, e morreo na empreza o Capitão Francisco  
Soares da Cunha. Naquella noite ganhou João de Sal-  
danha com o seu Terço o Arrabalde, e ficou levemen-  
te ferido em huma perna. Nas ultimas casas delle levan-  
tou Dom João da Costa huma plataforma, em que poz  
dous meys canhoens, que começarao a jogar tanto que  
amanheceo; porém com pouco effeito, por ser a mura-  
lha do Castello terraplenada. Tambem as bombas de hum  
morteiro, que daquella parte começou a jogar, não fa-  
ziao grande damno. Outra bateria se levantou contra a  
Villa, que jogava da outra parte do Arrabalde: mas  
sendo as peças ligeiras era mayor o estrondo que o pre-  
juizo. Mathias de Albuquerque considerando o pouco  
effeito das baterias, mandou ao Mestre de Campo da  
Armada Dom Antonio Ortiz com seiscentos Infantes do  
seu Terço, e ao Commissario Geral da Cavallaria Dom  
João de Ataíde com trezentos Cavallos buscar a Oli-  
vença dous meys canhoens. Quando voltavao com elles  
para o Exercito, e setecentas cargas de munições, e man-  
timentos, descobrião os batedores cinco Tropas do ini-

Ganha João de  
Saldanha o Ar-  
rabalde.

## 434 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1643.

migo: que vigorosamente os carregaraõ. Soccorreo os Dom Joaõ de Attaide a tempo que appareciaõ outras cinco: fez elle alto, e aguardou ao Conde Fialco, que vinha de retaguarda. Unio-se-lhe brevemente a Infantaria, e formados marcharaõ a buscar os Castelhanos. Naõ quizeraõ elles pôr em contingencia o successo, retiraraõ-se, dando lugar ao comboy a que chegasse ao Exercito. Antes que se reformasse a bateria, mandou Mathias de Albuquerque persuadir ao Governador que se rendesse, e naõ quizesse experimentar na furia dos soldados o damno que padeciaõ os contumazes, que pelejavaõ sem esperança de soccorro. O Governador respondeo, que agradecia a advertencia, mas que na Praça havia tudo, o que era necessario para defendella muitos mezes, que era o que tocava á sua obrigaçaõ, e aos seus Generaes soccorrello, quando lhes parecesse conveniente. A este tempo tinha a artilharia arruinado hum lanço da barbacaã, e parte de hum torreaõ. Pareceo-lhe a Mathias de Albuquerque que a ruina capaz de assalto: mas como se naõ havia conseguido cegar-se o fosso, tendo o inimigo queimado por muitas vezes as faxinas que se lançavaõ dentro parecia a empresa muito difficultosa. Para a facilitar ordenou D. Joaõ da Costa hum ponte de madeira, que por naõ ser o fosso largo, podia dar caminho para se chegar á muralha. Lançou-se a ponte duas horas antes de amanhecer, divertindo repetidas cargas de artilharia o preciso ruido de armalla. Foy o primeiro que se offereceo ao perigo; de a passar, Joaõ Rodrigues de Sá Camareiro mór delRey, que havia dado nas occasiõens passadas grandes mostras do seu valor. Fizeraõ o mesmo trinta Officiaes, e pessoas particulares, nomeou-lhes Mathias de Albuquerque por Cabo a Fulgencio de Matos, Capitão do Terço de Joaõ de Saldanha. Entraraõ todos com grande resoluçaõ na ponte: porêm sentindo os os Castelhanos, acodiraõ àquella parte com tantos instrumentos de fogo, e pedras, que lançaõ, que naõ podendo resistir os que estavaõ na ponte, cahiraõ cinco no fosso mortos, e alguns feridos. O Camareiro mór, e os mas chegaraõ á brecha, e acharaõ que estava taõ alta, e taõ bem defendida, que era

Defende-se a Praça  
com valor

im.



impossível entrar por ella. Vendo Fulgencio de Matos o damno que sem fructo recebiaõ, mandou tocar a recolher, e retiraraõ-se todos quando rompia a manhaã. O mesmo effeito experimentou Gilot, engenheiro Francez, a noite seguinte a esta: porque querendo animar humas mantas á muralha do Castello, foy rebatido dos sitiados, retirando-se ferido, deixando alguns mortos. No mesmo tempo destas operaçoens se voltaraõ as baterias contra as defensas com melhor emprego, do que se conseguia na muralha. Arruinaraõ as casas do Marquez, donde se recebia muito damno, e hum meya lua, que cobria a porta principal do Castello. Fabricaraõ-se logo tres minas contra a muralha daquella parte: atacada a principal, se lhe deo fogo, cahio hum grande lanço, custando as vidas a muitos soldados Castelhanos. Com este damno começou a entrar o temor nos sitiados, que se accrescentou com outra ruina, que a artilharia mudada, por ordem de Mathias de Albuquerque, fez na muralha, que dividia o Castello do Arrabalde, vindo a terra por ser mais fraca a mayor parte della. Receosos do assalto, rendidos do trabalho, e desesperados do soccorro, trataraõ os sitiados de se entregar. Mandou o Governador hum Religioso de Santo Antonio fallar com Dom João da Costa, que assistia na bateria, dizendo que estava resolutio a render a Praça. Dom João da Costa lhe respondeo, que aquellas materias as não tratavaõ senão Officiaes de Guerra. Com esta resposta tornou o Governador a pelejar; mas durou-lhe pouco tempo o ardor, e tocou caixa para a parte opposta, onde estava de guarda com o seu Terço o Mestre de Campo Francisco de Mello. Enfadado Dom João da Costa de não capitular a Praça, pela parte onde elle assistia não andou continuar as baterias, recebendo grande prejuizo os Castelhanos, que se haviaõ descuberto na se de se quere-rem entregar. Advittido o Governador com este damno, chamou para o lugar das baterias: suspendeo-as D. João da Costa; e sahio da Praça o Sargento-mór Dom Sebastião de Negreiros. Ajustaraõ as capitulaçoens na forma das de Valverde, só com a differença de se entregarem os cavallos que houvessem na Praça, foia os dos Officiaes, e toda

Anno  
1643.

Rende-se, e for-  
tifica-se Villa-  
Nova.

Anno  
1643.

e todas as armas. Dados refens de huma, e outra parte; sahio o Governador com quinhentos Infantes, e setenta e quatro soldados de Cavallo, e entrou na Praça Dom Antonio Ortiz com o seu Terço, ( duzentos moradores que havia na Praça se passaram para Xerês. ) Achou nella muitas armas, e mantimentos. Ficou governando a Bento Maciel Parente, Sargento mór do Terço de João de Saldanha com dez Companhias de varios Terços. Brevemente o rendeo o Mestre de Campo André de Albuquerque com o seu Terço, mandando o ElRey para aquelle presidio, e a João Pachasio Cosmader, com ordem que reduzisse o sitio do Castello a fortificação moderna: o que executou com grande brevidade. Em todas as occasioens que se offereceram, assim neste sitio, como nas mais daquella campanha, eraõ os primeiros no perigo, e trabalho os Titulos, e Fidalgos que andavam no Exercito; porque á competencia se excediam huns aos outros no valor, e no desejo da defenja da sua Patria. A perda de Villa Nova foy muito sentida dos Castelhanos, pela grande oppressão que dava aos Povos vizinhos o presidio que ficou naquella Praça, e pela reputação das Armas de Portugal, que viaõ prevalecer como conquistadoras contra o mesmo Príncipe que determinava sujeitallas. O Exercito passou de Villa Nova a Figueira de Vargas, donde se retirou a guarnição, ficando arrasado o Castello, e destruhida a Villa. O mesmo se executou em Chéles, que os Castelhanos haviaõ despovoados: passou a Alconchel; e entrou em Olivença com tão grande tempestade, que impedio a Mathias de Albuquerque continuar os progressos da campanha, considerando que como era principio de Inverno, todos os dias que succedessem feria mais rigoroso o tempo.

*Retira-se o Ex-  
ercito.*

*Passa ElRey a  
Villa Viçosa.*

Despediram-se os soccorros das Provincias; e dividiram-se as guarnições pelos quartéis costumados. Aquartelado o Exercito, passou Mathias de Albuquerque a Villa Viçosa, onde ElRey havia chegado a aliviar alguns dias as saudades, que sempre teve daquelle sitio. Recebeo a Mathias de Albuquerque com grandes honras, e merecidas das suas virtudes. O mesmo favor experimentam da sua grandeza os Cabos, e Officiaes do Exercito que che-



chegáraõ a beijarlhe a mão. Voltou para Evora, e a cinco de Outubro partio para Lisboa, onde foy recebido com grande contentamento, amando-o o povo como Pay, venerando-o como Rey, e considerando-o victorioso. Achou nascido no mez de Agosto o Infante Dom Alfonso seu filho segundo, que depois pela infeliz morte do Principe Dom Theodosio veyo a ser primogenito. Havia sido baptizado com grande solemnidade por Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, e Capellaõ mór del Rey, sendo seus Padrinhos o Principe Dom Theodosio, e a Infanta Dona Joanna. Não teve el Rey só esta occasião de contentamento nesta jornada, senão tambem a universal aceitação do governo da Rainha na sua ausencia. Passou a Corte Mathias de Albuquerque, e ficou governando Alentejo o Monteiro n.º General da Cavallaria: que de Olivença, aonde estava, foy assistir em Elvas; e constando-lhe que na deveza de Pedra Buena, que era do Almirante de Castella, se havia levantado hum a casa forte, guarnecida de alguns mosqueteiros, que defendia quantidade de gado, que passava naquelle sitio, marchou com setecentos Cavallos a buscar a preza, e destruir a casa. Hum, e outro intento conseguiu Dom Rodrigo de Castilho com duzentos Cavallos que levava de vanguarda. Chegou o aviso a Albuquerque, lançou os Castelhanos duzentos Infantes, e trinta Cavallos, esperando tirar a Dom Rodrigo a preza em hum passo estreito visinho a Praça, por onde forçosamente havia de passar. As partidas que estavam sobre Albuquerque, derão esta noticia ao Monteiro n.º; que mandou ao Capitão D. Antonio Alvarez da Cunha com a sua Companhia, e alguns Dragcens, ordenando-lhes que impedissem aos Castelhanos a determinação que traziaõ. Conseguiu-se como se dispoz: porque não lhes valendo retirar-se a hũa serra aspera, foram todos derrotados, ficando muitos mortos, trazendo D. Antonio os outros prisioneiros. No mesmo dia, que o Monteiro n.º fez esta entrada: sahio Dom João de Attaide de Aronches, onde estava de quartel com cinco Companhias, entrou em São Vicente, duas leguas distante, e nas ruas do lugar, que era aberto, fez alguns Castelhanos prisioneiros: passou adian-

Anno

1643

*Recolhe-se a Lisboa.*

*Nascimento del Rey D. Affonso.*

*Ganha o Monteiro n.º Pedra Buena com rota dos Castelhanos.*

*Arceens de D. João de Attaide.*

# 438 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1643.

te, correio a campanha de Valença, e trazendo huma grande preza, sahio a querer tirar-lha Dom Francisco de Inojosa Capitão de Cavallos com a sua Companhia, derrotou-lha D. João, e trouxe-o prisioneiro. Retirou-se com a preza a Arronches, e passados quatro dias teve noticia, que o inimigo com cem Cavallos, e trezentos Mosqueteiros havia entrado no Aflumar; que distava só huma legua de Arronches, e que levava a mayor parte dos paizanos prisioneiros. Achava-se D. João com cincoenta Cavallos, e outros tantos Infantes: marchou com elles a buscar o inimigo: seguindo-o alguns paizanos com espingarda: Apreslaram de forte á marcha, que ganhou huma das terras que corre para Albuquerque, antes que os Castelhanos a occupassem. Chegaram elles sem cuidado do perigo que os ameaçava; atacou-os D. João com tanto vigor, que sem lhes dar lugar para se formarem, os desbaratou, matando huns, e fazendo outros prisioneiros, entrando nelles o Capitão de Cavallos Sebastião Correa, natural de Olivença, que tantas diligencias havia feito pela entregar aos Castelhanos; como ja referimos. Esteve muitos annos prezo em Lisboa, e na prizaõ veyo a acabar a vida. Entendiã-se de forte neste tempo os successos acaço com as boas fortunas, que antes que D. João de Ataide avançasse, vinhão os Castelhanos dizendo aos prisioneiros que levavam do Aflumar: que ja que o seu Rey Dom João era santo, como diziaõ, que chamassem por elle, que os livrasse daquelle trabalho ( porque haviaõ determinado antes obrigarlos a que dissessem: Viva ElRey D. Philippe, e elles com grande constancia respondido: Que não querião negar o seu Rey que era santo. ) Não haviaõ os Castelhanos acabado de pronunciar as palavras referidas; quando os investio, e derrotou Dom João de Ataide, e livrou os prisioneiros, os quaes espalharam este successo pelos Povos em grande utilidade do serviço delRey. Esta foy a ultima occasiaõ este anno na Provincia de Alentejo: porque o Inverno cerrou a porta de Jano, e suspendeo a guerra.

*Constancia fiel  
dos Portuguezes*

Em quanto as Armas de Alentejo se illustravão com successos tão ventajosos, não estiverão ociosas as  
Armas



PARTE I. LIVRO VI. 439

Armas das outras Provincias. Passou o Conde de Castello. Melhor a governar Entre Douro, e Minho, e tendo por mais proprio, para se livrar do máo trato que havia padecido na prizaõ de Cartagena de Indias, o estrondolo da guerra que o de canço da Corte, sahio de Lisboa a 27 de Março, e entrou na sua Provincia com geral acceitação de todos os moradores della, pela opiniaõ que dignamente havia adquirido de valor, de zelo, e de affabilidade. Achou as Praças muito destituida de todas as prevençoens necessarias para se defenderem; porque o governo dos tres Mestres de Campo não podia ser tão activo, nem tão respeitado da Provincia, e da Corte, que os preceitos, e os avisos se lograssem com a regularidade que convinha. Fez o Conde passar mostra, e achou: se só com mil Infantes pagos, e tantos Officiaes, que requeriaõ mayor numero de soldados. Reformou os que eraõ superfluos, pagou tres mezes, e accodio ao mais preciso. Informou-se das forças, e das Praças do inimigo, e determinou dar feliz principio ao seu governo, interpendendo a Villa de Salvaterra, fronteira a Monçõ, situada sobre o rio Minho, que era a sua mayor segurança, porque não se podia passar a ella sem passar o rio em barcos, por se não vadear em porto algum daquelle districto. Nasce o rio Minho em Galiza na fonte Minhaõ; donde toma o nome, quatro leguas para o N. re de Cidade de Lugo que vem buscar, banhando os muros del a, junto da ponte das Mestas em Porto Marim. Entra nelle o rio Sil, tão caudaloso, que dizem vulgarmente os moradores, que as aguas são do Sil, e do Minho a honra do nome. Com outros muitos rios se vay engrossando o Minho, e fertilizando muitos lugares até entrar por hum só arco de huma maravilhosa ponte junto da Cidade de Orense: passa por Ribadavia, e chegando a Raya de Portugal, corre a Poente, formando elle a Raya perto de onze leguas, e enriquecendo-se com as aguas de 14 rios, os mais delles muito caudalosos, e depois de passar por Melgaço, Monçaõ, Valença, Villa Nova de Serqueira, e Caninha, e de costear pela parte de Galiza as Villas de Crescente, e Salvaterra, a Cidade de Tly, e

Anno  
1643.

Sucessos de Entre Douro, e Minho, que governa o Conde de Castello-Melhor.

Discripção do rio Minho.

ou.

3) Conde Melhor

## 440 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

outros muitos lugares, recolhe mais onze rios todos abundantes de aguas, e com 38 leguas de curso; se confunde com as aguas do mar na Villa de Caminha. Antes que o Conde de Castello-Melhor chegasse a governar a Provincia do Minho, havia o Mestre de Campo Vióle Datis fabricado alguns barcos com intento de ganhar Salvaterra, que foraõ ao Conde de grande utilidade nesta mesma empreza. Era Governador de Salvaterra Gregorio Lopes de Puja, e guarnecia a Villa com seis Companhias pagas, fóra a gente da terra: sustentava com grande cuidado varias correspondencias com os nossos lugares, de que lhe resultava ter aviso de todos os movimentos, que se fazião da nossa parte. A certeza destas intelligencias obrigou ao Conde de Castello-Melhor, para as divertir, a passar a Ponte de Lima, seis leguas da Raya, onde depois fez sem ruido as prevenções da interpreza. Tendo ajustado tudo o que julgou conveniente, fingio nos ultimos dias de Mayo, que lhe chegára aviso de Dom João de Sousa da Silveira Governador das Armas de Traz os Montes, que havia succedido a Rodrigo de Figueiredo; de que os Castelhanos entravaõ com grosso poder por aquella Provincia, e que para a defender lhe pediã soccorro. Com este pretexto mandou ordem ao Mestre de Campo Vióle Datis; que estava em Villa Nova de Sequeira, que tirasse 500 Infantes das guarnições das Praças visinhas, e que marchasse com elles meya legua diante de Monção: porque este sitio era visinho às barcas, e caminho de Traz os Montes. Despedida esta ordem partio o Conde para Monção, e prevenio carruagens para passar a Melgaço tres leguas distante, publicando que hia despedir o soccorro de Traz os Montes. Tanto que anoiteceo, sepoz em marcha, fazendo primeiro vir barqueiros de Lapella. Executou o mesmo Vióle Datis, e á meya noite estavaõ ambos junto das barcas com 250 soldados, que eraõ os que cabiaõ nellas. Entrou dentro o Mestre de Campo Vióle Datis, e o Sargento mór Roquemont Francez de nação; e o Conde com o resto da gente marchou para hum Mosteiro de freiras de Santa Clara, que fica defronte do sitio, onde havia de desembarcar



PARTE I. LIVRO VI. 441

embarcar a vanguarda, levando os barqueiros expressa ordem para voltarem a buscar a gente que ficava, tanto que lançassem em terra a primeira que conduzirão. Sentirão as sentinellas do inimigo o rumor dos primeiros barcos, tocãrão arma, fizeraõ o mesmo os sinos de Salvaterra; apertaraõ os barqueiros com os remos, saltou a Infantaria em terra, e assaltou as trincheiras com tanto valor, e velocidade, que os Galegos que hiaõ accodindo ao rebate encontravaõ primeiro a morte que a trincheira, porque acháraõ os Portuguezes dentro da Villa. Entrou o Governador em o numero dos mortos, pelejando com tanto valor, que primeiro tirou a vida a dous soldados nossos, sendo hum delles Joaõ Sanches de Moscozo natural de Monção, que não passara de 16 annos lhe deo muitas feridas antes que elle o mataste. Voltáraõ os barcos ao porto finalado, entrou nelles o Sargento mór Luiz de Oliveiros Famel com outros 250 Infantes, deu hum dos barcos em seco, meteo-se o Conde no rio atè os peitos, e ajudou-o com os hombros a sahir do embaraço, justificando nesta acção, que podia sustentar nelles o peso do governo da Provincia. Desembarcou o Sargento mór com o segundo Corpo de Infantaria, cederaõ de todo os Galegos, e largaraõ a Villa tirando alguns, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, que estava fortificadas. O Conde passou a Salvaterra, e não se achando com poder para sustentar esta Praça, que era todo o seu desejo, para ficar com porta aberta em Galiza, não quiz que se investissem os soldados, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, por não perder gente sem utilidade, não trazendo prevençoens para obrigar aos Galegos a que se rendessem. Saquearaõ os soldados a Villa, e puzeraõ fogo ás casas. Foy o damno consideravel por assistirem em Salvaterra muitos mercadores com grossos cabedaes. O Conde se retirou sem mais perda que a de 14 soldados.

Governava as Armas de Galiza D. Martim de Redim Prior de Navarra da Ordem de S. Joaõ: achavase em Ponte Vedra, e sentindo a perda de Salvaterra, determinou satisfazela: juntou grosso poder na Villa de Sella.

Nova

Anno  
1643.

Ganha-se Sal  
natural.

## 442 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

Nova na Raya Seca oito leguas de Salvaterra. Tendo o Conde esta noticia marchou a fortificar alguns passos estreitos, por onde o inimigo forçotamente havia de passar, e guarneceo os de Infantaria paga. Bastou esta prevenção para divertir o intento do Prior de Navarra; e o Conde, não querendo ter as Armas ociosas, fez conduzir os barcos em que havia passado a Salvaterra, a huma enseada junto a Lapella: embarcou nelles com Infantes á ordem de Pedro de Betancor Ajudante do Tenente do Mestre de Campo General, e mandou-lhe que investisse hum reducto que o inimigo havia feito da outra parte do rio, que por aquella, era tão estreito, que com os arcabuzes chegavaõ a Lapella em grande prejuizo dos moradores desta Praça. Embarcou-se Pedro de Betancor, sentiraõ no duas Companhias de Galegos que estavaõ no fortim, e intentaraõ em vão defenderle; porque os nossos soldados, desprezando a arte, cobertos de valor investiraõ o reducto, e ganharaõ-no, largando-o os Galegos, depois de alguns delles mortos. Acodio ao rebate huma Companhia de Cavallos, deteve os que fugiaõ, e unidos todos quizerãõ recuperar o reducto: porém achando-o melhor defendido, desistiraõ da empresa. Arrazou-o Pedro de Betancor, e retirou-se com alguns soldados feridos. Intentou o Conde desmantelar outro reducto, que o inimigo tinha levantado na barra de Caminha, opposto a hum que haviamos fabricado desta parte: marchou a esta empresa nas barcas do Capitaõ Thomé de Passos com sessenta Mosqueteiros, mas saltando-lhe a maré, não conseguiu o intento. Acodiraõ os Galegos a esta parte, entendendo que era mayor o poder, e o Conde attento a todos os accidentes mandou o Sargento mór Luiz de Oliveiros com setecentos Infantes a queimar o lugar de Desteriz; que ficava na Raya Seca, junto da ponte das Varzeas doze leguas da barra de Caminha. Marchou Luiz de Oliveiros, e ainda que achou oppostos oitocentos Infantes, que governava o Mestre de campo D. Pradique de Valadares; queimou Desteriz, e o inimigo intentando na terirada carregar a nossa gente, foy de sorte rebatido, que deixando quarenta mortos desamparou o campo. Retirou-se Luiz de

Luiz de Olivei-  
ros queima De-  
steriz.



PARTE I. LIVRO VI. 143

de O'iveiros, e marchou logo o Capitaõ Chrislovaõ Mo-  
zioho com quatrocentos Infantes para o lugar de Tam-  
gem na foz do Minho: chegou, e ganhou-o, ainda que os  
moradores se defenderaõ. O mesmo successo teve o Ca-  
pitaõ Pedro Mauricio Duquifné de nação Francez, que  
assistia em Melgaço nos lugares de Ferreiros, Pereiros, e  
Gogende, Sentindo os Gallegos por roda a parte o damno  
das nossas Armas, chegou ao Conde de Castello Melhor  
ordem delRey para continuar a guerra com o mayor aper-  
to que lhe fosse possivel, sendo o fim divertir o poder dos  
Castelhanos para que não engrossasse pela parte da Estre-  
madura, para onde ElRey determinava encaminhar os  
progressos das suas Armas: porém não correspondendo  
os soccorros á ordem, foy necessario ao Conde, para se  
prevenir, dispende os seus proprios cabedaes. Convocou  
com grande diligencia a gente mais luzida, e mais des-  
obrigada da Provincia, unio-se toda em Monção a treze  
de Agosto, e acharaõ-se cinco mil Infantes, de que eraõ  
pagos novecentos e cincoenta Cavallos, tolerando a aspe-  
reza daquelle sitio o pouco numero da Cavallaria, com que  
se intentava qualquer empreza. Dividio-se a Infanteria  
em sete Terços, e com esta gente determinou o Conde vol-  
tar sobre Salvaterra com intento de fortificar, e conservar  
aquella Praça, parecendo-lhe justamente o posto mais util  
para molestar os lugares de Galliza. Da Hermida de N. Se-  
nhora dos Milagres, onde este poder estava junto, mar-  
chou o Conde de Castello Melhor para Monção, meya  
legoa distante, e o denou ao Mestre de Campo Vióle Da-  
tis que passasse a Lapella com parte da Infanteria paga.  
e algumas pessoas principaes da Provincia, e que tanto que  
rompesse a manhã, se metesse nos barcos, que acharia  
pre-nidos, e que ao calor da artilheria, que mandava  
plantar desta parte do rio, procurasse saltar em terra, e  
que se acaso o conseguisse, voltassem os barcos para pas-  
sarem a gente que ficava. Vióle Datis ainda que fez gran-  
de diligencia por chegar a tempo, amanheco antes de  
entrar nos barcos, omittiaõ de que o Conde teve grande  
molestia, conhecendo as grandes difficuldades, que se ha-  
viaõ de vencer, para ter bom successo, sentindo o ini-

Tom. I.

Ee

migo

Anno

1643.

## 444 PORTUGAL RESTAURADO!

Anno.

1645.

*Ganha Ville  
Datis as forti-  
ficações dos  
Gallegos.*

migo a nossa resolução antes de executada: porém superou o valor dos Officiaes, e Soldados; e sendo o primeiro que se embarcou Antonio de Queirós Mascarenhas, Capitão de hũa Companhia de Aventureiros, que se compunha da gente mais nobre da Provincia, pôs a proa no porto opposto, e achou-o defendido pelo Conde de Torreson, Alcaide General da Cavallaria de Galliza, com quinhentos mosqueteiros á sua ordem, cubertos de hũa trincheira bem franqueada. Fazia horror a opposição, mas buscando os nossos soldados, para saltarem em terra, a parte mais desquartinada da artilheria, e mosquetes de Lapella, desembarcou Antonio de Queirós com a sua Companhia; e valorosamente sustentou o posto que ganhou, até que veyo socorrê-lo o Mestre de Campo Vióle Datis. Incorporada a vanguarda, marcháram todos para as trincheiras, saio o inimigo a recebê-los fora della com duzentos Infantes, e trezentos Cavallos, por lhe haviam chegado novos soccorros. Teve Vióle Datis esta resolução por grande fortuna, por ser mais verosimil romper os Corpos sem trincheiras, que as trincheiras guarnecidas. Conrespondeo o successo á esperanza, porque ainda que o inimigo resistio algum tempo com muito valor, largou o posto, e retirou-se com grande estrago para hũas eminencias, que ficavaõ meya legua antes de chegar a Salvaterra. Em quanto durou o combate foy engrossando o nosso poder com a gente que passava nas barcas, e o Capitão Duquisné com os cincoenta Cavallos deo grande calor á empreza. O inimigo voltou com a Cavallaria a atacar a nossa vanguarda; porém achando nella impene-travel resistencia, unidas as Tropas da Infanteria, se foram retirando para Salvaterra. Seguirão os nossos soldados o alcance com tanto ardor, que superando o que lhes causava o Sol, e a sede, chegáram os Capitães Antonio de Queirós, e André da Costa á ponte de Filhabõ, por onde forçosamente haviaõ de passar, e ganharam-na com tanta diligencia, que quando os Gallegos caíram no erro de a não defender (o que poderiam conseguir, se a guarnecêram antes) ja a acharam occupada, e tão valiosamente defendida, que

com



PARTE I. LIVRO VI. 145

continuaraõ a marcha para Salvaterra, desesperados de a recuperar, livrando em o numero da gente a esperança de se defender a Praça. Depressa a conhecerão baldada; porque chegando a vanguarda ás tres da tarde, sem esperar que a mais gente se incorporasse, avançou Antonio de Queirós as trincheiras: seguirão no os mais, e não dilatando o effeito da resolução, entráráõ a Villa, a pezar da resistencia dos Gallegos. Recolheo-se alguma Infanteria á fortificação, fabricada nas casas do Conde de Salvaterra, a mais gente se retirou para os lugares visinhos. O Mestre de Campo Vióle Datis não quiz dar á variedade da fortuna tempo de se arrepender, investio a fortificação, mas achou tão perigosa resistencia que obrigou aos soldados a que se cobrissem de huma trincheira, que corria da Villa até a fortificação, levantada a primeira vez que se atacou Salvaterra, e que os Gallegos não desfizerão, por não recearem segunda desgraça. Vióle Datis tendo a gente cuberta, desprezando o proprio risco, se descobrio para reconhecer a fortificação com tão infeliz valor, que acertando o hum a balla pelos peitos, caõ do impulso do golpe, e em breve espaço morreu da ferida, com geral sentimento de todos os soldados, merecido do seu procedimento, e do zelo com que havia acodido á defesa deste Reino. Antonio de Queirós, estimulado desta desgraça, investio com as trincheiras a peito descoberto, e achando que o Conde de Castello Melhor fazia o mesmo, seguido da mayor parte dos soldados, lhe disse: *Senhor, quem traz aqui a Vossa Senhoria?* Respondeo o Conde com grande fozego, e igual valor: *Ninguém me traz, eu venho.* A esta imitação, caindo hums feridos, e outros mortos, ganháraõ os Officiaes, e Soldados as trincheiras: investiraõ com a porta, e ainda que os defensores se defendiaõ com grande valor, vendo infructuosa a defesa, se renderão, tendo dos primeiros que subiraõ ao alto das casas, em quanto se defendiaõ, o Ajudante João Cardoso, e João da Cunha Sotio Mayor. Antonio

Anno

1643.

*Canha, se Sal-  
vaterra.*

*Morre Vióle  
Datis.*

*Rende-se a For-  
tificação.*

Anno  
1643.

Fortificação de Sal-  
vaterra.

tonio de Quirós esmaltando com a piedade o valor que havia mostrado, defendeo os rendidos de os degolarem: porque os soldados estimulando-os a pena de ver morto o Mestre de Campo, lhes não querião dar quartel. Acharaõ-se vinte e seis mortos, e outros tantos feridos: ficaraõ prisioneiros cento e quarenta Gallegos, entre elles o Alcaide-mór D. Francisco Sottelo; que morreo de duas feridas que havia recebido, e em todo o dia passáraõ de cento os que perdéraõ as vidas. Dos nossos soldados morreraõ vinte e ficaraõ quarenta feridos. O inimigo, ajuntando a gente, que havia retirado, a formou defronte da Villa: porem, rendidos os da cata forte, formada a Infantaria, sahio o Conde com ella a bulcar o inimigo, que não quiz aguardar o successo, desenganado da desgraça antecedente. O dia seguinte começou o Conde a fortificar Salvaterra, esperando lograr as utilidades, que havia considerado quando intentou esta empreza. Levantou primeiro huma trincheira capaz de se alojarem dentro della cinco mil Infantes, e guarnecendo-a, ficou seguro de qualquer intento a que o inimigo se arrojasse. Acabada a trincheira, mandou fabricar huma ponte de barcas, que lançou com diffiuldade no Minho, por ser naquella parte muito fundo, e correr com muito impeto. Tanto que a ponte ficou segura, concorreraõ por ella todos os materiaes para a fortificação, a que se deo principio, arrazando o Arrabalde, e occupando só o sitio de hum monte, em que haveriaõ oitenta casas: levantaraõ-se quatro baluartes de canteria, e terraplenaraõ-se á prova com quartinas, e meyas luas, fossos, e estradas cubertas, e aperfeicoou-se toda a obra a pouco custo da fazenda Real. Durando o trabalho da fortificação, foy o Conde de Castello-Melhor que o inimigo fortificava a ponte de Filhabõa: ordenou ao Mestre de Campo Diogo de Mello Pereira, que succedea no Terço a Viole Datis, que fosse com dous mil Infantes, e cincoenta Cavallos, de que era Capitão Duquinhê a atacar na ponte a fortificação começada. Marchou elle, e encontrando no caminho quatrocentos Infantes do inimigo,



PARTE I. LIVRO VI. 247

inimigos; e com Cavallos, que caminhavaõ para a ponte, os investio, e desbaratou facilmente, matando muitos, e ficando prisioneiros cento e vinte. Continuou a marcha, chegou á ponte, e dividio a Infantaria em tres Troços. Chegou primeiro o que governava o Capitão Antonio Rodrigues Castelhana ( que havia ajudado ao Conde a se livrar da prizaõ de Carriagena ) assaltou valorosamente as trincheiras, e ga-  
nhou-as. Chegãraõ os outros dous Troços, e obrigãraõ ao inimigo a se retirar sem grande damno, que não he difficiloso nos lugares daquella Provincia, por ser o terreno tão aspero, que bastaõ poucos mosqueteiros para segurar a marcha de hum Exercito sem offensa de outro mayor. Diogo de Mello, desfeitas as trincheiras, e desmantelado hum reducto, a que o inimigo havia dado principio, e que depois tornou a levantar, queimou alguns lugares que estavaõ visinhos á ponte, e retirou-se para Salvaterra. Os Gallegos cuidadosos da fortificação de Salvaterra, que ameaçava grande ruina a todo o districto de Tuy, chave do Reino de Galliza, ajuntaraõ o mayor numero da gente que lhes fosse possivel, tirando de Bayona, da Curuzha, e de Monte-Rey os soldados vellos, que se achavaõ naquelles presidios, e sendo Cabo deste Troço o Conde de Torrejon de General da Cavallaria, se alojou em hũa eminencia hum quarto de legoa de Salvaterra. Deste sitio baixou a vinte e cinco de Agosto, e occupou com a Cavallaria outro posto, chamado o Facho, visinho das trincheiras, e mandou marchar a Infantaria resoluta a atacá-las. Guarneceoras o Conde de Castello Melhor, e lançou fóra dellas os Capitães Antonio de Queirós Mascarenhas, e Rodrigo de Moura Coutinho com trezentos mosqueteiros, os quaes se oppozeraõ valorosamente aos Gallegos, e recebendo a sua Cavallaria grande damno das repetidas cargas que atiravaõ as mangas, desalojou do sitio em que estava, sem aguardar que chegasse a Cavallaria que vinha marchando. Não se deriveraõ os dous Capitães em occupá-lo, e desorte o segurãraõ, que depois de quatro horas que durãraõ

Anno

1643.

Desbarata Diogo de Mello Pereira os Gallegos

448 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

*Intêta o inimigo a Praça, e retirase.*

*Ação da Condessa de Castello-Melhor.*

as cargas de huma, e outra parte, se resolveo o Conde de Torresen a retirar-se, deixando na campanha quarenta mortos, e ficando dos nossos soldados alguns feridos. Poucos dias depois deste successo teve o Conde de Castello-Melhor noticia, que o inimigo estava emboscado com grosso poder hum tiro de mosquete de Salvaterra, mandou sair da Praça o Capitão Pedro de Betancor com duas Companhias a descobrir a campanha. Pouco havia marchado, quando as Tropas do inimigo carregárao a nossa gente desorte, que a não se valer da aspereza do sitio, fora facilmente derrotada: mandou o Conde soccorrê-la pelo Tenente do Mestre de Campo General com algumas Companhias, e logo em soccorro destas o Mestre de Campo Diogo de Mello com todas as que havia na Praça. Porém o inimigo pelejava tão valorosamente, que era muito difficultosa a defensão nos vallados, e sitio aspero, e fez mayor o perigo a imprudencia do Capitão Christovão Mouzinho; porque saltou fora dos vallados, e seguindo-o outros Officiaes, e grande parte da Infanteria, investio com as Tropas do inimigo; as quaes reconhecendo a sua temeridade os investiraõ com tanto impeto, que, depois de perderem alguns soldados, e levarem outros feridos, se retirárao para outro sitio mais alto, e mais seguro. Quando andavaõ no mayor aperto lhes valeo a prudencia, e varonil coração da Condessa de Castello-Melhor, Dona Marianna de Alercastre: porque reconhecendo de Monção o conflicto, baixou ao rio, e fez conduzir com grande diligencia duas peças de artilheria, que jogavaõ a tempo tão proprio, que respeitando Marte o seu preceito, e encaminhando Vulcano obediente as ballas, se empregaraõ nas Tropas do inimigo com damno tão consideravel, que o obrigárao a retirar-se, e ficáraõ os nossos soldados (aindaque com alguns mortos, e muitos feridos, em que entráraõ o Tenente General da artilheria Francisco Latuche Francez, e o Capitão Rodrigo de Moura Coutinho) livres do grande perigo que os ameaçava. Deraõ noticia



cia ao Conde alguns prisioneiros, que no lugar de Linhares se alojavam duzentos Infantes: mandou ao Sargento mór Roquemont com trezentos, e a Diogo de Mello com o resto das Companhias a atacar este lugar. Não teve duvida a empreza: porque os soldados andavam costumados a vencer. Entrou Roquemont as trincheiras, que o inimigo defendia, e degolando a maior parte da guarnição, saqueou, e queimou Linhares, e retirou-se para Salvaterra.

Chegarão a Madrid as novas deste successo, e da fortificação de Salvaterra, e deo huma, e outra noticia grande cuidado aos Ministros daquella Co'oa, considerando a Portugal, que imaginavam facilmente conquistado, author da guerra com repetidas felicidades em todas as Provincias. E como os Generaes costumam muitas vezes pagar as omissoens dos Principes, tirou ElRey Catholico o Prior de Navarra do governo de Galliza, e entregou-o ao Cardeal Spinola, Arcebispo de San Tiago. Aceitou elle o posto, parecendo-lhe facil manejar decorosamente tão incompativeis exercicios, e vendo que lhe haviaõ entregue o governo, para que as Armas daquelle Reino melhorassem de fortuna, intentou, ganhando Salvaterra, restaurar em huma só empreza toda a opiniaõ perdida. Chegaram-lhe novos soccorros de Infanteria de Flandes, e grossas levas de Cavallaria. Com esta gente, e a melhor da Provincia, formou hum Exercito de dez mil Infantes, e mil Cavallos com todas as prevençoens necessarias, e a vinte e tres de Settembro ás sete horas da tarde se alojou á vista de Salvaterra. O Conde de Castello Melhor teve noticia deste movimento tão pouco antes de chegar o Exercito, que não pôde fazer mais prevenção, que dispor a gente, que tinha na Praça, para a defensa das trincheiras. Não chegava o presidio de Salvaterra a tres mil Infantes, e cinquenta Cavallos, ausentando-se, e adoecendo o resto da Infanteria, que havia trazido áquella empreza, e faltando-lhe os mortos, e feridos nas occasioens passadas. Guarneceu o Conde as trincheiras, e repartio

Anno  
1643.

*Roquemont sa-  
quea Linhares.*

*Aloja-se o Car-  
deal Spinola co  
o Exercito á vi-  
sta de Salvaterri-  
ra.*

*Disposições do  
Co: de para a  
defen'a.*

*Jacinto Freire*

450 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1643.

os postos com grande diligencia, finalando os lugares onde deixava as municoens, fazendo varios Corpos dedicados para os soccorros das partes mais arriscadas, e animando os soldados a desprezarem os inimigos, e a se não perturbarem na confusão da noite, se o inimigo se resolvesse a atacar as trincheiras antes de chegar o dia, segurando-lhes nesta consideração a victoria, dizendo-lhes, com razão: „ Que a noite „ he mais favoravel aos defensores, que aos que al- „ taão; porque aquelles seguraõ se hum lugar que „ tem certo para não errar os golpes, e estes cami- „ nhaõ por sitios não conhecidos, em que encontraõ „ tão perigosos accidentes, que os obriga a diminui- „ rem o ardor, e errar a execucao; e que além de „ stas razoes a memoria das victorias passadas lhes „ faria sem duvida desprezar o perigo presentes, que „ seria facil de vencer, sendo o numero dos valorosos „ sempre menor que o dos covardes, e estes por na- „ tureza afeiçoados ás emprezas que se intentaõ da „ noite costumando a não empenhar nellas as vidas, „ entendendo que não perdem a honra: que elle se „ não obrigava à assistencia de algum lugar, por as- „ sistir promptamente a todos; que naquella parte „ que o não achasse mandando, e defendendo as trin- „ cheiras, entendesse que estava em outra, onde o „ conflicto era mayor, e mais precisa a sua assisten- „ cia. A este tempo ja as sombras da noite occul- „ tavaõ o resplendor ao dia, e o Cardeal Spinola ex- „ hortava os seus soldados com a memoria do antigo valor dos Hespanhoes, dizendo: Que se nas acca- „ sioens passadas parecia que estava esquecido, não po- „ dia conhecer-se extincto, sendo a natureza a mes- „ ma; que lhes lembrava o damno, que se seguiria „ áquelle Reino, se os Portuguezes conservassem Sal- „ vattera, que ja contava como rendida, sendo ata- „ cada de tão valorosos soldados, ajudados do escu- „ ro, e confusão da noite, mais favoravel para os „ que assaltavaõ, que para os que eraõ investidos, „ porque aquelles para atirar tinhaõ as trincheiras por „ ponto



PARTE I. LIVRO VI. 451

Anno  
1643.

o ponto certo, aonde as ballas fariam sem duvida mortal emprego, e estes como para aceitar os golpes carecia de alvo pela falta de luz, sendo os tiros sem pontaria, cairiam as ballas sem effeito, e que vencida esta difficuldade, seria facil entrar as trincheiras, cedendo o menor ao mayor numero, e a rebelliao dos Portuguezes ao valor dos Castelhãos. E que esperava: fazendo prisioneiro ao Conde de Castello-Melhor, segurar-lo com prisoens, tao fortes, que não as rompesse com tanta facilidade, de como as de Cartagena de Indias. Seguiu-se a estas palavras mandar aos soldados com mais resolucao que disciplina, que atacassem as trincheiras. A noite, que costuma accrescentar os perigos que encobre, se encheo de estrondo com os tiros, de horror com as vozes, e de confusao com o assalto. Chegaram os Gallegos furiosamente ás trincheiras do primeiro alojamento, que o Conde de Castello-Melhor havia occupado, e foram tao galhardamente rebatidos, que mortos huns, e feridos outros, suspenderam o primeiro impulso. Porém servio-lhes de incentivo o de que puderao usar como defengano, e multiplicando-se por ordem do Cardeal os soccorros, se esforçou o assalto de forte, que por muitas partes parecia contingente a victoria. Duquinhê, que havia ficado fóra das trincheiras para reconhecer os movimentos do inimigo, vendo que era necessario abrir caminho para entrar nellas, desmontou-se, acompanhando alguns soldados, rompeo pelos esquadroens ás cutiladas, e entrou dentro nas trincheiras ferido na cabeça, e não quiz valorosamente retirar-se sem se acabar a occasiao. O Conde acodia promptamente a todas as partes, soccorrendo humas com muniçoens, outras com soldados, e a todas com o exemplo do seu valor. Cresceo o vigor da contenda para a parte do Mosteiro de S. Francisco: porém resistia com grande actividade, e acordio o Capitão André da Costa, que defendia aquelle sitio, e montando o inimigo por varias vezes as trincheiras, de todas

*Assalta o inimigo as trincheiras de noite.*

*Ação valorosa de Duquinhê.*

## 452 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno  
1643.

*Estratagemas de  
Diogo de Mello  
de que resulta  
a retirada do  
inimigo cõ gran-  
de perda.*

todas tornon a retirar-se com grande estrago. Lança-  
vaõ-se muitas bombas, e granadas, e outros artifi-  
cios de fogo, que davaõ ao valor com que se pele-  
java menos luz da que merecia. Os Gallegos, como  
ondas que perdendo a força se recolhem ao mar, e  
ajudadas das agoas tornaõ a accommetter as arêas, as-  
sim se retiravaõ quando eraõ rechagados, e tornavaõ a  
montar as trincheiras, sendo soccorridos. Era passada a  
mayor parte da noite, quando o Cardeal se delibe-  
rou a applicar á empreza o ultimo empanho. Orde-  
nou que se desmontassem os soldados de Cavallo, e  
fazendo emulação entre estes, e os Infantes, os man-  
dou unidos, e competidores avançar por todas as  
partes. O Mestre de Campo Diogo de Mello, que  
havia escolhido para guarnecer huma meya lua, que  
cobria a entrada das trincheiras, pela achar, por me-  
nos reparada, payor defendida, vendo crescer o pe-  
rigo, ajudou excellentemente o valor com a arte: man-  
dou sair fóra cincoenta mosqueteiros com ordem, que  
divididos em dous Corpos ao som de algumas caixas  
atacassem a retaguarda do inimigo, e que repetindo  
as cargas lhe accrescentassem o receyo, e a con-  
fusão. Foy esta ordem executada com tanto acer-  
to, que os Gallegos entendendo que Monçaõ passa-  
va soccorro a Salvaterra, defenganados da empreza  
se retiráraõ, deixando a terra cuberta de mortos, as  
pedras de sangue, e toda a campanha de armas. Tan-  
to que amanheceo, e se descubrião as Tropas con-  
fusamente formadas no Outeiro do Facho, pouco di-  
stante de Salvaterra, começou a jogar contra ellas a  
artilheria, que as obrigou a se retirarem com mayor  
damno, deixando mortos mais de trezentos soldados,  
e levando muitos feridos, entre elles o Mestre de  
Campo D. Fadrique de Valladares, oito Capitães, e  
outros Officiaes. Da nossa parte ficáraõ quarenta mor-  
tos, e muitos feridos. Fez alto o Cardeal com o Ex-  
ercito em Linhares, e mandou passar alguns soldados  
o Minho a tomar lingua. Foraõ sentidos em Monçaõ,  
montou promptamente em hum filhaõ a cavallo a

Con;



PARTE I. LIVRO VI. 253

Condeſſa de Caſtelle-Melhor, ſahio ao rebate com a guarnição da Praça, obrigou aos Gallegos a ſe retirarem ſem levar lingua. O Cardeal, vendo deſvanecidas as eſperanças de ganhar Salvaterra, intentou paſſar o rio, e interpretar Valença. Foy ſentido o rumor dos Gallegos, quando paſſavaõ o Minho, dos Religioſos da Ordem de S. Bento, do Convento de Gaſſey, repicaraõ o ſino, guarneceu ſe a muralha de Valença, e vendo os Gallegos que eraõ ſentidos, ſe retiraraõ. Com peyor ſucceſſo empredeio o Cardeal ganhar Villa-Nova de Cerveira, ſituada ſobre o Minho, ſeis legoas de Salvaterra, nobre Villa dos Viſcondes de Ponte de Lima. Determinava o Cardeal fortificar Villa-Nova, e contrapezar o damno de Salvaterra. Para eſta empreza prevenio quantidade de barcos, e moſtrou que mandava atacar Lanhelas, termo da Villa de Caminha. Conſeguiu com eſta apparencia, que a gente daquelles Lugares acudiſſe a Lanhelas. Vendo lograda a primeira idéa, paſſaraõ dous mil e quinhentos Infantes com varios instrumentos de expugnação á meya noite o rio Minho nos barcos, que eſtavaõ prevenidos na parte que chamaõ a barca de Gayaõ, encuberta de Villa-Nova com huma ferra, que lhe fica diante. Sentiraõ as ſentinelas os barcos, tocãrãõ arma, acudio com diligencia Gaſpar Mendes de Carvalho, Capitaõ n.º de Villa-Nova, levando com ſigo duas Companhias de Infantaria, e entendendo que os Gallegos vinhaõ buscar hums barcos de materiaes, que hiaõ para Salvaterra, acodio á parte onde eſtavaõ. Quando chegou, aindaque reconheceo que o perigo era mayor do que ſuppunha, não quiz retirar ſe: o que não fizeraõ os ſeus ſoldados; porque o deixaraõ ſo com hum Sargento de conhecido valor. Deſprezou Gaſpar Mendes o riſco, a que eſtava expoſto, e com hũa eſpada, e hum broquel ſe metteo entre os Gallegos ás cutiladas. Vendo elles quanto era merecedor de mais dilatada vida, lhe offereceraõ muitas vezes quartel, que não quiz acceitar, e depois de dar, e receber muitas feridas cahio morto, e o Sargento fi-

Anno

1643.

*Deſvanecem ſe os intentos do Cardeal.*

*Morte valeroſa de Gaſpar Mendes.*

cou

# 454 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1643.

cou prisioneiro. Logáraõ seus filhos grandes mercês del'Rey por premio desta fineza. O inimigo não achando outra opposição, marchou para Villa Nova. queimando no caminho o pequeno lugar das Cortes. Em Villa-Nova succedeo no governo a Gaspar Mendes Manoel de Sousa de Abreu, o qual com todo o cuidado, e diligencia recolheo dentro do muro a gente, e roupa do Arrabalde, e preparou para a defenſa tudo o que em tão poucas horas se podia prevenir. Chegaraõ os Gallegos á Villa ao romper da manhã de vinte e cinco de Setembro; achando vassias as casas do Arrabalde puzeraõ fogo a algumas dellas, e intentando por muitas vezes arrimar ás muralhas as escadas que levavaõ, as experimentaraõ em seu damno tão bem defendidas, disparando os homens as armas com grande effeito, e despedindo as mulheres pedras, e vigas, que se retiraraõ todas as vezes que investiraõ. Desconfiados da empreza, e obrigados das vozes dos de Villa-Nova, que lhes diziaõ que aguardassem o soccorro de Salvaterra, que não podia dilatarſe, tentáraõ ultimamente a fortuna com hum furioso assalto: porẽm sendo com mayor valor rebatidos, voltáraõ as costas tão confusamente, deixando as escadas, e os mais instrumentos, que animados alguns paizanos; que haviaõ ficado fóra da Villa, a que se uníraõ outros de Lanhelas, carregáraõ desorte a retaguarda, que além de matarem muitos Gallegos, fizeraõ logo trinta e cinco prisioneiros. Cresceo o numero da nossa gente, ocodindo de Coura com alguma o Capitaõ Francisco Rebello de Sousa: e sabindo de Villa-Nova o Capitaõ Manoel de Sousa de Abreu com toda a guarnição, todos apertaõ desorte os Gallegos, que entre mortos, feridos, e prisioneiros perdéraõ quinhentos homens, e fez mayor a desgraça huma peça de artilheria que Manoel de Sousa de Abreu mandou vir da Villa, que metteo no fundo huma barca cheya de gente. O Conde de Castello-Melhor tanto que teve noticia que o inimigo marchava para aquella parte, despedio algumas Companhias de soccorro, que chegaraõ

*Assaltaõ os Gallegos Villa-Nova, e retiraõ-se.*

*Perdem huma barca.*



PARTE I. LIVRO VI. 455

raõ depois dos Gallegos passarem o rio. Pedirão elles permissãõ para enterrarem os mortos, que se lhes concedeo com grande, e merecida jactancia dos que haviaõ sido causa deste damno. Não podiaõ tolerar os Gallegos ver que crescia a fortificaçaõ de Salvaterra, que ameaçava áquelle Reino molesta continua. Este cuidado os obrigava a inquietar, quanto lhes era possível, áquelle presidio. Marcharão tres Tropas com o fim de reconhecerem a fortificaçaõ de Salvaterra. Sahirão algumas pessoas particulares a cavallo, levando dez moqueteiros, que lhes segurassem a retirada: empenharão-se de tórte, que se achirão cortados; investirão o inimigo, valerão-se de hum litio alpero, e defenderão-se com tanto valor, que deraõ tempo a que Duquisné, e Roquemont sahissem a soccorrê-los; que obrigarão os Gallegos a se retirarem, justamente admirados da constancia de tão poucos Portuguezes. O Cardeal, vendo que não podia conseguir a empreza de Salvaterra, mandou levantar hum reducto no lugar da Salgoia, meyalgoa desta Praça para a parte de Levantẽ junto ao rio Minho. O Conde de Castello-Melhor, tendo por perigosa esta visinhança, ordenou ao Mestre de Campo Diogo de Mello, que marchasse com dous mil Infantes a atacar este reducto: sahio elle de Salvaterra, e dispondo com boa disciplina a gente que levava, chegou ao reducto, de que era Cabo o Mestre de Campo Belchior de Ulhoa com as melhores Companhias do seu Terço. Tanto que deo vista dos nossos soldados, fez sahir tres Companhias, que se emboscãrão em hum valle cuberto, e seguro: deraõ algumas cargas com pouco effeito, e retirãrão-se para o reducto a tempo, que já a nossa gente o avançava por todas as partes, e tão animosamente, que o entrãrão, a pezar da resistencia. Salvou-se o Mestre de Campo, e ficãrão prisioneiros dous Capitães, e parte dos soldados. Desmantelou Diogo de Mello o reducto, e entrou por Galliza, saqueou, e queimou seis lugares muito abundantes, e ricos. Vindo retirando-se achou na Salgoia quatrocentos Cavallos do

Anno

1643.

Ganha-se o Reducto.

Fue  
sajue

## 456 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1643

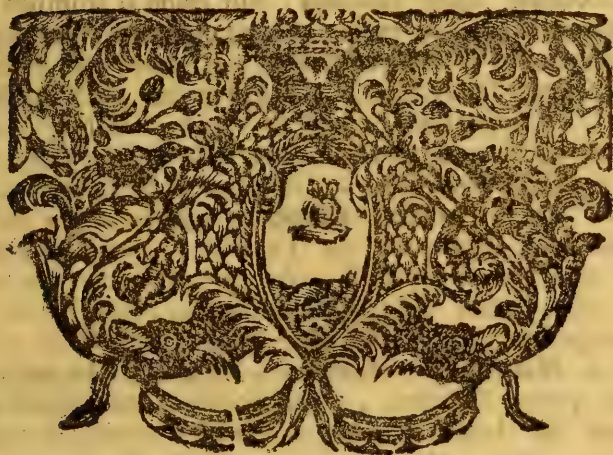
Governa Galli-  
za o Marquez  
de Tavora

do inimigo ; guarneceo alguns vallados, que lhe se-  
guravaõ a marcha, e continuoua. Antes de chegar  
a Salvaterra, lhe chegou aviso do Conde de Castel-  
la Melhor, de que o inimigo havia passado a pon-  
te de Filhãboa, e que o aguardava com o resto das  
suas Tropas. Achava-se Diogo de Mello defronte de  
Monção, em o lugar de Alcobia, mandou com toda  
a diligencia a Antonio de Queirós Mascarenhas, e a  
Rodrigo de Moura, que com as suas Companhias  
guarnecessem huns vallados, por onde o inimigo for-  
çosamente havia de passar. Marchou com toda a gen-  
te a buscar a margem do rio, e tanto que a conse-  
guio, veyo rerirando as mangas pelos sitios mais as-  
peros, e segurando todos os que o inimigo podia  
occupar em seu damno; e com esta bõa ordem che-  
gou a Salvaterra sem os Gallegos se atreverem a in-  
vesti-lo. Neste tempo entrou a governar as Armas  
de Galliza o Marquez de Tavora, aliviando deste  
pezo o Cardeal Spinola, de que desejava ver-se li-  
vre, assim pelas desgraças succedidas, como por ou-  
tros respeitoes que pertenciaõ á sua Dignidade. Cor-  
rendo o Marquez a frõteira, e chegando ao redu-  
cto da ponte Filhãboa, teve noticia, que duas Com-  
panhias de Infantaria nossas davaõ comboy a alguns  
paizanos, que cortavaõ lenha. Eraõ ellas as dos Ca-  
pitães Antonio de Queirós, e Antonio Ferreira. Man-  
dou sair tres, carregáraõ estas duas, e depois de  
larga contenda, obrigáraõ ás tres a se irem retiran-  
do. Reforçou-as o Marquez com outras tantas, ce-  
deraõ as nossas, e vierãõ pelejando até as trinchei-  
ras de Salvaterra. O Conde reconhecendo a desigual-  
dade; e o valor das duas Companhias, mandou sair  
quatro a soccorrê-las: pelejáãõ de huma, e outra  
parte largo espaço, caindo de ambas muitos mor-  
tos, e feridos; ultimamente se retiráraõ os Galle-  
gos, e os nossos soldados os seguirãõ até o redu-  
cto, e a noite apartou a contenda. O Marquez de  
Tavora tratou com grande cuidado de reforçar as  
guar-



Guarniçãoens, e de pedir novos soccorros: porém co-  
mo era o fim de Dezembro parou a guerra sem a for-  
tuna mostrar ao Conde de Castello. Melhor rosto con-  
trario.

Anno  
1643.



INDICE

THE HISTORY OF THE

REIGN OF KING CHARLES THE FIRST

BY SAMUEL JOHNSON

IN TEN VOLUMES

LONDON: Printed by A. MILLAR, in Pall-mall.

MDCCLXXII.

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23





# INDICE

## DAS ACCOENS HEROICAS,

que se contêm nos seis Livros  
desta primeira parte, To-  
mo primeiro.

### A

- A** Bbade de Bouro entra em Galiza , oppoem-se.  
lhe os Galegos , peleja e vence. 273.
- Acção valerosa de duas senhoras em Lisboa no dia  
da Acclamação. 107.
- Acção prudente de Isabel Rainha de Inglaterra. 229.
- Acção varonil da Condeça de Castello Melhor. 448.
- Acclamação d'ElRey Dom João IV em Lisboa , af-  
sentão os confederados a forma , e tempo da ex-  
ecução della. 106.
- Dasse-lhe principio accommettendo o Paço. 107.
- Publica-se pela Cidade. 111.
- Confirmação os Desembargadores. 112.
- D. Affonso o Catholico foy o primeiro que empren-  
deo a conquista de Portugal. 5.
- D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal ,  
e seu Elogio. 6.
- D. Affonso II , e seu Elogio. 7.
- D. Affonso III , e seu Elogio. 8.

Tom. I.

Ff

D. Af.

D. Affonso IV, e seu Elogio.	Ibid.
D. Affonso V, e seu Elogio.	9.
Affonso de Albuquerque Heróe insigne de Portugal.	11.
D. Affonso de Menezes acclama El Rey D. João, e ganha na sala dos Tudescos as alabardas.	107.
D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso procura com outros fidalgos aplacar o Povo de Evora.	69.
Elege-o El Rey D. João Conselheiro de Estado.	124.
Nomea-o El Rey Capitão General do Reino.	219.
Passa a Alemtejo, elege Elvas para Praça de Armas.	1b.
Conferencia que tem com Mathias de Albuquerque.	228.
Chama-o El Rey á Corte,	231.
D. Agostinho Manoel ajunta-se á conjuração do Arcebispo Primaz.	298.
Sua prizaõ.	302.
He sentenceado á morte.	314.
Forma da execução.	317.
Alcobaça, Lugar de Entre Douro e Minho, he quasi-mado pelos Gallegos.	268.
Alconchel, Villa de Castella, he saqueada pelos Portuguezes.	361.
He sitiada pelo nosso Exercito.	429.
Rende-se o Castello, e guarnece-se.	431.
Aldea da Ponte, na Beira, he ganhada pelos Castelhanos.	380.
Aldea do Bispo, no Partido contrario á Beira, he ganhada pelos Portuguezes.	381.
Alemtejo, primeira Provincia de Portugal: disposições para a guerra, e successos do anno de 1641, governando-a o Conde do Vimioso.	219.
Successos do anno de 1642, governando-a Martin Affonso de Mello.	351.
Successos do anno de 1643, em que sahio o nosso Exercito em campanha.	415.
Santo Aleixo, Aldea em Alemtejo, defende-se valerosamente dos Castelhanos.	248.
Algarve, Reino unido á Coroa de Portugal: alterações dos Povos.	75.



# INDICE.

Castigo dos amotinados.	461
Defune-se da Coroa de Castella, e dá obediência a ElRey D. João.	83.
Alteração do Povo com a notícia de se querer eleger ElRey de Castella.	117.
Alteração do Povo de Lisboa por causa dos Fidalgos que fugirão para Castella.	20.
Diligencias com que se applaca.	133.
Alterações de Evora por causa dos tributos.	134.
Excessos do amotinados.	67.
Diligencias para o socego.	68.
Extravagante proposta, que o Conde Duque manda fazer aos Povos.	70.
Castigo dos amotinados.	80.
D. Alvaro de Abranches accommette o Paço acclamando ElRey D. João.	82.
Entra na Camera, pega na Bandeira da Cidade, e sahe por ella acclamando ElRey.	108.
Toma posse do Castello de Lisboa.	111.
Passa á Beira por Governador das Armas, corre a Provincia, e poem-na em defenſa.	114.
Manda a Naveſtria tomar ſatisfação da prizaõ de hum paizano.	283, e 284.
Amareleja, Lugar de Alemtejo: elcaramuçaõ nelle os Castelhanos.	285.
He ſaqueado.	234.
Fr. Ambrosio do Espirito Santo Confessor do Conde de Castello Melhor em Indias ajuda com industria a fugida do Conde.	235.
Foge com o Conde.	193, e ſeg.
Premio que ElRey D. João lhe dá.	196.
André de Albuquerque Capitaõ de Infantaria em Alemtejo, desbarata os Castelhanos em Albuquerque.	198.
Passa a Mestre de Campo.	352.
Angola, Reino na Costa de Africa Austral dà obediencia a ElRey D. João.	416.
Interprendem os Hollandezes a Cidade de S. Paulo de Loanda.	144.
	331.

- D. Antão de Almada, ajuntão-se em sua casa alguns Fidalgos, e fazem conferencia sobre a Acclamação d'ElRey D. João. 95.
- Acclama ElRey, e sobe ao quarto da Duqueza de Mantua. 109.
- Vay por Embaixador a Inglaterra, ajusta a paz, e volta para Lisboa. 163.
- Antiguidades do Reino de Portugal. 4.
- D. Antonio Prior do Crato pertendente da Coroa, e seus fundamentos. 13.
- He acclamado em Santarém, entra em Lisboa, prepara-se para se oppôr ao Exercito d'ElRey de Castella. 22.
- Marcha a Belém, retira-se a Alcantara, he desbaratado na Ponte. 31.
- Passa a França. 35.
- Entra em Portugal com hum Armada Ingleza. 41.
- Morre em Pariz. Ibid.
- Antonio de Mello de Castro avança o Paço, e ganha o Corpo da guarda acclamando ElRey D. João. 107.
- Antonio de Saldanha acclama ElRey D. João em Lisboa. 108.
- Passa á Ilha Terceira, e volta a Lisboa com duas navetas da India. 143.
- Antonio Telles de Menezes he eleito General da Armada na mesma noite em que chegou da India. 152.
- Antonio Telles da Silva acclama ElRey D. João, e ferido em hum braço accõmette a casa de Miguel de Vasconcellos. 108.
- Governa a Bahia. 411.
- Antonio de Azevedo Capitão de Infantaria em Indias he persuadido de Pedro Jaques para a empreza do Conde de Castello-Melhor. 188.
- Descobre o trato, e accusa os cumplices. Ibid. e seg. 192.
- Seu miseravel fim.
- Antonio de Queirós Capitão de Aventureiros em Entre Douro e Minho, avança as trincheiras de Salvaterra, entra a Villa, investe as trincheiras



# INDICE.

ra da Fortificação , e renda-a.	463
Faz retirar o inimigo de Salvaterra , intentando ganhalla.	445.
Antonio Mexia Capitaõ da Ordenança em Campo Mayor corresponde-se com os Castelhanos , não he admittido seu trato.	448.
Seu falso trato , enganando ambos os partidos.	229.
Intenta acreditar sua fidelidade.	247.
Sua prizaõ , e morte.	355.
Antonio Moniz Barreto levanta-se no Maranhão contra os Hollandezes.	356.
Ganha o Forte do Calvario , derrota os Hollandezes , e sitia a Cidade.	411.
Arcebispo de Braga : veja D. Sebastiaõ de Matos de Noronha.	412.
Arcebispo de Lisboa fomenta a empreza da Acclamação.	102.
Sahe da Sé no dia da Acclamação , acclamando El-Rey , e desprega o Christo o braço.	111.
He eleito Governador em quanto El-Rey não chegava a Lisboa.	112.
Elige o El-Rey Ministro para o despacho de todos os dias.	124.
Arca , e contracto , nome que se deo a huma maravilhosa industria para conservação da Cavallaria.	218.
Armada Hollandeza que interprende a Bahia.	52.
Armada de Portugal para a restauração da Bahia.	53.
Armada de Hollanda sobre Pernambuco.	56.
Armada de Castella derrotada pelos Hollandezes.	87.
Armada de Hollanda entra em Lisboa com soccorro.	328.
Recontro que tem com a de Castella.	330.
Discursos sobre se deter a Armada em Lisboa pela cavilação dos Hollandezes.	344.
Armada Hollandeza contra Angola.	330.
Armada Hollandeza contra o Maranhão.	335.
Armada da Costa no anno de 1642.	410.
Armadas de Portugal , e Castella para a restauração de Pernambuco.	593

Armadas de Portugal , e Castella para a restauração de Pernambuco.	61.
Armadas de Portugal , e de França a interprendre Cádiz.	326.
Arzilla entrega-se a ElRey de Marrocos.	39.
Ayres de Saldanha acconmette o Paço acclamando ElRey D. Joaõ.	108.
Faz confirmar a Acclamação pelos Desembargadores.	112.
Seguros do perigo da Cidade, acompanhando os até suas casas.	Ibid.
Soccorre Campo Mayor , governa a Praça , e fortifica-a.	248.
Manda humá partida a Villar d'ElRey , successos della, e de outras Tropas.	249.
Perigo que teve em Valverde.	252.
Derrota a Tropa de Villar d'ElRey.	253.
Arma á guarnição de Albuquerque, desbarata os que acodem ao rebate.	352.

## B

Bahia, sua discripção , he ganhada pelos Hol- landezes.	52.
Sua restauração.	53. e seg.
Sitiação a os Hollandezes.	61.
Ballaro Heróe insigne Portuguez.	11.
Balthazar Teixeira Capitão mór em Traz os Mon- tes sujeita á obediencia d'ElRey oito Lugares de Galiza.	272.
Queima Villa Mayor.	278.
Queima tres Lugares grandes aos Galegos.	279.
Rende o Lugar de Medeiros.	281.
Barrancos , Lugar em Alemtejo , arraza-se pela in- fidelidade de seus moradores.	234.
Baúcio Capeto Heróe insigne Portuguez.	11.
Beira , quarta Provincia de Portugal, successos do anno de 1641 , governando a Dom Alvaro de	



# INDICE.

de Abranches.	465
Succeſſos do anno de 1642, governando Fernão Telles de Menezes.	283.
Brandilhaens, Lugar fortificado na Raya de Traz os Montes, he ganhado pelos Portuguezes.	374.
Braz Nunes Caldeira, acção valeroſa que faz em Roma.	283.
Braſil, Eſtado Vaſtiſſimo na America, ſucceſſos da guerra com os Hollandezes do anno de 1641.	175.
Succeſſos do anno de 1642, Governando Antonio Telles da Silva.	330.
	411.

## C

Campo Mayor, Praça de Alemtejo, intentão os Castelhanos interprendella.	229.
Degollaõ os Castelhanos alguns Soldados deſta Praça.	235.
Damno em Campo Mayor por não pelejarem os Hollandezes.	362.
Capitulos que ElRey D. Filippe jurou ao Reino.	34.
Cardial D. Henrique ſuccede no Reino.	11.
Inclinaſe á Caſa de Bragança para a ſucceſſão do Reino.	14.
Chama a Cortes, e nomea Governadores, e Juizes.	16.
Muda de opiniaõ, determina eleger D. Filippe, e manda propôr á Duqueza de Bragança condiçoens para deſiſtir.	17.
Sua morte, e clauſulas de ſeu teſtamento.	21.
Cardial Alberto Governador de Portugal.	38.
Liberdade generoſa que com o Cardial teve o Padre Luiz Alvares da Companhia de Jeſus.	40.
Cardial Riario Legado a ElRey ſobre o Reino de Portugal.	32.
Cardial Richilieu Miniſtro Mayor de França dá audiencia aos noſſos Embaixadores.	162.
Sua morte.	406.
Cardial Maſſarino ſuccede ao de Richilieu.	Ibid.

# INDICE

Spínola chega com Exercito sobre Salvaterra,	449
Retira os Soldados, e assalta a Praça de noite,	451.
Retira-se com grande perda,	452.
Assalta Villa Nova, e retira-se com mayor perda.	454.
Paz levantar hum reduto meya legua de Salva- terra, ganhaõ-lho os Portuguezes.	455.
D. Carlos de Noronha acclama El Rey D. Joaõ.	109.
Sobe ao quarto da Duqueza de Mantua; palavras resolutas que lhe diz.	110.
Carta da Duqueza Dona Catharina ao Cardeal D. Henrique.	18.
Carta do Duque de Caminha a El Rey D. Joaõ.	311.
Carta a El Rey do Cardeal Richilieu com prudentif- simos conselhos.	322.
Carta ao Imperador do Senhor Infante D. Duarte.	207.
Cartas a El Rey do Inquisidor Geral.	305.
Carta a El Rey do Arcebispo de Braga.	37.
Castelhanos, excessos com que trataraõ ao Collei- to de Lisboa.	87.
Imprudencia dos que estavaõ de presidio no Castel- lo de Lisboa.	
Discursos dos Castelhanos sobre a conquista de Por- tugal.	128.
Segunda mostra dos Castelhanos em Alemtejo.	224.
Rompem duas Companhias em Olivença.	226.
Disposiçoens com que atacaõ Olivença.	229.
Põem fogo ás lementeiras.	230.
Excessos cruéis, e sacrilegos dos Castelhanos.	232.
Retiraõ-se derrotados.	233.
Queimaõ Talega, e Olor.	237.
Degolaõ alguns soldados em Campo Mayor.	253.
Correm a campanha de Campo Mayor, e Arron- ches com mão successo.	240.
Interpretem a Aldea de Santo Aleixo com muito grande perda.	248.
Degolaõ duas Companhias de Castello de V de, e entraõ o lugar de Ferreira.	367.
Artificiosa composiçaõ na Beira sobre o rompimen- to da guerra.	376.
Ganhaõ Aldea da Ponte, e queimaõ outros Lugares.	380.
Der-	



# INDICE

467

Derrotaõ õ Capitão Diogo de Toar , e huma Tro- pa de Alfayates.	387. e seg.
Crueldade que usãõ com os rendidos de Almotalla,	389.
Atacaõ Escathaõ , e retirãõ-se com perda.	390.
Recontro dos Castelhanos com D.Sancho.	392.
Castello de Lisboa entrega-se com ordem da Duque- za de Mantua.	114.
Castello de Elges rende-se aos Portuguezes.	377.
Castello de Ouguella he avançado dos Castelhanos que se tiraõ.	353.
Castellos de Viana, e Setuval rendem-se aos mora- dores destas Villas.	117.
Catalunha suas alteraçõens.	92.
Castigo de Cambriz.	93.
Exercito de Castella sobre Barcelona , e ataque de Monjuic.	158.
Embaixada de Catalunha a Portugal.	160.
Don. Catharina Duqueza de Bragança pertendente do Reino , e fundamentos de su justiça.	13.
Reposta de huma propoza que lhe fez o Cardeal D. Henrique.	18.
Chega a Almeirim a fallar ao Cardeal.	20.
Genezosa reposta da Duqueza a ElRey Philippe in- tent. ndo calar com ella.	38.
Mostra a mesma constancia , visitando a ElRey, Ibid.	
Catharina de Medicis Rainha de França pertendente da Coroa.	13.
Causas de se romper guerra entre França, e Castella.	74.
Cezinando Rodrigues Juiz do Povo de Evora he cau- sa da alteraçãõ.	67.
Proposta extravagante que se lhe faz.	80.
Seu castigo.	82.
Ceilaõ : successos da guerra que os Hollandezes fize- rãõ nesta Ilha.	341.
Poem sitio os de Ceilaõ á Fortaleza de Gale.	414.
Chêles he ganhado pelos Portuguezes.	363.
Christina Rainha de Suecia , e seu Elogio.	171.
Ajusta-se a paz, e manda soccorro a ElRey D. João.	172.

Christo

Christo desprega o braço na Acclamação.	III.
Ciúmes dos Castelhanos da Casa de Bragança.	44.
Codiceira, Lugar entre Albuquerque, e Arronches, he queimado pelos Portuguezes.	359.
Compendio do que se escreve nesta Historia:	3.
Compostella Villa de Galiza he queimada com algumas Aldeas.	273.
Conde Dom Henrique, e seu Elogio.	6.
Conde do Sabugal, acção generosa que faz.	64.
Conde de Linhares tem differenças com Diogo Soares.	76.
Proposta que faz aos Povos de Portugal para foygo dos alterados.	79.
Effeitos de sua ira.	81.
Conde de Nascão Governador dos Hollandezes em Pernambuco, seus progressos naquella Provincia.	60.
Poem sitio á Bahia de que se retira com perda.	61.
Conde da Torre General da Armada para Pernambuco, e successos della.	61.
Persuade estando prezo na Fortaleza de São João ao Tenente della a que a entregue.	118.
Passa a Alemtejo a reformar o Exercito	368.
Conde de Obidos General da Artilharia no Brasil.	62.
Elege-o ElRey Governador das Armas de Alemtejo.	369.
Conde de Monte-Rey Governador das Armas Castellanas resolve-se a atacar Olivença.	229.
Fôrma bateria, dá hum assalto, e retira-se com perda.	231.
Intenta Elvas; retira-se com perda.	242.
Interprende segunda vez Olivença, retira-se com grande perda.	244, e 245.
Retira-se do Governo.	247.
Conde de Aveiras Viso-Rey da India, disposições do seu Governo.	340.
Conjuração contra ElRey, e pessoas della.	294.
Conquistas de Portugal são excluidas na Tregoa de Castella com Hollanda.	43.
Dão obediencia a ElRey Dom João.	135.
Consi.	



# INDICE

Considerações dos Portuguezes antes da Acclamação.	469.
Constancia dos Portuguezes.	88.
Cortes em Lisboa chamadas pelo Cardial D. Henrique, e effeito dellas.	438.
Cortes em Thomar chamadas por ElRey Filippe em que he jurado.	16.
Capitulos que jurou nas Cortes.	33.
Cortes em Lisboa chamadas por ElRey Filippe.	34.
Cortes em Lisboa chamadas por ElRey D. João o IV, em que se levantáão os tributos impostos por ElRey de Castella, e se resolveo a defesa do Reino.	36.
Cortes em Lisboa chamadas por ElRey D. João, em que se allentou contribuição para a despesa da guerra.	128.
	408, e seg.

## D

Decreto que ElRey D. João manda publicar em varios editaes para socego do Povo alterado com a noticia dos conjurados.	305.
Deos mostrava, que se offendia dos Portuguezes que se passavaõ a Castella, porque ou acbavaõ as vidas nas primeiras occasioens, ou ficavaõ prisioneiros.	229.
Dieta de Ratisbona.	204.
Diligencias d ElRey para se recolherem a Portugal os Fidalgos que estavaõ em Indias.	184.
Diligencias de Filippe II para conseguir a Coroa de Portugal.	14.
Diligencias de Dom Antonio Prior do Crato para Reinar.	13.
Diligencias do Monteiro mór para acclamar ElRey Dom João.	91.
Diogo Soares he eleito pelo Conde Duque Secretario de Portugal em Madrid.	63.
Diferença que tem com o Conde de Linhares.	76.
Faz apartar da Corte o Conde por se livrar dos capi-	

capitulos do Abbade de Pera.	79.
D. Diogo de Castro Conde de Basto Viso Rey de Portugal.	65.
Ajuntase com outros fidalgos em Santo Antão de Evora para applacar o Povo amotinado.	69.
Palavras, e authoridade cõ q̃ reprime a furia do Povo lb.	
D. Diogo de Menezes passa a Alemtejo, e allenta praça de soldado, sendo hum dos primeiros da sua esfera que valerosamente se oppozerão á invasão dos Castelhanos.	219.
Exercita todos os postos até Capitão.	362.
Governa hũ Troço de infantaria, e ganha Chêles.	363.
Industria com que livra de perigo as nossas Tropas.	364.
Passa a Capitão de Cavallos.	365.
Diogo de Mello Pereira em Entre Douro e Minho ganha aos Galegos hum Forte principal, e muitos reductos.	271, e seg.
Desbarata os Galegos na Ponte de Filhavia, e ganha a Fortificação da Ponte.	447.
Estratagema de que usou com felice successo no assalto de Sarvaterra.	452.
Ganha aos Galegos o reducto da Salgoza, e retira-se sem os Galegos se atreverem a investillo.	455.
D. Diniz Rey de Portugal, e seu Elogio.	8.
Discursos sobre o Duque de Bragança ser General das Armas de Portugal.	89.
Discursos dos Confederados sobre a execução da empresa da Acclamação.	106.
Discursos dos Castelhanos sobre a Conquista de Portugal.	128.
Discursos sobre se haver de mandar a Duqueza de Mantua para Castella.	292.
Discursos sobre se haver de deter no rio de Lisboa a Armada de Hollanda, em satisfação dos aggraves recebidos.	344.
Disposição da Historia.	253.
D. Duarte Rey de Portugal, e seu Elogio.	9.
D. Duarte Infante de Portugal, e seus successos.	198.
Diligencias dos Castelhanos, e ordens do Emperador	



# I N D I C E

dor para o prenderem.	471.
Confiança generosa do Infante.	200.
He prezo em huma estalajem, e da-se lhe pala- vra da parte do Imperador de o não entregar aos Castelhanos.	203.
Diligencias da Dieta a seu favor.	Ibid., e 204.
Passa á Fortaleza de Passovu, e depois de cinco mezes a Grats.	Ibid.
Carta que manda ao Imperador, e sua resposta.	205, e seg.
Recado mysterioso que manda ao Imperador, partindo para Milão, depois de o haver entre- gue por dinheiro aos Castelhanos.	207.
Sua morte no Castello de Milão, e seu Elogio.	209.
Duque d'Alva General do Exercito de Filippe II.	211.
Entra em Portugal com o Exercito, chega a Se- tuval, embarca-se na Armada, chega a Cas- caes, e marcha a Lisboa.	22.
Desbarata a D. Antonio na ponte de Alcantara, e entra em Lisboa com triumpho.	30.
Duque de Ossuna Embaixador de Filippe II ao Car- dial Henrique.	31.
Duque de Medina Sidonia levanta gente para toce- go do Algarve.	16.
Desafia a ElRey D. João pondo cartais em varias partes, para se justificar das suspeiças que del- le tinha ElRey de Castella.	75.
Sua prisão.	325.
Duque de Caminha; veja-se D. Miguel de Noronha.	326.
Duque de Feria intenta Mourão e retira-se com perda.	238
Duqueza de Mantua, e noticia de seus successos.	65.
Entra em Lisboa a governar o Reino.	66.
Temores, e diligencias da Duqueza na Altera- ção de Evora.	70.
Especula os passos mais occultos dos Fidalgos de Lisboa.	101.
Palavras da Duqueza aos Fidalgos da Acclama- ção que sobiraõ no seu quarto, recolhe-se ao seu Oratorio, e passa ordens para se entregar o Castello.	FIN.

Retira-se ao Paço de Xabregas, e dahi para o  
 Convento dos Santos, 115.  
 Consegue licença delRey para passar a Madrid. 292.

## E

- E**ffeitos da liberalidade, e da miseria. 194.  
 Elvas, Cidade da Provincia de Alemtejo, elegem-se Praça de Armas, e prepara-se para a defenſa. 219.  
 Embaixada de Roma, e considerações sobre ella. 173.  
 Embaixada de Catalunha a Portugal. 160.  
 Embaixada a Hollanda, e effeitos della. 164.  
 Embaixada a Suecia, e Dinamarca. 169.  
 Embaixada do Vice-Rey da India aos Hollandezes. 342.  
 Embaixada de França do Conde da Vidigueira, veja-se D. Váſco da Gama: 405.  
 Embaixada de França a Portugal. 322.  
 Embaixadores de França, ajustão a paz, e voltaõ para Lisboa. 162, e seg.  
 Chegaõ a Lisboa com a Armada de França. 321.  
 Embaixadores de Inglaterra entraõ em Londres, são recebidos delRey, ajustão a paz, e voltaõ para Lisboa. 163, e seg.  
 Emmanuel Phelisberto Duque de Saboya, pertencente da Coroa, e fundamentos de sua justiça. 133.  
 Empreza heroica do Conde de Castello-Melhor em Carthagena. 186.  
 Enſinaſola he queimada pelos Portuguezes. 360.  
 Entradas em Galiza, e effeito dellas. 272.  
 Entradas varias com differentes successos em Traz os Montes. 279.  
 Entradas varias de huma, e outra parte em Entre Douro e Minho. 256.  
 Entradas em Galiza por Entre Douro e Minho com bom successo. 372.  
 Entre Douro e Minho, segunda Provincia de Portugal, successos da guerra do anno de 1641, governando as Armas D. Gaſtaõ Coutinho. 254.  
 Suc;



# INDICE

473

Sucessos do anno de 1642, governando tres Governadores,	371.
Sucessos do anno de 1643, governando o Conde de Castello Melhor,	439.
Escaramuça das primeiras Tropas de Alemtejo,	226.
Escaramuça no Lugar da Amareleja,	234.
Escaramuça em Olivença,	228.
Escaramuça em Badajoz,	418.
Estremoz Villa de Alemtejo fortifica-se.	237.
Evora, veja alteraçoes de Evora.	
Exercito de Philippe II contra Portugal.	21.
Exercito de Castella sobre Barcelona, ataca Monjuic.	558
Passão muitos Portuguezes que nelle serviaõ a Portugal.	559.
Exercito dos Castelhanos sobre Olivença, que se retira com perda.	230.
Exercito de Portugal no anno de 1642, sitia a Villa de Valverde.	421.
Chega a Badajoz.	423.
Retira-se o Exercito.	427.
Queima tres Villas, e sitia Alconchel.	429.
Entrega-se o Castello de Alconchel que se guarnece, e rende-se a Villa de Figueira de Vargas.	431, e seg.
Põem sitio a Villa Nova del Fresno.	432.
Rende-se a Villa, e fortifica-se.	435.
Retira-se o Exercito a Portugal.	436.
Exercito dos Gallegos governado pelo Cardial Spinola sobre Salvaterra, de que se retira com máo successo.	449.

## F

Philippe II pèntender te da Coroa de Portugal, e fundamentos de sua justiça.	13.
Manda Exercito a Portugal.	22.
Sentença dos Governadores de Portugal a seu favor, que não estima.	29.
Chega-lhe a nova do Exercito entrar em Lisboa, e entra em Elvas,	32.
Vifi.	

Visita a Duqueza de Bragança, chama Cortes a Thomar, em que he jurado, e lança o Tuzaõ ao Duque de Bragança.	33.
Capitulos que jura nas Cortes.	34.
Entra em Li. boa com magnifico apparato.	35.
Intenta casar com a Duqueza de Bragança.	37.
Volta a Madrid, deixa o Cardeal Alberto com o governo de Portugal, e visita a Duqueza.	38.
Sua morte, e seu Elogio.	41.
Pi ippe III. manda a Portugal fazer levas para Flandes.	43.
Entra em Lisboa, e he magnificamente recebido.	44.
Volta a Madrid aonde morre.	46.
Filippe IV. succede na Coroa de Portugal, e principio de seu governo.	50.
Accrescenta os tributos, e amotinase o Povo pela oppressão delles.	51.
Mercê que faz aos fidalgos Portuguezes pela restauração da Bahia.	55.
Intenta fazer de Portugal Provincia, e chama a Madrid os Prelados, e Nobres.	83.
Manda a Portugal fazer levas para a guerra de França.	85.
Chegalhe a nova da Acclamação delRey D. Joaõ.	127.
D. Philippe Mascarenhas governa Ceilaõ, e ganha a Fortaleza de Negumbo.	154.
Rompe os Chingalas.	ibid.
Fernaõ Telles de Menezes acclama ElRey D. Joaõ em Li. boa. e avança o Paço.	109.
Exercita o Officio de Alferes mór no juramento delRey.	122.
Governa a Provincia da Beira.	374.
Rompe a guerra aos Castelhanos, e rende á obediencia delRey a Villa de Valverde.	376. e seg.
Ganha Aldea do Bispo depois de valerosa resistencia.	381.
Derrota valerosamente os Castelhanos em Val de la mulla.	384.
Rende o Castello de Guardaõ, e arruina-o.	386.
Preparaçãõ que faz para resistir aos Castelhanos sem	



# INDICE

tem conseguir os soccorros que tinha pedido,	475
Desbarata os Castelhanos com desigual poder,	388.
Retirase a Lisboa depois de ter feito muito grande danno aos Castelhanos,	395.
D. Fernando Rey de Portugal; e seu Elogio,	Ibid.
D. Fernando de Menezes Conde da Ericeira parte a Lisboa com a noticia da Acclamação a dar obe- diencia a ElRey,	9.
D. Fernando Mascarenhas chega com a nova de ser acclamado ElRey no Brasil, e ve-se apertado em Peniche com a furia do povo,	125.
Fernando III. Emperador de Alemanha proposta que lhe fazem os Castelhanos sobre a prizaõ do In- fante D. Duarte,	148.
Dá ordem para se prender o Infante,	200.
Palavra do Emperador de o não entregar aos Cas- telhanos,	202.
Resposta do Emperador a huma carta do In- fante,	204.
Falta à palavra, e entrega o Infante por dinheiro aos Castelhanos,	207.
Tyranna ordem do Emperador na entrega do In- fante,	208.
Fidalgos da Acclamação,	210.
Depois de renderem o Paço sahem pela Cidade ac- clamando ElRey.	109.
Voltaõ ao Paço, elegem Governadores, e fazem aviso a ElRey,	111.
Fidalgos Portuguezes que concorrem de fóra a dar obediencia a ElRey D. Joaõ,	112.
Fidalgos que estavaõ em Madrid offerecem-se a El- Rey de Castella para a Conquista de Portugal,	125.
Fidalgos que estavaõ em Indias no tempo da Accla- mação,	127.
Fidalgos que se passáraõ a Castella;	184.
Fidalgos que se passáraõ a Castella,	131.
São todos condemnados por traidores,	134.
Fidalgos, e pessoas conjuradas contra ElRey Dom Joaõ,	135.
Tom. I.	300.
Gg	
Con.	

Confissoens de todos.	305.
Sentença de morte contra elles:	314.
Forma de sua execução.	317.
Fidelidade generosa de huma Senhora Castelhana.	195.
Fidelidade de Manoel da Silva.	299.
Figueira de Vargaa Villa de Castella rendese aos Portuguezes.	432.
Fortaleza de S. Giazõ rendese depois de resistir alguns dias.	118.
Fortaleza da Ilha Terceira rendese havendo resistido quatorze mezes.	139.
Sua descripção.	ibid.
Fragata Hollandeza rende hum navio nosso em Indias que hia livrar o Conde de Castello Melhor da prizaõ, e relowese o Capitaõ Hollandez á empreza.	195.
Ajuntase com outra da mesma conserva, e consegue a empreza.	196.
Perde-se o navio Portuguez com a tormenta, e as fragatas Hollandezas rendem huma Castelhana, que tambem se perde com a tormenta.	197.
Ponderação sobre a variedade destes successos.	ibid.
Premio que se deu ao Capitaõ Hollandez.	198.
França, negocios do anno de 1641, assistindo por Embaixador Francisco de Mello Monteiro mór.	161.
Negocios do anno de 1642, sendo Embaixador o Conde da Vidigueira.	405.
D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira procura com outros fidalgos apylacar o povo de Evora.	69.
Acompanha ElRey depois de aclamado de Villa-Viçosa até Lisboa.	116.
Exercita o officio de Condestavel no juramento delRey D. Joaõ.	122.
Acompanha a Rainha de Villa-Viçosa até Lisboa.	124.
Francisco de Mello Monteiro mór principal author da felice Acclamação delRey: suas diligencias.	91.
Avança o Paço acclamando ElRey, e sobe ao quarto da Duqueza de Mantua.	109.
Vay	



# INDICE.

Vay por Embaixador a França.	477.
Ajusta a paz, e volta a Lisboa na Armada de França.	161.
Passa a Alemtejo por General da Cavallaria.	162, e seg.
Ganha a Villa de Alconchel.	358.
Ganha Chêles.	361.
Retirada de Telená.	363.
Queima as Villas de Albufeira; Almeadral, e Torre.	369.
Ganha Pedra Buena com rota dos Castelhanos,	429.
D. Francisco de Sousa aclama ElRey D. Joáo em Lisboa,	437.
Attaca a Fortaleza de S. Giaõ, e entra nella,	109.
Fórma em Beja hum Terço com titulo de Mestre de Campo,	118.
Socega os moradores de Moura,	222.
Interprende Valença de Bomboy,	233.
Attaca a Villa de Arouche, entra o Arrabalde, e retira-se com grande despojo,	235.
Queima Ensinasola,	357.
D. Francisco de Castro Inquisidor Geral elegeo o El-Rey Conselheiro de Estado,	360.
Sua prizaõ,	124.
Cartas que manda a ElRey em que confessa o seu elicto,	302.
He solto;	305.
Francisco de Lucena Secretario de Estado commu- nica a Duqueza de Mantua com intento de grangear a liberdade de seu filho,	320.
Sua prizaõ;	292.
Francisco de Ornellas Capitaõ mór da Villa da Praya na Ilha Terceira manda o ElRey á empreza de sujeitar a Ilha á sua obediencia,	410.
Aclama ElRey na Villa da Praya,	136.
Soccorre a Cidade, e dispoem a defenfa,	137.
Rende a Fortaleza, e embarca-se para Lisboa;	138.
Francisco de Abreu de Lima Sargento mór em Moura he desterrado com nota de infamia por cobarde,	142.
	234.

Francisco de Andrade Leitaõ Defembargador dos Aggravos faz a oraçaõ do Juramento delRey D. Joaõ.	123.
Vay por Embaixador a Inglaterra.	163.
Passa a Hollanda, e faz hum a oraçaõ aos Estados.	407.
Francisco Rebello Homem Vereador da Camera faz hum a oraçaõ no Pelourinho velho depois de jurado ElRey D. Joaõ.	123.
Oraçaõ que faz nas Cortes.	129.
Francisco de Sousa Coutinho Embaixador de Suecia, e Dinamarca negalhe ElRey de Dinamarca audiencia publica.	169.
Falla a ElRey em particular, parte a Suecia tem audiencia da Rainha.	170, e seg.
Conferencia com os Ministros, ajusta a paz, e volta para Lisboa.	172.
Papel que apresentou na Dieta de Ratisbona.	205.
Francisco de Mello Governador de Olivença resiste valerosamente ao Conde de Monte-Rey.	230.
Francisco de Mendoça Alcaide mór de Mouraõ interpende Valença de Bomboy,	236.
Funchal Cidade da ilha da madeira foy exemplo a todas as Conquistas para acclamarem ElRey D. Joaõ,	135.
Fundamentos para se escrever esta historia,	3.

## G

G Alegos queimaõ algumas Aldeas em Entre Douro e Minho,	256.
Derrotaõ dous Capitães, e queimaõ Alecbaga,	268.
Entraõ o Lugar de Duas Igrejas, e queimaõ outras Aldeas,	281.
Aflaltaõ Villa-Nova, retiraõ-se com perda.	454.
Galeões Castelhanos rendem-se no dia da Acclamaçaõ os que estavam no rio.	113.
D. G. spar de Gusmaõ Conde Duque de Olivares, sua	



# INDICE.

sua notícia ;	479
Elige Secretarios de Estado de Portugal Diogo Soares em Madrid, e Miguel de Vasconcellos em Lisboa,	63.
Meyor que toma para o socego da Alteração de Evora,	Ibid.
Manda as Tropas de Guepuscua, e Navarra a Portugal,	72.
Politica ambiciosa do Conde Duque,	75.
Ajunta em sua casa os fidalgos Portuguezes para mostrar que suavitava o castigo dos amotinados,	76.
Extravagante proposta que faz aos povos de Portugal,	Ibid.
Procura tirar do Reino ao Duque de Bragança,	80.
Executa excessos sem dissimulação, resolvendo-se fazer de Portugal Provincia,	85
Elige o Duque de Bragança General das Armas de Portugal: e discursos sobre esta eleição,	87.
He causa das alterações de Catalunha,	89.
Persuade a ElRey que passe a Catalunha com hum Exercito com intento de chamar a Madrid o Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal,	92.
Resolve-se continuar os progressos de Catalunha, dilatando a conquista de Portugal em utilidade nossa,	93.
Galpar Pinto Pestana, Commissario Geral ganha Figueira de Vargas, e livra as Tropas com industria,	128.
Desbarata duas Tropas Castelhanas;	363.
Rompe huma Tropa do Almendral,	365.
D. Gastaão Continho acclama ElRey D. João, e avança a casa de Miguel de Vasconcellos,	416.
Solta os presos;	108.
Rende a Fortaleza de Cascaes,	112.
Governa as Armas de Entre Douro e Minho,	119.
Rompe a guerra com varias entradas,	254.
Ganha alguns reductos aos Gallegos,	255.
	270.
Gg ;	Ar.

Arruina as Fortificações de Pedrenda ;	ibid.
Governadores, e Juizes nomeados pelo Cardeal D. Henrique,	16.
Tomão posse do governo, despedem as Cortes, e fazem aviso a ElRey de Castella,	21.
Dão sentença a favor del'Rey Philippe,	29.
Governadores do Reino em quanto ElRey D. João não chegava a Lisboa,	112.
Passão ordens para o socoço da Cidade,	113.
Prendem os Ministros de Castella,	115.
Gregorio Correa acção valerosa que faz em Olivença,	245.
Guardão he sitiado, e rendido pelos Portuguezes : e sua descripção,	386.
Guarnição Castelhana que contra os Capitulos jurados se põem nas Fortalezas de Portugal;	39.
Guerra de França com Castella, e causas de seu rompimento,	74.

## H

D Henrique Rey de Portugal ; e seu Elogio,	11.
D. D. Henrique Henriquez Capitão de Cavallos passa com a sua Companhia de quartel para Moura,	248.
Desbarata os Castelhanos, e tira lhe huma preza,	356.
Hidalção intenta sitiar Goa com os Hollandezes,	150.
Defiste do sitio.	153.
Historia utilidades que tem em se lêr,	126.

## I

I Lha Terceira, primeira revolta que tem os moradores da Cidade em que começaram a Acclamar a El-Rey D. João,	137.
Ganhao o Forte de S. Sebastião,	139.
Soccorros que tomão aos Castelhanos,	140.



# INDICE.

481

Entraõ a Fortaleza depois de resistir quatorze me-	
zes,	142.
Tomaõ dous navios de Indias,	410.
Ilha de S. Thomé entraõ na os Hollandezes, ganhaõ	
a Cidade, e Fortalezas,	334.
Ilha da Madeira, e as mais Ilhas Acclamaõ ElRey,	135.
Imprudencia do Padre Francisco de Vilhena em exe-	
cutar as ordens d'ElRey,	146.
India, relaçaõ do estado em que a achou a Accla-	
maçaõ,	153.
Succello da guerra do anno de 1641, sendo Viso-	
Rey o Conde de Aveiras,	338.
Succello do anno de 1642,	413.
Inglaterra, negocios do anno de 1641; sendo Em-	
baixador D. Antão de Almada,	163.
Interdito do Coleitor.	88.
Levanta'o o Auditor da Legacia no tempo da Ac-	
clamaçaõ,	117.
Inveja do Duque de Villa Formosa.	65.
Joanne Mendes Mestre de Campo General em Alem-	
tejo governa a Provincia em ausencia do Conde	
de Obidos,	415.
Ganha Telena, arraza o lugar, e põem-lhe o	
fogo,	417.
Vay reconhecer Badajoz,	425.
Seu voto, e razoes sobre se retirar o Exercito de	
Badajoz,	427.
D. Joaõ I. Rey de Portugal, e seu Elogio,	9.
D. Joaõ II., e seu Elogio,	10.
D. Joaõ III. e seu Elogio.	Ibid.
D. Joaõ Tello acçaõ que faz de grande credito,	21.
Joaõ Pinto Ribeiro Agente dos negocios do Duque	
de Bragança: sua opiniaõ na segunda junta da	
Nobreza sobre a Acclamaçaõ,	95.
Parte a Villa Viçosa: despede'o o Duque com or-	
dem de ser Acclamado em Lisboa,	100, e sega
D. Joaõ I. Duque de Bragança pertendente da Coroa,	
e fundamentos de sua justiça,	13.
Diligencias do Duque, e razoes em que mostra	
Gg iv a sua	

a sua justiça ,	72.
Não admittre os despachos del Rey Philippe .	36.
Sua morte ,	37.
D. João II. Duque de Bragança ; e IV. Rey de Portugal , he acclamado em Villa-Vieira nas alterações de Evora ,	70.
Não se fia da inconstancia do Povo ,	73.
Procura os Castelhanos tira-lo de Portugal ,	85.
He nomeado General das Armas de Portugal com industria para o tirarem do Reino ,	89.
He chamado para passar a Catalunha , e resolve-se á empreza da liberdade ,	93.
Manda-se acclamar em Lisboa ,	101.
He acclamado em Lisboa ,	107 , e 108.
Entra em Lisboa , e he recebido com universal applauso ,	116.
Dão-lhe obediencia todas as Provincias do Reino ,	117.
He jurado Rey de Portugal ,	112.
Elege Ministros ,	124.
Chama a Cortes em que he jurado Rey ;	128.
He acclamado na Ilha da Madeira ,	135.
He acclamado na Ilha Terceira ,	136.
He acclamado na Bahia , e no Rio de Janeiro , 144. e seg.	
He acclamado em todos os lugares da India ,	149.
Disposições do seu governo ,	157.
Manda Embaixadores aos Principes de Europa ,	161.
Diligencias para livrar seu Irmão o Infante D. Duarte ,	211.
Dispõem a defesa do Reino ;	215.
Conjuração contra a sua pessoa ,	294.
Utilidades que conseguiu com o castigo dos conjurados ,	321.
He acclamado na Ilha de S. Thomé .	333.
Passa a Alentejo , deixa governando a Rainha ,	419.
D. João da Costa , seu voto sobre a Acclamação ;	102.
Livra da morte os Ministros dos Tribunaes no dia da Acclamação , e sobe ao quarto da Duquesa de Mantua ,	109.
Rende os Galeões dos Castelhanos ,	113.
Le:	



# INDICE.

483

Levanta gente em Evora, e he o primeiro Mestre de Campo em Alentejo,	220.
Governa Elvas, e oppoem-se aos Castelhanos,	230.
Faz sahir as Tropas de Elvas que conseguem hum felice successo,	232.
Informação que dá a Martim Affonso de Mello do estado da Provincia de Alemtejo,	239.
Recontro com bom successo nos Olivares de Elvas,	242.
Soccorre com grande actividade o Monteiro mór, livra-o de perigo,	370.
Joaõ Rodrigues de Sá Acclama ElRey D. Joaõ em Li boa,	109.
Rende os Galeoens dos Castelhanos, que estavaõ no Rio, com D. Joaõ da Costa,	113.
Exercita o officio de Camareiro mór,	122.
Joaõ Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello. Melhor : empreza heroica que intenta em Indias de Castella,	186.
He prezo descobrindo-se o trato da empreza,	189.
Sentenceaõ no á morte pondo o primeiro a tormento,	191.
Depois de se lhe permittir appellação intenta levantar-se com o Castello em que estava prezo,	192.
Fugida admiravel do Conde para Portugal com circumstancias notaveis,	196.
Governa a Provincia de Entre Douro e Minho,	439.
Ganha Salvaterra, e põem-lhe o fogo,	441.
Ganha segunda vez Salvaterra, e fortifica-se,	445.
Valor, e disposiçaõ com que a defende de hum Exercito,	451.
Joaõ da Silva Tello Conde de Aveiras; Viso-Rey da India, acclama ElRey D. Joaõ em Goa,	151.
Disposiçoens para o seu governo,	154.
Descobre huma traiçaõ dos Hollandezes,	155.
Joaõ Paes de Carvalho manda o ElRey D. Joaõ a Indias,	184.
Prendem-no em Cartagena, descobrindo-se o intento, sentenceaõ no á morte de que se livra por quinhentas patacas,	185.
Joaõ	

Joaõ de Saldanha da Gamma Acclama ElRey D. Joaõ em Lisboa,	108.
Faz preza em todo o gado da Villa da Povoação governando Campo Mayor,	366.
Derrota duzentos Infantes de Albuquerque,	418.
D. Joaõ Soares de Alarcão, passa-se com outros fidalgos a Castella,	131.
He condemnado por traidor,	134, e seg.
Entra em Portugal governando hum Troço de Exercito, entra a' alguns lugares, e attaca o Castello de Escalhão de que se retira com grande perda,	389.
D. Joaõ de Garay Mestre de Campo General dos Castelhanos intenta ganhar Elvas enganado de hum falsa noticia,	241.
Intenta ganhar por interpretação Campo Mayor,	247.
Disposições que faz para tirar de Elvas os prisioneiros.	353.
Manda enforcar trinta Hollandezes de Campo Mayor que sem ordem tinhão ido a roubar,	366.
Industria com que quer evitar passarem-se os Napolitanos a Portugal,	417.
D. Joaõ de Attaide successos prosperos que consegue	437.
Joaõ de Saldanha de Sousa Acclama ElRey em Lisboa,	108.
Seu voto sendo Mestre de Campo no Exercito sobre Badajoz,	425.
Joaõ de Almeida Alferes acção valerosa que faz,	368.
D. Joaõ de Sousa Mestre de Campo acode a hum rebate em Elvas,	355.
Joaõ Paschasio Cosmader Religioso da Companhia de Jesus passa a Alemtejo, e reconhece Badajoz,	425.
Fortifica Villa-Nova del Fresno,	436.
D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvão Acclama ElRey na Bahia,	144.
He prezo, e mandado para Lisboa,	147.
Voto do Marquez sobre passar ElRey a Alemtejo,	401.
Junta do desempenho em Madrid,	67.
Junta de Santo Antão em Evora,	69.
Ordens, e poderes que lhe dá o Conde Duque,	72.
Jun.	



# INDICE.

Junta dos Nobres em casa de Jorge de Mello sobre a Acclamação.	48.
Junta dos Nobres em casa de D. Antão de Almeida sobre a Acclamação.	92.
Junta em casa de João Pinto, em que se elege o primeiro de Dezembro para a Acclamação, 101, e leg. Embaraço-se os confederados com o voto de D. João da Costa,	95.
Discussões dos confederados sobre a execução da Acclamação, assentaõ a fórma, e tempo della,	105.
Junta em Madrid dos fidalgos Portuguezes,	106.
Junta dos Tres Estados, e sua instituição,	76.
Juntas em Badajoz, e Aya-Monte.	130.
	83.

## L

L	Evas de gente de Portugal para Flandes;	43.
L	Levas de Portugal para a guerra de França,	85
Linhares	Lugar de Galiza he saqueado pelos Portuguezes.	449.
Lobios	Villa de Galiza, e outros Lugares são queimados,	273.
Lopo Pereira	ganha hum forte, e os reductos do Porto dos Cavalleiros em Galiza,	271.
Luiz Barbalho	valor com que se livra em Pernambuco dos Hollandezes,	62.
D. Luiz de Menezes Marquez	de Villa Real elege-o ElRey Conselheiro de Estado,	124.
Junta-se á confederação	do Arcebispo Primaz,	295.
Sua prizaõ,		302.
Carta que escreve a ElRey,		313.
He sentenciado á morte,		314.
Fôrma da execução,		317.
Juizo da Casa de Villa-Real;		319.
Luiz da Silva	valor com que se livra dos Castelhanos,	273.
D. Luiz de Menezes	Author desta Historia cria-se com o Principe D. Theodosio,	126.
	D. Luiz	

D. Luiz de Portugal passa a Alentejo, e occupa vários postos,	219.
Socaga Portalegre, e tem bom successo contra os Castelhanos,	243.
Luiz Pereira de Barros descobre a ElRey a conjuração do Arcebispo Primaz,	298.
D. Luiza de Gusmao, Duqueza de Bragança, e Rainha de Portugal approva varonilmente o intento da Acclamação,	99.
Entra em Lisboa depois de acclamado ElRey,	124.
Suas prerogativas,	297.
Severa reposta que dá ao Arcebispo de Lisboa,	316.
Governa Lisboa em ausencia delRey,	419.

## M

M Acáo, Cidade na China, dá obediencia a ElRey D. Joáo,	152.
Fazem os moradores hum grande donativo a ElRey,	Ibid.
Malaca he sitiada pelos Hollandezes,	155.
D. Manoel Rey de Portugal, e seu Elogio,	10.
Manoel de Mello acclama ElRey em Lisboa,	109.
Manoel de Sousa queima Monte Redondo, e outras Aldêas em Galliza,	256.
Manoel da Silva, sua grande fidelidade,	299.
Manoelinho doudo celebre de Evora: passáo os amotinados as ordens em seu nome,	70.
Maranhão, Ilha na Costa do Brasil, sua discripção,	336.
Entrao, e saqueao a Cidade os Hollandezes, e ganhao a Fortaleza faltando á fé,	337.
Successos do anno de 1642, em que se levantou contra os Hollandezes Antonio Moniz Barreto,	411.
Marquez de los Valles, General do Exercito de Castella, sobre Barcelona,	158.
Vay por Embaixador extraordinario a Roma;	175.
Impedem-lhe os Portuguezes assistir á festa de Santo Antonio no seu Hospital,	Ibid.
	In.



# INDICE.

487

Intenta prender o nosso Embaixador, e diligencias que faz.	178.
Encontro dos dous Embaixadores de que o Marquez sahe descompolto.	181.
Sahe de Roma.	182.
Marquez de Lagães intenta prender ou matar o Padre Ignacio Mascarenhas em Genova.	159.
Marquez de Toral governa Badajoz, e rompe a guerra.	222.
Manda hum bolatim com os primeiros prisioneiros.	225.
FaMo trato com os paizanos de Portugal.	lbid.
Martim Affonso de Mello acclama ElRey D. Joaõ.	109.
Nomea'o ElRey Governador das Armas de Alemtejo.	231.
Fortifica Estrem os.	236, e leg.
Sahe de Elvas a hum rebate com bom successo.	242.
Soccorre Olivença, e augmenta o presidio.	247.
Interprende a Villa de Valverde.	250.
Ganha o Lugar da Codiceira.	259.
Passa a governar o Algarve.	369.
S. Martinho Villa junto a Elges he atacada pelos Portuguezes.	379.
Mathias de Albuquerque : governa Pernambuco.	52.
Parte de Li boa com soccorro a defender Pernambuco dos Hollandezes.	56.
Passa a Alemtejo, e fortifica Olivença.	220.
Augmenta as fortificações de Elvas, e Campo Mayor.	221.
Governa as Armas de Alemtejo em ausencia do Conde do Vimiofo.	222.
Anima o Povo de Elvas no primeiro rompimento da guerra.	223.
Sahe ao Campo com a gente da Praça, e satisfaz os soldados com emboscadas, e escaramuças.	224.
Soccorre Olivença, e não se atrevem os Castelhãos a investillo na retirada.	227.
Sua opiniaõ sobre o falso trato de hum Capitão.	228.
Sua paizaõ.	304.

He

He solto com grande applauso ,	320.
Governa o Exercito de Alemtejo ;	428.
Entra a Villa de Alconchel , rende o Castello , e guarnece-o ,	431.
Maximas diabolicas de hum Ministro de Castella ,	209.
Mazagaõ dá obediencia a ElRey D. Joaõ ,	143.
Medeiros Lugar grande , e guarnecido em Galiza he entrado pelos Portuguezes ,	280.
D. Miguel de Almeida acclama briosamente a ElRey das varandas do Paço ,	107.
Miguel de Vasconcellos he nomeado Secretario de Portugal em Lisboa ,	63.
Governa sem dependencia , e confunde-se na exe- cução dos tributos ,	66.
Sua morte no dia da Acclamação ,	109.
D. Miguel de Noronha Duque de Caminha dá prin- cipio ao juramento delRey D. Joaõ ,	123.
Estranha a seu pay o cego intento da conjuração ,	296.
Sua prizaõ ,	302.
Carta que escreve a ElRey ;	311.
He sentenciado à morte ,	314.
Forma da execução ,	317.
D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego elege-o El- Rey Conselheiro de Estado ,	124.
Vay por Embaixador a Roma ,	174.
Encontro com o Embaixador de Castella , recolhe- se o Bispo victorioso ,	181, e seg.
Não admite audiencia co no particular , e volta a Portugal , onde morre ,	184.
Minho rio de Portugal , sua descripção ,	439.
Ministros que ElRey elegeo , logo que tomou posse do Reino .	124.
Ministros de que ElRey fazia mais confiança ,	291.
Moçambique acclama ElRey ,	149.
Utilidades de Moçambique ,	156.
Monte Redondo Lugar de Galliza he queimado ;	267.
He saqueado segunda vez depois de rendido tres reductos ,	270.
Morte de D. Anna de Austria Rainha de Castella ,	32.
Mor.	



# INDICE

Morte de D. Diogo Principe de Castella.	489
Morte gloriosa de Roque Antunes.	36.
Motivos da perda de Portugal.	223.
Motivos das alteraçoens de Catalunha.	12.
Motiyos de se escreverem os primeiros successos da guerra.	92.
	225.

## N

Napolitanos passaõse muitos de Castella a este Reino.	417.
Nascimento delRey D. Affonso.	437.
Naufragio da Armada de Tristaõ de Mendoça.	346.
D. Nuno Mascarenhas Governador de Castello de Vide destroe toda a campanha de Valença de Alcantara.	236.
Saquea Ferreira.	241.
Queima o Lugar de Santiago.	359.

## O

Officios da Casa Real.	122.
Hollanda negocios do anno de 1641, sendo Embaixador Tristaõ de Mendoça.	164.
Negocios do anno de 1642, assistindo a elles Francisco de Andrade Leitaõ.	406.
Hollandezes interprendem a Bahia.	52.
Preza grande que fazem na frota de Indias.	55.
Conquistaõ Pernambuco.	57.
Celebraõ com festas em Pernambuco a nova da Acclamação.	145.
Ganhaõ Angola, S. Thomé, e Maranhão faltando a fê.	332.
Olivença Villa de Alemtejo fortifica.	221.
Exercito dos Castelhanos sobre esta Praça, e retira-se com perda.	230.
Interprende-a o Conde de Monte-Rey com máo successo.	244.
Pala:	

## P

P Alavras com que o Conde de Baſto detem a fu- ria do povo de Evora ,	69.
Pantaliao Rodrigues Pacheco Inquifidor Agente dos negocios de Portugal em Roma.	174.
Apreſenta hum memorial em que declara o direito delRey ,	176.
Satisfaz as difficuldades do Cardeal Barbarino ,	177.
D. Payo Correa Heroe inſigne Portuguez que fez pa- rar o Sol ,	11.
D. Pedro Rey de Portugal , e ſeu Elogio ,	8.
Pedro de Mendoça Furtado propoſta que faz ao Du- que de Bragança ſobre a Acclamação , e ſua re- poſta ,	96.
Acclama ElRey D. Joao em Lisboa ,	107.
Pedro Jaques de Magalhães he prezo em Cartagena ,	189.
Generoſa repolta contra o accuſador , he condem- nado a tratos , e paſſa ſe a Portugal ,	Ibid. e ſeg.
Pedro de Betincor ganha hum reduito aos Galegos ,	442.
Pedro Mauricio Duquiſnè Capitaõ de Cavallos açoaõ que fez em Salvaterra ,	451.
Pernambuco ſua diſcrição ,	55.
Conquiſtaõ no os Hollandezes ;	57.
Portugal ; ſua diſcrição ,	215.
Portuguezes quando concorreraõ a renderſe , confe- guiraõ os Caſtelhanos conquiſtallos ,	32.
Conſideraçoens dos Portuguezes mais zelofos ſo- bre a Acclamação ,	88.
Paſſaõ a Portugal muitos dos que ſerviaõ no Exer- cito de Catalunha ,	159.
Praças das Conquiſtas occupadas pelos Hollandezes no tempo da Acclamação ,	165.
Praças, e ſeitorias que os Hollandezes occupavaõ na India no tempo da Acclamação .	339.
Pertendentes da Coroa de Portugal , e ſeus funla- mentos ,	13.



# INDICE

Principes devem pôr grande cuidado no recato do prometer,	491
Prizaõ de D. Sabiniano Manrique,	204.
Prizaõ da Marquessa de Montalvaõ, e outros fidalgos,	119.
He solta;	134.
Prizaõ dos fidalgos conjurados contra El Rey D. Joaõ,	148.
Proposta dos Castelhanos á Nobreza de Lisboa para se assentarem quinhentos mil cruzados de tributo,	302.
Proposta aos Ministros Portuguezes em Madrid,	64.
Proposta de hum Frade a D. Joaõ de Garay,	86.
Protesto do Duque de Bragança,	241
	45.

## R

R Aynuncio Duque de Parma pertendente da Coroa, e seus fundamentos,	113.
Real da Agoa, e seu principio,	221.
Recontro de Verim com rota dos nossos soldados,	373.
Recontro de Guardaõ com Rota dos Castelhanos,	382.
Recontro com os Castelhanos,	392.
Resoluçaõ valorosa do Capitaõ Francisco de Gouvea,	255.
Reys da India mandaõ Embaixadores ao Viso Rey com o parabem da Acclamaçaõ,	342.
Rodrigo de Figueiredo acclama E Rey em Lisboa,	110.
Rompe a guerra em Traz os Montes, governando a Provincia,	275.
Ganha duas Villas; e sujeita alguns Lugares de Galliza,	276.
Desbarata os Gallegos, e ganha Tamaguelos,	278.
Ganha Brandilhães,	283.
Entrada que faz em Galliza de que se retira com perda,	371.
D. Rodrigo Lobo chega a Indias com alguns navios da Armada do Conde da Torre,	184.
Communicalhe o Conde de Castello Melhor hum Tom. I.	Hh ma

ma grande empreza,	188.
Acção valorosa em defenſa do Conde, e paſſa a Portugal onde morre,	192.
D. Rodrigo de Caſtro primeiro Capitaõ de Cavallos em Alentejo,	220.
Derrota as Tropas de Albuquerque;	417.
Rodrigo de Miranda defende Olivença valorosamente de huma enterpreza,	245.
Roma negocios do anno de 1641, ſendo Embaixador D. Miguel de Portugal Biſpo de Lamego, 173, e ſeg.	
Roquemont ſaquea Linhares,	449.
Rota de humas Companhias de Olivença;	224.
Rota de humas Tropas de Villar del Rey,	415.
Rota dos Caſtelhanos em Val de la mula,	384.
Ruy de Mattos de Noronha Conde de Armamar ajuntarſe á conjuraçãõ do Arcebiſpo Primaz,	296.
Sua prizaõ,	302.
He ſentenciado á morte,	314.
Fôrma da execuçaõ,	317.

## S

S Alvaador de Mello paſſarſe de Caſtella ao ſerviço del Rey com trezentos Portuguezes,	404.
Salvaterra he ganhada aos Gallegos,	441.
Ganhaſe ſegunda vez, e fortificaſe,	445.
Intentaõ os Gallegos ganhá-la com mão ſucceſſo,	448.
D. Sancho I. Rey de Portugal, e ſeu Elogio,	7.
D. Sancho II. e ſeu Elogio,	8.
D. Sancho Manoel, Meſtre de Campo na Beira, queima o lugar de Carzilhas,	375.
Rende o Caſtello de Elges,	377.
Ataca a Villa de S. Martinho,	379.
Recontro do Guardaõ,	382.
Rompe os Caſtelhanos em Villar Formoſo;	Ibid.
Ganha a Villa de Freixenedas, e levanta o Forte de Val de la mula.	383.
Serve de Meſtre de Campo General no ſitio do Guardaõ,	386.
Santa-	



# INDICE.

Santarem primeiro lugar que acclama ElRey sem ter carta de Lisboa,	493. 117.
D. Sebastião Rey de Portugal,	11.
D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo de Braga quer favorecer a Duqueza de Mantua, retira-se temeroso dos confederados,	110.
He eleito Governador de Lisboa em quanto ElRey não chegava,	112
He author da conspiração contra ElRey,	295.
Sua prizaõ,	302.
Cartas que da prizaõ escreve á ElRey,	307.
Sua morte,	320.
Sertorio Heroe insigne Portuguez,	11.
Severidade com que he degollado em Castella o Mar- quez de Aya Monte,	326.
Soccorro de Hollanda mais applaudido visto, que ex- perimentado,	328.
Sitio da Bahia,	61.
Sitios de Negumbo, Malaca, e Mascate,	154, e seg.

## T

T Amaguelo Villa de Galliza he ganhada pelos Portuguezes,	276.
He ganhada segunda vez,	278.
D. Theodosio Duque de Bragança tem os Castelhanos ciumes da sua grandeza, acçoens varias, e pro- testos do Duque,	44.
D. Theodosio Duque de Barcellos socega em Villa- Viçosa o povo alterado,	70.
Seus costumes, e exercicio sendo Principe,	126.
Torre de Ervededo he queimada pelos Gallegos,	279.
Traz os Montes. terceira Provincia de Portugal, suc- cessos do anno de 1641, governando as Armas Ro- drigo de Figueiredo,	275.
Successos do anno de 1642;	372.
Tregoa indecorosa que os Castelhanos fazem com os Hollandezes,	43.
Tregoa com os Hollandezes;	167.
Tributo de 5000U cruzados,	64.

71-108  
Kosmos  
Sept. 70

494 **INDICE.**

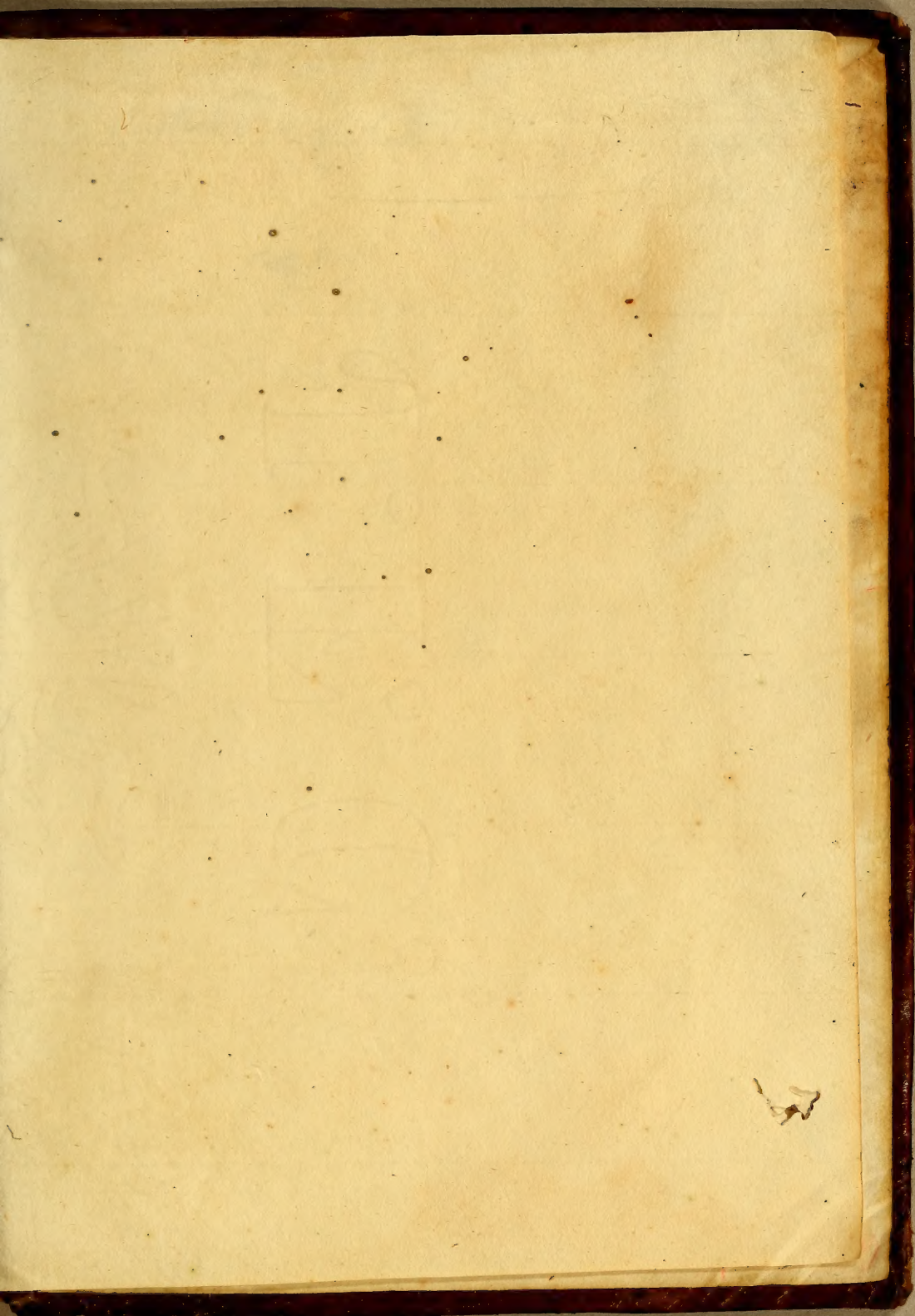
Institue-se em Madrid junta para se executar o tributo, e altera-se Evora por causa do mesmo tributo,	67.
Tributos intoleraveis,	51.
Tristaão de Mendoza acclama ElRey em Lisboa;	109.
Vay por Embaixador a Hollanda,	164.
Chega a Lisboa com a Armada, e soccorro,	169.
Tormenta da Armada de que era General,	346.
Perde-se querendo-se salvar em hum batel,	347.
Tropas de Castella que passão ás fronteiras de Portugal,	75.
Tyrannias dos Castelhanos,	39.

**V**

V Alença de Bomboy he atacada, e ganhada pelos Portuguezes,	236.
Valverde Villa dos Castelhanos interpretem-na os Portuguezes,	250.
He sitiada, e rendida,	421.
Valverde Villa no Partido contrario á Beira dá obediencia a ElRey D. João,	377.
Varões insignes Portuguezes,	11.
D. Vasco da Gama. Conde da Vidigueira, vay por Embaixador a França,	405.
Villa Mayor he queimada aos Gallegos;	278.
Villa Verde he atacada pelo Marquez de Tarazona que se retira com perda,	Ibid.
Villa Nova del Fresno he sitiada, ganhada, e fortificada pelos Portuguezes,	432.
Uimbra Villa que se ganha aos Gallegos;	276.
He entrada segunda vez, e queimada,	280.
Vi iato Heroe insigne Portuguez,	11.
Voto de D. João da Costa sobre a Acclamação com razoes notaveis,	102.
Voto do Archiduque Leopoldo sobre a prizaão do Infante D. Duarte,	201.
Voto do Padre Quiroga,	Ibid.
Wamba Varão insigne Portuguez;	11.

FIM DO I. TOMO DA I. PARTE.







Portugal, História

Portugal, História



C 751  
EG8h  
V.1

5000

2450

1010

5000

323

328

351

354

355 - italiano

359 italiano

362

Compendio 1000 (2)

455

465

365

475

371

Compendio

485

375

francesi

440

385

443

392

444

397

448

415

449

417

Napoli

